MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

COLEÇÃO DE OBRAS RARAS
IV

VIAGEM PELO SUL DO BRASIL

NO ANO DE 1858

POR
ROBERTO AVÉ-LALLEMANT

PRIMEIRA PARTE

TRADUÇÃO DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
DA EDIÇÃO DE LEIPZIG — 1859

RIO DE JANEIRO — 1953

VIAGEM PELO SUL DO BRASIL

I

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

COLEÇÃO DE OBRAS RARAS

IV

VIAGEM PELO SUL DO BRASIL

NO ANO DE 1858

POR

ROBERTO AVÉ-LALLEMANT

PRIMEIRA PARTE

TRADUÇÃO DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
DA EDIÇÃO DE LEIPZIG — 1859

910.98165
A948v

RIO DE JANEIRO — 1953

TÍTULO DO ORIGINAL EM ALEMÃO

REISE DURCH SÜD-BRASILIEN

ERSTER THEIL

LEIPZIG — 1859

1.ª Edição Brasileira: 3.000

Tradução do original alemão por Teodoro Cabral, tradutor da Secção de Publicações do Instituto Nacional do Livro. Revisão ortográfica e estilística pelos profs. Filomena Filgueiras e Eduardo Rodrigues. Cópia e cotejo do original manuscrito por Zilca Menegaz.

Organização e supervisão dos trabalhos gráficos e de ilustração por Lélio Landucci

Direitos desta tradução reservados

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Biblioteca Arthur Reis
Registro: 13046
Data: 19/02/03

PREFÁCIO DO TRADUTOR

Roberto Cristiano Bertoldo Avé-Lallemant nasceu em Lubeck, na Alemanha, em 1812, e faleceu na mesma cidade em 1884. Era irmão do publicista Frederico Cristiano Benedito Avé-Lallemant. Estudou em Berlim, Paris e Kiel, onde se doutorou em 1837.

Dotado de espírito irrequieto e aventureiro, Roberto fêz longas viagens. Visitou vários países da Europa, o Egito e o Brasil, onde se demorou por longo tempo. Praticou a medicina no Rio de Janeiro, tendo sido médico da Santa Casa de Misericórdia.

Após dezessete anos de residência no Brasil, regressou à pátria. Mas, chegando à Europa, de novo foi tentado pelo demônio das viagens e engajou-se como um dos médicos da "Novara", fragata austríaca que em 1855 empreendeu a circunavegação do mundo. E partiu de Trieste para a América do Sul; mas, entrando em desinteligência com os oficiais de bordo, teve de desembarcar no Rio de Janeiro e aqui ficou. Foi então que realizou as suas grandes excursões ao sul e ao norte do Brasil, escrevendo as suas duas obras — Reise durch Süd-Brasilien *e* Reise durch Nord-Brasilien.

Avé-Lallemant é um dêsses escritores que obrigam a pensar. A pensar e a sentir. Lendo-o, não se pode ficar indiferente. Êle abre a sua Viagem pelo Sul do Brasil *com a seguinte citação, feita em português no original:*

"Refiro-me principalmente aos alemães, único povo que, em meu entender, nos poderá libertar das péssimas idéias e costumes, que nos legaram os portuguêses, causa primária de tudo quanto de mau nos tem sucedido como nação e como indivíduos." — *"Relatório do primeiro tenente da Armada Antônio Mariano de Azevedo sôbre os exames de que foi incumbido no interior da Província de São Paulo", Rio de Janeiro, 1858.*

Verdade é que o autor da diatribe é um brasileiro. O jovem oficial de marinha ficou impressionado com o violento contraste entre a colonização alemã e o que ia pelo Brasil luso-brasileiro e desabafou a sua indignação patriótica. E o alemão aproveitou a deixa, que era um ótimo argumento para ressaltar o valor de sua raça.

Mas haveria, na época, haverá, hoje, algum brasileiro que ficasse insensível à afirmação do primeiro tenente Mariano de Azevedo? Mui poucos, talvez nenhum. Ou aprova-se com entusiasmo, ou reprova-se com indignação.

Avé-Lallemant, como provocador intelectual, fere dois pontos delicados, que têm dado margem a muita discussão exaltada: a contribuição de Portugal e a da imigração alemã na formação e desenvolvimento da Pátria brasileira.

O assunto é melindroso, porque implica mais em sentimento, em simpatias e antipatias pessoais, do que em argumentação séria e desapaixonada. Tabu? Não. O assunto deve ser ventilado largamente, corajosamente, porque é matéria da máxima importância sentimental. E o sentimento, mais que o pensamento, é que agita e dirige os povos.

*

Agrade-nos ou desagrade-nos, Portugal descobriu o Brasil. Admita-se, para argumentar, que outros descobridores avistaram, antes de Pedro Álvares Cabral, as costas brasileiras; mas quem desbravou, colonizou e povoou a terra, quem lhe deu relativa civilização, quem a preparou para ser independente no século XIX, foi o português. Com um milhão de habitantes ou pouco mais, que era a sua população no século XVI, Portugal ex-

plorou a nova terra, tão grande como a Europa inteira; explorou-a do extremo norte a quase o extremo sul do continente sul-americano; penetrou pelo interior até as proximidades das nossas fronteiras atuais, organizou a nova colônia, defendeu-a da cobiça internacional e já era uma nação, quando nós, os brasileiros, assumimos a responsabilidade de nossos destinos políticos.

E que era êsse Brasil? — Era, territorialmente, o Brasil de hoje, com pequenas modificações nas fronteiras. E o povo?

Segundo o recenseamento de 1817, nas vésperas de nossa independência, era a população do Brasil de apenas 4 100 000 habitantes, sendo:

Brancos, 1/3 dos quais portuguêses europeus ...	900 000
Negros escravos	1 900 000
Negros livres	160 000
Mulatos escravos	200 000
Mulatos livres	500 000
Índios	440 000

Um pouco menos de 30% eram os brancos, portuguêses e descendentes de portuguêses, a que se poderia acrescentar meio milhão de mulatos. O resto eram negros e índios, escravos ou não, que muito contribuíam para a nossa vida econômica, porém não tinham consciência nacional.

Nessa época eram importados uns 30 000 negros por ano. A imigração de origem portuguêsa era constante. Os imigrantes de outras origens — alemães, italianos e outros — começaram a chegar muito depois.

Seria mais vantajoso que o Brasil tivesse sido descoberto pela França, pela Inglaterra ou pela Holanda? — A pergunta tem interêsse meramente acadêmico, para não dizer que é ociosa; porque o fato é que fomos descobertos, colonizados, formados e criados pelos portuguêses. Êles tiveram a contribuição do índio e dos negros e da mestiçagem proveniente das três raças formadoras de nosso ethnos, *de nossa nação: — o próprio português, o índio e o negro. E se o índio e, sobretudo, o negro — sem es-*

quecer o mestiço — prestaram e continuam prestando inestimáveis serviços à nossa vida econômica, foi o branco, o português, quem nos deu a língua, a religião, os costumes, a cultura e a capacidade cultural que hoje desenvolvemos por nossa própria conta.

Outro ponto nevrálgico é a colonização estrangeira.

Vale a pena receber colonos alemães? Está claro que vale. Os colonos alemães, como os italianos, já fizeram as suas provas no Brasil. Têm contribuído eficazmente para o nosso desenvolvimento econômico e cultural. Êsse, aliás, é o pensamento constante do Govêrno do Brasil, que desde o século passado tem favorecido essas correntes imigratórias.

E o perigo da formação de quistos étnicos inassimiláveis dentro de nossa nação? É um mito de patriotas assustadiços? — Não, é uma realidade. Mas é perfeitamente sanável. Os Estados Unidos, no século passado, receberam alemães e italianos em massa, centenas de milhares por ano, mas as duas guerras mundiais do presente século provaram que os norte-americanos assimilaram, nacionalizaram os elementos alienígenas. Nós podemos, devemos fazer o mesmo.

Decerto que não basta o escândalo de reportagens sensacionais denunciando que em tal parte há um núcleo de colonos que não fala português e que ensina aos seus filhos a sua estranha língua materna. É preciso que o Govêrno procure instruir e orientar os imigrantes refratários. As autoridades nacionais dispõem de amplos meios suasivos e, sendo êstes impotentes, podem recorrer, autorizadas pelas nossas leis, a providências compulsórias, inclusive a expulsão de estrangeiro inassimilável para fora de nossas fronteiras.

E compensa que o nosso Govêrno se dê ao trabalho de vigiar e guiar os grupos de alemães. No Rio Grande do Sul, no Paraná e em Santa Catarina êles têm prestado, como os italianos em São Paulo, valiosa cooperação para o nosso desenvolvimento econômico e cultural. A contribuição cultural opera-se no conjunto, de um modo geral. Não se deve exagerar o efeito direto. O maior representante da cultura germânica no Brasil

— Tobias Barreto — não nasceu nem em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, nem em Blumenau, em Santa Catarina. Era um mestiço, natural de Sergipe, que viveu em Pernambuco e nunca saiu do Brasil.

Que a tradução de sua Reise durch Süd-Brasilien *provoque comentários, não será de causar admiração. A sua visita aos núcleos coloniais alemães — cujo caráter oficial foi contestado — provocou atritos com os administradores das colônias. Foi muito discutido o seu panfleto* Am Mucury (*) *e até o seu contemporâneo Tschudi, que também percorreu o Brasil e publicou suas impressões de viagens, escreveu algumas páginas que põem em dúvida o espírito de equanimidade do Dr. Avé-Lallemant* (**).

Tschudi informa que o nosso visitante recebera do Govêrno brasileiro auxílio financeiro, porém não um emprêgo definido, nem poderes para agir em caráter oficial, ou mesmo secreto, o que aliás, confessa chãmente o próprio Avé-Lallemant (***). *Disse que as instruções escritas que recebera para o desempenho de sua missão foram uma carta amável do então Ministro da Guerra conselheiro Manuel Felizardo de Sousa e Melo, que lhe dava a "incumbência de não adoecer em viagem, mas voltar são e bem disposto." Era, pois, falso o título que êle se atribuía, segundo Tschudi, de "Comissário do Govêrno."*

Tschudi ainda censura o trêfego "Comissário do Govêrno" de, tendo acompanhado uma leva de imigrantes doentes procedentes de Santa Clara, Bahia, em vez de os conduzir diretamente para a Santa Casa, tê-los enviado para a então Rua Direita (no Rio de Janeiro), onde os enfermos ficaram expostos ao sol ardente, no meio da rua, causando grande escândalo. Mas o severo censor reconhece que atribuir o exibicionismo e freqüentes

---

(*) *Am Mucury, eine Waldgeschichte zur Erläuterung, Warnung und Strafe für alle, die es angeht".* ("No Mucuri, uma história das brenhas para esclarecimento, advertência e castigo de todos a quem o caso interesse"), aliás um extrato publicado antecipadamente, de suas impressões de viagem.

(**) Johann Jakob von Tschudi — *Reisen durch Süd-Amerika* — Leipzig, 1866 — Volume II, página 346 e seguintes.

(***) *Reise durch Süd-Brasilien,* volume I, pág. 99.

conflitos de Avé-Lallemant a interêsses inconfessáveis é uma "acusação injusta e infundada" (****).

Outro ponto que pode melindrar os nacionalistas exaltados é que Avé-Lallemant também era nacionalista exaltado. Êle via os estrangeiros com olhos de juiz rigoroso e inexorável, mas contemplava os seus próprios compatrícios com apaixonado amor e maternal condescendência. Veja-se como êle é implacável (não digo injusto) nas suas referências aos espanhóis das vizinhanças de Gibraltar e aos habitantes da Ilha da Madeira! Quanto aos brasileiros, não é insensível, porque, como êle próprio declara, se sentia ligado ao Brasil pela admiração à natureza e por fortes laços de amizade e de parentesco. E não é de surpreender que, depois de navegar milhares de quilômetros em moroso navio a vela, o alemão se derretesse de gôzo ao contemplar, dêste lado do Atlântico, os seus compatrícios louros de olhos azuis em Petrópolis, em Blumenau ou em São Leopoldo, diligentes e laboriosos, falando alemão, vivendo à alemã, nos remotos trópicos americanos. A distância exalta o patriotismo e quem haja empreendido longas viagens sabe, por experiência própria, quanto a ausência da pátria aguça o sentimento do nacionalismo.

*

Creio que não vai além a lista dos pecadilhos de Avé-Lallemant. E vejamos o rol de suas virtudes que, se não o absolvem de todo, pelo menos justificam amplamente a trasladação de sua obra a vernáculo, para conhecimento do público em geral.

Avé-Lallemant era médico, homem viajado, de apreciável cultura científica e literária, com a vantagem, que faltou a muitos de nossos visitantes estrangeiros, de conhecer bem a nossa língua. Antes de iniciar as suas viagens, vivera longos anos no Rio de Janeiro. E tinha a "deutsche Gründlichkeit" — a meticulosidade alemã — peculiar à sua raça. Por onde ia, procurava ver tudo. O solo, a paisagem, a flora, a fauna, o homem, a economia, a vida social, os usos e costumes — tudo lhe merecia atenção. Na sua obra abundam detalhes corográficos e biográficos de muito interêsse para o estudioso de nossas coisas.

(****) *Reisen durch Süd-Amerika,* volume II, pág. 347.

Faz noventa anos que Avé-Lallemant percorreu o sul do Brasil; mas nesse curto lapso de tempo muita coisa se alterou, evoluiu ou desapareceu. As suas descrições de Petrópolis, Destêrro (Florianópolis) e notadamente da região das Missões, no Rio Grande do Sul, valem por verdadeiras reconstituições históricas.

A Viagem pelo Sul do Brasil *representa, sobretudo, um precioso subsídio para a história da colonização alemã no sul do Brasil.*

Avé-Lallemant não é um escritor água-morna. Obriga a refletir, provoca a discussão. Mais um motivo para que os brasileiros conheçam o que êle escreveu sôbre o Brasil.

BIBLIOGRAFIA DE AVÉ-LALLEMANT:

De lithotritria (tese doutoral), 1837.
Reise durch Süd-Brasilien, Leipzig, 1859.
Reise durch Nord-Brasilien, Leipzig, 1860.
Fata Morgana (impressões de viagem ao Egito), Altona, 1872.
Wanderung durch Paris aus alter, und neuer Zeit, Gotha, 1877.
Pudentiana und ihre Umgebund, Lübeck, 1877.
Luis de Camoens, Portugals grösster Dichter, Leipzig, 1879.

Escreveu ainda uma monografia sôbre a febre amarela e a terceira parte da biografia de Von Humboldt, escrita por Bruhus.

TEODORO CABRAL

PREFÁCIO

APENAS para evitar um epílogo, necessita de um prólogo êste relato de viagem.

Como médico, exercendo a clínica por vários anos no Brasil, não pretendo a posição e o mérito de um naturalista profissional, motivo por que carece êste relato de louçanias encontradas em outros livros de viagem. Escrevi estas páginas debaixo de árvores, em choças, entre europeus, negros, índios e mestiços, às vêzes em cômoda situação de vida, às vêzes constrangido às mais duras privações, sem tecto, sem cama, sem comida e sem bebida. Numa penosíssima expedição às selvas, tive de vadear rios e pântanos, de pés descalços, guiado apenas pela bússola.

Quem conhece tais peregrinações — e poucos as conhecem — lerá estas páginas não sòmente com indulgência, mas também com interêsse, embora elas pouco se afastem das regiões dos campos e florestas de araucárias. A muitos interessará, talvez, o espetáculo da vigorosa atividade das colônias alemãs. Em qualquer caso, o quadro que delas esbocei é conscienciosamente desenhado ao natural.

Acompanhava-me em geral apenas um criado; muitas vêzes viajava inteiramente só, como, no caminho do falecido velho Aimé Bonpland, para Restauración, entregue ùnicamente aos meus próprios meios.

Realmente ridícula minha situação de isolamento e abandono! E ainda mais, ao ler as cartas, datadas de Batávia, de meu ex-companheiro de viagem, Dr. Hochstetter, naturalista da real e imperial fragata "Novara". Com verdadeira pompa oriental percorria seu séquito principesco a Ilha de Java, ao passo que me encontrava no profundo sudoeste, nas florestas da Serra Geral, jamais palmilhadas por pés humanos, no domínio das águas do Paraná, vadeando charnecas e passando fome.

Perdoe-me o leitor se me ufano de ter viajado sòzinho, com minhas próprias energias, guiado por uma vontade tenaz, embora talvez não sejam lá muito invejáveis meus esforços e renúncias.

Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1858,
no dia de meu embarque para a Bahia e Rio Amazonas.

O AUTOR.

Reise durch Süd-Brasilien

im Jahre 1858.

Von

Dr. Robert Avé-Lallemant.

Erster Theil.

Aimé Bonpland's Estancia Santa-Anna in Corrientes am Uruguay.
(Nach einer Skizze des Verfassers vom 18. April 1858, sechzehn Tage vor Bonpland's Tode.)

Leipzig:
F. A. Brockhaus.

1859.

Fac-símile do frontispício da edição original alemã. (Na gravura: a estância Santana, de Aimé Bonpland, em Corrientes).

ÍNDICE DA PRIMEIRA PARTE

PREFÁCIO 1

PRIMEIRA SECÇÃO

VIAGEM DE TRIESTE AO BRASIL

PRIMEIRO CAPÍTULO

Engajamento do Autor para a viagem de circunavegação da real e imperial fragata austríaca "Novara". — Partida de Trieste. — O Mar Adriático. — O Etna. — O Estreito de Messina. — Chegada a Gibraltar. — São Roque, na Espanha. — Festa natalícia da rainha da Inglaterra. — A Caverna de São Miguel. — Partida de Gibraltar 9

SEGUNDO CAPÍTULO

Regresso da "Novara" ao Mediterrâneo. — Ancoradouro de Los Molinos. — Miragem. — Visita a bordo. — Partida noturna. — A "Novara" passa o Estreito de Gibraltar. — Madeira. — Vista da

vegetação. — Curral das Freiras. — Os madeirenses e o gorro de bico. — Partida para o Brasil e longa viagem até o Rio de Janeiro 39

TERCEIRO CAPÍTULO

A baía do Rio de Janeiro em breve resumo. — A colônia serrana de Petrópolis 63

SEGUNDA SECÇÃO

A PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL

PRIMEIRO CAPÍTULO

Partida do Rio de Janeiro. — Um dia na Cidade de Destêrro, na Ilha de Santa Catarina. — A Cidade do Rio Grande do Sul. — A Lagoa dos Patos. — Pôrto Alegre. — A colônia alemã de São Leopoldo. — Partida de Pôrto Alegre para o interior da Província 85

SEGUNDO CAPÍTULO

Viagem no Jacuí. — Chegada a Rio Pardo. — A aldeia de índios de São Nicolau. — A colônia alemã de Santa Cruz. — Regresso a Rio Pardo 147

TERCEIRO CAPÍTULO

Partida de Rio Pardo. — Cruz Alta. — Cachoeira. — A colônia alemã de Santo Ângelo. — Viagem a Passo de Jacuí. — O Rincão da Tronqueira. — Santa Maria da Bôca do Monte. — Povoação alemã do Pinhal. — São Martinho. — São Bernardo. — Santa Tecla. — São João Mirim. — As missões de São Miguel, São Lourenço, São Luís Gonzaga e São Nicolau. — A festa da Páscoa ali. 173

QUARTO CAPÍTULO

Ao longo do Uruguai. — Passagem do Piratini. — Habitações de índios. — Pousada entre o Manoa e o Urucutaí. — Passagem do Camaquã. — Estada em São Borja. — A antiga casa de Bonpland. — O passo do Uruguai em São Borja. — Retrospecto sôbre as missões e partida de São Borja. — Batizado em caminho. — Dormida na Estância de Santana. — Passagem do Albutuí. — Chegada a Itaqui. — Viagem pelo Uruguai até chegar em Uruguaiana. — Passagem do Uruguai para Restauración, em Corrientes. — Visita a Aimé Bonpland 239

QUINTO CAPÍTULO

Partida do Uruguai. — Passagem do Toropassi e Ibiraucaí. — Alegrete. — Uma serenata alemã. — Noite em Tapevi. — A invernada de Saicã. — Noite no Passo de São Simão. — Viagem a São Gabriel. — Passagem do Vacacaí Grande e viagem à Estância de Cambaí. — Caçapava. — Passo de São Lourenço. — Regresso a Cachoeira. — Ao Rio Pardo, via Cruz Alta. — Viagem a Taquari. — Viagem fluvial no vapor "Jacuí" para Pôrto Alegre .. 293

SEXTO CAPÍTULO

Retrospecto sôbre a viagem na Província. — Aparência e algumas de suas condições. — Colonização 331

SÉTIMO CAPÍTULO

A mina de carvão de pedra de São Jerônimo no Arroio dos Ratos. — Despedida de Pôrto Alegre. — Regresso ao Rio Grande. — Excursão a Pelotas. — Partida da Província 375

PRIMEIRA SECÇÃO

VIAGEM DE TRIESTE AO BRASIL

PRIMEIRO CAPÍTULO

Engajamento do Autor para a viagem de circunavegação da real e imperial fragata austríaca "Novara". — Partida de Trieste. — O Mar Adriático. — O Etna. — O Estreito de Messina. — Chegada a Gibraltar. — São Roque, na Espanha. — Festa natalícia da rainha da Inglaterra. — A Caverna de São Miguel. — Partida de Gibraltar.

Em princípios de 1855, tendo exercido árdua atividade clínica, por dezessete anos, no Rio de Janeiro, deixei pela primeira vez esta notável cidade. Devendo regressar, pela fragata francesa "Galathée", ao pátrio Norte, do qual há tempo me achava ausente, experimentei, ao afastar-me das magníficas praias brasileiras, um misto de saudade e pena de só ter conhecido uma estreita faixa litorânea de país tão infinitamente dotado pela Natureza. Tanto mais me empolgou esta dolorosa sensação quanto, então, não podia pensar que o destino me faria voltar com vigorosas fôrças ao Brasil, por mais que a êle me ligassem laços de parentesco, amizade e estima.

Entretanto, depois de acidentada vida no Brasil, apenas me reintegrara nas tão modestas, porém amenas relações de minha cidade natal, Lubeck, já quase um estranho, quando me atraiu

vivamente a notícia, em todos os jornais alemães, da reiterada promessa de uma grandiosa expedição de circunavegação, equipada com imperial munificência, na real e imperial fragata austríaca "Novara". Indo a Trieste, através de Berlim e Viena, embora recebido atenciosamente em tôda parte, capacitei-me da quase impossibilidade de ainda incorporar-me à expedição, já então provida de todos os elementos.

Entretanto, um homem, o único mortal que nada tem a invejar a Aristóteles, tornou possível o impossível, com uma simples penada: Alexandre von Humboldt, de quem não sei dizer se tem maior o espírito ou a nobreza de sentimentos, por meio de generosa carta de recomendação, chamou sôbre mim a atenção de Sua Real e Imperial Alteza Sereníssima o Senhor Arquiduque Comandante Superior da Marinha Ferdinando Maximiliano. Não menos gentil para comigo se mostrou o ardente cientista Conselheiro Dr. von Haidinger, presidente do real e imperial Instituto Geológico de Viena. Expliquei, por escrito, meu desejo a Sua Alteza Real e Imperial e, em 11 de fevereiro de 1857, ordenou êle que eu seguisse para Trieste, para bordo da fragata "Novara", como segundo médico dentre os três médicos e cirurgiões da expedição.

Cresceu ainda meu vivo entusiasmo pela grandiosa emprêsa com as amáveis palavras de animação da parte de homens distintos com os quais, embora em encontros ligeiros, entrei em contacto, na minha segunda viagem de Lubeck para Trieste, em Berlim, Breslau e Viena. Não menos me encantaram o magnífico mundo alpino com os primeiros enfeites da primavera e a pompa floral do anfiteatro de Trieste, por trás do qual se debuxam a distância, mas em claros contornos no céu azul, majestosos e encantados, os picos nevados dos Alpes.

Em Trieste conheci também muitos homens distintos e creio que, nesta oportunidade, devo dizer em primeiro lugar uma palavra de cordial agradecimento e ilimitada estima ao Coronel-médico da Marinha, Dr. von Patay, sem com isso ferir a modéstia de homem tão capaz em sua honrosa posição! Jamais esquecerei suas amabilidades e atenção!

Entre muitas outras coisas, durante minha estada em Tries-

te, não posso esquecer uma visita a Veneza, embora não entre aqui em pormenores.

Sábado, véspera da Páscoa, um rápido vapor do Lloyd transportou-me, em viagem emocionante e agradável, para a cidade das lagunas.

Um domingo de Páscoa em Veneza, uma missa cantada em São Marcos, as igrejas da cidade dos leões, o palácio dos doges e sua Ponte dos Suspiros sôbre o Canale Orfano, o Rialto sôbre o Canale-Grande e ainda a recordação dos nomes de Dândolo, Carmagnola, Foscari, Pisani, de Ticiano e Tasso e de tudo que outrora era grande em Veneza — são impressões para as quais a poesia não tem elegias, a música não tem acordes, a pintura não tem côres! Nem mesmo Byron compreendeu a funda melancolia da decadente Veneza ou, nos braços de sua bela amante, fàcilmente a esqueceu.

Nos últimos dias de abril, veio de Veneza para bordo da "Novara" Sua Alteza Real e Imperial Sereníssima o Senhor Comandante Superior da Marinha para dar a ordem de partida, ocasião em que também me dirigiu palavras amáveis e benevolentes. E chegando mais tarde um navio de guerra do Adriático, o "Lúcia", identificado a distância por lanternas de posição, foguetes e sinais, já não havia empecilho à viagem de circunavegação.

Trazia a "Novara" 44 canhões, 14 dos quais haviam sido desembarcados, com a respectiva guarnição, para melhor acomodação de instrumentos científicos e náuticos e menor perigo de doenças infecciosas.

Devia acompanhá-la a corveta "Caroline" até Pernambuco e depois seguir as costas do sul do Oceano Atlântico para fins náuticos e mercantis. Aguardando a partida, ancoraram ambos os navios ao lado da capitânea "Schwarzenberg", na Baía de Muggia, perto de Santo André, na extremidade sudeste de Trieste.

Muito longe me levaria, aqui, a descrição das pessoas, posições e amizades a bordo da "Novara" e pelo menos pareceria precipitado julgar se a educação, vontade e capacidade de todos os colaboradores correspondem à expectativa em tão grandiosa viagem de circunavegação. Já no Mediterrâneo tornou-se impos-

sível minha permanência a bordo e um recurso a Sua Real e Imperial Alteza não foi reputado necessário. Sujeito ao capricho e ao arbítrio, logo da Madeira enviei a Sua Alteza Real e Imperial o meu pedido de demissão e fiquei no Rio de Janeiro, onde recebi minha desligação definitiva, muito depois de ter a "Novara" rumado para o Cabo da Boa Esperança.

Assim, limito-me a falar da "Novara", sòmente como do navio que me trouxe da Europa para o Rio de Janeiro. De meu diário, escrito cuidadosamente, só preciso destacar o que mais me atraiu e comoveu, sem me preocupar de ter sido prolixo sôbre coisas secundárias ou deixado de lado fatos essenciais. No relato de viagem de um indivíduo, pode não aparecer sua pessoa, mas sua individualidade não se esconde inteiramente. A redação do relatório oficial da viagem de circunavegação da "Novara", com todos os dados à disposição, a bordo, será muito mais completa do que o poderiam fazer as fôrças desajudadas de um indivíduo e descreverá também os acontecimentos de nossa viagem de Trieste ao Rio de Janeiro. Entretanto, isso não me impede de levar meus indulgentes leitores por essa via, antes que, comigo peregrinem nas remotas províncias do Império do Brasil.

"Gott erhalte Franz den Kaiser!" (*).

Quantas vêzes todos nós, a bordo da "Novara" para a longa viagem em volta do mundo, ouvimos, nos últimos dias de abril, aquela querida e velha melodia, à tarde, à hora do crepúsculo, vinda da capitânea "Schwarzenberg" ou tocada pela banda de sete figuras de nosso próprio navio: certamente, na manhã de 30 de abril não chegou ela aos ouvidos de ninguém, sem deixar de provocar ao mesmo tempo, com santa gravidade, íntimo consôlo e recolhimento.

Com tranqüila manhã, meio nublada, rompeu o dia. Tudo parecia querer voltar de novo à rotina a bordo de uma fragata ancorada no pôrto, quando o "Lúcia" desprendeu espêssas colunas de fumaça, tomou a "Novara" a reboque e, formando amplo arco, passou diante do pôrto de Trieste, onde, no molhe, ao lon-

---

(*) Deus guarde o imperador Francisco! — N. do T.

go de tôda a praia até Santo André, mesmo nas janelas abertas da cidade e nos morros, se apinhava uma multidão e alguns tinham embarcado em botes. Muitos acenavam ou agitavam lenços, conforme o motivo que os atraíra, simples curiosidade ou também interêsses pessoais.

Despediu-se a fragata com vinte e um tiros de canhão. Igual saudação trovejou a elevada fortaleza da cidade. Afinal foi ainda a "Caroline" levada a reboque pela "Novara" e as três embarcações penetraram majestosamente no oceano.

Encantadora baía, a de Trieste! Leves e sôltas encrespavam-se as travêssas ondas do Adriático contra a praia, onde desfraldavam variadas bandeiras tôdas as formas possíveis de navios, desde o rude "Kuff" holandês, êste legítimo junco europeu, até o elegante "clipper" de Baltimore. Audaciosamente subia o cenário do verde aprazível, transparente, contra os morros semeados em pitoresca desordem de vilas de todos os tipos, desde as casinhas dos vinhateiros até os palácios de verão de gregos e armênios ricos. Além disso, ainda mais alto, à medida que o observador se afasta da praia, mar a dentro, elevam-se as altas serras do Karst — calcário estratificado e pedra de cantaria — de novo sobressaem as distantes gargantas dos Alpes, cujos picos brilham até longe no mar e mais se agigantam, no fundo do quadro, à medida que êste, com sua próxima margem, se afunda nas ondas.

Ao norte da Baía de Trieste aparecem, na margem da enseada formada pelo Isonzo e pelo Tagliamento, uma ou outra tôrre ou povoações inteiras. Surgem das ondas a antiga Aquiléia e Grado semelhando uma ilha, outrora poderosa rival de Veneza, a cuja rivalidade quase sucumbe, há muitos séculos, a cidade das lagunas — hoje nome apagado, insignificante cidadezinha de pescadores.

Muito a noroeste, enfumaçam-se os Alpes longínquos nos vapôres do céu e surge a Baía de Trieste como mar aberto.

Passando por muitas embarcações com diferentes destinos, seguimos ao longo da costa da Ístria. Belo panorama oferecia o Capo d'Ístria, desnudo, com bem cuidadas culturas em seus alcantis. Por outro lado, o êrmo Pirano: cidade pequena, isola-

da, de terreno calcário inteiramente sêco, com um pôrto de emergência para os navios que, antes de entrarem em Trieste, são surpreendidos pelo bora, o célebre vento alpino. Lá no alto, a igreja, à beira-mar, apoiada e protegida contra as ondas por arcos abobadados. A cavaleiro da cidade, amplas ruínas dos tempos da magnificência e poderio de Veneza. Em volta, tôrres e arcos, entre os quais pastam inofensivamente as cabras. Cêrca de meio-dia, dobramos a ponta de San Salvore ou Salvatore, com um farol na praia, em baixo. Rumamos então para o sul. As calvas gargantas das serras da Ístria cada vez mais distantes. Encontramos, ao anoitecer, a fragata "Schwarzenberg", saída em 29 de abril de Trieste para Pola, de velas frouxas, parada com a calmaria.

A lua cheia brilhava suavemente no espelho do mar; a "Novara" parecia imóvel sôbre as águas.

E assim foi também na manhã seguinte. Ultrapassáramos a Ístria; por entre as nuvens do horizonte surgiam às vêzes as ilhas dalmáticas, por onde velejavam navios ao sôpro de leves correntes aéreas; golfinhos rolavam sôbre a superfície do mar; nada mais interrompia a viagem tranqüila, inalterada. Pela tarde soprou uma rajada de vento; cobriu-se o céu de pesadas nuvens, mas foi passageiro o mau tempo. Avistamos mais tarde, muito ao sul, o célebre Pomo, rochedo em forma de maçã, no meio das águas navegáveis e, perto dêle, a Ilha de Santo André.

Na manhã seguinte, passamos as ilhas dalmáticas de Lissa, Curzola, Cazza, Lagosta e Melada. Alcantilavam-se os Alpes dalmáticos, em parte ainda cobertos de neve, reluzindo magnìficamente sob os raios do sol. Do lado italiano, tivemos ainda à vista a Ilha Pelagosa (ἐν πελάγῳ οὖσα) isolada no meio do mar.

Com Pelagosa e Monte Gárgano, promontório erguido em claro contôrno na costa italiana, a região torna-se clássica e os nossos próprios navios pareciam senti-lo. Um vento frio do norte soprava sôbre o mar e a terra; o céu vestiu-se lìmpidamente de ametista e o mar de azul-escuro; milhares de ondas de cristas brancas se encrespavam. Cessou nossa tediosa viagem a reboque e, de velas pandas, seguiam lado a lado a fragata e a corveta; pela primeira vez desaparecia a terra inteiramente de nossa vis-

ta. Mas só até depois do pôr-do-sol durou a agradável cena; amainou o vento e, com tênue fumaça de carvão, o "Lúcia" rebocava ambas as embarcações para o sul, rumo ao célebre estreito entre a Itália e a Grécia — o Estreito de Otranto — onde diagonalmente se defrontam Brundisium e Durrhachium.

No dia seguinte (3 de maio) encontramos os célebres Montes Acroceráunios — outrora fronteiras da Grécia e, hoje, refúgio dos piores ladrões — escarpados, caindo para o mar em arestas agudas, formidável quadro de isolamento, êrmo e inóspito, com os picos fendidos, ainda cobertos de neve. Nenhum navio deve aproximar-se daquela costa sem canhões e armamento completo e mesmo assim com vigilância constante. Quase tão brancas como os picos nevados, são as listras brancas da serra — *strade bianche* — até ao mar, eufemìsticamente chamadas estradas, pois essas veredas entre rochas não são estradas. Para completar a confusão caótica do quadro, só nuvens brancas se precipitam tempestuosamente ali, ou em espumosas massas se agarram aos picos soberbos.

Êsse o quadro selvático, desolado, visto das costas da atual Albânia.

Mais aprazível o outro lado, o lado ocidental do Estreito de Otranto. Muito mais plana a costa da Apúlia. Santa Maria de Leuca chama-se o promontório meridional, onde se abre o célebre estreito no Mar Jônio, insinuando no íntimo do viajante, um mundo maravilhoso de mitos e histórias.

De um lado, a velha Grécia; do outro, à direita, a Itália; bem em frente, a pequena e alcantilada Fano, marco de orientação dos navegantes helênicos que do norte e do Mar Adriático regressavam à pátria e da qual a sua Grécia surgia (φαίνομαι), dominada pela meridional Corfu e daí o nome desta: Κορυφή. Até aqui ecoaram os sons da lenda dos Argonautas e a linda melodia de Homero. Exatamente aqui a brilhante Leuca atraiu os primeiros veleiros helênicos, em caminho reto através das águas jônicas, os quais trouxeram para a baixa Itália e a Sicília a cultura e os deuses da Grécia, criando um povo feliz. Nenhum outro povo semelhante se originou desde então.

Mas isso se passou há longo tempo! No mesmo estreito onde

César desafiou a sorte e mais tarde o leão de Veneza mostrou as garras, dominam agora os canhões austríacos; e onde, outrora, resplandeciam sôbre o mar templos gregos, hoje o marinheiro crente, sacudido pela tempestade, implora a Santa Maria de Leuca, para que a misericórdia da Madona possa ver a necessidade do pobre e o salve e o ajude a sair do turbilhão das ondas para pôrto seguro.

Tendo-nos deixado o "Lúcia", para receber carvão em Corfu, gozamos ainda, no dia seguinte, da vista da íngreme ilha e dos alcantilados Montes Acroceráunios, bem como dos distantes Gano e Antigano. Com a calmaria dominante, recebemos até algumas visitas a bordo. Apresentaram-se abelharucos, papa-môscas e até uma glareola; pombos selvagens circundaram a fragata, até que irrompeu um forte siroco e impeliu a "Novara" através do Mar Jónio, de modo que, pela tarde, já não se viam as montanhas da Albânia.

Visita muito mais incômoda a do dia seguinte. À embaraçosa calmaria, que nos levou em frente do distante Cabo Colonna, seguiu-se violento noroeste. Pela primeira vez começou a "Novara" a balançar e a arfar e alguns sábios inexperimentados em viagens sofreram muito de enjôo. Todavia, no Cabo Stilo, voltou a bonança e pudemos observar e admirar tranqüilamente a costa da Calábria, terra cheia de contrastes bizarros, ora íngreme e rasgada, sem vestígios de vegetação, ora unida em forma de cadeia, coberta de verde suave, e cuidadosamente cultivada, elevando-se, imediatamente ao lado, ásperos blocos de pedra; quadro em que, mesmo sem fantasia muito viva, a gente pode pintar cenas de bandoleirismo e a cuja vista não se compreende por que cada calabrês não é um bandido.

E agora o Etna! Já em 6 de maio tivemos a felicidade de ver surgir, num céu inteiramente sem nuvens, o grande vulcão de mais de 11.000 pés de altura, em forma de enorme pirâmide de ângulo vertical muito obtuso. Vimo-lo todavia do nascente, de modo que, fora o contôrno, nada se podia divisar. Mas outro foi o caso na manhã seguinte! Achávamo-nos no centro, entre o Cabo Spartivento e o Etna. Com o mais puro e claro contôrno apareceu o monte, claramente iluminado pelo sol. Tôda a Si-

cília parece, dêste lado, formar o sopé do vulcão numa elevação em forma de zimbório. A verde turgescência da ilha é ornamentalmente entretecida de brilhantes casas de campo, às vêzes brancas como neve, e de lugarejos, como um tapête, até à altura de milhares de pés, onde uma espécie de floresta cobre o monte. Sôbre êste retesam-se as massas vulcânicas, negras, rachadas até ao manto de neve, puríssimo, imaculado, que tudo envolve até o pico. No cume branco só a cratera é negra e, por causa dêsse contraste, causa forte impressão, cuja sombria gravidade se contrapõe ao lindo azul do límpido céu.

Levantou-se, então, espêsso vapor — não do Etna, mas do mar, a leste. O "Lúcia" chegou em marcha rápida para conduzir-nos do majestoso Etna através de um estreito, em graça e rude cenário sôbre todos encantador.

Pode dizer-se, no máximo, o que é o Estreito de Messina, mas descrevê-lo é impossível. Quanto mais nos afastávamos do Etna, para o norte, mais a Sicília se aproximava da Itália. Avistávamos, à direita, as àsperas e alcantiladas serras da Península da Calábria, cheias de vertiginosas alturas e profundas gargantas, inteiramente calvas e, depois, cobertas de aprazível vegetação sombria e clara, melancólica e esparsa; e, à esquerda, a Sicília, aliás semelhante à península calabresa, porém ainda mais êrma, mais inóspita, sombria e melancólica! Aqui sussurra a Loreley siciliana sua antiga melodia e penteia seus negros cabelos, já desde o tempo de Ulisses! Em ligeiros turbilhões saco-de Caribde a superfície do mar, acordando reminiscências; porque é pequena a agitação do mar. Régio, iluminada pelo sol, deu-me a impressão de admirável ninho de andorinhas. Servem aqui de caminho, por onde as tropas de burros sobem e logo desaparecem na montanha, ravinas sêcas e escarpadas. Na praia, pescadores lavam suas rêdes, velhos navios e botes sôbre a areia, entre grandes cactos, aguardam reparos. Descuidosos soldados de polícia passam a cavalo, lentamente, pela praia; e diante das portas e janelas da cidade um povo indolente, em *dolce far niente,* contempla a passagem dos três navios de guerra austríacos. Em redor das casas, estendem-se jardins de laranjeiras, alfarrobeiras, pinheiros mansos, cactos, etc.; plantações, campinas ver-

des e vinhedos trepam serra acima até desaparecerem entre florestas ou montes inteiramente calvos.

Tudo aqui, pois, é contraste, quase contradição, e essa desarmonia é o encanto da passagem.

Diante de Messina, meio decadente e, depois do último terremoto, muito desmoronada, disparou a "Novara" um tiro, sinal para obter um pilôto na travessia setentrional. Aproximaram-se duas lanchas de pilotagem com tripulantes em genuíno traje nacional e levaram os navios até perto da costa calabresa. Depois de passarmos S. Giovanni, aproximamo-nos do farol de Messina, o ponto mais estreito da travessia.

O estreito é aqui tão apertado que, nas grandes curvas para o nordeste, parece às vêzes fechar-se completamente. Nas línguas de terra que avançam do lado da Calábria, a corrente marinha, oriunda do norte, faz um rápido movimento e, ao sul do mesmo, um remoinho colossal de três a quatro círculos, onde brincam golfinhos, e mesmo grandes embarcações são abaladas e sacudidas.

Êsse sibilante e ruidoso remoinho, ao ser atravessado, raramente impressiona, porque fere os sentidos excitados ao mesmo tempo interior e exteriormente. Ao sussurro de Cila se mesclam lendas da Odisséia e antiqüíssimos cantos! Do outro lado, naquela ilha, onde os companheiros dos laercíadas abateram os touros de Hélio! Ali receberam êles de Éolo o forte amigo, no odre de couro, que devia ser a sua perda! Aqui estêve o sofredor amarrado ao mastro entre seus companheiros com os ouvidos tapados e ecoavam maravilhosos, sedutores cantos! Aromáticas flores dos tempos homéricos!

Um poema ainda mais nobre leva-nos, porém, até às ruas de Messina. Como é simples! "E tocando em Siracusa, ficamos aí três dias, donde, bordejando, chegamos a Régio. No dia seguinte soprou o vento sul e chegamos em dois dias a Puteoli; e aí tendo achado alguns irmãos, êstes nos rogaram que ficássemos com êles sete dias; e assim fomos a Roma." (Atos dos Apóstolos, 28:12-14).

Assim o apóstolo Paulo, sob o estandarte dos Gêmeos, passou pelo mesmo caminho percorrido pela expedição de circuna-

Baía e pôrto do Rio de Janeiro no comêço do Século XIX. (De *Voyage dans les Deux Amériques*, M. A. d'Orbigny. 1836).

vegação austríaca, em 7 de maio de 1857, na "Novara", e, três mil anos antes, pelo prudente rei de Ítaca.

Imediatamente ao norte de Cila, o raro fenômeno marítimo, diminuído e desaparecido; o mar tranqüilo e liso como um espelho. As rochosas praias napolitanas descem sôbre o mar a prumo, no sentido literal da expressão, e formam àsperos cabos e promontórios, onde, como ninhos de andorinha, se agarram lugarejos, como o Forte Cila, Palmi, Gija e Nicotera, iluminados pelo sol poente, em contraste com a Sicília e seus melancólicos pinheiros. Alonga-se o olhar para o norte e para o noroeste e sôbre o Monte Bulgário até ao sul da Baía de Salerno, sede da antiga sabedoria salernense, lobrigando-se apenas, na fímbria do horizonte, num panorama encantador, o pico de Licosa.

Por entre as ondas do mar, avermelhadas pelo rubor crepuscular, despontavam, escuras, as Ilhas Eólicas, depois Volcano, uma bela pirâmide e, mais admiràvelmente ainda, o longínquo Stromboli, cone de 2.000 pés de altura, em atividade quase incessante, vomitando vapôres e centelhas.

Até mesmo essa brutal fôrça ignívoma tem seu ritmo, sua harmonia! Em espaços quase regulares eleva-se verticalmente um espêsso rôjo de vapor de cêrca de 2.000 pés e esgalha-se depois — exatamente como descreve Plínio sua visita ao Vesúvio numa carta a Tácito — semelhante a um pinheiro sôbre um tecto, até que o vento o açoita, inclina-o e o conduz para o mar. Cinco ou seis vêzes repetiu o monte suas explosões inaudíveis, mas só uma vez foi possível distinguir massas flamejantes no espêsso fumo.

Quanto ao mais, êsse grupo de ilhas vulcânicas oferecia-nos um quadro de profunda paz, de perfeito repouso, não perturbado pela vista de Alicudi, no dia seguinte. Como uma pirâmide perfeita de vértice truncado surge a ilha das ondas; para leste e para sudeste, habitações destruídas, subindo até à metade do monte, dominando uma vegetação cuidadosamente conservada, embora não se possa compreender, porque de longe não se vêem estradas nem veredas, como tudo aquilo foi pôsto sôbre a íngreme encosta.

Por entre mútuas aclamações dos marinheiros, aqui nos deixou o "Lúcia" às 10 horas da manhã (8 de maio). Com sua partida, levantou-se a última ponte que ainda nos ligava à pátria.

Nos doze dias seguintes, pouca coisa digna de nota. Um tempo caprichoso trazia alternativamente a tempestade e a calmaria. O Mediterrâneo às vêzes se agitava, mas depressa as ondas tornavam a acalmar-se. Pela fragata passaram, saudando-a, navios que iam e vinham. Avistamos as ilhas de Ustica e Sardenha e as distantes costas da África. Navegávamos lentamente e cada um se entregava às ocupações preferidas.

Apreciamos diversos fenômenos zoológicos. Apanhamos muitos copépodos e volvocídeos. Muito me encantaram enormes cardumes de salpas, apanhadas em grande número, êsses tunicados das águas claras, aliás bastante rijos, sôbre os quais Karl Vogt lançou tanta luz nos últimos anos.

Há poucos sêres no mesmo grau de desenvolvimento animal, cujo interior possa ser visto tão claramente como aquêles habitantes, tão numerosos, do Mediterrâneo. Observando bem o animal, o que me pareceu mais interessante foi o movimento vibratório das brânquias. Tomando-se um pedaço da brânquia, livre e límpida como água, paralela ao canal intestinal e suspensa da túnica apenas pelas duas extremidades, e levando-o ao microscópio, vê-se, de maneira admirável, o fenômeno do órgão vibrativo, disposto em arco e raiado. Tudo vibra e, apesar da enorme velocidade, pode-se distinguir certa direção no movimento ciliar. Param às vêzes alguns grupos de cílios; a brânquia parece paralisada. Mas, tocando-o, provoca-se de novo o fenômeno e, se a brânquia é conservada úmida, pode durar horas, sobretudo com temperatura fresca.

Peculiar também é o movimento de todo o animal. Como se sabe, consiste na absorção de água pela extremidade anterior da límpida túnica e a expulsão pela extremidade posterior. Os animais, de um dedo de comprimento, movem-se harmônicamente, sem se estorvarem uns aos outros, até que às vêzes um se aproxima do outro e foge em forte contração para trás —

òbviamente um movimento emocional das salpas, assunto que aqui não posso discutir (*).

Todos a bordo da fragata se animaram da mais viva expectativa, quando, acompanhados de muitos navios, avistamos, na tarde de 18 de maio, a ilha rochosa de Alborã, na realidade um planalto de pedra, em forma de tampo de mesa. Com tempo anuviado, tivemos de bordejar tediosamente por bastante tempo entre a Espanha e a África, até que a clara tarde do dia seguinte nos ofereceu uma bela vista.

Do solo africano elevava-se uma longa e grandiosa cadeia de íngremes picos e alcantilados cumes, parcialmente cobertos de neve — o Atlas setentrional — sempre suportando o Céu nos ombros. Enquanto a leste desapareciam, com a considerável distância, os últimos cumes envoltos nos vapôres do horizonte, assomava, nìtidamente desenhado no extremo ponto ocidental, por trás da Baía de Tetuão, o Monte Scimie, a Serra dos Macacos.

Em frente da serra, descobre-se, pouco depois, o célebre rochedo de Gibraltar, as famosas colunas de Hércules, gigantesco portão no caminho para o velho Oceano. Exatamente no meio do estreito, baixou o sol, demasiado cedo para nossos desejos; o Atlas e as distantes cadeias de montanhas da Espanha ruborizavam-se maravilhosamente com o crepúsculo e, não sem solene gravidade, saudamos o local onde dois continentes se separam, dois mares fluem um no outro, o último decerto numa direção que não nos agradava, pois o poderoso farol de Ceuta denunciava claramente que a corrente vinda do Atlântico nos empurrara tanto para leste quanto havíamos ganho, velejando para oeste. De noite, porém, avançamos.

(*) Pena é que o autor, tendo entrado em minuciosa descrição, não tivesse dado a classificação científica do exemplar estudado, pois na ordem das salpas existem

salpa africana
salpa costata
salpa fusiformis
salpa mucronata, etc.,

que, está claro, são morfològicamente diferentes entre si. — N. do T

Na manhã de 20 de maio, erguia-se diante de nós o famoso rochedo cinzento de Gibraltar, íngreme, inacessível e ligeiramente trífido no seu pico, tal como já descrito milhares de vêzes êsse símbolo do poderio marítimo da Inglaterra, na aparência inteiramente separado da terra firme e isolado do mar. Acima dêle sobem as montanhas espanholas e, com serras em parte cobertas de neve, vestem de cinzento todo o horizonte; no sopé, aqui e ali, povoados e pequenas casas de campo entre verdejantes pomares. Através da vasta brecha, bem em frente, o Oceano Atlântico. A seguir, do lado espanhol, o rochedo de Ceuta, um Gibraltar espanhol na África, com um farol no pico. Ao pé do farol, a cidade, cujo domínio pouco pode consolar o orgulho espanhol humilhado pela Inglaterra com a tomada de Gibraltar.

De ambos os lados, tôda a costa é escarpada e áspera, exatamente como se originada pela luta com o mar.

Com mar tranqüilo, aproximamo-nos cada vez mais do rochedo de Gibraltar e, em pouco, divisamos sua ligação com o continente por meio de um terreno inteiramente plano, por trás do qual, da Baía de Algesiras, surge uma multidão de mastros. Avistamos também o rochedo, no íngreme lado do norte, as famosas trincheiras e, por trás delas as baterias cobertas. Dedois de contornarmos vagarosamente a "ponta da Europa" e penetrarmos na Baía de Algesiras, bem perto de Gibraltar, rangeram pela primeira vez, na viagem de circunavegação, as correntes das âncoras da "Novara". O Leopardo inglês salvou o pavilhão austríaco com vinte e um tiros de canhão.

Desde que a divina fôrça de Héracles — conta uma história antiga — com sua célebre cajadada destroçou a íngreme Serra do Calpe, que unia a Europa à África e fechava o Mediterrâneo como um perfeito mar interior; desde então tanto se tem falado, escrito e impresso sôbre o rochedo do Calpe e de tantas maneiras tem sido êle desenhado que, afinal, todos, desde a infância, conhecem de cor o cenário. E entretanto êsse cenário excede a qualquer expectativa, representação ou desenho. Eu, pelo menos, a primeira vez que cheguei a Gibraltar, fiquei muito impressionado e, com maior demora, vivamente empolgado.

No lado oriental da bela baía semi-oval de Algesiras, emoldurada a oeste pela angulosa serra calcária, ergue-se, inteiramente isolado do mar por três lados, o rochedo de três picos de Gibraltar, de 1.600 pés de altura em seu ponto mais alto. Descendo a prumo no lado nordeste, é êle na encosta meridional e sobretudo na ocidental pouco íngreme e até acessível. Uma vegetação esparsa e, vista de longe, muito rala, sobe até abaixo dos picos mais altos, que se elevam no ar, tesos, cinzentos, despidos de fôlhas e de flores.

Muito em baixo, galgando a encosta ocidental, a cidade, dividida em duas partes, separadas por um longo, aprazível e verdejante jardim, num cêrco de inexpugnáveis baluartes de pedra calcária.

A baía é um ponto de reunião de tôdas as nações que navegam através das colunas de Hércules. Aos habitantes do norte da Europa chamam a atenção sobretudo, os veleiros marroquinos com suas tripulações morenas admiràvelmente vestidos com trajes árabes-turcos, que passam, navegando, olhando com calma, gravidade e altivez, mesmo com evidente desprêzo, para o povo cristão por trás de seus canhões de metal. Igualmente altivo olha o Monte Scimie do outro lado da África para a Espanha, que dali recebeu outrora os invasores mouros. Mas tôda a Espanha vê com raiva o isolado rochedo de Gibraltar.

O nosso primeiro dia em Gibraltar foi exatamente o da Ascensão. Admirável cena matutina. Rodeou a fragata uma multidão de botes — barracas-de-feira flutuantes, cozinhas e tavernas podiam ser chamados — vendendo laranjas, passas, figos, queijo, pão fresco, carne, vinho, manteiga, peixe e legumes, tudo o que podia ser comprado a bordo de um navio de guerra, depois de tão longa viagem.

Negociou-se e regateou-se, então; tentou-se um entendimento com todos os elementos lingüísticos, o que regularmente resultava em pagarem os compradores três ou quatro vêzes mais que o valor devido.

Na bateria e na praça andava outro gênero de negociantes. Lavadeiras irlandesas e espanholas faziam, entre si, a mais original concorrência para lavarem a roupa branca da fragata. In-

findável o palavreado cantante, gutural, sibilante. Afinal o comando expulsou-as tôdas.

Depois do almôço, com poucas remadas chegamos, na praia, ao portão meridional da fortaleza, onde, para quebrar as ondas, construíram um cais transversal, de modo que a escada de pedra de embarque fica perfeitamente coberta, mesmo com mar agitado. Chega-se, por um portão estreito, a um baluarte de pedra de cantaria, de muros altos, no qual se acha grande quantidade de bombas. Dêle se vai por uma escada de caracol inteiramente isolada, de madeira, a uma ponte levadiça, através de um segundo portão, e entra-se em Gibraltar.

Agradável surprêsa! Na verdade se vêem montanhas de bombas, granadas, balas de canhão e carrêtas de peças: não obstante, a gente se sente num jardim tranqüilo e aprazível, em que a natureza e a arte se esforçaram para torná-lo encantador. Vai-se para o norte, por um pequeno atêrro em forma de ponte, vendo à esquerda, no fundo, viçosos pelargônios em flor e, à direita, um pequeno cemitério, sombreado por altas árvores, onde jazem os que tombaram na batalha naval de Trafalgar; e chega-se à cidade pròpriamente dita, através de um portão, sôbre o qual se ostenta, gravado em pedra, o brasão da casa de Lorena-Habsburgo.

Uma rua longa, bastante estreita, da qual partem vielas ainda mais acanhadas, corre, como rua principal, através da cidade comprida, porém muito estreita, cuja escassa área abriga, entretanto, 20.000 habitantes. Logo à entrada, tudo, no sentido literal da palavra, me impressionou; as casas com suas inevitáveis gelosias verdes, e mais ainda a gente que estaciona e passeia em frente das casas.

À primeira vista, três fatôres ressaltam na população. A raça principal é naturalmente a espanhola, tanto que Gibraltar continua a merecer o nome de cidade espanhola, aliás pouco mestiçada, em cuja população mal se descobre o elemento gótico. Antes a maioria das pessoas é de rosto amorenado, os homens são vulgares, feios, pequenos e mesmo mesquinhos, geralmente sujos, aparentando fadiga de viver. Não pude descobrir um só rapaz bonito entre os transeuntes. Os próprios arrieiros,

aliás robustos tipos serranos, representam, ao pé de seus burros, geralmente fortes e grandes, triste figura, mais triste ainda quando ao traje proletário do indivíduo se ajunta ainda um trapo de velho traje nacional andaluz, uma jaqueta colorida e apertadas polainas de couro. Na verdade, quem quiser ver no espanhol a altivez do rei Filipe, não deve procurá-la nas vielas de Gibraltar.

Muito diferentes as mulheres e moças que se vêem andando na rua. Se não se avista verdadeiro tipo de beleza, notam-se, todavia, muitas caras bonitas. O véu negro atirado ligeiramente sôbre a cabeça e a pequena mantilha caindo dos ombros sôbre as costas realçam muito vantajosamente os vestidos de sêda azul-escura ou preta das mulheres passantes; e nas jovens beldades que, não sem intenção, decerto, se deixam ver, a graça é evidente, embora não sejam modelos das madonas de Murillo.

Ao lado dessas andaluzas que acompanham o passo estugado do tempo e da moda, mostram os filhos o mais rígido conservantismo. Pai Abraão, Isaac e Jacó, uma multidão de judeus orientais, fezanenses e marroquinos, perambulam pelas ruas de Gibraltar. O singular traje árabe, pernas seminuas e o indefectível albornoz, tal qual, provàvelmente, já o usara Ismael, combina bem com as graves fisionomias. Quase paralisados parecem êsses rostos morenos de judeus, insculpidos, muitas vêzes como uma soberba cabeça de mármore recém-tirada do lôdo do Nilo, — *nil admirari,* pelo menos a forma do semblante é clara e firmemente esculpida! Só quando se lhes quer comprar alguma coisa, o lucro comercial provoca-lhes um súbito estremeção na rígida fisionomia. Quase todos parecem sujos e muitos mesmo andrajosos. Vi, pedindo esmola, mais de um rosto em que a astúcia se estampava nos olhos e que visìvelmente pertencia às *makamat* de Hariri.

São os restos dos antigos mouros, que por aqui passaram da África e conquistaram a Espanha. Ainda hoje formam um trecho da história mourisca, aquela história em que a Alhambra ainda era habitada e o rei dos mouros corria através da cidade de Granada para desabafar seu grito de dor na Alhama. Semelhante grito de dor é o povo mourisco de Gibraltar, e, so-

bretudo, o velho castelo mourisco na extremidade setentrional de Gibraltar. Imponente, como tudo naquele tempo, há mais de mil anos se ergue sôbre a cidade, junto ao rochedo cinzento, o maciço edifício, naturalmente em ruínas, estendendo-se até à cidade paredes isoladas e terraços. O melhor dêle foi destruído nos bárbaros tempos cristãos da cavalaria espanhola, até que ali nasceu o catolicismo. Diante do mesmo jardim do castelo onde foram contadas as lendas das "Mil e uma Noites" e onde mais tarde ressoaram romanças espanholas, anda para lá e para cá uma sentinela protestante e lavandeiras irlandesas coram sôbre as ruínas dos jardins suspensos de Zuleica as calças e camisas dos marinheiros nórdicos.

Formigam os uniformes vermelhos em Gibraltar. Conta a cidade uma guarnição de 6.000 homens, que no fim de contas se acham sempre numa espécie de estado de guerra. A gente vestida de túnicas tinha muito boa aparência, muito melhor do que a das túnicas. Os uniformes, em sua maioria, me pareceram muito coçados. Todavia não se deve olhar muito para os soldados na cidade, mas ir para o acampamento dos escoceses.

Chega-se à extremidade norte da cidade, onde, numa praça quadrada, há todo um bairro militar, através de abóbadas, caminhos tortuosos, paliçadas e pontes levadiças e o mais que compete a uma fortaleza, na saída de Gibraltar, exatamente onde o rochedo se eleva mais a pique e mais imponentes se mostram as seteiras e os canhões. Até ao seu sopé chega a água da Baía de Algesiras com grande desvantagem decerto para a saúde pública, mas, com isso se torna quase impossível tomar Gibraltar pelo lado de terra. Um dique conduz, através da mal cheirosa água salobra, ao chamado terreno neutro, uma grande planície relvosa atrás do rochedo, separando a Baía de Algesiras do Mediterrâneo ao norte de Gibraltar e formando a única ligação entre a Espanha e Gibraltar.

De acôrdo com o tratado, foi armado na orla dêsse terreno neutro, para o lado da Baía de Algesiras, o acampamento dos escoceses, pois não se podem construir quartéis sólidos. Singular aspecto oferecem as tendas enfileiradas e, vendo-as, o nosso primeiro pensamento foi sôbre as privações de tôda sorte. Mal

tivera eu tempo de avistar o realmente mesquinho acampamento, quando os meus ouvidos foram impressionados de maneira especial. Ruidosa e penetrante, ressoava uma música de tambores e gaitas de foles, horrível, porém verdadeiramente marcial; era que entrava no acampamento um batalhão de *highlanders*.

Como não esquecerei êste momento, não posso também descrevê-lo. Uma grande parada em Paris e em Berlim é coisa inteiramente diversa. É impossível levar o mecanismo humano a maior perfeição do que ali. Desaparecem os indivíduos; formam todos uma só máquina de guerra. Ao contrário, no acampamento escocês em Gibraltar vi homens armados, aliás com excelente porte militar, porém cada um cheio de altivez individual e coragem pessoal, cada um como uma figura de per si, sem a expressão da natureza de um soldado disciplinado.

Decerto o traje nacional, muito sedutor, é tal qual se vê, em certas ocasiões, em nossos teatros. Demais, êsses *highlanders*, na sua maioria, são homens belos; aparecem alguns, nas fileiras, verdadeiros modêlos de beleza masculina.

Imediatamente depois de entrar, debandou o batalhão. Os vigorosos soldados começaram a jogar a péla; outros exercitavam-se com as armas. Apareceram vivazes meninos escoceses e começaram a brincar com os adultos. Os oficiais, sentados debaixo de uma árvore, contemplavam o jôgo. Sobremodo me impressionou a maneira calma, polida e delicada como os oficiais tratavam os seus soldados rasos. Ao debandar o batalhão, vieram vários fazer comunicações. A cena decorreu perfeitamente calma, digna, sem o berreiro militar.

Depois de têrmos suportado, à noitinha, a retreta inglêsa, com timbales, tambores e pífanos, com o obrigatório acompanhamento da garotada das ruas, assistimos ainda à saída de fiéis católicos de um serviço religioso noturno. Da igreja saíam quase sòmente senhoras e senhoritas e, ao passar ràpidamente, percebe-se que mesmo o dia da Ascensão nenhum respeito infunde. Mas Gibraltar fica na ponta meridional externa da ardente Andaluzia, com uma guarnição de 6.000 soldados e além disso é pôrto de mar.

Originalíssimo, como, aliás, todo o dia — um dos mais ricos

que se possam viver — foi o seu fim, a nossa saída pelo portão para o mar.

Pouco depois do pôr-do-sol, às 8 horas, aquêle portão é trancado, mas às 10 e às 12 é aberto mais uma vez. Em grande procissão, os guardas, com uma grande lanterna, conduzem a gigantesca chave da cidade, entre usanças sagradas, como a tina mística de Iaco; e o portão é aberto com certo cerimonial.

Mas o portão não se mexe.

Os guardas investem com tôda a fôrça contra o portão e gemem com o esfôrço.

Mas o portão não se mexe.

Então se une a Áustria com a Inglaterra para forçá-lo. Entretanto, sòmente depois de várias tentativas baldadas, cede o portão. No mesmo instante desce, troando, a ponte levadiça sôbre a escada em caracol do baluarte e pode-se descer. Mas, no portão, repete-se o exercício de fôrça, com o mesmo resultado, e só então se vê o mar sussurrante. Em verdade tinha razão o oficial inglês ao afirmar que só penetrar em Gibraltar era mais difícil do que sair!

Em 23 de maio conheci e apreciei o Dr. Forrest, chefe do departamento médico civil e militar. Com tôda a amabilidade de um inglês bem educado, ofereceu-se para levar-me ao Hospital Civil e orientar-me lá.

O Hospital Civil de Gibraltar fica na parte elevada da cidade, em direção ao rochedo; é um edifício irregular, evidentemente não construído sob o plano de um hospital; as diferentes secções coincidem em ângulo reto, o que dá certa forma ao conjunto. A casa é muito limpa e bem conservada, as salas, porém, muito baixas.

Segundo o regulamento, cada doente deve dispor de 1.800 pés cúbicos de espaço, o que, sem dúvida, é muito exagerado. Estima o Dr. Forrest que, dada a situação sêca e bem ventilada do estabelecimento, 600 pés cúbicos são suficientes, enquanto não aparecer alguma doença de caráter epidêmico.

Pode parecer estranho que, além da separação por sexo e certas doenças, haja também um repartimento segundo a con-

fissão religiosa. Há secções protestante, católica e judaica, conseqüência da profunda seriedade com os cuidados religiosos. Na secção protestante, vi uma coleção de bíblias e outros livros edificantes.

O número de pacientes elevava-se a 65. A instituição é suficiente para 20.000 habitantes, enquanto não aparecerem doenças epidêmicas de grande vulto.

Parece-me que o hospital tem dois inconvenientes. Primeiro, a encosta ocidental do rochedo, onde se acha, é muito quente e, segundo, a falta de boa água potável, desvantagens muito sensíveis em Gibraltar. Sob as lajes do pátio interno conta o hospital uma grande cisterna, onde se acumula a água das chuvas coletada do telhado. Nos meses quentes do verão, falta mesmo essa água, com o que muito sofre a instituição.

Vimos também uma secção especial para senhoritas, prova da extraordinária libertinagem da cidade. Por outro lado, disse-me o Dr. Forrest que há muita tuberculose e oftalmia, decorrentes ambas, decerto, da poeira calcária de Gibraltar; além disso, grassam muitas formas de escrofulose nas crianças e mesmo nos adultos, — tôdas elas, oriundas de uma mesma fonte.

Em julho e agôsto, irrompe uma doença de caráter decididamente epidêmico, responsável, mais de uma vez, pela triste nomeada de Gibraltar. Sob o nome de *rock fever* aparece uma febre remitente, de caráter tífico, às vêzes disenteria de forma drástica e mesmo cólera com certa extensão. Observando-se a situação peculiar da localidade, caracterìsticamente meridional com sua flora de palmeiras, cactos, agaves e sempre-vivas; e lançando-se um olhar crítico sôbre a Baía de Algesiras, cuja extremidade inferior se transforma num charco malcheiroso com tôdas as suas exalações, bem próximo do rochedo, ao passo que ao nordeste, na margem do Mediterrâneo, há um depósito fétido de animais em decomposição — não é de admirar que nos meses quentes do verão e pouco depois, às vêzes com escassas chuvas, ocorra aqui um processo de putrefação e empestamento do ar, no qual se espalhem germes de doenças e parasitas.

Gibraltar teve mesmo algumas visitas da febre amarela, cuja origem não está claramente comprovada, mas que me pa-

rece tão certa como a introdução da terrível doença em Lisboa no ano de 1857.

Do hospital civil levou-me o amável colega Dr. Forrest à biblioteca da guarnição. Num magnífico e belo edifício isolado, encontrei uma seleta coleção de livros de 10.000 volumes, principalmente sôbre assuntos geográficos e náuticos, história, descrição de viagens, as revistas mais conhecidas — aparato literário que torna os oficiais da guarnição dignos de inveja, apesar da monotonia do serviço, no êrmo rochedo calcário. Fácil é a utilização da preciosa biblioteca pelos estranhos: registra-se-lhes o nome num grande livro e êles têm acesso, numa esplêndida sala de leitura, aos livros e revistas.

Diante da biblioteca encontrei o jovial médico da artilharia, que, na famosa questão com os piratas do Rife, tratara os feridos prussianos. Os senhores inglêses tinham muitas observações a fazer sôbre o ataque não preparado contra os rifenhos. As suas medidas de precaução recordaram-me, porém, mui vivamente o não bombardeio da enorme esquadra inglêsa diante de Kronstadt.

À noite havia espetáculo no teatro — *La flor de un dia* e uma dança andaluza. A casa, em si, sofrível, porém horrorosamente suja e mal iluminada. Ao entrarmos, ainda não havia chegado grande público, nem chegou. Causaram-me os espectadores uma impressão fastidiosamente humorística. Nem uma só figura decente em tôda a casa. Da platéia chamavam uns aos outros, gritavam, assoviavam, quebravam portas e bancos e comportavam-se da maneira mais vulgar.

O drama, de versificação fácil, abordava incidentes vulgares da vida conjugal, e atores e espectadores bocejavam. Veio depois a dança, que sacudiu o público com a expressiva graça e licenciosidade da Andaluzia, tal como a dança de Pepita se espalhou pandêmicamente no mundo civilizado para, afinal, reconhecida na realidade, e esfriado o público inebriado, terminar num teatro de terceira classe.

Comemorou-se em 24 de maio o aniversário natalício da rainha da Inglaterra. O domingo, porém, proibia qualquer festa. Com alguns companheiros de viagem, num mau cabriolé,

cujo rocim andaluz era um descendente bastardo de Rocinante e ainda excedia ao célebre "Charlottenburger", passei pelo portão da cidade, rumo ao poento terreno neutro, onde a sociedade de Gibraltar passeia de carro e de cavalo e abundam repelentes mendigos.

Na fronteira da Espanha, numa alfândega, tivemos de descer; os funcionários aduaneiros revistaram a carruagem tão rigorosamente que teria sido impossível contrabandear mesmo uma môsca. O povoado da fronteira é pequeno, embora com alguns edifícios elegantes.

Começou, então, a Espanha e, a cada passo do cavalo, cessava pouco e pouco, no pleno sentido da palavra, tudo que lembrasse a cultura humana. As casas passam a ruínas, as plantações a desertos e o próprio caminho perde-se nas areias revôltas da praia. Atravessa-se uma extensa ponta sôbre águas rasas e tem-se a impressão de estar num bote e não num carro. Uma estrada que recomeça leva, da baía, para o norte; aparecem, então, casas e mesmo campos de cevada. Em geral, porém, a terra está inculta e, por isso mesmo, reponta uma flora encantadora.

Da graciosa confusão de plantas brotam tamareiras, majestosas canas espanholas, agaves e cactos de enormes dimensões e cujas massas armadas de espinhos são impenetráveis. A pequena palmeira *chamaerops* prolifera como erva; vê-se em tôda parte uma bonita euforbiácea; enorme quantidade de *hedysarum* vermelho e *echium* vermelho-azulado, borago, solanáceas, *erythraea centaureum,* papoulas *(papaver rhoeas),* uma bonita *daphne* e mesmo *gladiolus,* fumárias, *marrubium* e escabiosas tudo quase sufocado em enormes quantidades de *anthemis.* A acidentada região parece um mar de flores.

Além disso, gorjeavam tentilhões e, em densas moitas em volta das casas desmoronadas, os rouxinóis. No caminho, no local onde se dera um assassínio, uma cruz. Famílias inteiras, sentadas à margem da estrada, aproveitavam o domingo para mendigar, o que aqui se faz de maneira clássica.

Afinal conduz o caminho, serra acima, a São Roque, local de nossa peregrinação. São Roque é uma pequena cidade serra-

na, extraordinàriamente limpa, de ruas enviesadas confluindo no centro da cidade. Possui uma igreja bem cuidada e Câmara Municipal. Na Praça do Mercado passam os jovens o domingo e alguns soldados de polícia se ostentam altivamente.

A cidade presta grande culto às flores. Nas sacadas de ferro das casas brancas, níveas; nos cabelos das senhoras e no seio das senhoritas, em tôda parte, se vêem flores. As simples casas térreas apresentam, geralmente atrás da porta da rua, um pequeno pátio com um poço, em cujas bordas vi também flores. Flora e as náiades das fontes tinham aqui, juntas, o seu templo.

Da igreja realmente cristã, no alto da cidade, parte a curta *Calle de la Buena Vista,* na orla da íngreme colina da cidade. Com razão cabe-lhe o nome de Boa Vista. De lá se contempla a florida região montanhosa, a Baía de Algesiras, com a sua viva paisagem marítima e o imponente Mediterrâneo. Entre as duas águas eternamente em movimento, imóvel, avulta o rochedo cinzento de Gibraltar e longe, por trás dêle, a cordilheira do Atlas, azul-etérea, e o próximo Monte Scimie com o célebre portão marítimo. À esquerda e à direita, as elevações da Serrania de Ronda emolduram o quadro encantador.

Mas, atrás da cidade, terra a dentro, em cuja direção demos ainda um passeio, a paisagem e o povo que encontramos é cada vez mais lastimável. Trajes nacionais andrajosos, burros estropiados, cavalos esqueléticos, campos incultos, caminhos, pinguelas e casas em ruínas: eis a forma e o colorido do quadro desta extremidade da Espanha.

O 26 de maio foi grande dia de festa em Gibraltar. Festejava-se, retardadamente, o aniversário natalício da rainha. A manhã cinzenta, ameaçadora, transformou-se em lindo dia de sol. Centenas de bandeiras coloridas, agitadas pelo fresco vento marinho, ondeavam em todos os navios. Todos os habitantes da cidade saíram pelo portão do norte para o *neutral ground,* onde se realizaria uma grande parada.

Devia eu ainda visitar o hospital militar. Depois de algumas caminhadas, cheguei ao farol, a ponta da Europa. Aqui a serra se alcantila consideràvelmente. Passa-se por um grande quartel e depois por uma praça aberta, diante do hospital, onde fui mui

atenciosamente recebido e conduzido ao edifício pelo amável médico, o *highlander* Dr. Stewart e por outros médicos.

No alto, no extremo sul do rochedo, o hospital militar de Gibraltar é um grande edifício quadrado, assobradado, com um pátio plantado de majestosas laranjeiras. Em tôrno dêsse pátio, tanto em cima como em baixo, corre uma galeria onde podem passear, mesmo sem tempo muito bom, os doentes e convalescentes. O edifício, todavia, é velho; as salas vão até o telhado, forrado apenas com tábuas.

Cada um dos quatro regimentos estacionados em Gibraltar possui enfermaria, cozinha, e farmácia próprias, o que facilita o serviço e dificulta o contrôle. Em nenhuma enfermaria vi mais de 25 pacientes. Entretanto, há pouco partira para a Inglaterra um navio com doentes e semi-inválidos. Entre os doentes encontravam-se muitos com oftalmia, proveniente sobretudo de Malta.

O hospital pode ser suficiente; de modo algum, porém, brilhante e digno de imitação. Queixam-se também aqui de falta dágua, às vêzes muito sensível. Recolhe-se a água da chuva, mas, mesmo dessa, por ocasião de minha visita, só havia duas polegadas nas cisternas.

Esperava-se da Inglaterra um grande aparelho para destilar a água do mar nos tempos de escassez. Entretanto, a água assim produzida não deve servir para o uso corrente, só podendo ser usada nos tempos de escassez.

Aconselho, porém, aos sãos, que porventura subam ao hospital da guarnição de Gibraltar, que saciem os olhos, se possível, com a imponente vista que dali se goza. Da afamada Ponta da Europa se vêem, em baixo, o Mediterrâneo, o Estreito, a Baía de Algesiras, a África, a Europa.

Uma hora depois, descortinei paisagem inteiramente diversa, na extremidade norte de Gibraltar, onde o rochedo sobe verticalmente.

No terreno neutro, uma variegada reunião popular. Comprimiam-se casacas nórdicas e albornozes beduínos, chapéus de fêltro e turbantes, jaquetas espanholas e sobretudos inglêses. Por trás da multidão, em elegantes carros, passeavam, para um

e outro lado, frias inglêsas e ardentes andaluzas. Saltavam em tôrno crianças inglêsas, escocesas e espanholas. Só a elas pertenciam o terreno neutro, a fortaleza e a festa da rainha.

Num grupo muito mais sério, o Governador "sir" Fergusson e seu estado-maior, ao lado do General espanhol de Algesiras e seu brilhante séquito. Em duas longas filas, desde o sopé do morro, estendiam-se as tropas no terreno neutro. Um fogo volante estralejou por três vêzes nas filas de milhares de soldados. Milhares de vigorosas vozes masculinas deram vivas à rainha e, além, as bandas de música unidas dos regimentos executavam o célebre *God save the Queen*. Na planície, troavam os canhões; em cima, no rochedo, em todos os cantos, fendas e buracos, relampagueava e trovejava; o rígido colosso de pedra semelhava um vulcão. *Rule Britannia* era o seu nome.

Depois de ressoarem a furiosa e desarmônica batalha do trovejar dos canhões, o hino nacional e os "cheers", desfilaram as tropas perante o Governador. O uniforme inglês parecia demasiado simples para brilhar; tanto mais audaciosas se mostravam as bandeiras, em sua maioria, simples trapos drapejando nos mastros. Podia cada uma contar uma longa e sangrenta biografia, talvez nas cinco partes do mundo. Os escoceses desfilaram magnìficamente. Os rostos queimados do sol, sob o pesado capacete, os uniformes coloridos e o garbo de cada um formavam um delicioso conjunto, cuja impressão belicosa era sem dúvida magnificada pela música original das gaitas de fole.

Após o desfile em passo rápido, dissolveu-se o espetáculo militar e a multidão debandou num longo cordão rumo à cidade. Os escoceses seguiram sem formalidade para o seu próximo acampamento. Os outros regimentos regressaram a toque de tambor para a fortaleza e assim terminou a manobra grandiosa, apesar de sua pequenez numérica.

Muito me entusiasmou, mas também me excitou particularmente, o panorama das baterias de campo vomitando fogo. No jardim, no portão do sul, tornei a recobrar o meu natural.

Paz, repouso, tranqüilidade, aroma de flores, cintilantes raios de sol através das sombras dos caramanchões e um leve murmúrio; em cima, no rochedo, grave silêncio e em baixo, na praia,

as alegres ondas — era o que oferecia o jardim de Gibraltar. E contudo me pareceu um pequeno paraíso, onde gostaria de refugiar-me durante o dia. Tudo amabilidades nesta encantadora natureza. Quase sempre encontrava ali os mesmos passeantes em silêncio; estátuas ambulantes, vagavam marroquinos e beduínos para cá e para lá; até as crianças inglêsas ficavam silenciosas debaixo dos álamos brancos.

Por vêzes, ouvia-se lá música, à tarde; em certa ocasião, tocou no jardim tôda a banda austríaca de bordo com muitos ouvintes. Encantador! Era ainda mais belo quando, à hora da Ave-Maria, a brisa da tarde trazia de bordo de nossa fragata acordes do hino da tarde e reproduzia os sons da bela Ave-Maria de Byron, *'t is the hour of prayer.*

Talvez a muitos leitores interessasse mais outro quadro. Na noite do dia da parada houve um grande baile em casa do Governador de Gibraltar. Lá se achavam todos os dignitários locais e nós comparecemos também.

Na praça, diante da casa do Governador, tudo nadava num mar de luz; na multidão de espectadores e curiosos destacavam-se os belos trajes orientais. Na sala do baile via-se e sentia-se a aglomeração de uma festa distinta — casacos vermelhos e vestidos de sêda, *pantalons collants* e saias-balão, flores frescas e mulheres murchas, a guerra e a paz — tudo se movia e baralhava. Admirou-me que, mesmo no baile, os oficiais escoceses andassem e dançassem de pernas nuas, sem qualquer estranheza de parte das damas inglêsas e espanholas. Na sociedade apresentavam-se muitos homens, alguns notàvelmente belos. Por outro lado, a elite de Gibraltar não estava cabalmente representada; ela gozara a felicidade terrestre.

Devo salientar especialmente a atenção dos oficiais inglêses para com seus hóspedes austríacos, em muitas ocasiões, bem como neste baile.

A um major tão conhecedor do alemão quanto era familiarizado com as formalidades sociais incumbiu o Governador General Fergusson, um homem velho e digno, de fazer as honras da casa; e o correto militar — esqueci-lhe o nome, infelizmente — notável figura marcial, desempenhou cabalmente a incum-

bência. Chamou-me a atenção e agradou-nos a todos que tantos oficiais falassem bem o alemão, para o que, naquela noite, tiveram bastante oportunidade.

Por estranho paradoxo fôra a morada do Governador um antigo convento de freiras, e o recinto do baile servira de sala de orações das antigas penitentes espanholas. Isso, todavia, nenhuma estranheza causara a católicos ou protestantes, acordes todos em se entregarem inteiramente ao culto da alegria e do gôzo, até o romper da aurora.

No dia seguinte, preparamo-nos para a viagem no largo oceano e, de fato, em 28 de maio, rangeram as correntes de nossas âncoras, porém não saímos; faltava vento.

Improvisamos logo um passeio à caverna calcária do alto do rochedo. Com belo tempo seguimos através do encantador jardim, onde só é feia a estátua de Eliot, e depois galgamos o rochedo por uma vereda. Na vegetação marginal florescia a *Chamaerops humilis*.

No alto do rochedo, um buraco, com descida muito inclinada, leva a uma gruta belamente abobadada. Desce, daqui, em forma de cadeia, uma série de abóbadas e cavernas. Difìcilmente se pode rastejar através dos buracos, saindo de um para firmar o pé na argila úmida do outro. Êsses lugares são frios e úmidos, inquietantes. Pálida e sem brilho desaparece a luz das lanternas e fachos entre as imóveis formações de pedra. Um fogo de bengala, numa gruta quase redonda, fêz um bonito efeito; assustou-se, com o fogo, uma multidão de morcegos; os animais fotofóbicos, em sua fantástica vida subterrânea, adejavam, gritando, no alto da abóbada, procurando esconder-se nos recantos escuros.

Quanto mais bem iluminados pelo fogo alguns lugares da caverna, tanto mais escura a sombra projetada em outros; verdadeira babel de recantos, fendas, ângulos e longas dobras nas paredes de pedra; com o apagar do fogo, de novo nos cercavam profundas trevas.

Deliciavam-nos réstias de luz penetrando através de buracos e fendas. Não descobríamos, porém, fresta alguma; apenas, no alto da abóbada, se desenhavam fios de luz mais ou menos

longos e faixas meio azuladas para logo desaparecer, sem se ver por onde penetravam, nem onde findavam.

Eram essas luminosas teias de aranha o que realmente de mais bonito se podia ver na caverna. Pouco antes de partirmos de Trieste, visitáramos as notabilíssimas cavernas de Corneale e de San Canzian, mais admiráveis que a Caverna de São Miguel em Gibraltar, pelo menos até onde descemos, pois, segundo muitas narrativas e talvez fábulas, ela penetra profundamente abaixo do nível do mar e se prolonga até à África.

O esplêndido dia me impeliu a subir além da entrada da caverna, rochedo acima. À medida que nos aproximamos do cimo, mais êrmo se mostra. Alcançamos, afinal, um dos três picos onde fica a estação telegráfica.

Nenhum ninho de águia pode ser mais alcantilado. Aqui, do lado ocidental, cai o rochedo a prumo 1.500 pés para o Mediterrâneo, cujo sussurro mal se ouve. O espelho do mar, aparentemente imóvel e tão agitado e sulcado de velas brancas, sobe para o horizonte, engastado ao norte pela Serrania de Ronda, ao sul pelos longínquos picos nevados do Atlas e pelo próximo bloco de pedra de Ceuta. Verde-claro brilha o estreito abaixo do azul sombrio Monte Scimie e em pequenos redemoinhos rola a corrente de oeste para leste.

Vista da estação telegráfica, a Baía de Algesiras é particularmente graciosa. Enquanto, para leste, os olhos se perdem no vasto deserto de água — indiferentes à impressão de grandiosa majestade, e, em baixo, à profundidade hiante, em cuja orla superior se agarram apenas alguns antirrinos vermelhos — para oeste se recreia a vista, em encostas menos íngremes, com múltiplas formas da vegetação aparentemente pobre e da própria fauna com as suas movimentadas figuras. Sôbre as rochas deslizam rápidos os lagartos; em tôda parte, tatalam bandos de borboletas, principalmente a *macroglossa stellatarum,* e tantas, que pude agarrar à mão dois exemplares. No alto, sôbre a agitação dêste mundo pequeno e simples voejam em largos círculos os fortes abutres e contemplam, num relance de olhos, dois continentes e dois mares.

Na praia, semelhando um ninho de andorinhas, a fortaleza. Vistos do alto, os muros e canhões perdem o seu imponente aspecto. A Baía de Algesiras, confluente dum pequeno lago, apresenta superfície azul semeada de navios, entre os quais a nossa fragata, o maior. Todavia, o barco de circunavegação parecia um pequeno bote.

Basta, pois, subir 1.500 pés para ver o quadro do poder e da grandeza do homem reduzir-se, dentro de um desenho natural, a um brinquedo insignificante.

O 29 de maio teria sido o nosso último dia em Gibraltar e talvez o primeiro no Oceano Atlântico, não fôra uma sexta-feira, dia em que nenhum navio austríaco inicia viagem. Para tratar de um assunto hospitalar, voltei ainda a terra e tive o prazer de conversar meia hora com o distinto Dr. Forrest. Até o último momento se revelou, em todos os pormenores, a atenciosidade dos funcionários britânicos em Gibraltar para com os hóspedes austríacos.

O meu último passeio em solo europeu levou-me ao portão da cidade e, desta vez, à praia, em baixo, ao sopé do rochedo, onde, vinte e quatro horas antes, estivera no alto, na estação telegráfica.

É êste o lugar mais solitário de Gibraltar. Uma vereda, a certa altura da costa, serpeia entre calhaus no íngreme rochedo e depois desce para os grandes blocos da praia, onde, ameaçadas pelo mar, na frente, e apertadas, atrás, pelo rochedo, foram construídas algumas casas, onde vivem famílias de pescadores. Velhos pescadores consertam as suas rêdes, crianças seminuas brincam na praia com ossos de siba e conchas; nada mais interessa à vida dessa gente que, ano a ano, tem diante de si o mar, atrás o rochedo e por cima o céu. Também isso tem o seu encanto e recorda o "Fischer von Capri" de Platen.

Pela última vez, às 10 horas da noite, o nosso bote nos levou do solo europeu, da célebre Fortaleza de Gibraltar, para mim, a todos os respeitos, encantadora e, no sentido mais literal da palavra, um ponto clássico. Como tal, sempre estará em vivíssimas côres ante os meus olhos; continuará comigo como agradabilíssima recordação.

SEGUNDO CAPÍTULO

Regresso da "Novara" ao Mediterrâneo. — Ancoradouro de Los Molinos. — Miragem. — Visita a bordo. — Partida noturna. — A "Novara" passa o Estreito de Gibraltar. — Madeira. — Vista da vegetação. — Curral das Freiras. — Os madeirenses e o gorro de bico. — Partida para o Brasil e longa viagem até o Rio de Janeiro.

EM 30 de maio, pela manhã, um suave vento do norte convidava a "Novara" a velejar. Apenas deixáramos o ancoradouro, quando soprou o sudeste e obrigou a fragata a bordejar. Já estávamos no meio do estreito e avistávamos o oceano, quando o vento amainou e prevaleceu sòmente a violência da corrente de oeste para leste. Admirados, víramos, pouco antes, uma fragata turca de hélices demonstrar as vantagens reais de uma locomotiva marítima. Vinha do mar e passara a pequena distância, sem utilizar vela alguma. Mais nos impressionou, contudo, um navio de guerra francês, a vapor, rebocando três canhoneiras, estreito afora, desaparecendo no oceano, e, afinal, um vapor mercante francês procedente da África. Com máquina a vapor iam para onde queriam e a vapor tudo vai. Nós, porém, com o reconhecível turbilhonar, que arrastava a corrente quase como Cila

em Messina e na qual também brincavam alegres golfinhos, recuávamos lentamente e em pouco nos encontrávamos ao sul da Ponta da Europa e depois a sudeste; enfim, como há dez dias, estava o rochedo cinzento inteiramente a oeste e confessamos com franqueza que o contemplamos com interêsse menor que dantes.

Na manhã seguinte, ainda mais se distanciava. Pela tarde, caiu um vento do oeste que no dia seguinte, 1.º de junho, soprou com tanta fôrça que, com a vela da gávea colhida e com vento magnífico, a "Novara" voou para a África e para a Espanha, causando grande enjôo a cientistas e não cientistas. E tudo em vão. A valente "Novara" foi batida no campo das águas pelo vento contrário e, às 6 da tarde, ancorava a sudoeste de Málaga, abaixo do Cabo de Los Molinos, a 25 toesas de profundidade.

O dia seguinte, porém, trouxe suficiente compensação à pequena contrariedade. Um céu azul-escuro, o mar verde e uma velha costa espanhola, onde se alternam vales e montes; o aprazível e o selvagem, profunda solidão e animados lugarejos com vinhedos e laranjais matizavam a nova paisagem. Atrás da Serrania de Ronda, tão louvada e cantada, e ao norte dela vislumbra-se o cimo nevado da alta, embora longínqua Serra Nevada.

Embora um farmacêutico espanhol, enviado para bordo pela Comissão Sanitária da costa, tivesse oferecido à fragata livre acesso à terra, a nenhum de nós foi permitido, por motivo que ignoro, desembarcar no lindo litoral.

Quando o observávamos ao pôr-do-sol, formava-se, partindo da distante Baía de Málaga, um segundo horizonte sôbre o real. Por trás do mar, outro mar se elevava e sôbre êsse surgiam, umas sôbre as outras, imagens de navios duplicados, encurtados ou prolongados. Vi até uma duplicata ao lado da outra: uma barca velejava para o nordeste e uma idêntica navegava atrás dela, porém mais depressa, de modo que as duas imagens se aproximaram. À medida que as duas se avizinhavam e se fundiam uma na outra, surgiu uma terceira tomando completamente o lugar e o movimento da segunda. Na imagem de um brigue, os mastros eram muito curtos, ao passo que o casco muito intumescido. Inquietante e realmente fantástico parecia o conjunto,

tanto mais que nenhum quadro era firme e de contornos bastante definidos; ao contrário, tudo lucilava fortemente e pareciam navios moribundos, navios espectros, verdadeiros "navios fantasmas".

Bem meia hora durou a singular miragem. Exatamente ao pôr-se o sol, soprou um terral quente; apareceu de novo um bem delineado horizonte marítimo. Nenhum navio se descobria em tôda a extensão do fenômeno atmosférico desfeito pelo vento.

Muito mais reais do que aquela fantasmagoria eram dois grandes botes com homens e mulheres vindos da praia *para mirar el buque grande,* como diziam. A fim de que pudessem apreciar o grande navio, foram convidados a vir a bordo e de fato vieram.

Eram andaluzes, gente simples do campo; homens musculosos, figuras rijas, francos, rudes, impávidos, alguns com o traje característico, sobretudo um de *sombrero* negro, jaqueta com alamares, faixa vermelha, calças estreitas, em vez de costuradas por fora, na coxa, abotoadas com muitos botões metálicos em grampos e apertadas do joelho para baixo em polainas coloridas, de couro, atadas por longas correias, meio abertas para fora, deixando aparecer as asseadas meias brancas. O homem parecia uma figura de teatro.

Não ficou menos envaidecido que o desenhassem. Por outro lado uma senhorita segurou-o com firmeza pelo braço, enquanto o desenhavam e suava angustiosamente. Visìvelmente temia que, desenhando-o, lhe tomassem o homem, mais ou menos como Peter Schmihl perdeu a sua sombra. Quando o quadro ficou pronto êle sorriu, feliz, e, como prova de sua satisfação, deu uma forte palmada nas costas do pintor.

Entre as senhoras e senhoritas viam-se também boas estampas. Nem uma só beleza se achava entre aquêles rostos, na maioria côr de avelã; encantavam-nos, entretanto, os cabelos negros, os olhos escuros com longas pestanas entre sobrancelhas bem acentuadas e dentes de pérola por trás dos lábios sensuais. Meio embaraçadas, mas sem mêdo algum, examinavam a fragata. Ao ver a sala de nossa biblioteca, exclamou uma delas: "Nem em

Málaga se vê coisa semelhante!" Só ao sair, teve a boa gente um pequeno susto. No mesmo instante em que pretendiam dirigir-se aos botes, ouviram-se dois tiros na sala do comando, e as cornetas soaram, como se dessem um sinal de ataque. Quando, porém, no mesmo momento, a bandeira foi lentamente arriada, todos os nossos tiraram os bonés e a música tocou o hino da tarde, compreenderam a significação pacífica do sinal e desceram agradecidos e satisfeitos para seus botes. Realmente encantador o jovial grupo flutuante velejando contra o vento em seus ligeiros barquinhos e regressando às serras que escureciam.

Um maravilhoso luar cobria o mar e a terra; e a calma e o silêncio indicavam a aproximação da meia-noite, quando na "Novara" ecoaram o apito do contra-mestre e o grito "Todos ao convés!". O terral que desfizera a nossa miragem e trouxera e levara os nossos hóspedes andaluzes intensificou-se cada vez mais, de modo que o comandante deu ordem de zarpar; e, num momento, a noite tranqüila transformou-se no tumulto de uma fragata prestes a partir.

Girava o cabrestante da âncora, rangiam as pesadas correntes e os mastros e as ovéns fervilhavam de figuras escuras. Uma só palavra de comando fazia caírem tôdas as velas das vêrgas e, exatamente à meia-noite, a "Novara", como um claro meteoro atravessando o céu escuro, penetrou sussurrando no mar solitário.

A fragata deslizou tranqüilamente durante tôda a noite. Na manhã seguinte, tornamos a ver Gibraltar por trás de nós e de novo sentimos o efeito contrário da corrente; todavia avançamos lentamente e em pouco estávamos pela segunda vez bem em frente do estreito.

Mais de uma centena de navios de tôdas as bandeiras, formas e côres, favorecidos por um vento de leste, haviam abandonado os seus portos de refúgio e tentavam ganhar o oceano. Tôdas as velas, todos os cutelos, tudo o que podia apanhar vento se ostentava nos navios em marcha. Tôda uma esquadra se comprimia no estreito. Precisamente ao meio-dia, dobramos a Ponta da Europa e avistamos mais uma vez o imponente rochedo e a

Aspecto de Pôrto Alegre no tempo do Império. (De *Biografia duma cidade*, Tipografia do Centro S. A., Pôrto Alegre).

Baía de Algesiras, de onde haviam desaparecido quase todos os navios, inclusive a nossa "Caroline". Evidentemente os da corveta nos julgavam há muito no oceano. No mesmo momento levantou-se, forte, o vento de leste. Fazendo dez nós, a "Novara" penetrou no estreito. Passavam por nós, correndo, o Monte Scimie, Tânger, Tarifa e tôda a íngreme montanha calcária. Navegando em tôdas as direções, em leque, dispersaram-se os navios e saudamos, com entusiasmo, o Oceano Atlântico. Reconhecemos ao norte o Cabo Trafalgar e ao sul, atrás de nós, o Cabo Spartel.

Pela tarde, a Europa e a África desapareceram de nossa vista quase ao mesmo tempo.

Nos quatro dias seguintes, com um moderado noroeste, a "Novara" deslizou tranqüila e lentamente, na direção de oeste para o sul, rumo à Madeira, com largas e brandas vagas; embora sacudissem mais o navio, podiam essas vagas considerar-se brandas. Ainda que lentamente, a fragata subia e descia muito mais do que no Mediterrâneo: de modo que os passageiros sujeitos ao enjôo, apesar dos movimentos lentos, sofriam muito mais no oceano aberto do que no mar fechado.

Na tarde de 7 de junho, soprou o vento para nordeste e a fragata navegou a média de 9 a 11 nós durante quase tôda a noite. Na manhã seguinte estava longe, atrás de nós, Pôrto Santo e em frente a Madeira e as Desertas. Corria ao nosso lado a corveta "Caroline", que nos julgava há longo tempo na Baía de Funchal, pois a sua tripulação não notara o nosso regresso em 30 de maio.

Circundamos a deserta ponta oriental da ilha e ancoramos na Baía de Funchal, ao lado de uma corveta americana, a "Dale", e lá ficamos até 17 de junho, e cada um de nós à sua guisa contemplou paisagens ou colheu informações e conhecimentos.

Do ciclo mitológico de extintas civilizações da bacia oriental do Mediterrâneo procede a lenda de que, fora das colunas de Hércules, havia uma ilha feliz, de paz e primavera eternas, que, entretanto, no curso dos séculos afundara no seio do oceano.

Êsse mito pode expressar apenas a aspiração por uma terra de paz e primavera eternas — e em todos os tempos e em todos os povos houve almas nobres que sonhassem com uma ilha semelhante —; mas parece confirmar-se perfeitamente para quem, vindo do norte da Europa, saúda a Ilha da Madeira pela primeira vez.

Em qualquer outra parte do mundo difìcilmente poderia a vista ser atraída de tantos lados, recreada de tantas maneiras como ao aproximar-se da costa meridional da ilha, onde, sôbre a áspera montanha, no belo tapête verde entretecido de plantas se estende a graciosa Cidade de Funchal com suas inumeráveis vilas e apresenta todo o encanto de um abrigo feliz, modesto e todavia grandioso, em cujas paredes negras de basalto se quebra desarmônicamente o mar sempre em movimento enquanto, sempre em serena tranqüilidade e em silenciosa paz, permanece, em cima, o céu azul.

Entretanto, por mais que empolguem, neste quadro encantador, as alcantiladas encostas de pedra, as bonitas casas de campo, o céu ou o vasto mar onde sempre vão e vêm velas e bandeiras de variadas formas, — tudo isso é largamente excedido pela vegetação da Madeira, desde a praia aos escarpados picos rochosos: — maravilhoso propileu para entrar-se no partenão das impolutas florestas virgens sob o céu tropical.

Confirma essa afirmação um simples passeio, como o que fiz em 13 de junho com um amável amigo de bordo da "Novara".

Contemplando a vegetação da Madeira, em geral não nos preocupamos — e no atual estado de alta cultivação da ilha seria vão fazê-lo — em saber como em uma deserta massa basáltica, no meio do mar, podia formar-se tão variada coberta de plantas: se insetos ou pássaros teriam transportado os primeiros germes para as rochas, ou se violentas tempestades, vindas de longe, teriam deixado cair aqui partes vivas de plantas, ou se o oceano, em sua contínua circulação, teria trazido frutos e sementes para a praia. Tão pouco nos preocupa determinar precisamente a vegetação própria da ilha, quando o homem lá che-

gou pela primeira vez e as plantas para lá depois transportadas ou o que proliferava antes na sua parte baixa e hoje restringida à elevada pelo cultivo ou vice-versa. Preferimos deixar êsses agudos problemas ao ôlho entendido do botânico oficial da "Novara" e, despreocupado e tranqüilo, como se nos apresenta tudo nas plantas, lançar a nossa vista sôbre as encostas.

Antes de tudo, quem tenha visto a região, onde domina a cultura do vinho e onde a videira dá o tom à vegetação, concederá o prêmio da beleza à Madeira, a primeira entre tôdas as ilhas vinícolas. Por isso mesmo anotarei aqui que os vinhedos da Madeira, atacados, infelizmente, desde alguns anos, pelo oídio, penetram em tôda parte onde haja qualquer cultivo.

Basta! Logo ao desembarcar, recebem-nos as sombras benéficas de viçosos e ramalhudos carvalhos e vigorosos plátanos, sob os quais, depois de uma viagem marítima, esplêndidamente se passeia; mormente entre os últimos, lá onde êles — num leito de rio quase sêco e cheio de grandes calhaus, que conta uma longa história da revolução causada pelas impetuosas torrentes serranas e, no entanto, no momento, em profunda paz, nutre viçosas mamoneiras, majestosos caládios e fetos ornamentais — levam o viajante da Cidade de Funchal a regiões mais livres, de onde cômodamente se contemplam encostas e pomares.

Com vigor juvenil, como o deus a que são consagrados, audazes loureiros se erguem sôbre as plantações. Juntam-se-lhes canforeiras e caneleiras. Perto dessas árvores de aparência um tanto estranha descobrimos amendoeiras, pessegueiros e todos os representantes de nossas fruteiras alemãs, entre as quais se achavam também, no solo, framboesas e amoras silvestres. Ao todo se entrelaça um labirinto de odoríferas rosas, cravos e caprifoliáceas, muito sobrelavadas pelas acácias e robínias e sobretudo por magníficos aloendros, cujas soberbas flores, à noite, quase nos anestesiam o olfato.

Além disso, a florescência de tôdas as variedades de laranjeiras! Botões, flores abertas, frutos verdes e laranjas douradas ornam ao mesmo tempo as magníficas árvores de folhagem escura, a que se junta também, aqui, a virginal murta. A Madei-

ra é, pois, aquela terra "wo die Zitronen blühn, im dunkeln Laub die Goldorangen glühn" (*), como diz a saudosa e apaixonada canção.

Com o odor das laranjas se mescla o hálito das soberbas flores das magnólias. Em sua plena pureza branca ostenta-se a grande flor nas pontas dos galhos, apoiada nas espêssas e brilhantes fôlhas verdes.

Vi também uma flor extraordinàriamente grande de *philadelphus* e flores purpurino-escuras de romãzeiras, a cuja vista sorriem as mulheres meridionais. Dos lábios purpurinos da flor irrompe a mais ardente confissão de amor e de paixão, que tudo dá e tudo aceita.

Choram, porém, em lugares mais sérios, os salgueiros babilônios com admiráveis ciprestes sôbre os túmulos e negras tuias relembram a morte.

E bem perto dali um novo quadro da vida tropical! Aqui e ali se elevam, entre as moitas, esbeltas tamareiras. Graciosamente se movem as palmas ao vento e, ao longe, brilham os louros cachos de frutos.

A elas se associam vigorosos bambus e magníficas bananeiras, tamanhas como iguais nunca vi na zona tropical; recebi de presente um cacho de bananas com 230 frutas, que eu mal podia soerguer. Um homem teve de conduzi-lo no ombro para o bote.

Sem frutos, aliás, porém não menos ornadas de côres, ostentavam-se ao lado das viçosas bananeiras — suas parentas próximas — estrelícias e helicônias, a perfeita elegância da vegetação meridional na forma das fôlhas e na florescência. Todavia rivaliza com elas, cultivada aqui e ali, a tão olorosa quanto colorida alpínia, cujos cachos de flores pendem com abundância entre as largas fôlhas ensiformes e exalam forte cheiro de cardamomo.

(*) Palavras da balada *Mignon*, de Goethe, cujo primeiro verso é: "Kennst du das Land wo die Zitronen blühn?" ("Conheces o país onde florescem os limões?"). Refere-se à Itália, pátria de *Mignon*. A poesia foi musicada por Beethoven e outros compositores e traduzida em várias línguas, inclusive em português. — N. do T.

Nos lugares secos e quentes medra o aromático ananás. Ali deita a agave o seu enorme pedúnculo da flor e as grandes massas de cactos fornecem os seus frutos agradáveis, mas pouco estimados.

A azeitona também medra na Ilha da Madeira; medram excelentemente o cafeeiro e a cana de açúcar; aliás o café madeirense, que tomei na ilha, pode rivalizar com as melhores qualidades. Bem perto dos cafèzais e canaviais são cultivados o *caladium esculentum* (*), a *maranta arundinacea* (**) e depois a cevada com espigas extraordinàriamente grandes e ainda milho e arroz. Ocorrem ainda a vagem-de-São-João e o tamarindo, bem como a figueira. Até a rainha das frutas, a manga, que sabe a terebintina, amadurece entre a densa folhagem de belas mangueiras.

Vê-se também na Madeira a forma mais original de tôdas as plantas tropicais, a *carica papaya* (***). Do tronco, geralmente sem galhos, pendem, por baixo de uma copa de grandes fôlhas muito recortadas, os frutos amarelos, aboboriformes, insípidos como alimento, porém bom vermífugo. Não devemos tão pouco esquecer o maracujá, que se vê em tôda parte enroscado em caramanchões e latadas — a mais brilhante das passifloras — que ao lado de magníficas flores produz frutos ovais com uma geléia em tôrno das sementes.

Crescem igualmente na ilha o linho e o algodão. Mesmo a amoreira é plantada por causa da cultura da sêda, que ainda é escassa. Em regiões medianamente elevadas erguem-se nogueiras, nobres castanheiras, esplêndidas faias e a vide, que gosta de trepar nas vigorosas árvores.

Basta, porém, de enumeração! Seria talvez mais breve nomear as árvores não encontradas na Ilha da Madeira; e sem dúvida poderia afirmar que quase todos os produtos do norte e da zona tropical se acham reunidos nos felizes pomares da Madeira. Além disso se vê a jovem, fresca e viçosa vegetação surgi-

---

(*) Taioba. — N. do T.
(**) Araruta. — N. do T.
(***) Mamoeiro. — N. do T.

da em grande parte das cinzas de um mundo vegetal outrora submerso.

Assim, não podemos definir, nem descrever os encantos de um pomar da Madeira e sobretudo os arredores de Funchal. O céu lindo, a bela paisagem do solo, o verde imaculado da folhagem, a viçosa florescência, cujo aroma é conduzido pela brisa e com fôrça mágica invade a terra e o mar, montes e vales: tudo isso nos encanta e delicia a alma. Se, ademais, nasce a luz por trás das massas encandescidas da serra oriental e banha tudo com a sua luz argentina, então surge na alma humana um maravilhoso mundo de encantamentos. Empolga-nos o feitiço da noite enluarada e o Vale de Cachemira com a sua festa de rosas e a sua música de Nurmahal exala perfume e sussurra em tôrno da linda capital da Madeira.

Impressiona-nos ainda a Madeira pela profunda desolação, pelo aspecto de natureza morta.

Lá em baixo, a aromática flora dos jardins, os inúmeros vinhedos, os alegres campos de cevada e nós seguimos veredas solitárias, sem nenhum cultivo. O estreito caminho continua subindo, as íngremes encostas cobrem-se apenas com grama rala, e os sussurros do vento nos pinheiros nórdicos me recordam a pátria. Belos arbustos de digital completam o quadro do Harz germânico, empanado pela estranha presença das fúcsias em flor.

Exatamente onde cessa a região florestal, serpeia a vereda num ressalto da serra e surpreendem-nos abismos hiantes. De alto a baixo a ilha aqui está inteiramente morta; as escuras massas basálticas, muito separadas umas das outras, formam, em suas paredes íngremes, a pique, milhões de fendas, ângulos e arestas. Nos perigosos abismos não há a vida alegre dos vales, mas o silêncio de um mortal precipício; tudo é quieto, solitário, desolado e extinto. Grandes pedras cobrem o solo como enormes lápides tumulares de extintas fôrças da natureza.

A vereda desvia-nos dêsse precipício para de novo mostrá-lo de um ponto ainda mais alcantilado. Relva curta, uma bonita brisa, pequenas verônicas, silêneas, ericas em flor, freqüentemente com desenvolvimento aéreo, pendem das paredes e ba-

louçam-se sôbre o abismo. Aqui e ali uma cabra sobe o alcantil; uma fonte límpida de deliciosa água potável desce, murmurando, para o fundo e nas suas proximidades úmidas nos contemplam compatrícias miosótis. Muito em baixo adejam falcões espreitando prêsas.

É isso tudo o que se descobre de vivo. O eco múltiplo que qualquer grito provoca neste báratro sinistro é pior que mortal solidão.

Continuamos a andar a pé, cautelosamente, bem perto do abismo a pique; quem ali caísse, se despedaçaria nas múltiplas anfratuosidades. No solo vulcânico segue-se às vêzes com muito esfôrço e dificuldade a estreita vereda, sôbre a qual pendem, ameaçadoras, negras massas basálticas. Aqui, a algumas centenas de pés, eleva-se altaneiro um pico, chamado pelo guia Pico da Serrada; de três lados descortina-se, abaixo dos seus 1.500 pés de altura, um vale cercado de massas basálticas a pique.

É o Curral das Freiras, o Curral Grande da Madeira, a velha cratera da ilha, há muito extinta. De suas profundidades já não se levantam colunas de vapor, nem cheiro de enxôfre; no fundo já não se descobre vestígio de cone ou acumulação de cinzas. Quando deixou de subir a terra em chamas, pode ter sucedido aqui como anteriormente com o Altar, o outrora poderoso vizinho e rival do Chimborazo, ou com o Timbora em Sumbava no ano de 1815; que tudo, que não era firme como aquelas massas de basalto, se tenha precipitado no abismo; no decorrer dos séculos as águas das chuvas e da montanha lavaram as cinzas e conduziram consigo tôdas as matérias leves pelas fendas do dorso da montanha, ficando apenas grandes moles, entre as quais medrou, a pouco e pouco, escassa vegetação. E hoje tão tranqüilo é o completo estado de desolação desta antiga cratera, tão pouco desperta a idéia de irromper de novo o fogo do abismo que, exatamente no centro do precipício, na profundidade da solidão rochosa se edificou uma capela de romaria, dedicada a Nossa Senhora do Livramento, aonde leva uma vereda que desce, serpeando, entre as paredes negras.

Precisamente atrás do Curral das Freiras, sobem as massas rochosas ainda mais a pique e alcançam, no Pico Ruivo, a 6.000

pés acima do nível do mar, ponto culminante da ilha, dêste lado inacessível, fazendo-se, porém, a ascensão pelo lado do norte. Chama-se Pico Ruivo por causa das rochas avermelhadas existentes no cimo. Cinco pedaços de lava, que apanhei no alto do Pico da Serrada, têm todos densidade diferente, apresentam a mesma côr avermelhado-escura e são de natureza vesicular. Um dêles tinha quase a leveza da pedra-pomes.

Por muito tempo não me pude separar do meu alcantilado belveder no Pico da Serrada, guindado do precipício como uma espécie de botaréu. Muito me impressionava o terrível silêncio do abismo negro. Começaram porém a vir do mar massas branquíssimas de nuvens que, atravessando a vereda rochosa, subiram ao Curral em loucos torvelinhos e, em pouco, o abismo negro se transformou em ondulante e branquíssimo lago de espuma, movendo-se, lá em baixo, silencioso e belo na mole sombria de basalto.

Era tempo de pensar no regresso. Em pouco estávamos dentro de uma camada de nuvens, — era precisamente numa floresta de pinheiros — em que nos molhamos, a ponto de por um momento, na névoa fria, debaixo das coníferas, gozarmos a sensação de um genuíno fim de outono nórdico nas serras da Madeira.

Depois de dura cavalgada, de novo nos encontramos na aprazível zona cultivada da ilha. Lá no fundo, as espumosas ondas do oceano batiam na praia rochosa e o trovejar dos canhões saudava os navios de guerra ancorados no pôrto.

Essas excursões a pontos interessantes da ilha fazem-se, em parte, em poucas horas. Nossa Senhora do Monte, uma igreja situada acima da cidade, e o Camacho, envolto em nuvens, oferecem vistas encantadoras. Há na Madeira, sobretudo em algumas colinas da praia, caminhos na rocha que figuram entre os melhores na audácia e na beleza.

Nesse belo cenário, em que parece ter a natureza preparado uma perfeita obra prima, o povo da Madeira não representa papel feliz. Poderia parecer imprudente, e de fato o é, querer julgar, a todos os respeitos, os habitantes de uma cidade, só pelos vistos nas ruas, pois êstes são apenas uma fração daqueles. Há,

porém, uma festa, na Cidade de Funchal a que acorrem todos os habitantes da ilha que possam sair de casa; é a festa do Corpo de Deus, a que assistimos em 11 de junho.

De fato, tôda a Madeira parecia presente. A longa Praça do Hospital, arborizada com plátanos e carvalhos, em cuja extremidade há uma igreja, apinhava-se de gente que esperava a procissão. Mas em tôda a massa popular reunida nada havia de belo. Rostos duros, ossudos, requeimados, cujas testas chatas com o cabelo penteado para baixo ainda se tornam mais apalermadas; inexpressiva imobilidade dos olhos, pequena estatura, marcha pesada — pareceram-me os traços principais dos madeirenses e das madeirenses também. Os graciosos traços de curiosidade, alegria, expectativa e travêssa garridice, tão comuns nas mulheres e moças do povo quando aparecem para ver e serem vistas, não se descobrem nas mulheres de Funchal. Indiferentes, de pé, ajoelhadas ou sentadas no chão, contemplavam a procissão. Mas, se a procissão não viesse, isso absolutamente não as perturbaria.

Entretanto, não é feio o traje popular das moças. Usam vestido listrado de vermelho, amarelo e azul e uma pequenina mantilha de lã, vermelha ou azul, com o colarinho abotoado com grampos verdes. A isso se podia acrescentar o gorro de bico, mas as mulheres trazem lenços de cabeça, brancos, que parecem muito limpos.

O gorro de bico madeirense! Na realidade, querendo-se descrever em uma só palavra, o traje nacional madeirense, basta enunciar o vocábulo gorro. Não se pode descrevê-lo, nem musicá-lo, nem tão pouco desenhá-lo ou pintá-lo. Temos de vê-lo na cabeça de um madeirense, uma só vez, para nunca mais esquecê-lo.

Consta de um pedaço de pano azul, redondo, forrado, de cujo centro se eleva uma pequena cauda de umas oito polegadas de comprimento, feita do mesmo material. Geralmente é usado na parte posterior da cabeça, onde assenta como uma idéia fixa, e a pequena cauda eriçada no ar produz um grande e audaz efeito! Certamente Lichtenberg, se tivesse passado uma temporada na Madeira, o teria caracterizado e ilustrado, como

o fêz aos estudantes de Göttingen; e, em seu trabalho, teríamos uma monografia tão característica, para a Madeira, como o célebre trabalho de Leopold von Buch sôbre as vizinhas Ilhas Canárias.

Ainda menos proteção do que a cabeça tinham os pés da boa gente. Tôdas as moças do campo andavam de pés descalços, mas algumas traziam sapatos e meias debaixo do braço e mostravam sem nenhuma cerimônia os pés chatos e sujos, com o grosso tornozelo. Quão feias deviam ser as figuras que tão feiamente terminam!

A procissão passou sem devoção e sem ordem. Saindo da igreja ricamente dourada, onde há quadros bastante bons, o cortejo foi saudado pelos canhões, fazendo-se ouvir uma péssima banda militar. Finalmente desfilaram também algumas tropas, cujo porte pedia muita indulgência. Mas, com o tempo magnífico e a paisagem natural, estava tudo muito bem. Apenas os homens não deviam ser tão feios.

Nas classes bem educadas a gente, na Madeira, apresenta também melhor aspecto e melhores côres.

Em homenagem aos navios de guerra austríacos, o cônsul da Áustria na Madeira, um senhor Bianchi, ofereceu um grande baile. E, embora só muito provisòriamente pertencesse eu à "Novara", declaro, todavia, que o amável hóspede e suas graciosas irmãs, damas de notável beleza, mereceram os agradecimentos dos oficiais austríacos. Entre os visitantes encontramos gente fina, atenciosa e modesta que enchia a casa. E se nos pareceu também aqui ser pequena, numèricamente, a beleza das mulheres, isso dependeu claramente de que predominava, na sala do baile, a magnificência das flores da Madeira. Jamais esquecerei a onda de cravos, rosas, flores de laranjeira, *philadelphus* e magnólias, cujo aroma inundava tôda a casa.

A hospitalidade da gente da Madeira de modo algum era meramente oficial. Pelo menos, encontrei-a em muitos que nada tinham a ver com nossa bandeira e a quem pessoalmente agradeço momentos muito agradáveis, embora apenas em encontros rápidos e fugidios. Recebi a bordo amáveis visitas de famílias. Infelizmente só com grande constrangimento, pois sabia minha

posição a bordo e os visitantes conheciam o meu nome e a minha família, que por alguns anos vivera na Madeira. Em terra, passei horas muito agradáveis no amável círculo da família do senhor Welsh e o gloriosamente conhecido Dr. Pitta mostrou-me como, do modo mais gentil e modesto, se reúne um alto talento científico com as boas maneiras e a perfeita polidez de um cavalheiro.

Devo-lhe muita informação interessante sôbre as condições patológicas da ilha e os excelentes estabelecimentos hospitalares da Cidade de Funchal.

O hospital geral da Madeira é um edifício velho, mas limpo e aprazível, de aparência claustral. Embora, à primeira vista, apenas pareça suficiente, satisfaz, entretanto, os seus fins.

Tem uma secção médica e uma secção cirúrgica. Na última, travei conhecimento com o médico chefe da estação, Dr. Juvenal de Ornelas, homem grave e culto, perfeito conhecedor do francês e que com muita afabilidade me levou a todos os seus doentes.

Grande número de casos eram conseqüências da escarlatina. Depois de, durante dezenove anos, não ter ocorrido nenhum caso desta moléstia na venturosa ilha, trouxe-a para a Madeira uma escuna sueca. A doença desceu para terra e durante meses causou consideráveis estragos; após um ano apenas (1856), a cólera arrebatara oito mil vítimas entre os 60.000 habitantes.

Ambas as tristes ocorrências interessam ao epidemiólogo. Uma prova a transmissibilidade da escarlatina de Hamburgo para a Madeira, até a distâncias longínquas; a outra, além da transmissibilidade, a ocorrência, aliás violenta, da cólera num solo que nenhum vestígio apresenta de natureza pantanosa. Não há notícia de febres intermitentes na Madeira. Depois que vários médicos se deram conta do tipo de febre intermitente, sobretudo nas regiões tropicais, é justo separar a verdadeira febre intermitente, a dos enfermos, da imaginária, que têm os doutores: de onde, também na epidemia de cólera na Madeira, resulta, por si mesma, a acentuada diferença entre a cólera e a febre intermitente.

Os vários doentes em conseqüência da escarlatina sofriam das mais diversas formas de hidropisia, de afecções cardíacas, de inflamação e necrose do tecido celular em tôrno da parótida e tinham todos má aparência. O tratamento era perfeitamente judicioso.

O chefe da secção cirúrgica é, pois, o Dr. Pitta, homem que fêz os melhores estudos na França, especialmente em Montpellier, renomado médico e cirurgião. Os últimos anos atraíram-no um tanto para a política; estêve várias vêzes em Lisboa como deputado.

Mostrou-me também todos os seus doentes, revelando grande saber e decisiva firmeza de ação. Entre suas operações houve casos notáveis. Muito perniciosa era, naqueles dias, a predisposição para a gangrena em ferimentos e amputações, evidentemente ligada às afecções do tecido celular dos doentes de escarlatina. Vi três casos de gangrena completa das extremidades, nos quais o Dr. Pitta, com decisivo êxito, procurava provocar uma linha de demarcação por meio de um vesicante cinguliforme. Foram aplicadas com felicidade injeções de tintura de iodo diluída.

Funciona no próprio hospital uma escola de medicina, na qual, sob o nome de cirurgiões, são formados médicos para as necessidades dos habitantes da ilha. Não em Funchal, mas nas regiões remotas da ilha faltam médicos pròpriamente ditos. Os camponeses e jornaleiros dispersos são pobres e não podem remunerar um médico, como se faz na Europa. Recorreu-se assim a uma modesta classe de médicos, sôbre os quais o Dr. Pitta se externou mui favoràvelmente. O número dêles parece ter aumentado nos últimos anos, pois é fato que na epidemia de cólera muitas pessoas pereceram sem nenhuma assistência médica.

Criou-se da mesma forma um pequeno instituto de parteiras.

As preleções aos estudantes de medicina realizam-se na sala da biblioteca do hospital. A biblioteca não é pequena e sem dúvida mais do que suficiente para sua finalidade. Até uma pequena coleção de preparações em álcool, para o estudo da ana-

tomia patológica, me mostrou o inteligente e ativo diretor da instituição.

Além de tudo isso, dá consultas gratuitas, no hospital, às quais comparecem todos os doentes pobres, que recebem os medicamentos da farmácia do estabelecimento.

Levou-me depois o incansável amigo ao Hospício de Dona Amélia, instituição para tuberculosos pobres, fundada pela duquesa de Bragança, imperatriz viúva do Brasil, quando falecera de tuberculose, na Madeira, a princesa brasileira dona Amélia.

O edifício era ainda provisório; o verdadeiro estava em construção. O atual, entretanto, é uma casa muito bonita, extremamente limpa e apropriada e, como a maioria das casas de Funchal, fica em sítio muito sêco.

Uma "regente" e suficiente número de enfermeiras cuidam da economia e assistência do instituto, cuja direção médica cabe ao Dr. Pitta. Escritura-se um diário de todos os casos de doença, com minúcia e exatidão. Em casos de morte, os cadáveres são examinados na sala de autópsias e o laudo registrado no diário da casa.

Nada deixa a desejar o Hospício de Dona Amélia e dêle saí inteiramente satisfeito. Num clima paradisíaco, onde a caritativa magnanimidade de uma princesa dá oportunidade plena a um talento médico para agir em prol dos pobres e sofredores, a gente sai consolado e alegre de um hospital, embora a natureza da doença ofereça pouca esperança de uma cura perfeita.

O chamado Hospital Militar de Funchal parece achar-se em condições desoladoras. De um lado a Madeira tem uma guarnição muito reduzida e, do outro, o hospital da cidade, sobretudo pela personalidade do Dr. Pitta, basta para tôdas as eventualidades.

Chega, porém, de assuntos médicos. A quem quiser informar-se sôbre tudo isso, aconselho sobretudo as obras do Dr. Mittermaier e do Dr. Barral, a primeira, escrita em alemão e a segunda, em português. Ambas apresentam, em linguagem clara e espirituosa, a situação da Madeira.

A muitos respeitos, a Madeira me atraiu, empolgou e encantou, mas também me deu motivo para muitas observações

contristadoras. Vê-se também ali o que se manifesta em tôda a monarquia portuguêsa, da Europa à China: decadência geral!

O povo na Madeira está em decadência física e moral. O mau resultado da colheita do vinho nos últimos anos, a dura epidemia da cólera e, sobretudo, a debilidade da pátria trouxeram à ilha enorme pobreza, pobreza ou desmoralização, conforme se prefira dizer ou explicar. Em Funchal isso pouco se observa; ali um ganha do outro e os estrangeiros que chegam, geralmente ricos, mantêm muita gente. Mas no interior da ilha estão todos empobrecidos e tão na ordem do dia está a mendicidade, que se vêem famílias inteiras, os pais e seis a oito filhos, sentados à beira da estrada e apelando para os viajantes ou transeuntes. Quase poderia afirmar-se que a instrução das crianças não vai além de aprender a esmolar um xelim em língua inglêsa. Muitos homens emigram para o Brasil. As mulheres e moças ganham a vida fazendo renda grosseira e flores artificiais que, com outras flores, procuram vender aos homens o mais caro possível.

As famílias de melhor condição parece desaparecerem uma após a outra. Muitas embarcam para Lisboa e deixam em Funchal, vazias, as suas casas fideicomissárias, pois tais casas de família não devem ser vendidas. Tive, assim, ensejo de ver a grande casa do Conde de Caravalhão. É quase um pequeno palácio, em que se enfileiram salas e mais salas e até um pequeno teatro, contíguo à sala de orações da casa. A vista de cima da casa é magnífica; mas, por mais que se suba, não se encontra vivalma; o Conde está na Europa e um único porteiro ocupa a vasta residência.

Muitas rendas, provenientes das propriedades na ilha, são, pois, dispendidas em Portugal e mesmo em Paris e assim são subtraídas muitas fôrças da ilha já sacrificada.

É muito espalhada entre o povo a opinião de que se a ilha fôsse governada pelos inglêses seriam remediados muitos inconvenientes, o empobrecimento e a desmoralização. A opinião é mais fácil de dar que de provar. Quem não pode ajudar a si próprio, não pode ser muito ajudado mesmo por outro govêrno bem ordenado. Sob administração inglêsa ter-se-ia mais traba-

lho inglês, mais atividade inglêsa do que se tem atualmente, mas os portuguêses não suportariam a concorrência dos anglo-saxões.

No dia 17 de junho redigi o meu pedido de demissão a Sua Alteza Real e Imperial, o nosso Sereníssimo Comandante Superior da Marinha, Senhor Arquiduque Ferdinando Maximiliano e uma hora depois, às 11 horas da manhã, zarpou a "Novara". Seguiram-na imediatamente a corveta "Caroline", ao mesmo tempo a corveta americana "Dale" e um paquete inglês, a vapor, para o Rio.

Nos primeiros dias o vento não foi favorável. A "Novara" adiantou-se pouco em sua viagem despida de acontecimentos e que, dadas as condições reinantes a bordo, absolutamente não era divertida. Em 27 de junho, quando nos encontrávamos a 27º de latitude setentrional, apareceu, afinal, a monção de nordeste e tornou a animar-se todo o cenário. Balançando ligeiramente, a fragata avançava com todo o impulso das velas e cutelos; calmas e ritmadas moviam-se, descendo e subindo, as ondas azuis; corríamos cinco a oito nós e parecia-nos estar num lago levemente agitado. Surgiram cardumes de peixes voadores. Fisálias de côres magníficas passaram, brincando. Avistamos muitos exemplares do *glaucus* lindamente azul. Num momento de calma apanhamos alguns dêles.

Nos dias seguintes intensificou-se cada vez mais a monção do nordeste e corremos às vêzes mais de dez nós e, embora o oceano não apresentasse novos fenômenos dignos de nota, a lenta ascensão das constelações meridionais e o gradual descenso das setentrionais eram emocionante objeto das observações noturnas feitas em comum.

A 16º de latitude setentrional recebemos numerosas visitas de atuns, vários dos quais pesando cada um de 12 a 15 libras foram apanhados por meio de arpões. Êstes peixes são vistosos como borboletas. Têm desenhadas nos flancos brancos três listras negras e nas costas escuras quadrângulos de um verde-azulado cambiante. Mas logo que o peixe morre, extingue-se o brilho cambiante, ficando apenas um desenho pálido.

A 12º 9' de latitude setentrional, um vento abafado; formaram-se nuvens, caíram alguns aguaceiros, amainou por algumas horas e pouco depois caiu completa calmaria. O oceano resplandecia claramente e apreciamos magníficos panoramas noturnos. Quantas vêzes se tem falado do esplendor de uma viagem em navio entre os trópicos, sob o luar do quarto crescente! E entretanto o lado escuro dessas noites é muito imponente, como sucedeu no dia 5 de julho, por exemplo. O horizonte do mar estava negro como azeviche. Surgiu depois, no céu, uma cinta mais clara, cinzenta, sôbre a qual um halo de nuvens negro-escuras. De rasgões dêsse espectral meteoro caíam a pique raios da lua sôbre o mar em que a "Novara", como um cavalo assustado, arfava e empurrava para a frente as espumosas ondas.

Tais quadros mereciam ser vistos.

Nos dias seguintes sopraram ventos de su-sueste e trouxeram-nos claríssimas noites de lua cheia. Sem embargo, por mais claro que brilhasse o luar, podíamos reconhecer distintamente o Cruzeiro do Sul; e a α do Centauro, a mais bela estrêla dupla de todo o céu, irradiava maravilhosa claridade.

Quando estávamos a 7º de latitude norte e 30º de longitude oriental de Greenwich, longitude em que se pode cortar a linha do Equador, a monção de sudeste ganhou plena atividade. Além disso, a corrente equatorial do Atlântico, que flui para noroeste, se tornou muito forte e então começou uma navegação complicadíssima, de cujo labirinto o próprio Netuno — que chegou a bordo em 14 de julho e que nos ajudou com um enorme batismo do mar em 15 de julho, a 34º de longitude ocidental de Greenwich, no Equador — não nos pôde tirar, pois nos deixou ir, de 2º de latitude setentrional, até 35º de longitude ocidental.

Por mais digno de nota que tenha sido o curso da "Novara" de 7º de latitude setentrional até à latitude de Pernambuco (de 8 a 25 de julho) e por mais exatamente que eu o tenha anotado, até em seus últimos detalhes, em meu diário, não o quero copiar e comentar aqui, pois tudo isso pertence à viagem de circunavegação, à fragata e, para instrução náutica em geral, certamente será minuciosamente analisado no relatório da "Novara".

Nas proximidades das Rocas e de Fernando de Noronha fomos acompanhados por andorinhas do mar *(sterea)*. Na noite de 18 para 19 de julho, navegamos entre os referidos rochedos e a ilha, o mesmo estreito que atravessáramos em fevereiro de 1855, então viajando para o norte, e em 21 de julho tivemos uma tempestade muito violenta, de modo que a fragata teve de navegar só com as duas velas de gávea rizadas e a vela de joanete e de suportar vagas bastante fortes. Com êsse tempo encontramos o paquete inglês a vapor de regresso para a Europa, o mesmo que na manhã de nossa partida da Madeira se fizera ao mar — vista cheia de sentimentos dolorosos para nós e, certamente, de bom humor para os inglêses.

Afinal, em 24 de julho, depois de têrmos errado no mar, desde a Madeira, por trinta e nove dias, foi avistada terra, provàvelmente a Ilha de Itamaracá.

Na manhã seguinte reconhecemos exatamente o Cabo Agostinho pela sua igreja de tôrre pontiaguda e pelas suas palmeiras. Em 28 de julho cortamos o equador magnético. Foi um dia admirável, com o céu sem nuvens, ligeiramente agitado o mar azul-escuro; passou pelos mastros uma rajada de vento fresco; a fragata apenas parecia mover-se. Em 31 de julho, o mar estava liso como um espelho; ainda não tínhamos visto um mais belo nascer-do-sol.

A tranqüilidade do mar e a proximidade dos Abrolhos atraíram alguns animais. Apareceram copépodos azuis, aplísias, pequenas formas poliposas em algas e percevejos-do-mar que justificam plenamente o seu nome de halóbatos, pois andam mui hàbilmente sôbre a água. Foi apanhado um peixe belíssimo, o *balistes vetula,* mas perdeu a beleza depois de morto.

O pequeno e perigoso grupo de Ilhas dos Abrolhos — *abra olhos* — tinha, nas suas proximidades, 35 toesas de profundidade; o mar ficou verde e todos nos alegramos com o pensamento de que embora ainda não tivéssemos à vista o continente americano, já o podíamos ver assomando por entre as ondas.

Mas só em 3 de agôsto avistamos a costa tão ardentemente desejada. Achávamo-nos a leste de Cabo Frio. Um vento desfavorável deteve-nos tediosamente no mar e debalde tentamos na-

vegar, bordejando. O longínquo sinal luminoso do cabo convenceu-nos, à noite, de que ainda estávamos bastante longe.

Em 5 de agôsto, pela manhã, encontrávamo-nos perto da Ilha Maricá. Entretanto havia nuvens cinzentas sôbre o pico granítico e calvo. O panorama magnífico, verdadeiramente grandioso, estava embaciado e os viajantes não puderam gozar um dos mais belos espetáculos, que é velejar na costa do Rio de Janeiro.

Com vários outros navios seguíamos lentamente para a célebre entrada de Santa Cruz e reconhecemos na praia, do lado esquerdo, o Gigante-que-dorme. Palmeiras balançavam-se ao vento e um verde encantador cobria as encostas da linda praia, que apresentava sempre novas formas e figuras, sempre mais louçania.

Mas, das frestas dos canhões da bateria, onde tínhamos de ficar enquanto o navio entrava, não se podia observar o panorama, nem senti-lo e gozá-lo. Pelas 2 ½ passamos abaixo dos baluartes de Santa Cruz e pouco depois as pesadas correntes das âncoras da fragata desciam, rangendo, na Baía do Rio de Janeiro.

Vieram a bordo velhos conhecidos; o real e imperial consulado austríaco mandou-me cartas chegadas da pátria; chegaram dois queridos irmãos... Basta a êsse respeito.

Quis o destino que durante todo o tempo da estadia da fragata no Rio, eu ainda ficasse a serviço a bordo, de modo que não pude cuidar em terra, como desejara, dos amigos que fiz a bordo.

Creio, entretanto, que os oficiais e naturalistas da fragata "Novara" foram amàvelmente recebidos no Rio. Foram vistos com simpatia nos lugares onde estiveram e estou convencido de que se regozijariam de achar-se mais uma vez no Rio de Janeiro.

Quanto a mim, foi inesquecível a minha recepção no Rio de Janeiro. Mais do que tudo me foi agradável que Sua Majestade o Imperador, quando, depois de uma ausência de vários anos, ousei a êle apresentar-me de novo no Palácio de São Cristóvão, se dignasse mostrar-me, como antes, a sua graciosa condescen-

dência e inequívoca simpatia pela minha situação a bordo da "Novara".

Quando, quatro dias antes de partir do Rio a "Novara", fui dispensado do serviço de bordo, Sua Excelência o Senhor Marquês de Abrantes, sem nenhuma dificuldade, tornou a investir-me em minha antiga atividade como médico da secção de estrangeiros da Santa Casa da Misericórdia. Na mesma manhã em que a fragata deixou o Rio, fiz eu minha primeira visita hospitalar, como durante treze nos, fizera anteriormente.

E como no meu antigo pôsto tudo correu bem e agradàvelmente, nunca duvidei um só momento de que nem Sua Real e Imperial Alteza o Senhor Arquiduque Ferdinando Maximiliano, nem Alexandre von Humboldt, o nobre, o grande, nem o Dr. von Haidinger e von Patay tenham querido ou sabido que eu fôsse deslocado de minha posição a bordo da "Novara". Assim perde completamente o sentido a frase que, muito sèriamente, me disse o Dr. Scherzer, ao separar-nos: "Perdoe e esqueça!"

Por isso, nenhuma queixa nem acusação perante o público! A expedição da "Novara" arranjar-se-á por si mesma. Prestará grandes e nobres serviços, se fôr dirigida e conduzida por grandes e nobres elementos; e o será, assim queira Deus, para honra da imperial bandeira de guerra austríaca.

"Não se torne o Chamisso (*) da viagem de circunavegação" — exclamou um amável e espirituoso amigo, quando eu partia de Lubeck.

"Isso nunca" — foi a minha resposta. Pois nem todos os que viajam ao redor do mundo são iguais a Chamisso. Por mais que eu admire e venere aquêle inteligente e amável francês, há uma coisa que não lhe perdôo — é que não tivesse renunciado à viagem de circunavegação com o comodoro Kotzebue e seguido o seu caminho sem o *Rurik,* para onde e como entendesse.

(*) Refere-se ao literato e cientista alemão, francês de nascimento, Adelbert von Chamisso, aliás Louis Charles Adelaide de Chamisso (1781-1838). Chamisso fêz a viagem de circunavegação no navio *Rurik,* sob o comando do navegante russo Otto von Kotzebue (1815-1818). — N. do T.

Quem compartilhar dêste meu sentimento, compreenderá as breves linhas que escrevi, imediatamente antes de deixar a "Novara", no livro de lembranças de um companheiro de viagem. Por menos cunho poético que tenham, interpretam bem a situação:

Ich habe stets nach Freiheit hingestrebt,
Nach Freiheit, Luft und Licht und grünen Bäumen;
Ich mochte gern auf blauen Höhen träumen,
Wo durch die Wolken Schaum der Adler schwebt.

Drum hat gar oft mein freies Herz gebebt
Vor Zorn und Hohn in unseres Krigsschiffs Räumen,
Drum musste fort vom Bord ich ohne Säumen,
Wo fast als Sklav' ich kümmerlich gelebt!

Sieh, vor uns liegt ein schönes, grünes Land,
Wo vieler Herzen mir in Liebe schlagen!
Freund, gönne mir den wohlbekannten Strand

Und lass mein letztes Lebewohl Dir sagen!...
So geh ich denn, der Freiheit kühner Streiter,
Mon dieu et mon droit! — *Der Herr hilft weiter!* (*)

(*) Tradução em prosa:

"Sempre aspirei pela liberdade; liberdade, ar, luz e árvores verdes. Gostaria de sonhar sôbre montanhas azuis, onde, entre a espuma das nuvens, paira a águia. Por isso, nos porões de nossa belonave muitas vêzes tremeu de cólera e de desdém o meu livre coração; por isso sem tardança devia deixar o navio onde, quase como escravo, tristemente vivi! Vê, diante de nós está uma linda terra verde onde muitos corações por mim palpitam de amor! Amigo, que eu vá para a praia que bem conheço e te diga o meu último adeus!... *Mon Dieu et mon droit!* Que Deus me ajude!"

TERCEIRO CAPÍTULO

A Baía do Rio de Janeiro; breve descrição. —
A colônia serrana de Petrópolis.

Foi um bom veleiro hamburguês que, há muitos anos, pela primeira vez me conduziu ao Brasil.

Numa abafada noite de janeiro avistáramos o farol de Cabo Frio. Empurrava-nos uma forte ventania do sudoeste, de modo que na manhã seguinte chegávamos ao sul de Ponta Negra, pico audacioso da majestosa parede granítica estendida a oeste de Cabo Frio.

Era manhã fresca. O ligeiro terral trazia-nos odores balsâmicos e nossos olhos embeveciam-se nas belas imagens da costa, fôssem rampas de pedra, íngremes e calvas, que lhe davam caráter áspero, ou suaves depressões, ou, no alto, planícies com viçosa vegetação, tão característica da paisagem tropical. Divisavam-se, adiante, pequenas ilhas, entre as quais a Ilha Rasa, com um farol sôbre a colina achatada.

Em pouco atraiu a nossa vista, do lado de oeste, um agrupamento de montanhas. Aqui dorme, na praia, o Gigante brasileiro. Tem mais de milha de comprimento. *Surge et impera* é o

seu grito. A cabeça é formada pela Gávea, de 2.000 pés de altura, e por Pedra Bonita. O Corcovado, igualmente alto, marca o meio do corpo do Gigante. Subindo imediatamente a 900 pés de altura, é o seu pé o Pão de Açúcar, uma pirâmide de granito inclinada para cima e despida de vegetação.

Abaixo dêle, a célebre brecha, a entrada da Baía do Rio de Janeiro, limitada, da outra parte, pela Fortaleza de Santa Cruz, por trás da qual a costa de novo se eleva em íngremes rochedos. O oceano, rolando livremente, bate contra o portão de pedra. Longe, palmeiras balouçam-se sôbre a profundidade espumosa.

O terral de nor-noroeste, que então amainava, empurrava mar a dentro os navios que pela manhã deixaram o Rio. Depois tudo ficou tranqüilo. Liso como um espelho, o oceano movia-se ainda lentamente para cima e para baixo. Alguns tubarões traíam sua perigosa vizinhança pelas barbatanas dorsais fora da água. Passou lentamente pelo nosso barco uma tartaruga adormecida. Surgiu um enorme cardume de golfinhos, soprando violentamente e saltando em sua estrada úmida, roncando em saltos arqueados. Brilhantes borboletas revoluteavam até o navio, enquanto no alto, sôbre nós, giravam hàbilmente em círculo magníficas aves tropicais de cauda bifurcada como o milhafre nórdico.

Na terra e no mar um calor ardente e no horizonte o céu e a água, sem brilho, pareciam baralhar-se. Mas dentro em pouco passaram faixas crespas sôbre a superfície das águas. O horizonte, no mar, desenhou-se claramente, o céu tornou-se azul e mais ainda o mar; logo soprou um fresco vento marinho de sudeste, trazendo vida, alívio e frescura.

Cada vez mais nos aproximávamos. Tudo ganhava forma, côr e sentido. Por trás do Pão de Açúcar, descobrimos ainda a Fortaleza da Praia Vermelha. Depois, quase roçando os baluartes da Fortaleza de Santa Cruz, passamos pela Fortaleza da Laje, sôbre um pequeno rochedo, quase no meio da entrada, e açoitada ininterruptamente pelo oceano e às vêzes mesmo inundada.

No lado interior do Pão de Açúcar, vimos ainda a Fortaleza de São João e depois ancoramos em frente dos baluartes da Ilha de Villegaignon, no meio da baía.

Surpreende, em primeiro lugar, a quem chega da Europa, encontrar-se, não num rio, mas num mar interior. Tão estreito é o portão de pedra em Santa Cruz — apenas ¼ de milha alemã de largura — tão semelhante a uma foz, que o seu primeiro descobridor efetivamente se enganou e deu à embocadura o nome de "Rio de Janeiro". Os índios já haviam denominado tôda a bacia de "Niterói" (água escondida).

Imediatamente depois da entrada, estende-se majestosamente, de ambos os lados, êsse "rio de janeiro". Aqui fica a linda Botafogo, uma pequena enseada, semelhante a um lago alpestre helvético, rodeada, de um lado, de grandes massas graníticas e, do outro, de graciosas casas de campo engastadas num hemiciclo, por trás do qual, como uma agulha de granito, se ergue da floresta o Corcovado. Ao longe a Gávea forma o fundo do quadro. Na extremidade da enseada fica o belo asilo de alienados, o Hospício Pedro II, onde há alguns anos fui também empregado.

Exatamente em frente dessa enseada fica a Baía de Jurujuba, que penetra na terra em arco duplo, igualmente engastada de íngremes rochedos, cobertos na maior parte por matas em estado primitivo. Assinala a entrada dessa baía, à direita, um pequeno pico de granito e, à esquerda, a pequena e romântica Ilha de Nossa Senhora da Boa Viagem, em cujas encostas cinzento-avermelhadas uma fresca vegetação protege contra o cortante vento do mar. Em cima, no pico, uma igrejinha; de nenhuma parte se vê tão bem como daqui a saída para o mar aberto e foi uma idéia sensata erigir aqui uma capela de Nossa Senhora da Boa Viagem.

No fundo da Baía de Jurujuba fica o Hospital de Santa Isabel, construído para atender a necessidades prementes e destinado aos marinheiros atacados de febre amarela.

Dos baluartes da Fortaleza de Villegaignon, cujo nome recorda audaciosos feitos de armas no tempo dos huguenotes e do velho Coligny, vê-se todo o cenário da parte meridional da baía.

A corda da cadeia de montanhas do Corcovado estende-se majestosamente a oeste; entre ela e a praia, o importante subúrbio do Catete com o belo Morro da Glória e, mais adiante, o ressalto do Morro de Santa Teresa. Segue-se depois a cidade im-

perial sem perspectiva grandiosa, pois escondem-na várias colinas íngremes nela existentes. Entretanto, é por causa mesmo dessas colinas e das elevações vizinhas pitorescamente semeadas de igrejas, conventos e casas de campo que o panorama se torna imponente.

Pertinho da cidade, separada apenas por um estreito, a pequena Ilha das Cobras, ligeiramente abobadada, com algumas fortificações e o Hospital da Marinha.

Bem em frente do centro da cidade imperial do Rio de Janeiro forma a baía mais uma pequena enseada, onde fica Praia Grande (*), a capital da Província do mesmo nome, e o aprazível lugar de São Domingos e, de outro lado, o Arsenal, por trás do Morro da Ponta de Areia.

A começar daí estende-se a baía com tamanho crescente, em forma oval, por cinco a seis milhas geográficas de comprimento e três a quatro milhas de largura. Essa enorme massa de água é semeada de rochedos e ilhas, entre as quais a do Governador é a maior e a de Paquetá a mais graciosa.

Com terras marginais mais ou menos extensas, acha-se a magnífica baía dentro de um grande arco de círculo formado pela cadeia do Corcovado, as elevações da Tijuca e as serras, já muito mais distantes, da Viúva, Tinguá, da Estrêla, dos Órgãos e Morro Queimado, de até 6.000 pés de altura, e tem, com os regatos e rios que descem daquelas, um peculiar sistema hidrográfico.

Empolga-me a contemplação de tudo que pertence a êsse sistema hidrográfico, o que a natureza e a arte ali criaram. É perfeitamente desculpável o apressado viajante europeu que escreve apenas uma ligeira descrição geral do Rio de Janeiro. Não veio da Europa para analisar uma cidade, de que encontra melhor modêlo em qualquer capital européia; viajou ao Rio de Janeiro para estudar o Brasil, e não ao Brasil para descrever o Rio de Janeiro.

Mas, de mim, sabe-se que a minha primeira estada no Rio de Janeiro durou dezessete anos ininterruptos. Vim para o Rio

---

(*) A Vila Real de Praia Grande recebeu o título de cidade e o nome de Niterói, como capital da então Província do Rio de Janeiro, no ano de 1835. — N. do T.

A lendária "Feitoria Velha", em São Leopoldo. Alojamento dos primeiros imigrantes antes de serem encaminhados para a lavoura. (De *Rio Grande do Sul*, Cosmos Limitada, Pôrto Alegre).

exatamente quando começara o desenvolvimento das fôrças juvenis da nação. O Estado, sacudido por muitas tempestades, especialmente por veleidades republicanas e oclocráticas, ainda era dirigido por uma regência. A declaração da maioridade e a ascensão ao trono do Imperador Pedro II trouxeram tranqüilidade e ordem às massas agitadas e, desde então, muitos maus elementos foram afastados. A boa forma estatal encheu-se com melhores espíritos; houve melhoramentos na igreja e nas escolas; surgiram, um após outro, institutos de fomento; a arte e a ciência reergueram-se e prosperaram; e as sombras tenebrosas do tráfico de escravos e da escravidão fogem progressivamente da Terra de Santa Cruz.

A tudo isso assisti e procurei aproximar-me e participar do movimento. E talvez se espere de mim que diga o resultado.

Prometo dizê-lo com tôda a ciência e lealdade, porém não aqui, nem agora.

A Capital do Brasil, que conta cêrca de 300.000 habitantes e encerra, em germe, as fôrças de crescimento que a assinalam como cidade mundial, não pode ser descrita por mim breve e concisamente em algumas páginas, como tem sido feito, galhardamente, por alguns viajantes europeus. Livrar-vos-ei de uma cuidadosa monografia. O estado, a igreja, a escola, o lar, a ciência, a arte, o mercado, as ruas e a vida comercial, tudo isso será estudado, se Deus me der a necessária fôrça, em obra separada.

Os homens também precisam ser especialmente estudados. Apresenta-se-nos a singular tríada de índios, negros e europeus. Ou são puros e por isso fáceis de reconhecer, ou extraordinàriamente mesclados e, nesse caso, o pesquisador não pode, sem dificuldade, reduzi-los aos seus elementos originais.

Deixemos, pois, a cidade e os seus homens e comecemos a tratar da natureza.

Os arredores da Baía do Rio de Janeiro escondem, pela sua forma, um caráter audacioso e ganham mais perfeita beleza pela sua vegetação, seja a cuidadosamente cultivada nos jardins, seja a que cresce naturalmente, trepando os empinados morros.

Querendo dar um passeio nas regiões cobertas de florestas, seja ao Corcovado, à Tijuca ou mesmo às serras mais distantes,

devemos prevenir-nos especialmente contra dois erros, que cometeram até viajantes, mesmo naturalistas profissionais e relatados em suas narrativas de viagem.

Em volta do Rio e muito mais longe não se encontram florestas onde se comprimam enormes troncos em forma de coluna e constituam gigantescos grupos de himenéias e árvores semelhantes, como ocorre no norte do Brasil: massas arbóreas que de algum modo nos dão uma idéia das florestas primitivas, das quais se formaram as jazidas de carvão de pedra. Igualmente não devemos pensar em florestas pròpriamente ditas, em que ocorra só um espécimen, o da palmeira, embora isso possa ocorrer.

Talvez antes fôsse muito diferente; talvez na planície onde hoje está o Rio, as palmeiras se enfileirassem umas após outras, se comprimissem lado a lado as gigantescas figueiras e uma enorme leguminosa sufocasse a sua vizinha. Sem dúvida o machado e o fogo e a progressiva cultura terão modificado a situação e sobretudo aniquilado muita coisa antes selvagem, grande, descomunal; mas mesmo onde, na chamada mata virgem, a natureza ainda ficou intacta, ela não é, no Rio, tão enorme quanto sonharam os recém-chegados e imaginaram muitos viajantes apressados.

Todavia, mesmo no Rio, a floresta onde ainda não se abriu caminho, é impenetrável, magnífica, imponente e sobretudo infinitamente encantadora.

Se quisermos passear, por exemplo, no lindo Vale das Laranjeiras, subindo em direção às íngremes encostas do Corcovado — podemos fazê-lo em janeiro ou fevereiro, apesar do calor. Então todo o vale está florido. É a época da floração das melastomáceas, "flores da quaresma", família de plantas tão numerosamente representada no Brasil, cujas flores geralmente azul-avermelhadas ou brancas (ou infinitamente pequenas, de aparência incolor) se assinalam pelas anteras prolongadas e cujas fôlhas apresentam três a cinco nervuras uma ao lado da outra, por mais diferentes que sejam essas fôlhas na textura, forma e cobertura.

Mas onde, dentre os ramalhetes das melastomáceas surge uma árvore de flores amarelas côr de ouro, podeis supor com tôda a razão que é uma cássia da tribo das leguminosas, se não fôr uma voquisiácea de bela e espêssa folhagem com aquelas singulares formas de flores com um único estame e um esporão, de modo que há, na flor, algo de orquidáceo. Ou temos diante de nós uma bonita malpíguia, uma banistéria, cujas pétalas amarelas côr de ouro são notàvelmente pecioladas e admiràvelmente acompanhadas de drusa. A massa da floresta, ali, árvores de troncos altos, consiste em mirtáceas e ingás; largos espaços consistem sòmente nessas espécies, quando não se erguem pequenas palmáceas até a considerável altura entre as esbeltas e desgalhadas árvores, sem atingirem o nível de luz das copas. Onde, de uma pequena garganta de pedra surge, murmurando, uma fonte, breve se descobre um feto arborescente e, debaixo dêle, uma ou outra begônia com suas fôlhas sempre enviesadas ou aróideas de fôlhas gigantescas sufocam suas vizinhas e dominam, sòzinhas, todo o campo úmido.

Com extraordinária freqüência ocorrem também na mata virgem as cecrópias com seus esbeltos troncos, nos quais deixa uma cicatriz cada fôlha que cai. Geralmente, aliás muito freqüentemente, essas árvores se elevam nas encostas, contribuindo para dar à floresta uma fisionomia peculiar, principalmente pelas suas fôlhas gigantescamente grandes e muito recortadas e de grossos pecíolos.

Na mata virgem há magníficas bignoniáceas de espêssos troncos de boa madeira de construção, ou trepadeiras semelhantes a amarras que trepam e descem em maravilhosa confusão, e grande parte dos chamados cipós e lianas que, entrelaçando-se de mil maneiras, formam as trepadeiras das florestas do Brasil, cujas flores — eu poderia comparar muitas delas, pela forma, com a inflorescência da digitálea nórdica — são em geral azuis, amarelas ou brancas e se comprimem em belos cachos.

Chegando-se à maior altura do Corcovado, às chamadas Paineiras (onde antes havia muitas paineiras) e contemplando-se o oceano aberto, a uns 1.200 pés de altura, então se vêem muitas rubiáceas ricamente floridas, moitas quase da altura de uma

árvore, que perfumam agradàvelmente tôda a mata. Em alguns pontos mais elevados, balouçam-se suavemente as palmeiras com o vento do mar, enquanto as têsas e imóveis araucárias de ramos esparramados como os braços de um candelabro resistem e, mesmo com o brilho purpurino do sol poente, não perdem a sua profunda melancolia.

Das Paineiras se eleva o último pico do Corcovado, a prumo, para as alturas e a vegetação parece definhar. Entretanto, abaixo do cimo há uma imponente *lecythis ollaria,* cujos galhos são cobertos de admiráveis frutos, que se abrem ao amadurecer e deixam cair as nozes nêles contidas. O tronco e os galhos são cobertos de bromélias e orquídeas parasitas. Conserva, pois, a árvore o perfeito tipo da árvore tropical que alcançou todo o seu desenvolvimento e cede ao pêso das parasitas.

Não devo continuar analisando, aqui, o emaranhamento da mata virgem do Corcovado, pois então teria de descer às menores formas vegetais, das glorínias às comelináceas, das semi-rastejantes tradescâncias, as menores, às majestosas dicorisandras, as maiores; e de falar ainda das estrelícias, das canas, das asclépias e lantanas e de grande número de euforbiáceas e solanáceas. Por mais compensadora e agradável que seja a análise do quadro da natureza, é do empinado pico do Corcovado que se deve contemplar, olhando, o grande todo em que se concentram o oceano e a terra firme, a elevação e a profundidade, a vegetação e os rochedos desnudos.

Até ao longínquo Cabo Frio se espraia a vista. Aparentemente subindo no horizonte está o oceano azul; as suas vagas parecem leves ondulações e entretanto troveja a ressaca até cá, no pico da serra. Em baixo, em caótica desordem, os morros cobertos de matas, entre as quais estreitas faixas assinalam os vales. A vasta baía com ilhas sorridentes, a extensa cidade, os muitos navios, além a Praia Grande e as casas de campo que por trás dela se estendem nos morros — tudo isso domina um simples olhar, só limitado pela soberba moldura da serrania azul.

Mas foi apenas uma miragem! De repente um nevoeiro branco pairou sôbre o píncaro e o céu e a terra desapareceram.

Encanto inteiramente semelhante da vegetação, a mesma grandiosidade de panoramas e matizes ainda mais aprazíveis em algumas partes oferece a Tijuca, que se apóia na Serra do Corcovado.

Deixando-se atrás os floridos jardins do Engenho Velho e as belas chácaras do Andaraí e seguindo-se um caminho ascendente, logo se chega a um espumoso e frio regato, que atravessa o íngreme fundo do vale, enquanto ao lado as raízes de pedra do Corcovado formam um muro imponente. À direita estende-se a massa da Tijuca. Em pouco se encontra uma região coberta de mato, cujo caráter é o do Corcovado, até que o caminho atinge a última quebrada e passa por um planalto rodeado de serras.

Bela Vista se chama, com razão, êste lugar clássico. Abaixo se vê o florido vale; mostra-se, com todo o seu encanto, a bem cultivada planície do Engenho Velho e de São Cristóvão; prazeirosamente se espraia o olhar para baixo sôbre a baía matizada de ilhas até perder-se entre as gargantas e picos da serrania azul.

Bem perto dêsse panorama, um muito menor, porém não menos encantador. Uma estreita vereda conduz às brenhas de uma alcantilada encosta, onde nenhum ruído se ouve de atividade humana. Depois de andar um pouco se percebe um sussurro de torrente, que aumenta ràpidamente. O desfiladeiro abre-se um tanto e do alto da serra se precipita sôbre as pedras, da altura de uns oitenta pés, um regato que logo desaparece na floresta. Ao cair, a água jorra espuma e abebera, em ininterrupta rega, a fresca vegetação tropical, ao passo que, descendo do alto para o vale, os raios do sol tremem com graciosos brilhos de arco-íris. A grande *morphus eurylochus*, a mais considerável das borboletas brasileiras, voeja aqui isoladamente e busca as brilhantes flores das estrelícias.

Regressando-se pela mesma picada e seguindo-se o estreito caminho, que coleia entre bonitos jardins e verdejantes campinas, chega-se à linha divisória das águas da Tijuca. Sôbre profundo desfiladeiro, por entre íngremes encostas, de repente se avista lá fora o oceano, cuja superfície azul contrasta magnìficamente com o colorido escuro das massas da montanha.

Refrigerante ao mesmo tempo para a alma e para o corpo é aquela região. Ar esplêndido, manhãs e tardes frescas, água corrente fria, afastamento da inquietação de quaisquer negócios e do tumulto da vida: — tudo isso cura o homem, sem médico e sem medicamentos, mormente nos meses quentes, quando de bom grado muitas pessoas sobem para a Tijuca, principalmente os recém-chegados, para escaparem da perniciosa febre amarela, que pode ser levada por indivíduos da cidade para a Tijuca, porém ali não se transmite.

Descendo ainda, para o mar, tem a Tijuca mais uma cachoeira, chamada Cascata Grande, cujas águas se precipitam sôbre belos rochedos. O panorama em volta é aprazível, silencioso e tranqüilo.

Chega-se depois, finalmente, à margem da laguna que aqui é impelida pelo mar abaixo da Tijuca. Passando-a, atinge-se o sopé da Gávea, a colossal parede de granito, cuja conformação representa a cabeça do Gigante brasileiro. Corre aqui um caminho a uns 500 pés acima do mar. A praia, em baixo, é açoitada por uma eterna ressaca; lá em cima se entesa a descalvada Gávea. Desgrenhadas palmeiras balouçam-se, como gramíneas, entre os grandes rochedos.

De tais pontos se separa o viajante contra a vontade, ou não se separa, pois êles fixam-se-lhe càlidamente na memória e serão contìnuamente contemplados com os olhos do espírito.

E contudo, quando penso neste quadro da Gávea, mesclam-se-me gôtas de amarga melancolia no cálice dourado das espumosas recordações juvenis. Com o meu caro amigo L. Neumann, de Breslau, então pregador da comunidade alemã no Rio, estive eu pela primeira vez na Gávea! Poucos anos depois êle desapareceu no naufrágio do mesmo navio hamburguês que me trouxera para o Brasil.

Em vez de dar descrições da região do Rio de Janeiro, vou resumir aquilo que empresta à paisagem o seu maravilhoso encanto, isto é, a impressionante série de contrastes aqui encontrados. Um oceano eternamente agitado e uma praia de granito eternamente imóvel; uma viçosa vegetação imediatamente ao lado de encostas descalvadas; em volta dos píncaros dos mais

altos montes nuvens que fàcilmente se movem; o mais azul dos céus e, dentro em pouco, uma furiosa tempestade; mar calmo e viagem tranqüila e, horas depois, naufrágio num escolho!

As velas na Baía do Rio! Se conheço alguma coisa que expresse plenamente o gracioso caráter paisagístico de uma região marítima, de uma baía, é a multidão das velas brancas movendo-se para cá e para lá no campo azul, estejam na modesta pequenez de um barco do pescador amarelo ou enfunadas em milhares de côvados quadrados nos mastros de um navio de linha.

No mundo do tráfego marítimo, difìcilmente se encontrarão tantas velas, em qualquer parte, como no Rio de Janeiro. A Baía de Santa Cruz (*) é o último pôrto realmente seguro no Oceano Atlântico meridional, onde se divide a via de navegação para o norte e para o sul. Poucas expedições marítimas notáveis, poucas fragatas, poucos navios de três conveses haverá que, dirigindo-se para o extremo sul, não tenham visitado a Baía do Rio e feito a saudação militar com os seus canhões. Vi, no Rio de Janeiro, bandeiras de tôdas as nações que na guerra ou na paz içam os seus galhardetes; vi mais de uma expedição de circunavegação na notável baía; visitei mais de uma fragata enviada em sangrenta incursão.

Muitos navios acompanhou o meu olhar com profunda seriedade, com grande saudade; a nenhum, porém, tanto quanto à "Novara". Se alguém já lhe pertenceu de corpo e alma e com desprêzo de tudo o que a vida pode oferecer de agradável, êsse fui eu; ninguém havia a bordo que, para isso, tivesse renunciado a tanto quanto eu; talvez não houvesse tão pouco alguém, no navio, que dêle esperasse tanto estímulo íntimo.

"Tout est perdu fors l'honneur", dissera ao deixar a fragata. Naturalmente, então não podia saber que alguns meses depois haveria uma bela indenização para mim.

Ninguém cobiçaria mais do que eu mesmo uma viagem através das admiráveis províncias do Brasil. Ninguém talvez poderia empreendê-la com tanta facilidade, organizá-la com tanta

---

(*) O autor refere-se, evidentemente, à Baía de Guanabara. — N. do T.

segurança quanto eu. Perfeitamente familiarizado com a língua e os costumes do país, perfeitamente aclimatado e, apesar das desvantajosas influências das doenças, indene de qualquer achaque; indiferente aos gozos de uma vida efeminada e invulgarmente enrijado, estava eu decerto perfeitamente indicado para uma viagem através do Brasil e a ela destinado.

Bastou a exposição de meus desejos e intenções para também nessa ocasião obter a graça de Sua Majestade Imperial; e, apenas recomeçara com o mais belo êxito minha atividade médica, no fim de dezembro de 1857, recebi de Sua Excelência o Conde de Abrantes, então digno provedor da Santa Casa, licença de minhas funções no hospital por tempo indeterminado. Em janeiro de 1858, fiz meus pequenos preparativos de viagem, indo em fevereiro a Petrópolis para agradecer a Sua Majestade Imperial e despedir-me.

Muito me emocionou Petrópolis, visitada agora pela terceira vez.

Em outro tempo, fôra o nome de Petrópolis muitas vêzes mencionado na imprensa alemã e tantas vêzes explicado em livros de viagem que não me deteria um momento a considerá-lo, se não tivesse visto o desenvolvimento do lugar em diferentes fases.

Creio que foi em 1844 que, alta noite, recebi uma carta urgente chamando-me imediatamente a Mandioca, a fim de ver, ali, o irmão de meu amigo Major Julius Friedrich Köhler (tão prematura e desgraçadamente falecido), o qual recebera forte contusão na mão. A ida ali era, aliás, uma viagem, mas o chamado era urgente; e sabendo-me solícito a todos os apelos, meu amigo militar reclamava uma excursão noturna por mar e por terra e tudo preparara para êsse fim.

O original empreendimento emocionou meu irmão, então pastor da comunidade alemã e sucessor do inditoso L. Neumann, e meu erudito, espirituoso e jovial amigo professor Barão Tautphoeus. Pelas 10 horas da noite, saímos baía afora numa grande falua, um barco de dois mastros com uma meia coberta, onde se arrumara uma cama muito cômoda. A lua subia e trazia-nos uma bela noite de viagem. Dormindo, seguimos pelo pequeno

Rio Inhumirim acima até ao lugarejo Vila da Estrêla, onde às 5 horas da manhã chegamos e despertamos. Aí aguardavam-nos cavalos de sela; em mau caminho viajamos umas três léguas e paramos em frente da casa da Mandioca, da propriedade que foi de Langsdorf.

Era felizmente insignificante o auxílio médico e tomou pouco tempo. Mais demorou o almôço, pois os alemães — e éramos quase todos alemães — gostam de comer e ainda mais de beber muito.

Durante o almôço o incansável Major Köhler falou na fundação de uma colônia alemã no alto, no centro da serra, que ficava acima de nossas cabeças e de um novo caminho para lá, que devia ser fácil e seguro para a passagem de carros.

Naturalmente isso tinha de ser visto com os próprios olhos. Levantamo-nos todos imediatamente depois do almôço e acompanhamos o nosso engenheiro floresta a dentro.

Realmente majestosa era a floresta e horrível o caminho. A picada aberta tôscamente; milhares de árvores abatidas. Alguns blocos de pedra rolados, outros rebentados com pólvora. Terra escavada acumulara-se de novo e em alguns lugares cavados tinham-se aberto grandes frestas; o conjunto oferecia um quadro de destruição; parecia que um tremor de terra abalara a montanha. E isso deve tornar-se uma estrada carroçável. Eu abanava a cabeça. Duvidava que encontrássemos um único ponto com um bom trecho de caminho pronto.

Lá no alto encontramos a antiga estrada empedrada, célebre pela viagem de Spix e Martius. Do pico descortinava-se uma vista grandiosa, porém não bastante livre para um largo panorama. Aqui devia fundar-se a colônia alemã e formar-se uma vila de 2.000 habitantes.

Nessa solidão, no meio da floresta, em plena serra, isso é fácil de dizer, mas não é fácil de crer.

Muito nos divertiu o otimismo de Köhler, o bom Major Köhler, que via a coisa como um *fait accompli;* e com o magnífico tempo da tarde, descemos de regresso a Mandioca, onde dona Maria do Carmo, à espera do nosso Major, mandara preparar para nós um saboroso jantar de caça.

Depois de um dia a todos os respeitos tão agradável, era natural que os três eruditos alemães se levantassem mais tarde. Pelas 10 horas da manhã, estávamos na falua e descemos o Inhumirim. Mas, ao chegarmos à embocadura, sobreveio uma tempestade que prendeu no "hotel" grande número de barqueiros. No quarto de hóspedes presenciamos fatos e cenas tìpicamente sul-americanos de uma casa bem arranjada.

Depois de bordejar desagradàvelmente na baía, e não sem perigo, por trás da Ilha do Governador, chegamos ao Rio ao amanhecer.

Sete anos mais tarde, em dezembro de 1851, sofri uma mortal insolação. O meu espirituoso e vantajosamente conhecido amigo Dr. Sigaud, que me tratou juntamente com as sumidades médicas Drs. Persiani, Paula Cândido e Tomás Gomes dos Santos, mandou-me para Petrópolis a fim de que me restabelecesse mais ràpidamente.

Em vez da falua, um barco a vapor me conduziu através da baía até ao Pôrto da Estrêla. Entre os companheiros de viagem contavam-se senhoras e crianças. Na ponte de desembarque estacionavam vários cocheiros alemães com carros puxados por quatro cavalos e à margem do rio brasileiro havia uma pequena algazarra germânica.

Embora o caminho da planície deixasse muito a desejar, nêle se podia viajar cômodamente. No pé da serra havia cavalos de muda. Com grande surprêsa vi uma boa estrada de rodagem, verdadeira obra-prima no gênero, com audaciosas curvas, galgando a serra com a maior segurança, tão suavemente, que durante todo o caminho se podia trotar com bastante vivacidade.

E quando cheguei à última crista, a uma altura de 2.500 pés, e o carro desceu lentamente para o antigo Córrego Sêco, num lugar encantador, com casas habitáveis e uma Praça do Imperador ainda em construção, vários hotéis, duas igrejas, com 2.000 moradores — pensei, então, com profunda melancolia, no Major Engenheiro Julius Friedrich Köhler.

Com profunda melancolia — digo eu. Muito honradamente cumprira êle a palavra, muito conscienciosamente desempenhara sua difícil tarefa. Mas já não estava no número dos vivos. Num

domingo de manhã fazia exercícios de pistola com alguns amigos e, num momento infeliz, parou diante do alvo, quando atirava o seu melhor amigo. A bala atingiu-o na axila e poucas horas depois morria êle com varonil serenidade.

O Major Julius Friedrich Köhler foi um dos poucos oficiais alemães que em longo tempo de serviço em terra brasileira sempre cumpriu o seu dever. Todos podem tomá-lo por modêlo. Era homem de sólidos conhecimentos e de variada educação, fiel aos seus amigos em tôdas as ocasiões. Hospitaleiro, as suas casas em Itamarati e Petrópolis estavam sempre abertas. Contava por isso muitos amigos e muitíssimos papa-jantares e entre os últimos muitos inimigos, porque o invejavam. Com sua morte emudeceram todos, enquanto seus amigos o lamentam com verdadeiro pesar e o recordam com respeito e amor.

Que todos os transeuntes da estrada da serra e visitantes da colônia de Petrópolis tenham para o falecido um pensamento de estima e amor, pois percorrem e visitam o monumento de Köhler.

Quando outra vez fui a Petrópolis em fevereiro de 1858, sete anos depois, tinha já o lugar relações inteiramente diversas com o Rio e com o interior e tomara proporções muito diferentes.

No desembarcadouro da Prainha, na Cidade do Rio, construiu-se um grande alpendre para embarque de passageiros e bagagens. Um veloz barco a vapor recebeu os passageiros e a carga e atravessou a baía mais ràpidamente do que antes acontecia. Aportou no lugar Mauá, se aquela praia merece o nome de lugar, ao nordeste do Inhumirim. Ali já está pronto o trem; sobe-se e depois de uma viagem de 20 a 23 minutos chega-se à estação, ao pé da serra.

Imediatamente, a estrada de ferro se liga à estrada de rodagem por meio de carros e animais de sela. A longa fila de carros subiu a serra e em Petrópolis dispersou-se para diferentes hotéis e casas particulares.

Como se tornara aprazível esta Petrópolis, que era outrora a mata solitária do Córrego Sêco! Num país como o Brasil, cujo desenvolvimento se opera em bela escala, porém sem a rapidez do americano, difícil é compreender tal metamorfose.

O número de habitantes de Petrópolis pode ser computado, hoje, em 7.000. São cêrca de 2.700 alemães, e 3.000 portuguêses; os restantes, franceses, inglêses, etc.

Por isso Petrópolis teve de sacrificar bastante o seu antigo tipo germânico. Aliás pode dizer-se malogrado o seu destino como colônia agrícola. O solo é estéril, limitado, escarpado; a vegetação antes botânicamente atraente e soberba que agrìcolamente lucrativa. Cuida-se mais da indústria. Desenvolveram-se várias pequenas artes, oficinas e emprêsas. Por uma razão muito simples, é muito vantajosa a proximidade com a Capital do país.

Petrópolis fica na serra, a mais de 2.000 pés de altura, e goza de tôdas as vantagens de salubridade de um clima de montanha. Ainda que o clima seja um tanto caprichoso e inconstante, e caiam chuvas freqüentes em tôdas as estações, o ar no alto da serra é deliciosamente puro e revigorante e a água potável maravilhosa.

Ambas essas bênçãos do céu no meio de uma grandiosa natureza serrana deram à colônia a sua peculiar importância.

Sobem para Petrópolis e lá convalescem todos os que, no Rio, estão doentes, fracos, debilitados pelo clima ardente, ameaçados pela febre amarela, fatigados pelas preocupações. Ela é o Weltvreden, o Buitenzorg (*) do Rio de Janeiro e o seu meio humano, o seu local de vilegiatura, o seu balneário, os seus estabelecimentos hidroterápicos, não sofrem ainda o metódico charlatanismo dos balneários europeus e queira Deus que nunca o sofram!

Diversos hotéis ornam a cidade. Muitos colonos alugam partes de suas casas às aves de arribação do Rio. Aliás grande número de casas magníficas é de propriedade de distintas famílias do Rio de Janeiro.

Entre estas, ocupa o primeiro lugar o palácio imperial, que não é pròpriamente um palácio, mas um castelo muito limpo e

---

(*) Weltvreden é um subúrbio elegante de Batávia, Java, e Buitenzorg é uma pequena cidade javanesa, famosa como centro de vilegiatura. — N. do T.

aprazível, habitado pela família imperial nos meses quentes de dezembro a abril.

Acompanha a família imperial uma multidão de pessoas de alta categoria, diplomatas, etc. e às vêzes é muito difícil achar em Petrópolis um quarto, um abrigo. Além disso, na cidadezinha a vida é cara; em certas épocas alguns víveres têm de ser pagos a pêso de ouro; e freqüentemente ocorre que gêneros vindos do campo para a cidade, como ovos, por exemplo, são trazidos, pelos que visitam a colônia, do Rio de Janeiro para Petrópolis.

Nessa época é Petrópolis maravilhosamente linda. Foi quando lá me achei, em fevereiro de 1858.

Subira numa tarde de sábado e tive, forçosamente, de hospedar-me em casa do cunhado de meu irmão, um bem educado funcionário brasileiro, cuja espôsa, de descendência anglo-brasileira, não ficava a dever, em cultura, a nenhuma dama parisiense e, em economia doméstica, a nenhuma senhora alemã.

Que agradável domingo vivi eu! A serra estava fresca e fria. O orvalho cintilava nos montes e nos vales e escorria de tôdas as fôlhas. Nos bairros da colônia, de nomes genuìnamente alemães, Palatinado, Vestfália, etc., ao longo do rio, pulsava vida alemã e louras cabecinhas alemãs corriam para cá e para lá onde quer que, em meu passeio matinal, dirigisse os meus passos.

Fomos depois à igreja protestante. A pequena e acanhada casa de orações estava cheia de gente que, com o acompanhamento de um pequeno órgão, cantava tão devotamente o seu: "Liebster Jesu, wir sind hier, etc.", que certamente a todos o Senhor terá ouvido e atendido. Em seguida pregou o meu velho e fiel amigo Jakob Daniel Hoffmann, jovialmente, sôbre o Bom Pastor; jovial parecia o sol do Evangelho nos corações dos homens e o sol do céu penetrava pelas janelas e por alguns buracos do tecto.

Depois do sermão, perto da casa de Deus, um vai-e-vem puramente alemão me alegrou a alma. Revê-se exatamente, nos diversos grupos, o Palatinado do Reno: os mesmos longos sobretudos, os mesmos cachimbos curtos dos homens, os mesmos vestidos sem talhe e porte das camponesas, as mesmas engraçadas

figuras de crianças de olhos azuis abertos, com sardas e nariz sujo.

Sua Majestade o Imperador recebeu-me com sua bem conhecida benevolência e dêle me despedi para seguir viagem.

Devo fazer aqui uma observação sôbre a maneira como o Imperador atende, ouve e considera os desejos, pedidos e petições que sem trabalho e sem dificuldade lhe são levados, quer em São Cristóvão, quer em Petrópolis!

O Imperador pertence a todos e por isso todos pertencem ao Imperador! A afirmação é verdadeira e êle bem pode ser aquêle conde, cantado pelo poeta suábio, que podia consoladamente repousar a cabeça para dormir no seio de cada súdito e a quem, entusiasmados e comovidos, exclamaram os outros príncipes:

Graf im Bart, Ihr seid der Reichste,
Euer Land trägt Edelstein' !

Fomos à tarde à praça de Koblenz.

É uma praça grande, limpa, sombreada por grandes árvores da floresta. Quando os primeiros colonos começaram a derrubar a mata, foi aqui celebrado o primeiro serviço religioso católico e protestante e meu irmão, então pregador da comunidade do Rio, celebrou o primeiro casamento ao ar livre. Uma grande cruz branca assinala o lugar onde os imigrantes, que, pobres como Jacó, haviam chegado a êste lugar estrangeiro, primeiro tinham olhado para o Senhor.

Quando o Imperador está em Petrópolis, a banda de música imperial toca na praça. Ali se vêem lindos grupos. A alta sociedade, perfumados cavalheiros de "lorgnette" e amazonas de cinta de vespa passeiam a cavalo. Na relva brincam os pequenos. Mocinhas louras, seis a oito, braços dados, passeiam elegantemente e cochicham segredos, alegrias e dores da semana passada: assim parece, pelo menos, porque quando a gente se aproxima, elas se calam, para não serem escutadas.

Maravilhosamente soam os acordes da música ao ar livre! Fiquei surpreendido, alegre e entusiasmado com tudo o que via e ouvia. Ninguém mais do que eu o sentia; pois, no meio do povo

alegre e morigerado, da praça asseada e da harmoniosa música, pensava no Córrego Sêco de há catorze anos e na então solitária floresta. Operara-se uma mudança mágica.

Segunda-feira de manhã, muito cedo, teríamos de separar-nos da aprazível cidadezinha serrana e de seus amáveis habitantes.

Quando chegamos à garganta, ao portão de pedra, ao passo da serra, estava a região abaixo de nós iluminada pelo sol da manhã com tôda a pompa, tôda a majestade. Em baixo, os contrafortes da serra, a planície até à baía, a própria baía, as montanhas do Rio distante e, afinal, ainda o distante oceano; tudo deveria ser visto em sua imensurável extensão. Em nenhuma outra parte do Rio existe mais sublime quadro da natureza.

Com o fresco ar matinal rolavam os carros ràpidamente, serra abaixo, para regiões mais quentes e, poucas horas depois, estávamos nos vagões da estrada de ferro, rumo ao Rio.

Aqui foram feitos os últimos aprestos. Tôda a viagem seria realmente minha e, segundo meu gôsto e vontade, me traria muitas idéias, experiências e instrução como ressarcimento de minha separação da "Novara": deve assim interessar a círculos mais amplos que uma série de condições, desenvolvimento, instalações de colônias, etc. seja examinada desapaixonadamente, com ôlho imparcial e relatada sem preconceitos.

Para isso só me deram sugestões por escrito. Entretanto, antes de minha partida, recebi do Ministro da Guerra, Conselheiro Manuel Felizardo de Sousa e Melo, uma amável carta em que só me deu a incumbência de não adoecer na viagem, mas voltar são e bem disposto. Quanto ao mais, podia fazer ou deixar de fazer o que quisesse.

De novo estava aberto o mundo diante de mim, precisamente como em 30 de abril de 1857, quando partimos de Trieste com a "Novara". Desta vez, porém, eu estava *só, livre, independente*. Podia ser o que era.

E assim parti.

SEGUNDA SECÇÃO

A PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL

PRIMEIRO CAPÍTULO

Partida do Rio de Janeiro. — Um dia na Cidade de Destêrro, na Ilha de Santa Catarina. — A Cidade do Rio Grande do Sul. — A Lagoa dos Patos. — Pôrto Alegre. — A colônia alemã de São Leopoldo. — Partida de Pôrto Alegre para o interior da Província.

ALTAS e impetuosas como raras vêzes as tenho visto, rolavam as ondas do oceano para dentro da Baía do Rio de Janeiro, quando, às 10 horas da manhã de 16 de fevereiro de 1858, o paquete "Imperatriz", cheio de passageiros de tôdas as categorias, sexos e idades, partiu do Forte Villegaignon em sua viagem habitual para o Rio Grande e Montevidéu, via Santa Catarina. Violenta ressaca açoitava a Fortaleza de Santa Cruz e o sopé do Pão de Açúcar. O pequeno Forte da Laje, no meio das águas, estava completamente inundado pelas vagas e contìnuamente corriam regatos das seteiras e da porta do bastião. Desde o princípio o nosso paquete corria como uma bala, de um lado para o outro; e a todos os incômodos do navio mau e sujo, associou-se ainda um geral e forte enjôo, desafiando nossos esforços para entusiasmar-nos com o grandioso panorama da costa granítica e do Gigante-que-dorme.

Quanto mais nos afastávamos da costa, mais fraco e mais regular se tornava o embate das ondas e, já noite, aos queixumes angustiados dos pacientes dispersos no convés, se misturou um débil dueto de flauta e guitarra.

Muito melhor o dia seguinte. Com mar tranqüilo corremos para sudoeste, todavia, sem terra à vista. O vento soprava favorável e entretanto o velho vapor só andava oito nós, às vêzes apenas quatro a seis, verdadeiro escândalo em face da considerável subvenção paga pelo govêrno à companhia de navegação.

Na manhã de 18 de fevereiro, avistamos terra, aproximando-se de nós a alta Ilha do Arvoredo, do grupo de ilhas de Santa Catarina. Pouco depois assomou nas ondas a própria Ilha de Santa Catarina, mas a manhã, a princípio límpida, transformou-se num cinzento e turvo dia de chuva. Navegamos através da baía setentrional, entre a ilha e o continente, até que ambos sùbitamente se aproximam, formando um estreito. Não mede êste mais de 1.000 pés de largura. Depois de o atravessarmos, achamo-nos diante da Cidade de Destêrro, mas, ao mesmo tempo, com uma chuva tão grossa, que mal podíamos distinguir os contornos na praia próxima. Lançou-se a âncora, mas não se podia ir à terra.

Mais surpreendente foi a manhã seguinte. Encontramo-nos no meio de um lago verde, cercado de costas altas, de margens cobertas de mata verde; de fato, parece muito com um lago a grande e larga Baía de Destêrro, de entrada e saída, ao sul, absolutamente invisíveis.

Estendem-se ao longe as gargantas das serras do continente e da extensa ilha. Entre elas vêem-se as graciosas depressões dos vales. Aparecem na praia casas grandes e pequenas, quintas e bonitas aldeias e a aprazível cidadezinha de São José, situada no continente.

Mas a cultura concentra-se sobretudo em Destêrro, que fica na ilha e é a capital da Província. A cidade sobe suavemente da praia para uma bonita serrania e apresenta-se risonha, mesmo majestosa, com algumas igrejas, casas maciças e, ao sul, um pequeno hospital sôbre um morro.

Com águas bastante agitadas fomos a terra. Soprava um fresco vento do sul; quase sem nuvens, o céu e o mar eram de rara pureza e transparência. Na praia cada qual seguiu seu caminho. Depois de fazer algumas visitas, como, por exemplo, ao Presidente da Província e ao hospital, do qual falarei no meu regresso à ilha, levou-me a bela manhã, irresistìvelmente, às colinas próximas, dentre as quais escolhi o Pico do Sinal para a minha excursão do dia seguinte.

A cidade ficava atrás de mim. Uma silenciosa vereda levou-me a quintas isoladas, por entre sebes de mimosas, a cuja sombra observei tradescâncias, malváceas e bonitas onagráceas. Depois subia bastante a pique. A trilha era muito ruim. Tinha-se de disputar o terreno com uma fonte que descia murmurando ou antes tolerá-la, pois tudo aqui é a imagem da mais deliciosa paz. As mirtáceas, palmeiras, acácias e melastomáceas dão a nota fundamental da vegetação. Duas vigorosas araucárias dominam as árvores vizinhas; aqui e ali uma clusiácea de fôlhas coriáceas chamava a atenção; continuam os caládios e fetos. Nos lugares secos floresciam lantanas de côres ornamentais amarelo-avermelhadas, *asclepias curassavica* e uma orquídea, três plantas de constituição muito diversa e semelhantes a ponto de serem confundidas no tom das côres. A elas associam-se formosas bromeliáceas; bonitas tilândsias florescem sôbre outras árvores e sôbre rochedos áridos abundam as bilbérgias, e não tem princípio nem fim a magnífica suntuosidade vegetal. Insetos coloridos voam despreocupadamente; em grande número enxameia aqui, em rápidos vôos, uma bela *morphus* e ao pousar, com as asas fechadas, deixa ver os olhos de coruja do lado inferior do corpo. Muitas cetônias esvoaçam zumbindo, ou expõem-se ao sol nos ramos verdes.

Alcancei assim o Mastro da Bandeira, a 1.000 pés de altura. Formam o terreno, aqui, grandes blocos de rochas e todavia não cessa inteiramente a vegetação. Pequenas orquídeas e fetos agarram-se firmemente e ramos de banistérias de flores douradas enroscam-se nas ásperas pedras.

Do elevado ponto em que me achava, divisava-se maravilhoso panorama. Avistava a lagoa verde, os vales e montes além,

no continente, e a ilha abaixo de mim; e, do outro lado, o oceano aberto. Tudo isso recoberto por um céu puro, no qual voavam em porfia algumas nuvens brancas e cinco a seis grandes aves de rapina.

No alto só encontrei um homem, um soldado estropiado, o Hallwart, como seria chamado na Edda (*). "O mundo é perfeito em tôda parte, onde não chegou o homem com o seu tormento": em parte alguma vi eu a velha canção tão *in optima forma* como no Mastro da Bandeira de Destêrro.

Pela tarde fizemos mais um belo passeio ao norte da cidade, onde se pode contemplar o mar aberto. Nessa oportunidade travei conhecimento com outros alemães, professôres do Liceu de Destêrro. Voltaremos, mais tarde, a êstes novos amigos.

Como o nosso navio ainda tinha de receber carvão e algumas provisões, na manhã seguinte, muito cedo, fiz uma pequena excursão. Encontrei uma multidão de pitangueiras *(myrthus)*, uma verdadeira inundação de maravilhas *(mirabilis)*, cássias e soberbas bignônias. Então o "Imperatriz" fêz um disparo de canhão e todos tornaram a embarcar.

Às 11 horas navegávamos para o sul. Estava a bela laguna lisa como um espelho, tôdas as praias verdes, tôdas as elevações cobertas de matos, mas, em tôda parte, havia algum vestígio de atividade humana: ali uma casa, aqui um campo cultivado, além um pequeno jardim, em pequenas enseadas um pescador com a sua canoa; no vale distante sobe uma fumaça cinzento-azulada e forma um sinal incontestável da presença de uma diligente mão humana. Em longas linhas estendem-se veredas isoladas subindo as colinas.

Em breve a lagoa forma intumescências abobadadas de água: aproximamo-nos de sua saída meridional. Enquanto a ilha, aqui, baixa em íngreme declive, estende-se em direção da ilha, partindo do continente, uma grande cadeia de dunas, ora inteiramente calvas, ora cobertas de vegetação baixa. Num blo-

---

(*) As Eddas são antigos monumentos da literatura escandinava, ricos de tradições mitológicas e lendárias. Há uma Edda poética e uma Edda em prosa. — N. do T.

co rochoso, êrmo, rijamente açoitado pelo oceano, um pequeno forte, onde, quando passávamos, nos mostravam a bandeira brasileira. Tivemos depois à esquerda e à direita uma forte ressaca, diante de nós o oceano encapelado e, muito perto, ásperos rochedos. Mede o estreito aqui apenas uns cem pés de largura; o vapor aproximara-se dos rochedos e das ondas que se quebravam. Entretanto, corria tudo muito bem e, momentos depois, entrava o "Imperatriz" no mar azul. Ilhas desabitadas arrematam aqui o Arquipélago de Santa Catarina.

Pela tarde vimos ilhas ou grandes penhascos, muito perigosos para a navegação nestas paragens, entre os quais o Itacolumi, afastado, a leste, considerado ponto de grande perigo. Ao meio-dia de 21 de fevereiro, avistamos as elevações de Tôrres, a cêrca de 30º de latitude meridional, e à tarde, tivemos na esteira de nosso barco muitas e bonitas procelárias, entre as quais duas aves a elas semelhantes na forma e no vôo, mas de plumagem muito diferente. Seguiu-se à tarde serena uma noite maravilhosa. Diretamente sôbre nós brilhava a larga faixa de estrêlas do Centauro ao Orião. Sírio, especialmente, irradiava uma claridade maravilhosa.

No dia seguinte o mar estava inteiramente côr de cinza; achávamo-nos à altura da costa do Rio Grande. Ao meio-dia avistamos tristes e calvas dunas, cuja cadeia parecia infindável. Em pouco surgiram dentre o mar de areia e a areia do mar dois faróis, um redondo, vermelho, e outro quadrado, azul. O "Imperatriz" começou a trocar sinais com o farol. O nosso comandante queria 13 palmos de profundidade na barra, mas o farol acenou que não. A entrada media apenas 12 palmos de profundidade e ancoramos contra violentíssima ressaca.

Então, numa situação nada invejável, aguardamos os acontecimentos. Mas a princípio nada sucedeu. Apareceu uma hora depois, por trás das ondas revôltas, um grande barco à vela, que lançou ferro e parecia não preocupar-se conosco. Quase já nos tínhamos familiarizado com o pensamento de irmos para Montevidéu, em lugar de Rio Grande, quando velejou em nossa direção uma catraia capaz de navegar no mar e se pôs ao nosso lado. Agora seriam postos na catraia passageiros e bagagens, es-

pecialmente algumas mulheres de voz esganiçada e meninos chorões; tudo correu às mil maravilhas, enquanto um elegantíssimo barco a vapor saía da barra e, por outra rota, procurava chegar ao "Imperatriz".

A barra do Rio Grande é, sem dúvida, uma das mais desagradáveis e mais perigosas que existem e poucos portos se encontrarão em que, em proporção com os navios entrados, tenha havido tantos naufrágios como aqui. Fora, no mar, estendem-se os baixios, e em frente da barra um banco de areia; ao norte ou ao sul desta se acham as passagens, variáveis, aliás, de local e de profundidade; por vêzes ambas as passagens estão más, sendo necessárias exploração e observação diárias para permitir a entrada do navio ou adverti-lo de que não pode entrar.

Não nos podia, pois, admirar, mas, apenas assustar um pouco que a nossa catraia, velejando entre altas ondas, topasse em alguma coisa, pois havíamos escolhido a passagem mais curta e mais rasa. Em vez disso, ela prosseguiu em águas navegáveis e aproximou-se da terra.

Vêem-se infelizmente restos e destroços de navios naufragados que se elevam sôbre os baixios. Todavia, pode-se dizer que se é fácil ocorrer um naufrágio na barra do Rio Grande, por outro lado se consegue sem dificuldade salvar as vidas humanas. O solo é arenoso; quase todos os navios o roçam na entrada ou na saída, sem por isso encalharem ou serem danificados. Mas, mesmo quando encalham, a sua perda não é obra de um minuto ou de poucas horas: tanto que em casos ocorridos com navios de colonos, todos os emigrantes foram salvos.

O estado crítico da barra do Rio Grande é, porém, uma preocupação para a Província e uma questão vital para a Cidade do Rio Grande. Mas se a entrada fôsse ainda pior, poderia realizar-se ainda o plano de uma boa estrada de rodagem, uma estrada de ferro, um canal de Pôrto Alegre para Laguna, plano sôbre o qual ainda voltarei mais tarde. Com isso muito perderia a Cidade do Rio Grande. A nossa embarcação abordou uma ponte de madeira um tanto primitiva, próxima do farol, para que ali pudéssemos esperar o vapor que partira e que deveria trazer o resto dos passageiros do "Imperatriz" e levar-nos com êle para

Travessia de um rio numa viagem pelo Sul. (De *Voyage dans les Deux Amériques*, M. A. D'Orbigny, 1836).

a cidade. Pontal do Farol se chama o lugarejo, ali, sôbre uma língua de terra, e que foi inclementemente tratado pela Providência divina. O seu amável comandante ofereceu sua casa ao nosso grupo até o regresso do vapor e mandou mesmo vir um carro de bois, de duas rodas, com uma coberta, para nêle conduzir as mulheres e as crianças. Pusemos felizmente as damas e os pequenos no singular veículo. Mas, quando os bois puxaram, inclinou-se o carro para trás e tôdas as ocupantes escorregaram e caíram na areia. Foi uma cena muito cômica; as damas riam a bandeiras despregadas, os meninos berravam horrìvelmente e alguns minutos se passaram antes que voltasse ao equilíbrio a disposição de ânimo de cada um.

O Pontal do Farol do Rio Grande parece exatamente com o campo êrmo de um farol numa arenosa costa nórdica. Onde a areia não é muito sêca e não é levada para cá e para lá por qualquer golpe de vento, agarra-se ao solo grande quantidade de *scirpus;* ocorre em grande número uma crassulácea e, ao lado dela, uma bela *solanum* azul e uma pequena *plumbago.* Apanhei uma cicindela perfeitamente semelhante a uma de nossas espécies nórdicas na côr, na forma e aspecto. Muito diversa, porém, era uma segunda espécie, incolor, de élitros amarelo-acinzentados, sôbre os quais se encontram caracteres negros semelhantes a letras árabes; ela corria para um lado e para outro sôbre a areia úmida do mar, bem junto da água e parecia ser muito familiarizada com a água do mar; nunca saía do solo úmido.

Um traço característico de Pontal é o quero-quero, *parra,* a célebre jaçanã, na qual, apesar das muitas diferenças existentes, a natureza reproduz o pavoncino nórdico. Tão audacioso e atrevido quanto êste, o quero-quero levanta o vôo, gritando, de cada moita de *scirpus.* Segundo se descreve, os seus ovos saborosos devem ser iguais aos do pavoncino.

Quanto ao mais, não são muito para louvar a flora e a fauna de Pontal.

Voltou, afinal, o barco a vapor, atravessando a ressaca, e de novo embarcamos. Apesar do crepúsculo, pareceu-me êste barco um contraste completo do "Imperatriz". Com rara velocidade

atravessou a vasta extensão de água que ainda nos separava da cidade e deixou-nos em terra, no Rio Grande, às 9 horas da noite.

Na manhã de 23 de fevereiro, um fresco vento do norte batia com fôrça na minha janela. Amanhecera um dia magnífico e da janela de meu hotel, no cais, descortinava maravilhoso panorama.

Em baixo, no cais, viam-se numerosas embarcações, de diferentes tamanhos, especialmente brigues e escunas. À direita, em direção ao mar, estendia-se um caos de areia e água; à esquerda, elevavam-se em tôda parte montes de areia de grão fino e de maior calibre num grande arco de plantações verdejantes, até matas e quintas, naturalmente sobrepujadas, sempre, pelos colossais montes de areia.

Em frente, a extensa Lagoa dos Patos e que justificadamente recebeu êste nome. Se o espectador é atraído pela viva animação dos navios, que vão e vêm, e pelos inúmeros barcos a vela que bordejam com o ar fresco da manhã, mais se fixam os olhos, com admiração, nas inúmeras aves que, como exércitos, cobrem as margens.

Não se faz fàcilmente uma idéia da enorme quantidade de aves. Até aonde pude alcançar com meu binóculo, havia mictérias (*), garças, cisnes, gansos e patos, cujas esquadrilhas coloriam faixas da costa. Enquanto leves gaivotas em eterno movimento se lançavam no ar, as pernaltas, mictérias e garças, permanecem em imperturbável repouso na água, cercadas de uma multidão de garças menores, brancas como a neve. Algumas vêzes, uma ou outra mete o bico ràpidamente na água para depois tornar-se ainda mais grave. Avizinhando-se-lhes algo que as perturbe, começam tôdas a andar, mas igualmente com grande tranqüilidade, pois ninguém, sobretudo nenhum caçador, parecia preocupar-se com elas. A alguma distância do bando, vi um único exemplar de mictéria igual à nossa cegonha (**), porém maior, bico grande e cabeça nua, que se achava isolada; provà-

---

(*) Jaburu ou jabiru *(mycteria mycteria)*. — N. do T.

(**) Talvez o baguari, maguari ou jaburu-moleque *(euxenura maguari)*. — N. do T.

velmente de sentinela. Um bote aproximou-se muito da região onde se achavam e as aves voaram em bando para pousarem logo a pouca distância. As mais interessantes são as brancas capororocas, que em longas cadeias nadam lentamente com majestoso porte da cabeça e o mesmo aspecto do nosso cisne. Vi também em grande número o *anas nigricolis,* semelhante ao ganso, branco como neve, cabeça e pescoço negros de azeviche, chamado pato-arminho; mas, com um binóculo não se pode descobrir tudo e descrever com precisão. Algumas plumas vermelho-claro, vistas à distância, podem ser de flamengos ou colhereiros.

Conta a cidade ruas regulares, sem calçamento, largas, com passeios, com casas muito bonitas. Outras coisas belas não vi na cidade e quem não se interesse apaixonadamente por peles e couros, chifres e carne-sêca ou não seja um caçador fanático, não viverá dias felizes na Cidade do Rio Grande. Todavia, parece que se come e se bebe muito bem e há certo bem-estar ou antes luxo em tôda parte e onde quer que se vá, não se descobre, passando, falta de confôrto. Algumas damas de aparência anglo-saxão, que andavam rugindo sêdas nas ruas, trajavam vestidos muito compridos.

As poucas horas passadas no Rio Grande não me permitiram porém, ver mais pormenores. Às 12 horas devia partir o "Marquês de Olinda", vapor da linha Pôrto Alegre. Voltou a reunir-se comigo uma multidão de companheiros de viagem do "Imperatriz" e, além dêles, mais um francês, com sua família, antigo alfaiate de regimento e cavaleiro da Legião de Honra, e com o qual o meu criado, um "spahi" francês, veterano de campanhas na Argélia, também cavaleiro da Legião de Honra e que me fôra recomendado no Rio pelo distinto senhor Taunay, travara logo íntimas relações de amizade.

A Lagoa dos Patos, em nossos mapas aparentemente tão pequena, é um grande lago de água salgada, muito singular, quase comparável aos nossos golfos *(Haff)* do Mar Báltico. No Rio Grande, considerada como lagoa, é muito estreita e como rio é muito larga e caracterizada pelas suas brilhantes e êrmas praias arenosas. Aqui fica, a uma milha de distância, em frente de Rio Grande, o povoado de São José do Norte, com muitas casas no-

vas e bonitas e que uma fileira de navios lacustres indica ser um empório comercial, mas terrìvelmente ameaçado e já invadido pela areia. Tão sôlta é a areia da costa que fàcilmente o vento a arrasta. Vi casas em que essa areia já subia até ao primeiro andar. A parte traseira da igreja está meio soterrada. Tôda a cidade está de tal modo afogada na areia que, com uma forte tempestade, se poderia profetizar-lhe o destino de Herculanum.

Navegamos longamente, contornando um baixio, e seguimos depois para o norte entre aves lacustres e as areias da margem, em cujo solo êrmo algumas grandes árvores enfolhadas semelhavam, à distância, frondosos carvalhos. Mais tarde vi, em Pôrto Alegre, árvores inteiramente semelhantes; lá eram gigantescos mirtos.

Em pouco a lagoa torna-se mais larga, solitária e êrma. Encontramos pequenos navios, inteiramente no estilo dos "chassemarées" franceses. Das águas cinzentas, como sinais para indicar a direção, se elevam varas a diferentes distâncias, porque na saída, embora pareça muito larga, a lagoa é muito rasa e a água navegável, o chamado canal, é limitado e sinuoso. Chega-se depois a um farol, inteiramente isolado, sôbre uma ilha artificial.

Aqui se abre a lagoa em tôda a sua largura. A faixa de terra que, perfeitamente paralela à costa marítima, separa a lagoa do oceano tem sòmente em alguns lugares a largura máxima de duas milhas, sendo geralmente muito mais estreita. Apresenta, todavia, em sua longa extensão, considerável número de estâncias em seu centro relativamente fértil. Mas dada a situação plana da faixa, nela não há muito o que ver. Navega-se num mar aparente, que também lembra o mar pelo fato de ter suas tempestades e ondas, de pôr os navios em perigo durante o mau tempo e de muitas vêzes os jogar na areia e os encalhar, depois de perdidas ambas as âncoras e as correntes. Por isso quatro faróis assinalam, na Lagoa dos Patos, os pontos mais importantes para a navegação.

Na longa travessia provou o "Marquês de Olinda" ser um excelente vapor. Com extraordinária rapidez cortou as ondas nas direções norte, nordeste e noroeste. O navio, com 215 pés de com-

primento no convés, de pequeno calado e dotado de excelentes máquinas, é um modêlo de elegância e de limpeza. A grande câmara forma uma elegante sala de jantar, onde 60 a 80 pessoas podem comer cômodamente ao mesmo tempo. Os sofás laterais podem ser rodeados de cortinas e servirem de cama à noite. O aposento das senhoras é menor, mas encantador; os divãs de dormir são de veludo verde e elásticos; a mais elegante das damas pode nêles estender-se com satisfação.

O jantar a bordo corresponde a essa elegância. Na verdade, o navio nada deixa a desejar.

Mas, apesar do navio e do seu competente comandante, um oficial de marinha brasileiro de conhecida boa família, nossa viagem, pela tarde, tornou-se um tanto desagradável. Surgiu uma tempestade, que inquietou algumas senhoras nervosas. Uma chuva persistente tornou quase necessária e intolerável a permanência no camarote, dado o calor reinante e a multidão de passageiros que dormiam, de modo que passei quase tôda a noite em vigília, no convés.

Durante tôda a noite correu o vapor infatigàvelmente na sua rota úmida. Pelas quatro horas da manhã, atingimos o fim da lagoa, onde de novo a navegação exige muita cautela, de modo que tivemos que fundear por duas horas.

Nessa extremidade superior, a lagoa já contém água doce ou antes passa a ser um largo rio ou uma bacia de água doce de umas quatro milhas de comprimento e duas de largura. Assinalam a entrada grupos de serras e de ilhas. Já as víramos assomando ao alvorecer. Em pouco alcançamos o pico rochoso de Itapoã e chegamos à bela bacia de água do Rio Guaíba.

Começa aqui o gracioso panorama do largo rio e de suas margens. Enquanto à direita se enfileiram montes de curvas suaves, em parte cobertos de matos, em parte com várzeas cultivadas, pastagens e quintas, formando, nas águas, encantadoras enseadas e, na terra, graciosos vales e desfiladeiros; na margem esquerda, para quem vem do sul, estendem-se, a muito maior distância, magníficas vargens e praias cobertas de mato, e diante delas pequenas ilhas de aspecto verdadeiramente idílico. Em colinas afastadas elevam-se casas de campo e estâncias.

A vasta bacia de água quase não tem correnteza; nenhum redemoinho, nenhuma onda perturba a paz da lagoa. Sobrevoam-na aves aquáticas; movidos pela aragem da manhã, garbosos navios deslizam silenciosamente pela superfície; é isso tudo o que interrompe a festa da manhã.

Passamos por uma linda ilha, a Ilha das Pombas, e depois por uma elevação coberta de mato, Ponta Grossa. À distância de várias milhas, sôbre uma colina que avança para a água, defronta-se-nos, na linda paisagem, uma aprazível cidade. Não fôra há muito seu nome, involuntàriamente lhe chamaríamos Pôrto Alegre!

Um amável pensamento, uma graciosa idéia esta Pôrto Alegre, onde chegamos e ancoramos, partindo do Rio Grande, depois de uma viagem de 45 milhas geográficas. O largo e tranqüilo rio, a própria amável cidade, que se estende para o norte, à margem do rio, numa série de bonitas casas de campo e verdes e viçosos jardins, o espêsso matagal do outro lado, através de cujas densas sombras difìcilmente abrem caminho os regatos afluentes do Guaíba, os pequenos barcos e canoas que sobem ligeira e tranqüilamente — tudo isso forma um quadro de graça e encanto que só alguns pintores holandeses, em momentos felizes, transportaram para a tela.

Em terra, é exatamente o mesmo o panorama visto do mar.

Corre ao longo da margem, a Rua da Praia, a principal, larga, regular, mesmo com casas muito majestosas de até três andares. Paralelamente, a meia altura ou no alto da colina da cidade, bonitas travessas, cortadas por várias ruas, começadas na Rua da Praia, sobem a ladeira, de modo que a cidade, apesar de sua posição inclinada na encosta e sôbre o monte, pode, classificar-se entre as mais regulares.

A melhor das ruas ascendentes conduz a uma grande praça irregular, onde se acham a igreja matriz, o palácio da presidência e um teatro recentemente construído. Além, para o sul, o pequeno edifício da Assembléia. A partir daqui seguem duas ruas, uma à direita e outra à esquerda. Uma, no alto, leva ao grande hospital e casa de expostos, ainda não concluído, porém amplo e espaçoso; a outra desce para o rio, a cuja margem se acha a ca-

deia pública, construída em estilo mais ou menos de castelo forte e, perto dela, um imponente arsenal.

Além da praça partem alguns caminhos bastante tortuosos para uma grande planície ou vargem, semeada, aqui e ali, de casas de campo e igrejas, fechando a região uma cadeia de serras.

Do alto da igreja e do teatro, a vista é de rara beleza.

Conforme já observei acima, em Pôrto Alegre alguns rios largos, o Gravataí, o Rio dos Sinos, o Saí e o Jacuí — o último dos quais, originado do Vacacaí, Rio Pardo e Taquari, é o mais considerável — se reúnem numa extensa e larga bacia de água doce — o Guaíba.

Das referidas elevações da cidade vêem-se, de um só lance, todo o soberbo vale, grande parte da bela bacia hidrográfica e as magníficas várzeas que a entremeiam; avista-se, por milhas de extensão, a formosa paisagem até que, muito ao longe, uma azulada cadeia de colinas se mescla com o verde indeciso da planície ondulada e a limita numa união tão suave que poderia crer-se ter a paisagem tomado aqui a suavidade do elemento líquido.

Recordo-me, do tempo de minha juventude, de um lindo quadro do Lago Uglei e de tôda a região de Gutin e Plöen, onde também a terra, a floresta, a água doce e a campina realmente se fundiam, como se tôda a paisagem fôsse um suave lençol dágua. Naturalmente, no norte o espaço é mais modesto; o porte das árvores, faias, bétulas e carvalhos, talvez maior. Dominam no Jacuí e no Guaíba as palmeiras, acácias, bauínias e mirtas. Um ôlho mais arguto que o meu decidirá qual dos dois panoramas é o mais belo. Ambos me encantaram.

Mas a reminiscência nórdica não se restringe apenas ao alto da Cidade de Pôrto Alegre, de onde se pode contemplar longa distância. Desce também à parte comercial. Ali em tôda parte se vê gente de raça loura perambulando. A cada momento se vê um alemão transitando, a cada momento se vê um nome alemão sôbre as portas das casas e se ouve falar a rude língua alemã do Holstein e do dialeto pomerânio até ao bávaro renano. Deve haver em Pôrto Alegre uns três mil alemães, ao passo que tôda a cidade não tem mais de 20.000 habitantes. Do pôrto fui levado a um hotel alemão. Fui a outro, o Hotel Comercial, de três an-

dares, mas, por trás do nome brasileiro, era um hotel genuìnamente germânico, tão agradàvelmente fleumático, tão ingênuamente lento, que realmente me alegrou. O dono era um alemão, que até grego estudara e viera para o Brasil como soldado. O garção principal o seu antigo sargento; a criada de quarto uma pomerana de grande estreiteza mental, motivo por que parece ter sido enganada pelos antigos patrões em objetos e em vantagens pecuniárias, quando vieram juntos da Europa. O meu quarto era muito bonito, a comida farta e medíocre a toalha de mesa; o peixe e a carne eram gostosos, as batatas do tamanho de um punho e a manteiga maravilhosa. Um espêsso bôlo de cereja e um café fraco foram a conclusão do almôço.

Logo que o meu nome foi conhecido na cidade, recebi diversas visitas de alemães, muito amáveis. Sabe Deus de onde vinham tantos compatriotas. Mas, apesar dos elementos alemães que me buscavam em tôda parte, pareceu-me forte pilhéria o convite que, no segundo dia de minha estada em Pôrto Alegre, me fizeram para ir ao "Teatro Alemão". Fui, entretanto, e ao entrar no pequeno teatro, deram-me o seguinte programa:

DEUTSCHES LIEBHABERTHEATER

Donnerstag den 25. Februar 1858

ZUM BENEFIZ DES HÜLFSVEREINS:

DIE LEIBRENTE

u. s. w.

VORHER:

DER TELEGRAPH

u. s. w.

Anfang halb 9 Uhr (*)

(*) Tradução: Teatro Alemão de Amadores. — Quinta-feira, 25 de fevereiro de 1858. — Em benefício da Sociedade de Beneficência: "A Pensão Vitalícia", etc. — Antes: "O Telégrafo". — Comêço às 8 ½.

Um sonho de uma noite de verão!

O teatro — já que falo dos alemães de Pôrto Alegre — cabe perfeitamente falar do assunto aqui. O teatro era modestíssimo: platéia, frisa, camarotes da primeira e camarotes da segunda ordem, nenhum lustre, mas trinta velas, sendo os camarotes abertos, separados apenas por uma grade muito baixa. Tudo me recordava vivamente o Teatro velho da minha querida e mui ilustre cidade natal de Lubeck.

Eu chegara um tanto cedo e vi entrarem, a pouco e pouco, os meus compatriotas de cabelos louros. E, apesar de se passarem muitas coisas cômicas no cenário do lado de cá da cortina e, às vêzes, tentasse agitar-se em mim o espírito brejeiro, eu senti, como em face da pobreza da Igreja alemã de Petrópolis, uma alegre emoção. Chegava o meu querido povo alemão de tôdas as categorias, gente bem vestida e até bonita, e, ordenadamente, cortêsmente, cada um ocupava o seu respectivo lugar; vinham famílias inteiras, pai, mãe e meia dúzia de queridas crianças, também pequeninas, ainda de peito, pois uma jovem senhora alemã não toma uma negra para ama e, se vai ao teatro, leva a criança consigo, do contrário, fica intranqüila e a criança sem leite. Aliás isso trouxe muita confusão.

A "ouverture" começou muito forte, não era o "Sonho de uma noite de verão" de Mendelsohn, mas outra. Subiu o pano e começou o "prólogo". Mas as transformações de poeta inglês tinham sido antecipadas pelos atores que representavam perante nós; as heroínas principais eram homens em trajes femininos, que aliás desempenharam bem os papéis de moças.

O público, sobretudo a rapaziada, ficou encantado. Nunca tinham visto coisa igual. As graças ditas no palco eram ouvidas com júbilo e mesmo repetidas; alguns pequenos chamavam papai e mamãe; uma criancinha mostrava, com uma exclamação repetida, como desde os primeiros anos tinha sido educada por sua mãe para ser asseada.

Encantadoras as senhoras e senhoritas. Cabelos louros estriados com alguns matizes, claros olhos azuis e faces vermelhas — viam-se em tôda parte. Algumas moças traziam cuidadosamente no colo as irmãzinhas e visìvelmente lhes davam boas li-

Biblioteca Arthur Reis
Registro:
Data:

ções, enquanto os olhos das pequeninas se moviam como foguetes e pirilampos.

E assim todos brincavam durante o "Sonho de uma noite de verão". E foi pena que uma única e encantadora Titânia brasileira obscurecesse um tanto as graças das boas senhoras alemãs.

Mas nem sempre há Titânia e "Sonho de uma noite de verão". Soube em Pôrto Alegre, embora apenas em encontros passageiros, que há muitos alemães de coração honrado e de sentimentos leais. Parece que a maioria dêles vive bem, muito bem. Os homens esforçados chegam ali à abastança e à consideração em número infinitamente maior do que na Alemanha, em iguais condições; alguns, aliás sem grande instrução e educação, ganharam fortunas consideráveis. Como os alemães, que nem sequer possuem uma igreja local, agradeceriam a Deus, se pudessem ou quisessem regressar à sua pátria e ver muitos dos seus iguais em condições tão difíceis, tão aflitivas, tão precárias! Como agradeceriam a Deus o pão de cada dia e a tranqüila residência na Pôrto Alegre meio germanizada.

Esta semigermanização e o meu agrado por ela foi o motivo porque em 27 de fevereiro empreendi uma excursão à colônia alemã de São Leopoldo.

O vaporzinho que duas ou três vêzes por semana viaja de Pôrto Alegre para aquela colônia já estava pronto às 9 horas da manhã de sábado, na doca, uma apropriada bacia construída de arenito, para receber os seus passageiros e caixas e caixotes. Não era rápido como o "Marquês de Caxias", (*) mas com agradável pachorra alemã, pouco depois seguiu o vapor alemão pelo largo e calmo rio em direção ao norte; dentro em pouco deixamos atrás a cidade das colinas e navegávamos rio acima.

A expressão rio calmo (**) é adequada para o Rio dos Sinos! Calmo, deliciosamente calmo, com suas águas verdes, no princípio parece um lago e a pouco e pouco se vai estreitando.

(*) *Sic.* — N. do T.

(**) No original está *Waldstrom*, rio que sai de uma floresta, expressão que não tem equivalente, em português, em uma só palavra. — N. do T.

Raramente desce uma embarcação, raramente se vê uma canoa com um pescador nas curvas do rio, em 11 milhas alemãs de comprimento, até São Leopoldo. Apenas aqui e ali, ao que parece, pelo menos, há uma clareira aberta na mata marginal e se descobre uma casinha sôbre estacas ou, em lugares mais elevados, uma granja, uma olaria, etc. Freqüentemente se abre uma pastagem ainda em crescimento, onde cavalos e bois pastam em comum, enquanto na orla da água fresca, quase enterrado na lama, está deitado um vigoroso touro que, ao aproximar-se o vapor, altivamente ergue a cabeça, levanta-se e afasta-se lentamente.

Em tudo o mais reina a natureza. Em longas camadas flutuantes, em ininterruptas cadeias, deitam seus seivosos renovos as magníficas pontederiáceas. Um pouco acima da superfície da água as fôlhas claras, obovaladas, quase como um coração invertido, sôbre pecíolos avermelhados, produzem um belo efeito sôbre o espelho verde-escuro do rio, enquanto se elevam um pouco acima os cachos de flores azuis, semelhantes à flor do jacinto. As ondas formadas pelo vapor põem em movimento a coberta de plantas e as flores aquáticas azuis dançam graciosamente sôbre a folhagem verde. Então zumbe uma multidão volante sôbre o tapête de pontederiáceas; é um neuróptero, semelhante aos libelulídeos, de asas negras com uma mancha vermelho-azulada na borda interior da asa inferior, o qual, depois de alguns vôos saltitantes, volta sempre para a planta.

Não se pode definir com exatidão botânica, de passagem, a confusão da orla da mata que se debruça sôbre as águas. Acima de tôdas sobressaem as mirtáceas, com os galhos guarnecidos de finas úsneas cinzentas. O colorido das altas árvores contrasta agradàvelmente com as taquaras ou bambus verde-amarelados de densa folhagem, cujos vigorosos colmos se estendem em elegante forma de arco sôbre os arbustos da margem, ora mergulhando as extremidades na água, ora elevando-se de 12 a 16 pés de altura. Abundam na margem as mimosas floridas; outra árvore muito comum semelha no "habitus" e na forma das fôlhas uma bombácea. Numerosas e grandes onagráceas florescem nos lugares ensolarados e recordam vivamente as onoteras do norte.

Mais adiante aparecem palmeiras isoladas onde, nas pastagens, se roça o gado.

Assim é a mata marginal, vista ligeiramente, de passagem! Não é preciso acrescentar que quase tôdas as grandes árvores, notadamente as mirtáceas, são entrelaçadas por trepadeiras e deitam longas cordas sem fôlhas até a água. Na sombra das enfolhadas copas prevalece o parasitismo; e, ao lado das orquídeas, medram excelentemente as bromeliáceas. Quando uma árvore, consumida pelas parasitas, cai, com as raízes pendentes sôbre a água, na beira do rio, serve então de morada e soalheira para as pequenas tartarugas de água doce. Vi uma porção delas assim, sôbre troncos de árvores; algumas nadavam, esperneando, no rio, desviando-se do vapor em desajeitada fuga.

Nos dias quentes, ao lado das tartarugas aparece também o jacaré; contudo, na subida do rio, não vimos nenhum dêles, bem como nenhuma capivara, embora muitas costumem aparecer ali.

Enquanto o vapor passa junto das moitas da margem e muitas vêzes navega à sombra delas, adeja, nas arejadas frondes, uma multidão de coloridas borboletas. Voam de galho em galho numerosos martins-pescadores, maiores que os nossos do norte, porém muito semelhantes na forma, no vôo e no modo de pousar. Só uma vez vi uma ave de rapina traçando o seu círculo no alto, por cima do rio.

Assim viajamos cêrca de sete horas. Perto de São Leopoldo o rio, que vai estreitando-se, forma grandes curvas com alguns bancos de areia, de modo que ora estávamos junto das moitas, ora sôbre os bancos de areia, mas apenas por alguns momentos. Às vêzes também havia grandes árvores sôbre a água, estorvando a passagem. Sem embargo, chegamos bem. Na praia, há muito tempo um grupo de alemães aguardava a chegada do vapor.

São Leopoldo começa na margem do Rio dos Sinos com uma grande praça verde onde desembocam algumas ruas regulares. Na principal, as casas se enfileiram ininterruptamente, muitas delas assobradadas e com até seis janelas de largura, mas em sua maioria térreas, de construção maciça, cobertas de telha, com aparência de lugar abastado ou mesmo rico. Todavia, a longa

rua, apesar das calçadas ao longo das casas, não tem calçamento, é mais funda no meio e um tanto arenosa, conservando, assim, o seu aspecto aldeão.

Completamente aldeão é também o aspecto de sua gente. Logo que me instalei no hotel alemão e, após o longo jejum na viagem fluvial, tomei uma sólida refeição, comecei a passear pela vila.

Em tôda parte os romances de costumes de Auerbach, as gravuras em madeira de Richter! Meninos louros brigavam na areia até caírem de cansados; meninas ordeiras passeavam juntas, para um lado e para o outro, dando-se ares de importância. As meninas maiores estavam sentadas, com as mães, em cadeiras ou mochos às portas das casas. E depois vinham os rapazes e faziam-lhes a côrte; de passagem ouvi chistes, perguntas maliciosas e duras respostas. Em algumas casas tocava-se piano. No saguão de uma casa duas moças crescidas, esbeltas e vigorosas, de dezoito anos no máximo, porfiavam para ver qual derrubaria a outra. A luta era bonita e teria ficado a olhar por mais tempo se ambas não me tivessem notado e não se separassem ràpidamente entre risos.

Em cavalos medíocres trotavam alguns jovens, semelhantes a gaúchos meio civilizados, com elegantes ponchos listrados, talvez com a intenção de impressionar. Um carro de carga de duas rodas, atrelado a cinco juntas de bois, afundava-se na terra, rangendo. Depois acendeu-se a luz e via-se gente de todos os ofícios, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, etc., trabalhando mais um pouco para terminarem a semana; assim era, em tôda parte, a vida e atividade à maneira alemã, em língua alemã, tão genuìnamente alemã que enche o coração de alegria.

O dia seguinte, domingo, 28 de fevereiro, foi muito bonito. Saí às 9 horas da manhã para um passeio a pé. Então a querida Alemanha apareceu já em asseado traje domingueiro, as meninas com trancinhas louras nas costas, laboriosamente ordenadas; e mais um curto vestidinho azul, calças brancas e sapatos brancos — e pergunto a cada um se as pequenas não pareciam encantadoras!

Saí do lugar por uma várzea irregular, que não é, como entre nós, no norte, um campo uniformemente relvado, mas uma planície entremeada de pequenas moitas de mirtáceas e de bonitas melastomáceas de apenas um pé de altura, entre as quais bois e cavalos pastavam felizes à distância. Não se pode, todavia, considerar grande seu número, pois muita coisa de côr cinzento-avermelhada, em volta das moitas de mirtáceas, não é nenhum animal que pasta ou descansa, mas apenas um cupim de dois ou três pés de altura, duro como pedra, em forma campanulada, por fora inteiramente morto, mas por dentro habitado e animado por milhares de térmitas; ou um tatu *(dasypus)* nêle faz uma toca, perfurando a entrada.

Quando, com êsses rebanhos no pasto, há um pastor, não se vê o respectivo cão. Êle monta, anda sempre montado, e o seu cavalo é o seu cão de pastor. Quando uma rês se desgarra, o pastor galopa atrás dela e num instante a reconduz à pastagem. Assim, desde crianças, aprendem os teuto-rio-grandenses a montar a cavalo e, como centauros, caracolam mesmo rapazolas através da planície.

Dos distritos afastados da colônia também veio gente endomingada para a vila: jovens cavaleiros ornados de ponchos listrados, ostentando esporas de prata e arreios guarnecidos de prata. Vieram também a cavalo jovens senhoras, sentadas de lado na sela, tão seguras, como os homens, com ornatos de prata nos arreios, porém sem os longos vestidos de montar e, por isso mesmo, mais graciosas e naturais que as nossas hécticas amazonas. Até inteiramente sós cavalgavam mocinhas. Ninguém as molestava. E aliás seria duvidoso que um bandido conseguisse alcançar a centaura em fuga!

A minha peregrinação levou-me na direção sudeste. Com as pastagens se alternavam plantações de milho, mandioca, feijão, etc. De quando em quando se passa pela casa de um colono e se percebe com agrado entre os remanescentes da floresta virgem brasileira, a voz de uma população alemã incipiente e um bem soante "Schönen guten Tag"!

Em breve entrei num dêsses remanescentes da floresta virgem. Em tôda parte, profundo silêncio; nenhum ser humano

passava, nenhum grito de animal se ouvia, nada interrompia o repouso dominical. Apenas, aqui e ali, voa mais para dentro das brenhas um pássaro assustadiço e por alguns segundos sussurram às escuras copas das árvores. No solo úmido da estreita vereda não se ouve o som dos próprios passos. Igualmente silenciosas voejam magníficas borboletas diurnas. Muito peculiar aqui a laertes branco-azulada que em curtos vôos flutua no ar e freqüentemente mostra os seus belos desenhos na parte inferior das asas, que fecha quando em repouso. Quase tão igualmente freqüente ali, uma pequena *morphus* inteiramente amarelo-azulada, para não falar em muitas outras formas menos importantes. Mal se adivinham, no labirinto, as grandes árvores. Os vigorosos troncos, cuja elevação longitudinal e contorsões dão a idéia de serem diferentes indivíduos que se ligaram durante o crescimento, são geralmente mirtáceas, pois êsse grupo de plantas é que caracteriza a floresta. Em algumas figueiras essa contorsão e ligação de partes do tronco é ainda mais notável. Alguns frutos no solo denunciam as altas copas de uma anonácea; contudo os pequenos frutos, embora muito semelhantes na forma à fruta-de-conde, são muito menos saborosos que esta.

Inextrincável é o emaranhado das lianas. Descem geralmente em linha reta das copas das árvores para a terra. A ausência de galhos e de flores, nesse caminho aéreo, é a principal característica dessas plantas singulares. Muitas vêzes a corda da liana parece ter umas folhinhas. Mas, chegando-se perto e examinando-se bem, vê-se que é outra planta, uma similar, uma aristolóquia, que, no alto se enlaçou à vizinha franzina e magra. Dentro da mata ocorre uma bonita acantácea e também uma graciosa cinchonácea. Nas clareiras ostentam-se uma grande jussieua amarela e uma malvácea que lhe é semelhante no "habitus".

E, durante a silenciosa peregrinação, os olhos erram pela floresta e alegram-se com o que é grande e com o que é pequeno, ainda que seja uma diminuta tradescância azul, insignificantes solanáceas e o *polygonum* acre de fôlhas agudas, quase causticantes.

Abriu-se-me uma nova clareira. Numa plantação de mandioca, sôbre um morro, uma pequena casa. Logo por trás dela se eleva um maciço de montanha e imediatamente se reconhecem pedras de cantaria acumuladas umas sôbre as outras, as mesmas que eu já vira em Pôrto Alegre empregadas na construção de casas e no calçamento de ruas, e que aqui se escondiam no seu achadouro, uma pequena mata de cactáceas e bromeliáceas. Compensa a fatigante ascensão das massas de pedra uma vista magnífica que se goza do alto. Avista-se, em tôrno, grande parte da paisagem, cujos rios são tributários do Guaíba. Cadeias de colinas e terrenos de pasto ligeiramente elevados alternam-se com planícies inteiramente lisas; culturas, com a natureza selvagem; e casinhas de colonos, dispersas por muitas milhas, contrastam graciosamente com a floresta verde-negra. Enqunto, quase em tôdas as direções uma distante serra azul envolve o magnífico quadro, o olhar desce do sul e descobre claramente Pôrto Alegre sôbre a sua colina, no meio das águas, e a bela planície do Guaíba.

Mas, bem perto de nós, eleva-se uma pequena "pedra-do-sol". A semelhança é realmente notável; e meu primeiro pensamento, no meu pôsto de observação em São Leopoldo, foi para a vista de Porsberg sôbre Pillnitz, perto de Dresden, e o segundo foi para o meu querido e nobre amigo, o escultor Rietschel, em Dresden, com quem lá estive uma vez! — Assim, com maravilhosa elasticidade, o espírito humano, à vista de uma cena da natureza, corre do extremo sul para o norte pátrio e o grandioso cenário do mundo primitivo cede o passo à recordação de uma "Pietas" e à audaciosa forma do grupo Goethe-Schiller.

Dois falcões protestaram contra as minhas reminiscências e pareciam visìvelmente descontentes por ter eu ocupado o íngreme bloco da "pedra-do-sol". Adejavam em tôrno de mim em círculos muito estreitos; certamente me avizinhara de seu ninho. Retirei-me.

Sôbre a pedra árida não cessa a vegetação. Vi um cacto gigantesco; media uma haste uns 16 pés de altura; ao lado dêle vários outros, sôbre a mesma raiz. Postos juntos em movimento, de modo que os seus espinhos rocem uns nos outros, produz-se

um som exatamente igual ao da água nas hastes. Empurrei a planta e caiu ruidosamente no chão, mas, no âmago, apresentava apenas uma substância medular fôfa. Perto dali havia vigorosos gravatás. Os frutos isolados, mas comprimidos uns contra os outros, de 1 ½ polegada de grossura, formam uma espiga de 60 a 80 castanhas amarelas, tão pesadas que o forte pedúnculo se curva e os frutos amadurecem sôbre a pedra.

Depois de regressar, passeei ainda um pouco, ao entardecer, ao longo do rio. Na praça verde passeavam mulheres de São Leopoldo asseadamente vestidas, algumas até elegantemente trajadas, e à margem do rio murmurante brincavam crianças, enquanto as balsas transportavam alguns cavalos para a outra margem.

Presenciei, então, uma cena inteiramente insignificante, entretanto característica. Debaixo das moitas, do outro lado brincavam três meninas. Sùbitamente combinaram a prática de uma façanha em comum: saltaram para uma canoa e, com mêdo e susto de minha parte, petulantemente a empurraram. A ligeira corrente do rio apanhou a embarcação, mas duas delas remaram com tanta habilidade e coragem, enquanto a terceira ficava tranqüilamente sentada no fundo da canoa, a olhar, que conseguiram chegar com êxito. As duas remadoras saltaram alegremente em terra e correram para a vila. Então a terceira, criança de uns nove anos, agarrou do remo, empurrou a canoa, governou-a, remou maravilhosamente e, naturalmente com grande esfôrço, chegou à margem oposta. E como se tratasse da coisa mais insignificante, a encantadora feiticeirinha amarrou a canoa e saltou para fora.

Em vez de um só dêsses quadrinhos, poderia apresentar centenas. Parece-me que os nossos bons compatriotas nesta natureza sul-americana livre, onde estão expostos a lutas peculiares contra obstáculos naturais, desenvolvem ainda mais determinação em resolver e em agir. Tiveram os pais de vencer a mata virgem, de arrostar lutas sangrentas com os índios selvagens — os bugres — e de resistir a tropas rebeldes. Por entre dificuldades começaram êles, mas conquistaram o solo e os que na Alemanha eram criados tornaram-se senhores pelo direito do trabalho.

Sentem-se livres, porque aprenderam a ser livres. Ainda meninos, os filhos montam a cavalo e percorrem destemidamente a planície. Sentem-se bem dispostos e livres e por isso são corajosos e mesmo altivos, quando os encontramos em caminho. E êste elemento de uma grande determinação e energia desenvolve-se também nas moças, desde a sua tenra juventude. Montam sem esfôrço, elas próprias selam o cavalo e não precisam esperar por um irmão ou por um cavalariço para viajar a cavalo. Aprendem a não fazer distinção humilhante entre a filha do camponês e a môça da sociedade. Isto trazem escrito na fisionomia, na atitude esbelta e firme do corpo, nos altivos olhos azuis. E assim, ousada, era a pequenina remadora que tão atrevidamente afrontou o rio.

Durante a noite desabou uma forte tempestade; a chuva caiu abundantemente e ainda na manhã seguinte, 1.º de março, estava o tempo ameaçador e úmido. Não obstante, montei a cavalo e atravessei o rio na balsa, para uma visita aos colonos que moravam longe.

Mal nos afastamos das casas, hortas e pomares da margem do rio, chegamos a uma planície semeada de lagos aqui e ali, onde passeiam gravemente as garças brancas, enquanto o quero-quero grita insuportàvelmente por tôda parte. Mais além se avista um rebanho de gado pastando tranqüilamente, ao passo que os cavalos se assustam com a aproximação do estranho, levantam as orelhas e, relinchando, fogem em ruidoso galope.

Mais adiante o solo se eleva. A região cobre-se com a relva curta das colinas; aqui e ali, no fundo, uma pequena mata. Passamos, sem o auxílio de uma ponte, um fugidio regato que corta o terreno. O moinho ali existente esconde-se entre viçosas laranjeiras, ao passo que a água jorra sob a abóbada de abundantes bambus e de algumas magníficas acácias de estames purpurinos.

Ao sopé de uma alta serra, por causa de dois picos dominantes, chamada Serra dos Dois Irmãos, fica, a umas duas léguas da Vila, o pequeno e bonito núcleo colonial, a Serra de Hamburgo ou Cidade de Hamburgo, com uma igreja no alto e graciosas casas em baixo. Parece o conjunto um viçoso jardim, com espa-

ços livres semelhantes a parques, emoldurados nas matas escuras da serra que aqui começa.

Apresenta aqui a colônia um caráter inteiramente novo. Enquanto nos colonos da planície, nos da campanha que estão em relações diretas com a Vila de São Leopoldo ou mesmo com Pôrto Alegre, sempre se encontra mistura com o elemento brasileiro, esta desaparece, da Serra de Hamburgo para cima. Começa o elemento alemão em tôda a sua pureza e acompanha o viajante até aos longínquos recantos da serra e dos vales isolados.

Por isso, a começar da Serra de Hamburgo, todos os colonos são chamados "lavradores da floresta" ou das "picadas". Aqui a palavra floresta deve ser sempre tomada no sentido de floresta da montanha — floresta da montanha no amplo sentido da palavra.

Imediatamente após os graciosos jardins e plantações da Serra de Hamburgo principia aquela floresta da montanha. Anda-se primeiro entre sebes de mimosas e lausíneas (*) com flores abertas de mais de um pé de diâmetro, como limite extremo da grandeza das leguminosas, ao lado das pequenas mimosas e entre magníficas convolvuláceas azuis com viçosas bignônias floridas nas clareiras; e em pouco se chega às altas frondes abobadadas da intrincada mata virgem e, em vez de plantas sarmentosas, avistam-se vigorosos troncos de árvores que mùtuamente se apertam e se sufocam. Freqüentemente se vêem dois atletas vegetais agarrados, sem que um vença o outro. Mas já um terceiro deitou seu forte braço em tôrno de dois, penetrando-os e estorvando-lhes a circulação, enquanto nos altos galhos uma pequena floresta de parasitas verdejantes lhes suga a seiva e as prepara para a queda. Em parte alguma se vê, como nesta floresta, desenfreada multiplicação, estrangulamento e morte do mundo das plantas.

Quanto mais penetra o observador nesta maravilhosa oficina da natureza, tanto mais surprêso fica quando ela termina. Estamos à margem de um vasto campo de batalha. Centenas,

---

(*) *Sic.* — *Lausinien* no original. — N. do T.

milhares de troncos carbonizados jazem na inclinada encosta. Alguns ainda de pé, tostados pelo incêndio, estendem os galhos negros súplices, clamando a vingança do céu, até que o machado se ajunte ao fogo que já o precedera, e o tronco, ferido pelo ferro, se precipite no abismo. E no meio dêste caos de aniquilamento ondulam viçosos milharais e feijoais; em volta, esplêndidos laranjais; em verdejantes encostas pasta o gado e à orla da mata relincham os cavalos; ladram alguns cães e chega-se a uma genuína casa de colono. Graciosas crianças louras brincam diante da porta entre galinhas, gansos e porcos e fitam o recém-chegado com os espantados olhos azuis.

Sucedem-se as colônias, uma após outra. Depois, o grave silêncio imortal da floresta profunda, se um ruidoso bando de papagaios não interrompe a solene tranqüilidade ou se os passarinhos não gritam com mêdo a dois ou três casais de gaviões-tesouras que corvejam sôbre as copas das árvores e penetram com o olhar as brenhas, a espreitar os mais longínquos barrancos.

Freqüentemente se encontram colonos que atravessam a mata com os seus produtos. Os cavalos conduzem alforges de 150 libras e os burros conduzem às vêzes o duplo. O guia da tropa tanto pode ser uma jovem camponesa como um homem. Lá em baixo, na planície, as moças montam sentadas de lado na sela, mas aqui na serra montam tôdas como os homens, pois os caminhos são mais estreitos e íngremes. Não usam sapatos, nem meias; os caminhos são demasiado sujos para êsse luxo urbano. O pé fica nu; às vêzes só o polegar, à verdadeira moda rio-grandense, se apóia num pequeno estribo e a vigorosa perna nua se cola firmemente à cavalgadura. Com despreocupada segurança guiam elas o cavalo ou o burro para qualquer parte.

Assim viajam essas moças, geralmente nascidas "na mata", quase sempre sòzinhas, pelo interior da floresta. Às vêzes são belas figuras. Ìntimamente familiarizadas com a natureza, sua verdadeira mãe, não conhecem o mêdo, nem a rudeza da selva, nem os maus caminhos, nem mesmo a difícil arte de montar. Um cavalo! Lembra-me o grito do Rei Ricardo: "A horse, a horse!" Sòzinhas elas selam, sòzinhas cavalgam, sòzinhas dão a forragem aos animais. É o que se vê em tôda parte. Encontrei de uma fei-

ta um grupo de cinco pessoas montadas, das quais duas eram senhoras. Uma, cavalgando, amamentava o filho. Havia um regato a atravessar: o cavalo saltou-o e a criança não foi molestada; com igual zêlo a jovem mãe cuidou do cavalo e do lactente. De outra vez foi um casal cavalgando com uma criança. A sela da senhora estava um pouco frouxa; o homem não se preocupou com isso e continuou a viajar com a criança, ao passo que a mulher se apeou e consertou a sela. Depois ela saltou sôbre o inquieto cavalo e acompanhou o marido, tudo isso com uma facilidade, resolução e segurança verdadeiramente admiráveis.

Nas meninas é encantadora essa vida de amazonas. Um cavaleiro apeou diante de uma casa e entrou. Mal deu as costas, veio correndo uma menina de uns dez anos e, depois de examinar astutamente se não era observada, saltou, como uma gata, sôbre a sela e disparou a galope! Regressou com a mesma rapidez, apeou de um salto e desapareceu, para não ser descoberta sua travessura. Vi dois irmãos, uma menina de uns catorze anos e, atrás dela, um menino de oito, tão parecidos como dois ovos; o menino sustinha-se firmemente abraçado à irmã e ela guiava o cavalo com muita gravidade; muito graciosos os dois, ambos de pés descalços.

Em tôda parte, na serra, encontram-se casos idênticos. E todos falam sòmente alemão, sobretudo os nascidos na serra. Só conhecem o seu lar alemão na mata virgem brasileira e absolutamente não saberiam o que responder, se alguém lhes dirigisse a palavra em português. E como alegremente pula o coração do viajante alemão quando, percorrendo a serra por milhas e milhas, ouve de jovens e velhos, de homens e mulheres, a hospitaleira senha "Guten Morgen"!

Muito têm falado os viajantes da amável "Arocha" que nas ilhas aparentemente felizes do Mar do Sul saúda o recém-chegado! Deve ser amável e triste, pois procede da bôca de um povo de boa índole, mas apático, jejuno de cultura européia, que não atingiu à capacidade de trabalho dos nórdicos.

Como é diferente a saudação alemã nas serras brasileiras! Coragem, energia, trabalho, Europa, o presente e o futuro — tudo ela encerra e traz em si. Onde, antes, por milhas de exten-

são, só havia a floresta silenciosa ou apenas gritavam papagaios e guinchavam macacos, hoje, depois de árdua luta, foi conseguida brilhante e decisiva vitória e os combatentes conquistaram para si e para os seus filhos e netos um solo fértil e opulentas propriedades; e êsses eram os mesmos homens que, segundo me confessaram em tôda parte, na Alemanha teriam encanecido como trabalhadores agrícolas e jornaleiros. Acudiu-me então a mesma observação que fizera relativamente à gente da campanha; igualmente os lavradores da serra, onde quer que se lhes fale, mostram a maior sinceridade, aprumo e franqueza; sentiam-se sob a proteção de Deus e de seu trabalho, firmemente convencidos de que nenhum bailio os pode incomodar e nenhum raugrave perturbar.

Ante o imponente cenário da mata virgem e o trabalho ainda mais imponente dos alemães contra a floresta virgem, surgia realmente, diante de mim, um mundo novo. Pensei imediatamente na Suíça antiga e nos Quatro Cantões. Sei muito bem, aliás, que quem ler estas combinações de idéias à mesa do chá e ficar sabendo como "os homens livres da floresta" de São Leopoldo trabalham na lama, de pés descalços, expostos a tôdas as asperezas da natureza primitiva, provàvelmente torcerá o nariz, não sentindo entusiasmo algum por tal vida! Então, só uma coisa posso aconselhar: que viaje a cavalo nas picadas desta nova Alemanha, ouça e veja e sobretudo fale com o povo da serra e, pelo menos por alguns momentos, viva com êle, inteiramente à sua maneira, para que êle não se acanhe, nem se intimide.

Ao meio-dia fiz alta numa aprazível estalagem para dar forragem e repouso aos meus animais fatigados da árdua viagem na serra. Um jovem casal, ambos nascidos nas picadas e, por isso, genuínos alemães, já abençoados por dois filhos, uma criada e dois jovens almoçavam numa mesa em comum. Não parecia haver distinção entre patrão e empregado.

— Coma conosco o que temos — foi o convite do homem. E sentei-me com os patrões, a criada e os empregados e comi com êles deliciosa carne, batatas e um oloroso creme de frutas. Serviram-me depois café e estimariam que eu ficasse todo o dia com êles. De bom grado ficaria, pois milhares de vêzes os ouvi fala-

rem de sua vida e da felicidade em que viviam. Ninguém na casa entendia o português! Êstes brasileiros de origem germânica não compreendem a própria língua materna!

Admirável esta solidão da mata, êste bosque verde! Como o mundo fica distante daqui! Por acaso recaiu a conversa sôbre o bombardeio de Sebastopol devido a um jornal alemão que estava sôbre a mesa e recordava aquela carnificina. Sim — disse o jovem estalajadeiro — ao seu tempo ouvi falar disso. E era tudo. Aquêle furacão, na época, provocara rebojos nas mais remotas praias de tôdas as partes do mundo; mas nas matas de São Leopoldo apenas sussurrara; a gente ali, apenas ouvira falar a respeito.

Foi-me difícil forçá-los a receber algum dinheiro pelo meu almôço. É costume geral, nas regiões pouco habitadas, que se pague sòmente a ração de milho para o animal ou o vinho, a cerveja, etc., porém não o que se come ao almôço. Tinham-me convidado para o almôço, eu fôra seu hóspede, exatamente como qualquer viajante que aparece à hora da refeição. Involuntàriamente a gente se recorda dos tempos antigos.

Da janela da casa, na orla da serra, mostraram-me a duas milhas de distância um ponto, num corte da serrania, onde eu poderia passar a noite. Os caminhos são tão maus, tão confusos, tão cheios de subidas e descidas que numa tarde não se anda mais de duas milhas. Após o pôr-do-sol nada se pode fazer. A vista era magnífica! Um amplo vale. Alternam-se as plantações e as frondes escuras das árvores. Aqui e ali uma casa de colono, ainda branca, — pois até aqui ainda se traz cal para construir —, com telhado de tabuinhas; pertinho dela um laranjal verde-negro e, em volta, um pouco mais longe, um milharal verde-amarelo; na encosta uma pastagem com cavalos e vacas; no centro, ao fundo, duas igrejas e um lugarejo e algumas serras de permeio — assim vi eu o pequeno e entretanto tão grande e nobre mundo que eu ainda tinha de percorrer até à noite.

Cavalgando e escorregando, conforme as circunstâncias, alcancei o vale. Um aguaceiro tornou o caminho ainda pior, se possível. Todavia por vêzes raiava lindamente o sol. Então brilhava a orla da floresta; sôbre os galhos secos pousavam bandos

de papagaios e asseavam seus coloridos vestidos de penas, levantando vôo em infernal gritaria ao aproximarmo-nos ou até ao pararmos o cavalo. Sabem muito bem êsses insignes inimigos do milharal que quem está parado pode muito fàcilmente disparar um tiro, com o que o caçador e o colono têm um inimigo a menos e à mesa um assado a mais, pois o papagaio fornece saborosa carne. A caça é abundante: numerosos veados, porcos do mato e, conforme o gôsto, mesmo antas, que se encontram em quantidade nos terrenos úmidos e naturalmente pouco acessíveis. A onça ocorre muito mais raramente; dez dias antes fôra morta uma a tiro. O animal só ataca o homem por necessidade e, em tôda a região, apesar de muito indagar, não tive notícia de nenhuma história sangrenta dêsse felino que eu possa reproduzir.

Algumas lindas cássias em flor, uma melastomácea ornamental, de um pé de altura, com as suas flores azul-avermelhadas e estames amarelos, grandes lausíneas (*), e em tôrno delas, viçosas bignônias de flores côr de carne — me acompanharam pelo caminho. Serpeia um rio espumejante sob uma ponte inteiramente nova, de cantaria, em dois arcos, que jamais supusera encontrar aqui. Pouco adiante, uma bonita azenha com uma bela casa de residência, valiosa propriedade de um rico alemão, Plaud, que se tornou talvez, o homem mais abastado da colônia.

Aqui a região sobe em verdadeira forma de terraços. Quanto mais se sobe, mais viçosa é ela. Numa longa praça verde ficam as duas igrejas, já visíveis de longe, uma mais velha, católica, e a outra inteiramente nova, evangélica, que me recorda vivamente a nossa igreja no Rio de Janeiro. Só as fachadas são diferentes. Pequeno número de casas forma o lugarejo, chamado São Miguel, por causa da igreja católica, ou ainda mais freqüentemente "Rua dos Judeus" *(Judengass)* porque outrora muitos judeus, vendedores ambulantes, freqüentavam os arredores das igrejas cristãs.

Pouco adiante de São Miguel, outro pedaço de caminho difícil, uma subida pedregosa. O terraço que se segue é uma planície úmida, quase pantanosa, na qual, entretanto, as planta-

---

(*) *Sic.* — N. do T.

Na Campanha Rio-grandense. Quadro de Pedro Weingärtner. (De *Biografia duma cidade*, Tipografia do Centro S. A., Pôrto Alegre).

ções têm boa aparência. Aqui vi eu magníficas laranjeiras! As frondes escuras, semeadas de frutos amarelo-dourados, ofereciam uma esplêndida vista.

Dessa planície úmida parte, para a crista da serra, um trecho de caminho particularmente mau. A densa floresta sobe a pique; dentre o labirinto verde elevam-se massas rochosas inteiramente calvas. Uma brecha muito estreita, apenas perceptível, assinala o ponto onde é possível passar através das brenhas. Bem perto, uma venda, taberna ou estalagem, se assim se podem chamar os pequenos estabelecimentos nestas serras, nunca próprios à hospedagem de viajantes, pois não os há nesta região.

Um alemão, José Andres, era o dono da venda. A entrada na casa foi muito desagradável: um grande soalho de tábuas com uma armação de botequim e um pequeno depósito de tecidos de algodão, ao lado uma grande cama de casal, à esquerda dois quartos, feijão espalhado num canto, no outro um monte de sacos de milho e uma mesa comprida com bancos de madeira — era o espaço chamado estalagem, onde eu devia ficar. Soprava um vento frio e úmido. Em baixo corriam através do vale nuvens brancas em tôrno dos picos que, como ilhas escuras, se elevavam acima do mar branco côr de neve. Com um binóculo, poderia ver à distância de oito milhas, com perfeita nitidez, a Cidade de Pôrto Alegre sôbre sua península na planície do Guaíba.

O vendeiro ficara embaraçado com a minha chegada. Trouxe-me pão de milho, manteiga, carne-sêca e mais um copo de vinho do Pôrto. O homem estivera no Rio de Janeiro e por isso lhe declinei o meu nome. Presenciei, então, uma cena muito cômica. Sua mulher ausente, quando solteira, estivera muitas vêzes em minha casa, no Rio de Janeiro, conforme contara diversas vêzes ao futuro marido, e fôra tratada amàvelmente por minha família e consolada na sua situação de isolamento. Com uma cordial imprecação, em que de bom grado participavam o bom Deus e o Diabo, cumprimentou-me êle e não podia conformar-se que nestes dias estivesse a Apolônia fora, em visita.

Admirável e genuìnamente alemã a cena da tarde em casa de José! Dos sete filhos de José e Apolônia, dois estavam com a mãe em visita. As outras cinco crianças foram primeiramente

banhadas no banheiro comum e depois levadas por uma criada para o quarto de dormir. Entretanto punha a mesa para o jantar outra criada, uma asseada jovem, cujo vestido de lã vermelha obstinadamente se recusava a acompanhar o seu belo desenvolvimento físico. Abaixo dos joelhos era demasiado curto; acima, na cintura, muito estreito. Sapatos e meias não usava a esbelta moça. Visìvelmente se envergonhava diante do estranho e contudo parecia bem a filha da floresta tão pobremente enroupada.

Havia na mesa, para o jantar, leite, pão, carne e café. José, uma velha, dois empregados e as duas criadas comeram tranqüilamente, um ao lado do outro, mas em completo silêncio, à luz turva de uma lâmpada de azeite. Depois sentaram-se as duas criadas, costurando, ao passo que a velha e os dois empregados seguiram para uma casa contígua.

Caiu a noite e trouxe uma discussão sôbre a dormida. Como só havia duas camas, eu não queria privar nem José de sua cama de casal, nem as duas criadas de sua cama no quarto. Por outro lado, nem sequer podia José pensar que um doutor do Rio de Janeiro dormisse sem cama. Improvisei uma com dois bancos e nela me deitei com minha roupa úmida. Dentro em pouco, José roncava em sono profundo e eu fingia dormir.

Sutilmente se dirigiu a criada mais velha para o quarto e foi para a cama. A mais nova, depois de ter espreitado se eu realmente dormia, sentou-se junto do balde em que as crianças se tinham lavado e sem ruído lavou os pés com tanta cautela e habilidade, que me recordou vivamente uma desajeitada criada, de maneiras grosseiras, do "Griseldis" de Halm. Talvez o mesmo tenha sucedido ao conde Münch-Bellinghausen.

Despertou-me na manhã seguinte uma chuva ruidosa. O relógio da Floresta Negra batia cinco horas. Depois de uma hora desagradável, a moça do vestido curto trouxe-me da cozinha café muito fraco, mas quente, que me restituiu completamente o bom humor. Pelas 7 horas a chuva transformou-se em tempestade sêca. Muito alegremente montei a cavalo e continuei a viajar.

Já na crista da serra — difìcilmente um cavaleiro pode dar passagem a outro no caminho escavado que lá conduz — sobe uma pequena vereda que eu devia seguir, pois o caminho principal leva ao vale, a "Walachei" e a "Jammertal", e não à cachoeira do Rio da Cadeia, para onde eu queria ir.

As denominações acima são de origem humorística. Depois de, sob vários nomes, ter sido levada a picada de São Leopoldo até à crista da serra, os colonos, quando tiveram de seguir pelo labirinto inculto dos íngremes desfiladeiros daquele lado, deram-lhes os citados nomes de *Walachei* (Valáquia) e *Jammertal* (Vale-de-Lágrimas), que desde então ficaram ligados a distintas colônias.

Grandiosa é a perspectiva sôbre essa Valáquia e o Vale-de-Lágrimas. Difìcilmente se verá mata mais selvagem do que aquela; difìcilmente se vêem as construções na escura profundidade dos desfiladeiros, pois as colônias pròpriamente ditas ficam um pouco mais longe. Sem dúvida é preciso coragem para, partindo destas alturas, penetrar no vale, refúgio, outrora, dos índios selvagens, onças e antas. Expulsá-los, sobretudo, os primeiros, custou muitas lutas sangrentas.

Quando São Leopoldo foi fundada, os bugres ou índios selvagens — pois a palavra bugre não indica nenhuma tribo, mas o estado de selvageria — viviam no campo, diante do Monte Hamburgo. Retiraram-se dali para a serra, mas desde então atacaram as picadas e colônias. Deram-se recontros sangrentos. Num dêsses ataques foram mortas onze pessoas. Os bugres raptaram das plantações mulheres e crianças, só um ano depois reconquistadas. Uma jovem senhora grávida teve o filho entre os índios e, logo que a criança chorou, êles a tomaram e diante dos olhos da mãe a despedaçaram, batendo-lhe com a cabeça contra o tronco de uma árvore, pois não toleravam criança chorando, que podia trair-lhes o esconderijo. Com seus próprios filhos devem ter feito várias vêzes a mesma coisa. Assim me contaram nas picadas.

Com tais acontecimentos, não podia haver relações entre os colonos e os bugres. Quando aparecia um selvagem nu — e todos andam completamente nus e assim tinham de andar entre êles

os prisioneiros, mesmo as mulheres —, sem dizer água vai, atiravam-lhe uma bala na carne. E essa *ultima rerum ratio* surtiu efeito: há três anos não se fala de índios na colônia. O govêrno estabeleceu numa parte da colônia alguns chamados "índios mansos", pois em algum lugar há de ficar essa gente infeliz. Conservam-se, porém, inteiramente à parte e acredita-se que podem um dia lançar fora a roupa e voltar para a sua vida na selva.

Deixei ficar em baixo, à esquerda, os ásperos desfiladeiros da Valáquia e do Vale-de-Lágrimas e enfiei pelo caminho para o alto, à direita, para a região chamada Boa Vista.

Havia aí uma larga picada aberta na mata, mas, nessa largura, encontrei apenas uma vereda, apenas o vestígio de um caminho. Deparou-se-me algum gado, pastando, de modo que me convenci de que me tinha perdido e regressei, talvez preocupado com a referida condição de barbaria e brutalidade humana até há poucos anos ainda reinante nestas serras.

E por isso muito me surpreendeu ver no momento um tipo genuíno da colônia serrana, uma bonita moça loura, perfeitamente desenvolvida, com um limpo vestido vermelho-amarelado, com os sapatos e as meias na mão, subindo da Valáquia. Perguntei-lhe o caminho e recebi uma resposta serena. Por mais que se admirasse de encontrar aqui, no alto, um homem inteiramente estranho à colônia, ela absolutamente não ficou confusa e falou com franqueza. Vinha da casa do pai, na Valáquia, para a casa de um irmão, perto dali. Tinha dezoito anos de idade, chamava-se Maria, nascera no mar, quando os pais vinham da Alemanha e desde então nunca saíra da serra. A ingênua criança grande era realmente graciosa no contar e no andar; parecia a esbelta Araçamyrte na floresta.

— Não tem mêdo, quando anda sòzinha aqui na mata? — perguntei-lhe.

— Eu ter mêdo? — disse ela — aqui ninguém me faz mal; já andei aqui de noite e conheço tôdas as árvores do caminho.

Nas árvores, suas conhecidas, soprava violenta tempestade; os troncos estalavam, gemiam e batiam fortemente uns contra os outros. Então era muito bonito Maria lançando seus olhos

azuis claros sôbre suas conhecidas com tôda a expressão de uma saudação.

Quando lhe perguntei pela cachoeira, ficou muito admirada: "O senhor quer ir à cachoeira, ah, mas lá é muito êrmo; eu nunca pude olhar lá para baixo." E então me falou da cachoeira solitária. Caiu repentinamente violento aguaceiro. Ela começou a correr ràpidamente. O caminho fazia, descendo, uma curva. Ela saltou ràpidamente para uma vereda lateral e pouco depois ouvi um cão a ladrar; ali certamente morava o irmão de Maria e teria chegado lá a filha das brenhas.

Decerto ao leitor de uma descrição de viagem no Brasil parecerão supérfluos êsses pequenos detalhes, que julga poder encontrar em tôdas as aldeias alemãs. Todavia são o tom fundamental, traços distintos do quadro colonial sul-americano. Na livre floresta virgem, nem ofendida nem humilhada pelas diferenças de classes sociais, sem preocupação pelo alimento, nem endurecida por invernos rigorosos — cresce, nas arejadas alturas, uma juventude mais elástica, uma natureza humana mais viva e mais livre! Ela está para as nórdicas assim como para os fetos nórdicos estão todos os esbeltos fetos arbóreos que acabo de encontrar nesta picada, a caminho da cachoeira. Entre os altos troncos da floresta formam êles um delicado e gracioso caramanchão. Alguns, muito delgados, atingem a 25 pés de altura. A copa, em forma de guarda-chuva, estende-se quase horizontalmente. Outros têm apenas cinco pés de altura, mas o tronco, com quase um pé de espessura, dá à planta uma singular aparência, tanto mais quando os mais grossos são os menos frondosos. Involuntàriamente nos acode o pensamento de que tão poucas fôlhas absolutamente não precisam de tão grosso tronco.

Vêem-se na picada, como barreiras imóveis, gigantescos troncos que se precipitaram da mata e tornaram a cair dentro dela, atravessados no caminho. Muitas vêzes não foi possível removê-los, serrando-se-lhes um pedaço para abrir uma passagem. Um tronco particularmente comprido, no alto, por cima do caminho, formava um perfeito portão. Por cima dêle viçavam fe-

tos, bromeliáceas e orquídeas. Sem incômodo se passa a cavalo por baixo do gigantesco carvalho.

Passei por outras colônias onde, do caos da mata aniquilada, brotava vida nova. Estava exausto meu cavalo. Deixei-o em casa de um colono que cinco anos antes me vira na Ilha da Sapucaia, na Baía do Rio de Janeiro, para onde, então, mandavam os imigrantes, ao chegarem ao Rio, a fim de defendê-los contra a febre amarela.

Continuei a viagem a pé. Atravessei um milharal, passei um regato e depois tornei a subir a bela serra. O céu clareara; o sol rompera as nuvens; matas e campos irradiavam um brilho magnífico. Em tôda parte gritavam os papagaios, enquanto o ferreiro (*) soltava o seu grito penetrante, que se pode ouvir a meia milha de distância.

Penetra até à medula o grito dêsse pássaro, que é um *Chasmorhynchus*. O pássaro é do tamanho de um pequeno pombo. Quando novo, é alvo-sujo, às vêzes com as asas tirantes a negro; quando mais velho, é inteiramente branco. O rosto é cinzento côr de relva, o pescoço e a cabeça pouco emplumados, quase cerdosos, o bico curto e muito largo na parte posterior, como o dos caprimulgídeos. O som inicial do grito é o de uma martelada numa bigorna. Segue-se depois um tom arrastado, como se um ferreiro passasse uma lima grossa na borda de uma lâmina de ferro. Muitas vêzes o pássaro fere apenas um tom e canta com voz fina e isso soa bem quando êle pousa sôbre um galho sêco no alto da floresta. Quando, porém, dá as marteladas em cheio, é um som terrível. Na cidade havia na minha vizinhança uma dessas horríveis urupongas e sempre me pareceu um desleixo da polícia permitir que se tenha êsse pássaro engaiolado.

Uruponga é o nome do ferreiro em guarani: *uru* significa ave, qualquer ave, especialmente um galináceo. Há uma espécie de galo do mato, um galiforme, que se chama precisamente uru.

(*) Avé-Lallemant emprega aqui a palavra "ferrados", que não é alemã, nem portuguêsa; e mais adiante denomina a ave de "uruponga", dando-lhe um étimo guarani, cuja legitimidade não nos cabe apurar. Mas, pela descrição e classificação que dá o autor *(Chasmorhynchus)*, não há dúvida de que se trata do nosso ferreiro ou araponga. — N. do T.

Uru-bu significa abutre negro; *Uru-guai* significa rabo de galo; é, pois, o rio que tira o nome de um rabo de galo. Uruponga é um "uru" (pássaro) que "ponga" (grita), um ferreiro, um bocaça, um *chasmorhynchus*.

Diante de uma pequena casa de colono estava uma mulher, que me perguntou se eu ia para a cachoeira. O marido dela me serviu de guia.

Seguimos, serra abaixo, através de uma floresta úmida; acolheu-nos um vale cheio de sol ou, melhor, um pedregoso leito de rio de 80 pés de largura, em que rumorejava um límpido riacho subdividido em vários ramos. Êste leito de rio, selvagemente romântico, estreita-se à direita, subindo a ravina, ao passo que à esquerda termina sùbitamente, como se fôsse cortado, produzindo, na profundidade, um som abafado.

O guia queria conduzir-me através do leito do rio. Em vez disso, tirei os sapatos e as meias e, saltando cautelosamente de pedra em pedra, passamos para o outro lado. Aqui subiu o guia o último ressalto e convidou-me a fazer o mesmo; não o consegui, mas sentei-me e pude olhar tranqüilamente para baixo.

Pairava no abismo uma trêmula coluna de água branca como neve. A parede de pedra é cortada verticalmente. Ambos os lados da garganta, cobertos de plantas, são quase igualmente íngremes e formam lá em baixo um longo e tortuoso vale, em cujo fundo estão dispersas rochas escalvadas.

Mas fica-se tão imediatamente sôbre a cascata e ao lado dela, que não se pode abrangê-la com a vista. Por um atalho chegamos à orla do vale. Usando cautelosamente os pés e as mãos, no que algumas grossas trepadeiras nos prestaram valiosos serviços, descemos ao fundo do abismo. Por duas vêzes tivemos de valer-nos de uma escada. A descida é enormemente fatigante e não isenta de perigo, pois, através de trepadeiras e de rochedos, vê-se o chão a centenas de pés abaixo. Os maiores rochedos caíram e formam lá no fundo um portão de rocha através do qual se tem de rastejar.

No caos de pedras do leito do rio anda-se com o auxílio de todos os recursos da ginástica, com o perigo de escorregar e arrebentar-se nas pedras ou afogar-se nas águas. Assim a gente se

aproxima da queda dágua, bem perto da parede de pedra, de onde o Rio da Cadeia, num único arco de espuma alvíssima, se precipita da altura de 375 palmos ou 281 pés. Com perpétuo bramido, em perpétuo movimento desaba a massa aquosa, recebe-a um escuro e profundo poço.

Ao lado das águas em eterno movimento a rígida e imóvel parede de pedra. De todos os lados pende, para o fundo, uma alegre vegetação; pequenos fetos e musgos comprimem-se nas proximidades da queda dágua; em baixo, no leito, onde a corrente de água se despeja entre blocos de pedras de 16 a 20 pés de altura, florescem viçosas fúcsias e jussieuas e uma magnífica ingàzeira de estames vermelhos e anteras castanhas se inclina sôbre o quadro da vida eterna e da morte eterna.

Um fino vapor de água flutua em todo o caudal e refresca a mata e a ravina. Bandos de borboletas revoluteiam e completam o quadro natural. Por cima, como através de um rasgão, se estende uma estreita faixa de céu azul.

Vi a cascata do Rio da Cadeia numa época de baixo nível de água; por isso o seu aspecto era mais gracioso do que imponente e, como bonito cenário, figura, sem dúvida, entre os mais belos de sua espécie.

Inteiramente diversa se apresenta ela no tempo das grandes chuvas. Então a parte superior do leito fica cheia até às bordas da mata com a água em torvelinho, cuja corrente turva arrasta às vêzes enormes árvores. Com terrível trovão sólidos e líquidos precipitam-se no abismo e quebram-se contra os penhascos do fundo. Dois troncos de árvore estavam no fundo e nós os utilizamos como pinguela natural.

Menos trabalhosa, mas também exaustiva foi a subida, durante a qual se quebraram sob os meus pés, sem conseqüências desagradáveis, dois degraus de escada. Quando cheguei, subindo, tremiam-me os pés e as mãos devido o esfôrço; e foi um alívio estender-me numa pedra lisa na parte superior do leito do rio, ouvindo o murmúrio das águas da serra, e abandonar-me ao feliz momento em cômodo repouso.

Tal momento não se descreve com palavras. Talvez chegue tempo em que grandes grupos de viajantes façam peregrinações

à cascata do Rio da Cadeia para observá-la e a descrevam com tôdas as minúcias. Quem então lá subir talvez ainda veja meu nome gravado na parte superior do rochedo. Desejo-lhe, então, a mesma felicidade que, naquele sítio, gozei na profunda solidão da floresta.

A tarde tornara-se esplêndida, e, bem disposto e alegre, iniciei a minha peregrinação de regresso. O único estôrvo é que não queriam largar-me os colonos a quem prometera visitar para pedir informações sôbre a terra e a gente. Mas guardei no meu coração a gente das picadas com sua rusticidade independente e sincera.

Por isso, depois de ter partido, ainda olhei de bom grado, com alegria, do alto para baixo, para as "Baumschneids" (*) e o "Teewald" (**), como se chama aquela região. Muito brilhante parecia o sol sôbre o profundo verde-castanho das frondes das árvores, muito alegres viviam os papagaios a sua ruidosa vida e muito amàvelmente saudavam a gente em tôda parte; foi uma viagem maravilhosa. Pouco depois olhei do alto da serra para o sul. Reconheci perfeitamente o mundo verde, a meus pés, colônias, serras e matas, Porto Alegre distante umas nove milhas geográficas, a massa de água doce do Guaíba, a Ponta de Itapoã, onde o olhar se perdia sôbre a Lagoa dos Patos e nas longínquas cadeias de colinas azuis.

Em breve voltei ao meu local de dormida, ainda com sol; a paisagem era belíssima e eu não cansava de viajar; continuei, e a noite tornou-se encantadora; em graciosa desordem alternavam-se o silêncio e o ruído da selva, as escuras sombras da serra e o dourado arrebol do crepúsculo, a alegre gritaria infantil e o murmúrio das fontes.

De longe avistei, brilhando, a clara igreja protestante de São Miguel. Já era noite quando cheguei. Encontrei uma estalagem bonita, asseada e consegui um quarto com uma cama boa e limpa, o que é um refrigério depois de uma longa excursão na serra.

(*) Teuto-brasileirismo. É a tradução de picada (caminho). — N. do T.
(**) Erval. — N. do T.

Infelizmente, despertou-me a chuva. Continuei a viagem em companhia de um jovem que seguia o mesmo caminho; acompanhou-nos a chuva, por vêzes insuportável. Na mesma venda onde jantara dois dias antes, tive de refugiar-me. Diante da porta, amarrados muitos cavalos de sela e de carga; dentro de casa, jovens alemães galhofavam de muito bom humor. Era um prazer ver e ouvir os vivos e alegres rapazes. Repentinamente se calaram. Uma robusta moça chegou a cavalo e vendeu dois sacos de feijão. Mas a pobre sofreu um vexame. Visìvelmente, além da camisa, não trazia nenhuma roupa interior por baixo do vestido; estava molhada até os ossos e envergonhava-se de que, diante de muitos rapazes, o vestido colado lhe traísse as avantajadas formas. Os jovens todavia não soltaram pilhérias. Montando naturalmente à moda masculina, como tôdas as mulheres na serra, ela foi-se, sob a chuva, arrastando atrás o animal de carga. Mas um dos rapazes não deixou de, pelo menos, vê-la sair e foi à porta. "Oh, estás vendo se vem o sol?" — perguntou um brincalhão. "Não" — respondeu outro — "êle está vendo para onde o sol vai". E assim se sucederam os chistes até que estiou e o sol transluziu. A tropa, de 22 animais, seguiu para o vale; subíamos, mas já antes de chegarmos à floresta, a chuva começou de novo a molhar-nos.

Na floresta ouviu-se um horrendo bramido, como se uma vara de porcos começasse a gritar roucamente. Um bando de bugios escondia-se nas árvores, por cima de nós; impossível descobrir um só dêles; nem meu companheiro, conhecedor da mata, podia avistá-los. Em lugares mais baixos cacarejavam galinholas e nos lagos, por entre as ervas, ressoavam aos milhares sons queixosos, tristes como chôro de criança e lúgubres como nunca ouvi. Em resposta à minha pergunta, declarou um de meus companheiros: "Isso é um bicho que vive nos charcos". "E isso é um pássaro aquilino" — acrescentou êle tranqüilamente, quando passou voando, sôbre nós, uma ave de rapina. Ao quero-quero chamou êle "kiebitz" (pavoncino) e um alemão não pode dar-lhe outro nome.

Nas colinas de erva curta do Monte Hamburgo brincavam cavalos. Alguns vinham travêssamente em trote lento atrás de

nós e partiam a galope quando os assustávamos. Muitas vêzes, agrupados no alto de uma colina, relinchavam, sopravam e olhavam para nós, atentos, de orelha em pé.

Viajamos através da planície por um caminho curto, mas encontramos trechos inteiros inundados e tivemos de passar por muita água.

O sino da Vila de São Leopoldo batia exatamente meio-dia quando eu atravessava o Rio dos Sinos e voltava para o meu agradável acantonamento.

Na manhã seguinte, 4 de março, desci o rio no barco a vapor. Desta vez, no magnífico cenário da travessia, encontramos jacarés e elegantes garças brancas, esvoaçando atrevidamente por cima de nós, a pequena distância, e outra ave, muito semelhante à nossa fulica na forma e modo de viver. A seguir víamos, de longe, a imponente Pôrto Alegre, admiràvelmente situada. O rio, que se une com o Rio Caí, cada vez mais largo, a região cada vez mais animada e mais navios e mais casas de campo descortinávamos. Quando desembarquei, e de novo começaram a mover-se em tôrno de mim as atividades do mundo comercial, pareceu-me um sonho minha excursão através da colônia de São Leopoldo e à cachoeira do Rio da Cadeia que, em sua variedade de formas e de colorido, jamais esquecerei.

Infere-se dêsse ligeiro esbôço de minha excursão a São Leopoldo que muito se enganaria quem julgasse São Leopoldo simplesmente o amável lugarejo, a aldeia, a vila do Rio dos Sinos; São Leopoldo é antes um grande distrito colonizado por imigrantes alemães e por seus filhos, nascidos no Brasil, mas inteiramente alemães; é uma parte da Província, de extraordinária importância e merecedora de nossa máxima atenção.

Muito agradeço à bondade do médico Hildebrandt — ìntimamente ligado à vida e prosperidade da colônia desde a sua origem; que na sua longa vida no Brasil, no meio da uma colônia isolada e cercado de gente simples, tem conservado de maneira verdadeiramente admirável a sua educação européia e notável elasticidade espiritual — os valiosíssimos materiais por êle sèriamente compilados e inteligentemente elaborados sôbre a co-

lônia de São Leopoldo, da qual foi incansável diretor por longos anos.

Primeiramente êle naturalizou em massa, no solo brasileiro, o elemento alemão, naquele tempo ainda estranho e sem pátria, e conduziu-o à completa prosperidade e com isso resolveu uma das questões vitais do Brasil: o florescimento de uma colônia alemã numa província brasileira.

Com a maior liberalidade me permitiu utilizar o seu belo trabalho sôbre São Leopoldo, em todos os sentidos, até à data que alcança, isto é, 1854.

Segundo êle, fica a colônia de São Leopoldo entre 29º 16' e 29º 48' de latitude meridional e 51º 1' 30" e 51º 35' 53" de longitude ocidental de Greenwich e forma um polígono irregular com a área de 83 léguas quadradas.

Um têrço da terra, ao sul, consiste em campinas, arbustos e mesmo pântanos. Os dois têrços do norte, ao contrário, formam terras montanhosas e cobertas de matas, apropriadas para qualquer cultura; a ausência quase absoluta do pinheiro brasileiro já anuncia a fertilidade do solo.

A floresta é rica de madeiras úteis. Infelizmente se utiliza o que serve para construir no próprio local; o resto do excelente material é queimado. Parte do distrito florestal ainda não utilizado encerra muita erva-mate; aliás, a picada ali existente chama-se Erval ("Teewald").

Entre os rios devem ser mencionados o dos Sinos, o da Feitoria, e o da Cadeia, que deságua no Caí, mais ou menos ao sul. Navegáveis são os rios dos Sinos e Caí. Cartogràficamente ainda há aqui muita coisa indeterminada. Incontáveis regatos torrenciais servem para mover rodas hidráulicas, mas ainda são muito pouco aproveitados. Para um futuro longínquo há aqui uma fonte de incalculáveis riquezas, talvez a mais importante significação de São Leopoldo para tôda a Província.

O lugar, a Vila de São Leopoldo, fica a 29º 46' de latitude sul e a 51º 10' 19" de longitude oeste de Greenwich, em situação muito vantajosa para o comércio, porém muito baixa para as enchentes do rio. O lugar é puramente industrial; são na maioria artífices os 1.200 habitantes que formam sua população.

A história de colônia remonta a 1824. Prometeram aos imigrantes alemães passagem sem reembôlso, direito de cidadania, livre exercício de qualquer confissão religiosa, 160.000 braças quadradas de solo aproveitável a cada cultivador, cavalos, vacas, etc., conforme a necessidade de cada um; além disso, a ajuda de 1 franco por dia para cada um, no primeiro ano, e, no segundo, ½ franco, isenção de todos os impostos nos primeiros dez anos, proibida, porém, a venda do que recebessem de graça neste período. Decorrido aquêle prazo, podiam fazer de seus bens o que quisessem, pagando daí por diante, como impôsto, dez por cento dos produtos.

Mas a personalidade do Major von Schäffer, a quem foi confiada a emprêsa, provocou geral descontentamento e uma série de hostilidades de parte da imprensa alemã, pois de fato era êsse Major von Schäffer um tipo vulgar, tão mal afamado pelas suas aventuras nas Ilhas de Sandwich como no próprio Brasil. Recordo-me do desacreditado nome desde a minha juventude.

Todavia o caso se deu. Mas já em 1826 sobrevieram complicações e mesmo alguns contratos foram postos em dúvida, até que um edito imperial em 11 de abril de 1827 os validou todos, embora muita coisa não parecesse ainda inteiramente certa.

C. F. Kalkmann, cônsul do Brasil em Bremen, auxiliou o Major von Schäffer na emprêsa. Apresentavam-se porém sempre novas divergências. Chegavam à Alemanha amargas queixas e com justificada suspeita e indignação se considerava a longínqua colônia, especialmente de parte da Prússia.

Entrementes medira-se a "feitoria velha" do Rio dos Sinos e se travaram lutas sangrentas e contendas com vizinhos que se apropriaram, na medição, de mais terra do que lhes competia. Três meses completos se passaram em processos por causa dessas terras, antes que os terrenos da nova colônia pudessem ser demarcados. Os detalhes das composições e erros iniciais, a aceitação e recusa das divisões de terra e colônias formam uma interessantíssima secção especial no relatório do distinto Dr. Hildebrandt. Quando lia os indizíveis casos que tinham de ser resolvidos para transformar a antiga feitoria de cânhamo e linho na

colônia cheia de vida de São Leopoldo, ocorreu-me o célebre dito: "Tantae molis erat Romanam condere gentem".

Até o ano de 1830 estavam abertas tôdas as picadas, os colonos alojados e tudo preliminarmente em ordem para o desenvolvimento da colônia.

Então, em 15 de dezembro de 1830, resolveu o parlamento, no Rio de Janeiro, proibir novas despesas e trabalhos para a colonização alemã. Não surtiu efeito, porém, o golpe mortal! Não se desenraizou o que a diligência alemã semeara antes entre as serras e matas virgens das margens do Rio dos Sinos. São Leopoldo sobreviveu! Como um vigoroso tronco da floresta, ela resiste e cresce cada vez mais, deitando sempre renovos de origem germânica na feliz região montanhosa. Mais de 12.000 habitantes conta São Leopoldo, mais de 6.000 artífices; e artistas de tôdas as espécies tem dado a colônia a tôda a Província do Rio Grande. Encontraremos em tôda parte êsses filhos de Ponos e de Merimna, desde o Oceano Atlântico até às longínquas missões dos jesuítas.

Em expressões que muito me comoveram, o Dr. Hildebrandt deu-me as melhores informações sôbre essa gente. São os colonos e seus descendentes homens simples, laboriosos, probos e honrados. E se, do que eu próprio observei em poucos dias, mas hora por hora, devo dar o meu testemunho, digo eu: na mata, separado do verniz da polidez urbana, encontrei um povo rude, vigoroso, muito original, de caráter honrado e ingênuo, embora os homens, ao darem a mão, revelem muitos calos — porque a mata virgem só se vence a machadadas; e embora as mulheres e moças andem de pés descalços em escavadas veredas, com as pernas seminuas, e montem a cavalo à moda masculina — merece ser amado de todo o coração, com tôda a confiança, com todo o amor. Se em alguma parte do mundo é possível, é em suas casas que se pode repousar a cabeça e dormir tranqüilamente, deixando os próprios haveres abertamente expostos. Diz o Dr. Hildebrandt: "Tanto de dia como de noite pode o viajante percorrer a colônia com perfeita segurança, sem de modo algum arriscar sua vida, mesmo que conduza uma fortuna consigo. A melhor hospitalidade espera-o na casa de qualquer colono, na

qual, sendo recebido, é considerado como penhor sagrado e sempre é tratado com benevolência".

Desde a fundação da colônia só ocorreu um homicídio, sem premeditação, em estado de embriaguez. (Depois Schabendorf foi morto a tiros; voltarei ao assunto). Por outro lado, há muitos ferimentos insignificantes, resultado quase exclusivo de "brigas" ocorridas em salas de baile. Os jovens esquentam-se com o vinho e a cerveja, a dança e as moças e esgadanham-se por ciumadas. O combate dos Lápitas e Centauros, as infindáveis lutas por Tróia, os tempos da cavalaria saxônia e dos menestréis suábios e as contendas dos estudantes de Heildeberg — tudo mana da mesma fonte: não se pode mudar o mundo!

Muito mais tiveram os colonos de bater-se com os estranhos, com os índios, que invadiam as colônias, "destruíam os trabalhos, assassinavam as famílias, queimavam as casas e raptavam as mulheres e crianças, sendo as últimas na sua maioria resgatadas depois".

"Um pequeno grupo de soldados não bastava para cobrir tão amplos limites. Na picada Dois Irmãos, em 26 de fevereiro de 1829, foram mortos três colonos e ferido um. Em 8 de abril de 1831, ali mesmo foram mortos mais três colonos, feridos dois outros e raptado um menino, mais tarde resgatado no alto da serra. O pior ataque dos selvagens realizou-se em 15 de maio de 1831 na picada do Hortênsio: onze pessoas de ambos os sexos foram assassinadas, duas outras feridas a flecha e uma terceira a pau. Desde então houve tranqüilidade.

"Como êsses bandos eram os únicos índios que vagueavam nas matas circunvizinhas, desde então os colonos vivem em perfeita paz." (Hildebrandt). De fato, pode ser que muita coisa, que desde então se pretende ter ouvido e visto dos bugres, sejam apenas coisas ouvidas e vistas; os índios não têm mais importância para a colônia.

Menos sangrentos que os ataques dos índios, mas, no entanto, danosos à prosperidade, sobretudo à produção humana da colônia — tão importante para o Brasil — têm sido os prejudiciais ataques de sacerdotes católicos da própria Alemanha, que com as armas da superioridade espiritual e sua fôrça mística

têm intimidado as almas simples e a consciência dos colonos de ambos os credos, inquietando-os e levando-os à vacilação nos batismos, casamentos, confissões, etc.

Até ali, das 11.346 almas da colônia, 4.778 tinham esperado salvar-se pela Igreja Católica e 6.568 pela Igreja Evangélica e, na expectativa dessa salvação, tinham convivido em concórdia cristã.

Existiam 21 igrejas e templos, 9 católicos e 12 evangélicos.

"As nove igrejas católicas são administradas por um vigário provisório, que mora na Vila de São Leopoldo, e por dois sacerdotes seculares pertencentes à Missão dos jesuítas, sendo um na picada dos Dois Irmãos, em São Miguel, e o outro na picada do Hortênsio.

"Os doze templos evangélicos são administrados por quatro sacerdotes evangélicos, sendo um na Vila de São Leopoldo, o segundo no Campo Ocidental, o terceiro em Campo Bom e o quarto na picada das Quarenta e Oito Colônias.

"Desde a fundação da colônia até hoje" — continua o Dr. Hildebrandt — "nunca se deu na população de diferentes crenças o menor conflito em matéria religiosa; e, embora essa população viva misturada, como as situou a divisão das terras, nunca se levantou queixa a êsse respeito e todos vivem na maior união. Antes da chegada da Missão dos jesuítas a São Leopoldo, eram freqüentes os casamentos mistos; muitos homens católicos desposavam senhoras evangélicas e batizavam os filhos segundo o rito católico, o que concorreu, não pouco, para a difusão do catolicismo. Igualmente se uniam homens evangélicos a senhoras católicas, cujos filhos, conforme combinavam, eram batizados, parte como católicos e parte como evangélicos. Mas, desde a chegada dos missionários à colônia, essas uniões se tornaram mais raras, pois os missionários julgavam que deviam ser intolerantes a êsse respeito e recusavam sua sanção a êsses casamentos. Sua intolerância chegou ao ponto de recusarem-se a batizar filhos de pais católicos, se os padrinhos fôssem evangélicos.

"Essa singular conduta, de parte dos sacerdotes missionários, era por demais estranha aos colonos alemães, educados na

escola da tolerância, quando, até então, os sacerdotes brasileiros não lhes tinham criado nenhuma dificuldade.

"No princípio, essa intolerância dos missionários jesuítas despertou não só rivalidade entre os adeptos dos diferentes cultos como também causou muitas discórdias em famílias, especialmente entre as que viviam sob o regime do casamento misto."

Disso também ouvi falar muito em São Leopoldo. Acontecem coisas muito desoladoras! Homens e mulheres, que por longo tempo tiveram vida conjugal feliz, perderam a paz e a união; é para um homem perder a razão. Irmãos desavieram-se e filhos sublevaram-se contra os pais: tão enfàticamente ensinaram os jesuítas o quarto mandamento!

Velhíssima a história de Adão e Eva! Muitos jovens na colônia gostariam de comer a maçã depois da bênção da Igreja! Então a velha serpente vai buscar um jesuíta que lhes recusa a bênção da Igreja para que êles comam a maçã proibida, porque um dos nubentes não é católico.

Muito me contristou tudo o que tive de ouvir sôbre o assunto, pois a causa evangélica não é para rir. Eis por que, de regresso a Pôrto Alegre, logo escrevi para o Rio de Janeiro, a uma distinta personalidade e, de minha parte, tomei a peito não abandonar a causa protestante.

Surpreendeu-me, porém, a situação. Quando, em 27 de março de 1857, me dirigia de Breslau para Viena, por causa de minha viagem de circunavegação, e já me achava no trem, comprei a "Breslauer Zeitung" daquele dia, na qual, sob o título "Rio de Janeiro", se contava a escandalosa história da anulação de um casamento protestante pelo Bispo do Rio. Conhecia bem o casal, todos os antecedentes daquela história e fiquei muito impressionado. Se então estivera no Rio, não me tranqüilizaria tão fàcilmente. Sei, por ter vivido em todos os recantos do Rio de Janeiro, que se lá se favorece uma Igreja do Estado, nem por isso se pretende fazer da nação um Estado da Igreja. Os protestantes — digo-o com tôda a razão — lá somos considerados e muito estimados. Não há impedimento para casamento misto e reinam paz e união em todos os lares. Eu próprio servi de padrinho a

muitos católicos. A filha mais velha de um de meus irmãos, católica, casou-se, no Rio, com protestante alemão. Durante oito anos, fui administrador de nossa Igreja Evangélica no Rio e nunca tive necessidade de representar à congregação contra a Igreja nacional, mas, sim, contra a indiferença de alguns congregados. Os nossos pastôres sempre foram estimados; são admitidos em todos os círculos sociais e mesmo sacerdotes brasileiros têm relações com êles. Antes de tudo, o próprio Imperador, não obstante fiel católico, dá provas de benevolente indulgência aos sacerdotes protestantes. Isso basta!

Que querem nas picadas de São Leopoldo os jesuítas, saídos das úmidas celas claustrais para oprimir as almas livres das serras? Aquêles dignos senhores devem sair da região; são um veneno para a prosperidade de São Leopoldo, embora não possam estorvá-la inteiramente, pois não há nada mais para entravar, nem católicos, nem protestantes, nem casamentos mistos e seus descendentes.

Numa área de 83 léguas quadradas, em que vivem 12.000 habitantes e quase todos dispersos em colônias pelas matas, desfiladeiros e caminhos escabrosos, onde ir à escola é, de fato, fazer uma pequena viagem — arrosta o ensino sérias dificuldades. Disso se originam condições peculiares para os colonos das picadas. Não me refiro aqui aos pais imigrados, mas a seus filhos, brasileiros natos, que, como tais, têm todos os direitos de cidadãos brasileiros, porém têm de cumprir todos os deveres que incumbem a cada cidadão.

Já em Pôrto Alegre nota-se um germanismo muito difundido. E chegando-se ao Rio dos Sinos, indo-se à Vila de São Leopoldo, a gente se julga numa aldeia alemã. São, todavia, de algum modo conhecidos aqui os usos, os costumes, a língua e até pequenos estabelecimentos agrícolas ou sítios brasileiros.

Mas, passando-se o rio e atingindo-se o Monte Hamburgo, cessa qualquer vestígio do Brasil. *Nenhum brasileiro* — assim denomino, aqui, os filhos dos imigrantes alemães — nenhum brasileiro entende uma única sílaba de sua língua materna, não fala uma só palavra em português. A muitos dêsses descendentes, casados há muito tempo, a casa cheia de filhos não se lhes

ouve uma palavra em português. Posso dizer que aqui há uma região de 50 milhas geográficas quadradas, cujos habitantes sempre falam uma língua estrangeira, a alemã, e nunca aprendem a língua do país, a portuguêsa, porque nunca têm ocasião de ouvi-la.

E por mais que, de um lado, pareça bom, apresenta isso suas grandes desvantagens. Êsses jovens teuto-brasileiros nada conhecem de seu país, a não ser a sua província alemã de São Leopoldo. Jamais podem, aparecendo a ocasião, obter um emprêgo público, jamais ser deputados, nem sequer se elegerem como deputados provinciais; nem estender-se no comércio, nem ir além do "Passo", como geralmente se chama a Vila, por causa do Passo do Rio dos Sinos, nem sair de sua própria província!

Mais ainda! Êles estão tranqüilos na floresta. Um dia, como aconteceu durante a minha visita à colônia, chega um oficial, de cuja existência nunca ouviram falar, e dá a ordem: "Vesti a farda da Guarda Nacional e tomai a carabina; está iminente a guerra contra o Paraguai!"

Guarda Nacional, Guerra, Paraguai! É puro grego para o jovem, que maneja excelentemente a carabina, não fardado de soldado, mas em mangas de camisa; não sob comando, mas ao sabor do capricho e da ocasião; não contra o Paraguai, mas contra papagaios e antas e, em caso de necessidade, contra os bugres. E se alistado chega a Pôrto Alegre, ouve então uma voz de comando da qual não percebe uma sílaba, nem o "à direita", nem o "à esquerda"; mais do que poderia parecer à primeira vista, êle é um trambolho.

Ocorrera há pouco um fato muito desagradável. Um senhor von Schlabendorf que, pelos seus conhecimentos parecia não ter conquistado mérito entre os colonos e que, além de rábula, era oficial da Guarda Nacional, provocou um levante contra si em razão de ordens mal executadas para a convocação da Guarda Nacional e de extorsão de dinheiro e foi ferido, num conflito, por uma bala vinda do mato. Nove dias depois morreu e então os jovens se alistaram para o serviço militar. Assim me foi contada a história.

Uma razoável dose de instrução escolar e especialmente instrução na língua do país é necessária, mais do que tudo, para que a gente compreenda e se faça compreender. Falando duas línguas, os colonos não se tornarão, por isso, dobles; com a instrução em português podem ficar gente simples e honesta; mais ainda, assim conhecerão melhor os seus direitos e os seus deveres, pois, por meio da outra língua, podem ter melhor conhecimento de tôdas as coisas.

Esta falta de conhecimento muito simplifica as relações comerciais. Em duas vendas em que me hospedei durante minha excursão, o estalajadeiro era também negociante, como aquêle José, abaixo da crista da serra, que lá compra milho, feijão etc., que expede para o "Pass". Não se regateia, não se mede, não se pesa nenhum saco. Os preços do mercado são conhecidos e de boa fé se acredita que o saco está bem cheio. Falei anteriormente de uma moça que, sob uma violenta chuva, trouxera dois sacos de feijão a uma venda onde me achava. Sem dizer palavra, ela despejou os sacos; o vendeiro também silenciosamente, creditou-lhe o preço, que ela receberá mais tarde em coisas vindas do "Pass", ou cujo valor pedirá em moeda sonante, pois na picada não se conhece o papel moeda. Correm em tôda parte ouro francês e norte-americano e dólares (patacões) mexicanos, peruanos e espanhóis: só não há papel-moeda brasileiro, o que embaraçaria o viajante desprevenido nesta nova Alemanha, se houvesse viajantes. Apareceram como aves de arribação. A maioria dos que querem ter uma idéia da colônia alemã vão de vapor até à vila, no máximo até ao Monte Hamburgo e já têm material para o seu relatório.

Abordamos, a seguir, as ocupações dos colonos e o cultivo da terra.

Produz-se na colônia tudo o que pode produzir o solo fértil de uma terra abençoada num clima suave.

Nota-se logo a abundância de milho, feijão prêto, farinha de mandioca e batatas. O Dr. Hildebrandt deu-me a seguinte lista da exportação:

30.000 sacos de milho,
27.000 sacos de feijão prêto,

18.000 sacos de farinha de mandioca,
15.000 sacos de batatas.

Além disso: carne, peles, chifres, artefactos de couro, tôdas as espécies de aves e seus produtos, por exemplo 35.000 dúzias de ovos; mel em enorme quantidade, frutas de tôdas as espécies, cerveja de boa qualidade, manteiga, queijo, lenha, madeira de construção, navios fluviais, grande quantidade de óleos (de amendoim, rícino, semente de abóbora e linhaça); grande quantidade de artigos manufaturados e industriais, para os quais a natureza fornece o material: esteiras, cestos, cobertas, etc.

O valor da exportação ascende a uns 600 contos (quase 500.000 táleres prussianos) e o da importação a uns 453 contos (cêrca de 350.000 táleres prussianos).

A navegação fluvial muito facilita o tráfego. Já falei da navegação regular entre Pôrto Alegre e São Leopoldo, da emprêsa dos laboriosos e incansáveis irmãos Diel. Eram sete irmãos, nascidos em Pôrto Alegre, dos quais dois morreram de cólera e um pereceu no naufrágio de um vapor perto de Pelotas. Um dos sobreviventes dirigia a companhia de navegação a vapor para o Rio Pardo e outros portos, de modo que a Província deve a êsses honrados homens o máximo agradecimento.

Na própria colônia são usados para o transporte carros e animais de carga; dos primeiros devem existir mais de 300. Extraordinàriamente grande é o número de animais de carga. Boas estradas, sólidas estradas carroçáveis faltam em tôda parte, especialmente nos distritos da serra.

A colônia oferece um grande futuro à cultura do linho, cânhamo, algodão e tabaco. Por outro lado o café não prospera, pelo menos em grande extensão. À cultura da vinha também sofre suas dificuldades. Todavia alguns colonos já tiveram de seus vinhedos, cada um, cinco pipas de vinho e já se exportaram 28 pipas por ano; tudo segundo o Dr. Hildebrandt.

O mate também oferece grandes possibilidades. Bonpland, que viveu por longo tempo no Rio Grande, na margem do Uruguai — e sôbre o qual falaremos depois — deu especial atenção à colheita dêste chá, na Europa ainda não importado em grande quantidade. Discutirei isso em outra oportunidade. Depois de

ter extirpado, por ignorância, as árvores que cresciam abundantemente, se se quisesse replantá-las, 100 braças quadradas comportariam 1.600 árvores, cada uma das quais, depois do sétimo ano daria duas a três arrôbas (1 arrôba = 30 libras) de chá; e depois tôdas juntas, produziriam a renda anual de quatro contos (3.200 táleres prussianos).

Prosperou também na colônia a cana de açúcar. No ano de 1854 havia 34 engenhos. Todavia há falta de braços para estender-se a indústria açucareira.

Com o chá chinês foram feitas experiências, porém não desenvolvidas. Entretanto o arbusto cresce perfeitamente bem.

As batatas medraram muito bem até o ano de 1850, mas depois apareceu uma doença nelas. Não obstante, no ano de 1853 foram produzidas batatas no valor de 42 contos (mais de 32.000 táleres prussianos). Em Pôrto Alegre e na colônia encontrei em abundância excelentes batatas e a exportação daqui em diante é estimada em 60.000 sacos.

Clássica é a cultura do feijão prêto e tanto mais lucrativa quando êste gênero alimentício do povo está em alta em todo o Brasil. "Quanto está custando o feijão no Rio?" Eis a primeira e a última pergunta que se tem de responder quando se chega do Rio. No ano de 1849 a colônia exportou apenas 8.000 sacos, no ano de 1853, 34.680 sacos (27.000 sacos, segundo uma indicação anterior do Dr. Hildebrandt).

Muito maior ainda é a cultura do milho. No ano de 1853 a colônia consumiu 18.417 sacos e exportou 30.000, no valor de 110 contos (cêrca de 90.000 táleres). O pão de farinha de milho misturada com um pouco de farinha de centeio, é excelente; uma senhora da colônia faz com essa farinha bolinhos e pãezinhos. Em São Leopoldo até cerveja e aguardente se faz de milho.

Na sua significação econômica para a colônia, a farinha de mandioca quase emparelha com o milho. A tapioca, amido extraído da mandioca, serve para a feitura de pastelaria fina que se prepara muito bem na colônia.

A rizicultura ainda não é importante, mas o arroz é bom e de grande procura no comércio.

Mais algumas palavras sôbre a *Arachis hypogea*. O fruto chama-se mendubim ou, mais corretamente, amendoim, tem gôsto semelhante à avelã, é apreciado pelas crianças, é preparado pelos confeiteiros e serve especialmente para a extração de óleo. Como se sabe, a planta é uma pequena papilionácea, cujas vagens, quando a flor murcha, penetram na terra e lá amadurecem, motivo porque são chamadas "amêndoas da terra". Cem libras de amêndoas com casca dão 75 libras de amêndoas limpas e estas por sua vez, bem tratadas, dão 38 libras de óleo, o qual, depois de bem preparado, é difícil de distinguir do azeite de oliveira. O sabão que com êle se fabrica é branco, sólido e inodoro. As tortas dão uma boa forragem para o gado; e, misturadas com a têrça parte de farinha de trigo, produzem um pão saboroso e nutritivo. Essas tortas devem ter especial influência favorável sôbre o leite das vacas, sobretudo quando é utilizado na fabricação de manteiga.

Espécies características de abóbora são cultivadas em grande quantidade. Alguns colonos produzem de 120 a 140 carradas. É um excelente alimento para o homem e para o gado; dos caroços extrai-se um bom óleo para lâmpadas.

Extrai-se o óleo de rícino, mas pouco se exporta; serve para iluminação e para o fabrico de sabão.

Algumas palavras ainda sôbre a cultura de nossos cereais. Essa cultura não é importante. O trigo medra a princípio, mas sofre depois todo o ano de ferrugem e por algum tempo deixou-se de cultivá-lo. Mas já se recomeçou a plantá-lo. O centeio dá melhor, mas até agora não pode ser considerado artigo importante, como tão pouco a cevada. A aveia dá muito bem, não estando, porém, o mercado brasileiro habituado com ela; continua-se a alimentar os animais com milho, embora êste, como forragem para os cavalos, seja inferior à aveia.

Quanto aos rebanhos, dada a natureza do solo e a falta de grandes pastagens, mormente "na floresta", não foi possível desenvolvê-los tanto como em outras partes da Província.

A colônia exporta, contudo, bons cavalos, especialmente os adestrados, que encontram bom mercado em Pôrto Alegre.

O mercado de manteiga de Pôrto Alegre é suprido quase exclusivamente pela colônia. Para lá se exportam 60.000 libras. Além disso, 24.000 libras de banha de porco e umas 6.000 arrôbas (180.000 libras) de toucinho. Entretanto, não são exportados mais de 300 porcos cevados. Não se exporta muito queijo; em tôda parte são preferidas as qualidades que vêm da Europa. Achei muito bom o queijo de São Leopoldo.

A exportação de galinhas eleva-se a umas 60 mil.

Antigamente havia um artigo muito florescente em São Leopoldo — os artefactos de couro, ùltimamente menos prósperos. As imensas pastagens dos Estados do Prata fazem grande concorrência à produção de couro. Os curtumes de São Leopoldo diminuíram; todavia ainda se fabricam as afamadas selas, inteiramente diferentes do que chamamos sela. Primeiramente se põe nas costas do animal manta de lã, depois um grande couro liso e mais outra manta de lã; um couro estampado com figuras, flores e arabescos e só depois o arção. Sôbre tudo isso se afivela uma cilha; depois, ainda sôbre a sela, uma coberta — um pequeno couro bordado e uma pele de carneiro ou outra pele fina e ainda uma cilha de couro bordada. Espalhando-se os elementos dessa sela, obtém-se uma espécie de cama. Centenas de milhas viajei montado nessa sela, centenas de noites dormi nessa cama, cujo conjunto pode chamar-se sela ou cama.

Tentou-se ùltimamente a sericicultura e obteve-se belíssima sêda. Todos êsses ramos são porém, prematuros numa colônia onde ainda faltam braços para os indispensáveis trabalhos da lavoura.

E afinal, se posso dar a minha opinião a respeito, é a lavoura o centro de gravidade da colônia, o que absolutamente não se deve desconhecer. "Ah fortunati agricolae, bona si sua norint!" aplica-se também aqui, e muito mais do que à própria Europa. Com a agricultura, especialmente e só com ela devem ficar os colonos de São Leopoldo, mormente nas picadas, na floresta, tal como as abelhas que trouxeram consigo da Europa ficaram produzindo mel com admirável diligência.

Na verdade as abelhas são a característica dominante de São Leopoldo. Multiplicaram-se enormemente alguns cortiços trazi-

Teatro de São Francisco de Paula, em Pelotas, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. (De *O Constitucional*).

dos de além-mar. O cortiço enxameia doze a catorze vêzes por ano. Aquêle José da serra viu originarem-se de um cortiço, num ano, 53 enxames, netos, bisnetos, etc. Vê-se mel em tôda parte, nas picadas, nas mesas pela manhã, ao meio-dia e à noite e constantemente, também, nas boquinhas das crianças.

Temo tornar-me pormenorizado em demasia copiando mais uma série de tabelas do engenhoso Dr. Hildebrandt sôbre a colônia. Entretanto, para dar uma idéia dos costumes dos colonos, devo salientar alguns dados das tabelas relativas à polícia.

Trata-se do têrmo médio (ao ser feita a tabela, tinha a colônia 13.346 habitantes):

Furto	1	por	ano						
Ferimentos ..	9	"	"	(ou	1	por	1.260	habitantes)
Injúrias	5	"	"	("	1	"	2.269	")
Danos	2	"	"	("	1	"	6.673	")

Há ainda algumas ocorrências insignificantes contra os regulamentos policiais, etc., de modo que se pode dizer que ao todo comparece perante o tribunal um acusado em cada 500 a 600 habitantes: resultado que bem poucas outras terras poderão apresentar.

E lançando o último olhar sôbre a colônia e sua gente, lá havia:

Curtumes, 60; selarias, 41; olarias, 6; fábricas de chapéus, 2; fábricas de tamancos, 30; fábricas de óleo, 32; moinhos de trigo, 40; fábricas de farinha de mandioca, 90; destilarias, 34; serrarias, 5; cordoarias, 2; cervejarias, 6; forjas, 32; alfaiatarias, 32; sapatarias, 33; marceneiros, 27; carpinteiros, 47; músicos, 23; em resumo, cada ofício está representado, cuida-se de tôdas as necessidades vitais; pequeno mundo, subsistente por si, basta-se a si mesmo.

Essa, em síntese, a opinião sôbre São Leopoldo, ao norte de Pôrto Alegre. Talvez me tenha alongado demais; mas São Leopoldo é um traço do caráter da vida alemã no Brasil meridional; eu devia visitá-la e estudá-la e, tendo-a visto, não podia guardar silêncio a respeito.

Não posso recordar-me das picadas da colônia alemã do Rio dos Sinos sem íntima alegria e profunda comoção. Os colonos mais velhos, ainda vivos, saíram pobres da Alemanha e, naturalmente, depois de muitas lutas e de tôdas as fadigas imagináveis, tornaram-se gente abastada, senhores de seu próprio pedaço de terra. Os filhos nascidos nessa terra livre, já casados e abençoados com rebentos, são a base e fundamento da colônia; e tão livres, tão sensatos, tão engenhosos e todavia tão vivos, tão calmos, e tão audazes são êles que a gente realmente se admira e não compreende como os filhos e filhas de antigos jornaleiros e peões da Alemanha se acham tão magnìficamente desenvolvidos no corpo e na alma, tais como fenômenos da natureza, não selvagens e desenfreados, mas domados, contidos, conduzidos pela disciplina e pelos costumes, pelo lar, pela família e pelo cristianismo.

Assim vencem, trabalhando, êsses pioneiros da disciplina, da laboriosidade e dos costumes alemães, penetrando cada vez mais nas selvas, de elevação em elevação, de vale em vale, de serra em serra, de rio em rio! Muitos dêles, muitos milhares já se dispersaram na magnífica bacia do Jacuí e de outros confluentes do longo Guaíba; assim muitos dêles já foram para o lado do Uruguai e lá plantaram em regiões isoladas o estandarte do trabalho e da inteligência. O grande e difícil comêço está feito, a primeira tentativa foi brilhantemente realizada. Não perece a poderosa seiva da raça germânica — grande e forte cooperação para o "Surge et ambula".

Essa é a missão dos alemães, o seu dever, a sua vontade; que Deus os ajude a realizá-la! Não têm importância, pelo menos grande importância, as imperfeições isoladas. As estradas e caminhos são defeituosos; defeituosos são os processos judiciais, mormente devido a falta de conhecimento da língua e do necessário entendimento entre as partes; embaraçoso é o obscurantismo dos jesuítas; tudo deve ser removido e pode ser removido.

Por isso posso denominar São Leopoldo uma obra modelar. Ela é um feito importantíssimo, pois prova que em solo brasileiro pode ter pleno êxito um vasto estabelecimento colonial de elementos alemães, que oferece aos imigrantes alemães um amável

lar e aos seus filhos uma magnífica pátria, na qual a energia e diligência, encontram muito maior recompensa do que na Alemanha. Como nem todos podem tornar-se logo proprietários de terras, daí vem a relação de patrão e empregado. O peão, o trabalhador, percebe na colônia o salário mensal de 16 táleres. Aliás, na Vila de São Leopoldo vi uma carta vinda de São Gabriel, na qual se dizia: "Se o Senhor encontrar dois ou três carpinteiros, queira contratá-los por cinco ou seis meses; dar-lhes-ei 40 a 50 mil réis (30 a 38 táleres) por mês, morada, comida, bebida e roupa lavada." O homem que me mostrou a carta não pôde encontrar ninguém para mandar. Êsses salários são muito bons para quem não possua terra própria ou ainda não tenha podido montar a sua oficina.

Mas nem tudo está apenas no lucro material. Estão realmente satisfeitos os colonos de São Leopoldo?

Não percebi nenhuma queixa, nenhum vestígio de insatisfação. Por mais que se pergunte e se pesquise, vê-se que todos estão contentes e satisfeitos; creio mesmo que São Leopoldo seja um dos recantos mais felizes do mundo, se bastante satisfação é realmente felicidade.

E por isso com razão se diz no relatório do Presidente, de 11 de outubro de 1857, à Assembléia dos Deputados da Província: "Desta colônia só vos posso dizer que ela continua em admirável prosperidade, tanto em seus habitantes como em sua produção e riqueza e mesmo na Europa já está bem acreditada, de modo que grande parte dos imigrantes que vêm para a nossa Província para lá afluem espontâneamente. A sua produção agrícola abastece o mercado desta capital (Pôrto Alegre) e fornece gêneros alimentícios em superabundância, de modo que daqui são exportados para outras regiões da Província e para fora dela."

Nos dias seguintes, quando me preparava para a minha viagem através da Província, Pôrto Alegre ofereceu-me uma estada agradável e alegre e tive tempo de inteirar-me, com gente dali, da situação e do ambiente.

De bom grado me reuni a muitas pessoas amáveis, notadamente alemães. Ao que parece êles geralmente vivem à parte e, quando têm família, com ela e para ela.

Ao que pude observar, nem sequer se fala de uma larga convivência, de um esfôrço em comum para fins sérios. E isto não é bom! Longe de querer louvar uma intensa vida social, creio, entretanto, que, em caso contrário, fàcilmente se desenvolve certa indiferença pela vida, certa indolência espiritual, que termina, enfim, pela morte espiritual. Não conheci muitos alemães no estrangeiro que por longos anos sustentassem um movimento espiritual e o comunicassem a outrem.

Na verdade chama a atenção em Pôrto Alegre a falta de Igeja Evangélica. Não consegui penetrar exatamente nas condições de vida dos alemães e não posso dizer com certeza se os meios de fortuna dos indivíduos permitem fornecer recursos para a organização e custeio de uma associação religiosa e o sustento de um pastor. Querendo julgar precipitadamente e pelo que vi, creio que a gente que pode ter um teatro de amadores de amplo estilo e duas grandes associações de cantores, deve ter também uma igreja, uma casa de orações. Sem uma igreja, o serviço religioso em comum, mesmo na vida em família, quando de fato existe vida em família, é inseguro e inconstante. No domingo, 7 de março, não pude encontrar os meus compatriotas em nenhuma igreja, mas à noite, em grande número, no "Lumpacivagabundus".

Creio que, sob formas diversas, êsse "Lumpacivagabundus" aparece mui raramente entre os protestantes do sul. E contra êle a Igreja Católica tem vitórias fáceis; deve parecer-lhe um caso de consciência insultar os homens sem igreja, prendê-los e fazê-los seus. Pelo seu próprio espírito tem a Igreja Católica um dever a cumprir com êsse proselitismo: o Estado permite-lho e os protestantes também, debilitados em ligação com a sua Igreja ou sem ligação alguma. As conseqüências dessa irreligiosidade são o que se sabe em Pôrto Alegre.

Com essa irreligiosidade tem apenas um valor relativo a chamada Sociedade de Beneficência *(Hilfsverein)* e mal merece ela êsse nome. A esmola enche a bôca do necessitado, remenda-lhe

a roupa e dá-lhe novos sapatos. No máximo poderá criar uma escola para crianças pobres; isso é bom, isso é justo, mas, sem igreja, não tem cabeça.

Existe em Pôrto Alegre um jornal alemão, "Der deutsche Einwanderer", fôlha, para mim, de dolorosa recordação, para cujo aparecimento muito auxiliei ao fundador, no Rio, decerto com a melhor das intenções. Mas há muito tempo "Der deutsche Einwanderer" passou a outras mãos e vai vivendo no sul do Brasil. Encontrei-o freqüentemente no Rio Grande e em Santa Catarina.

Em formato muito maior e com atitude mais firme apareceu em Pôrto Alegre o diário "Mercantil" de uma colaboração política seguida em tôda a Província por muita gente que não gosta de estar quieta. Além dêles, o "Correio do Sul" trata de muitas questões do dia com energia e zêlo. Os protestantes, porém, não o toleram.

Como em tôdas as cidades do Império, a população brasileira não tem expressão nacional, não possui coloração determinada. Vêem-se, contudo, certamente, muito menos negros, relativamente, ao número de habitantes, do que no Rio de Janeiro. Ao contrário, parece-me apagar-se o elemento índio. Mas indubitàvelmente a população de Pôrto Alegre tem mais aparência européia do que aparenta à primeira vista; e êsses leves matizes raciais despertam mais a atenção do entendido que a do leigo.

Tive pouca oportunidade de ver a elite da cidade em grandes grupos e em número considerável. O que vi apresentava uma tintura de decorosa elegância e de distinto europeísmo. De boa aparência, bonitas e alegres as moças que vi, aqui e ali ou quando assomavam à janela. São os bons costumes um atributo das senhoras de Pôrto Alegre, tanto quanto pode ver e julgar um viajante em poucos dias.

Quem conseguir acesso ao palácio do Presidente da Província, senador Ângelo Muniz da Silva Ferraz, confessará que reina ali a mais requintada educação européia e o melhor tom social. Todavia não convém trazer a público os círculos familiares e descrever-lhes a civilidade tão agradável ao estrangeiro. O Presidente é também bastante conhecido como estadista.

Das ruas da cidade já falei; quase em tôda parte tudo tem aparência boa e abastada. Na Rua da Praia pode-se ver empilhado tudo o que é europeu, sem que se destaquem lojas muito bonitas.

Não há também nenhum edifício público grandioso na cidade. As igrejas são pequenas, embora seja muito bonita a matriz, no alto da cidade, com as suas duas tôrres.

É o teatro evidentemente, a casa mais esplêndida da cidade e sem dúvida vistosa demais para a capital de uma província.

O palácio do Presidente, ao contrário, é simples e velho, mas de interior muito agradável. A residência do Bispo é uma casa de um pavimento, de mediana altura, com sete janelas de largura.

Está metade por acabar a chamada Caridade, instituição de fins beneficentes, casa-de-expostos, hospital, etc., cuja freqüência hospitalar não é considerável, levando-se em conta que Pôrto Alegre é a capital de uma grande província. Em 1857 começou com 84 enfermos; nos seis meses seguintes vieram 427 enfermos; foram curados 373, morreram 60 e ficaram 78. A mortalidade não é de modo algum elevada, pois deve-se ter em mente que, dada a relativa abastança da cidade, só as classes inferiores vão para o hospital, quando a doença toma caráter sério, verdade incontestável conforme os dados hospitalares de todo o Brasil.

A salubridade em Pôrto Alegre parece ser muito boa. Pela sua situação em declive para todos os lados, está sempre limpa e sêca, lavada pela chuva, varrida pelo vento. Baseando-se em teorias, poder-se-ia pensar que a exalação de muitas depressões trouxesse malária à cidade ou talvez provocasse muita febre intermitente. Contudo, vários médicos distintos, a quem interroguei, contestaram-no e declararam que até então o lugar era muito salubre. No ano de 1855 irrompeu a cólera no Brasil e invadiu o país nos anos seguintes. Pôrto Alegre também sofreu muito com a pandemia, mormente nas regiões mais baixas da cidade, como é natural. Por outro lado a febre amarela, embora desça muito para o Sul, até Montevidéu, não apresentou nenhum vestígio em Pôrto Alegre.

Excelentes como o ar são os gêneros alimentícios. A carne, a batata, o feijão, os legumes, o peixe, tudo é de especial qualidade; a êsse respeito, talvez seja Pôrto Alegre o melhor lugar do Brasil.

A obtenção da água potável deixa alguma coisa a desejar. A cidade fica no meio da água, mas só se deve beber a água da montanha e esta pode ser conduzida em quantidade. Os chafarizes da cidade, em que pesem as suas inscrições latinas, não são abundantes em água. Contudo, mesmo a água tirada diretamente do rio é perfeitamente insípida e limpa.

Parece-me, pois, que a vida em Pôrto Alegre está em perfeita consonância com o ambiente da graciosa cidade. Falte embora o grandioso de uma natureza selvática e áspera, em tôda parte se apresenta aos olhos do observador quadros bonitos e suaves e, para onde quer que êle olhe, empolga-o o benfazejo sentimento de encontrar em natureza pacífica homens felizes, aos quais milhares de outros poderão ajuntar-se com pleno êxito, se tiverem vontade e energia para o trabalho.

Com alegre disposição de ânimo pensava eu agora em minha expedição através da Província. Munido de prestimosas recomendações de Sua Excelência o Presidente e carregado de cartas muito úteis e necessárias no primitivismo de uma terra sem hotéis, marquei minha partida para o dia 10 de março, quando o vapor seguiria para Rio Pardo. Pelo mesmo vapor deviam ir vários oficiais brasileiros, companheiros meus do Rio de Janeiro no "Imperatriz", e do Rio Grande no "Marquês de Olinda", e em Pôrto Alegre no mesmo hotel. De Rio Pardo seguiriam para a fronteira, onde, por causa de desmandos e duplicidade política do Presidente Lopez, do Paraguai, a guerra parecia mais ou menos inevitável.

SEGUNDO CAPÍTULO

Viagem no Jacuí. — Chegada a Rio Pardo. — A aldeia de índios de São Nicolau. — A colônia alemã de Santa Cruz. — Regresso a Rio Pardo.

DESCAMBAVA o belo dia de verão quando, às seis horas da tarde, nos encontramos a bordo; e já o sol se pusera quando o pequeno navio fluvial, passando por Pôrto Alegre, através da bela superfície do Guaíba, rumou para este.

À medida que penetrávamos a encantadora solidão do rio, mais bela se tornava a noite; e, ao transpormos o labirinto de ilhas, onde os confluentes do Guaíba se emaranham numa verdadeira rêde fluvial, e começarmos a navegar o Jacuí pròpriamente dito, o puríssimo céu estrelado despejou sôbre a terra perfumada a sua tranqüila luz noturna.

Com extraordinária claridade cintilavam as estrêlas na mais bela região do céu meridional. Com pleno brilho baixava Júpiter, Órion inclinava-se para oeste, Sírio, Canopo e todo o navio Argo, o Cruzeiro do Sul e as brilhantes estrêlas do Centauro despediam uma luz mágica e refletiam-se na superfície negra, lisa como um espelho, do largo rio. Em pouco se elevou também o Escorpião.

Marte lançava os seus raios vermelhos e a chamejante Via Láctea clareava visìvelmente a meia-noite até que, parecendo tremer sôbre as exalações úmidas das orlas da mata surgiu, lentamente, a lua em quarto minguante.

Enquanto assim, no céu, apareciam as estrêlas, tudo na terra parecia dormitar. Apenas uma ou outra voz da floresta, raro esvoaçavam aves noturnas de uma margem para a outra e gritavam, quando viam o navio espectral vomitando fagulhas.

Silêncio também em nossa embarcação. Deitado num colchão que nosso amável comandante Diel — um dos armadores já mencionados — mandara colocar no convés para mim, pois o camarote estava repleto; e bem agasalhado com o meu poncho, gostaria de ter dormido algumas horas; mas o navio parou e com isso despertei. A noite clara transformara-se num impenetrável nevoeiro; não se podia ver a dez passos de distância. O vapor estava prêso a uma árvore ramalhuda. E como essa navegação fluvial está sujeita a muitos perigos, o nosso bom Diel fêz da árvore uma excelente âncora, amarrando o seu navio firmemente nos galhos da grande ingàzeira que nos colhera. Pouco depois veio um comêço do crepúsculo, o sol atravessou o nevoeiro, soltamos o nosso barco e em seguida nos deleitava a amenidade da navegação de um rio sul-americano.

A mesma vegetação do Rio dos Sinos cobre as margens do Jacuí. Faltam porém, geralmente ao Jacuí, mais para cima, as pontederiáceas. É maravilhosamente largo. Ainda que freqüentemente pareça estreitar-se e surjam consideráveis bancos de areia e cachoeiras de curso rápido, denunciadoras de fraca profundidade, exigindo um hábil temoneiro, o belo rio apresenta muitas vêzes 500 a 800 pés de largura, e forma, especialmente em tais passagens, donde se pode avistar quase meia milha de horizonte, magníficos cenários fluviais e graciosas perspectivas de paisagem.

Naturalmente êsses cenários fluviais são pouco animados por sêres humanos. Aqui e ali na curva da mata um iate ou uma grande canoa descendo o rio. Ou na margem um depósito de lenha, onde o navio recebe nova provisão de combustível. Nas proximidades, algumas casas; pastagens em terrenos elevados e bo-

nitas estâncias; mas próximo tudo é mata, ora crescendo imediatamente ao nível da água, ora em margens de 10 a 12 pés de altura, em cujas variegadas estrias muitas inundações escreveram sua história. Centenas de árvores solapadas pela corrente e precipitadas no fundo do rio. Troncos pendentes das margens elevadas ou arrastados pelas águas, encalham nos baixios, onde ficam muitos anos, sem apodrecer, perigosos estorvos à navegação. Onde se amontoam em grande quantidade, interceptam as areias deslocadas e carreadas pela corrente, formando bancos, reprêsas e mesmo ilhas que crescem constantemente e obrigam o rio a cavar e alargar seu leito para a direita ou para a esquerda. Em pouco tempo, cobrem-se de vegetação essas ilhas em cujas praias o sabugueiro indígena, como o do Norte, reflete o seu verde-claro.

O rio forceja por destruir a mata e a mata por estorvar o rio. Mas da luta caótica geram-se sempre novas formas, grupos e quadros da natureza.

A fauna, entretanto, não desapareceu nas margens do Jacuí.

Menciono aqui os cavalos e o gado bovino que aparecem nas margens elevadas e, assustados com o vapor, fogem, correndo. Afora êstes, poucos mamíferos. Surgem às vêzes, nas margens, capivaras, roedores quase do tamanho de um porco, que veremos melhor no Uruguai; antas, porém, não as vimos em parte alguma, pois preferem a mata fechada.

De modo muito diverso está representada a ornitologia, que empresta o maior encanto à viagem pelo Jacuí.

Em primeiro lugar devem ser mencionadas aqui as garças brancas. Tão esbeltas na forma como cândidas na plumagem, ficam em pé na margem e, por baixo delas, aparece-lhes a imagem em nítido contôrno. Voando lentamente, flutuam graciosamente no ar a meia altura da escura floresta e de novo se reflete na água a linda imagem. Ou pousa na copa verde de uma árvore, ao lado de um tucano de côres brilhantes e de bico excessivamente grande.

Com menos freqüência do que a branca, aparece a garça cinzenta, às vêzes enorme, menor, porém, que certas mictérias aparentemente preguiçosas, porém hábeis caçadoras.

A seu lado, um pescador muito menor, porém muito mais hábil, o martim-pescador, um alcedinídeo, com a parte superior da cabeça preta, pescoço branco, peito côr de ferrugem e asas pardo-argentinas, petrificado sôbre um galho sêco, espreitando. De repente mergulha, como uma pedra, e logo reaparece no galho com a prêsa, que devora para continuar pescando.

Pertence também à ordem dos pescadores o *plotus anhinga* (*), ave aparentada ao corvo marinho, de colorido escuro, pescoço extraordinàriamente longo, cinzento-claro, que com muita habilidade êle estica e encolhe, como se fôra uma cobra, para apanhar a prêsa. Por isso habitua-se a um inquieto movimento da cabeça, que êle faz mesmo quando não há nada a pescar. A ave, aproximadamente do tamanho de um pato, porém de constituição mais elegante, é característica do Jacuí.

Fervilha em alguns lugares uma ave preta, um anatídeo, que, por extremamente arisco, não pude reconhecer exatamente; recordou-me, no colorido e na forma, o marreco nórdico. É peculiaridade desta ave nadar muito fundo; às vêzes só aparecem fora da água o pescoço e a cabeça, quando, pouco antes, estava tôda à superfície. Deve possuir um reservatório de ar especial para poder tornar-se mais leve ou mais pesada em relação à água.

Demais, nos vários bancos de areia do rio passeiam galinholas e pernudas curicacas. Três ou quatro falconídeos sobrevoam corajosamente a mata e o rio, em magníficos vôos e freqüentemente se aproximam do vapor, quase em desafio.

A água, ao contrário, é extraordinàriamente pobre de animais. Vêem-se apenas algumas tartarugas que mergulham notàvelmente mal. Quase nunca aparece um peixe. Às vêzes parece mexerem-se alguns peixes grandes no fundo dágua; mas, aproximando-se a gente, descobre o êrro: um galho de árvore, abaixo do nível, encrespa a superfície, um baixio causa um redemoinho e só trabalhosamente o navio se desvia sôbre o fundo rochoso do rio.

(*) Biguá-tinga. — N. do T.

Êsses baixios e cachoeiras muito dificultam a navegação. Pois, por mais belos que sejam, os afluentes, as inestimáveis veias de vida do Guaíba, formam êles às vêzes, nos meses mais pobres de águas, verdadeiros óbices à navegação. Assim o nosso bom Diel, não podendo levar o seu navio além, teve de deixar-nos na margem, meia milha antes de Rio Pardo. Andamos no mato para um lado e para o outro e só ao crepúsculo chegamos ao nosso destino, depois de 30 léguas pelo rio (22 milhas geográficas), inclusive a perda de tempo no nevoeiro noturno e os momentos perdidos em cachoeiras, em grandes desvios — pequenos inconvenientes e aventuras que dão encanto peculiar à navegação fluvial e muito bom humor aos viajantes.

Mal fizera eu chegar aos respectivos enderêços algumas cartas, em Rio Pardo, quando, na mesma noite, a amabilidade de um digníssimo suíço, o senhor Luchzinger, me arrancou à fôrça de minha pequena taberna alemã para a liberal hospitalidade germano-helvética de uma casa modesta e bem acomodada, e lá me conservou, embora com o mesmo fim se me tivessem oferecido três outras casas brasileiras.

A 12 de março tivemos uma perfeita manhã de outono do norte. Fazia frio como em setembro no Báltico; tudo brilhava no orvalho, em volta de mim, porém em pleno esplendor verde, e cintilava particularmente o Jacuí em seu leito na floresta.

Rio Pardo fica numa elevação sôbre o rio, a poucos minutos da margem, com ruas largas e limpas, cujo traçado evidentemente previu o futuro desenvolvimento da cidade. É talvez a cidade mais velha da Província e já em tempos anteriores se desenvolveu com felicidade. Rio Pardo tornou-se e foi o ponto central do alto Jacuí, sendo o caminho para Pôrto Alegre muito difícil às suas atividades, negociantes e artífices estabeleceram-se em grande número no terreno circunvizinho, surgindo, assim, muitas e importantes casas comerciais.

O desenvolvimento da navegação, mormente a vapor, trouxe grande prejuízo a êsse comércio de intermediários. Os proprietários de terras e os habitantes de lugarejos, que antes quase não podiam pensar em visitar a capital da Província, podiam agora descer o rio com facilidade e rapidez. Deixavam de lado

Rio Pardo e iam a Pôrto Alegre, para fazerem lá as suas compras; seguiram-nos os negociantes, que estabeleceram o seu comércio em Pôrto Alegre, concorrendo para o desenvolvimento da cidade, enquanto Rio Pardo era abandonada.

Vêem-se em tôda parte vestígios dêsse abandono. Enquanto uma ou outra das ruas principais apresenta quarteirões inteiros de casas e até magníficas residências, várias travessas são formadas de fileiras muito interrompidas de edifícios de muitas janelas e bastante compridos, e vazios. Não mais funcionam as casas comerciais do andar térreo, a parte superior está desabitada; com as casas em ruínas, perde-se um bom capital.

Por isso, apesar de seus 3.500 habitantes, o lugar é muito silencioso. Raro se vê, aqui e ali, uma carrêta, um pesado carro de carga arrastado por quatro ou seis juntas de bois, uma tropa passando pelas ruas. Entretanto, na sua bonita situação, a cidade tem aparência muito agradável e os rio-pardenses são alegres, abastados a todos os respeitos, e muitos dêles ao começarem seus empreendimentos pareciam destinados a enriquecer.

Tem algum movimento uma grande fábrica de mate. O engenho põe em movimento 46 pilões de ferro para a pulverização das fôlhas e pequenos ramos, o que é feito com muita velocidade, de modo que já de longe se ouve o ruído. A erva, a divina *yerba mate* dos espanhóis, a centelha divina de Prometeu, pois é chupada, quente, de uma *cuia* por meio de uma bomba, vem em couros de boi ou em cestas de bambu dos ervais e depois é ensacada em meios couros de boi bem recortados e costurados, para cuja feitura é preciso especial habilidade. Preparam-se por dia mais de 100 arrôbas, prontamente vendidas em Buenos Aires. Mais tarde teremos oportunidade de falar mais pormenorizadamente sôbre o mate e seus divinos mistérios.

Há em Rio Pardo duas igrejas, sendo a maior bastante majestosa, um hospital novo, muito bonito, e, que, quando estiver inteiramente concluído, certamente prestará bons serviços. Conta também com um asseado quartel. Entretanto, em tudo isso nada é pròpriamente imponente.

Por outro lado, é muito característica a aldeia de índios de São Nicolau, perto de Rio Pardo.

Quando da invasão européia na Província do Rio Grande, vagueava na região de Rio Pardo, como bandidos, pequenas hordas de índios. Procurou-se de tôdas as maneiras civilizá-los ou pelo menos torná-los inofensivos à civilização. Construíram-lhes uma pequena capela, a uma milha de distância de Rio Pardo, e fundaram uma aldeia de índios, cuja direção foi entregue ao seu cacique. E lá vivem êles uma vida inútil, meio escondidos no mato, e cada dia mais reduzidos.

Ao visitar a aldeia de São Nicolau, encontrei na praça em frente da capela um silêncio verdadeiramente tumular. Chegando a um casebre, apareceu-me uma jovem índia de rosto amável, meio idiota, e sua mãe, uma miserável virago. Afora algumas engroladas palavras portuguêsas e um acanhado sorriso, que me pareceu realmente doloroso, nada mais pôde expressar a pobre mulher. Nem sequer me soube dizer se vivia muita gente na aldeia. "Quem sabe isto?" — disse, enleada, a pobre velha. Acrescentou, porém, que no mato, atrás da igreja, moravam vários outros.

Em breve descobri algumas cabanas, mas lá também se mostrava a existência miserável, incolor. Diante de uma choupana, uma índia velha limpava milho numa cesta de bambu. Ao lado dela, ardia um fogo e em volta acocoravam-se três crianças e uma jovem índia adulta, mãe das meninas morenas e filha da mulher velha. Queria falar-lhe, mas repetiu-se a mesma cena; os esquisitos fantasmas das brenhas não conheciam nada, nem sabiam, nem desejavam, nem diziam.

Não se pode negar uma pronunciada graça nas crianças, em verdade sempre graciosas, sejam filhas de negros, índios ou europeus. Êsses pequenos índios mansos são pardos, côr de nogueira, cabelos negro-brilhantes com alguns piolhos, testa muito pequena e estreita, olhos pequenos e cintilantes, ligeiramente oblíquos, nariz impertinentemente chato, bôca bem feita e formas corporais bem nutridas, arredondadas, sendo notadamente apreciáveis as mãos e os pés. São, pois, criaturas bem formadas e causam, entretanto, uma impressão infinitamente lastimosa. Quando crianças, acocoram-se, seminuas, em volta do fogo; quando rapazes crescidos, apanham alguma caça; quando ho-

mens, são mandriões, pois estão no fim da existência, quando o trabalho começa. Por isso, são indubitàvelmente sêres humanos provisórios.

Tal como os indivíduos é o conjunto! E assim é também a aldeia de São Nicolau um estabelecimento para êsses retardados, onde lentamente, preguiçosamente vegetam sua vida de lêmures sem nada fazer, nada pensar, nada sentir!

E apenas a cinco milhas adiante, que diferença! Ali ressoa o machado na floresta, ali o fogo da lavoura corrói matas até então indômitas: de novo a coragem alemã, a diligência alemã, músculos alemães iniciaram aqui a luta contra as brenhas. Festejam vitória sôbre vitória, colônias enfileiram-se a colônias, e aprazíveis residências em picadas bem alinhadas assinalam os lugares onde antes hordas de bugres disputavam o esconderijo com as onças e tapires, onde apenas bandos de bugios uivavam, saltando de galho em galho.

Santa Cruz se chama a colônia alemã situada na serra, a sete léguas de distância de Rio Pardo. Visitei-a em 13 de março ou melhor fui levado a visitá-la, pois me arrastavam a amizade e a hospitalidade. Meu jovem colega e modesto amigo Dr. Pedroso de Albuquerque, que viera comigo de Pôrto Alegre, afirmava ser-me devedor de gratidão, porque, quando estudante, freqüentara durante quatro anos minha clínica na Misericórdia do Rio de Janeiro. Em casa de sua mãe, a viúva do falecido general e comandante da Província do Rio Grande do Sul, Pedroso de Albuquerque, apresentou-me ao seu cunhado, um inglês que há trinta e quatro anos vivia no Brasil, dono de bela propriedade no comêço da colônia de Santa Cruz, inteirado do desenvolvimento dessa colônia e que, como pensava em regressar para junto de sua família, se ofereceu para acompanhar-me. Por isso a minha resolução foi tomada com muita rapidez. Outro, o Capitão Morais, comandante da Cidade de Rio Pardo, a quem entregara uma carta do Presidente Ferraz, enviou-me imediatamente um cavalo, e às 9 horas, com muito bom tempo, trotávamos para o norte, em direção ao lugar. Uma montanha azul desenhava no céu límpido a meta de nossa viagem.

Passando por pastagens irregulares, semeadas de moitas isoladas, sôbre as quais voavam milhafres, chegamos a São Nicolau. Em caminho, encontramos algumas feias índias a cavalo, com vestidos de chita sujos, montadas à maneira masculina, a cabeça coberta com um pano e ainda, em cima, um chapéu de homem, de abas largas, para esconder, quanto possível, o rosto rugoso e descorado: múmias montadas ou — perdoem-me a desamabilidade — macacos que vão à feira.

Logo depois de São Nicolau encontramos um senhor Wolfram, que se apresentou como sacerdote evangélico de Santa Cruz; homem amável e obsequioso, mas que, um quarto de hora depois, me convenceu de que não estudara teologia. Cavalgamos mais algum tempo através de matos e vargens até chegarmos ao chamado "campo".

Êsse campo não é de modo algum uma superfície inteiramente plana, em que a gente julga ver um oceano congelado. Tanto pode ser plano como ondulado e até montuoso. A palavra *campo* significa uma pastagem aberta, natural, em oposição à floresta e à montanha coberta de floresta. Assim, pois, o campo ao norte de Rio Pardo é entremeado de largas colinas de pouca altura ou coxilhas, cujas ervas curtas pastam os rebanhos de gado. Nas vargens passam leitos de riachos mais ou menos secos, onde aparecem mirtáceas e melastomáceas. A grande distância, êste quadro um tanto êrmo é emoldurado por florestas escuras ou serras azuis.

Sob a direção de um guia hábil não se segue a estrada poeirenta que serpeia sôbre as colinas. Cavalga-se desembaraçadamente através do campo relvado, onde o botânico, mesmo montado, reconhece bonitas singenesias e leguminosas, graciosas melastomáceas anãs, de anteras amarelas, duas ou três rubiáceas e uma linda acácia vermelha, além de magníficas convolvuláceas e muitas labiadas aromáticas.

Entretanto, é preciso ter-se cuidado com o cavalo. Há em tôda parte, meio escondidos debaixo da relva, buracos, que são entradas para as tocas de numerosos tatus ou armadilhos; em tôda parte os cupins formam montículos duros como pedras; em tôda parte se pode tropeçar e cair.

Por vêzes encontra-se um leito de riacho largo e profundo e é incômodo e mesmo difícil transpô-lo. No fundo, há muitos seixos e o chão é inseguro. Às vêzes até entre as colinas é perigoso o terreno. As águas pluviais minam o duro solo relvado e formam regatos subterrâneos, muito extensos, enquanto cheios de água corrente. Vendo a estiagem e adelgaçando-se a crosta da terra que os cobre, precipitam-se para o interior da terra pedaços inteiros, formando poços de 16 a 20 pés de diâmetro e pelo menos outro tanto de profundidade. Então se contempla o singular espetáculo, como vi algures, de altos arbustos e até de uma esbelta palmeira que apenas mostravam as frondes fora do buraco, no qual poderá escorregar e cair quem muito se aproxima do estranho arvoredo.

Não há muita variedade de animais. Entre a relva densa ou debaixo de uma bromeliácea piam com freqüência as perdizes. O quero-quero, às vêzes trepado no lombo de uma vaca que pasta, grita quase sem interrupção. Sobrevoam, inquietos, gaviões e milhanos, ao passo que aqui e ali aparece um caburé imóvel, no alto de um cupim.

Depois de têrmos atravessado um dêsses campos, terra realmente característica, numa extensão de umas duas milhas, reapareceu maior variedade de sêres vivos e de aspectos das serras próximas com as suas matas. Sôbre uma coxilha, a casa de campo desabitada e por isso decadente do meu companheiro inglês William Lewis, situada no meio de um belo distrito campestre. Acima das ervas daninhas, crescem magníficas laranjeiras e figueiras e, ao lado destas, ameixeiras e macieiras. Já muitos estrangeiros se hospedaram nesta casa, tornou-se, porém, famosa porque aqui estêve várias vêzes o velho Bonpland, estudando a botânica desta região.

Pouco depois passamos por um regato e, afinal, chegamos a uma grande e larga clareira limitando com um terreno montanhoso e coberto de mato.

Começa aqui a colônia alemã de Santa Cruz. O lugar chama-se Fachinal e deverá ser, mais tarde, o lugar central, a Vila de Santa Cruz. Um grande quadrado assinala a futura praça principal. Mas até agora só existem três ou quatro casas isola-

das e as paredes mestras de uma igreja católica em construção, na praça coberta de relva verde.

Numa dessas casas devia eu morar com um alemão. Mas o meu inglês, o senhor Guilherme Luís, como se diz e se escreve em geral o seu nome na tradução brasileira, não queria separar-se de mim e mandou desselar meu cavalo.

Momentos depois, achava-me num amável círculo familiar, cuja simplicidade, modéstia campestre, bons costumes e união jamais esquecerei.

Quero e devo manifestar-me sôbre essa família. Refiro-me a sua senhora, de modo algum nascida e educada para essa profunda solidão da selva, que em sua plenitude física e espiritual amamenta seu undécimo filho, enquanto o mais velho é um jovem oficial do Exército no Uruguai; que cumpre com coragem e zêlo os seus deveres domésticos como se fôssem bailes e teatro e que ainda ajuda os alemães nas picadas com os seus conselhos e assistência. E, no meio de tôdas essas fadigas e renúncias, essa senhora só tinha uma preocupação: de que aqui na floresta não houvesse todos os meios para a educação dos filhos. Entretanto êsses filhos da selva, de faces rosadas, pareciam tão amáveis e tão graciosamente tímidos diante do estrangeiro, que se lhes poderia perdoar o desalinho e o fato de chuparem o dedo.

Fachinal de Santa Cruz é decerto solitário! Quando, no dia 14 de março de manhã cedo, saí para a frente da casa, parecia ter diante de mim todo um mar de ondas de mato, especialmente à esquerda, e tão verde-azul, tão extenso como a imensa superfície do oceano, em formas gigantescas e elevações, mas com a mesma profunda solitude e fascinante monotonia. Para todos os lados, um oceano de matas! Nenhuma tôrre brilha a distância, nenhuma aldeia, nenhuma casa. Apenas um lugar, cuja coloração poderia lembrar a cultura do solo. Só a fumaça, que sobe lentamente de alguns pontos, anuncia que audazes agricultores já se estabeleceram no vale solitário, que do caos da natureza selvagem brotará uma cultura policiada!

No entanto, sempre que vejo a mata virgem caindo a golpes de machado e a fôrça de fogo, ocorre-me um pensamento do

"Meia-de-Couro" (*); acudiu-me precisamente naquela manhã. Era na alvorada do domingo. Uma estreita vereda me levava mata a dentro e em pouco me vi cercado de milhares de formas, côres e figuras, botânicas e zoológicas, da mais espêssa floresta. Pingavam melòdicamente as últimas gotas de orvalho das copas das árvores, onde variegados papagaios limpavam a plumagem. Muito ao longe, corriam bandos de macacos. Nas clareiras esvoaçavam grandes borboletas. Tanto silêncio, um silêncio tão dominical, que se podia ouvir a respiração das plantas. Sôbre um tronco de árvore abatida, em carne e osso, a imagem do "Meia-de-Couro" de Cooper, a quem parecia pecado atacar a ferro e fogo as magníficas florestas de Deus, como se a natureza servisse apenas para a plantação de couves e nabos. Eu próprio era o "Meia-de-Couro", mas um galo lançou o seu canto na minha contemplação dominical. Um canto de galo! Um canto de grande e alta significação! Anunciando a morte da floresta e a vida da civilização!

Nas matas americanas, conheço duas vozes de animais que são características e assim precisamente me pareceram em Fachinal. Cruel sempre me parece o guincho dos macacos: é o guincho do estado selvagem primitivo, da brutalidade e do desespêro; não posso ouvi-lo sem sentir uma espécie de espanto.

O canto do galo, ao contrário, não é a trombeta da civilização que se aproxima? Apenas se abre uma clareira, apenas se edifica uma cabana, lá está o galo doméstico, dentro das brenhas, soltando a plenos pulmões o seu canto apostolar. O ladrido do cão não é nada; o cão pode ladrar perseguindo uma anta, acompanhando o tropeiro nas picadas solitárias da serra. Mas o galo, quando canta, é sôbre a cêrca do colono, e ali findam o êrmo e a inóspita floresta virgem. Que idéia profunda pôr o galo no alto do campanário para advertência de um Pedro, quando êle negou o seu Senhor!

Quando regressei da mata, a praça em frente da casa de meu hospitaleiro inglês apresentava um aspecto animado. De

---

(*) Meia-de-Couro. — Alusão ao caçador americano Nathaniel (ou Natty Bumppo, personagem dos romances de James Fenimore Cooper e cuja alcunha era "Leatherstocking" ou Meia-de-Couro. — N. do T.

todos os lados chegavam, trotando, colonos alemães vindos a Fachinal para comprar as provisões da semana; ouvem-se todos os nomes alemães; na praça ouvi chamar Schultz, Müller, Meyer e até Winterfeld.

Chegou também gente com milho e feijão para vender, em alforjes pendurados nos animais de carga. Sôbre os alforges senta-se geralmente uma criança de cabelos louros, de oito a dez anos, menino ou menina, pouco importa! Mas quanto menor, melhor, para que o animal possa andar com mais facilidade. Inteiramente sòzinhos, êsses pequeninos cavaleiros, andando uma ou duas milhas até cá, conduziam-se com tão modesta seriedade, tanta segurança e tranqüilidade, que me obrigaram a rir. Descarregados, porém, os animais, num instante a gurizada salta nos cavalos e em pleno galope, desaparece atrás das moitas e da floresta.

Encontrei também doentes, ajudei-os tanto quanto pude e prometi visitar alguns ao passar pelas picadas. Vive esta pobre gente tão longe de qualquer socorro médico, que temos de ajudá-la de qualquer forma, por pouco que se possa fazer numa única visita.

Cêrca de meio-dia chegou o senhor Wolfram para levar-me a uma longa excursão através das picadas da colônia.

Seguimos o caminho da picada do Rio Pardinho, em direção um tanto ao norte. Logo no comêço, uma casa onde funciona provisòriamente a capela católica. Acabava de terminar a missa. Pelo caminho vinha uma multidão de colonos alemães de boa aparência e alegrou-me o amável "Guten Morgen!" (Bom dia!)

A picada, no comêço bastante plana, e o seu caminho bastante bom, mudam a breve trecho. A região torna-se mais montuosa, a vereda piora e cada vez mais defeituosas as pontes, os aterros com troncos de árvores e a passagem dos riachos, não sei se por negligência dos colonos ou da administração. Não obstante, as colônias enfileiram-se uma ao lado da outra; cada uma das chamadas colônias tem 100 braças de largura por 1.500 de fundo, um belo pedaço de terra, muito grande, mas por isso mesmo excelente! Nesse trecho podem os braços mexer-se e trabalhar sem nunca chegar ao fim. Os pedaços menores não valem

nada. Se não me engano muito, tal colônia de Santa Cruz corresponde a umas 300 jeiras de terra, medida de Magdeburgo.

Em muitos lugares da picada, as culturas dessas colônias já estão reunidas e avistam-se largas encostas onde a floresta desapareceu completamente, mas o milho ondula viçosamente, sobrepujado por esbeltas palmeiras, encantadoras no seu isolamento. Parece que os lavradores alemães sentiram uma espécie de respeito por essa árvore da paz, símbolo da nova pátria. Poupam-na ao destruírem a mata, e tanto mais porque ela pouco espaço ocupa e apenas deita sombra. Encontrei de pé algumas dessas árvores, com ¾ de pé de diâmetro e 80 pés de altura, e apenas um pequeno feixe de fôlhas. Em parte alguma conseguiu a natureza maior elegância de formas do que com essas palmeiras, embora haja variedades muito maiores. As magníficas árvores acham-se erectas, uma ao lado da outra e todavia tristes e isoladas. Abaixo delas, no meio do quadro das frescas e verdejantes culturas, tudo é brutal e cruel destruição. Em tôda parte troncos de árvores meio carbonizados e cinzentos — restos do voraz incêndio da mata na floresta semitostada! Só depois de muitos anos apresenta um dêsses estabelecimentos coloniais um quadro de paz tranqüila, de repouso ordenado, de amenidade exterior. Até agora só oferece o aspecto de desenfreada destruição, mostrando o desenvolvimento das plantações a exuberância e fertilidade do solo conquistado.

Depois de uma marcha de umas duas milhas, chegamos a uma encosta cada vez mais íngreme. Aqui atravessamos o Rio Pardinho, que corre no fundo e dá o nome a tôda a picada.

Nasce na Serra Geral, ao norte da colônia. Seria um grande benefício para tôda a colônia e especialmente para a picada do Rio Pardinho e tornar-se-ia uma verdadeira artéria vital, se se pudesse fazê-lo navegável. Ao ser fundada a colônia, muito se pensou nisso e há pouco tempo foram dispendidos 11 contos (9 a 10 mil táleres) para desimpedi-lo da massa de troncos que o cobrem. Desapareceu o dinheiro, porém não os troncos de árvores. Atravessando o rio várias vêzes, vi tantos parados no seu curso, que é preciso ter coragem para dizer que se pode limpá-lo.

Encontrei o Rio Pardinho com o nível da água tão baixo, que me pareceu impossível navegá-lo em qualquer parte da picada, sobretudo quando se pensa que, abatendo-se as matas em milhas de extensão, diminuirá a formação da água.

Durante meses de chuva é o rio, ao contrário, mau e perigoso vizinho. Enche às vêzes muito depressa e já uma vez subiu à terrível altura de 36 pés, ficando então grande parte da picada inteiramente sem tráfego.

Um elemento assim desenfreado é muito pior que um mau caminho. Se quisessem sèriamente tornar praticável o caminho da colônia, poder-se-ia renunciar de uma vez ao rio e utilizar futuramente o dinheiro a ser dispendido ali na construção de estradas; muito, porém, se tem falado nas duas vias de tráfego, desculpando-se a ruindade de uma com o melhoramento da outra, e nada de útil se fêz.

Apeei nas casas de muitos colonos, da Silésia e da Pomerânia, se queria pedir informações ou podia dar conselhos médicos. Só dessa própria gente, só dela, quando pode falar inteiramente sem constrangimento, se pode conseguir o que se deseja saber, e não de relatórios e informações administrativas. Só assim se pode obter uma idéia exata e dar um parecer, como pretendemos fazer mais tarde.

Picada a dentro, alarga-se a região e a própria vegetação é mais variada. Com enorme abundância crescem aqui as solanáceas e acantáceas e um bonito "ionidium" branco, gracioso representante da violeta nórdica no solo sul-americano, e do qual, mais tarde, achei também uma espécie azul. Mas a noite, que se aproximava, pôs fim à nossa excursão igualmente exaustiva e interessante. Sem cerimônia entramos na casa de um colono, onde chã e cordialmente foram admitidos cavalo e cavaleiro: o cavalo num pasto cercado, o potreiro, e ao cavaleiro primeiro serviram a ceia e depois, por mais que protestasse, foi cedida a cama, de tão boa vontade, que tudo se lhe perdoa, sobretudo os percevejos indo-germânicos, espalhados em tôda a terra com a imigração alemã. O que mais me chamou a atenção é que não se fecha porta alguma. Tudo fica aberto. E por isso recebi de noite diversas visitas zoológicas. Um bicho saltou sôbre a minha

cama e diagnostiquei que era um gato. Quando veio um cão e quis expulsá-lo, reconheceu um estranho na cama de seu senhor e ladrou como um desesperado. Vieram também alguns porcos; ouvi ainda um morcêgo que por longo tempo esvoaçou, roçando-me o rosto. Mas isso não incomodava um viajante e dormi muito bem, apesar dos gatos, cães, porcos, morcêgos e percevejos.

No dia seguinte, depois do café com filhós, despedi-me da boa gente, a quem se dá a mão pelos serviços recebidos, mas não se dá dinheiro, pois não têm "venda". A venda é que decide; paga-se à venda, porém não aos particulares; e deve-se viajar um pouco para saber o que fazer e o que deixar de fazer, e como proceder.

A alegre manhã levou-nos até ao fim da picada do Rio Pardinho, sempre ao longo do referido cenário caótico da floresta, verde e carbonizado, com lavouras viçosas e profunda solidão. Em certo trecho tivemos de subir a cavalo uma encosta muito íngreme de uns 800 pés; à vista de cima para baixo, sôbre as magníficas e silenciosas matas, não se pode descrever com palavras.

A seguir, muito no interior, algumas colônias. Dirigimo-nos depois para a picada de Santa Cruz, da qual recebe o nome tôda a colônia.

Diante de nós uma íngreme subida, o simples vestígio de uma vereda; às vêzes parecia impossível seguir o caminho, tão a pique, que os cavalos quase tinham de subir saltando; além disso, de novo troncos de árvores atravessados ou a trilha entre as árvores se estreitava tanto, que tínhamos de estender as pernas para a frente, à altura do pescoço do cavalo, para poder passar. No mesmo momento fica-se prêso numa liana da grossura de um braço; se a gente se desprende logo, então fica o cavalo prêso e não se tem terreno onde apear, pois à esquerda está a parede da serra e à direita o abismo. Apeando-se, porém, para pôr tudo em ordem, tornar a montar é ainda mais difícil. Saltando para a sela, toca-se com a cabeça num tronco, bate-se com o joelho numa palmeira, com o pé num araçàzeiro e para concluir nos apanha um cipó, enquanto o cavalo avança, ofegante. Inú-

A primitiva Santa Casa de Pôrto Alegre. Quadro de autor desconhecido. (De *Biografia duma cidade*).

teis aqui tôdas as teorias européias de equitação, mesmo o conhecimento exato das "corridas com obstáculos" e o homem fica reduzido à habilidade atlética de sua juventude. Quantas vêzes, penetrando em selvas sul-americanas, me recordei de meu campo de ginástica em Lubeck! Prestou-me muitos serviços e talvez por vêzes me tenha salvado a vida; e sempre sustentou a minha coragem, a minha resistência.

Depois de uma hora completa dessas fadigas, com os cavalos resfolegando, chegamos, desgrenhados, à picada de Santa Cruz, onde todos repousamos.

Tal qual a picada do Rio Pardinho no vale dêste rio, é a picada de Santa Cruz no dorso da serra. Enquanto ali se queima e se derruba, serra acima, aqui a lavoura se estende de cima para baixo. Mas entre o duplo ataque do roçado permanece uma vasta faixa de floresta. Reconhecemos lá em baixo, como pequenas manchas, ilhas na mata, as mesmas colônias que tínhamos visitado.

Abençoado é o trabalho tanto em cima como em baixo, todavia com uma grande vantagem em cima, na picada de Santa Cruz. Através das plantações passa, na lombada da serra, uma larga estrada carroçável. Vem de Jacuí do Rio Pardo e é a principal dali para o norte. Através de densas brenhas vai até ao lugarejo de Nossa Senhora da Soledade do Passo Fundo, onde corta o Uruguai e penetra no interior da Província do Paraná, pelos confluentes do Rio Paraná e segue para São Paulo, num percurso de centenas de milhas. Muito importante essa estrada, embora má: é a única razão de muitas das novas picadas de Santa Cruz procederem das mais antigas do Rio Pardinho, sendo inteiramente indiferente que os colonos não recebam os subsídios que teriam no vale.

A impressão diferente causada por ambas as picadas reside precisamente entre a serra e o vale. É um grande prazer passar trotando, numa bela tarde, pelas prósperas colônias da estrada de Santa Cruz e olhar para as infindáveis matas em baixo. De alguns pontos é difícil a gente separar-se. Sim, o ponto terminal de Boa Vista, o mais elevado e de onde se descortinam 8 a 10 milhas de paisagem, oferece ao observador um indizível encan-

to, embora o onipotente "faça-se!" da cultura ainda não tenha penetrado ali. Nesta região será edificada uma capela protestante em forma de casa bem arranjada. Mesmo simples, poderá ser abençoada casa de Deus.

É curioso que nesta picada, em três colônias diferentes, tenha encontrado conhecidos, pessoas para quem o destino fôra desfavorável e adverso no Rio e que no alto de Santa Cruz acharam tranqüilidade, satisfação e abastança, que muito me alegrou.

Seguimos para o vale, mas a noite nos surpreendeu. Todavia, como o meu companheiro conhecia perfeitamente o caminho, não tive dúvida em prosseguir viagem. Era esquisito e mesmo terrível. Por vêzes atravessávamos matas tão escuras, que só pela voz podia reconhecer meu companheiro; outras vêzes eram ladeiras a descer, onde não se pode guiar o cavalo cansado para não fazê-lo errar o caminho; em lugares a pique apeava, não, porém, pisando o solo duro.

Tudo, porém, passou, felizmente, até muito bem. Mais tarde voltamos a Fachinal, a casa do distinto Guilherme Luís, nem muito tarde para a boa ordem da casa, nem muito cedo para a bondade dos moradores. Viajáramos, durante o dia, cêrca de doze léguas. Para o europeu que viaja em estrada de ferro parece pouco, mas numa picada nas serras do Rio Grande é um esfôrço exaustivo para o cavalo e para o homem. E, apesar da magnífica viagem, confesso francamente que numa cama limpa em Fachinal me sentia muito mais à vontade do que no alto da picada do Rio Pardinho, embora ambos os lugares oferecessem igual hospitalidade.

Projetáramos na manhã seguinte uma visita a uma terceira picada, a de Dona Josefa, onde esperávamos encontrar o diretor da colônia, senhor Johann Martin Buff. Como nosso bom inglês queria acompanhar-nos, não pudemos persuadi-lo de uma partida muito cedo. Primeiro almoçamos muito confortàvelmente. Montamos a cavalo pelas 10 horas da manhã e trotamos alegremente mata a dentro.

Em pouco alcançamos uma picada larga e retilínea, com o tempo estrada carroçável, porém ainda agora obra-prima de

confusão de troncos meio carbonizados. A certo trecho, perde-se a trilha, tendo a gente de entregar-se aos conhecimentos especiais e tacto do cavalo, que se orienta entre troncos de árvores ainda ardentes. Em quatro ou cinco pequenas pontes de troncos de palmeiras é preciso apear-se e puxar o cavalo para não cair. Atravessamos também o Rio Pardinho, que aqui passa alegremente pela mata, mas sempre sem água bastante para uma futura navegação e chegamos, depois, a um vasto campo, onde foram edificadas cabanas provisórias para colonos recém-chegados e aos quais haviam sido medidas e adjudicadas terras.

Graças a essa medição de terras, estava morando ali mesmo, numa casa provisória, o referido diretor. De ordinário, vive com sua família na Cidade de Rio Pardo e, exatamente por essa grande distância, não pode ocupar-se com a colônia, sendo talvez essa a principal razão por que vai tão bem a colônia.

Johann Martin Buff é um velho soldado chegado ao Brasil em 1829 com as tropas. Êle é inteiramente como aquêle tempo, inteiramente como aquela tropa. Entreguei-lhe a carta que me deu o Presidente Ferraz, com a qual êle não sabia o que fazer. Apenas se desculpou do mau estado de sua casa, motivo por que tinha pressa em terminar a medição das terras e depois regressar a Rio Pardo. Só quando tornei a montar-me, disse êle que o Presidente, na carta, lhe ordenara me desse tôdas as informações possíveis sôbre a colônia. Pareceu-lhe infinitamente agradável que nada lhe perguntasse, mas já estivesse completamente informado sôbre a colônia. Tinha de perguntar apenas alguns números e de bom ânimo me despedi do velho soldado de 1829.

Regressamos pelo mesmo caminho; eu perdera algum tempo com Buff, não podia examinar mais demoradamente a picada de Dona Josefa e estava aborrecido com a maneira por que Santa Cruz é dirigida. Os homens vencem com o seu trabalho; na verdade, nada devem à administração.

Entretanto haviam acendido uma fogueira em Rio Pardinho para consumir as árvores abatidas na floresta. Bela madeira! O fogo chamejava alto. O calor erguia violentamente as labaredas e, com elas, grandes fragmentos ardentes, que voavam com o vento para a mata e lá se apagavam, crepitando. O que aqui a

civilização fazia era uma fantástica e lamentável obra de incendiário.

Regressamos a Fachinal. Estava terminada minha visita à colônia. Muita alegria me proporcionou a visita a esta colônia, nova manifestação de fôrça do trabalho alemão no solo brasileiro.

Data mais ou menos de 1849 a fundação da colônia. A prosperidade de São Leopoldo reclamava, naturalmente, a fundação de uma segunda colônia, sobretudo quando, para êsse fim, se podia utilizar um terreno de natureza semelhante ao de São Leopoldo, na mesma cadeia de serras, não muito distante do navegável Jacuí e para o qual se julgava poder empregar a via fluvial do Rio Pardinho.

Destinaram-se 8 a 10 léguas quadradas para receber imigrantes alemães, aos quais se ofereceram condições favoráveis. Todavia foi prèviamente determinado e limitado o número de imigrantes; singular comêço, pois com essa limitação se refreia a livre corrente da imigração.

Para atrair essa corrente, enviou-se a Hamburgo um agente que percebia uma comissão de cada cabeça. De outra feita falaremos dessa corretagem humana paga por peça.

Veio bom número de imigrantes, muitos dêles perfeitamente aptos para a luta com a floresta virgem e hoje felizes; por outro lado, muitos eram incapazes e não estavam preparados para o trabalho pesado que benévolos subagentes lhes pintaram como côr-de-rosa. Eu próprio falei com alguns dêsses iludidos. Sofreram muita nostalgia, sentiram amargo arrependimento e amaldiçoaram os seus agentes de emigração. Mas a graça de Deus não os abandonou.

Com grandes esforços e lutas se desenvolveu a colônia. Ela era um elemento estranho e necessitava de especial assistência. Foi-lhe dada. Antes de tudo, devo indicar aqui um nome de um homem, nunca bastante estimado e honrado por todos os alemães residentes no Brasil: Cansanção de Sinimbu! Exatamente no momento em que a nascente colônia de Santa Cruz necessitava de um braço forte, era presidente da Província do Rio Grande do Sul o referido estadista brasileiro.

Casado com uma senhora alemã da mais fina educação e de nobilíssimas maneiras, falando êle próprio o alemão, foi êle de bom grado, abnegadamente, o escudo, proteção e consôlo do elemento alemão, em tôda a Província do Rio Grande do Sul e especialmente das colônias alemãs. Em Pôrto Alegre os alemães falam do tempo de Sinimbu como o mais feliz. Em São Leopoldo, recorda-se com cordial alegria e gratidão a sua visita à vila e à cachoeira do Rio da Cadeia.

Mais ainda os de Santa Cruz. Por tudo o que pude ver, creio que, precisamente no momento mais decisivo, Cansanção de Sinimbu visitou a colônia, a protegeu e auxiliou. Desde então ela mantém-se com as suas próprias fôrças e já superou o número de habitantes originàriamente fixado. É exatamente como São Leopoldo há um ou dois decênios e tem a plena certeza de ser sempre uma colônia florescente e vigorosa e, com a prosperidade das famílias nela existentes, esgalhar, com o tempo, viçosas ramificações.

Na picada de Santa Cruz há 156 colônias, acrescidas de mais 12, que estritamente não lhe pertencem, mas que se lhe juntaram, e ainda um pedaço de terra que pertenceu ao aliciador de colonos Klandgen e em parte ainda lhe pertence. No Rio Pardinho encontram-se 141 colônias, na maioria cultivadas. Na picada de Dona Josefa estão medidas 100 colônias, em parte distribuídas e cultivadas. Demais ainda há, na direção da mesma picada, uma milha quadrada a ser dividida. Finalmente, outra picada, a de São João, é avaliada em 42 colônias.

Originàriamente pretendiam receber sòmente 2.000 colonos, mas hoje o número de habitantes excede a 2.500.

Recordo-me muito bem que há anos essa circunstância provocou alguns erros. Aos primeiros 2.000 imigrantes foram outorgados todos os emolumentos de colonização. Aos excedentes dêsse número fixado, aos que viessem mais tarde, só podiam ser concedidos parcialmente, condicionalmente ou mesmo recusados. Muito acerbamente falou de favores partidários e de retenção indébita de outorgas, até que o pacífico direito do braço e do trabalho veio provar, com notáveis resultados, que os favorecidos não apresentaram vantagem sôbre os que trabalharam sem

auxílio. Isso me foi dito por alguns colonos que não receberam subsídio algum. O enorme subsídio dos que chegam é o seu braço, o seu trabalho: "labor improbus omnia vincit".

Decerto, quando se põe um homem com o machado e a mecha diante da mata virgem e se lhe diz: "Isto deves tu arrasar", não compreendo como êle tenha ânimo de dar o primeiro golpe! Menos, porém, compreendo ainda como, no mesmo local da mata, anos depois ou ainda em menos tempo, já ali cresce o que o alimenta a êle e a sua família. Por umas dez vêzes perguntei: "Quanto tempo depois da primeira machadada na mata começou você a viver de sua plantação?" E todos responderam: "Depois de um ano, muito bem."

Quando se trata sòmente de real e verdadeiro trabalho do campo, essa prosperidade é de fato notável. Estive em casa de um pomerano chamado Schneider. Há cinco anos o homem vive na picada do Rio Pardinho; desde então lavrou seu terreno, elevando-o ao valor de 1.000 táleres, pagou a passagem para si e para a sua família e edificou uma boa casa de colono que, com seus pertences pode ser avaliada em 600 táleres. Há 11 anos, conheci o imigrante Peter Thès no Rio de Janeiro. Na sua miserável condição adoeceu; estêve à morte na minha secção no hospital, enquanto sua mulher, com as criancinhas, andava esmolando e estêve algumas vêzes em minha casa. Trouxeram a família, com outros imigrantes, para o Rio Grande. E então encontrei Peter Thès na sua colônia, na picada de Santa Cruz, com a família; a mulher, outrora tão miserável, chorou de alegria ao verme e receber-me em sua bem arranjada casa. Vivem largamente da propriedade, embora apenas a metade da colônia esteja cultivada. A filha mais velha, de 17 anos, casou-se e já tem um filho. O ano passado vendeu Peter Thès mais de 100 sacos de feijão, muito milho, 30 porcos e 2 vacas, o que representa uma boa maquia. Essa gente é mais que abastada. Eu devia ficar lá pelo menos um dia, mas tal não se deu.

Aparecem também queixas. No meio de um campo, entre cinzas e carvões, encontrei um belo rapaz — um Mário entre as ruínas de Cartago; há um ano fazia queimadas e vivia do produto de seu trabalho. Mas, queixou-se êle: "sòzinho, na mata,

nem o diabo pode suportar". Não podia achar uma espôsa; não há moças na colônia. Apenas se emplumam, batem asas. É geral a queixa sôbre a falta de moças vigorosas, dessas que podem reunir na mesma pessoa a criada e a senhora, a mãe e a ama ao mesmo tempo. De algum modo, São Leopoldo exporta êsse artigo e nas picadas de Santa Cruz encontram-se muitas são-leopoldinenses que continuam com felicidade o trabalho de suas mães.

Mais geral do que essa queixa é a sôbre as más estradas. Em São Leopoldo viajei a cavalo no tempo das chuvas e depois delas, nas picadas, em maus caminhos, e em Santa Cruz, até com bom tempo, mormente na picada do Rio Pardinho.

Como seriam êles depois de demoradas chuvas! Freqüentemente ficam intransitáveis durante semanas. Ninguém quer arriscar o seu bom animal de carga. Torna-se, por isso, enormemente caro o transporte dos produtos; artigos, como o feijão, por exemplo, devido ao transporte das colônias distantes até Fachinal, custam apenas a têrça parte de seu valor.

E entretanto os colonos, em face dos maus caminhos, conservam seu bom-humor, genuìnamente alemão. Disseram-me alguns com quem falei a respeito: "Se o diretor nos mandasse fazer o caminho, todos o faríamos; mas, por si mesmo, ninguém se resolve a isso". As pontes são feitas pelo govêrno, pela respectiva administração; muita coisa, porém, autorizada e paga não é feita corretamente. Afinal, devem todos fazer por si mesmos o que é possível. Mas não o fazem; não têm má vontade, mas falta de vontade; é preciso que se lhes dêem ordens!

O mesmo sucede com as escolas. Falei a um mestre-escola na picada de Santa Cruz, em Boa Vista, e êle queixou-se dos pais. Desculpam-se êstes com as grandes distâncias, com o trabalho, de não serem os meninos enviados à escola. Se esta fecha por falta de alunos, queixam-se todos da falta de escolas. Todos decerto enviariam seus filhos ao estudo, se a administração o ordenasse.

E a cura das almas? E a assistência médica? Pode-se clamar em altos brados! Tudo, porém, se arranjaria do melhor modo, não fôsse o povo tão desmedidamente indolente. Relativamente a pastor, atingia a questão seu ponto crítico, durante minha

estada em Santa Cruz. Wolfram fôra considerado ignorante em teologia e devia fazer-se mestre-escola. Como sacerdote católico servia o padre Traube, recusado por intolerante na colônia de São Pedro de Alcântara. Nada se resolvera sôbre um pregador evangélico, pois tôdas as questões eclesiásticas no Brasil são muito complicadas e teme-se cuidar delas sèriamente.

Quanto à assistência médica, estão os colonos inteiramente abandonados. Por mais sadia que seja esta gente das picadas, ocorrem casos em que, sem assistência imediata, pode haver sérias complicações, como, por exemplo, oftalmias, afecções cardíacas, tumores, etc. Travara-se recentemente uma discussão a propósito de um vacinador. Deveria ser nomeado vacinador em Rio Pardinho um colono, que é meio médico, porém não médico às deveras.

Nada disso é bom; estorva, perturba, aborrece e cansa. Um diretor capaz poderia dar à colônia completa elasticidade e levá-la a florescer em tôda a plenitude; o atual diretor, jamais!

Que outro problema poderá haver em Santa Cruz? Podemos fazer um prognóstico feliz para a colônia. Como já dissemos, o aspecto da terra é o de São Leopoldo. Faltam naturalmente o Rio dos Sinos e a proximidade de uma Pôrto Alegre, o que Rio Pardo jamais terá. Disso porém, não depende tudo!

A principal diferença entre as duas colônias está nos homens. Em Santa Cruz encontra-se apenas o tronco originário alemão com sua bondade de coração, mas sempre com sua falta de iniciativa e temporária rudeza. Faltam a energia e a florescência de São Leopoldo, a segunda geração nascida em clima feliz, geração mais genial, diria eu, de homens jovens, vivos, independentes, de moças esbeltas, cheias de vida, conscientes de si mesmas, como os vi em São Leopoldo. Lá se tornaram mais nobres e melhores do que seus pais, desalentados, na pátria, com o fardo do trabalho infrutífero e dos preconceitos. Livres no solo livre dos pais. E isso também se manifesta no seu proceder, no porte, no movimento, no vestuário; tudo que fazem expressa decisão, segurança e certa flexibilidade que de algum modo já se poderia chamar educação, mesmo sem nenhuma verdadeira cultura escolar.

Semelhante geração emancipada — não se interprete mal a minha expressão — só com o tempo poderá desenvolver-se em Santa Cruz. Desenvolver-se-á, contudo, inevitàvelmente. O privilégio da pele branca, a honra e o direito de trabalhar estão demasiado patentes aos olhos da juventude, para que ela não os faça valer. Parece-me antever, em muitos jovens das picadas de Santa Cruz, já transluzindo, uma singular decisão, uma espécie de coragem nativa. Não os intimida a mata, apesar de lá viverem onças. Sem ânsia e sem temor, combatem corajosamente as cobras ou prudentemente se afastam do caminho. Meninos e meninas de dez anos montam a cavalo, andam sòzinhos longos trechos da picada e trazem feijão e milho para Fachinal; realizado o negócio, sòzinhos voltam para casa ou, de caminho, visitam um amigo, sem contudo se demorarem. Em casa de um colono encontramos uma menina de nove anos, que governava a casa durante a ausência de dois dias de sua mãe. Quando chegamos, a pequena, sòzinha, atiçou o fogo, moeu e preparou o café, acalentou o irmão recém-desmamado e, afinal, ainda pegou, na encosta, um cavalo que fugira. A vigorosa menina, apenas de camisa, com uma saia nas ancas, tinha em si algo de cômico. Procedia como uma mulher de trinta anos, com uma simplicidade e confiança, com uma franqueza nas respostas, como jamais se encontraria numa menina do campo na Alemanha. "Eu também já trabalho na roça" — disse ela, mas sem nenhuma pretensão; apenas queria observar que não era inútil.

São assim, pois, essas crianças; em vez de brinquedos de Nuremberg, toca-lhes um pequeno trabalho, que lhes dá prazer e alegria; com êle crescem e mais tarde dêle não se envergonham. Muito sério, um rapazola colhia as fôlhas de sua pequena plantação de tabaco. "Que fazes aí?" — perguntei. — "Trabalho!" foi sua resposta.

Não se pense que essas crianças não tivessem infância. Talvez tenham na mata uma infância mais viva e alegre do que as crianças da cidade.

A colônia nada sofreu dos bugres. Mais freqüentemente vêm ainda agora as onças e atacam os animais. Muitas vêzes se encontra uma vaca ou vitela dilacerada e morta, outras vêzes alei-

jada por ataque inimigo. São os cães sua prêsa predileta; parece que, como os gatos, figadalmente os odeiam. Numa noite, na mesma colônia, estraçalharam três ou quatro. Parece que os cães as temem horrìvelmente. Igualmente fogem elas do homem e lhe cedem tìmidamente o caminho, embora sempre com lentidão. Contaram-me que algumas pessoas as têm afugentado diante de si por um bom trecho de caminho até à vizinhança da colônia, onde podiam matá-las a tiro.

Em Santa Cruz não soube de caso algum de seu ataque ao homem. À noite despertou um velho seleiro com forte pressão na cabeça: era a pata de uma onça! Quando êle se moveu, o animal saltou e fugiu.

E assim, donde se implanta a lavoura sempre fogem êsses felídeos. Com êles se vão também os jacarés, as cobras e mesmo a venenosa jararaca *(Lachesis rhombeata)* já rareia nas picadas. Ouvi falar de um caso mortal de mordedura de cobra. Bem comuns, já sabem os colonos como tratá-las: com um corte de faca atravessado na ferida, deixam-na sangrar fartamente, atam a extremidade, esparzem cinza sôbre a ferida e bebem uma infusão de raiz de mil-homens. Eu próprio falei com uma jovem senhora que fôra mordida por uma jararaca e assim se tratara.

Em 17 de março despedi-me de Santa Cruz e da amável família de Fachinal. O incansável William Lewis viajou comigo, acompanhando-me até ao lugar de onde partíramos.

De tarde estava eu de novo em Rio Pardo e despedi-me de tôda a boa gente com quem travara relações. Em 18 de março cuidamos dos apetrechos para a viagem e encarreguei o meu "spahi" de selar o cavalo muito cedo na manhã do dia seguinte.

TERCEIRO CAPÍTULO

Partida do Rio Pardo. — Cruz Alta. — Cachoeira. — A colônia alemã de Santo Ângelo. — Viagem ao Passo do Jacuí. — O rincão da Tronqueira. — Santa Maria da Bôca do Monte. — Fazenda alemã em Pinhal. — São Martinho. — São Bernardo. — Santa Tecla. — São João-Mirim. — As missões de São Miguel, São Luís Gonzaga e São Nicolau.

EM 19 de março, depois de pesada chuva matutina, trotava eu pela cidadezinha a fora e pela alta ponte de madeira sôbre o Rio Pardo, afluente do Jacuí. O Rio Pardo parecia um regato, com os últimos meses excessivamente pobres de chuva. Mas com chuvas abundantes, pode subir a 30 pés e atingir altura tal, que é impossível passar pela ponte. Nesse caso, porém, todos os rios estão cheios. Já antes me haviam mostrado em Rio Pardo, no lado que desce para o Rio Jacuí, uma casa até onde subira o rio, a uma inconcebível altura. Tôda a região do Jacuí é, pois, no sentido próprio da palavra, um enorme lago interior e, às vêzes, o barco a vapor navega por cima das matas. Do mar de água doce emergem, em forma de ilhas, sòmente as coxilhas mais elevadas; e, agrupados, aguardam os rebanhos de bois e cavalos uma duvidosa passagem sôbre estreitas lombadas relvosas.

Quando, logo depois da ponte do Rio Grande, se contempla a região, durante longa viagem a cavalo, pode aquilatar-se claramente o tempo das cheias. Bem ao norte estende-se uma serra azul, onde nascem quase todos os rios confluentes do Guaíba. Ao sul, é a terra uma planície semeada de colinas. Na verdade, ao norte e noroeste de Rio Pardo, encontram-se ainda matas extensas, mas geralmente unidas à serra e que por ela se estendem. Afora isso, as matas das colinas e dos terrenos entre elas são apenas soutos limitados, sem extensão, apenas um traço isolado no quadro da paisagem.

Caracteriza-se principalmente a vasta região pelo campo, colinas com pastagens, sem povoação, quase sem casas, um êrmo, não morto, porém desconcertante, tanto mais estranho quanto mais o observador se afasta da chamada estrada real.

Não se me tome muito ao pé da letra quando falo em região despovoada. Surgem sem dúvida povoações ao oeste da Província do Rio Grande, mas tão raras, tão escondidas, que, decerto, não constituem traço característico do campo do Rio Grande. Tão pouco se podem chamar os caminhos de verdadeiros caminhos. Perto das povoações, sim; mas, no campo distante, embora tudo seja caminho, não se pode reconhecer qual o verdadeiro, se de antemão não se aprendeu a reconhecê-lo.

Assim me aconteceu, logo à saída de Rio Pardo. A larga estrada confundiu-se em muitas veredas, e enfiei por uma das trilhas em direção ao nordeste. Perdido entre coxilhas e por vêzes charcos e matas, durante horas não tinha a quem pedir informações. Sòmente bois e cavalos pastando; evidentemente admirados, olham para o caminho, pois um cavaleiro no meio do campo é coisa rara.

Apareceu, afinal, um cavaleiro, o qual, porém, se desculpou, em muito mau português, de não me entender; naturalmente, um alemão e a ambos nos causou certa alegria encontrarmo-nos no vasto campo.

De certo modo me orientou e depois de algumas horas de viagem solitária, cheguei a uma pequena choupana, diante da qual se erguia o bonito madeiramento de uma nova residência. Vagavam por ali muitos porcos e galinhas, mas não se via vivalma.

Ouvi, na casa, murmurarem mulheres e crianças; temiam certamente os dois cavaleiros que vinham através do campo.

Afinal uma menina pôs a cabeça fora da porta. Perguntei, em português, pelo caminho. Mas, no grave dialeto do Palatinado respondeu-me que não me compreendia. Perguntei em alemão e saiu tôda a família, a mãe e filhos, grandes e pequenos. Viera essa gente de São Leopoldo para aqui a fim de, com alguns parentes, cuidar especialmente de criação de gado, para o que tinham comprado uma grande área e construíam uma regular casa de residência, pois iam muito bem.

Podia apear-me. Tínhamos pressa. Indicaram-nos o caminho e prosseguimos.

Na planície seguinte, num capão de mato, uma casa. Para lá me dirigi; de novo uma casa de alemão cheia de vida e atividade, onde vivia um correeiro com filhos vigorosos, procedentes igualmente de São Leopoldo. Demorei um pouco. Interessava-me encontrar uma vida alemã num campo solitário. E era perfeitamente alemã. Cada filho executava sua parte de trabalho com habilidade e cuidado e respondia amàvelmente a tôdas as perguntas. Foi também perfeitamente alemão mandar-me a carametade do correeiro uma grande omeleta e uma panela de barro cheia de leite, pelo que, porém, o homem não aceitou pagamento. Mas por trás dessa maneira inteiramente alemã, um traço de gaucharia. Um dos meninos devia ensinar-me o caminho. Enquanto arranjava seu laço, o irmão tangeu em nossa direção uma tropa de cavalos. Com a perfeita segurança de um adulto, o pequeno laçou um cavalo, atirou sôbre o animal sua sela riograndense e trotou para a frente, sem pestanejar; o rapazote era dos pés à cabeça um gaúcho, um centauro!

Meia milha adiante, parou e orientou-se. Então, num alto, indicou-me com precisão uma série de sinais para que seguisse meu caminho e regressou, descendo a colina a todo o galope. Uma hora depois estava eu em Cruz Alta.

Cruz Alta, não a vila situada um pouco ao norte das Missões, é uma dentre as mais altas colinas dos campos que se estendem para a serra, entre Rio Pardo e Cachoeira do Jacuí. Encontram-se, porém, poucas casas ou, pròpriamente, só uma casa,

para cujo dono eu trazia uma carta. Esta casa era ao mesmo tempo um armazém e uma venda de todos os gêneros de primeira necessidade. Apesar de haver pouco espaço, recebemos eu e o meu "spahi" um local separado para dormir com duas boas camas. Na minha, aliás, a dona da casa mandara pôr uma coberta e travesseiros bordados, pois as brasileiras gostam de mostrar certa elegância em todos os artigos de roupa branca.

Embora inteiramente isolada, Cruz Alta tem seus vizinhos. Uma noite maravilhosa com o pleno brilho das estrêlas e a claridade argentina da lua em quarto crescente. Apareceram então algumas pessoas. Primeiramente um negro fôrro, com sua mulher preta, ambos a cavalo, como todos os outros que vieram depois. Em seguida, um velho brasileiro, de simplicidade e modéstia quase infantis; depois dois mestiços de índios, um par impressionante, ambos altos e vigorosos, de cabelos longos, espessos e negros, barba crespa, perfeitas fisionomias de índios, mas atrevidos, com pequenos ponchos e grandes esporas. Comportavam-se com desembaraço, mesmo atrevidamente e insultaram o brasileiro até que êle se esgueirou. Realmente horrorosos os dois homens, verdadeiros bandidos, e por isso mesmo me interessavam. Davam-me a impressão de fantásticos centauros, que tivessem amarrado seus corpos de cavalo à porta. Fizeram ruído até 1 hora. Depois saíram trotando e ainda de longe lhes ouvia o riso relinchado.

Em 20 de março selamos o cavalo muito cedo. Meu bom hóspede indicou-me um atalho, cujos débeis sinais distavam uma milha um do outro. Pela peculiar formação da terra e falta de população densa, na realidade não se encontram sinais indicativos nos caminhos. Nenhum campanário de aldeia, nenhum caminho determinado; no máximo, servem de marco um fôsso, uma distante encosta de barro vermelho, uma pedra. No Rio Grande, para viajar pelo caminho mais curto, é preciso ser um vaqueano (*). Com tempo bom e sêco, pode-se viajar bem com a bússola, se não obrigam a regressar um íngreme leito de riacho sêco

---

(*) Em português no original. — N. do T.

ou um mole terreno pantanoso. Raramente se encontra impedimento em plantações ou em campos cercados.

Se ainda não tivesse experimentado a natureza dos campos nos últimos dias, teria plena oportunidade de experimentá-la na minha viagem de Cruz Alta a Cachoeira. Sucedem-se grandes colinas e planícies ora meio amareladas por causa da relva murcha, ora negras em conseqüência da recente queimada, ora verde-amareladas, algum tempo depois da queimada.

Nessa vasta extensão encontram-se magníficos grupos de animais, vacas gordas com seus bezerros que no pleno gôzo de seu direito natural mamam quanto querem e se comprimem contra as mães quando a gente chega perto! Junto delas um touro baixo, de peito rugoso e de focinho altivo, em atitude ofensiva. Potros alegres trotam ao lado de esbeltas éguas, como se com elas estivessem aprendendo a bem correr. Ou chega a todo galope uma tropa de garanhões, descendo aos pinchos a lisa colina, porque avistaram à distância o peão, o pastor montado, e não querem submeter-se à sela e ao freio. Nos animais que saltam, tudo é vida, fuga e fogo, embora não se possa dizer que a raça é bela.

Preguiçosos e indiferentes, quase ridículos ao lado dessa viva agitação, aqui e ali pastam burros, um pouco separados do rebanho, odiados e desprezados pelos cavalos e sobretudo pelas éguas. Estas têm de ser quase enterradas para suportarem o estranho garanhão; as éguas jovens, sobretudo, parecem violentamente exaltadas quando pela primeira vez lhes sucede sofrer, em seu esbelto corpo, êsse atentado à natureza.

Dava particular fisionomia à planície ondulada uma multidão de pássaros. Ininterruptamente grita o quero-quero, aos pares ou em bandos, voejando na planície, especialmente nos lugares úmidos; com inaudita ousadia, com verdadeiro atrevimento, apenas se afastam à passagem do transeunte. Na sua gritaria há uma singular insolência. Poderia chamar essas aves de papagaios dos campos, e aos papagaios macacos alados da mata. Encontrei bandos de 80 a 100 quero-queros. Quando se obriga o bando a levantar o vôo, a gritaria é de romper os ouvidos.

A cada momento piam, perto, perdizes, que depois de um rápido vôo tornam a pousar no chão. Um caçador com pequena habilidade poderia matá-las aos montes. Mas parece que aqui nunca se disparou uma espingarda. Como é ousada, por exemplo, aquela espécie de busardo *(Circaetus brasiliensis)*, que a cada momento se vê andando entre a relva sêca do campo! Quando se chega muito perto, êle levanta o vôo, lançando uma insolente olhadela ao viandante. Voa pouco e logo torna a pousar, para continuar destemido a sua batida no solo. Seu freqüente aparecimento deve explicar por que nas cinco léguas de minha viagem da manhã não observei uma só cobra, apenas poucos lagartos e um único teju-açu, o grande lacertílio comestível.

Pelas 9 horas atravessávamos o pequeno Rio Butucaraí, com menos de três pés de profundidade e muito calmo. Nas chuvas o pequeno vau por onde passei torna-se perigoso.

Duas horas depois, estava eu em Cachoeira. Fica a cidade lindamente situada numa colina cheia de sol, bastante escalvada do lado do norte; do lado do sul, em direção ao Jacuí, do qual dista meia légua, bonitos pomares, entre os quais alguns se distinguem da vegetação pela plenitude do viço. Entre as escuras laranjeiras, vi crescendo vigorosamente bananeiras verde-claro, o que saliento, porque creio que aqui a bananeira está quase no seu limite brasileiro meridional. Sôbre pomares, laranjeiras e bananeiras vagueiam os olhos à vontade na infinda planície da região. Matas e campos, coxilhas e vales, tudo parece ondular, vendo-se aqui e ali rebanhos de gado e cavalos trotando alegremente.

Além da hospitaleira obsequiosidade de vários amigos brasileiros, não tenho muito que dizer do lugarejo de 2.500 habitantes. Enquanto Rio Pardo retrograda, Cachoeira desenvolve-se cada vez mais; é, na verdade, uma capital dos campos. O abastado e satisfeito povinho até construiu um pequeno teatro, que brevemente será inaugurado.

Do templo da musa travêssa fui à humilde casa da deusa loura, a um depósito para os emigrantes alemães que vão para a recém-fundada e apenas começada colônia de Santo Ângelo, ao norte de Cachoeira. Singularmente, a primeira criança com quem

falei, diante da porta da casa, nascera na minha cidade natal de Lubeck e foi a causa de uma longa e amarga queixa que me fêz a mãe sôbre uma desgraça da família, que a lastimável gente em conseqüência de erros e faltas há tempo expiadas, ainda arrastava aqui no Jacuí e que consigo teria de arrastar para a colônia, onde, antes de tudo, é preciso coragem, fôrça e saúde do corpo e da alma. Ofereci à pobre compatriota todo o auxílio e assistência a todos os respeitos; ela, porém, afirmou que nesta vida não poderia mais ser auxiliada, mesmo que eu quisesse ajudá-la a regressar a Lubeck.

A pobre mulher ocupou-me tôda a tarde, cercando-me um amável círculo familiar; e na manhã seguinte parti, inquieto, despedindo-me de meu bondoso hóspede, sem poder evitar uma estranha guarda de honra que me dera o muito atencioso delegado, a quem eu entregara uma carta do Presidente. A guarda de honra era um polícia local, um índio manso, dado como bom vaqueano e muito interessante com o seu espadagão, montado num cavalo magro. Entre êle e meu "spahi" que, nos seus vinte anos de serviço militar, se batera nove anos contra os cabilas no Atlas, viajava eu com um belo sol; e, ao ar livre, passando por algumas cruzes à margem da estrada, ouvia relatos do morticínio na última revolução. Com grande calma contava o índio a sua história e repetia com extraordinária fleuma, ao passar por uma cruz: "Aqui também mataram um", até que o "spahi", aborrecido com a toada de sacristão do pardavasco, contou-me diversas histórias de cabilas e a tomada da tenda do príncipe marroquino Abderrhaman e "von seinen Wüsten hör'ich gern".

Contìnuamente campos e capões de mato! Perdizes piando, jaçanãs gritando, corujas do campo e aquela espécie de busardo ou milhano *(Circaetus brasiliensis)* e por tôda parte rebanhos de gado, mas nenhuma casa, nenhum ser humano! Com dificuldade obrigamos a levantar o vôo um magnífico bando de abutres negros de pescoço verde, muito maiores do que os urubus do Rio. O forte bater de asas em tôrno de nós causou agitação no ar, denunciando o vigor daquelas aves de rapina.

Passou um grupo de carros. Como os filhos de Israel, viajam as famílias em seus enormes carros de duas rodas, quase da

altura de uma casa, atrelados, cada um, a quatro ou seis juntas de bois, pelo onduloso terreno. Já de longe se ouve o rangido das rodas girando em eixos de madeira e os gritos dos candeeiros montados. Muitas vêzes se vê assim todo um lar passando nos carros. Na frente, de cima do carro, pendem as panelas e utensílios de cozinha. De passagem, num relance de olhos para dentro da viatura, podem ver-se as condições da família.

Com mais comodidade e alegria passa um grupo de cavaleiros de notável elegância, três homens e quatro jovens senhoras. As últimas com belíssimos vestidos brancos, montadas de lado nos cavalos, com chales de côr atirados aos quadris e sombrinhas de sêda. Assim ia a passo rápido, em cavalos ricamente ajaezados, o lindo grupo cheio de graça e juventude. Uma dessas amazonas rio-grandenses poderia, sem alterar o traje nem mudar os arreios do cavalo, entrar diretamente no circo de Franconi e Renz e causar furor!

Os carros prosseguiram rangendo, os rápidos cavaleiros desapareceram; isolado e solitário cavalguei, com os meus companheiros, sôbre as coxilhas! Entreteve-me uma bonita íris; apareceram um "ionidium" azul, odorífero, e uma bonita "amaryllis" para não falar numa multidão de singenesias. Se, ante tantas formas peculiarmente nórdicas, quiséssemos tomar por vacínios as numerosas mirtáceas anãs, esqueceríamos de que estávamos num campo do Rio Grande, no Brasil, julgando acharnos numa campina do Holstein. O quero-quero torna-se pavoncino; as mictérias, cegonhas; e os distantes urubus, grandes corvos. Naturalmente nas bordas das coxilhas não deveria encontrar-se nenhuma ema; pelo menos não sei de ave nórdica que se pudesse considerar como tal.

Depois de quatro milhas nessa solidão, atravessamos um caminho onde havia uma venda. Encontrei aí um vendedor de cavalos, de São Leopoldo, arrastado e muito contundido por um animal desembestado. Parecia não ter recebido ferimento grave. Na venda, além de vinho, aguardente e outros gêneros (*), via-se um armário de medicamentos, cânfora, amoníaco, arnica,

(*) Em português no original. — N. do T.

etc. O homem muito se surpreendeu de, em tão inesperado acidente, encontrar-se um médico e uma farmácia, sendo o primeiro, aliás, um compatriota seu!

Na distante serra azul mostraram-nos um pico, a cujo sopé devia ficar Santo Ângelo. Metemo-nos no mar dos campos e nas ondulações das matas; viajamos durante horas; nenhuma casa, nenhum ser humano! Rebanhos e mais rebanhos de gado dispersos ao longe, uma bonita solidão verde, mas quase demasiado êrma. Quanto mais nos aproximávamos da serra, mais crescia a mata; cada vez mais escureciam as verdes cúpulas da vasta floresta; quando podia avistá-la, mais e mais transparecia a serra azul. O sol se pôs dourando as frondes das árvores. Acima do matagal erguiam-se muitas araucárias de estranha fisionomia. A meia altura ao lado delas balançavam-se numerosas palmeiras — uma mata sôbre outra mata. Em ambas as árvores sussurra o vento da tarde tristes e maviosas melodias.

Só tarde chegamos a uma casinha, uma venda alemã, uma espécie de propileu para a colônia de Santo Ângelo. Em terrenos acidentados percorrêramos quase onze léguas e ansiávamos por descanso e alimento. Comida e bebida havia bastante na casa. Mas lugar para dormir não se podia conseguir. Então cada cavaleiro tomou a sua sela rio-grandense, decompondo-a em seus diferentes elementos. As duas cobertas de couro formaram o colchão, sôbre o qual foram postas as duas cobertas de lã, servindo o arção de travesseiro e a coberta superior e o poncho de cobertura.

O "manso" acomodou-se num carro de boi; o "spahi" fêz as nossas camas debaixo de um denso laranjal, bem perto da mata e das brenhas. Cintilava a lua entre as fôlhas, aves noturnas e grilos gritavam e cantavam estranhamente e em tôrno de nós os cavalos relinchavam; atrás da vizinha floresta sussurrava, no fundo, o Jacuí; noite singular, a um tempo encantadora e triste.

No excelente mapa do Rio Grande, anexo à obra do Visconde de São Leopoldo sôbre a referida província, acha-se a noroeste da Cidade de Cachoeira e à margem esquerda do Rio Jacuí, que vem do norte, um distrito sob a denominação de "Campos habitados pelos índios e descobertos em 1807". No mapa de Mar-

tius, por mais cuidadoso que seja nos seus detalhes, esta região do Jacuí de Rio Pardo é representada muito erradamente, o que prova quanto tempo ficou desconhecido, selvagem e êrmo aquêle distrito até época muito recente, aliás recentíssima.

Sôbre esta região, muito propícia à agricultura, lançou suas vistas o govêrno provincial e destinou terras, ali, para uma colônia alemã nos moldes de São Leopoldo e Santa Cruz.

O nome desta nova colônia é Santo Ângelo, naturalmente pouco mais do que um nome, pois sua instalação apenas acaba de iniciar-se e pouco ainda se fala dela.

Na manhã seguinte, muito cedo, dirigi-me à colônia incipiente. O caminho atravessava matas e campos, exatamente como indicado no mapa do Visconde de São Leopoldo, até a uma casa de colono, onde já fervilhava gente.

Verdadeiro caos, completa confusão de um princípio de colônia sem os devidos preparativos. Num grande rés-do-chão, de fraquíssimas condições arquitetônicas, moravam numerosas famílias em pequenos compartimentos contíguos e brincavam de Alemanha, isto é, eram desunidas, brigavam e amarguravam a vida mùtuamente o mais que podiam.

Como cheguei inesperadamente e sem nenhuma companhia, meu aparecimento causou certa sensação entre a gente; em pouco tempo vieram a mim com uma porção de pretensões e mesmo queixas e acusações.

Queriam uns que não se lhes fornecessem gêneros, mas dinheiro, para a sua alimentação. Outros mais feijão e menos arroz; ali se pedia batata em vez de farinha de mandioca; aqui se queria sempre carne verde em vez de carne-sêca. Para alguns a ração era muito pequena, outros desejavam alimento especial para pessoas idosas. E chegavam reclamações e queixas de todos os lados.

Examinei o caso da melhor maneira possível e procurei apaziguar tôdas as partes. Sôbre a qualidade e quantidade do alimento absolutamente não havia razão de queixa. Os colonos apenas podiam queixar-se do fornecimento da má alimentação popular, quando queriam receber fino alimento europeu. Mas a alimentação popular no Brasil é excelente. Quando lhes perguntei

se, na Europa, tinham comido tão bem em suas casas, calaram-se todos e ao silêncio seguiu-se uma gargalhada geral. Veio ainda um com a reclamação de que seria melhor dar dinheiro aos colonos para que êles próprios comprassem o alimento e o cozinhassem. Êle tinha o nariz vermelho, olhos ligeiramente inflamados e um hálito que cheirava a açúcar: era, pois, segundo minha prática hospitalar, um beberrão! Disse-lhe eu francamente que êsse auxílio levaria à aquisição de aguardente e com isso pus o dedo sôbre a chaga. Muito fácil explicar à gente em poucas palavras sua situação provisória. E como, já nos próximos dias, muitos dêles deviam seguir para as cotas de terra que lhes tinham sido atribuídas na colônia, onde encontrariam satisfação no rápido progresso da lavoura, não dei grande importância ao que ouvi.

Não foi a mesma coisa quando os examinei. Entre êles achavam-se criaturas que, pelo amor de Deus, jamais deveriam ter emigrado para uma colônia em formação! Aqui uma senhora muito velha, trêmula, ali uma alta modista héctica, acolá um grupo de marinheiros desertores e muitas outras figuras desagradáveis.

Decerto vi também, entre êles, excelentes elementos, gente moça, casais vigorosos com filhos crescidos e sadios, cada um dos quais era uma fôrça criadora, cooperante, pois um menino de seis anos já é uma fôrça útil, que pode sustentar-se com seu produto e produzir mais do que consome alguns anos depois!

Passada a fermentação inicial, saberá a colônia achar seu caminho e progredir vigorosamente.

Além da excelência do solo, tem ainda em si uma artéria especial, palpitante, o navegável Jacuí, que no seu curso meridional corta a colônia. A isso atribuo muita importância, tanta, que acredito não ficará Santo Ângelo atrás de Santa Cruz por muito tempo.

As investidas, até agora débeis, para a lavra dos campos são exatamente como em Santa Cruz: o machado e o fogo são os instrumentos de desbravamento e brotam das cinzas, excelentemente, o milho, o feijão, a batata, etc. Por isso não preciso acrescentar pormenores.

Difícil infelizmente evitar muitas deficiências nesses começos de colonização. Aos novos colonos faltam o médico e o sacerdote. E nisso muito lhes falta. Fiz uma rigorosa visita médica e auxiliei no que pude. No depósito eram evidentes alguns casos de tifo. Considero-os antes conseqüências da viagem marítima e perduráveis influências de bordo do que casos desenvolvidos no local. Mas, como quer que seja, é aconselhável desfazer essas aglomerações humanas, levando a gente para o ar livre.

Nenhum doente me deu preocupação séria. Mas um grupo de crianças me causou profunda tristeza.

Um casal emigrara com cinco filhos. A bordo morreu a mãe e foi lançada ao mar diante dos olhos das crianças. O pai veio com os filhos para Santo Ângelo. Dois dias antes de minha visita à colônia, uma árvore, abatida pelo próprio homem, esmagou-lhe a cabeça. Silenciosamente caiu o infeliz e com o crânio fraturado, ficou debaixo da árvore, até que a serrassem e retirassem o cadáver. Algumas horas antes fôra o homem enterrado na mata. As cinco crianças não ficaram sem assistência: eram as filhas de todos os colonos. Sobretudo as duas meninas maiores causavam dolorosa impressão. Quando entrei em casa delas, a mais velha estava sentada à mesa e escrevia uma carta sôbre o triste acontecimento para a Alemanha; parecia bem educada e bonita com o ornato de seus quinze anos. A segunda já queria almoçar e tinha o prato diante de si e o garfo na mão. Mas quando me contaram a morte do pai, largou o garfo e começou a chorar amargamente.

Chegou o Barão von Kalden, o jovem e vigoroso diretor da colônia, ex-oficial da última Legião alemã. Surpreendeu-o também a minha visita inteiramente inesperada. Eu passara pela sua casa e vira-a sem considerá-la residência do diretor. Era uma modesta casa de taipa, coberta de palha e, no entanto, pela cordialidade de seu morador, ofereceu-me um amável asilo. De muito bom grado fiquei o resto do dia em companhia do distinto diretor e de sua jovem e bem educada senhora, brasileira nata de boa família. Ao pôr-do-sol queria eu voltar para a venda alemã para meu abrigo noturno debaixo do laranjal, mas me tornara prisioneiro e só tive permissão de sair para dar um passeio com o dono da casa, sob a condição de regressar e aboletar-me na residência do diretor.

Com meu compatriota da Alemanha do Norte desci, a cavalo, sob um belo luar, para o Jacuí, correndo aqui largo, tranqüilo e profundo, entre misteriosas florestas, maravilhosamente encantador, e mais ainda depois do banho tardio que tomamos em suas frias águas. Exatamente nesse lugar, quando a colônia se enraizar, será o principal embarcadouro de Santo Ângelo. Durante oito meses por ano o navio fluvial tem água bastante, no Jacuí, para ir até Santo Ângelo, havendo mesmo possibilidade para grandes barcos. Na verdade isso oferece aos colonos um belo futuro.

Por mais agradáveis e instrutivas que fôssem para mim as horas passadas em casa do Barão von Kalden, tive de pensar sèriamente, na manhã seguinte (23 de março), na continuação de minha viagem. Mas, pela amabilidade do jovem casal — e por mim mesmo — era-me difícil despedir-me e partir. Realmente atraente a situação! Inteiramente solitária, profundamente solitária a casa: nenhuma estrada passa por ela; atrás, a mata, na frente, uma clareira. As cinzentas paredes de barro sem caiadura, as janelas sem vidraça, o tecto de palha — tudo isso levava a supor que para aqui tivesse vindo um ermitão, um misantropo, desiludido da humanidade, de suas atividades e ocupações. E a casa é habitada por louçã juventude; um jovem casal construiu o seu ninho aqui na floresta, não por alguns dias, não para as breves semanas da lua-de-mel, não; a coisa é séria, para sempre moram êles aqui, para muitos anos, para o melhor tempo de sua vida. Que assim seja! Para um homem lutador é muito tentadora a situação em que pode tornar-se o criador de um pequeno mundo. Mas para uma mulher resignada a coisa é outra. O encanto da vida social, a que uma senhora jovem não pode renunciar sem um suspiro, perdeu, aqui, na mata, tôdas as suas flores. Tive realmente de sorrir ao ver a jovem e bela senhora baronesa em seu traje matinal governando a sua casa de cinzentas paredes de taipa. Ocorreram-me então contos infantis de antanho, em que uma jovem princesa é levada por encantamento para a floresta e vive sempre chorando nas profundezas das brenhas. Mas essa comparação absolutamente não convém, pois a jovem dona da casa era a amável imagem da despreocupada jovialida-

de e a lua-de-mel da vida, na cinzenta casa da mata, parecia fadada a anos, aliás a tôda a existência.

No trajeto de Pôrto Alegre a Rio Pardo, a pedido de um companheiro de viagem, prometi visitá-lo no Passo do Jacuí e ver a senhora, há muito enfêrma. O Passo do Jacuí fica a oeste-noroeste, cêrca de cinco léguas de Cachoeira e ao sul de Santo Ângelo. Como o lugar Santa Maria da Bôca do Monte, para onde eu queria ir ao sair de Santo Ângelo, está muito mais perto desta colônia, em direção quase ocidental, do que do Passo do Jacuí, fizera eu, por não ter partido do Passo para Santo Ângelo e de lá viajado para Santa Maria, um considerável rodeio de cêrca de 14 léguas.

Ensinaram-me, porém, uma passagem particular sôbre o rio, de modo que eu pudesse ir pela margem direita do Jacuí até o seu Passo, cortando muitos rodeios e curvas do rio. O caminho comum de 10 léguas devia reduzir-se a apenas sete.

Pelas 11 horas partimos em tropel; o Barão dirigia o cortejo; iam em seguida o alemão da venda e um cavalariço que conhecia o caminho, atrás ia eu com meu índio e o "spahi". Marchamos assim por algum tempo através de campos e matas. Mas o bom Barão devia regressar. Com cordial agradecimento me despedi dêle.

Através de campinas pantanosas e da escuridão da mata prossegui com os outros. Chegamos a uma fazenda isolada em cujo terreno se achava a passagem particular. Os moradores porém ficaram tão impressionados com a chegada de seis cavaleiros, que evidentemente tiveram mêdo e por longo tempo não puderam dizer se nos deixariam passar pela propriedade. Diziam ora "sim", ora "não". Impacientei-me, exprobrei-lhes a descortesia e queria voltar, quando nos deram licença de seguir o caminho até ao Jacuí.

Aqui vivia inteiramente isolada, numa pequena cabana, uma família morena, composta de elementos africanos e índios. Sem nenhuma timidez e com certa alegria, prepararam-se os homens para passar-nos. Minha chegada parecia-lhes um acontecimento inaudito. Foram desselados os animais e conduzidos através do rio, nadando, atrás de canoas muito estreitas. Nós, os homens,

Caricatura alusiva ao movimento imigratório. (De *A Sentinella do Sul*, 4-8-1867, A. 1.º, N.º 5).

fomos transportados depois, um a um, pois ambas as canoas utilizadas eram muito estreitas e pequenas, de maneira que, além do remador, só podiam receber uma pessoa, que devia sentar-se no fundo. A borda da pequena canoa pouco se elevava acima da água e a gente devia apenas respirar e não se mexer. Pois essa travessia de um rio largo e profundo e com certa correnteza é um trabalho muito arriscado. Passamos, no entanto, com felicidade e fizemos uma parada na margem, onde, numa pequena enseada, a água se cobria de tenras flores alvas de um hidrócaris.

Segui, depois, através da mata, com meus dois camaradas (*), como é costume chamar os companheiros de viagem, livres, de qualquer classe ou côr. Saímos da hiléia do rio e entramos nos campos cheios de sol, de um lado emoldurados por matas pitorescamente belas e do outro por elevações que subiam suavemente e se estendiam até ao horizonte. Ia na frente meu índio manso; mas, apesar de seu gabado "vaqueanismo", perdeu o caminho ou, melhor, não o achou. Como no mar, é preciso "compás y arte", pois o homem falha. Viajávamos em direção ao sul e freqüentemente não nos podíamos encontrar, pois a relva dos pampas é às vêzes mais alta que o cavalo e o cavaleiro. Além disso, um barranco coberto de relva esconde o viajante durante alguns minutos, ou o caminho, se assim se pode chamar uma série de emaranhadas trilhas do gado, contorna uma moita, impossibilitando muitas pessoas se conservarem reunidas, a não ser que fiquem demasiado juntas umas das outras. Por algum tempo meu índio desapareceu completamente, enquanto eu e o "spahi" rumávamos do sul para leste. Depois vimos o pardo parar no alto de uma coxilha e lançar o olhar em tôrno. Perto dêle algumas mictérias, muito sisudas, com a expressão de nossas cegonhas. Fugiu pela colina abaixo um pequeno grupo de emas, que subira diante do índio a cavalo. Em volta pastavam rebanhos de gado nas colinas, cada vez mais distantes, cobertas de pastagem. Nesse contôrno simples e no entanto de configuração tão peculiar, gozei uma verdadeira tarde sul-americana.

(*) Em português no original. — N. do T.

Chegamos, afinal, a uma estância situada numa elevação; atacaram-nos cães furiosos e os moradores tiveram de lutar com seus molossos para depois nos ensinarem o caminho. Mostraram-nos numa orla de floresta um rio, o Vacacaí-Mirim, o pequeno Vacacaí, que devíamos atravessar. Apontaram-nos, mais longe, a colina do Passo do Jacuí. Tínhamos feito um rodeio de pelo menos duas léguas.

Descemos para a planície e atravessamos o Vacacaí-Mirim. Pusera-se o sol. Espêssas nuvens de tempestade escondiam a lua; escuro como breu e os milhares de pirilampos que adejavam não substituíam o luar. Mas a cada relâmpago, meu índio reconhecia a colina que se aproximava; êsses homens calmos e simples aproveitam todos os auxílios da natureza para se orientarem nas regiões solitárias.

Cheguei muito tarde a Passo e, mal se acomodaram os homens e os animais em casa do meu companheiro de viagem no navio rio-pardense, desabou terrível tempestade, — transformando a tarde abafada numa noite agradável e fresca.

A clínica ambulatória do dia seguinte impediu-me de prosseguir cedo a viagem.

Mas os sãos detiveram-me tanto quanto os doentes; devia demorar-me pelo menos um dia. Impossível, porém. Entretanto queria fazer uma excursão de meia légua até à margem do rio, a fim de ver de perto o famoso Passo do Jacuí.

O intenso tráfego que se faz de Pôrto Alegre, navegando pelo Jacuí, para Rio Pardo e mesmo para Cachoeira, tem de utilizar grandes carrêtas, a partir dêsses dois últimos lugares, no caminho para o extremo oriente da Província e para as praças de comércio à margem do Uruguai. A animada estrada para Santa Maria, abaixo da Serra de São Martinho, passa entre ambos os rios Vacacaí grande e pequeno, vindos do oeste, ao sul e ao norte, ao passo que o Jacuí corre do norte e, depois de receber o Vacacaí-Mirim, reúne-se ao Vacacaí-Grande. Entre os dois rios Vacacaí passa a grande estrada, via Jacuí, e forma ali um ponto extraordinàriamente movimentado.

Da alta margem verde descortinei belo panorama matutino. Da esquerda descia o límpido e largo rio, murmurando, por

entre os oito altos pilares da audaciosa ponte de pedra, ainda inacabada. Em ambas as margens do rio carrêtas e cavaleiros aguardando a passagem. A barca ia e vinha ininterruptamente, mantendo as duas margens em ligação; mas as grandes e pesadas carrêtas são difíceis de transportar. Chegou um rebanho de gado, que foi empurrado para a água aos gritos dos tangerinos que o acompanhavam. Lenta e cautelosamente entravam os animais até que lhes fugia a terra sob os pés e a correnteza os arrastava. Soberbamente lutavam e arfavam os touros contra o elemento que lhes era menos familiar. Debalde tentavam alguns voltar à margem recém-abandonada; eram sempre repelidos com grandes brados e agudas ferroadas, até que todos passaram, nadando um ao lado do outro. Verdadeiramente imponentes as ferozes e altivas cabeças dos touros aparecendo fora da água com seus grandes chifres e a gritaria dos peões a cavalo, atrás dos animais ofegantes, era apropriada à travessia no Passo do Jacuí. Bufando, sacudindo-se, subia o gado a outra margem. Os tangerinos passaram o rio, com os cavalos, numa balsa larga.

Os oito pilares da ponte no rio, de majestosa aparência, sôbre os quais ainda não foi lançado nenhum tabuleiro de madeira, têm um curioso destino. Sua construção foi empreitada pelo meu hóspede por 250 contos (cêrca de 200.000 táleres). Depois de prontos, em conseqüência de algumas intrigas, acharam os engenheiros inspetores que não eram bastante sólidos para tôdas as eventualidades da correnteza e foi tomada a estranha resolução de deixá-los soltos, sem nenhuma ligação superior, durante dois anos. Se até então não caíssem, seriam colocadas sôbre êles as traves e o resto.

Só às 11 horas, a 26º Réaumur, pude continuar minha viagem pelos campos, depois de ter meu índio regressado para Cachoeira. Naquele dia viajei seis léguas com meu "spahi". Cada vez mais bonitos os rebanhos que encontrávamos, cada vez mais ampla a extensão das colinas relvadas, cada vez mais calma a fôrça vegetativa da natureza simples que se ostentava com tamanha amplitude.

De noite fiquei em casa de uma família despretensiosa, muito acolhedora, que morava num alto. Era um verdadeiro prazer

observar, dêsse alto, as várzeas que se estendiam a perder de vista em tôdas as direções. Vêem-se largas extensões de colinas e matas, mas habitações humanas descobrem-se muito poucas, em eminências isoladas ou na orla da mata.

Mas procurá-las e visitá-las dá prazer. Em habitações pequenas e modestas encontra-se gente geralmente boa e afetuosa. No mesmo dia, para deixar o cavalo descansar um pouco ao sol, apeei-me perto de uma casinha onde, debaixo de uma sombria laranjeira, um homem de certa idade carpintejava uma carrêta. Ao lado dêle, sentada numa esteira, sua mulher com dois lindos gêmeos. Tinham já onze filhos vivos. Pareciam-lhes os lindos gêmeos uma espécie de compensação pelos outros nove filhos. Na verdade, basta enviar os homens para os campos para fazê-los procriar.

Não se podia encontrar gente mais satisfeita do que a que se achava debaixo da laranjeira. O tom em que falavam de seus filhos lembrava o bom tempo antigo em que o homem aquilatava a felicidade e bênção do lar pelo número dos filhos. Na livre natureza dos campos e das matas, em que a *alma mater* em tôda a sua fôrça e plenitude produz os sêres e tem espaço para tudo, volta a humanidade ao primeiro degrau de sua origem, para que seja muito fértil e encha a terra.

No dia 25 de março, consegui partir antes de sair o sol. O débil nevoeiro que cobria a terra foi logo desfeito pelo sol e por um fresco vento do nordeste e pude contemplar a região desimpedidamente. A natureza dos campos já se inclinava francamente para a serrana. As colinas formam uma cadeia ondulante, mas quase ininterrupta de elevações, sôbre as quais serpeia a estrada carroçável para Santa Maria, dando, por isso, muitas voltas. Para quem viaja para percorrer o maior número de milhas possível, é muito incômodo êsse caminho. Mas para quem é indiferente chegar hoje ou amanhã, apreciará à direita e à esquerda muitas quebradas onde esplendem purpúreas acácias, brilhantes cássias amarelas e caneleiras de flores semelhantes à da macieira, ao passo que, no meio da confusão das parasitas criptogâmicas, pendem dos galhos de mirtáceas quase sêcas purpurinas orquídeas. Na orla da mata, onde há mais umidade, encon-

tra-se com abundância uma bonita iridácea — penso que uma ferrária e um *ionidium* azul que cheira a violeta; — uma sálvia côr de jacinto, pequenas oxálidas vermelhas, lantanas, comelinas azuis e, em charcos, muitas pontederiáceas meniantes ninfóideas com fôlhas redondas, flutuantes, vilársias. Ao lado dêsses tranqüilos habitantes da solidão, alegra-se também o viajante com as magníficas formas do gado que pasta, dos cavalos e da algazarra dos pássaros: falcões, corujas, circaetas e perdizes.

Diante de uma venda muito isolada, fizemos uma pausa para o almôço. Mesmo pela raridade dessas vendas, nelas se encontra ao meio-dia tôda sorte de gente, em parte vizinhos distantes (decerto uma "contradictio in adjecto", mas expressão correta para o oeste do Rio Grande), em parte viajantes. Um viajante europeu é sempre ali, no primeiro momento, alguma coisa estranha; todos ficam embaraçados diante dêle. Mas logo que êle fala algumas palavras na língua do país e se comporta com simplicidade e decência, desaparece imediatamente o constrangimento; em menos de um minuto tem-se na bôca o símbolo da paz, da concórdia, do completo entendimento — o mate!

Todos os presentes tomaram mate. Não se creia todavia que cada um tivesse sua *bomba* e sua *cuia* próprias; nada disso! Assim perderia o mate tôda sua mística significação. Acontece com a cuia de mate como à tabaqueira. Esta anda de nariz em nariz e aquela de bôca em bôca. Primeiro sorveu um pouco um velho capitão. Depois um jovem, um pardo decente — o nome de mulato não se deve escrever —; depois eu, depois o "spahi", depois um mestiço de índio e afinal um português, todos pela ordem. Não há, nisso, nenhuma pretensão de precedência, nenhum senhor e criado; é uma espécie de serviço divino, uma piedosa obra cristã, um comunismo moral, uma fraternização verdadeiramente nobre, espiritualizada! Todos os homens se tornam irmãos, tomam mate em comum!

Quem o compartilha pela primeira vez, julga estar numa loja maçônica. O erudito clássico vê, na pequena cuia, a edição in-doze da *mystica vannus* dos tempos pré-cristãos e o domínio da loura Ceres.

Infelizmente não domina ela no Rio Grande, tanto quanto devia, todavia, mais do que comumente se acredita. Em nossa polimorfa sociedade havia um plantador da serra e manifestei-me sôbre o abandono da cultura dos cereais. Fiquei então sabendo que tanto o velho capitão como o serrano cultivavam com muito êxito a aveia e a cevada. Infelizmente o trigo era perseguido pela ferrugem. Para todos êsses agricultores meeiros a colonização alemã é objeto de grande interêsse e forte estímulo. Não é só a lavoura dos alemães que interessa a essa gente, às vêzes infantilmente simples; são também aquelas pequenas indústrias que o lavrador alemão traz consigo, como, por exemplo, a fiação com a roda de fiar. E nisso há geralmente grande amizade e admiração pelos imigrantes nórdicos, de que só não participam algumas pessoas das camadas sociais mais baixas. Não tratam individualmente com os estrangeiros por causa da dificuldade da língua, mas vêem de bom grado suas atividades na serra e seria grande êrro se os imigrantes alemães temessem ficar expostos a menosprêzo ou mesmo a hostilidade.

De meu hóspede e amigo de Passo do Jacuí eu trouxèra duas cartas para o seu irmão, que morava pouco distante daquela venda, mas ao largo do caminho, num campo chamado Rincão da Tronqueira. Na venda tomei um homem que conhecia o Rincão. Depois de breve caminhada, êle mostrou-me a vereda numa ravina, floresta a dentro, e prosseguiu seu caminho. Mal penetramos na mata, saímos no descampado. Um campo magnífico estendia-se sôbre as colinas e dentro de espêsso laranjal surgia uma linda casa de residência. Diante de mim uma fazenda bem conservada, rodeada de muitos campos divididos e de cêrcas, nos quais aqui e ali pastavam reses — quadro típico de uma estância rio-grandense

O Sr. Davi Pereira Soares não estava em casa, mas breve voltaria com a família, que fôra à casa de um vizinho. Entretanto uma negra me trouxe uma cuia de mate; recebi-a e tomei um sôrvo da bomba, declarando, com isso, que desejava ficar. Então ela abriu um quarto de hóspede, bonito e asseado, com três espaçosas camas, como se a residência de um estancieiro fôsse ao mesmo tempo um hotel. Bem junto do primeiro quarto de hós-

pedes, descobri mais dois outros; na verdade, num momento, o senhor Davi poderia transformar sua solitária estância de Rincão da Tronqueira em bonitas *chambres garnies* de Montmorency e Enghien, embora das janelas não se pudesse ver a cidade de Paris.

Examinei um pouco a fazenda: uma ilha provida de tudo num largo mar de matas e colinas. Fábrica de farinha de mandioca, fôrno para pão, açougue, horta, pocilgas para a engorda de porcos, tudo com asseio e ordem! Perto, um riacho com água corrente e um poço limpo com excelente água potável; mais um laranjal com milhares de frutos maduros; do outro lado, uma verde pastagem aberta, onde o gado pastava à solta.

Pouco depois a família regressou a casa. A senhora e a filha logo se retiraram, segundo o costume peculiar do país, nada interessante para o estranho que chega, e, certamente, muito desagradável para as mulheres que se retiram. O dono da casa, porém, recebeu-me amàvelmente e, depois de uma hora de conversação franca, tornou-se meu amigo de alma e coração. Com um belíssimo luar, sentamo-nos diante da porta; tive de falar-lhe da Europa, Paris, estrada de ferro e telégrafo elétrico e raras vêzes encontrei um ouvinte tão atento e entusiasta. Do íntimo do coração lhe veio a exclamação final: "Como deve ser feliz o senhor, que viu tudo isso!" e fazia-lhe honra a sua alegria pelo que ouvira. Como o homem de certa idade gostaria de aprender ainda, se não morasse no solitário Rincão da Tronqueira!

Depois da ceia, fui para meu quarto. O céu encobrira-se. De longe se aproximavam os trovões, ribombando ininterruptamente. As descargas elétricas eram tão amiudadas que contìnuamente uma viva corrente de luz clareava tudo. Todo o Rincão ficara amarelo côr de enxôfre, fustigado pelo violento furacão. Não se percebia um trovão isolado, mas, sim, um estrondo contínuo, que parecia tão profundo sôbre a terra como debaixo do céu. Apenas a vinte passos da casa caiu um raio no campo e um enorme trovão abalou a casa, onde todos gritaram. No mesmo momento despejou-se uma chuva torrencial e em luta fantástica pareciam querer destruir-se os quatro elementos até que pareceu vencer o aguaceiro, que se prolongou por tôda a noite.

Por isso amanheceu o dia seguinte cinzento e nem o divino mate conseguiu produzir outra côr, para gáudio de meu hóspede, que de bom grado me conservaria em casa mais um dia, ou quatro semanas, como dizia. Mas pelas 8 horas soprou um vento fresco; entre as nuvens apareceram algumas azuis e às 11 e meia, depois de um almôço que parecia calculado para uma quinzena, deixou-me partir meu bom Soares.

Fresca e amena foi a viagem no rincão, de volta à estrada. Corriam as águas em tôdas as direções e a natureza parecia maravilhosamente refrescada, embora ainda com os cabelos desgrenhados. Algumas árvores tinham sido derrubadas e havia galhos quebrados, torrões arrastados e areia escavada, mas o verde dos campos e matas era incomparável; viam-se, em tôda parte, os mais diversos matizes das côres da vegetação.

Alguns trechos de floresta que atravessei ofereciam singularíssimo caso de parasitismo. Não falo do parasitismo de plantas que, saindo de suas próprias raízes na terra, se elevam e se enredam na mata e só então se tornam parasitárias; não falo das trepadeiras que, depois de terem subido, deitam, de cima, longos estólones ou em curvas, subidas e descidas, apóiam-se, como jibóias hirtas, nas árvores, raízes e grupos inteiros de árvores; falo ùnicamente das que se agarram e se enraízam em troncos estranhos e em existência realmente epifítica verdejam e florescem.

Sôbre grossos troncos semimortos proliferavam úsneas em enorme quantidade e ao lado delas musgos e fetos de lindo verde que lutam em sua morada aérea com bromeliáceas maiores e menores, especialmente tilândsias de delicadas flores ornamentais, embora já raras no outono. A tudo, porém, excede a flora de orquídeas. Aliás, de passagem, vi naquela manhã apenas duas orquídeas diferentes em flor, uma delas côr de púrpura e em tal quantidade que velhos troncos floridos pareciam cobertos de borboletas. De alguma distância mal se pode distinguir a linda coloração.

Há entretanto outro parasitismo vegetal ainda mais raro. Um velho tronco parece quase inteiramente morto de alto a baixo. Seus galhos secos elevavam-se no ar; apenas em alguns se distinguiam ainda umas fôlhas, uns botões. Ao contrário, mais

fresca parece viçar a vida em outros galhos. Em luxuriosa formação de fôlhas e em tôda a plenitude de pequenas inflorescências verdes, pendem em abundância delgados e esbeltos ramos que formam, na selva, uma floresta em miniatura. Comparando-se esta folhagem nova e fresca com a pobre árvore envelhecida, vê-se que ambas são muito diferentes; formou-se uma vida vegetal inteiramente nova.

Essa é a viçosa vida, genuìnamente epifítica das lorantáceas, notadamente do *Struthantus* e do *Psittacanthus,* cuja simples e admirável forma primitiva dicotômica é representada pelo nosso visgo nórdico, aquêle singular parasita que em muitas regiões é uma terrível praga das árvores e não obstante santificado pela superstição popular, como um, por exemplo, que vi na Normandia.

Assim como as orquídeas da campina nórdica sob o céu meridional se elevam mais no ponto de vista aéreo, no desenvolvimento da forma e da côr, do visgo nórdico desenvolve-se a espêssa moita daquela lorantácea de delgados ramos, de fôlhas muito modificadas e de numerosas flores pequenas. De um galho muitas vêzes delgado, pertencente ao tronco primitivo, saem três ou quatro ramos parasitas, freqüentemente verticilados, como de um entroncamento comum, cada um por vêzes tão grosso como o galho primitivo abraçado, de modo que parece ter custado esfôrço introduzir nêle algumas fibras para agarrar-se. Assim, densamente emaranhadas em outros galhos e plantas, pendem as verdejantes parasitas e com seu pêso puxam para baixo o galho enlaçado. Quaisquer que sejam a indicação e a posição do ramo parasita, as faces das fôlhas são sempre situadas de modo que a parte superior está sempre para cima, voltada para a luz e a face inferior sempre para baixo. Com isso ganha o parasita um "habitus" muito singular, fàcilmente reconhecível.

Onde uma vez se penduram essas lorantáceas, logo proliferam em tôrno de tôda a árvore ou mesmo de tôda uma parte da floresta e muitas árvores são sugadas por elas, como nos laranjais onde, sob o nome de erva-de-passarinho, é um hóspede temido e mata as melhores árvores. Ou será neste caso, como é tão freqüente em a natureza, que o parasita é conseqüência da doen-

ça e não a sua causa? Agarra-se a sevandija vegetal às árvores porque estas já estão doentes e oferecem ao parasitismo um terreno por assim dizer decomposto, fertilizado pela matéria vegetal desagregada? É certo que ao lado de uma árvore completamente coberta de parasitas se encontra outra perfeitamente sã, ainda que, muito próximas uma da outra, se entrelacem os seus galhos e mesmo sejam da mesma espécie e se achem no mesmo grau de desenvolvimento. Neste caso, não se dá a transmissão, enquanto a árvore não atacada conservar sua aparência sadia e forte.

Quanto mais o dia fresco e a região desalterada pela chuva da noite me aproximavam da serra ao noroeste, mais seivosas se tornavam as ervas do campo e a folhagem dos matos. Uma grande planície, um tanto úmida por causa da chuva e parcialmente inundada, ainda me separava da Serra de São Martinho, que já de longe mostrava bonitos vales, encostas e contrafortes. Aumentou o movimento de carrêtas. Aqui e ali se descobrem algumas, como prenúncio de uma próxima localidade. E de fato, depois de contornar uma pequena floresta, encontrei uma bonita aldeia suíça, uma vila cercada de sombrias laranjeiras, justamente à entrada da serra.

Santa Maria da Bôca do Monte chama-se o lindo ninho de casas brancas com telhados vermelhos. Diante dela, um arco duplo de laranjeiras forma, em tôrno de uma praça verde, um passeio que muitas capitais nórdicas poderiam invejar à aldeia riograndense.

Trazia várias cartas para entregar e como lá não há hotel, tive de escolher a hospedagem que três ou quatro pessoas me haviam oferecido. Fui para a casa de um honrado alemão de antes quebrar que torcer, sôbre cuja casa e família tenho de dizer algumas palavras.

Logo à entrada, veio a meu encontro, com profunda emoção, uma senhora de certa idade. Quando, ao chegar, falei com o dono da casa, ela, sem ver-me, reconheceu-me exatamente pela voz com que eu a consolara em tempos de grande necessidade e muita miséria. Já catorze anos eram passados; ela vivia então no Rio de Janeiro em condições muito difíceis e necessitara re-

petidas vêzes de minha assistência médica. Muito me impressionou êsse encontro e o reconhecimento da voz, visto como a senhora jamais pensara em encontrar-me aqui no longínquo sul, foi realmente digno de nota. Tinha um pedaço de terra na serra e viera à vila para fazer compras, pois não pertencia à família de meu hóspede.

Esta família começa com um velho casal alemão, o marido de 87 anos e a mulher de 73. A filha do casal é a espôsa do cordial dono da casa, Johann Peter Jäger ou Jähr, que precisamente no dia de minha chegada, em 26 de março, festejava o quinquagésimo terceiro aniversário natalício e que tinha também consigo a sua mãe, de 77 anos de idade. Tem, com sua mulher, nove filhos, dos quais dois já são casados. Uma das filhas casadas já tem uma menina de 11 anos. O filho mais velho está na Guarda Nacional, no campo, à margem do Uruguai; vem depois uma série de jovens de beleza estatuária, calmos, de ânimo e atitude independente que, apesar de muito jovens, já são independentes. A filha mais moça, menina de 11 anos, é, pois, da idade da sobrinha, mas é uma menina fora do comum, tão alta como uma moça desenvolvida, meio tímida e meio desenfreada. Mal acabara de dizer-me "bom dia" já estava no pátio fazendo uma tourada com dois grandes vitelos.

Quando me sentei com os bisavós, avós, pais e filhos à mesa do jantar e participei de sua abundante refeição, senti-me realmente comovido. Até aqui, até a êstes remotos campos do Rio Grande, Deus guiara pelas mãos os emigrantes alemães e maravilhosamente os abençoara por quatro gerações, de modo que se podia ler a sua graça em nítidos caracteres em cada cabelo branco do velho de 87 anos e nas faces coradas dos bisnetos. De maneira lìdimamente patriarcal e em perfeita união, essa gente morava junta em três casas diferentes. Sabe Deus quantos são êles, a contá-los um por um.

Deram-me a dormida em casa do segundo filho, um ourives de 18 anos, já completamente independente, que aqui mora sob a guarda de sua avó de 77 anos de idade. A velha avó me levou para casa e ainda reservou para conversar comigo "um momento", que durou quase duas horas.

Essa avó era para mim um tanto incompreensível; tinha a robustez de uma senhora jovem. E no entanto que luta pela vida tinha ela sustentado!

Pobre como Jacó quando atravessava o Jordão, chegara ela ao Brasil, no ano de 1829, com um velho relógio de prata e onze xelins hamburgueses, que se multiplicaram. Ambos os seus filhos enriqueceram com árduo trabalho, um em Pôrto Alegre, outro em Santa Maria. E então me contou o destino de muitas vidas, o que me comoveu profundamente. Mas quem não reconhece nos lances da fortuna senão a bondosa e benigna vontade da Providência na vida de cada um?

Segundo contou, vivem em Santa Maria, à entrada da serra, mais de 32 famílias alemãs. Tôdas vivem bem, tôdas inteiramente contentes. Tôdas as atividades locais são alemãs: artífices, comerciantes, etc. A maioria da gente veio a pouco e pouco de São Leopoldo; muitos já vivem na serra como ativos lavradores e, em parte, já penetraram até ao Rio Uruguai.

Só no dia seguinte (27 de março) examinei a singularmente alemã Santa Maria. Mas não preciso descrevê-la. Imagine-se uma rica aldeia à margem da estrada de Darmstadt a Heidelberg ou outro lugar à entrada da montanha, e estamos no centro de Santa Maria. Até o dialeto do Palatinado se fala aqui nas ruas, como língua do país e, como lá, se ouve em tôda parte. No entanto no "palatinatismo" se intromete a originalidade da vida rio-grandense. Quase nunca os jovens alemães tiram a espora e o poncho listrado. Nas vielas alemãs rangem a cada momento grandes carrêtas; oito bois bem nutridos vão atrelados na frente. Os grosseiros carros-de-carga de duas rodas são carregados de produtos do país e de artigos de importação, para cuja produção e venda Santa Maria é ponto muito importante. Por isso existe entre os negociantes alemães de Santa Maria gente rica, por menos que se note isso à primeira vista. O homem mais rico, entre êsses alemães, possui uma fortuna de 150.000 táleres. Há vários, no lugar, que possuem mais de 5.000 táleres.

E como veio para o Brasil, há anos, tôda essa gente? — Pobre como Jacó quando atravessava o Jordão.

Um dos negociantes alemães que há dezenove anos chegaram sem nada a Santa Maria, mostrou-me sua casa, seu armazém, seu pomar; tudo tão bem construído, tão espaçoso, tão bem ordenado, que a gente esquece os campos do Rio Grande e julga estar numa loja européia. E, abrindo-se as grandes caixas de papelão, nelas se encontram chales caros, tule, vestidos elegantes. As freguesas moram em Santa Maria, nos arredores, na serra; têm dinheiro para pagar essas coisas caras sem dificuldade. Atrás do armazém de mercadorias, o depósito de sal e, ao lado dêste, um outro de couros secos e tudo em ordem modelar.

E dessa maneira se encontram os alemães no lugar. Considera-se quase uma necessidade que o alemão em Santa Maria tenha de enriquecer.

Muito se discutiu na Alemanha se o emigrante alemão podia prosperar no Brasil. Eu os vi aos milhares prosperando nas serras e aqui em Santa Maria da Bôca do Monte. Muitos, cujos nomes apenas se tenham ouvido na Alemanha, se tornaram gente rica e distinta e há muito tempo responderam claramente por que no norte da Alemanha a gente se aflige e se atormenta ansiosamente. Mas de modo algum quero censurar os teóricos, antes confesso de bom grado que até agora eu só tivera conhecimentos muito escassos sôbre a vida notàvelmente desenvolvida e forte e a prosperidade dos alemães no Rio Grande; e, antes de minha viagem, não conhecia Santa Maria da Bôca do Monte nem sequer de nome.

Dei um passeio à tarde para o lado da estrada da serra, região realmente encantadora. A magnífica floresta brilhava ao sol, enquanto, para o sul, os campos se estendiam a distância. Lindas casas de campo ao sopé da serra causam uma agradável impressão; a nenhuma delas falta o sombrio laranjal. Vêem-se aqui cactos gigantescos, elevam-se até 16 pés seus caules em forma de coluna, cobertos de centenas de flores radiantes, purpurinas, e de muitos frutos maduros de agradável sabor. Naturalmente êsses grupos são conhecidos na Europa. Vendo-os, porém, em grande abundância em campo aberto, mesmo conhecendo-os há longo tempo, não se pode fugir inteiramente à admiração.

Numa ladeira do estreito caminho, encontrei também aqui como, em geral, a partir de Cachoeira, enorme quantidade de pequenos silicatos ovalados ou até perfeitamente esféricos que, embora deslapidados, como são, se apresentam muito límpidos e mesmo translúcidos e que certamente poderiam ter muitas aplicações. Havia também muitas ágatas listradas, rocha característica de tôda a Província, notadamente em direção ao Rio Uruguai. Estou convencido de que no devido tempo e depois de pesquisas exatas, fornecerá a região muita coisa interessante. Meu hóspede mostrou-me à noite um belo pedaço de quartzo aurífero e uma pepita de ouro puro, achados ambos nas proximidades da vila. Até agora, porém, ao que soube, a pesquisa do ouro não se estendeu, pois a laboriosidade alemã encontra no comércio e agricultura negócio mais seguro do que na busca do ouro.

Aqui e ali, no campo, achei também grandes pedaços de madeira petrificada, até árvores inteiras, troncos em que ainda se reconhecia muito bem a textura da madeira. Alguns fragmentos se encontram em estado de semipetrificação; a formação externa de um tronco lembrou-me a forma de grandes troncos de mirtáceas, ainda hoje existentes nas matas rio-grandenses.

Noite alta, com luar, passaram pela povoação jovens alemães tocando instrumentos musicais. Para diletantes, no interior de uma província sul-americana, a orquestra, de umas dez figuras, era bastante boa. Todos os habitantes estavam de pé e Santa Maria parecia muito original na véspera do domingo de Ramos.

Acabou a música; os belos grupos humanos dispersaram-se, fecharam-se as portas, rangendo, e apagaram-se as luzes. Então, sob o claro luar, chegou ainda um nobre par de artistas, um violinista e um trombonista, precisamente quando meu bom Jäger ia fechar a casa. Permaneceram tranqüilos, montados, enquanto negociavam com meu anfitrião meia garrafa de vinho, em troca da qual tocariam o célebre "Lauterbacher". Os animais, dois magros rocins, já deviam conhecer essas paradas e ficaram imóveis, mas o duo de violino e trombone era extremamente cômico. Como a garganta de um músico, mormente de um músico alemão, está sempre sêca e à meia garrafa de vinho necessària-

mente se segue outra, recitados os primeiros versos, queriam os dois receber mais uma dose de vinho; mas Pedro João Jäger não queria dar. Então o músico agarrou seu violino — *oh tempora, oh mores!* — e começou a tocar um *allegro furioso,* mas em vão; meu hóspede não era crocodilo; e, com a noite orvalhada e luarenta os músicos sequiosos voltaram em seus cavalinhos para casa.

O amável e obsequioso subdelegado de Santa Maria, senhor Joaquim Edolo de Carvalho, genro do alemão mais rico da povoação, deu-me várias cartas para as Missões. Primeiramente, eu queria fazer minha viagem de Santa Maria para o Uruguai diretamente por Santa Boia (*). No entanto, o tempo favorável e a infinita obsequiosidade de tôdas as pessoas com quem entrei em contacto me despertaram tanto desejo de dar mais uma volta pela pouco visitada região, que resolvi fazer meu itinerário pelo noroeste, para o que me prestou tôda a assistência o senhor Joaquim Edolo, muito conhecido nas Missões. Ao mesmo tempo eu prometera fazer uma visita a um alemão, Miguel Kröff, que possuía uma terra perto de Santa Maria e ali fundara uma pequena colônia alemã. A região chama-se Pinhal — "Fichtelgebirge" (**) — como chamam os alemães jocosamente aquêle distrito, por causa dos pinheiros brasileiros, as araucárias, que ali, em parte, formam as matas.

Acompanhado do distinto alemão Jäger, parti de Santa Maria às 8 horas da manhã de domingo de Ramos (28 de março). Trotamos colina abaixo e, em pouco tempo, estávamos na entrada da serra. Entramos num vale que se estendia para todos os lados. Em tôda parte encontramos culturas iniciadas e o comêço de uma bem feita estrada carroçável que daqui, de regiões solitárias, das antigas Missões, vai até ao Uruguai.

Decerto passa ela, a princípio, através de um terrível campo de batalha! Aqui a floresta sofreu desesperadamente do ferro e

---

(*) No original está "Santa Boya", possìvelmente por "São Borja". — N. do T.

(**) *Fichtelgebirge,* montanha alemã, na Francônia, Baviera. Um dos seus picos, Schneeberg, tem 1.053 metros de altura. — N. do T.

do fogo. De pé ou caídos se vêem, à esquerda e à direita, troncos carbonizados, horrível quadro da feroz destruição com que, quase em tôda parte, começa a agricultura no Brasil. Consola ver, imediatamente ao lado, o verde jovem que, como bem cuidadas plantas de cultura, brota entre os montes de cinza e montanhas de carvão.

Sete vêzes atravessamos o mesmo riacho que, com suas águas límpidas, irriga o vale inferior e depois, descendo para a planície, forma o Vacacaí-Mirim. Em seguida sobe a larga estrada, construída no declive do vale, bastante íngreme, porém não tão a pique que não possa servir para carros. Até chegar-se ao alto da serra avistam-se, em cima e em baixo, escuros e alcantilados trechos da mata.

Da crista da serra goza-se maravilhosa vista. Sôbre belos vales e desfiladeiros descortina-se a aprazível Santa Maria e, mais ao longe, através dos imensos campos da Província, cujas ondulações, vistas do alto, quase desaparecem e se transformam numa planície aparentemente perfeita, em que se alternam os pastos e as matas. Vêem-se brilhando, como pontos luminosos, algumas estâncias brancas surgindo do oceano coagulado que, como o mar, visto do alto, parece subir consideràvelmente no horizonte, dando ao espaço ainda maiores proporções.

Apenas desviamos a vista do belo quadro — a que ainda falta, naturalmente, qualquer expressão de cultivo e progresso da humanidade civilizada ou em vias de civilização, e prosseguimos o caminho nas alturas, deixando atrás, de ambos os lados, as matas que ficam em baixo — mal temos a impressão de nos acharmos numa montanha, mas antes a de que nos achamos num planalto, cujo solo é bastante desigual, porém não muito mais do que a natureza dos campos e coxilhas lá em baixo.

Fizemos, através da floresta, uma excursão à casa de um colono alemão, em cujo sítio medravam excelentemente o milho, a batata, o feijão e a abóbora. Lá nos improvisaram um pequeno almôço de carne, pão, queijo e marmelada, muito bom passadio ao lado da indigência da casa.

Saindo de lá, chegamos pouco depois à casa do alemão Kröff, que me pedira, em Santa Maria, que o visitasse. O asseio

da casa e do pequeno estabelecimento comercial era verdadeiramente surpreendente, mas inteiramente em harmonia com os moradores. Lá passei o dia, e, sem dúvida, com isso não perdi meu tempo.

Como já disse, a região onde me achava chama-se Pinhal. O alemão acima referido comprara uma bela faixa de terra e mandara dividi-la em colônias. Onze famílias já se mudaram para ali e lançaram os fundamentos de uma colônia alemã, cuja prosperidade parecia garantida, não fôsse a má vontade de vários proprietários vizinhos. Pois levantou-se até a opinião de que Kröff incluíra em sua medição terras pertencentes ao govêrno. Removida essa insegurança, a laboriosidade dos colonos e a fertilidade do solo conduzirão a um melhor futuro. Depois de seis meses de trabalho, diversas famílias já tiveram uma boa colheita e venderam seus produtos a muito bom preço. Já foram montados, perto, dois curtumes e uma serraria, estando ambas as indústrias em plena atividade.

É, pois, um comêço muito louvável. E, no entanto, a colônia, como todos os empreendimentos similares sob auspícios particulares, causou-me apreensões.

No alto, na serra, tudo está ainda sem firme coesão. Ainda não há escola, nem igreja de qualquer confissão. Sem dúvida Kröff pensou nisso, mas, de onde virão os recursos para promover tôdas as instalações necessárias de uma colônia? Muitos empreendimentos particulares semelhantes são iniciados e não podem desenvolver-se completamente sem um grande auxílio do govêrno. E mesmo quando o govêrno faz grande sacrifício, não se tornam fortes êsses empreendimentos isolados. Passam por um período de estiolação até que, desprendidas do empresário particular, lentamente se expandem.

Depois dêste pequeno estabelecimento colonial, despertou-me muito interêsse uma próxima floresta de araucárias (*).

(*) Suprimimos as linhas seguintes sôbre a etimologia de *pinhal* e que só têm interêsse para leitores alemães: "*Pinho, pinheiro,* Fichtenholz, Fichtenbaum; *pinhal* der Ort, wo Fichten wachsen; die Endung *al* ist hier das Zeichen eines Collectivbegriffs, wie in *arrozal, bananal, herval.* Also Pinhal von Santa Maria wäre ein Fichtenwald bei Santa Maria!" — N. do T.

De tarde fizemos uma excursão à floresta. Andamos a cavalo por uma meia hora através de uma região de campos. Vi muitas singenesias e também uma mimosa vermelho-amarelada, verbenas rubro-escuras e lantanas bicolores, algumas labiadas e uma íris; mas já sôbre as nossas cabeças, as grandes araucárias perfumavam o ar. Apeamo-nos e penetramos na floresta.

Com tôda a majestade erguiam-se em tôrno de nós as princesas da floresta. Muitas, das maiores, tinham sido abatidas e consumidas na construção de casas e em tábuas. O vigoroso tronco mede, de diâmetro, três a quatro pés e mais, e sobe, em forma de coluna, sem esgalhar, 50 a 70 pés de altura. Depois, em disposição quase em forma de molinete, saem do tronco numerosos galhos, que partem em ângulo reto, sem fôlhas, até que, nos últimos ramos, se comprimem longas fôlhas lanceoladas, agulhiformes. Enquanto os galhos horizontais partem horizontalmente do tronco ou se dirigem ligeiramente para baixo, os galhos enfolhados procuram o alto, de modo que a árvore, por mais variado que seja seu contôrno, sempre tem o aspecto de um grande candelabro. Quando nova, a árvore, às vêzes, aliás geralmente, é piramidal, como o pinheiro. Mas depois de adulta, todos os seus galhos atingem igual altura e a copa de uma grande araucária é uma superfície perfeitamente horizontal, do mesmo modo que a folhagem de uma floresta de pinheiros, com a expressão de certa rigidez, a qual, porém, na natureza, se transmuda em sombria gravidade.

Como genuínas pináceas, as araucárias têm sexos separados em diferentes árvores. A flor masculina é um amentilho com muitos estames debaixo de cada escama. O fruto é um estróbilo redondo, do tamanho de uma cabeça, que fica na extremidade do ramo, nas agulhas de tamanho médio. A sua superfície, pela disposição das escamas que terminam para fora em quadrângulos diagonais ou oblongos, é cercada de linhas curvas muito ornamentais. Entre um ninho de escamas fica a longa amêndoa ligada por filete à pinha. Uma grande pinha tem 85 amêndoas e mais de 600 escamas envolventes.

Os enormes pinheiros elevam-se de cem a cento e vinte pés de altura. A grande impressão que me causaram foi ainda au-

mentada pelas elegantes palmeiras que se erguem entre êles. Poderia dizer que debalde procuram as palmeiras alcançar a altura das araucárias. Apenas a metade da altura dos sombrios pinheiros atingem as lindas árvores vizinhas.

Neste *pinetum* e *palmetum* entrega-se o peregrino nórdico de bom grado aos sentimentos, despertados com mais vivacidade pelo primeiro do que pelo segundo. Com muito prazer escuta o vento que sopra na floresta. Enquanto os folíolos das palmeiras sussurram loquazmente entre si, sibila o vento nas copas das araucárias, à maneira melancólica do norte, e em vão tenta abafar o dourado sol da tarde de linda coloração com os tons de grave tristeza no alto das sombrias coníferas.

Precisamente quando contemplávamos as frondes da floresta de nórdica recordação, deparou-se-nos um espetáculo genuìnamente meridional. Uns dez a doze macacos esgueiravam-se silenciosamente. Os longos galhos horizontais e desfolhados das araucárias, cujos frutos comestíveis êles procuram, serviam de excelentes pontes para os hábeis animais. As fêmeas tinham cada uma seu macaquinho às costas, aí agarrado firmemente. Com meu pequeno binóculo podia observar os movimentos e as fisionomias dos animais. Por vêzes paravam alguns em sua marcha aérea e gritavam para baixo, para nós, e ficavam à escuta. Evidentemente julgavam que não estavam sendo vistos. Não faziam o mínimo ruído, nem sequer causavam um movimento nos delgados galhos. Assim passou o tranqüilo grupo sôbre nós e perdeu-se na densa confusão da floresta.

Voltando da floresta de araucárias, visitamos ainda um atraente sítio da região. O riacho da serraria hidráulica precipita-se, embora seja apenas um fio de água, num desfiladeiro de pedra de não menos de 300 pés de altura, mas é bastante inacessível para quem não quer ter o destino das árvores e precipitar-se nêle ou sôbre êle ficar suspenso. Nesses rasgões e desfiladeiros de pedra, a gente se recorda de que está na serra, ao passo que tôda a aparência em tôrno da crescente colônia alemã é a de uma região de Campos um pouco acidentada.

Do passeio à selva nos dirigimos para outro sítio mais suave. Parece que os músicos da véspera tencionavam fazer uma

viagem artística; estavam em Pinhal executando música de dança na casa de um colono. Seis pares de jovens dançavam "schottische" e polcas violentas e o forte soalho estrondava com o sincrônico sapatear de vigorosos pés. Ao pôr-do-sol terminou o baile. Duas jovens senhoras tomaram seus filhos consigo, na sela, e subiram alegremente a serra sob a ressonância da música. Quando por nossa vez íamos para casa, os músicos tocaram a *Marselhesa* para o meu "spahi". Vieram ainda atrás e fizeram um horrível escândalo musical diante da casa até receberem diversas bebidas espirituosas; nisso estava a arte inteiramente fora. Mas, francamente, devo confessar que o baile alemão, com dançarinos e dançarinas com música alemã, numa casa de colono alemão, de modo algum pertence às impressões estéticas que recebi. Em particular os dançarinos exalavam forte cheiro de cachaça e as dançarinas forte cheiro de suor.

O alarido dos macacos na mata próxima, a gritaria geral dos papagaios, galos a cantar, cães a ladrar e porcos a grunhir, enfim, tôda a desarmonia da vida alemã numa colônia na selva brasileira despertou-me na manhã seguinte, com a qual começou a Semana Santa.

De muito bom grado parti com meu "spahi" pelo mundo tranqüilo que, com a Semana Santa, tomava um matiz eclesiástico-histórico. Até a estas regiões vinham as possessões territoriais dos jesuítas das chamadas Missões, êste admirável Estado clerical, constituído de 30 a 32 burgos eclesiásticos, parte dos quais, a oeste do Uruguai, coube mais tarde ao Brasil os chamados "Sete Povos", as sete povoações, de que nos ocuparemos mais tarde.

A região harmoniza-se inteiramente com a Semana Santa. Quando, vindo da planície de Santa Maria para a serra, se viaja um pouco para noroeste, não se pode evitar o espanto de ver que a terra que inadvertidamente poderia chamar-se planalto, corresponde, traço por traço, à planície. Subimos do rés-do-chão do palácio da natureza para o primeiro andar, construído, como aquêle, segundo os mesmos princípios. No comêço aparecem ainda algumas matas, mas pouco depois cessam quase absolutamente e principiam a enfileirar-se as colinas cobertas de relva.

Uns ao lado dos outros pastam rebanhos de gado. Fogosos cavalos, de muito melhor aparência que os animais do campo, na planície, trotam e galopam pelas encostas. Encontramos aqui, também, os mesmos pássaros, embora em menor quantidade do que lá em baixo. As perdizes, porém são tão atrevidas quanto freqüentes: e meu "spahi", a quem aborrecia o atrevimento das aves, mesmo a cavalo matou uma delas com o guarda-chuva, o que é uma caçada às perdizes muito simples e barata.

Atraído e empolgado pelas muitas novidades do campo relvado, tão monótono à primeira vista, perdi o caminho e andamos errando na mais profunda solidão. Cavalgamos através de riachos, colinas e planícies; afinal, encontramos uma casa, onde nos ensinaram o caminho para São Martinho. Não queria ir para lá, naturalmente, mas, de certo modo ali estava o caminho para as Missões. E para lá viajei.

São Martinho é uma vila muito modesta; tem 28 casas e talvez 250 habitantes, entre os quais quatro alemães. A pequena igreja, muito simples, fica numa colina. Parei numa venda e verifiquei então que na última meia milha percorrera o mesmo caminho pelo qual tinha agora de retroceder. O subdelegado do lugar, com quem eu queria falar, morava a cêrca de duas léguas da povoação. As fôrças armadas consistiam num subtenente e dois soldados, dos quais um se ausentara em diligência. O outro mostrou-me exatamente a direção onde ficava a casa branca do subdelegado Capitão Machado. Tomei a direção com a bússola; partimos pelas quatro horas e ao pôr-do-sol estávamos com o Capitão, que nos recebeu com amabilidade.

Tôda a região é notável por causa da altura. Aqui há uma divisão de águas entre a região do Jacuí e a do Uruguai. Da colina em que ficava a casa do subdelegado podia-se contemplar, como num mar, quase em tôdas as direções, o mundo imenso das colinas relvadas, sôbre as quais soprava, sensìvelmente frio, o vento da tarde. Com a lua nascente começou também a soprar um forte sudeste, de modo que dentro de casa eu gelava. Meu traje de viagem não me aquecia e alegrava-me cordialmente não tivesse de dormir ao relento, mas na cama de hóspede do bom Capitão Machado.

Ao romper do dia, selamos os cavalos. Nosso Capitão, que vivia solitàriamente, desculpou-se de que sua casa não fôsse melhor e eu sentia que o homem simples pedia desculpas sinceramente.

De sua casa me indicou o Capitão o meu caminho. Mas, nestas planícies e colinas relvadas há tão poucos pontos de referência que só de milhas em milhas se encontra um sinal, um capão de mato, uma formação de colinas, uma terra vermelha, um regato para ajudar a direção. Nessas viagens é desinteressante ter um criado europeu. No mundo coberto de relva da América do Sul essa gente não serve. Ninguém sentiu isso tão bem quanto eu. Freqüentemente meu "spahi" era um traste inútil; um índio manso teria sido muito melhor.

Viajávamos com o sol nascente, com forte nordeste, conforme o amável Capitão nos indicara. Pouco depois atingimos a chamada estrada, isto é, um vestígio de caminho, e nêle prosseguimos. Pelas 11 horas atravessávamos o pequeno Guassupi, com uma viva alegria, de minha parte, pois atravessava o primeiro rio que deságua no Uruguai. Tive então o sentimento de estar um tanto afastado da humanidade civilizada; encontrei-me mais solitário do que até agora.

E sem dúvida estava eu mais solitário; sim, tão solitário como ainda não me sentira em tôda a viagem. Adiante de Guassupi perdi o caminho e em pouco estava num profundo êrmo coberto de relva. Não havia casa em parte alguma, nenhum ser humano; a distância só se viam bois dispersos e tímidos cavalos e êstes mesmos em menor número. A êsse afastamento da vida associavam-se novos fenômenos em que ainda mais se manifestava a distância de entes humanos. Grande manada de corças passou à nossa esquerda, andando tranqüilamente pela relva, como se nunca tivesse visto um homem que lhes pudesse oferecer perigo. Pouco depois, com movimentos tão audaciosos quanto nobres, correu em disparada um casal de grandes veados do pampa, adultos; os esbeltos animais pareciam apenas tocar as ervas com os pés. E então passou trotando diante de mim uma ema, que ora corria, ora comia. Demais em tôda parte piavam perdizes nas moitas de ervas e em tôrno das colinas esvoaçavam,

espreitando, aves de rapina; nem mais, porém, nem menos, oferecia a hora cálida do meio-dia, pois o tempo esquentara e não se via nenhuma árvore, nem moita, neste mundo a um tempo tão êrmo e tão animado, que influi na alma do viandante, mormente quando tão só, como eu, penetra em seus domínios.

Avistamos afinal uma casinha numa distante e alta colina. Seguimos para lá, onde estava reunido ótimo gado. Alguns touros eram muito belos: altos, fortes, peludos no peito e nas costas. Nossa chegada e aproximação pareceu não preocupá-los; só um começou a urrar, sem, todavia, tomar atitude hostil. Não foi satisfeita a intenção principal com que viemos à cabana: lá não havia ninguém.

Com um bom binóculo percorri a região. Numa coxilha longínqua, a oeste, descobri duas casas e algum mato, pelo menos a duas milhas de distância fora da minha direção. Mas também a noroeste, no rumo de minha viagem para as Missões, vi uma casa. Através de altas ervas, colinas e vales me levou minha bússola, depois de uma boa légua, a uma pequena estância, onde só encontramos duas mulheres, nenhuma das quais de modo algum manifestou alegria com a nossa visita. Ao que parecia, caminhávamos certo, embora nenhum caminho se visse. Conforme de manhã nos dissera o Capitão Machado, chegamos exatamente ao Toropi, um segundo confluente do Uruguai, que nos oferecia excelente água, mas nenhuma comida. Numa casinha recém-abandonada encontramos um português, que queria estabelecer uma venda ali. Para quem? Não posso dizer. Até a manhã de minha visita morara nela um alemão, que lá nenhum alimento deixara e o novo morador nenhum trouxera. Queria pelo menos dar repouso e forragem aos animais e mandei desselá-los por uma hora.

Enquanto os animais se espojavam e pastavam, olhei em redor de mim. Que enorme distância entre o mundo civilizado europeu e as várzeas rio-grandenses nas remotas Missões!

Intrèpidamente prosseguimos. Morrera o dia. Na penumbra chegamos a uma estância isolada, onde morava um velho com muitos filhos. Pareceu perturbado e desconfiado com minha chegada. Que quer um europeu nestas paragens? Aliás, ofereceu-

me sua casa, mas no tom de quem preferia que eu fôsse adiante. Mas isso era impossível.

Então mandei amarrar os animais no pasto, onde tinham abundante forragem, e pus minha sela no chão. Deixara minha tenda em Pôrto Alegre. Não havia mato em parte alguma e tive de ir para o ar livre. A lua surgira com maravilhosa claridade por trás das colinas distantes e iluminava a vasta e solitária campanha. Cheguei a adormecer, mas era sempre despertado. Ora passava lentamente um rebanho de gado; ora eram cavalos que vinham devagar e sopravam ruidosamente, explorando a relva escura. E fugiam ao luar, soprando, espantados, quando de repente me mexia e os afugentava.

Começou depois a rociar e a fazer frio e, molhado de orvalho e batendo os dentes, levantei-me, contrariado. Mas a dourada manhã fêz esquecer todos êsses aborrecimentos de uma noite de acampamento ao ar livre. Continuamos a viagem. Uma ema e duas corças atravessaram o campo; também tinham bivacado ao relento e pareciam regozijar-se com o amanhecer.

Tivemos então a felicidade de encontrar um caminho, isto é, uma trilha. Nela havia uma espelunca, onde pude comprar um pedaço de queijo e farinha, ambos tão velhos como o morador da choça. Mas, para alegria minha, indicou-me um ponto a distância, Santa Lúcia, onde morava o Capitão José Joaquim Rodrigues; meu subdelegado de Santa Maria tinha-me dado uma carta para êle. Alcancei a bonita casinha, situada no alto, mas o Capitão estava ausente. Recebeu-nos, porém, alegremente, uma boa velha, tipo genuíno de bondade. Recebemos queijo, leite, mate e farinha em quantidade suficiente. O queijo e o leite eram particularmente bons. Bebi do último grande quantidade. Passara, exatamente, trinta e seis horas sem nada comer.

Da porta da casa uma jovem índia me mostrou São Bernardo, para onde eu tinha de ir depois, a quatro léguas alemãs de distância, sôbre uma colina, na direção de norte para oeste, segundo minha bússola. A pequena bússola de meu relógio, do tamanho de um grão de milho, causou grande admiração à boa gente; as mulheres quase morriam de rir de meu pequeno e incansável indicador de caminho.

Ruínas de São Miguel das Missões. Desenho de A. Demersay, litografado por A. D'Hastrel. (De *Histoire du Paraguay*, Atlas. L. Alfred Demersay. Hachette, 1865).

Fazia calor na planície e entre as colinas por onde íamos. Entretinha-me a pequena flora campestre: *oxalis, ionidium,* uma *tabernaemontena,* sálvias e enormes singenesias. Muitos *oestrus* atormentavam os nossos cavalos e finalmente a nós próprios, alguns magnìficamente brilhantes, quase brancos, de olhos verdes. Apareceu também um bonito *mantis,* do comprimento de um *phasma,* de asas curtas, amarelas côr-de-palha, e de pescoço muito comprido. Bateu, zangado, com suas pernas armadas, até que o deixei voar.

Em certo lugar ardia a relva sêca. No outono, nos dias quentes e secos, queima-se a relva alta e murcha. Com verdadeira avidez avança, queimando, o elemento inflamado em milhares de pequenas chamas; em tôda parte êle arde, crepita e chameja em sinuosidades serpentinas, de modo que difìcilmente se evita o fogo. Zumbindo fogem as abelhas, gafanhotos e moscardos, para serem afugentados para mais longe pelo fogo que os segue. Quando se dissipam o fogo e a espêssa fumaça, fica um triste campo negro. Mas já alguns dias depois relva nova e, mais verde do que antes, cresce na superfície ondulada ainda meio enegrecida.

Antes de chegar a São Bernardo, vi um desmoronamento de terra, como os que ali freqüentemente se vêem. Seja por solapamento, seja por causa dos milhares de galerias dos tatus que aqui aparecem em tôda parte, quando as águas pluviais ou um regato oculto minam um pedaço de terra, é êste cortado, freqüentemente em círculo, e desaba. Já de manhã cedo vira um dêsses desabamentos de terra. Contava cêrca de 50 pés de diâmetro e uns 30 pés de profundidade. O esbarrocamento de São Martinho era pequeno, mas bonito; o quadro emoldurado de um pequeno campo. Enchiam-no moitas de pequenas mirtáceas e milhares de flores vermelho-amareladas de lantanas; o sol da tarde parecia aquecer o interior do pequeno barranco e um colibri verde sugava as flores à sua moda, voando e sussurrando de flor em flor.

São Bernardo, outrora fazenda dos jesuítas, é um arvoredo sôbre uma colina, onde há uma venda. A alguns minutos de distância, a fazenda do senhor José Gabriel de Lima, para quem eu trazia uma carta.

Logo ao aproximar-se da estância, o viajante nota o salutar espírito de ordem e real abastança. O dono estava no campo. Lá encontrei um carpinteiro alemão construindo um pilão para mate; a bem feita obra estava quase acabada. Foi também construída uma nova residência; ia a fazenda em brilhante progresso.

Depois chegou a galope o dono, homem de seus trinta anos, sadio e vivo, de evidente boa educação. Pouco depois estávamos sentados com um grande grupo de pessoas que se reunira diante da casa. Era novidade e realmente agradável que também pertencessem ao grupo as jovens senhoras da casa. Sòmente depois de conversar um pouco descobri que, das três senhoras, uma era a dona da casa e mãe das outras duas moças; considerara-a como a irmã mais velha. Tôdas bem vestidas, de boas maneiras e mostravam perfeita educação citadina: pareceram-me aliás, não acomodadas a esta vida campestre. Foram educadas em Pôrto Alegre. Uma menina e um modesto menino eram os demais filhos do casal. Havia ainda uma parenta com uma filhinha e um bem educado irmão da dona da casa.

Cito com prazer êsses pormenores insignificantes. Provam que, se nestas remotas paragens, reina a bondade do coração, já chegam, como acréscimos a êsses bens naturais, as boas maneiras e a educação, tanto mais estimáveis quando ficam muito distantes os meios e recursos para obter-se uma boa educação.

Há um ano apenas morava a família aqui, depois que o proprietário adquirira, três anos antes, a estância com a extensão de seis léguas quadradas, (4 ½ milhas alemãs quadradas), terreno que poderia elevá-lo, na Alemanha, a um pequeno príncipe mediatizado. Para vigiá-la é indispensàvelmente necessário ôlho atento com mão ativa e cavalo veloz. Mesmo porém com um semelhante cavalo necessita o senhor Lima, para percorrer seu campo e ir e vir pelas coxilhas, de umas oito horas ou quase um dia inteiro.

No quarto de hóspedes da casa, encontrei uma cama limpa com o indefectível travesseiro bordado. Mesmo nos últimos pontos de transição para os domínios da barbaria, não podem as senhoras brasileiras abandonar a garridice dos travesseiros. E

no entanto como são êles agradáveis quando a gente vem dos campos solitários, dos domínios das emas e das corças e na noite da véspera dormiu ao relento, entre cavalos e bois!

Devia ficar ainda um dia com a amável família e na verdade em nenhuma outra parte ficaria eu um dia com mais prazer do que ali. Mas queria aproveitar conscienciosamente o maravilhoso tempo do outono para penetrar o mais possível o Rio Grande. E assim, na manhã de 1.º de abril, me despedi da Estância de São Bernardo.

De lá a Santa Tecla é uma boa milha. Ao lado, entre ambas, Santo Inácio. Tôdas terras dos jesuítas, que aqui obrigavam os índios a trabalhar para fins piedosos, hoje nomes esquecidos! No sentido próprio da palavra, Santo Inácio é apenas uma pequena mata. Santa Tecla consiste em duas estâncias, uma das quais é explorada pelo Major Rafael de Viana. De antemão entreguei ali uma carta. Entre ambas as estâncias se acha, num alto, uma cruz debaixo de uma árvore meio sêca. Os que ali a plantaram há muito que se foram e tiveram de deixar o terreno a outra geração, que decerto ama e respeita a santa cruz, mas se desenvolve livremente, sob as suaves leis do Estado, sem o domínio dos jesuítas.

Dia quente e sêco. Em tôda parte haviam incendiado a relva para desabafar os renovos e dar-lhes o adubo das cinzas. Em tôda parte subia a cinza branca; encostas inteiras das colinas cobriam-se de fogo crepitante e as chamas ávidas subiam as elevações até em cima, fenômeno fantástico, inteiramente estranho para o viajante europeu. Num sítio distante, o incêndio devia ter encontrado material mais sólido; dardejavam mais alto as labaredas e o calor desenvolvido impelia a fumaça mais ràpidamente para o céu. Vi arder naquela direção durante horas.

Fiz alto debaixo de frondosa figueira silvestre para deixar o cavalo tomar alento. Imediatamente veio um rebanho de gado lamber o cavalo. Nas terras elevadas da região do Uruguai falta às plantas certo teor salino, que na vasta região do Jacuí elas tiram do solo. Por isso os animais das terras altas são ávidos de sal e é uma providência necessária que o estancieiro o deixe em alguns pontos da pastagem, para que os animais o lambam.

Por isso as vacas perseguem àvidamente os cavalos suados, que às vêzes têm dificuldade de se livrar delas.

Pelas 3 horas da tarde, chegava a São João-Mirim, que na maioria dos mapas aparece erradamente como São José-Mirim. Chama-se São João-Mirim para distingui-lo da antiga missão de São João-Batista, a umas sete léguas ao norte. Vê-se que também em São João-Mirim os santos se foram com os jesuítas! São João-Mirim é antes uma região do que uma colônia. Nenhuma aldeia, nenhum agrupamento de casas assinala o lugar. Só há uma venda no caminho e ao longe se vê uma estância: isso é tudo, tal como em Santa Tecla, São Bernardo, Santo Inácio, Santa Lúcia.

O vendeiro falou-me com certo sotaque português, mas logo descobri nêle o alemão, um homem de Oberstein, Birkenfeld, que há trinta e quatro anos viera, ainda criança, para o Brasil e, depois, de São Leopoldo fôra para as Missões. Ao lado dêle, sob o mesmo tecto, vivia o seu irmão, um sapateiro, ambos muito bem casados. Diante da casa saltavam muitas crianças robustas, de faces vermelhas e cabeças louras, que debalde o sapateiro procurava domar com o tirapé.

Atraiu-me o cenário tão inesperado quão rico de fôrças elementares da natureza. Como viajante, posso fazer minha cama onde quero e por isso, embora fôsse cedo, mandei desselar e resolvi aboletar-me na antiga estância de índios e agora venda alemã, tanto mais que em casa do alemão teria tudo o que é necessário dentro dos limites de uma vida restrita.

A coisa começou com um almôço de infantil ingenuidade. Não abatiam gado todos os dias, mas sòmente matavam um boi em cada três ou quatro semanas. Então a carne é salgada e dependurada ao ar livre. Fica meio fresca, mas com aparência muito suspeita. Quando a vi, pensei à primeira vista que era a sola umedecida do sapateiro. Êste charque, uma carne-sêca frescal, tem muito bom gôsto, mormente com aipim. Fiz a minha refeição em pé, ao balcão. Excelente o café que tomei em seguida.

Sentei-me depois sôbre uma pilha de madeira de construção diante da porta. O alemão de Oberstein mandou construir uma casa nova para fazer de São João-Mirim um São João-Açu.

O ar imóvel e abafado. Silêncio mortal nas coxilhas próximas e distantes; em tôda parte subiam para o céu brancas colunas de fumaça e quando chamejavam com violência, ouvia-se, pouco depois, o longínquo crepitar do fogo.

Da colina desceram, galopando, alguns cavaleiros. Dois dêles pareciam animais selvagens, mestiços de índio, robustos, rosto atrevido e barba crespa. Tôda a aparência lhes traía a mesquinhez, mas também uma certa originalidade. Da cinta pendia-lhes a longa faca que, para êles, é tudo, o objeto predileto, seu ídolo, na verdade o cris dêstes fronteiriços, que eu poderia chamar os cossacos do Rio Grande. Afiam a boa e elástica lâmina na soleira da porta e experimentam-lhe o fio com os dedos, como se fôssem um quadro de Salvador Rosa. Enormes, como entre todos êsses gaúchos-cossacos, as suas esporas. Tais mostrengos pesam cêrca de meia libra; as rosetas medem até quatro polegadas de diâmetro e retinem no chão durante a marcha a pé; quase poderia compará-las a uma espécie de bicicleta (*) em que passeiam êsses cavaleiros da aventura.

Entrementes ficaram os cavalos arquejando diante da porta, carregados com a complicada sela e mais trastes. Pois êstes tártaros do Rio Uruguai não têm casa; levam vida nômada. Acompanhavam-nos um jovem índio barrigudo e um negro. Compraram um bocado de pão e de mate. Depois tudo foi metido num alforge, que o jovem índio carregou tìmidamente, atrás do semi-selvagem, pois êstes semi-animais são nobres em relação aos índios puro-sangue; são genuínos cavaleiros, que vivem na sela e por isso não podem ter residência fixa. Insolência, atrevimento e expressões vulgares são as suas canções de trovador e o tinido das esporas o seu tanger de guitarra. São realmente típicos êsses "gaviões", como são chamados, e do alto de minha pilha de madeira divertia-me observando os atrevidos fronteiriços. Foi-se o grupo num galope louco e a poeira encobriu os animais.

Apareceu, no mesmo momento, igualmente curioso porém muito mais pacífico, um grupo de grandes carrêtas que vinha

---

(*) O autor emprega a palavra draisiana *(Dräsine)*. Designa um veículo primitivo, antecessor da bicicleta. — N. do T.

das Missões. Já atrás da coxilha eu ouvia o ranger dos eixos e os gritos dos carreteiros. Seguem lentamente, adiante, quarenta bois de muda. Já descrevi essas viagens de carrêtas. Em parte alguma os animais são recolhidos a estábulos. Fazem cinco a oito léguas por dia e depois são desatrelados e deixados livres pastando onde possam ser encontrados. A lança da carrêta é escorada de modo que o carro fica em posição horizontal. Acende-se fogo ao lado para cozinhar a comida e para as demais necessidades domésticas. Quando chove, fazem o fogo debaixo do carro, sem mêdo de incêndio. Conduzem consigo as provisões e, o mais das vêzes, também a lenha. Muitas vêzes vi, em colinas, uma verdadeira cidade de carros e divertia-me apreciar a vida da caravana. Involuntàriamente me vieram ao pensamento os citassármatas com suas hamaxas, que Hipócrates tão excelentemente descreve. Exatamente assim, no tempo das migrações de povos que abalaram o mundo, devem ter invadido a Europa as enormes caravanas de povos asiáticos com todos os seus haveres.

Em cinco lugares diferentes ardiam as colinas à noite; chamas vermelho-escuras derramavam-se sôbre os arredores. Atrás da venda do alemão, uma floresta; atrás da floresta ardiam tôdas as colinas cobertas de relva e, sôbre as chamas escuras, via-se nìtidamente o desenho de cada árvore, de cada ramo. Enquanto contemplávamos o singular fogo-de-artifício, chegou-nos êle, de outro lado, mais perto do que era para desejar. Já desde algumas horas ardia a colina próxima da casa no lado oposto a nós. Mas as chamas lamberam a colina, subindo, e agora desciam lentamente, numa linha de batalha, muito contorcida, de cêrca de meia milha de largura, até aonde um fôsso úmido separava os campos. Parecia realmente formidável. A cêrca de 600 passos de nós, crepitava o elemento desencadeado colina abaixo. Enormes nuvens de fumaça subiam e seguiam em densas massas através dos campos. Iluminava o céu um brilho sangrento, como se crepitasse um incêndio de terríveis proporções. Chegou o fogo ao vale úmido e estendeu-se para extinguir-se lentamente ao longo da erva molhada.

Poderia eu, pois, pensar despreocupadamente na dormida; mas no castelo de Oberstein havia tão pouco espaço para tantos

elementos heterogêneos de odor, sujeira e apêrto que não tinha desejo algum de dormir na casa. Trouxe a lua uma noite tão clara e serena que preferi um bivaque ao ar livre. Pusemos algumas varas sôbre a pilha de madeira e cobrimo-la com um couro de boi sêco. Nessa cabana de kirghiz fiz minha cama e dormi maravilhosamente até de manhã.

Já às 6 horas da manhã, eu agradecia cordialmente a bondade dos senhores de Oberstein e prosseguia a viagem. Seguiu conosco um brasileiro. Poucos minutos depois, chegamos ao sítio onde fôra outrora a estância dos jesuítas de São João-Mirim. Apenas alguns pessegueiros e mamoneiras assinalam ainda o lugar onde antes os piedosos padres guiavam os índios nos campos de pastoreio de seus interêsses materiais.

Semelhante à crosta da terra carbonizada por uma erupção vulcânica, elevavam-se em volta, negras, imóveis e mortas, as coxilhas requeimadas. Logo que a terra se refresca, chegam rebanhos de gado para lamber a cinza, em que se acham concentradas substâncias alcalinas. Essa lambedura de cinzas é muito estimada pelos estancieiros como preservativo contra a doença pútrida e em parte substitui o sal que, pela dificuldade do transporte, é artigo muito caro.

Entrementes contava-me o companheiro brasileiro uma multidão de casos e acontecimentos, que deitam luz característica sôbre êsse longínquo recanto do mundo. Como atravessávamos a terra outrora pertencente aos jesuítas, recaiu a palestra sôbre a assistência espiritual na região. Está muito distante desta gente. Parece que absolutamente nada se faz para dirigir convenientemente as almas; mesmo os atos mais simples da mecânica eclesiástica, como o batizado e o casamento, só podem ser administrados a indivíduos em ocasiões especiais, quando o padre provido dos santos direitos canônicos passa por aqui. E os preços são enormes. Um casamento custa quatro a seis onças e quando a Igreja se satisfaz com uma onça, pratica um ato de caridade para com o jovem casal. Não se batiza fàcilmente uma criança por menos de meia onça (uma onça equivale a cêrca de 24 táleres prussianos); e meu companheiro dizia saber de um caso em

que a criança ficou por batizar porque as partes não entraram em acôrdo sôbre o preço do batismo.

Quanto à assistência médica, a mesma dificuldade. Felizmente, em sua vida rica e todavia simples, num clima sadio, tem a gente tão boa constituição, que raramente necessita de auxílios médicos. Mas, se adoecem, falta-lhes todo o socorro científico e caem nas mãos dos curiosos curandeiros ou dos singulares "encheiresen" (*).

Chegamos a Carajàzinho, "pequeno carajá", isto é, um arbusto, onde há, à beira da estrada, uma venda e um armazém de mercadorias; um pouco fora da estrada, uma estância; e é isso todo o lugarejo.

No armazém, onde me apeei por um momento, reinava muito boa ordem; havia ali, para vender, tudo o que é necessário para a vida, mesmo a vida do campo, desde o sapato parisiense e o guarda-sol de sêda até à colossal espora de ferro do peão e uma multiplicidade de coisas que, pelo seu alto preço, não se compreende que encontrem compradores. E todavia encontram-nos sem esfôrço. No sapato envernizado parisiense mete-se amanhã ou depois o pé de uma mulata, de uma índia ou de uma imigrante alemã e no passeio a cavalo o guarda-sol de sêda azul furta-côr protege tanto os cabelos louros de uma européia como a cabeça de uma negra africana ou de uma guarani sul-americana.

O proprietário do belo armazém era outro alemão, também de Oberstein, Frederico Kruel, homem modesto e amável, de muito boa educação. Apenas há quatro anos morava em Carajàzinho e já fizera bonita fortuna. Desejei-lhe mais felicidade nos negócios e continuei só, com o "spahi", pois meu companheiro de viagem brasileiro ficou com o senhor Frederico em Carajàzinho.

Eu queria alcançar ainda no mesmo dia São Miguel, a outrora célebre Missão, mas, depois de duas horas de viagem, me achei no caminho para São João-Batista, a Missão setentrional,

---

(*) Palavra grega, que não é registrada nos dicionários alemães. O autor parece referir-se aos "cirurgiões" leigos da época. — N. do T.

um pouco fora do meu plano. Diante de uma casinha, um índio, a quem eu perguntara o caminho de São Miguel, desenhou-me na areia com muita clareza, a figura de uma encruzilhada, de onde eu poderia ver a velha tôrre da igreja de São Miguel. Prossegui, pois, a viagem, não, porém, sem errar mais algumas vêzes o caminho. Todavia aqui já se encontram vários povoados de índios, restos enfraquecidos dos outrora tão importantes Sete Povos, perto de São Miguel.

Numa pequena mata, num alto, reconheci a mesma figura da encruzilhada que o índio me desenhara; em pouco avistei também, por entre o arvoredo, cêrca de uma milha adiante, uma tôrre que evidentemente tinha de ser a de São Miguel.

Estávamos em pouco no espêsso arvoredo. Algumas veredas iam para lá, mas, à primeira vista, compreendi que essa pequena mata não era natural, mas plantada pelo homem há muitos anos e reduzida agora a pomares que viçavam desordenadamente.

Sùbitamente me encontrei numa praça bastante ampla, de uns cem pés de largura e de comprimento e vi um quadro, nesta região, tão surpreendente quanto melancólico.

Diante de mim, uma velha igreja, construída de pedra vermelha, de proporções tão grandiosas quanto nobres, porém já em ruínas.

Seis largos degraus conduziam aos cinco arcos da entrada de um magnífico peristilo de 64 pés de largura e 28 pés de profundidade, com um arco lateral de cada lado.

Segue-se depois o lanço de parede da igreja pròpriamente dita, de cêrca de 80 pés de altura com nichos e seis meias pilastras e vários trabalhos ornamentais de pedra.

A igreja tinha três portas de entrada. A nave central media 132 pés de comprimento e 30 pés de largura e era ligada por sete arcos, cada arco com seis pés de largura, com ambas as naves laterais, cada uma das quais era de 20 pés de largura. Entre as ligações de arcos havia pilares quadrados de oito pés de espessura e de largura, todos muito bem lavrados e ornamentados. Tudo isso ainda existe, mas o tecto desabou.

A tôrre do lado direito da igreja ainda se acha de pé, com três andares e cêrca de 110 pés de altura por 40 de largura e de espessura. É tôda ornada de meias colunas, vários trabalhos em pedra e bonitos relevos, que lhe dão uma esplêndida aparência.

Ao lado do templo outrora tão soberbo, uma praça cercada por um alto muro de pedra lavrada. Atrás dêle e atrás da igreja, o colégio dos jesuítas, construído em grandiosas proporções. Atrás de tudo, um grande pomar, hoje completamente abandonado.

E essa construção, engenhosa e gigantesca, ali estava convertida em tristes ruínas! O tecto dos propileus e da abóbada estavam totalmente desmoronados. No chão da casa de Deus viçava um pequeno bosque, através do qual havia veredas de arco a arco, de pilar a pilar. A tôrre está rachada em muitos lugares e as colunas e pilastras angulares estão cobertas de fetos, no solo, ao passo que sôbre as cornijas, nas fendas das pedras e nas volutas crescem viçosamente cactos gigantescos, uma floresta de criptógamas e até árvores, pouco ficando a dever aos jardins suspensos de Semíramis. Maravilhosas borboletas esvoaçavam sôbre as ruínas e no alto, nos mais elevados pontos, os pássaros da floresta chilreavam a sua canção da tarde sôbre a solidão profunda, grave, premonitória.

Assim estava diante de mim em 2 de abril, sexta-feira da Paixão, o outrora célebre colégio dos jesuítas, uma das tão faladas e hoje quase mitológicas Sete Missões ou ainda mais usualmente Sete Povos da margem esquerda do Uruguai superior.

Quando a América do Sul foi descoberta e no decurso dos decênios seguintes parecia oferecer espaço a quaisquer empreendimentos, os piedosos padres da Companhia de Jesus também subiram o Uruguai e o Paraná e às margens dêsses dois rios, acima de 29º de latitude meridional — entre os guaranis, então muito numerosos e que falavam uma língua muito subdividida, e outros índios — fundaram a pouco e pouco as suas poderosas missões, cujos sólidos edifícios logo se tornaram castelos-fortes eclesiásticos e como tais permaneceram até que desabaram juntamente com o então dominante esplendor da Ordem.

"Povos", "povoações", em espanhol *pueblos,* chamavam-se os índios congregados e conservados em tôrno dêsses castelos-fortes e apascentados como ovelhas pelos seus pastôres eclesiásticos que, em troca dos favores espirituais dos padres, tinham de ceder-lhes tôdas as suas energias e o produto do seu trabalho, como, quase da mesma forma, apenas com a espada e o bordão em vez da cruz, sucedia no Paraguai sob Francia e ainda hoje sucede sob o General Lopez, com desacato a todo o progresso do tempo, a tôda a civilização, a todo o desenvolvimento humano. Depois da expulsão dos jesuítas, nenhum laço espiritual ligou mais os guaranis e os charruas. Os povos separaram-se. Alguns procuraram de novo o estado primitivo dos antepassados, outros continuaram a vegetar numa meia civilização, em pequenas estâncias nas circunvizinhanças e lá ainda se acham, puros ou mestiçados, de forma que em São Miguel se encontra dispersa uma população composta de todos os elementos imagináveis da Europa, da África e da América, na qual está fortemente representado o elemento índio. Quase não se poderia falar aqui de população branca em massa, se numerosos alemães de São Leopoldo não tivessem penetrado, pioneiros da civilização ultramarina, para o oeste, até ao Rio Uruguai e não se tivessem domiciliado ali, embora se encontrem também alguns descendentes de outras raças européias.

A considerável fração do império dos jesuítas, que com a Província do Rio Grande, coube ao Brasil, encerra as sete missões de São Borja, São Nicolau, São Luís Gonzaga, São Lourenço, São Miguel, São João Batista e Santo Ângelo, as duas últimas ao norte, de modo que não pude vê-las, mas comecei a minha visita por São Miguel, cuja igreja em ruínas já descrevemos.

Saindo-se dos magníficos restos dêsse templo e examinando-se as brenhas do antigo parque, encontram-se em tôda parte inúmeras obras de alvenaria de pedra lavrada, verdadeiros muros pelásgicos, pois aquêles que os construíram chegaram também por mar e por mar saíram, deixando atrás de si os pujantes monumentos arquitetônicos. Seguindo-se êsses muros até aonde o permite o enredamento das árvores, descobre-se que êles formam um amplo quadrado regular, representam uma cidadela

cuidadosamente construída e formam uma verdadeira fortaleza, que mesmo em nossos dias só com o emprêgo de artilharia poderia ser tomada.

Depois de ter examinado outra ruína, um castelo de Heidelberg clerical, sobreveio-me profunda melancolia. A sexta-feira da Paixão, o silêncio da floresta, a hora da tarde de um dia claro, o chilreio dos pássaros nas pedras em ruínas em tôda parte e as lindas plantas que viçavam em tôdas as cornijas elevaram maravilhosamente o profundo acorde menor que pulsava em minha alma.

A princípio, nenhum vestígio humano se via. Mas pouco depois descobri duas figuras estranhas: uma índia velha, que habitava um resto das ruínas e um português velho, de cabelos grisalhos, mas bem educado, que desde algumas semanas se encontrava entre as ruínas para desenterrar os "tesouros ocultos dos jesuítas". Já fizera grandes escavações, soerguera pedras, rolara colunas, sempre na expectativa febril de tesouros, sempre em amargas desilusões. Assim cava e cava o velho, que com a nossa chegada ficou visìvelmente com mêdo de que também quiséssemos cavar tesouros, e nada mais cava do que a própria sepultura. Talvez acabe rolando para uma catacumba oculta, para lá morrer de fome, mas sempre na convicção de que acharia o ouro dos jesuítas, se não se precipitara na catacumba — horrível imagem da cobiça humana numa sexta-feira da Semana Santa!

Numa colina descampada, atrás da mata das ruínas de São Miguel, descobri um pequeno e modestíssimo sítio; era um espaço cercado de varas com duas casinhas muito insignificantes. E exatamente aqui encontrei o homem que eu estava procurando, o Capitão da Guarda Nacional Adriano José Bueno, que nos fêz, a mim e a meu "spahi", o amável convite de aceitarmos seu pobre tecto.

Eram decerto pobres o tecto e a casa, compostos com os elementos mais simples do campo e da mata e no entanto raras vêzes entrei numa casa com tanto interêsse como aqui.

Era o Capitão um pardo alto, robusto, de aparência sadia. Queixava-se, no momento, de uma contusão no joelho. Ao lado dêle, uma índia esbelta, de rosto oval e melancólico, bôca silen-

ciosa, muito encantadora, em tôrno da qual parecia haver um sorriso extinto para sempre. Ia e vinha uma índia mais velha, que parecia ser a mãe da moça esbelta.

Ao lado dêsse genuíno grupo missioneiro — o meu velho Capitão, por brincadeira, intitulava-se de velho "chiru", isto é, um verdadeiro índio, apegado à raça guarani e à sua língua — estava uma cara legìtimamente nórdica, mas desagradàvelmente asselvajada, de cuja bôca momentos antes eu ouvira a pergunta, em rude dialeto do Meclemburgo: "Wat, sünd Seh ohk ehn Dütschen?" (*). Ainda aqui um alemão, um baixo-alemão do Meclemburgo. Eu julgava, a princípio, que todo o europeísmo tinha acabado nas Missões e agora tinha ante mim o baixo-alemão da região de Lubeck!

Evidentemente o homem me falara em seu dialeto para fazer figura; respondi-lhe correntemente no mesmo dialeto, o que muito o impressionou. Tinha, no rosto, algo de selvagem e desordenado. Fiquei sabendo seu nome ou antes já o sabia. Já mo haviam dito em Carajàzinho, porque tinha de hospedar-me em sua casa; seu pai e irmãos moravam na vizinhança; eram todos originários "uht datt Slott von Mecklenborch", isto é, de Schwerin.

Pediu-me insistentemente que fôsse para sua casa. Todavia agradaram-me muito mais os pardos com a sua simplicidade, a sua vida de cabana: demais o Capitão, cuja hospitalidade eu aceitara com um gole de mate, de qualquer modo levaria a mal se eu fôsse. E pareceu tanto mais satisfeito por ter ficado em seu humilde rancho, apesar do convite do alemão.

Foi-se o homem de Meclemburgo! E pareceu-me singular que três pessoas, encontradas aqui numa modesta casa, pertencessem às três raças principais, a européia, a africana e a americana.

Conforme contou o Capitão, o meclemburguês há longo tempo assassinara um homem, numa briga, com sua faca de magarefe. Com o relatório do Capitão para Cruz Alta, o tribunal mais próximo, a 17 milhas geográficas de São Miguel, foi êle absol-

---

(*) Como, o senhor também é alemão? — N. do T.

vido. Mas o homicídio se estampou de tal modo na cara do homem que não sei ao certo se êsse crime foi o último ou o primeiro que cometeu.

Horrendos êsses homens com suas facas à cinta. Em tôda parte enfrentei êsses magarefes com impávida franqueza. Quem é cortês com êles, nêles pode confiar. Mas a lâmina sai fàcilmente da bainha e, nêles, uma coisa não se extingue: a vingança. Meu Capitão pardo, que representa no "povo" a polícia de São Miguel, contou-me algumas histórias sangrentas, muito curiosas, de verdadeiras vinganças corsas, às vêzes horripilantes.

Recordo-me, a propósito, de uma história autêntica, do Rio Grande. Um menino deixara sua vaca entrar na horta de um homem e estava procurando retirá-la quando êste, desatendendo a rogos, o esbordoou severamente. Isso não foi apenas um castigo, mas também uma ofensa; o menino era branco e não escravo. Jurou vingar-se do homem, ao que o outro riu. O jovem portou-se passivamente e retirou-se do lugar.

Nove anos depois, chega um jovem muito bem montado diante da casa do homem e, segurando o cavalo, manda chamá-lo. Muito serenamente lhe pergunta se êle se lembra daquela história da vaca e do menino que êle surrara tão duramente. Rindo, responde o outro: "Sem dúvida. E o menino prometeu vingar-se". — "Pois bem" — disse o jovem — "eu sou aquêle menino e hoje cumpro minha palavra". E no mesmo momento atira no outro e foge. A história de uma vingança nascida na infância e amadurecida na juventude tornou a aparecer-me quando o Capitão terminou as suas histórias de facadas e fomos comer nosso modesto jantar.

Naquela região também só os homens comem juntos; nenhuma mulher vem à mesa. E assim a índia sentou-se tranqüila e silenciosa e contentou-se em servir-nos. Perguntei-lhe se não queria comer conosco. Então se esboçou um doloroso sorriso em sua linda bôca e me pareceu que uma ligeira vermelhidão lhe surgira por baixo da côr pálida das faces. Mas o sorriso foi só um momento! Imediatamente depois estava a índia, realmente bela, com o seu rosto doloroso de sexta-feira da Paixão, de novo como uma estátua de mármore, com as feições imóveis. Talvez pela

primeira vez tivesse um europeu dirigido a palavra amável ao pária feminino; pela primeira vez e talvez também pela última.

E num dêsses rostos guaranis acha-se tôda a história da raça que está desaparecendo. Outrora os jesuítas reuniram êsses índios e cristianizaram homens que só existiam para a floresta provisória, para o campo provisório. Não lhes trouxe o cristianismo alegria para a vida, mas consolação para a morte, consolação com que afrontam o estiolamento de sua raça. Posso dizer: o povo foi levado até à dor de uma sexta-feira da Paixão, porém não ao júbilo entusiasta de uma manhã de Páscoa.

Sôbre um largo banco de bambu dormi, à noite, ao lado da porta aberta ou, melhor, ao lado da abertura da porta de entrada da casa, pois esta tem uma entrada e uma saída, porém não tem portas. As paredes divisórias no interior do rancho mediam apenas sete pés de altura e eram feitas de varas de bambu trançadas. A casa também não tinha janela alguma, pois penetrava luz bastante através das fendas e junturas das paredes feitas de bambu e barro. No entanto dormi tôda a noite em minha cama de bambu e sôbre a minha sela, excelentemente!

O desaparecimento de meu cavalo impediu que partisse cedo no dia 3 de abril. Um índio, montado, foi procurá-lo. Buscando o cavalo achei uma das mais belas apocináceas que já vi, talvez a mais bela. Pelo menos nenhuma conheço, cuja coroa, na orla das cinco divisões do limbo, seja tão maravilhosamente ondulada e crêspa como esta. A planta inteira tem apenas dois pés de altura, com aspecto semelhante ao das labiadas, extraordinàriamente lanosa no pecíolo e na face inferior das fôlhas, sendo estas, na face superior, de um verde vivo e ligeiramente vilosas. O tubo da corola mede de quatro a cinco polegadas de comprimento e a orla aberta certamente de três a quatro polegadas de diâmetro.

Duas horas mais tarde chegaram os cavalos. Despedi-me da amável gente de côr. Por trás de umas araucárias negras obscureciam-se as ruínas de São Miguel. Afastava-me de um ponto muito notável.

Viajava através de campos escalvados e barrancos; em tôda parte a relva estava queimada e cinzas negras cobriam o chão.

Apenas algumas emas davam sinal de vida no profundo êrmo. Armava-se no horizonte uma negra tempestade e trovões abafados ribombavam sôbre as coxilhas.

Cêrca de meio-dia, tornamos a ver ruínas que se erguiam acima de um arvoredo e pouco depois nos achávamos diante de uma construção, em ruínas, de grandiosas proporções.

Era São Lourenço. Aqui, porém, tudo estava muito mais desmoronado do que em São Miguel, embora parecesse ser a mesma idéia da fundação de um castelo forte clerical.

Da grande igreja elevavam-se sôbre o mato paredes mestras ao ponto de poder-se reconhecê-las, sem se poder medir a sua extensão. Ao lado direito da antiga igreja, uma larga praça, êrma, coberta de mato. No meio dela, ergue-se um grande cruzeiro duplo de 13 pés de altura, construído de uma só pedra. Na vizinhança há cacos de barro cozido com nomes meio destruídos e datas, lápides funerárias dos habitantes da Missão nos antigos tempos.

Entre essa praça êrma e a antiga igreja, no lugar onde deve ter existido ou existiu uma tôrre, vê-se claramente apoiada à parede uma pia batismal, escavada num pedaço de arenito, e ainda perfeitamente conservada. Se se permite que as ruínas das Missões continuem desmoronando-se, devia-se pelo menos salvar o cruzeiro e a pia, como restos veneráveis, transportando-os para o Rio.

No centro da igreja de outrora a atual geração instalou um cemitério. Montículos achatados cobrem os mortos. As lousas tumulares do antigo cemitério são aqui empregadas em segunda edição para cobrir os cadáveres daqueles, cujos avós sob elas se decompuseram. A boa gente de hoje não sabe ler. Mas atribui aos caracteres das lápides antigas um sentido religioso e não têm idéia do anacronismo que perpetram. Afinal, já nenhuma roda da história gira nestas remotas Missões e quase não há noção de tempo nestas desoladas paredes.

Maior interêsse tem a praça à esquerda da antiga igreja. Por uma entrada meio coberta de arbustos, chega-se a um pátio quadrado de 132 pés de largura e de fundo. Provàvelmente, a

igreja, de um lado, incluía esta praça; neste caso, teria tido o comprimento exato da nave de São Miguel.

Em frente da entrada nota-se ainda uma parte do antigo colégio, a residência pròpriamente dos jesuítas, tão bem conservada, que ainda é habitada por quatro famílias e outros grupos humanos, restos decadentes do "povo" de São Lourenço.

Vieram ao meu encontro várias mulheres índias, feias, estùpidamente benevolentes; absolutamente não podiam compreender de onde vínhamos e para onde íamos. De fato ninguém aparece na solidão destas ruínas.

Fui a uma singela festinha religiosa. Diante da parte central do antigo colégio dos jesuítas ainda há, proveniente dos piedosos padres, um relógio-de-sol, colocado sôbre um grande cubo de arenito. Um pequeno índio prestava cuidadosa atenção à chegada do meio-dia, que todos esperavam ansiosamente.

Chegou o meio-dia! O rapazola corre para um canto e começou a bater com dois martelos num sino de uns dois pés de altura, enquanto dois outros ìndiozinhos saíam e faziam um ruído louco em dois tambores.

Então apareceram todos os moradores das ruínas e exultavam pela ressurreição do Senhor e alegravam-se com a sua bela aleluia e eu alegrava-me com êles, porque o Senhor realmente ressuscitara.

Fui até onde ficava o sino. Estava suspenso de uns cepos, apenas a algumas polegadas do solo. O anel para pendurá-lo estava meio partido. Haviam amarrado uns cipós no pedaço restante do anel, suspendendo assim o sino. Era o mesmo que estêve na antiga igreja. Tem, em grandes letras latinas, a seguinte inscrição: *Ave Maria gratia plena Dominus tecum.*

Num aposento do colégio guardam as mulheres respeitosamente, até, talvez, que as ruínas ressuscitem para a plena magnificência de um templo, os santos da arruinada igreja. Encontrei trinta e três estátuas de diferentes tamanhos — de José e Maria, diversos quadros de Cristo, um arcanjo Miguel matando o dragão — tudo coisas simples, sem arte, e no entanto de tocante ingenuidade, como a dos índios há muito tempo enterrados, que muitas vêzes lhes terão dirigido suas orações. Em bem ta-

lhados arcos de porta de arenito havia alguns sinais: um era I.P.H., envôlto numa forma de coração; muitas vêzes encontrei o conhecido I.H.S. com uma cruz dupla por cima.

Ao longo da frente do colégio corre uma extensa varanda, com colunas ornamentais talhadas numa só peça de arenito, de modo que, mesmo com chuva, ficando ao ar livre, pode-se ir de um extremo ao outro da casa. Atrás do edifício fica o pomar, inteiramente decaído, de cujos matos emaranhados surgem laranjeiras de grandes dimensões. Encontrei troncos da grossura de um homem.

No lado externo, onde está o sino, o colégio é fechado por um edifício, cujas paredes estão perfeitamente conservadas. Diz a gente que aqui era o refeitório. Deu-me a impressão de uma capela mortuária; um quadrado oblongo com duas janelas ao lado da porta de entrada. O chão é uma profunda cova, evidentemente outrora uma catacumba. Uma porta meio enterrada conduz à cova. Não se vêem vestígios de esquifes; cobriram-nos o tecto desabado, a terra e as ervas.

Em vez dos piedosos padres, mora no colégio, entre outra gente, certo Dom Francisco. Ali montou êle uma pequena loja e uma venda e entre as ruínas vende bagatelas da moda, vinho e aguardente. Diversos índios e mestiços andam ali fazendo das suas, dizendo pilhérias sôbre suas origens raciais, o que, aliás, nenhum dêles leva a mal.

Um rapaz, cuja paternidade podia ser disputada por três raças humanas, ofereceu-se para ensinar-me o caminho da casa do estancieiro Sebastião Soares, para quem eu tinha uma carta do subdelegado de Santa Maria da Bôca do Monte e que deve ser pessoa principal no disperso "povo" de São Lourenço, embora o bom subdelegado, com o preconceito sul-americano, tivesse julgado necessário desculpar-se de dar-me uma carta para um índio puro.

Perguntei pela estância do senhor Sebastião, a duas léguas de distância. "Mas acontece que o senhor Sebastião está aqui em casa" — acrescentou o homem, convidando-me a apear.

Na casa, um rancho sem divisões, dois ou três índios de aparência comum. Um terceiro, pelo seu magnífico aspecto, atraiu

tôda a minha atenção. Era precisamente o Sebastião Soares de Sousa que eu buscava.

Não foi mais solícito em ler a carta do que eu em examinar o belo homem. Muito amàvelmente me convidou êle a ir para sua casa. Montamo-nos e seguíamos, precisamente quando chegava a galope uma índia de vestido vermelho. Elevou a perna por cima das cruzes do cavalo, como um homem, e apeou-se saltando, como um homem. Poder-se-ia, se tivesse outras feições, reconhecer em tôda parte essa moça parda dos campos como a Amazona de Kiss (*).

Atravessamos um riacho sussurrante e seguimos pela floresta por uma vereda muito estreita e pedregosa que, entre bambus e palmeiras, serpeava, subindo. O cenário era realmente impressionante. Num cavalo grande e forte, cuja sela, brida e estribos eram fartamente guarnecidos de prata, ia na minha frente a vigorosa figura de índio com a tranqüilidade e aprumo, com a iniludível expressão de altivez de um homem rico. Sob o chapéu branco de fêltro, muito pequeno, arredondado, pendia o abundante cabelo negro, brilhante, liso. A cada momento voltava-se para mim a face parda, verdadeira imagem de beleza índia masculina, a quem fica muito bem o bigode negro, para falar e perguntar ou para avisar-me nos lugares maus do caminho, olhando-me ousado e firme com os seus olhos negros. Sôbre os largos ombros caía bem um poncho vermelho de riscas amarelas, com um lado do pequeno manto arregaçado até o cotovelo, vendo-se a branquíssima camisa e o forte punho pardo-escuro, que guiava o grande cavalo com segurança. Umas calças de xadrez iam até ao tornozelo. Nas asseadas botas, enormes esporas de prata maciça, de cujo tamanho se pode fazer uma idéia, na Europa, sabendo-se que êsse instrumento custa de 120 a 150 táleres; a roseta de aço não tem menos de três polegadas de diâmetro.

Era, pois, Sebastião Soares de Sousa o perfeito retrato de um príncipe da floresta, de Cooper, em estado civilizado. Se fôsse mais jovem, talvez ficasse um tanto ridículo seu luxuoso tra-

---

(*) Alusão à "Amazona montada lutando com um tigre" do escultor alemão August Kiss (1802-1865). — N. do T.

je. Mas ficava muito bem ao índio de 44 a 48 anos e quase não me cansava de ver a extraordinária figura.

Saímos da floresta. "Agora já estamos em meus domínios" — disse êle. Mas ainda viajamos uma hora completa no campo antes de chegarmos à sua casa.

Duas milhas e meia quadradas alemãs de terra possui êste rico índio e todavia a sua casa é tão modesta quanto pode ser uma casa de índio. Dois gigantescos umbus se elevam ao lado da casinha cinzenta, que consiste em três divisões: uma a morada, outra o aposento de dormir e a terceira para receber os hóspedes.

O homem tem uma mulher índia e oito filhos. Os dois filhos mais velhos estavam no Exército; depois vinham dois jovens índios adultos, que vigiavam a ampla propriedade; os outros filhos ainda eram pequenos. Mas todos apresentavam tipos vivos da mais pura raça índia, cuja vista me impressionou muito bem.

Sentamo-nos em bancos diante da porta. Julgava achar-me num mundo autênticamente americano, de pureza ainda não vista, e num ambiente em que nada mais me recordava a Europa. Só um rosto me parecia estranho na roda dos pardos, ou melhor fàcilmente reconhecível entre os estranhos filhos do Uruguai — mais um alemão que se achava entre nós. Naturalmente já quase nada sabia de alemão, pois chegara aos três anos de idade a São Leopoldo e pouco depois viera dali para as Missões, onde se tornara um verdadeiro índio alemão, um guarani de cabelos louros.

Fortes relinchos, tropear e berros de animais interromperam minha tranqüila alegria no original círculo humano. Chegou e agrupou-se soberbamente numa elevação próxima da casa um rebanho de umas 300 reses e cavalos, com seus bezerros e potros. Possantes touros andavam para um lado e para o outro, urrando, enquanto vacas lisas amamentavam os seus bezerros. Os garanhões brincavam uns com os outros, mordiam-se e escoiceavam-se até que os separavam e êles se afastavam, galopando e relinchando.

Com admirável habilidade, um dos filhos do dono da casa pegou um cavalo a laço. Logo que sentiu o laço no pescoço, o

animal, que corria, parou e ficou calmo e obediente como um cordeiro. Porque a laçada de couro estrangula o pescoço do cavalo com tanta fôrça que, depois do primeiro arrôcho, raramente êle espera por um segundo, antes entrega-se imediatamente, logo que sente a corda.

Mas difìcilmente se compreende que a gente se dê ao trabalho de criar cavalos. Aqui se pode comprar um cavalo regular por 4 a 6 dólares. Pagando-se mais, obtém-se um excelente cavalo ou se é enganado. Daqui para São Paulo seguem rebanhos completos e pensa o senhor Sebastião que a maioria dos cavalos vendidos no Rio de Janeiro como cavalos de São Paulo devem ter nascido nas Missões do Rio Grande.

Depois de nossa ceia, veio uma sobremesa genuìnamente brasileira: o milho branco, a célebre canjica, sôbre a qual foi deitado um excelente leite, que a senhora despejava de um gigantesco chifre de boi. Êsse chifre de boi, cheio de leite de vaca, é clássico! Assim muita coisa aprendi de uma vez; o leite é delicioso.

Depois fomos todos para a cama ou, antes, repousar, porque cama pròpriamente, como denominamos êsses móveis, não havia. Estendi-me no asseado couro de boi reservado para mim no quarto de hóspedes. Todavia, nesse ambiente maravilhosamente primitivo, onde em todos os recantos brilhava a bondade do coração, foi-me difícil conciliar o sono. De algum modo me achava na disposição de ânimo de Seume (*); quase me pareceu que tinha razão aquêle canadense, que disse: "Vêde, nós, os selvagens, somos gente melhor!"

Na manhã seguinte, domingo de Páscoa, meu hóspede fêz questão de, êle próprio, guiar-me pelo seu domínio a fora na estrada de São Luís ou São Luís de Gonzaga.

Cavalgamos através dos campos por umas duas horas; cobria-se a região de mato de verde muito vivo em conseqüência da chuva recente. Apeamo-nos em casa de um pobre português, um europeu, a quem o americano pardo, o índio permitira resi-

---

(*) Johann Gottfried Seume (1763-1810), viajante e escritor alemão, autor de vários livros de viagens. — N. do T.

dir em suas terras, e examinei a mão doente do homem, que sofria desde há meses. Descobri nessa ocasião entre vários índios puros, um guarani alemão, natural de Trèves (Trier), porém que não entende mais nenhuma palavra alemã.

Chegamos depois às estremas da estância. Meu hóspede saltou do cavalo e atirou-se no mato, na selva, com a simples observação de que precisamente aqui cortaram o pescoço de dois homens no tempo da revolução; um dêles, porém, fugira com a garganta cortada. Contou-me então a história, uma bela história de domingo de Páscoa, com tanta exatidão, que eu houve por bem não perguntar quais foram as personagens do drama. Pediu-me, afinal, o necessário para escrever e deu-me uma carta para o Tenente Feliciano Correia em São Luís de Gonzaga, carta que eu gostaria de ter guardado como lembrança de um cacique civilizado, pois assim realmente me parecia o homem.

Despedimo-nos com um apêrto de mão. A magnífica figura de índio montou no cavalo, de um salto, e num instante desapareceu.

Viajei mais três léguas. Tornei a ver ruínas sobressaindo no denso matagal e meia hora depois estava na antiga Missão de São Luís.

A Missão de São Luís é talvez a mais notável de tôdas as da margem esquerda do Uruguai, a mais notável, aliás, pela maior abundância de ruínas, nas quais se pode reconhecer perfeitamente a disposição do estabelecimento.

Logo ao penetrar na Missão, encontramo-nos numa vasta praça verde de 400 pés de largura por outros tantos de fundo, cercada, por três lados, pelas antigas habitações dos índios, ocupando o quarto lado a igreja e o edifício do colégio.

Essas habitações de índios, como tôdas as moradas "colegiais" são térreas, construídas sob um só tecto, cada uma com porta e janela. O tecto único projeta-se para a praça e forma uma varanda corrida em tôrno da praça e que se apóia em pilares de pedra oitavados com intervalos de seis passos.

As moradas estão ainda razoàvelmente conservadas e são geralmente utilizadas, na maior parte, aliás, por índios. Mas nem são aquêles que foram originàriamente reunidos pelos jesuítas, nem pròpriamente os seus descendentes diretos, antes devem ser os descendentes dos soldados índios que, se não me engano, fizeram uma expedição militar sob o comando do Coronel Correia e depois receberam casas aqui e se casaram.

Logo adiante mora o Tenente Feliciano Correia, para quem poucas horas antes o senhor Sebastião escrevera uma carta. O Tenente viajara para São Nicolau, o que não impediu sua senhora de receber-nos amàvelmente e hospedar-nos o melhor que pôde.

O centro do quarto lado, não ocupado pelas habitações da Missão, é, pois, formado pela igreja e é o que está mais bem conservado. Todavia, quase todo o tecto está desmoronado. Sòmente sôbre a entrada e a nave central, bem como sôbre a parte do altar-mor se conserva ainda, mas ameaça cair a qualquer momento.

Dez degraus de pedra conduzem ao vestíbulo da igreja, que media 100 pés de largura e 20 pés de fundo e era sobrepujado pelo tecto da igreja. A igreja pròpriamente dita conta 152 pés de fundo e 60 pés de largura, ao que se acrescenta ainda o espaço diante do altar-mor de 28 pés de fundo e de 32 pés de largura. Tôda a nave interior parece ter sido um espaço único, aliás coberto por um tecto de pedra, apoiado em colunas de madeira, o qual por sua vez era revestido com obras de madeira pintada. Bem no meio da igreja, perto do lugar do altar, ainda está conservada a magnífica abóbada de madeira, de uns 60 pés de altura, em forma de hemisfério achatado, ricamente dourada e pintada a côres, de cujo centro pende a cadeia de ferro que sustinha o lampadário.

O altar também ainda existe. Sobrepõem-se dois grandes nichos, emoldurados por doze colunas douradas aos lados; duas dessas colunas são artìsticamente enroscadas e o conjunto, embora tenham sido retiradas tôdas as imagens de santos, faz ainda um brilhante efeito.

No altar-nicho superior existem, na parede dos fundos, as palavras:

ORA PRO
NOBIS
D. 1728
MAYO II

Se essa data assinala o dia da fundação, então teria o edifício exatamente (*) 130 anos e, nesse caso, tôda a soberania jesuítica teria durado apenas quarenta anos em São Luís.

Numa sacristia lateral acham-se guardadas tôdas as estátuas dos santos de então, em número de dezenove, umas colossais, outras pequeninas, tôdas sem valor artístico, dignas de atenção sòmente sob o ponto de vista histórico. São entalhadas em madeira e pintadas. Muitas representam sacerdotes ou santos em trajes eclesiásticos espanhóis; São Luís de Gonzaga com uma caveira natural; em frente dêle um jesuíta, parecendo Santo Inácio de Loyola. Encontram-se também um arcanjo São Miguel, alguns crucifixos, etc., mas tudo de forma muito modesta e desajeitada.

No lado esquerdo da igreja há também um grande pátio cercado, em tôrno do colégio dos senhores padres. Em volta, uma varanda de 14 pés de largura, 146 pés de comprimento de cada lado e suportada, em cada lado, por treze colunas de pedra.

Em dois lados dêsse pátio do colégio há moradas ainda aproveitadas. Numa parte foi instalada uma pobre capela com alfaias da antiga igreja. Ao lado dela mora um jovem sacerdote que diz a missa. Logo adiante há uma pequena casa com um mestre-escola que me causou impressão muito favorável.

Atrás do colégio corre outra varanda com dezessete colunas. Fecha o conjunto, por trás, o pomar, inteiramente descurado, com grandes laranjeiras.

Muito singular o ornato da porta central do colégio. Borda-a uma faixa de belos cristais de um palmo de largura, na

---

(*) Em 1858, ano da viagem do autor. — N. do T.

maioria de ametista ou melhor cristais de rocha de côr azul-ametista, dos quais já faltam muitos. O belo ornato causa um efeito dupla ou triplamente trágico a quem daqui olha para a igreja desmoronada. Vicejam lá, entre tristes ruínas, magníficos cactos e no pátio do colégio sussurram melancòlicamente as palmeiras ao vento da tarde.

No outro lado, à direita da igreja, um grande cemitério. Oferece ainda a Missão de São Luís uma imagem completa de um "povo" de outrora, de uma "missão".

Nenhum cristão, mormente num domingo de Páscoa, pode subtrair-se a pensamentos tristes ante essa ruína da magnificência espiritual! Na grande praça da Missão, diante da igreja, onde pastavam cavalos, havia silêncio, silêncio e solitude. Como seria antes ali no domingo de Páscoa quando, terminada a missa, saíam da igreja centenas, milhares de pardos guaranis e enchiam a praça! Hoje apenas um ou outro se esgueira pela praça, como um fantasma, lembrando, com sua presença, tempos melhores, mas sem alimentar a esperança de que voltem.

Quando o sol se pôs, o sino tocou a "Ave Maria", o mesmo sino que serviu na igreja desmoronada. Soava um tanto enrouquecido, como se estivesse muito sujo. Talvez breve seja colocado em outra igreja, que certamente será construída aqui.

Alguns conhecidos vieram à noite a casa da senhora do Tenente ausente e tive de dar diversos conselhos médicos. Formou-se assim um círculo original. Homens e mulheres fumavam à porfia seus cigarros de palha de milho e as mulheres fumavam alternativamente no mesmo cigarro. Era cômico.

Na segunda-feira de Páscoa, 5 de abril, partimos da velha Missão de São Luís às 7 horas da manhã. Íamos sempre através de matas e de extensas coxilhas.

Às 10 horas atravessei o gracioso e límpido Rio Piraí, cujas águas frescas passavam murmurando. Em seu frio elemento nadavam muitos peixinhos, dos quais parece ter o rio tirado seu nome — "pira", peixe, "i", água. Aqui já aparece muito peixe nos pequenos confluentes do Uruguai. Perto, ao norte daquela região, corre um rio, célebre pela enorme abundância de peixe, o Pirapó — "pira", peixe, "pó", que sobe saltando. Os pei-

xes ali saltam por cima de uma pequena cachoeira e em grande quantidade ficam presos entre as pedras.

Floresciam mais adiante lindíssimas iridáceas muito azuis, de esbelto "habitus". E todo o resto da flora campestre parecia desfeito em singenesias. De todos os grupos dessa família tão numerosa encontram-se aqui representantes de tôdas as formas, tamanhos e côres. Descobrem-se àrvores, formando troncos, longos trechos de mata de singenesias arbóreas, mas, ao lado delas, também plantas anãs de uma polegada de altura. Muitas desprendem um aroma maravilhoso. Passando-se por entre elas, com sol, tôda a coxilha exala perfume.

Por isso, nenhum outro lugar, mais do que êste, é o campo de batalha dos insetos, especialmente das abelhas e borboletas. As matas abundam em colmeias, em alguns lugares encontradas realmente aos milhares, especialmente do "cavaleiro de Lineu", cuja côr fundamental é a negra, com desenhos amarelos e orla vermelha na asa inferior, uma muito semelhante à *Ajax* e duas outras variedades, possìvelmente parentes próximas das nórdicas *Machaon* e *Podalirius*. Montado a cavalo, podia sem esfôrço apanhá-las dos cardos vermelhos e observá-las. Quando tornava a soltá-las, voavam apenas até à flor mais próxima, para continuarem a regalar-se com o aroma. São singularmente inofensivas neste remoto recanto, em que vivem sua tranqüila vida animal, não intimidadas pela vizinhança humana.

Cresce também nas Missões, como planta característica, além de algumas bonitas verbenas, uma escrofularínea de transição, semelhante a uma solanácea e inteiramente parecida com uma petúnia. Uma espécie azul e uma branca porfiam em mostrar seus representantes. Quase com perfeita regularidade encontram-se numa plantinha duas flores, uma ao lado da outra, cujo caráter gêmeo poderia formar diferenciação de espécie.

A mais admirável, porém, é uma pequena cássia. A planta inteira não tem mais de duas a três polegadas de altura; produz, porém, uma a três flores amarelas, de uma a duas polegadas de diâmetro, de modo que nada se pode ver da planta pròpriamente dita. E no entanto, em campo aberto, apresenta boa aparên-

Residência de Aimé Bonpland em São Borja. Desenho de A. Demersay, litografado por F. Sorrieu. (De *Histoire du Paraguay*, Atlas. Demersay).

cia a pequena anã, embora suas irmãs alcancem a altura de árvores.

Vê-se também uma soberba convolvulácea tomentosa. Os sarmentos são da grossura de um polegar, com espêssas fôlhas cordiformes arredondadas, de cujas axilas se elevam, em longos pecíolos, espêssas corolas vermelhas, seivosas, de três a quatro polegadas de diâmetro. Tudo na planta — sarmentos, fôlhas e flores — é muito tomentoso, tudo tem a forte expressão de seiva e plenitude e difìcilmente encontrará a viçosa planta em sua família um representante que a iguale em beleza e em expressividade.

E os cactos? Já de longe se vêem nas ruínas das Missões, no alto, as admiráveis corolas de árvores sem fôlhas, a princípio difícil de compreender. Em curvas paralelas, iguais, erguem-se os galhos sem ramos, às vêzes de 30 a 40 pés de altura. Chegando-se mais perto, descobre-se fàcilmente a forma do cacto. Grandes frutos amarelo-dourados prendem-se sem pecíolos às nervuras e oferecem um alimento refrescante.

A flor, que já encontrara em Santa Maria, é magnìficamente grande, vermelha, e acha-se em milhares de exemplares, um ao lado do outro. Entre São Luís e São Nicolau medi um cacto, cujo curto tronco abaixo de sua primeira divisão, tinha mais de três pés de diâmetro. Um tronco menos forte não poderia suportar êsse elefante vegetal.

De fato, deve ser enorme o pêso dessa planta. Para colhêr alguns frutos, balancei um galho. Com isso se quebrou a ponta superior e caiu ameaçadoramente perto de mim, no chão; poderia, de fato, matar um homem.

Mostraram-me ao longe, numa estância, um arvoredo e uma alta araucária, no centro das ruínas de São Nicolau. Perto destas, eleva-se uma distante serra azul, do outro lado do Rio Uruguai; já podia, pois, ver além dos limites de minha viagem ocidental através do Rio Grande.

Descemos a alta coxilha e passamos um pequeno rio de águas límpidas. Depois de uma boa légua, estávamos diante da mata de São Nicolau. Apenas algumas veredas conduziam ao emaranhado das moitas e restos de paredes.

Entre soberbas laranjeiras, cactos e mamoneiras, a grande ruína. Ainda de pé as quatro entradas da igreja e as paredes de ambas as tôrres, até 30 pés de altura, bem como uma pequena parte das habitações, tudo no mesmo estilo de São Luís, porém mais desmoronado, decaído e esquecido; quem pensa ainda no castelo-forte dos jesuítas no alto Uruguai?

Algumas famílias ainda moram no lugar ou, melhor, nas brenhas onde, ao longe, dispersos blocos de parede assinalam o antigo povoado e, como lápides vivas, se erguem melancólicas araucárias.

Vindo da floresta de ruínas para o campo aberto e elevado, goza-se uma esplêndida vista. Como um comprido lago, como um escuro sombreado da região, rola, à distância de uma milha, o largo Uruguai; o sol da tarde reflete-se em suas águas.

Numa pequeníssima venda, que a custo descobri num laranjal, encontrei algum alimento e a hospitaleira garantia de poder dormir debaixo das árvores, na vizinhança imediata da pequena casa.

Arranjei-me bem com a sela rio-grandense e dormimos tôda a noite em paz e tranqüilidade.

QUARTO CAPÍTULO

Ao longo do Uruguai. — Passagem do Piratinim. — Habitações de índios. — Acampamento entre o Manoa e Urucutaí. — Travessia sôbre o Camaquã. — São Borja. — Antiga morada de Bonpland. — O passo do Uruguai em São Borja. — Retrospecto sôbre as Missões e partida de São Borja. — Batizado em caminho. — Dormida na Estância de Santana. — Passagem do Albutuí. — Chegada a Itaqui. — Viagem pelo Uruguai até Uruguaiana. — Passagem do Uruguai para Restauración em Corrientes. — Visita a Aimé Bonpland.

NA maioria dos mapas da Província do Rio Grande do Sul, entre muitos outros erros, há alguns relativos à situação das Missões. Trazia comigo o mapa do Visconde de Villiers de l'Isle-Adam, do ano de 1854. No que diz respeito às distâncias dos lugares entre si, apresenta essa carta erros imperdoáveis. De São João-Mirim a São Miguel são oito léguas, dali a São Lourenço sòmente três, de São Lourenço a São Luís cinco e dali a São Nicolau sete léguas. De São Nicolau, querendo-se ir para São Borja, temos três léguas até Passo do Piratinim e de São Nicolau

até o Passo do Uruguai ainda légua e meia, de maneira que a Missão de São Nicolau não fica nem no Piratinim, nem no Uruguai, nem, finalmente, na confluência de ambos os rios.

Aconteceu, pois, que, na manhã de 6 de abril, quando queria tomar a direção do oeste, no caminho para São Borja, distante cêrca de vinte léguas de São Nicolau, me enganei completamente na direção e em pouco tempo já não via caminho algum. Um índio velho, que fumava mate tranqüilamente diante de seu rancho — digo fumava porque no sudoeste o mate substitui o cigarro matinal — indicou-me o caminho, mas na relva meio sêca dos campos não se vê caminho algum. Êsses caminhos vicinais rio-grandenses, como o de São Nicolau para São Borja, estão mais na boa vontade dos que os conhecem bem do que debaixo dos pés de quem os utiliza.

Tornou a orientar-me um paraguaio, que se achava diante de sua casinha de campo; e a passo apressado percorri as eternas colinas relvadas e os capões de mato que sempre aparecem.

Em todos os cantos e recantos aproveita-se o tempo sêco para queimar a relva. Em ininterruptas colunas sobem os vapôres brancos, dando à região, antes completamente solitária, aspecto verdadeiramente sinistro. Em parte alguma se vê um homem nesse fogo. O elemento que corrói em tôrno de si parece completamente independente; parece que se gerou espontâneamente e a si mesmo se incita. De uma feita, nosso caminho entrou no fogo e tivemos de fazer uma curva; de outra vez, porém, o atravessamos — experiência inteiramente inócua e sem perigo, em que apenas se sente algum calor e se engole um pouco de fumaça.

Precisamente ali o fogo do campo se aproximara da fresca floresta e começava com ela uma furiosa luta. Ardiam vivamente os galhos secos caídos da orla da mata; em pouco as labaredas devoraram também as árvores vivas e num instante ardia o mato verde. O fogo lambia ràpidamente a ramagem a 20 e 30 pés de altura. A forte crepitação e os estalos mostravam o progresso, aliás a vitória do elemento desencadeado. Mas a alguns pés mata a dentro êle afogou-se na seiva dos troncos vivos e na

umidade da mata virgem. A própria fumaça parecia abafar o fogo.

Quase tôdas as orlas das matas nos campos assim queimados mostram vestígios muito vivos do ataque do fogo; vi fortes troncos, de 60 pés de altura, atingidos pelas chamas até às copas; no entanto, não vi incêndio de mata ou propagação de fogo que pudesse de qualquer forma tornar-se perigoso.

Por isso, como já disse, nos campos em chamas não se encontra ninguém para vigiar a marcha do fogo. Ateado êste e bem pegado, o proprietário ou seu capataz vai tranqüilamente para casa e abandona as chamas e o campo ao seu próprio destino, até que, depois de alguns dias, tôda a superfície forma um petrificado mar negro.

Bem perto do Passo do Piratinim atravessamos um campo, cujo solo brilhava como uma multidão de cacos de vidro. Encontrei, saindo da terra, considerável massa de belos cristais hexagonais, na maioria perfeitamente límpidos, alguns com cintilações azuladas de ametista nos vértices. Alguns isolados; outros, porém, formavam ninhos e refletiam a luz do sol em tôdas as direções. Lá mesmo encontrei vários fragmentos de belemnites e uma petrificação, cujo tecido original parece ter sido madeira. Mais nada se podia reconhecer com precisão.

Entre as moitas de suas margens, corre tranqüilamente em Passo de Santa Maria o Piratinim para o Uruguai, em direção ao norte. Não terá, com suas curvas, mais de 50 léguas de comprimento. Já atravessara, desde Santa Tecla e São João-Mirim, pequenos confluentes do Piratinim. Dali corre êle, afastado algumas léguas das missões de São Miguel, São Lourenço, São Luís e São Nicolau, até alcançar o Uruguai.

No Passo de Santa Maria deve medir 150 a 180 pés de largura e, no meio, 11 a 16 pés de profundidade com águas baixas, subindo, às vêzes, a 20 pés. Apresenta no entanto em seu curso consideráveis vaus e notadamente uma cachoeira pouco antes de sua entrada no Uruguai. Não obstante, durante seis a oito meses por ano é navegável por embarcações apropriadas e poderá ser de inestimável valor para os futuros colonos de suas margens.

Os cavalos foram desselados e nadaram atrás da canoa que nos transportou a mim e a meu "spahi". Êsse serviço, porém, é sempre precário. Quando carrêtas têm de passar o rio, são totalmente descarregadas, depois empurradas para a água até ao ponto em que as canoas possam navegar sôbre elas. São então firmemente amarradas às canoas, que seguem com a sua carga subfluvial, transportada parceladamente.

Não devo porém silenciar que no Passo de Santa Maria acaba de ser construída uma balsa e que algumas léguas acima há um Passo de São Lourenço, onde faz a travessia uma barca apropriada.

Negra como carvão a terra do outro lado do rio e o sol ardente iluminava as coxilhas cobertas de cinza. Uma velha guarani mostrou-nos a certa distância uma casinha, depois da qual poderíamos ter uma viagem mais suave. Era 1 hora da tarde; cavalos e homens estavam exaustos. Felizmente encontramos milho para os cavalos, ao passo que nós próprios repousamos numa esteira de bambu diante da porta.

Reinava no rancho uma genuína economia doméstica guarani: um espaço único sem quaisquer divisões e onde tudo estava em confusão. O dono da casa era um índio jovem, bem nutrido, que veio até nós e conversou conosco muito curiosamente. Mas a sua jovem e feia mulher ficou no rancho e envergonhou-se de aparecer-nos, no que tinha tôda a razão. A mãe dela trouxe-nos entretanto um grande chifre de boi, cheio de leite da melhor qualidade, traindo, porém, seu completo acanhamento. Acanhados, aliás, são êstes semicivilizados filhos da natureza, como acanhados são os filhos da aldeia na Alemanha. Só as criancinhas guaranis não são tão acanhadas. A velha sentara-se à porta com dois netinhos guaranis. O menor era uma criança alegre, de oito meses de idade, gorda como um leitão e de saúde rija, com uma legítima fisionomia de índio: nua em pêlo de alto a baixo. Quando a tomei em meus braços, não teve mêdo algum e quanto mais eu a fazia saltar, tanto mais gritava de alegria. Eu não podia mais largar a criança.

Ali a região, aliás tôda a natureza, é terrìvelmente solitária. Viajava ao longo de uma restinga, onde fàcilmente podem ato-

lar-se o cavalo e o cavaleiro. Voaram algumas perdizes, fugiu de nós uma corça; em campo aberto e sêco encontramos um grupo de cavalos que, vendo-nos, se dispersaram, tremendo e bufando, exatamente como se nunca em sua vida tivessem visto um europeu.

Vimos depois outro rancho com duas índias. Perguntei pelo caminho às duas vigorosas raparigas, porém, só conheciam o próximo ângulo da floresta. Pertinho, outro rancho. Uma pequena índia, que lá estava, era tão estúpida como as suas duas vizinhas. Apareceu-nos então um velho guarani, uma figura admirável. Sòmente tinha calças muito curtas, o cabelo quase inteiramente branco e pardo-escuros o rosto e o corpo. Mostrou-me uma espêssa fumaça, a umas três léguas de distância, e disse "lá" com um estalo da língua, querendo indicar que ali passava o caminho para São Borja.

Trotamos três léguas em direção à fumaça. Ao pôr-do-sol, passamos o límpido Rio Manoa e sua fresca região florestal, sem encontrar uma casa. Depois escureceu. A princípio iluminavam o nosso caminho os campos que ardiam em volta; depois, porém, só encontramos solo carbonizado; céu e terra não se distinguiam mais. Todavia o céu estava claro, semeado de estrêlas; parecia, porém, que a terra enegrecida absorvia tôda a luz.

Tive de orientar-me pelas nuvens de Magalhães para seguir uma linha conveniente e alcançar um lugar onde os cavalos ao menos achassem alguma coisa para comer.

E assim aconteceu. À nossa direita parecia elevar-se uma selva sôbre a crista da coxilha carbonizada. Subimos para lá e achamos tudo o que era necessário: um pouco de relva fresca para os cavalos e uma dormida para nós próprios à orla da floresta. Apeamo-nos sem vacilação. Raras vêzes eu me tinha sentido tão fatigado como naquela noite.

Penso que alguns de meus leitores imaginarão que, viajando no extremo oeste do Rio Grande, com muito pouco se obtém tudo o que é necessário alta noite. Sim, sem dúvida, com muito pouco tudo o que é necessário. Durante todo o dia nada tínhamos achado para comer, a não ser um pouco de queijo e leite. Alta noite, apeando-se do cavalo cansado, sem ter tomado café

pela manhã, nem almoçado, a gente não reclama ceia, nem cama e nem sequer um gole de água, mas apenas um cantinho na mata para estender-se sôbre o couro sibarítico da sela rio-grandense. Na modesta cama não se teme ser assassinado por um vagabundo ou por um bugre. Não vem onça, nem puma, nem jibóia; tudo é silêncio, paz e repouso. E o céu meridional nessas noites brilha com plena limpidez; claramente resplandecem o Cruzeiro do Sul e a cintilante figura do Centauro e lentamente navega, para oeste, a constelação do Argos, através do mar celeste, cuja fosforescência ainda é mais bela que a do mar terrestre. Abundantes estrêlas cadentes cortavam o espaço, animando a tranqüilidade da noite. Eu adormecera com o rosto para oeste e despertei sùbitamente. Longe, a oeste, parecia mover-se uma estrêla muito mais clara do que Vênus na sua fase mais brilhante. A meia-lua já nascera no oriente e no entanto contribuía o meteoro com o seu brilho ofuscante para a iluminação da noite. Logo que se extinguiu o belo fenômeno de cintilações brancas, as matas e coxilhas pareceram iluminadas por luz pálida.

Em 7 de abril muito cedo o "spahi" selou os animais e subimos, infatigáveis, a coxilha próxima. Tínhamos na frente uma estância pequena, mas cuidadosamente conservada. Numerosos rebanhos reunidos na vizinhança. Perto da casa, encurralados, rebanhos de ovelhas, entre as quais andavam carneiros de quatro chifres de vigorosa aparência.

Diante da porta chupava o seu mate, satisfeito, um velho, de boa aparência, que nos recebeu amàvelmente, sobretudo depois que teve notícia de nosso acampamento no mato. Chamava-se Manuel Português, assim apelidado para distinguir-se de todos os Manuéis índios e mestiços que devem existir na região. Era sua governanta uma índia velha paraguaia que taramelava em espanhol a sua horrível eloqüência.

Naturalmente, tomei mate com o senhor Manuel Português. Ensinou-me o caminho, com indicações de grandes distâncias, pois ali tudo é vasto, solitário, remoto; raramente uma coxilha mais alta, uma árvore em lugar que se veja de longe, ou um rancho pode servir de orientação.

Na magnífica manhã de outono descemos a colina a trote e em pouco estávamos de novo em profunda solidão. De um pântano próximo saltaram seis emas e fugiram trotando como cavalos, filhas e símbolo do êrmo vazio de homens.

No Passo do Urucutaí, pequeno afluente do Uruguai, onde chegamos depois de algumas horas de viagem, estivemos por certo tempo à procura do vau. Ali é preciso ter muita cautela. Em geral êstes pequenos rios, nos lugares de passagem, são rasos e correm ruidosamente sôbre terreno firme. Mas em muitos lugares, mormente nos de águas quietas, são tão atoladiços que o cavalo e o cavaleiro ficam metidos na lama e o cavaleiro ainda deve dar graças a Deus quando só se afoga o cavalo. Para sua advertência, o viajante encontra freqüentemente, na lama dêsses riozinhos, esqueletos de cavalos inteiramente embranquecidos.

Mas, ao lado dos mortos, ainda melhor parecem os vivos. No Passo do Urucutaí andava um rebanho de cavalos. Garanhões, éguas e potros galopavam fogosamente. Ora penetravam nas moitas do rio, ora disparavam de lá e pateavam ruidosamente ou mordiam-se e escoiceavam-se, brincando. A nossa chegada espantou sùbitamente todo o lote. Lentamente os animais se reuniram em bando unido e subiram trotando a colina próxima, de onde observaram a nossa passagem pelo Rio Urucutaí, bem perto uns dos outros e perfeitamente imóveis. Não poderia ser executada mais bela evolução de cavalaria.

No meio da profunda solidão desta vida campestre encontramos duas bonitas estâncias, cujas casas difìcilmente se descobriam no escuro dos laranjais que as cercavam.

Diante da porta da segunda estância estava uma índia bem vestida que, quando lhe perguntei pelo caminho, pediu-me que apeasse e insistiu para que entrasse na casa. É clássica essa hospitalidade nos longínquos campos do Rio Grande. Enquanto um pequeno índio cuidava do meu cavalo, um negro punha a mesa e trazia-nos comida, de modo que tive de gozar um pequeno repouso, tanto mais quando a minha visita, a visita de um europeu inteiramente desconhecido, pareceu notável à boa dona de casa.

É singular que essa gente, com sua simples e descuidada vida campestre, conserve a saúde. Veio ao quarto uma menina bastante crescida, de rosto índio invulgarmente bonito. Era a neta da senhora e no entanto essa avó me parecia ter de 34 a 36 anos de idade. Aos 50 anos não tinha nenhum fio branco em seu brilhante cabelo negro. A êsse tempo chegou a cavalo, montada à moda masculina, a sua nora, uma jovem guarani muito clara, de formas opulentas. Logo que chegou, pôs-se à vontade e apareceu, embora vestida à européia, de pés descalços, que ela estendeu negligentemente cruzados, talvez não sòmente por ingenuidade natural, pois na sua pessoa aliás satisfatòriamente bem constituída, eram os pés, a formação do tornozelo e a parte inferior das panturrilhas verdadeiros modelos de belas proporções. Sem dúvida, aqui, teria visto o meu amigo Burmeister (*) o ideal da humanidade, embora êsse ideal não fôsse além de tomar mate, cuspir e sorrir tìmidamente.

Pediram-me então que visitasse um capataz doente. Fui à casa vizinha e encontrei um alemão de muito boa aparência com um pé doente. O aflito Filocteta ficou surpreendido de ver entrar um médico e ainda mais surpreendido de que êste lêsse imediatamente o elemento germânico nos seus olhos e fôsse êle próprio um alemão. Apesar da enorme solidão, o homem estava satisfeito com o seu lugar. Ganhava um táler espanhol por dia com cama e mesa. A patroa amarela parecia apreciá-lo bastante e talvez um dia êle tenha posição ali e em muito contribua para o adiantamento dos guaranis.

Despedi-me da boa gente e subi lentamente a vereda ascendente que me levaria a um cemitério e dali à "estrada grande" de São Borja.

Um cemitério numa região onde ninguém mora! Em quase tôdas as estâncias isoladas de certa extensão ergue-se um cemitério a certa distância da casa. Geralmente o cemitério da freguesia é tão distante, que é difícil o transporte dos mortos. Então se constrói perto da estância um cemitério simples como

---

(*) Deve referir-se a Hermann Burmeister (1807-1892), naturalista alemão que viajou pelo Brasil. — N. do T.

tôda a região da coxilha. Forma-se, com estacas, uma praça quadrada, compreendendo apenas três a quatro túmulos. Algumas cruzes sem inscrição assinalam o número de mortos. Às vêzes uma gigantesca figueira espalha seus ramos sôbre o pequeno lugar tranqüilo.

Na estrada grande trotávamos muito para o oeste e certamente nos aproximamos do Rio Uruguai; mas todo o terreno se eleva de maneira tão singular que do abaulamento de cada colina do campo, no horizonte, sempre se avista outra. Por isso em parte alguma tive uma vista ampla, em parte alguma vi as águas do Uruguai. Antes continuava, monótono, o êrmo da região dos campos; espantamos de seus esconderijos muitas perdizes e seis emas.

Atingimos, afinal, o ponto culminante em direção ao Uruguai, mas ainda estávamos afastados duas milhas do rio.

Tôda a região se chama Campo de São Mateus. Na margem do distante Uruguai há um pequeno pôsto avançado, a Guarda de São Marcos, em frente das ruínas da Missão de São Tomé, situada em posição elevada.

Fiz uma pequena pausa em casa de um brasileiro de educação européia e palestrei quase uma hora com o sadio e vigoroso homem. Vi também aqui um exemplo da grande longevidade e fertilidade das famílias nesta região simples: vivia ainda a avó da dona da casa; passava de cem anos, tinha nove filhas e cinco filhos, todos ainda vivos, todos casados; aliás, algumas de suas netas já são avós e conta a velha senhora com uma descendência de 150 pessoas.

Até ao Passo do Camaquã (também chamado Icabaquã e Cabaquã), tinha eu de fazer, dali, mais umas duas pequenas milhas. Com a facilidade da orientação e da estrada, realmente boa, pouco depois alcançávamos o rio.

O Camaquã (não confundir com o rio do mesmo nome que deságua na Lagoa dos Patos) tem mais ou menos a mesma origem, o mesmo comprimento e o mesmo volume de águas do Piratinim; talvez um pouco menor. No Passo sussurra, acima, uma pequena cachoeira; corrente pròpriamente dita não se descobre.

O pequeno rio, que aqui deve ter uns 80 pés de largura, ofe-

rece um quadro singularmente tranqüilo e sombrio. Do centro de seu leito erguem-se massas basálticas negras, que se apóiam quase ininterruptamente na margem do outro lado. Ali se acham massas basálticas inteiramente semelhantes; tudo parece negro, até mesmo a água, que corre sôbre êsse fundo basáltico negro. Há, em volta do passo, a expressão completa de um vulcanismo extinto e resfriado.

Embora provisòriamente, abundava intensa vida cultural no rio. Nos riachos côr de pez algumas índias e negras lavavam sua roupa; a parte superior do corpo, desnuda, das mulheres de côr, ficava bem sôbre a massa de pedra vulcânica.

As mulheres pensavam que podíamos atravessar, mas a água vinha até à sela. Veio finalmente um índio de nove anos numa pequena canoa para levar-nos. O robusto jovem era interessante com seu chapéu de feltro, em que parecia estar todo seu orgulho, e conduzia a pequena embarcação para cá e para lá com muita calma e habilidade. Por fim montou ainda um cavalo e atravessou o rio com grande afoitamento. Com sua seriedade e fleuma de barqueiro, o homenzinho era deveras curioso!

Nisso se aproximou o fim do dia. Eu teria gostado de seguir ainda para São Borja, cujas colinas vimos ao sairmos do vau do Camaquã. Estava todavia farto de andar a cavalo na tarde anterior. Logo adiante do rio, morava um homem da Província de Minas Gerais, pessoa de educação regular, que nos acolheu com muita amabilidade e nos deu uma ceia e uma dormida tão boa quanto era de esperar ou de temer no Passo do Camaquã.

Em 8 de abril partimos de Camaquã, muito cedo, e sobretudo muito bem dispostos e alegres. Em poucas horas poderíamos alcançar São Borja e, lá, uma cidadezinha que me podia dar alguns dias de repouso ou antes de emoção, pois os últimos foram, de fato, fatigantemente ermos e solitários.

Em 9 de abril, tínhamos diante de nós, no alto de uma extensa colina, São Borja, a mais meridional das missões rio-grandenses e a única que tem significação nos tempos modernos. Passamos por um acampamento da Guarda Nacional ali estacionado e depois entramos na vila.

A pequena cidade tem ruas bem regulares, parece, todavia, muito solitária e êrma. Talvez dê certa impressão de desamparo e isolamento porque em muitos lugares, quase em tôda parte, se deixam ver os restos jesuíticos do burgo. Pedaços de parede servem de cercado para pomares e outeiros. De outros lanços de muro foram aproveitadas as melhores pedras sem as revestir, para a construção de novos edifícios. Como em São Borja muitas rochas vulcânicas serviram para edificar a antiga missão, trazidas talvez do próximo Camaquã. Êsses restos de antigos edifícios e os novos construídos com êles têm um aspecto sombrio, cinzento-anegrado.

No meio de uma grande praça vêem-se ainda os restos da igreja velha, parte da qual, de novo abobadada, é uma casa de Deus. Mas êste novo edifício parece não terminar: aberto e decadente, já semelha uma ruína, e, se não fôr reconstruído, breve se desmoronará.

Eu recebera uma carta do Presidente da Província para o Vigário de São Borja, Jean Pierre Gay, francês nato, que é sem dúvida a personalidade mais conhecida de tôda a região (*). Recebeu-me e hospedou-me muito amàvelmente e resolvi fazer uso de sua bondade por alguns dias.

São Borja do Rio Uruguai! Muita coisa ia na minha alma aqui, no último extremo da humanidade civilizada! Antes de tudo, penetravam no primeiro plano dos meus sentimentos duas personalidades, ambas muito estimadas no mundo científico: uma que fôra pessoalmente minha amiga, já falecida desde alguns anos; e outra ainda viva, em avançada idade!

Estava sentado no meu quartinho, escrevendo, quando o senhor Gay entrou e me apresentou num livro de notas um nome escrito a lápis para saber se o conhecia. O nome era Virgil von Helmreichen.

(*) Trata-se do sacerdote e professor brasileiro, francês de origem, João Pedro Gay (1815-1891). Depois de naturalizado brasileiro, dedicou-se ao ensino, no Rio de Janeiro, e mais tarde foi Vigário de São Borja e de Uruguaiana. Era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e publicou várias obras, entre as quais a *História da República do Paraguai* (1863). — N. do T.

Quando o nobre geólogo e naturalista austríaco, V. von Helmreichen, depois de sua viagem e penosíssima estada no Paraguai, tornou a pisar o território brasileiro e aqui, na margem do Uruguai, encontrou estima e benevolência, morou êle vários dias com meu hóspede, o Vigário Gay, no mesmo quarto onde me interrogavam sôbre êle e onde, igualmente, por vários dias estive residindo. De São Borja veio depois para o Rio de Janeiro, muito doente e envelhecido. Algum tempo mais tarde faleceu de debilidade, depois de ter sofrido de bexigas. Êle próprio escrevera seu nome no livro de notas do senhor Gay como recordação de sua estada naquela casa.

A outra personalidade, que celebrizou São Borja e a casa do Vigário Gay, foi Aimé Bonpland (*), o infatigável botânico e festejado companheiro de viagem de nosso célebre Alexandre von Humboldt. Quando, depois de longa prisão no Paraguai, no ano de 1823 voltou para o Brasil, viveu oito a nove anos na margem do Uruguai, ao sul da embocadura do Piratinim, perto do Passo de São Lucas. Mudou-se depois para São Borja, onde estabeleceu um pomar, que cultivou assìduamente até 1853. Dali seguiu para Corrientes, distante seis a oito léguas de Uruguaiana, onde possui uma estância, chamada Santana, que lhe ofereceu a República de Corrientes. Ainda há alguns meses atrás, o senhor Gay recebeu cartas dêle. Mas pouco depois chegou a notícia de que o ancião estava gravemente doente. Quando, então, o vigário lhe escreveu para saber de seu estado, não veio resposta alguma e durante a minha estada em São Borja havia incerteza se Aimé Bonpland ainda estaria vivo. Então tomei a peito procurar sua estância, à margem do Uruguai, a fim de poder enviar para a Europa notícias exatas sôbre o companheiro de viagem de meu nobre protetor.

Na sua última estada em São Borja o velho decano dos botânicos mandara tirar seu retrato. O senhor Gay mostrou-me um dêsses daguerreótipos. Como eu gostaria de possuir um dêles! Um amável e bondoso rosto, com profundas rugas, tranqüi-

---

(*) Aimé Goujaud, chamado Bonpland (1773-1858), naturalista francês. — N. do T.

lo, simples, de aparência modesta. Na botoeira, uma fitinha vermelha da Legião de Honra.

Estivemos em sua casa de campo e pomar. A casa tinha ainda o tecto de palha, as singelas paredes de barro sustentadas por varas de bambu. A sala, ainda conservada, media exatamente 144 pés quadrados. Em uma parede colocara Bonpland sua farmácia, pois praticava a medicina em São Borja, como médico, da maneira mais desinteressada. Ao lado, o quarto de dormir, bem como a cozinha, laboratório, etc., os quais se desmoronaram. As suas cadeiras de madeira lavrada, simples, pintadas de verde-negro com listras amarelas, estavam ainda com o Vigário, em sua residência. Eu tinha três delas no meu quarto.

Tão êrmo e vazio como a casa do célebre botânico, estava seu pomar. Elevavam-se ainda acima das ervas belas laranjeiras, pessegueiros e roseiras; em tôda parte se reconhecia ainda a mão organizadora do hábil jardineiro: todavia o conjunto parecia um cemitério sem lápide, no qual as próprias plantas estavam de luto. *Quis desiderio sit pudor aut modus tam cari capitis!*

Na casa nada mais havia, nem sequer as portas, mas só a abertura delas, de modo que em vão busquei uma lembrança. Bem perto da porta encontrei, no chão, uma guampa (*) aparelhada com simplicidade, como usam os índios e habitantes do interior para tirar água e para guardar leite: exatamente o clássico chifre, com o qual eu já tomara leite algumas vêzes. Foi essa a única vasilha que o velho deixou ficar no chão ao partir. Apanhei-a e levei-a comigo, em boa consciência, como querida e valiosa relíquia do lar de Bonpland em São Borja do Uruguai.

Fora essa recordação, nada mais ofereceu São Borja de curioso e todavia ali tudo era notável.

São Borja não fica imediatamente no Rio Uruguai, mas a uma boa meia milha geográfica de distância. O chamado Passo de São Borja no Rio Uruguai dista uma légua da vila. São Borja estende-se sôbre um outeiro comprido e largo, bastante alcanti-

---

(*) O gauchismo "guampa" — chifre preparado para servir de copo ou de vasilha para guardar líquidos — traduz bem o alemão *Trinkhorn*. — N. do T.

lado, que termina no Uruguai. Por isso sua situação sem dúvida pode ser considerada salubre, mas ao mesmo tempo êrma, solitária, ressequida. É verdade que lá estive no tempo de grande sêca. Todos os poços estavam vazios, secos todos os charcos e bebedouros de animais, tôda a água de beber, côr de cinza. Quase tôda a vila estava a ponto de emigrar para o rio a fim de pelo menos poder saciar a sêde. Algumas casas e famílias mandavam vir água do rio e tôda a roupa da cidade, para lavar, tinha de ser mandada para o Passo. Uma vasta região de coxilhas, amarela, cuja vista já desperta a sêde, é o quadro característico em cujo centro fica São Borja. De fato, muito feios são os arredores dessa antiga Missão jesuítica.

Pensa-se que os jesuítas afastaram tanto seu estabelecimento do rio para se protegerem contra as febres e inundações; pode ser exato em grande parte, mas também era certamente intento dos padres manter afastadas de qualquer contacto com o exterior suas belas riquezas temporais, para não expô-las à inveja, ao desejo de conquista, a nenhuma influência externa, e cuja perfeita fiscalização seria impossível nas proximidades de um rio.

Em baixo, na margem do rio, possuía o senhor Gay um belo terreno. Isso me deu oportunidade de, já na manhã seguinte de minha estada em São Borja, dar ali um passeio matinal.

Apenas deixamos ficar atrás o bem enfolhado laranjal, cujos grossos troncos procedem na maior parte ainda do tempo dos jesuítas, chega-se à suave ladeira do campo, cuja relva, dada a contínua falta de chuva, está inteiramente murcha. Só mais em baixo se torna a ver um pouco de verde vivo, onde pastavam os cavalos e vacas do Vigário.

Conta sua propriedade meia légua quadrada de extensão e estende-se ao longo do rio. Possui ainda, no próprio rio, uma ilha com bela mata, de quase uma légua de comprimento e menor largura. Todavia, no tempo das cheias, inunda-se completamente, o que também atinge parte da propriedade da terra firme. É curioso que enquanto a terra firme é brasileira, a ilha pertence à República de Corrientes.

Soberbamente corre o braço principal do Uruguai, entre a ilha e a terra firme, com a largura de 800 a 1.000 pés. Cobre-se a margem oposta de arbustos e matas. Demais, é a beira do rio de terra negro-cinzenta ou de grandes massas de pedra cinzenta, revestidas de uma delgada camada negra, de modo que todo o rio tem um colorido escuro, sombrio.

Reina, nêle, mortal silêncio. Ainda não surgiu um considerável desenvolvimento comercial que, pela navegação fluvial, se faça visível até São Borja, embora exista em pequena escala. Mas não dá na vista. E assim, quando pela primeira vez vi o Rio Uruguai correndo, silenciosamente, entre matas escuras e as pedras negras marginais e passei à margem oposta, pareceu-me um rio morto. Nenhuma casa na margem oposta, nenhuma vida animal em suas praias. Nenhum peixe saltou do fundo, nenhum pássaro sobrevoava as avérneas águas a oeste do Rio Grande.

Êste silêncio mortal da natureza passou também à vida humana. Embora os moradores gozem da melhor saúde, uma eterna indolência os impede de qualquer trabalho, de qualquer cultivo e na verdade é vergonhoso ver ficarem incultas, aqui, regiões que, em tamanho, equivalem a muitos principados.

Quantas desculpas se ouvem, com as quais a boa gente inconscientemente se queixa! "A terra produz tudo, mas não há quem a cultive; temos falta de braços" — essa a eterna cantiga com que se desculpa a preguiça na margem do Uruguai. Cultivar, lavrar com os próprios braços, semear, colhêr — nisso ninguém pensa. Antes privar-se de tudo e satisfazer-se com carne, leite e queijo.

De fato, na margem do Uruguai alcançam preços elevados todos os gêneros alimentícios vegetais e à pobre gente não resta mais do que comer carne duas ou três vêzes por dia. A criação de gado faz-se um tanto por si mesma, pelo menos ninguém se dá ao trabalho de melhorar as pastagens ou a raça do gado. E assim temos em São Borja relações inversas às da Alemanha. Na Alemanha lamenta-se o homem pobre, de que na semana inteira não tenha carne, tendo de viver de feijão e batatas. Nas Missões olha-se com piedade para a pobre família que tôda a semana só tem carne e não pode comprar feijão. No norte pre-

pondera numèricamente, no primeiro plano, o homem que cultiva e no sudoeste o gado e o cavalo em vez do homem.

Êsses inconvenientes, de fato extraordinàriamente incômodos, só podem ser remediados pela imigração em grande escala. Pelo menos a metade das enormes várzeas do Uruguai precisa ser revirada pelo arado e plantada por agricultores. Em nosso século é essa a missão da raça anglo-saxônica, germânica do norte. Como resumo de nossa peregrinação na Província, estudaremos essa importantíssima e vital missão.

Por faltar ainda essa população densa, em massa, no oeste do Rio Grande, parece mais impressionante ao viajor a escassa população da margem do Uruguai e êle distingue melhor seus diferentes elementos.

Quis o destino que precisamente em casa do senhor Gay e à sua mesa eu convivesse com um mostruário de diferentes nacionalidades. Já mencionei que o Sr. Gay é uma das personalidades mais conhecidas em todo o Uruguai superior, e sua casa um ponto de reunião de tôda a gente que chega e parte. Estavam, pois, à mesa do almôço, além dêle, um senhor de Montevidéu, um de Entre-Rios, uma senhora índia de Corrientes, uma missioneira (isto é, índia das Missões) e afinal ainda uma senhora de pura origem espanhola, nascida no Paraguai, de onde fôra obrigada a fugir, e ainda eu e meu "spahi", a quem três partes do mundo embranqueceram os cabelos.

Assim, por tão poucas pessoas eram falados o francês, o espanhol, o português e o guarani, sendo a última língua falada, para eu ouvir, entre a jovem senhora e a índia correntina.

Nem todos os leitores de descrições de viagens na América do Sul sabem, certamente, que existe de fato uma língua guarani. Tão espalhada era essa língua, e em parte ainda o é, que com ela sèriamente se ocuparam os espanhóis, dela imprimindo em Madri extensas gramáticas. Entre outras apareceram uma gramática e um dicionário completo guarani-espanhol no ano de 1639, além de devocionários, etc., como, por exemplo, um livro que possuía dona Carolina, a senhora do Paraguai, "Do emprêgo do dia", com texto completo em guarani.

A língua guarani ainda é falada pelo povo nas margens do Uruguai, do Paraná e do Paraguai. Está todavia decaindo à medida que os moradores daqueles rios se apóiam na cultura que lhes é trazida da Europa e talvez que 60 a 100 anos mais tarde só se encontre em vocabulários, gramáticas e missais. É flexível e perfeitamente suficiente para tôdas as relações; existem mesmo muitas poesias em guarani, algumas das quais me foram amàvelmente recitadas, sem que compreendesse palavra. *Barbarus hic ego sum,* apesar de meu diploma de doutor.

No entanto, os mais eruditos do que eu podiam sentir-se levados à mesma confissão. Tomo apenas algumas palavras ao dicionário — *Tesoro de la Lengua Guarani compuesto por el padre Antonio Ruiz, de la compañia de Jesus. Dedicado a la Soberana Virgen Maria, concebida sin Mancha de pecado original. En Madrid por Juan Sanchez* (De 1639) — o qual, depois de várias licenças eclesiásticas, assim começa com a seguinte carta à Santa Virgem: *Nulli alteri, quam tibi, Augustissima Coeli Regina, laborem hunc consecrare aut licuit aut decuit:*

Abá, homem, pessoa.

Abo aybi, homem mau.

Abati, milho.

Abati poti, inflorescência do milho.

Acang, acanga, cabeça. *Acanga pichaí,* cabeça crespa.

Ayá, pescoço, nuca. *Che ayá,* meu pescoço.

Ambotá, bigode.

Caguiyi, papa de milho, visìvelmente o português canjica (*).

Catupiri, belo, bom.

Cuña, mulher (em português, cunhada) (*).

Itá, pedra, palavra que ocorre em milhares de denominações geográficas.

Oca, casa.

(*) Apesar de sua cultura clássica e científica, Avé-Lallemant não era etimologista. As suas sugestões etimológicas são mais do que discutíveis. — N. do T.

Tupá, Deus, palavra dupla: *Tu*, exclamação admirativa, e *pa*, interrogação admirativa, designando, pois, Deus, algo de incompreensível grandeza, etc.

Mas quem conhece de cor todo o dicionário e tôda a gramática de 1639, nem por isso pode falar guarani. Quem os estudar, encontrará em seu livro uma porção de sinais, semicírculos e pontos, que formam o segrêdo particular do guarani. Ocorrem na língua sons nasais e guturais, ressonâncias palatais e estalidos com a língua, com que a gente fica pasmado. É proferida com estalidos da língua, cantada, assoviada, gemida, tossida, pigarreada, arrotada, vomitada e mais do que tudo acompanhada de trejeitos que por si sós exigiriam um estudo e uma gramática. Quando uma vez, à mesa, perguntei a dona Carolina como se pronunciava certa palavra, veio-me à lembrança, involuntàriamente, a fábula de Minerva e a flauta.

Descubro no guarani certa dificuldade chinesa e nos guaranis, não só na constituição física como também na atividade espiritual, semelhança com aquêles índios do Oriente, pelo que a denominação dos índios brasileiros de chineses do Oeste ou do Sudoeste, que já usei uma vez, se justifica mais do que parece à primeira vista.

Para mim é, pois, de grande significação que sempre tenham chamado chineses aos moradores dos rios Uruguai e Paraná e assim os continuem chamando. Sôbre êstes singulares chineses do Oeste, de cujo deperecimento como povo crepuscular ocidental já não se duvida, tenho algumas idéias que desejo amadurecer mais um pouco para, talvez, publicá-las depois. Relativamente às diferentes raças que vi no solo brasileiro, tenho de dar ao índio o nome e os atributos de homem-do-ventre, para atribuir ao negro tôdas as qualidades somáticas e sentimentais de homem-do-peito, sôbre os quais coloco depois o europeu e seus descendentes como homem-da-cabeça: divisão dos papéis que desempenham excelentemente no palco da vida. Isso não é simples figura de expressão, mas significativa verdade vital.

Pelas margens do Uruguai vagueiam ainda muitos índios, contentando-se quase todos com um traje incolor de um sóbrio europeísmo e aderem, ao menos pela forma eclesiástica, a um

cristianismo, cuja feição católica, com imagem, forma, côr, incenso e campainha, procura explicar Tupã, o grande incompreensível. Vieram em multidão para São Borja, na Semana Santa e ali devem ter cantado lindamente, canto que decerto é muito empolgante e aqui, na margem do Uruguai, deve impressionar tanto a alma quanto o brilhante canto do côro da catedral de Berlim.

Vêem-se igualmente numerosos negros em São Borja, não, porém, em proporção com a população branca, como na parte oriental do Brasil.

Entre os estrangeiros imigrados, oriundos de muitas nações, que se encontram em São Borja, naturalmente apenas em pequeno número, acham-se também uns cinco ou seis lares alemães, aliás nem tantos, porque alguns dêles são meio franceses, meio brasileiros. Materialmente, tôda a gente vai bem, mas como não invejo quem tenha de viver constantemente na solitária São Borja, não posso reputar felizes êsses alemães isolados. Provêm, na maioria, de São Leopoldo e estão desejosos de voltar para o leste da Província. Tratei de um alfaiate com um abcesso na mão que só esperava poder viajar para partir. Demais fui consultado por uma viúva, cuja filha sofria de clorose. A senhora também era de São Leopoldo. Um dia ela saíra de sua casinha na colônia, com uma criança, até à mata. Alguns bugres apareceram e um dêles, quando ela gritava por socorro, deu-lhe uma cacetada na cabeça, caindo ela sem sentidos. Quando voltou a si, os selvagens tinham desaparecido, mas a criança estava morta, ao lado dela, com a cabeça partida. Tinha a senhora três filhas adultas, de bons costumes, uma das quais moça muito bela, e parecia em sofríveis condições de fortuna: todavia nunca desejara um genro daquela terra e muito menos um estrangeiro. Os fronteiriços estrangeiros das margens do Uruguai são simplesmente terríveis; no passo do rio saberemos ainda de algumas de suas proezas.

Há, no entanto, quem, com peculiaríssima filosofia de vida, se sinta infinitamente feliz em São Borja. Entre êstes, em primeiro lugar, o próprio senhor Gay. Vive aqui há oito anos, instalou sua casa muito agradàvelmente, faz os batizados e casa-

mentos de sua paróquia que se estende até 20 milhas, clinica como homeopata, dá conselhos jurídicos aos paroquianos, ocupa-se com a correspondência de muitos dêles e realiza com grande zêlo as operações comerciais que lhe pede ou talvez exige a posse de um belo terreno com vacas, cavalos e ovelhas.

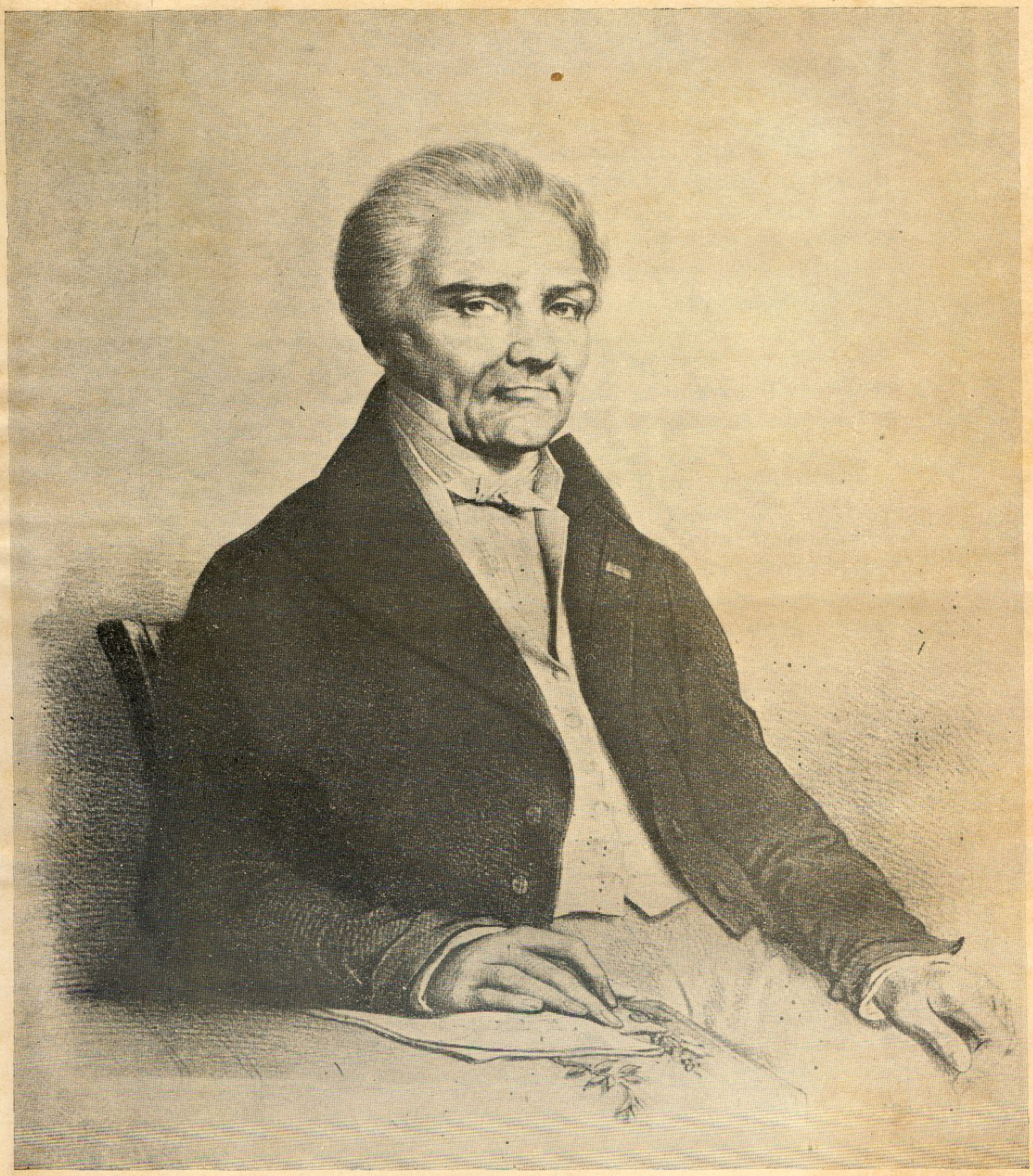
E essa atividade exterior, êsses negócios materiais são mais lucrativos em São Borja do que em muitos outros lugares da terra. Aqui o trabalho compensa o trabalhador centuplicadamente e quem, com mão diligente e vontade de trabalhar, quiser exilar-se para São Borja, chegará à abastança dentro de poucos anos.

E no entanto, advirto a todos contra essa Tomi (*) do Brasil. Saindo-se da cidade, tudo é relva: pradarias, encostas e terrenos de prado, colinas cobertas de relva. Pertinho da cidade, pululam em grande quantidade as *Mirabilis* vermelhas, o gravatá *Ananas* e altos cactos. No campo, tôdas as espécies de singenesias e também lindas labiadas e uma bela escrofularínea, cujo lábio inferior é quase tão intumescido como o de uma calceolária e encerra dois nectários. Na solitária planície há também uma iridácea amarela, alguns convólvulos e ipoméias e também, freqüentemente, aquelas magníficas apocíneas que eu vira primeiramente em São Miguel e uma graciosa tradescância de formato muito pequeno.

O solo apresenta especial interêsse nos lugares onde é calvo, deixando ver o brilho de algumas pedras.

Abaixando-nos nesses terrenos pedregosos, descobrimos infalìvelmente alguns silicatos raiados de variedade e beleza realmente admiráveis. Em algumas pedras grandes que levantei é evidente certa quadruplicidade de raias. Se, nas pederneiras do Norte, o descobrimento de formas poliposas indica uma lentíssima precipitação da sílica do líquido, então se pode admitir, sem extravagância, que êsses silicatos quadrilistrados tiveram por base uma forma de medusa.

(*) Tomi, antiga cidade romana no Mar Negro, para onde foi exilado o poeta Ovídio. — N. do T.



Aimé Bonpland. Desenho de A. Demersay, litografado por A. Devéria.
(De *Histoire du Paraguay*, Atlas. Demersay).

Duas coisas são particularmente dignas de nota nas margens do Uruguai. Em muitos lugares se encontram bancos de uma terra fina, amarela, em camadas ligeiramente foliáceas, a tabatinga, que me parece ser uma excelente substância para a fabricação de porcelana. A outra substância, que se acha na praia, é uma característica areia preta, extraordinàriamente fina e de brilho metálico; pode ser comparada a ferro ou a antimônio finamente pulverizado. A sua côr encontra-se de novo no revestimento das massas de pedra naturalmente cinzentas, em todo o colorido do rio, como já mencionei, e que chamaria Rio Negro, se já não houvesse tantos Rios Negros.

No Passo para Corrientes tem o Uruguai pelo menos 1.000 pés de largura e no entanto também aqui se divide. Um pouco ao norte tem-se a vista de todo o rio, que ali faz uma curva e forma um belo mar de água doce.

Ali no Passo também há vida própria. Uma pequena alfândega vigia os negócios fronteiriços de dia e dorme de noite. O lugarejo que se desenvolve em tôrno não é de todo insignificante. Na margem algumas canoas e dois a três navios fluviais, que desaparecem inteiramente na bela superfície do rio. Todavia o próprio comércio de São Borja poderia passar para aqui, despovoando assim, pela segunda vez, a vila missioneira.

Lá conheci um homem, que me prometeu alugar uma pequena embarcação para a viagem para Uruguaiana, 38 léguas rio abaixo. Como o senhor Gay conhecia o homem, aceitei a proposta, embora me tivessem advertido contra todos os fronteiriços, e fixei a partida para o dia 12 de abril. Os meus cavalos deviam ser-me enviados por terra. Essa viagem fluvial interessava-me vivamente; deveria oferecer-me informações novas e além disso me evitava uma viagem de grande distância, êrma e solitária, através desta região eternamente relvada.

Mas absolutamente não me posso separar de São Borja e, com ela, das Missões, sem extrair alguns dados, referentes a elas, do livro, que encontrei em São Borja, do muito erudito José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo: *Anais da Província de S. Pedro* (Rio Grande). Paris, 1839.

*

Os Sete Povos ou Missões da margem esquerda do Uruguai, situados, na maior parte, entre o Piratinim e o Ijuí Grande ou Juí, eram São Francisco de Borja, São Nicolau, São Luís de Gonzaga, São Lourenço, São Miguel, São João Batista e Santo Ângelo; o primeiro formado pelos charruas e os outros pelos tapes e guaranis. Formavam uma boa parte das célebres possessões dos jesuítas, que, no conjunto, contavam 100 léguas de comprimento e 40 léguas de largura.

Das tribos que viviam naquelas regiões, a nação mais selvagem era a dos charruas. Levado até êles pela curiosidade, lá pereceu o famoso navegador Solis, e o Governador espanhol Hernandarias de Saavedra, em duas expedições contra aqueles selvagens, perdeu sua glória militar.

Mais felizes foram os jesuítas em suas piedosas campanhas de conversão: Marcelo de Lorenzana e Francisco de S. Martim, a começar do ano de 1610, bem como os padres Simão Mazeta e José Catalino. Não devemos no entanto silenciar que nessas piedosas expedições, quando os habitantes de São Paulo caçavam os índios como animais selvagens e venderam 1.500 homens em hasta pública, os jesuítas participaram dessas piedosas capturas.

O império jesuítico, formado despercebidamente, já no ano de 1631 compreendia 20 povoações e, cem anos depois, 32 Missões com mais de 100.000 almas. Nenhum direito civil vigorava nesse singular estado teocrático; só o direito eclesiástico dos jesuítas tinha validade. Nenhum indivíduo tinha propriedade; tudo pertencia a todos, isto é, aos santos padres.

Com manejos clandestinos buscavam os jesuítas aumentar seu poder. Procuravam empregar especialmente sacerdotes estrangeiros, que não tinham respeito a Espanha e Portugal e não precisavam ter considerações com aquelas coroas. Como um príncipe, o geral dos jesuítas expedia leis e fazia-se acatar formalmente pelas províncias. Num mapa do império dos jesuítas o então geral Francisco Retz foi designado como XV na ordem numérica de sucessão dêsses príncipes da Igreja.

Em suas vastas propriedades criavam grandes rebanhos; de uma só estância vendiam 1.500 muares por ano. Produziam ademais algodão, fumo e açúcar, sendo o mate o que mais levavam

ao mercado. A sua exportação para Santa Fé e Corrientes subia a 30-40 mil arrôbas por ano, de modo que os particulares absolutamente não podiam concorrer com êles e o poder temporal teve de moderar o comércio eclesiástico. Um real alvará de 1679 ordenou aos jesuítas não venderem mais de 12.000 arrôbas de mate por ano.

Assim crescia sempre sua importância, sua riqueza: aumentava sempre, também, sua arrogância. Por um decreto de Madri, de 20 de setembro de 1649, foi-lhes concedido o direito de manterem um exército e o padre visitador André de Rada deu formalmente regulamento militar para uma fôrça armada bem ordenada. Fundiam os seus próprios canhões, tinham fábricas de pólvora e armeiros próprios e, então, não era raro ver um coronel jesuíta à frente de um exército guarani comandar a batalha para a extirpação dos charruas.

Podia assim o geral, padre Rodriguez, no ano de 1748 escrever, sem dúvida, com tôda a altivez: *Exterorum acies non timemus: nihil foris conturbare nos potest.*

Proibiam severamente quaisquer visitas de fora para "não contagiarem os inocentes costumes de seus pupilos". Chegou a coisa a tal ponto que, em 1660, o Bispo do Paraguai, D. Bernardo Cardenas, querendo visitar uma parte das Missões pertencente à sua diocese, os jesuítas absolutamente não lhe permitiram entrar e o prelado teve de retirar-se.

Quem, mesmo nas relações civis, procurasse oferecer-lhes resistência, expunha-se a perigo de vida: houve execuções infames que, pela indignação geral, provocaram revolta. Uma dessas execuções foi a causa de que a maior parte dos habitantes de Lima e de outras cidades (então as colônias sul-americanas estavam subordinadas ao Vice-reinado do Peru) usasse luto público. Por fim já não conheciam limites. Quando o poder temporal quis chamar os jesuítas à ordem, êles resistiram aos espanhóis e portuguêses com fôrça armada.

Eis por que, no princípio do ano de 1759, foram desnaturalizados e expulsos de Portugal e suas possessões pelo Marquês de Pombal. Os seus bens foram confiscados e êles próprios mandados ao Papa por mar: proscrição imitada depois na Espanha e

suas possessões por uma resolução do rei Carlos III, de 2 de abril de 1767. Depois de Benedito XIX ter promulgado a bula de 20 de dezembro de 1741, Clemente XIV aniquilou os jesuítas com a bula *Dominus ac redemptor noster* de 21 de julho de 1773, na qual enumerava o elenco de seus pecados.

Nas Missões, entretanto, continuaram os índios a viver juntos sob um administrador, de cuja posição muito se abusou, de modo que as povoações começaram a decair e ficaram na miséria.

Quando os Sete Povos passaram da Espanha para Portugal, a população deveria ser de 22.000 almas, mas, de fato, não chegava a 14.000. O recenseamento do ano de 1814, feito com bastante exatidão, dava a seguinte tabela:

Missões	*Fundada em*	*Contava Índios*	*Brancos*	*Negros livres*	*Escravos*	*Nascimentos*	*Total*
São Borja	1690	1.424	289	20	92	123	1.918
São Nicolau	1627	1.545	161	15	51	83	1.855
São Luís	1632	1.412	212	24	37	66	1.752
São Lourenço . ..	1691	434	2	—	2	27	465
São Miguel.	1632	706	111	18	44	56	935
São João	1698	554	32	—	26	33	645
Santo Ângelo	1707	320	16	—	—	15	351
Total		6.395	823	77	252	403	7.921

Desde então, apesar de muitas providências boas ou sòmente bem intencionadas, decaíram as Missões cada vez mais. Em 1824 fundou-se, sem êxito, uma colônia alemã na Missão de São João. Nada remediou o estado de decadência. Sobrevieram vários ataques, como, por exemplo, a incursão de Frutuoso Riveira que, apesar de publicada a paz, levou consigo 60.000 reses de fazendeiros brasileiros, e 20.000 das fazendas das Missões e raptou até índios, embora muitos dêstes regressassem depois.

Em 1835 estavam, pois, as Missões em mísero estado. Tinham sòmente 130 índios válidos, 38 inválidos, 32 menores, 130 mulheres válidas, 32 mulheres velhas e 27 moças menores, ao todo 377 pessoas, e possuíam cinco estâncias, nove cercados, duas inver-

nadas, oito casas de campo, 31 pastagens, 21.000 reses, 642 cavalos, 952 éguas, etc.

São Borja é o único lugar que conservou alguma importância como sede municipal, ponto de concentração da Guarda Nacional, residência do Vigário de São Borja, São Nicolau e São Luís, ao passo que as outras estão anexadas, eclesiàsticamente, a Cruz Alta.

É o que há sôbre as Sete Missões jesuíticas no Rio Grande.

*

Em 12 de abril estava eu no Passo do Uruguai em companhia do Vigário Gay e de meu "spahi". A embarcação estava pronta e as minhas coisas foram embarcadas. O pilôto da pequena chalana, um sujeito da Sicília, pediu-me um preço tão alto que fiquei realmente aborrecido. Quando nos entendemos definitivamente e eu, na alfândega, esperava a partida, veio êle com o pretexto de que só podia partir no dia seguinte, sòmente para me lograr de outra maneira, embora estivesse sempre com a sua "palavra de cavaleiro" na bôca.

Então, de relógio em punho, lhe dirigi um ultimato que expirava às 11 horas. Meio minuto depois das 11 horas, mandei retirar minhas coisas para terra. Nem a gente da alfândega, nem os outros circunstantes jamais tinham visto viajante tão pontual e tão inexorável.

De resto, a cena teve algo de peculiar. Eu sentia que estava na fronteira. Tôda a gente que estava comigo na praia me pareceu ordinaríssima corja; um genovês, um espanhol, o próprio siciliano, estampavam todos as características de audaciosos ladrões. Havia ainda outros indivíduos, que pareciam originários pelo menos de três raças; em resumo, tudo legítima canalha oriunda de Corrientes. É preciso realmente ter certa imperturbabilidade para, acompanhado apenas de um criado, embarcar com tais gaviões, tais bandidos, que sempre se conservam na fronteira, ora da Banda Oriental, ora da República Argentina, ora de Entre Rios, ora de Corrientes, para poderem defender as costas, se um dia a justiça os perseguir.

Deixando essa gente suspeita do Passo, voltei para a vila. Mandei buscar meus cavalos e de novo me aborreci.

Quando cheguei a São Borja, meu possante cavalo de sela apresentava uma pequena ferida na cernelha. Disso não cuidara meu "spahi", veterinário entendido em cavalos, mas andara todo o tempo passeando a seu bel prazer. Quando meu cavalo chegou, tinha uma bicheira nas costas e não podia prestar serviço. Assim o meu cavaleiro da Legião de Honra me rebaixara a pedestre, o que, depois de uma partida malograda poucas horas antes, dupla e triplamente me contrariava.

As rédeas e arreios precisavam também de consêrto. Na falta de seleiro "loci", era um prazer para a vila e especialmente para mim que, por causa de grave crime, estivesse na cadeia, bem perto da casa do senhor Vigário, um remendão, um gavião, de origem espanhola e mulato de raça índia. Certa ingenuidade na execução do regulamento da cadeia permitia a qualquer um e, por conseguinte a mim também, passar para êsse sapateiro, através das grades, alguns trabalhos de couro, cuja execução me prometeu para o dia seguinte, muito cedo.

Examinei na ocasião o longo salão de prisioneiros e confesso que mesmo num jardim zoológico difìcilmente teria visto mais colorida mistura de criaturas, começando com o prêto retinto do negro e terminando na pele branquíssima de um farsante francês, cujo destino o deixara só com as calças no corpo. Era músico das fôrças estacionadas em São Borja e algum tempo antes assassinara uma índia com nove facadas. As facadas, em tôdas as suas modalidades, eram a causa principal da entrada para a cadeia.

Os presos estavam, porém, bem humorados e não devo silenciar que, em sociedade reclusa, jamais vi um tom de tal maneira desembaraçado, sereno e alegre como entre aquêles cavalheiros da cadeia de São Borja.

Em 13 de abril, depois que o senhor Vigário, com alguns cavalos, remediou a dificuldade em que me achava, parti, de fato, de São Borja.

Precisamente naquela manhã tinha o sacerdote de fazer um batizado a duas milhas de São Borja, no meu caminho, e por

isso nos acompanhou. Depois de duas breves horas de viagem sôbre coxilhas, chegamos à casa isolada de um antigo médico de bordo a serviço da Inglaterra, de nome Fioravanti, que nos recebeu com tôda a lealdade de um velho.

A sua casa era a mais simples em que até agora eu visitara um colega. Mas o velho e mui prazenteiro Macáon (*) era feliz como um rei sob o tecto de palha de seu pequeno asilo, embora, tendo-se desencadeado no momento forte tempestade, caísse chuva em vários pontos através dêsse tecto. Êle próprio e a sua Baucis há muito tempo suspeitavam de que ainda batizariam um filho. Tinham preparado seu tecto apenas como um local de batizado, porém bastante notável.

Parece que os habitantes ribeirinhos do Uruguai, do lado correntino, não têm assistência eclesiástica. Ao norte do Passo de São Borja, duas milhas rio acima, situadas quase como a própria São Borja, vêem-se as ruínas da antiga Missão de São Tomé. A começar dali, como de São Borja, na margem esquerda, as regiões da margem direita foram providas com todos os benefícios da Igreja. Mas também em São Tomé cessou tudo o que de qualquer modo podia lembrar a vida eclesiástica e com isso o Estado deu permissão ao Vigário Gay de funcionar eclesiàsticamente entre os habitantes da margem direita do Uruguai. Assim, pois, para diminuir o trabalho e perda de tempo, se achavam reunidas três famílias da região correntina num ato de batismo, para cuja realização tinham marcado encontro com o sacerdote em casa do velho Fioravanti.

Chegamos muito cedo e o bom velho abreviou-nos o tempo da espera com um bom almôço campestre, terminado com um excelente café, preparado à moda oriental. O meu velho e alegre hóspede nascera nas Ilhas Jônias e, filho de mãe grega, era um apaixonado da velha Hélade e de suas antigas repúblicas, embora já há cinqüenta e um anos no Brasil, onde chegara no vapor de guerra inglês "Sea Horse".

(*) Personalidade mitológica da idade heróica grega. Era médico e conduziu em navios contingentes militares para Tróia. — N. do T.

Reconhecendo em mim não sòmente um colega, mas também um parente espiritual — que tinha ligadas ao mar suas recordações da juventude e até há pouco embalara a bordo seus sonhos de homem; que vira Fano, Corfu e a santa Leuca e conhecia Homero — o ancião de cabelos embranquecidos por mais de oitenta anos remoçou — e entusiasmou-se como um Anacreonte em pleno θέλω θέλω μανῆναι !

Outro acontecimento interrompeu minha alegria ao lado do jovial filo-heleno de cabelos brancos.

Das moitas próximas, que escondem o Uruguai, vieram os correntinos com as crianças que deviam ser batizadas.

Eram dois homens e seis senhoras. Dos primeiros, um era descendente de pais europeus, o outro um índio puro, ambos decente e modestamente vestidos. Das senhoras, apenas uma, e talvez uma segunda, era de origem européia; as outras eram mais ou menos charruas puras, nas quais assentavam muito bem os asseados vestidos de chita e os chales coloridos sôbre os ombros e a cabeça. A formação do rosto destas mulheres distinguia-se nisso das mulheres guaranis, que vi no norte, por uma coloração mais escura e uma forma mais breve; olhavam com mais audácia e liberdade do que suas compatriotas do norte.

Pouco depois, o mesmo espaço que nos servira de sala de almôço e que continha uma fábrica de farinha de mandioca, um forno e outras coisas triviais foi transformado numa capela, apenas com jogarem-se para cima das traves as rêdes, guarnecer de branco uma mesa, acender dois castiçais, colocar duas pequenas figuras de santos, pondo ao lado uma terrina e uma xícara com água. Só faltava uma coberta diante do altar improvisado. Retirei de minha bagagem uma coberta dobrada ao meio, a melhor que possuía, naturalmente, e estendi-a diante do altar.

Devotamente se apresentaram as índias e foi administrado o batismo a três crianças. Uma criancinha era de descendência européia, as outras duas índias. Já contava uma três anos de idade. Os pequenos pagãos debateram-se um tanto enèrgicamente contra o santo batismo, que começou com sal na bôca e terminou com uma xícara de água fria. Depois os pardos e os brancos ajoelharam-se com êles sôbre minha coberta para rezar si-

lenciosamente, o que não poderia ser mais emocionante e mais piedoso na basílica de São Pedro em Roma. As mulheres nos deram a mão muito sèriamente, em silêncio, e, tranqüilas como chegaram, entraram de novo nas moitas da margem do Uruguai.

Despedi-me então, do Vigário Gay e do velho jônio e segui meu caminho para o Albutuí, pequeno afluente do Uruguai, antes de cuja travessia devia pousar na estância de um senhor Rufino Rodrigues.

Dois cavalos, um dos quais com minha bagagem, seguiam na frente com um guia montado. Ia tudo muito bem, quando ao mesmo tempo os dois cavalos livres se escapuliram e o peão correu atrás dêles!

Quando o Rodensteiner (*) regressa de Schnellert e passa furiosamente por Erbach com o seu exército fantástico não pode ser pior do que os cavalos e o peão diante de mim! Iam para a esquerda e para a direita, em vales e coxilhas, em galope louco, e em pouco minha bagagem voava sôbre campos e prados. Para muitos viajantes é isso um acontecimento terrível! E no entanto pode suceder a qualquer um. Sabia-o muito bem. E como me parecia suficiente que o peão os seguisse, detive-me numa colina e observei exatamente com meu binóculo a direção dos cavalos para depois ajuntar meus pertences.

Afinal os cavalos furiosos, atados um ao outro pelo cabresto, enlearam-se numa moita e o peão os apanhou.

À cena tumultuosa seguiu-se completa tranqüilidade. O "spahi" foi comigo de colina em colina; procuramos como foi possível meus dispersos petrechos de viagem e os pusemos todos nos sacos de couro um tanto deteriorados. Alguma coisa não se achou mais, mas tivemos de renunciar a achá-las, pois tôda a cena já nos tinha tomado tempo.

Chegava, neste ínterim, um homem a galope, precisamente o senhor Rufino, para quem levava uma carta do senhor Gay.

(*) Alusão à lenda alemã de uma ruidosa procissão de espectros que se dirige de Schnellert a Rodenstein, na montanha de Odenwald, e que se ouve sempre que a guerra está prestes a irromper, mormente no Reno. Quando vem a paz o senhor de Schnellert (espírito do país) regressa a Schnellert. — N. do T.

Amàvelmente nos recomendou à sua senhora, pois necessitava seguir para São Borja, e logo nos separamos. Ameaçava tempestade.

O temporal veio e foi-se e nós, nas colinas desabrigadas, molhamo-nos totalmente. Afinal escureceu tanto, que não mais podia ver o chão debaixo de meu cavalo. Agora o peão ia através dos campos. Os raios da tempestade cruzaram de novo o espaço, mas, desta vez, sòmente para mostrar-nos uma linda casa, onde nos acolheu amabilíssima hospitalidade.

Depois dessas pequenas atribulações de viagem, sofridas durante o dia, a chegada é benéfica e agradável. Mas de fato infinitamente benéfica e agradável é ela quando se chega a tal casa, a tal família e se tem um acolhimento de que na Europa não se faz idéia. Como passei agradàvelmente as horas da noite palestrando com uma família amável e bem educada! E quando nos separamos, depois da tardia refeição, pensei no duro destino da digna dona de casa, que, vivendo embora numa casa construída e instalada à européia, em positiva superabundância, entretanto há trinta anos vive nesta solidão relvada, com uma formosa filha jovem, de boa educação, e que só conhece a cidadezinha de Alegrete como objeto máximo de sua admiração! Quanto amor e bondade, quanta cultura viva nessa família: e quão longe se acha de um grande centro de cultura, de uma grande cidade européia, mesmo do Rio de Janeiro!

Serão estas linhas lidas um dia, talvez, por uma jovem dama que se sinta infeliz por que não pode ir a Paris? Pode ser. Eu gostaria de colocá-la, apenas um segundo, na coxilha de Santana, no meio dêste enorme mar de relva, como a tão bem educada senhora, no desempenho de sua missão tem vivido dez, vinte, trinta anos e viverá para sempre: como a européia agradeceria a Deus qualquer recanto civilizado do norte, tendo em volta de si, em cadeia ininterrupta, as amáveis e modestas figuras, regiões e situações.

Uma porta de meu quarto deitava imediatamente para o ar livre. O campo verde vem até à soleira da residência, sem ser separado por uma cêrca ou sebe. Aqui já a região se torna mui-

to mais plana; rareiam as coxilhas cada vez mais; os olhos descortinam campos verdes de milhas de extensão.

Se o bosque de Luneburgo pudesse transformar-se no tapête verde de uma campina, visto de uma elevação ligeiramente ascendente, representaria, de algum modo, a Estância de Santana.

Por trás da casa, um bonito pomar de laranjeiras e pessegueiros com bem arranjada plantação de hortaliças, o que, naquela região, é uma raridade. Perto, um pequeno trecho de mata; mal se vê o limite entre a natureza e a arte, que aqui se dão as mãos.

Pertencem a Santana quatro milhas quadradas de campos verdes. Mais de 4.000 reses pastam nos amplos campos. Há ainda considerável número de cavalos para uso da casa e para a obtenção de muares. Tudo atesta abastança no meio de uma boa educação que se reconhecia até nos escravos da casa.

Quase poderia dizer: aqui era o comêço da civilização universal européia, o fim das velhas Missões jesuíticas, exatamente como a Estância de São Bernardo, a casa do senhor José Gabriel de Lima era a última sentinela com uniforme europeu que eu deixara ao penetrar no velho e decadente embrutecimento das Missões.

Por isso a visita casual à Estância de Santana e à distinta família do senhor Rufino Rodrigues dos Santos foi e ficou sendo um momento feliz na minha viagem através do Rio Grande; e possa êle refutar completamente a opinião de que nas solitárias coxilhas das margens do Uruguai não pode medrar a boa educação.

Uma fresca manhã me levou ao Albutuí ou Butuí, como se costuma chamar êsse afluente do Uruguai. Uma longa orla de moitas verdes assinala o seu curso pelos campos a dentro. O basalto negro, dentro e às margens de seu leito, fala dos violentos acontecimentos ocorridos em sua vizinhança; os fragmentos de arenito indicam processos mais tranqüilos no pequeno rio, que no tempo sêco tem apenas dois a três pés de profundidade, mas na época dos aguaceiros enche violentamente e às vêzes fica por longo tempo invadeável.

Além do rio reaparece, naturalmente, o oceano de relva verde. Nunca senti, porém, como naquele dia, a sua extensão oceânica, o poder de seu efeito na alma.

Segui para o sul, com leve inclinação para o oeste. As moitas do Albutuí e outros matos, que podiam servir de orientação, ficaram para trás; do círculo do horizonte desapareceu tudo o que pudesse ser considerado como um objeto saliente, ainda que fôsse um arbusto de quatro pés de altura, um velho tronco de árvore, uma estaca! Sem caminho, segui por uma planície, cuja relva curta e verde se estendia no horizonte para todos os lados, uma perfeita planície pampiana, um perfeito oceano de relva.

No vasto espaço verde, não havia homem, nem habitação humana em parte alguma. Mas em grande número erram, ao longe, as variegadas vacas, os alegres cavalos, as primeiras andando lentamente e pastando ou ruminando em tranqüila comodidade, os outros perseguindo-se em joviais travessuras.

De um pântano próximo saltaram sùbitamente sete belos veados. Um galheiro sacudiu altivamente a cabeça ramalhuda, como se quisesse proteger a fuga dos outros. Mas, aqui, ninguém persegue os nobres animais. Mais ligeiros que o cavalo ou a ema, de carreira mais elegante que o galgo, fugiram, correndo, os sete veados na planície verde apropriada para corridas que, fertilizada pelas tempestades recentes, ostentava rara pureza e frescura.

Êsse simples quadro campestre, em sua virginal pureza, lembra maravilhosamente o dia da criação, quando o Senhor criou os animais do campo; quão pouco corresponde isso à expectativa dos que, em viagem sul-americana, só esperam achar sangrentas histórias de onça e cenários de florestas escuras!

Algumas léguas adiante encontrei a estância de Juca Loureiro, fazendeiro da vizinhança do senhor Rufino, de Santana. Aqui os vizinhos não se podem olhar da janela, antes a visita de um ao outro é já uma pequena viagem, por mais ràpidamente que os ligeiros corcéis atravessem o campo. Algumas milhas adiante deparei uma casa, cujo dono, para ensinar-me um atalho, me mostrou no horizonte distante algumas estacas finca-

das no chão. Êstes homens do campo têm os órgãos dos sentidos extraordinàriamente agudos. Usei meu bom óculo de alcance e de fato descobri as poucas estacas, mas com dificuldade.

Depois de uma boa légua, chegamos lá e encontramos uma grande estrada carroçável que ia para Itaqui, no Rio Uruguai. Essa estrada, porém, para viajar a cavalo é um tanto longa. Para evitar um caminho curto, mas em certas circunstâncias perigoso para os carros de bois, através de longos vales, fêz-se a estrada no planalto. Enquanto, nos mapas, Itaqui fica a sudoeste do Albutuí, nós viajamos para o sul, o sudoeste, o oeste e afinal tanto para o noroeste e o norte que no comêço da última milha antes de Itaqui o sol se punha à esquerda.

Ao pôr do sol enrubescia o Uruguai em intenso vermelho-purpurino, quando descíamos para Itaqui. Com surprêsa encontrei aqui uma estalagem espanhola e, nos seus aposentos naturalmente um tanto limitados, um quarto para mim. Decerto tal hotel, mormente na fronteira do Uruguai, representa, na semi-escuridão da noite, algo de inquietante. Caras feias e barbudas falam vasconço, espanhol e provençal. Demais, um estrangeiro é sempre um estrangeiro e busca-se saber quem é e o que quer. Afinal apoderaram-se alguns franceses do meu "spahi"; e então ficaram contentes ambas as partes: os numerosos franceses de Itaqui e meu cavaleiro da Legião de Honra, que só falava francês.

O senhor Gay dera-me também algumas cartas para Itaqui. Particular alegria me causou minha visita, à noite, ao Major brasileiro I. d'Assunção e a sua gentil família, que de maneira muito amável me ofereceu sua casa e tudo o que pudesse servir para a continuação de minha viagem. Os meus cavalos, exceto um, estavam imprestáveis: por isso veio muito a propósito o auxílio do Major na obtenção de novos cavalos.

Na sala de bilhar de minha pequena hospedaria espanhola perdurou o barulho até a 1 hora da manhã, o que muito me desagradou; quase me sentia tentado a voltar à minha solidão das relvas.

Entretanto, na manhã seguinte me reconciliei completamente com a situação. Os fronteiriços eram gente inofensiva e

obsequiosa. Um francês, sobretudo, mostrou-se muito zeloso em auxiliar-me, se precisasse de sua assistência. Agradeço a sua amabilidade ter alugado uma embarcação suficientemente grande para minha viagem fluvial para Uruguaiana. Com isso me livrei do trabalho de obter cavalos ràpidamente e também de mandar para Uruguaiana meu último cavalo, que ofereci de presente.

Até à partida de minha chalana, um barco amplo, estive visitando Itaqui. O lugarejo é apenas do tamanho de São Borja e tem cêrca de 2.000 habitantes. Apresenta, no entanto, mais movimento e vida do que São Borja. Enquanto esta Missão jesuítica, embora de algum modo pareça conservar-se, acha-se em certa decadência ou, pelo menos, está estacionária desde alguns anos, Itaqui, de fundação moderna, cresce a olhos vistos e é animada por várias atividades. Antes de tudo, tem um comércio realmente ativo. Pelo menos cinqüenta lojas, grandes e pequenas, existem no lugar e parece que em tôdas se ganha dinheiro. Quase todos os produtos europeus lá se encontram e se vendem a enormes preços. Um dos principais artigos de exportação de Itaqui é o mate. Só meu amigo francês e patrono em Itaqui exporta 4.000 arrôbas por ano. Não se compreende como se consome todo o mate, que é tomado em pequenas chávenas. Vendo-se, porém, a multidão de consumidores, não se compreende de onde vem tanto mate.

Com o uso do mate estabeleceu-se em Itaqui certo castelhanismo. Quase se admite que é aqui o comêço das repúblicas espanholas.

Entre os estrangeiros, têm primazia os franceses. Contam-se setenta franceses no lugarejo; vieram na maioria do sul do Uruguai e por isso parecem ligados aos seus pontos de origem espanhola, Buenos Aires e Montevidéu.

De alemães haverá no máximo uma dúzia. Conheci vários artífices e trabalhadores; não há entre êles gente culta. Um alemão educado, um droguista chamado Selbach, foi encontrado morto em sua própria casa, em março de 1857, sem que até agora se tenha descoberto o assassino.

O pôrto de Itaqui — pois Itaqui de fato tem um pôrto no Rio Uruguai — parece muito comercial. Encontrei ali umas doze a dezesseis embarcações de diferentes tamanhos; surpreende agradàvelmente ver no pôrto de Itaqui navios de quarenta a cinqüenta toneladas, com cobertas, e bonitos iates de dois metros, capazes de, havendo água suficiente, ir até alto mar.

Minha chalana era, sem dúvida, mais modesta que êsses iates de dois mastros. Tinha, no entanto, seis pés de largura e comprimento proporcional.

O comodoro era um velho marinheiro italiano de Liorne, que há trinta anos navegava o Uruguai e parecia conhecer exatamente suas particularidades, baixios, rápidos, etc. O seu pilôto, marinheiro, cozinheiro e taifeiro em uma só pessoa era uma robusta índia de uns vinte e quatro anos de idade e de voz grunhida, muito desagradável.

Com êsses dois tripulantes e mais o meu grisalho "spahi", embarquei às 11 horas da manhã do dia 15 de abril em Itaqui e rumei nas abundantes águas do Uruguai que, em Itaqui, mediam 24 a 30 braças de profundidade, com grandiosa largura e que, mesmo por isto, quase não tem correnteza.

De fato, parecia imóvel e tranqüilo o largo rio debaixo de nós. Desaparecera há muito a pequena vida comercial de Itaqui. Muito longe, numa alta coxilha, elevavam-se as ruínas de Santa Cruz, no lado correntino; a mais meridional das Missões jesuíticas, por trás da mata da margem, na qual não se descobre vestígio de presença humana.

Nas moitas do rio, raramente, uma habitação humana, uma choça, uma roça escondida; raramente um homem pardo, uma criança seminua diante das portas dessa habitação solitária. Bastante original que nessa profunda solidão só apareçam lavadeiras, única exceção que empresta movimento ao rio no que diz respeito à vida humana, pois em parte alguma se vêem pescadores. Se nas proximidades desponta uma casa, uma choça, lá estão as lavadeiras, às vêzes uma só. Se uma estância ou um lugarejo fica distante do rio, vêm as mulheres a cavalo, às vêzes todo um rancho, e instalam-se numa tenda à margem. Por vêzes trazem consigo uma carrêta e o grupo de gente de côr

e os grandes touros formam um bonito conjunto na margem solitária do rio.

Num sítio, onde havia um dêsses ajuntamentos de lavadeiras, duas jovens índias tinham deixado sôbre a rocha negra suas roupas, inclusive as próprias camisas, atirando-se à água. Sorridentes e ofegantes nadavam as sereias pardas e o brilhante cabelo negro escondia-lhes as vigorosas nucas. Depois saltaram ràpidamente para a margem, acocoraram-se sôbre a rocha escura e torceram o cabelo negro, sem se darem ao incômodo de esconderem as jovens e robustas formas. Tôdas de boa aparência e acomodadas ao Uruguai e seu estranho ambiente.

No Uruguai também dão vida ao rio diferentes espécies de garças. Vi, particularmente, muitas aves brancas andando tranqüilamente na praia, espreitando a prêsa; mas são muito tímidas. Logo ao aproximar-se alguém, batem asas em busca de praia mais solitária. Aparece também o caracará, o circaeto brasileiro, às vêzes em grandes revoadas, enquanto por cima do rio bandos de abutres esvoaçam em círculos.

Em breve chamam também nossa atenção alguns rápidos do rio. Uma vez, sendo nosso barco de fundo chato manobrado inàbilmente, chegamos tão perto de um dêles, que paramos em terra firme, quando precisamente nos encontrávamos no meio do rio. Com a maior tranqüilidade o liornês desceu para a água, puxou o seu barco do fundo e empurrou-o para o lado, para águas mais navegáveis, nas quais prosseguimos a viagem.

O sol inclinava-se para o ocaso e brilhava vivamente na margem esquerda do rio, em cuja orla se formara uma estreita e bonita campina, coberta de centenas de capivaras; poder-se-ia jurar que era um rebanho de animais domésticos.

Apresentavam diversos tamanhos. As maiores eram como um porco doméstico de tamanho médio, mas com um "habitus" muito diverso; parecem mais uma marmota ampliada, principalmente quando se acocora, sustendo-se nas patas dianteiras. Estavam umas ao lado das outras, muito tranqüilas, quase imóveis, com a cabeça inclinada quase até ao chão, como se pastassem; denunciavam a máxima apatia e pareciam não prestar atenção a nada. A maioria delas tinha a côr cinzento-escura,

mas havia algumas completamente pretas, que precisamente pareciam ser os exemplares maiores.

Por nossa causa nenhuma delas procurou fugir para a água ou para o mato. Muitas já estavam na água quando nos aproximamos e ficaram no mesmo lugar quando passamos. Desciam algumas lentamente, outras assomavam rápidas. Não pareciam fazer movimento natatório. Por outro lado, nenhuma punha o focinho primeiro na água ao afundar, nem por último ao sair fora da água, mas entravam e saíam na sua posição natural, como se o fundo do rio fôsse a sua segunda morada.

Na verdade aquêles rebanhos de capivaras me ofereciam o aspecto mais estranho de animais selvagens que já vira, pois, com sua forma singular e peculiar vida de anfíbios, quando assim reunidos, não parecem animais selvagens, porém domésticos, sobretudo uma vara de porcos. Impressiona, porém, ao europeu ver centenas de grandes e altos roedores, de mais de três pés de comprimento, na aparência perfeitamente mansos, pastando à margem de um largo rio.

Entretanto, anoiteceu. Um magnífico céu estrelado favorecia nossa viagem, algumas coxilhas que ardiam à distância iluminavam nosso caminho. A 1 hora depois de meia-noite chegamos à embocadura do Ibicuí no Uruguai, onde nosso comandante, para não bater em algum baixio, com o escuro da noite, levou seu pequeno navio a uma ilha, a fim de esperar o amanhecer. No fundo do barco dormi tranqüilamente algumas horas.

Mas o despertar não foi pròpriamente agradável. Fiquei encharcado com o forte orvalho da noite e, no barco, não podia mudar de roupa. A índia reacendeu o fogo e pude assim aquecer-me um pouco. Clareavam ainda as estrêlas; o rio seguia lentamente seu curso; nenhuma voz humana ou de animal se ouvia.

A manhã clareou no nascente e continuamos a navegar. Sùbitamente se formou em tôrno de nós um denso nevoeiro, que ordinàriamente pousa, de manhã, sôbre todo o curso do Uruguai e já de longe denuncia aos viajantes a proximidade do rio. Durante três horas navegamos dentro da evaporação acinzentada, que nos fazia parecer o largo rio ainda mais largo.

Subiu afinal o nevoeiro e estendeu-se em nuvens sôbre o rio, originando um belo fenômeno luminoso. Podia avistar a larga corrente, para o lado do nordeste, por mais de uma milha. A extremidade superior era tão fortemente iluminada pelo sol que, por causa do reflexo, não se podia ver a superfície da água, tão brilhante quanto o céu, e nosso horizonte, no rio, parecia mais aproximado que as margens de ambos os lados. Então se deu a ilusão óptica de que as orlas das matas em ambas as margens se desprendiam gradualmente da água e da terra e se elevavam um pouco para o céu. Mais impressionante ainda, quando se aproximou do horizonte um barco que passou por nós. Mal apontou seu escuro contôrno, deformaram-se extravagantemente suas proporções. A vela parecia, pelo menos, três vêzes maior. Um homem, que então subia o mastro, parecia desformemente grosso, flutuando livremente no ar ao lado de seu real ponto de apoio. Desapareceu depois a forma da vela no brilho luminoso de reflexo e, então, se intumesceu enormemente o casco do barco; semelhava o bôjo de imenso brigue. Afinal, com o intenso brilho da luz, já não podia reconhecer, nem ver, sequer, as matas suspensas das margens. Mas o sol irrompeu plenamente através da névoa e dissipou-a. Surgiu um dia claro e descemos o rio lentamente. Uma pequena escuna, para cujas cinco velas o vento oferecia mais vantagem do que para a nossa barquinha, passou, por nós, sibilando, dando a impressão perfeita de um navio em alto mar. A vista do fenômeno marítimo na escura orla da mata era deveras encantadora.

Uma grande ilha dividia a enorme massa dágua. O nosso pilôto escolheu o braço esquerdo do rio, o mais curto, mas também mais estreito e mais raso. Rápido penetrou nêle o nosso barco; em muitos lugares podíamos ver o fundo e várias vêzes entramos em contacto com êle, encalhando. A cada vez nosso pilôto descia e, soltando uma praga em italiano, fazia a barca flutuar com um vigoroso empurrão.

O dia realmente magnífico; apesar de certa monotonia, decorria a viagem fluvial muito interessante e absolutamente não lamentava já se prolongasse por vinte e quatro horas, quando, com vento favorável, poderia ser feita em dez horas.

Um belo rio, de fato, o Uruguai e não sòmente belo como de alta importância para o desenvolvimento dos países às suas margens.

Suas nascentes principais descem das coxilhas do planalto de Santa Catarina, entre 27º e 28º de latitude meridional, apenas a dez ou quinze milhas de distância do Oceano Atlântico. Com outro nome corre dali por uns cinco graus de longitude para o noroeste e começa depois seu semi-arco e com muitas curvas para oeste e sudoeste e, a começar do Uruguai, segue quase diretamente para o sul e talvez até inclinando-se para leste, de modo que sua união com os outros grandes afluentes do Rio da Prata ocorre quase na mesma longitude em que se acha Uruguaiana.

Muito peculiares as relações entre êsse rio e o Paraná. Na latitude meridional 27½º, onde o Uruguai e o Paraná correm quase paralelamente, os dois rios aproximam-se tanto, que entre um e o outro a distância não vai além de oito a dez milhas geográficas, embora só se reúnam na latitude meridional de 33½º. Na latitude meridional de 28º há, entre os dois rios, um lago, a Lagoa de Ibéria ou dos Caracarás, de 30 a 36 milhas quadradas de extensão, a qual durante as enchentes, fica ligada a ambos os rios e permite uma limitada navegação entre êles — segundo me afirmaram pessoas fidedignas.

O volume dágua do Uruguai é muito variável. Naveguei o rio no tempo de uma sêca inauditamente prolongada, quando estava muito escasso de água. Sua profundidade é então notàvelmente desigual. Enquanto em Itaqui media 24 braças de profundidade, não se notando correnteza alguma, encontrei-o na margem, em outros lugares, com apenas alguns pés de profundidade, correndo ràpidamente, formando redemoinhos e círculos na superfície e começando a murmurar.

Um tanto ao norte de 32º de latitude meridional, onde o rio já se acha no território das antigas repúblicas espanholas, ergue-se um sólido paredão de pórfiro através do rio. Aqui fica o "salto grande" do Uruguai. No tempo da estiagem, forma-se aqui de fato uma cachoeira de cinco pés de altura (algumas pessoas me falaram de maior altura), mas do lado direito do rio deve

ser menos alta. Assim o caminho da navegação para o mar fica, naturalmente, cortado no tempo sêco. Ali se pode andar de pedra em pedra, atravessando o rio quase a pé enxuto.

Muito se tem falado das quedas de água no curso superior do Uruguai. Provou-se, por meio de uma importantíssima pequena expedição de oito canoas que até 100 léguas ao norte de São Borja não há obstáculo de monta à navegação fluvial. De Passo Fundo ao norte da Província do Rio Grande até Salto Grande, o Uruguai é utilizável, mesmo no tempo das águas baixas.

Isso é muito importante, pois exatamente as terras do alto Uruguai, os distritos das antigas Missões no Juí e ainda mais ao norte, para o lado da Província do Paraná, são suscetíveis de grandioso desenvolvimento e oferecem importante futuro para a lavoura e outras ocupações de colonos.

Por outro lado, no tempo das cheias — que se estende por mais de seis meses — desaparecem e podem desaparecer cada vez mais os empecilhos à navegação do Uruguai. Então o Salto Grande é um forte "rápido", vencido, com bom vento, até por uma embarcação a vela.

Podem efetuar-se ainda muitos melhoramentos com o fim de tornar cômoda a navegação do Uruguai. Contudo, pretendem maldosos negociantes das margens do Uruguai que, como o maior desenvolvimento comercial do rio do oeste prejudicaria o comércio do leste da Província, na Capital e na Cidade do Rio Grande, as personalidades de prestígio em Pôrto Alegre não se apressam em utilizar as valiosas energias do Uruguai, que até hoje tem sido um enteado.

Parece, porém, que uma classe de negociantes das margens do Uruguai considera inofensiva a continuação do tratamento de madrasta.

Nas repúblicas vizinhas os direitos aduaneiros são mais módicos que no Rio Grande; no entanto os diferentes países dos rios Paraná e Uruguai têm necessàriamente relações comerciais entre si. Por isso mesmo, para as províncias de Mato Grosso e Goiás foi adotada uma tarifa aduaneira especial. Nas margens do Uruguai devia-se gozar também dessas facilidades aduanei-

ras. Mas, enquanto não se pode gozar delas legalmente, pratica-se o contrabando, aliás, como parece, em grande escala.

Ao sul da Ilha Grande reúnem-se os dois braços do Uruguai e dão assim ao rio um aspecto realmente grandioso. Tem-se a impressão de ver um lago de água doce. Logo depois de meio-dia, cheguei a êsse mar interior e ao fim de minha viagem fluvial. Do lado correntino, a pequena Cidade de Restauración, em frente, oblìquamente, da Vila de Uruguaiana, na margem esquerda do rio.

Esta cidade, até agora ainda pequena, é muito notável. Quando, no ano de 1842, as perseguições políticas nos outrora Estados espanhóis do Prata se desenvolveram de modo terrível e Rosas com sôbre-humana violência tudo esmagava, fugiram daquelas regiões, através das fronteiras com o Brasil, muitos espanhóis e pessoas de tôdas as nacionalidades para aguardarem que mudassem as tristes condições dos Estados do Prata. Vivia aquela gente em tendas e barracas de todos os tipos até que do caos surgiu um lugarejo. Depois da queda de Rosas, regressaram muitos dêles; mas ficaram muitas fôrças ativas, a que se reuniram novos elementos, de modo que Uruguaiana é uma vila de pelo menos 2.000 habitantes, onde se manifesta, em todos os recantos, a mais viva atividade comercial.

Só franceses existem mais de cem no lugar, entre êles gente de muito boa educação e de irrepreensível conduta. Em Uruguaiana quase não se reconhece uma cidade brasileira, mas uma hispano-francesa que parece apoiar-se, em suas relações de vida e de comércio, mais em Buenos Aires e Montevidéu do que em Pôrto Alegre e Rio Grande.

Originalmente hispano-americano me pareceu também o desembarcadouro. O rio, com sua bela largura, é muito raso. Em muitos lugares se vê a areia amarela brilhando e um adulto só perto de Restauración tem de dar algumas braçadas para vadear o largo rio entre as duas localidades.

A margem em Uruguaiana é igualmente arenosa. No pôrto está ancorada uma pequena frota de navios e barcos e nêle se vêem interessantes espetáculos. Mestiços espanhóis de tôdas as mesclas em trajes gaúchos desajeitados, porém muito pitores-

cos — uma larga manta envolvendo-lhes, à guisa de calças, os quadris e as coxas — procuram trabalho preguiçosamente. Algumas carrêtas sobem da praia para a cidade, enquanto outro cavaleiro de roupa esvoaçante desce galopando para a margem do rio. Na água, em pedras salientes, entre enorme algazarra espanhola e desenvolta alegria, lavam roupa mulheres de tôdas as raças. Entre as mulheres meio selvagens e desenfreadas, notam-se figuras belas, cujos picantes encantos côr de nogueira causariam sensação na Europa setentrional branca côr de leite. Nelas tudo é desejo, vida buliçosa e elasticidade.

Bonitas crianças brincam ao redor das tendas e barracas ou ouvem um realejo alemão tocando uma valsa de Strauss e uma polca. Muito cômico um grupo de meninas de oito a doze anos: sôbre um lençol estendido na areia jogavam baralho com furor e paixão e tremiam positivamente ante a expectativa do resultado do jôgo, pois jogavam a dinheiro, com moedas de cobre. A paixão é tudo nessas crianças; o jôgo de cartas e o coquetismo são sua escola, sua manhã, sua tarde, todos os seus pensamentos.

A cidade pròpriamente está ainda em comêço. Já se apresenta, todavia, nova e opulenta na encosta e no alto da margem, com belas e largas ruas traçadas de acôrdo com uma boa planta.

Na casa do senhor Karl Kasten tive uma agradabilíssima surprêsa: uma perfeita casa comercial européia e um jovem perfeitamente educado à européia na pessoa do próprio senhor Kasten, cuja educação, bem cuidada e completa, excede a de muitos jovens negociantes alemães que conheci no Brasil. A todos os respeitos, examinando-se sua loja, seu quarto, sua biblioteca, descobre-se o alemão educado. Surpreendeu-me encontrar aqui Byron, Rousseau, o *Kosmos* e as *Reisen* de Humboldt, além das obras de outros excelentes beletristas e objetos de história natural. Gostei ainda mais do próprio jovem bem educado, tão zeloso nos negócios como bem informado em assuntos mineralógicos e geológicos. Parece-me também em tôda a localidade a pessoa mais estimada.

Depois de alojado em casa de nosso distinto compatriota, o dever imediato foi a pequena viagem à casa do velho "Dom Amado", nome sob o qual é conhecido em todo o Uruguai o velho Aimé Bonpland. Nisso muito me auxiliou o senhor Kasten, particular amigo do velho e célebre botânico. Como êle era bem conhecido também em Restauración, achou que o melhor era que ainda no mesmo dia procurássemos obter cavalos ali, a fim de que logo no dia seguinte pudéssemos partir para Santana, oito léguas a sudoeste de Restauración.

Logo depois de ter passado algumas horas em Uruguaiana já eu atravessava com o senhor Kasten o Uruguai e ao pôr-do-sol subíamos para Restauración.

Era uma excursão nos domínios correntinos.

Restauración é um lugarejo um tanto negligenciado que, com os seus 2.000 habitantes, se tantos, parece viver num esquisito *dolce far niente*. Todos saíram a passear, todos à porta, sorrindo e tagarelando em espanhol. Pela primeira vez em minha vida me achava numa cidade hispano-sul-americana. Dessas cidades se diz, em geral, serem as mulheres encantadoras e graciosas.

E assim me pareceram, em grau notável, ao atravessarmos Restauración. Entre as restauracionenses vi mulheres realmente encantadoras, mas de expressão horrìvelmente frívola.

Num restaurante francês encontramos correntinos muito amáveis, todos, porém, apresentando não ter profissão, nem família e traindo em suas conversas sôbre a vida, as relações de família e formas sociais, a viva marca de um moderado mormonismo. Mate, guitarra e *las niñas*, eis o triunvirato de cada republicano. Durante a ceia, de que participaram umas dez pessoas, versaram-se assuntos cuja açucarada frivolidade excedia a tudo o que se costuma ouvir nesse gênero.

Encontrei um peão, um arrieiro de Concórdia, com dois cavalos, que devia regressar no dia seguinte. Combinamos que êle me conduziria a Santana, à estância do velho Bonpland.

Só, com o desconhecido homem pardo-escuro, verdadeira figura dos pampas, sem nenhuma arma, a não ser o meu canivete, na manhã seguinte (17 de abril) montei o alto cavalo corren-

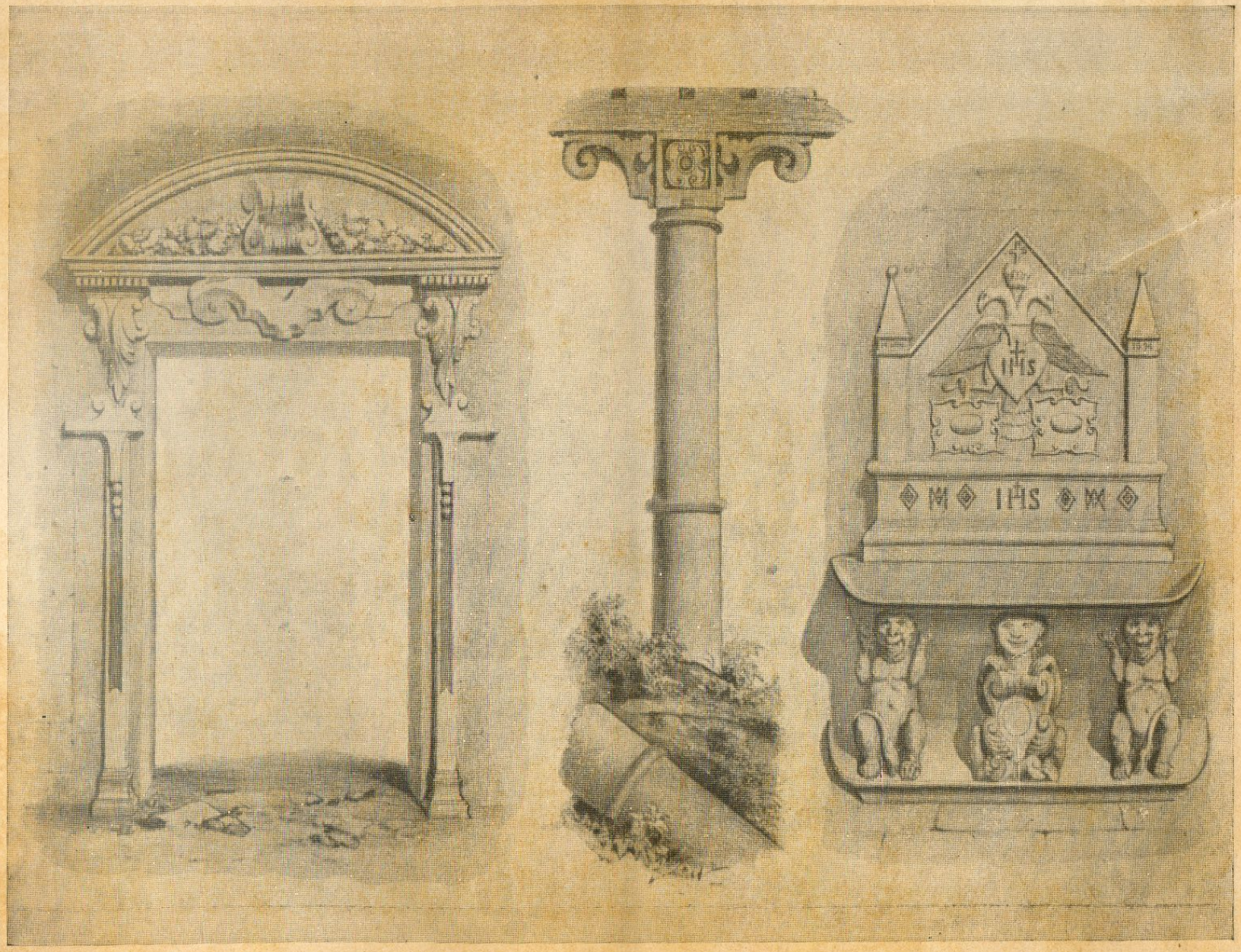
tino e, com meu pardo à frente, galopei para o oeste, para um distante palmar, que mais belo não se pode ver. Da coxilha moderadamente ascendente, sem vestígio de mato, se elevavam livres e desembaraçados, às centenas, os esbeltos troncos e inclinavam as frondes ao vento da manhã, sem que nenhuma árvore de outra família de plantas perturbasse a impressão que produzia êsse pequeno mundo de palmeiras em tôda sua pureza, poderia dizer-se, em sua forma africana.

Logo adiante dêsse *palmetum* surge uma verdadeira África. Começa um perfeito pampa. Embora em imenso espaço se mostre a planície ainda um pouco ondulada e ao longe se formem extensas coxilhas, semelha, no entanto, vista de ponto regularmente elevado, um perfeito plano levemente inclinado aqui e ali, em cujos vales se elevam matagais, geralmente mimosas, formando muitas vêzes cêrcas naturais. Fora disso nenhuma árvore.

Erva rasteira, verde, cobre o vasto campo, no qual bois e cavalos pastam tranqüilamente, os primeiros em número muito menor e os segundos em número muito maior do que no Rio Grande, sendo aqui o quadro de desenfreio, isolamento e selvajeria muito mais vivo do que na Província brasileira; porque, sem dúvida, num rebanho há mais expressões de paz, tranqüilidade e permanência, ao passo que lotes de cavalos correndo lembram condições de dispersão, guerra e destruição, como as das Repúblicas do Prata. Vi na planície verde robusta cavalhada de raça, fogosa, relinchando alto ante qualquer acontecimento estranho.

Afora os cavalos, vagueiam pela região infinita sòmente veados e corças, extraordinàriamente tímidos e velozes, cuja rápida carreira lhes empresta muita graciosidade.

A seu lado, a companheira de campo, a ema, também rápida na carreira, mas com tôda a expressão da falta de jeito e de habilidade. Comparada, na corrida, ao veado campeiro, é como o camelo do deserto diante do cavalo árabe. Certa vez saltou uma perto de nós. O meu peão, que ia na frente, perseguiu-a a todo o galope ao longo de nosso caminho e acompanhei-os também a galope, porque me divertia a figura fantástica da ave



Pormenores da arquitetura das Missões: 1. Porta lateral da Igreja de São Borja; 2. Coluna em madeira, na galeria da mesma Igreja; 3. Fonte, no Colégio de São Lourenço. Desenhos de A. Demersay, litografados por F. Sorrieu. (De *Histoire du Paraguay*, Atlas. Demersay).

correndo, o cavalo arquejando com seu gaúcho pardo, cujo poncho esfarrapado e largas calças lhe esvoaçavam atrás, bem como seu cabelo negro sob o pequeno chapéu do Chile. Tudo vida e movimento no pequeno grupo, no meio do espaço infinito. Com as bolas o correntino teria certamente derrubado a ema. Mas, desarmado, como estava, tinha de deixar fugir a prêsa. A ema torceu o caminho e perdeu-se. Prosseguimos em nosso caminho e, em passo vagaroso, tomaram alento os ofegantes cavalos.

Seguíramos em direção oriental por quatro léguas no caminho para Concórdia; encontramos apenas alguns cavaleiros e carrêtas. Uma ou outra casa de barro na planície, longe do caminho. Viagem solitária. E tornou-se ainda mais solitária. O peão afastou-se do caminho, para a esquerda. Sem rumo viajamos para sudoeste, para o sul e depois para sudeste mais quatro léguas, durante as quais raras vêzes um matagal, um terreno com mimosas, algum rebanho de gado, ou cavalos trotando interrompiam a solidão verdadeiramente terrível do mar de relva verde.

Avistamos, afinal, diante de um vergel, uma pequena granja. "Ali mora Dom Amado" — disse meu peão — e poucos minutos depois parávamos diante da casa.

Todavia a palavra casa deve ser tomada em sentido eufemístico. A morada do velho Aimé Bonpland perto de Restauración, em Corrientes, consistia em duas grandes cabanas que se encontram em ângulo reto do lado da entrada, cujas paredes de barro são sustentadas por varas de bambu e algumas traves. O tecto de palha repousava sôbre bambus.

Ao lado dessas duas grandes cabanas, uma espécie de choça, tendo no chão pedras reunidas: cozinha e fogão do célebre homem. Ao lado do conjunto, uma carrêta velha e algumas estacas para secar a carne e amarrar os cavalos.

Duas portas davam ingresso às cabanas; a luz podia penetrar de fora, em quantidade suficiente, através das portas abertas e dos muitos buracos e rachaduras nas paredes de barro. Contra a parede traseira de uma das cabanas estavam apoiados, como escoras, dois troncos de árvores; ela inclinava-se muito para trás e o tecto baixara de maneira quase assustadora.

Quando me apeei, ladraram quatro grandes cães. A princípio ninguém apareceu. Bati palmas; os cães ladraram mais alto. Uma mocinha bem constituída, de uns quinze anos, saiu da porta e perguntou modestamente, em espanhol, o que eu queria.

Entreguei-lhe uma carta que me dera o senhor Kasten. O velho dormia. Entrei na cabana que servia de sala de estar, sala de jantar e sala de visita. Uma larga tábua sôbre duas barricas servia de mesa; um banco e duas cadeiras eram os assentos; duas armações de cama sem colchão recebiam e albergavam os hóspedes. No fundo do quarto, um amontoado de arreios, couros, cebolas, etc.

Assim morava Bonpland, nosso célebre companheiro de viagem de Humboldt! Não pude abafar um fundo suspiro.

A mocinha ficou na minha frente, uma menina modesta, bem criada, que me despertou o maior interêsse (eu já sabia das condições do ancião) e disse-me que Dom Amado estava adoentado desde alguns meses e que não melhorava; no entanto, viria logo, pois continuava a andar durante todo o dia.

Afinal apareceu o velho e incansável botânico, vestido simplesmente de camisa e calças de algodão branco. Oitenta e cinco anos de vida movimentada tinham cavado sulcos profundos no amado e amável rosto do homem, cujos olhos, porém, claros e límpidos olhavam ainda em tôrno de si. Cordial e amàvelmente me recebeu êle e desculpou-se de seu pobre mobiliário, pois sua hospitalidade não pôde ir além de mandar assar carne para mim, só me podendo apresentar uma faca, um garfo e um prato de estanho.

Então, depois de ter terminado minha refeição com o auxílio do meu canivete e dos dedos, tivemos uma variada palestra sôbre botânica e política, estância e Paris, Humboldt e São Borja: como vagueavam vivos os pensamentos do velho nos espaços imensos que percorrera e no largo tempo vivido! Mas queria ainda mais espaço, e ainda mais tempo de vida esperava êle, com uma espécie de fome canina. Alguns anos mais tarde, como seria a solitária, imóvel e inanimada Santana!

Tive de contar-lhe muitas coisas, especialmente de Humboldt e da visita que lhe fiz em 12 de dezembro de 1852. Mas

êle estava exausto e pedi-lhe insistentemente que repousasse; durante êsse tempo eu iria ver seu pomar e o campo. Isso, porém, não foi fácil. O bom velho Dom Amado era teimoso e parecia quase levar a mal o meu bom conselho. Sofria muito violentamente de catarro crônico na bexiga que, pelo que me contara, parecia muito grave. Afirmou-me não sofrer de cálculos. Creio que êle não queria conversar sôbre sua doença e julgo que, cautelosamente, não queria ir além do que me dissera de passagem.

Êle voltou, pois, para a outra casa para deitar-se de novo. Visitei seu pomar, a algumas centenas de passos distantes da casa. Como em São Borja, viam-se sobretudo laranjeiras, pessegueiros e roseiras, algumas mamoneiras e figueiras e um pouco de hortaliças. Mas as abundantes ervas daninhas diziam bem que o jardineiro já não podia vigiar e trabalhar com todo o cuidado.

Em volta do pomar estendia-se o campo aberto. Vêem-se brilhando, à distância de meia milha, as moitas do Rio Uruguai; tudo o mais monótona campina de relva.

Pelos seus esforços por um museu patriótico da República, o govêrno de Corrientes ofereceu ao velho botânico um grande campo às margens do Uruguai, cujo valor é estimado em 10.000 táleres espanhóis. Todavia, para o ancião, não tem valor algum pois faltam-lhe os meios para nêle fazer criação de gado. No entanto o velho Bonpland, em cuja cabeça fervilha uma multidão de planos, teve a idéia fixa de explorar êle próprio sua vasta estância. Mas, com a idade, o estado de saúde e a relativa falta de recursos, todos os seus projetos são inexeqüíveis. Em vez de vender a terra e, com o produto da venda e uma pensão francesa de 3.000 francos, viver tranqüilamente, vive em amarga penúria com a sua riqueza e suporta tôdas as privações imagináveis para explorar pessoalmente a sua terra.

E nisso não admite conselhos, nem ajuda. Todos o estimam e respeitam, mas não quer nada de ninguém, nenhum conselho, nenhum auxílio; na sua pobreza, quase evita contacto com os semelhantes, pois poderiam dar-lhe um bom conselho ou oferecer-lhe auxílio. Na Cidade de Restauración, o govêrno corren-

tino ofereceu-lhe uma casinha, mas raramente vai lá; tôda a cidade estima o velho Dom Amado, mas êle nada quer de tôda a cidade. Em resumo, é preciso deixar o velho à vontade enquanto Deus o permitir. Quando êle estava diante de mim e o examinava com olhos de médico, não pude evitar o melancólico pensamento de que, embora naquele dia estivesse um tanto menos atacado do que ordinàriamente, dentro de alguns dias êle encerraria o curso da vida (*).

À noite, mandou-me chamar para seu rancho particular, onde estava deitado. — "Só há quatro dias arranjei uma cama em condições" — disse-me serenamente; — "antes qualquer enxergão me bastava". Continuou a fazer novas perguntas, por mais que eu, meio sorridente, lhe recomendasse repouso, pois, sèriamente não devia dar-lhe conselhos. Depois chegaram a casa algumas pessoas que tinham trabalhado no campo e também dois meninos de dez e doze anos de idade, irmãos da mocinha acima referida. Então, ao velho, que tinha de falar com êles, desejei uma boa noite e deitei-me para dormir.

Cedo, na manhã seguinte, devia eu regressar a Uruguaiana. Depois de ter passado mal a noite, Bonpland estava bastante fatigado e doente. Pus-me à sua inteira disposição em tudo em que lhe pudesse ser útil relativamente a seus trabalhos, a seus manuscritos; fiz os oferecimentos que podia fazer, cautelosamente. Aconteceu, porém, comigo como a todos os seus amigos: não necessitava de favor algum. Todavia me deu uma carta para o Dr. Pujol, Governador Geral da República, que dedeveria pôr no correio em Restauración.

Como nenhum serviço me era permitido prestar ao querido velho, despedi-me, com o coração tocado e profunda melancolia; depois, como amável recordação, escreveu o seu nome duas vêzes num pedaço de papel. De bom grado eu o teria persuadido a regressar à Europa ou ao menos a ir para o Rio de Janeiro, Montevidéu ou Buenos Aires, mas senti com êle, muito mais do que êle próprio, que seu tempo passara. Não tinha

---

(*) Assim pensava eu em 17 de abril. Em 4 de maio falecia o querido velho. — N. do A.

mais presente; pertencia à primeira metade do século dezenove, não à segunda: um melancólico monumento para todos os que na vida desejam conquistar algo de grande e glorioso na ciência e só uma coisa esquecem: é que tôda flor do espírito só tem todo o aroma e colorido quando, com mão hábil e inteligente, é entrelaçada na grinalda da civilização européia.

Pareceu-me que Bonpland estava comovido quando suas mãos murchas apertaram as minhas na despedida. Poucos dos que tiveram a felicidade de apertar as mãos do grande Alexandre von Humboldt em Berlim foram até ao Uruguai visitar o velho Bonpland. Para mim era uma necessidade interior, um dever sagrado: a Estância de Santana, na margem esquerda do Uruguai, era o ponto sudoeste de tôda a minha viagem, o objetivo de minha peregrinação. E quem sabe não fôra eu o último mensageiro da raça européia, da ciência européia, que avançara muitas milhas para, em si e em nome da ciência, levar ao velho Bonpland estima, amor e cordial amizade.

O seu grande e possante cavalo de sela correntino, sem guia, naturalmente, pois meu peão seguira seu caminho para casa, estava selado diante da porta; e, sòzinho, segui na direção do norte, através do campo verde. Nenhum caminho me guiava, nenhum companheiro me perturbava; estava só com os meus melancólicos pensamentos no acabado Bonpland.

Mas despontou a esplêndida manhã, uma fresca e clara manhã de domingo! Veados e emas corriam pelo campo e fogosos cavalos dos pampas se dispersavam quando dêles me aproximava. Infinitamente graciosa a pequena flora dominical. Abundavam sobretudo uma pequena íris amarela, uma "sisyrinchium" e uma "ixia". Três espécies de "oxalis", amarela, vermelha, e vermelho-azulada, formavam pequenos grupos na relva. Ao vento fresco, balançava-se uma pequeníssima acácia de longos estames branco-avermelhados: quase não era uma planta, pois as flores pareciam sair diretamente da terra. Viam-se também uma lantana anã, amarela, e numerosos convólvulos do mais puro azul-celeste, além de uma clitória, planta igualmente sem caule e sem pecíolo. Acrescente-se ainda uma simples papilionácea amarelo-avermelhada com pecíolo curto entre pou-

cas fôlhas compostas de um par de folíolos, em cuja simplicidade sempre encontrei a planta no Uruguai. Vi também uma pequena mimosa rastejando no solo, pequena e rasteira e por isso mesmo de aparência graciosa e modesta. Em lugar úmido ou inteiramente molhado surgiam pontederiáceas, vilárseas e grande variedade de canas.

Depois de uma viagem de quatro léguas, através da despovoada e solitária planície relvada, cheguei em boa ordem à estrada de Concórdia, na qual, com maior segurança, fiz a galope a outra metade do caminho em direção ao oeste.

Cheguei a Restauración e, à 1 hora, atravessei o Rio Uruguai para Uruguaiana, onde muito criticaram minha viagem a Santana e meu regresso, sòzinho, dali para Restauración. A propósito não me falaram nada bem dos vizinhos correntinos: de fato, apenas uma hora depois de ter eu chegado, foi ali um barqueiro assassinado à faca, à margem do rio. Em Corrientes a menor contradição provoca uma punhalada e quiseram convencer-me de que um homem, mormente um estrangeiro, é derrubado do cavalo a tiro, por causa de uma brida ou de um poncho.

Pode ser assim; a gente tem aparência bastante má. Mas querendo-se levar em conta tôdas as possibilidades do que pode ocorrer em ambas as margens do Uruguai, não se deve viajar por ali, pelo menos sem uma escolta. Contaram-me muitas histórias de assassínios.

Em todo caso agradeci a Deus que, naquela região insegura, tenha sido feliz, e preparei-me para apressar meu regresso para leste, passando por São Gabriel e, permitindo o tempo, também por Caçapava.

Entretanto, passei ainda algumas horas em companhia do senhor Kasten, por intermédio de quem travei conhecimento, ligeiramente, com alguns alemães.

A primeira família é a de um negociante alemão, senhor Fabrício, dono de importante casa de comércio e apreciável fortuna. Achava-se em viagem de negócio. Recebeu-nos, porém, sua senhora com grande amabilidade e lealdade alemã. A família procede de São Leopoldo.

A senhora já estava há oito anos em Uruguaiana e viu a localidade nascer. Segundo nos contou, o estado atual da vila é, sem dúvida, verdadeira maravilha. O lugarejo tem uma sociedade civilizada, que dá seus bailes mensais e até, para êsse fim, mandou construir uma casa muito bonita; domina, ali, um ambiente social perfeitamente europeu. E para preparar-se convenientemente para isso, encontra a sociedade luvas de pelica, vestidos de sêda do valor de 500 francos e uma multidão de artigos para senhoras, que não pode descrever a pena de um rude viajante, estão expostos nas lojas da vila. Há muito que o "ballon" aqui penetrou.

Precisamente uma filha daquela família, de quinze anos de idade, chegava ao auge como primeira beleza em Uruguaiana; bela e esbelta figura, constituída de elementos hispano-franceses, na qual falta tudo o que constitui uma natureza alemã e reúne tudo o que causa furor numa sociedade de bailes. Moravam já na localidade duas irmãs mais velhas, casadas.

Conheci também um honrado seleiro alemão, que me impressionou pela conduta decente e pela bela loja, onde estavam expostos seus excelentes artigos de couro. Difìcilmente se compreende que a boa Vila de Uruguaiana necessite de tão elegantes selas para senhoras, como vi lá!

Assim, pois, mesmo aqui no distante Uruguai se desenvolveu um elemento alemão na vida de família e na vida comercial. E segundo a confissão franca dos alemães, só o amor ao trabalho, e nada mais lhes trouxe resultados favoráveis. Só os alemães preguiçosos e vagabundos — e também observei gente assim em Uruguaiana — são logo como tais reconhecidos e como tais se afundam na má vida de outros aventureiros da França, da Espanha, da Itália e das Províncias do Prata, que fervilham nas margens do Uruguai, em ambos os lados do grande rio.

No jardim do senhor Kasten vi ainda uma coisa singular. Amarrado a uma corrente de ferro, mas ao ar livre, um belo tigre de Corrientes, ainda muito novo, embora bastante desenvolvido, brincava como um gato. Gostava de ficar deitado de costas e batia com as patas, brincando, com os paus e varas que

lhes punham diante e em seguida deixava-se agarrar com a mão. E todavia a fera brincalhona tinha em si algo de terrível quando abria a bôca da astuciosa cabeça de gato e mostrava a goela vermelha e os alvíssimos dentes. Punham-lhe água numa panela e bebia, lambendo, como os gatos. Depois de passar a língua três ou quatro vêzes na água, engolia-a de um gole.

Depois de beber, brincava como um gato, com a vasilha, querendo parti-la com os dentes. O senhor Kasten quis retirar a vasilha, mas o animal ficou zangado e irritado até que Kasten lhe aplicou uma rija pancada, com o que êle estremeceu e no mesmo momento deixou que lhe retirassem a panela das patas e dos dentes.

Destinava-se o belíssimo animal ao Jardim Zoológico de Berlim.

No meu passeio na parte alta da cidade, olhei mais uma vez, a última, para o largo Uruguai, que aqui, no lugar mais estreito, tem 600 braças de largura e faz uma larga curva, de modo que a travessia para Restauración se eleva a umas 2.000 braças, o que dá ao rio a aparência de um lago.

Despedi-me do rio como de um estimado conhecido. Muitas horas de solitário recreio e de contemplação passara eu em suas margens; mais de uma vez, de bom grado bebera suas águas e nelas me banhara. E entretanto pairava em tôda parte, no largo rio, uma aura de pesada melancolia, que só não encontrei entre as localidades de Uruguaiana e Restauración. Aqui aparecia nas margens e nas próprias águas uma vida audaz, embora um tanto desenfreada. Que ela cada vez mais se fortaleça e em todos os sentidos se nobilite!

Devo apontar um real perigo que existe no rio. De Montevidéu e de Buenos Aires sobe um elemento hispano-americano que não concorre para a felicidade do Brasil. Aqui se ouve demasiado o espanhol, observa-se demasiada influência espanhola. Vai ao ponto de, por exemplo, as cartas para a Europa e mesmo para o Rio de Janeiro serem enviadas de Uruguaiana, pelo correio, via Paisandu e Buenos Aires, e não por terra, via Rio Grande. Afirma-se que o serviço postal através de países estrangeiros

merece mais confiança do que através da própria Província brasileira. Seria muito mau, se fôsse verdade. Em Santa Maria e em São Borja notei, sem dúvida, irregularidades postais. Tudo anda devagar, horrìvelmente devagar.

Mas, em todo caso, esta margem do Uruguai é um ponto vulnerável do Brasil, em cuja segurança se deve sempre pensar. Os viajantes vêem e ouvem muitas insignificâncias, muitas bagatelas aparentes que, entretanto, formam um grupo de sintomas de um estado febril e dão razão bastante para um mau prognóstico.

QUINTO CAPÍTULO

Partida do Uruguai. — Passagem do Toropasso e do Ibiraucaí. — Alegrete. — Uma serenata alemã. — O Ibirapuitã. — Noite em Tapevi. — A invernada de Saicã. — Noite no Passo de São Simão. — Viagem a São Gabriel. — Passagem do Vacacaí Grande e viagem à Estância de Cambaí. — Caçapava. — Passo de São Lourenço. — De novo em Cachoeira. — Viagem a Taquari. — Viagem fluvial no navio "Jacuí" para Pôrto Alegre.

O CAPITÃO e Comandante da Vila de Uruguaiana, senhor Francisco Miranda Codorniz, é um homem muito honrado. Antes de minha excursão à casa do velho Dom Amado tinham-me prometido obter alguns bons cavalos correntinos, sem, porém, cumprirem a promessa; e eu teria de esperar alguns dias, talvez uma semana, se o referido honrado Capitão já de noite não me tivesse prometido três cavalos para a manhã seguinte.

Mas sua boa vontade era muito melhor do que os cavalos. Em antiguidade no serviço eram francamente os primeiros da Província e, vendo sua esbelta constituição, assaltou-me funda compaixão; censurei-me por ter requisitado os pobres diabos e vacilei em mandar selá-los. Achava, porém, meu "spahi" que, na África, êle selara piores animais. Foram, pois, selados.

Com cordial agradecimento, despedi-me do senhor Kasten e alcancei as coxilhas. Ali um vento favorável apanhou os morzelos que, muito delgados, cortavam ràpidamente o ar. Apenas nos afastamos alguns minutos de Uruguaiana, já nos encontrávamos em pleno pampa. Árvores, arbustos, pomares, plantações, habitantes, tudo desaparecera; a relva curta enchia o vasto espaço em volta de nós e repousava o céu sôbre a superfície de um mar coagulado, onde, durante horas inteiras, éramos os únicos sêres humanos visíveis. Raro se aproximava, galopando, um cavaleiro que passava por nós em silêncio; às vêzes víamos, ao longe, um peão laçando cavalos e freqüentemente nos penetrava nos ouvidos o relincho dos fogosos animais; ou ouvíamos o grito atrevido do quero-quero, em tôrno de nós, quando ousávamos afugentá-lo de seu pântano. Afora isso, tudo tranqüilo e mudo. Sibilava o vento através da planície. Algumas emas, que assustamos, completaram o quadro da solidão africana. Começou assim uma viagem de cêrca de 120 léguas, que devia fazer até Rio Pardo para dali poder regressar, de vapor, para Pôrto Alegre.

Depois de uma jornada de seis léguas, chegamos a uma estância onde, com a carta que trazia, obteria novos cavalos. Mas o dono da casa não estava na estância; e notei tamanho mau humor na dona da casa, que julguei melhor montar de novo meu matungo. E mais uma vez tiveram de marchar os cavalos do bom Codorniz.

E caminharam muito bem os mal conhecidos animais! Muito me surpreendeu quando, seguindo em trote ininterrupto, imediatamente antes do pôr-do-sol nos achamos em Toropasso, pequeno afluente do Ibicuí, a umas dez léguas de Uruguaiana.

De todos os afluentes que o Uruguai recebe na Província do Rio Grande, é, sem dúvida, o Ibicuí o mais importante. Nasce na cadeia de serras que divide a Província, bem no seu centro, numa parte oriental e outra ocidental. Seus dois braços principais correm a princípio um do norte e outro do sul; depois tomam, unidos, a direção ocidental até o Uruguai, em cujo percurso recebem ainda pequenos afluentes.

O braço principal, o do sul, chama-se Ibicuí Grande e também Rio Santa Maria; o do norte e do noroeste Ibicuí Mirim, com o Toropi, que já no princípio encontrei nas Missões. São dignos de menção os confluentes Jaguari e Itu, à direita, e o Ibirapuitã com o Inhanduí, bem como o Ibiraucaí à margem esquerda do rio.

Refiro-me especialmente ao Ibicuí, embora até hoje tenha êle representado papel pouco importante na história da navegação, porque, na sua nascente oriental, penetra muito próximo das últimas ramificações do Vacacaí Grande, perto de São Gabriel e, como parece, notam-se poucos acidentes que dificultem uma futura ligação por meio de um canal; de modo que muito fàcilmente o rio oriental da Província, a completa rêde de rios do Guaíba, pode um dia ser ligado com o Uruguai por meio do Ibicuí — ligação utilíssima ao desenvolvimento da Província, em seus distritos ocidentais.

No Toropasso, primeiro tributário encontrado no lado esquerdo do Ibicuí, alojei-me precàriamente numa venda ou antes na venda de um castelhano chamado Generoso — aqui geralmente se chama castelhano ao habitante das Repúblicas do Prata. O senhor Generoso, o castelhano, não honrava seu nome. Depois de ter-nos indicado como dormitório uma choça arruinada ao lado da venda, fechou-nos a porta, embora só fôssem 6 horas. Uma hora depois, seu caixeiro abriu-a de novo. Pedi um jantar. Por nossa causa, não queriam mais fazer fogo, mas, felizmente, obtive um pouco de pão, queijo e água, em vez de almôço e jantar. Comi de muito bom humor e comecei a conversar com o Generosíssimo. Um quarto de hora depois, era o castelhano o mais amável e cortês homem do mundo e parecia muito contrariado consigo mesmo. E não sabia como desculpar-se.

Chegou então outro cavaleiro, recebido de maneira inteiramente diversa — um rapaz com enormes esporas de prata que certamente pesariam cinco libras; tipo acabado de jovem cavaleiro castelhano de raça pura. Pela porta aberta da venda, que deitava para o interior da casa, vi-o pouco depois sentado aos pés de uma jovem tocando uma guitarra de cordas metáli-

cas, cada corda acompanhada de sua próxima oitava, o que soa muito bem. Assim tocava o apaixonado para sua Lady Percy, serenatas e mais serenatas e os olhos da castelhana cantavam canções sem palavras, sensuais canções dos olhos, como costuma cantar tôda a região da fronteira. Até alta noite continuou o dueto, que não sei como acabou, porque adormeci.

Montei-me cedo, em 21 de abril, depois de ter alimentado convenientemente os cavalos do Comandante, que trabalharam com tocante fidelidade. A região continuava inexoràvelmente a ser a mesma; julgava estar num verdadeiro mar de relva.

Cheguei à estância da viúva Martins, onde o caminho se bifurca. Meu cavalo subiu coxilha acima e depois de meia légua passei por um sepulcro branco, onde jaziam duas irmãs. Menciono êsse sinal por ser ponto de orientação importante para os que viajam de Uruguaiana para Alegrete.

Dista uma milha dali a estância dos irmãos Ribeiro, os mais estimados em tôda a região. Um dêles é deputado e ao mesmo tempo presidente da Câmara Municipal de Uruguaiana. A êste fui recomendado, mas infelizmente estava ausente. Seu capataz trocou-nos os cavalos. Com extraordinária habilidade laçou, num lote, os animais que me eram destinados. Grande e vasto é o terreno pertencente aos três irmãos Ribeiro. Nêle pastam umas nove mil reses e considerável número de cavalos e ovelhas, para cuja criação parece o local muito apropriado.

É a estância modêlo de ordem e de abastança. A residência é maciça e muito bem construída. Até uma biblioteca encontrei lá, sinal de considerável progresso em tão êrmas regiões.

De fato, verdadeiro deserto. Apenas fizemos a refeição da manhã e já estávamos de novo no solitário mar de relvas. Encontramos rebanhos de gado; emas impávidas andavam em grande número pelo caminho.

Perto do Passo do Ibiraucaí, nosso caminho passava através de um pântano coberto de moitas que formava aprazível ponto na eterna planície relvada. Logo adiante, a encosta coalhada de cristais de quartzo, muito despedaçados pelas rodas das carrêtas, que por ali trafegam. Alguns cristais apresentavam pequenas manchas vermelhas no interior, o que lhes dava

mui bela aparência. Em tôda a região se encontram bonitos silicatos, carnéolas, ágatas, etc. Um colecionador colheria ali muitas coisas úteis.

Forma o Ibiraucaí aprazível sítio. O fundo do vale por onde passa é muito frondoso, pelo menos comparativamente à região relvada, e de bom grado demorei um momento no fresco leito do rio, por pouco que corressem suas águas.

Com seu barranco assume a região outro aspecto. A planície ondula-se mais; erguem-se encostas íngremes e um princípio de montanha. Nos pequenos vales entre as eminências cobertas de relva, encontra-se água em tôda parte, apesar da demorada sêca que desde meses enlanguesce tôda a região.

Por isso mesmo, em tôrno dessas poças mais rica e seivosa cresce a relva. Limitava a campina um verde viçoso e ali vagavam numerosos rebanhos de gado mais à vontade do que em qualquer outra parte nas encostas.

O que mais me impressionou aqui foi a multidão de emas. Quase sempre as avistávamos; de uma feita, no fundo de um vale fresco, contei mais de vinte, entre vacas que pastavam. Em quanto maior número se encontram reunidas, tanto mais afoitas parecem; algumas se aproximavam tanto que poderiam ser mortas a pistola. Aparentemente, pois, bastante destemidas. Mas, começando a correr, fogem para muito longe, geralmente coxilha acima, onde, então, seu contôrno contra o céu contrasta em tamanho quase gigantesco. Cena realmente rara esta das emas trotando. É na corrida que mostram sua natureza híbrida. Cabeça oblìquamente inclinada e trotando como um cavalo, corriam e remavam de maneira peculiar com as asas rudimentares. Involuntàriamente acode a pergunta, se a ave há-de tornar-se um mamífero ou se um mamífero, no caso, quis tomar a forma da ave.

Nos campos passeavam também mictérias, muito semelhantes às nossas cegonhas, porém de constituição mais rude e de bico mais grosso. Emprestam à região aspecto solitário, pois não são amigas do homem, como a ave do norte.

Logo depois do pôr-do-sol, viajamos através das moitas marginais do pequeno Inhanduí, afluente do Ibirapuitã. Aboleta-

mo-nos, para passar a noite, numa venda da outra margem do rio, isto é, deitamo-nos sôbre nossa sela, num alpendre ao lado do casinhoto, e dormimos excelentemente.

Assim, pois, na manhã de 22 de abril, trotamos as últimas cinco léguas para Alegrete, distante vinte e cinco léguas do Uruguai. A região continuou ondulada e certamente poderia chamar-se bela, se cultivada e ocupada por aldeias, pomares e trigais.

Em pouco avistei, numa maciça elevação, a cidadezinha de Alegrete e nela penetrei às 11 horas para repousar ao fim da penosa jornada dos últimos dias.

Alegrete tem foros de verdadeira cidade. Contava a localidade 1.412 habitantes e tudo parecia novo e abastado; as sólidas casas brancas com telhados vermelhos e tudo o mais causam uma impressão decididamente aprazível, mormente para quem vem do mar de relva do Uruguai.

De longe se avista a pequena igreja com três pontas no coruchéu. Ao que parece é o único edifício notável no lugar. Nota-se, em tôda parte, vivo espírito comercial; descobre-se grande número de lojas, algumas muito amplas.

Como no lugar não há hotel, hospedei-me em casa do delegado, senhor Libinho, homem de educação e boas maneiras, com quem me entretive muito agradàvelmente.

Depois veio visitar-me o médico alemão Reggnitz, aliás sueco de nascimento, mas criado e cientìficamente educado na Alemanha, geralmente estimado, como médico, na cidadezinha e em seus arredores. Além dêle viviam na localidade uns quarenta alemães. Todos vivem bem; um dêles, aliás, é homem muito rico; mostraram-me uma pequena rua que lhe pertence. Muitos alemães residentes em Alegrete parecem provir das últimas tropas alistadas no Schleswig-Holstein. Com meu colega dei um pequeno passeio pela cidade, realmente muito bonita, embora nada tenha em si de notável.

Recebi até um convite, à noite, para uma reunião social: mas quem viaja no oeste do Rio Grande e fêz forçadamente vinte e cinco léguas a cavalo, tem prazer em achar alguns momentos de repouso. Com satisfação me desvesti, o que não fizera nas

últimas noites e deitei-me em minha asseada cama, no melhor aposento do honrado senhor Libinho; as janelas davam para o ar livre.

No entanto, não podia dormir tranqüilamente! Ouvia pessoas que indo e vindo cochichavam debaixo de minha janela. Já queria levantar-me e olhar, quando uma harpa, um violino e uma guitarra começaram a tocar um bonito trecho de música. Logo que terminou, irrompeu um bem arranjado quarteto de vozes masculinas. Claras e límpidas soavam as sonoras vozes através da noite enluarada e uma canção alemã ecoava poderosamente nos meus ouvidos e no meu coração.

Fiquei maravilhosamente surpreendido, profundamente emocionado. Uma após outra, cantavam meus queridos compatriotas as bonitas canções: "Brüder, lasset uns eins singen", "Ich weiss nicht, was soll es bedeuten", etc. Mas a canção principal foi: "Schleswig-Holstein, meerumschlungen". Depois de cada canção tocavam os instrumentos um pequeno trecho. Depois se foram silenciosamente, como vieram, sob o luar argentino.

Schleswig-Holstein! Os alemães não têm hino nacional, porque não têm pátria (*). Têm, porém, desde anos, uma dor nacional, que expressam em letra e música. Na própria Alemanha é proibido pela polícia êsse hino de dor nacional. Muitos alemães o levaram até às margens do Uruguai. Schleswig-Holstein! Singular gente, êste povo alemão! Pela sua fidelidade ao Schleswig-Holstein os expulsam da pátria. Viajam milhares de milhas, para o interior de outra parte do mundo e, lá, ainda cantam os apátridas: "Schleswig-Holstein, meerumschlungen".

Quando, depois do desastre da causa do Schleswig-Holstein (**) as últimas tropas alemãs vieram para o Brasil, ocorreram muitas desordens e insubordinações, porque nem os oficiais nem os soldados conheciam o novo elemento em que se moviam; houve muitas sentenças militares, segundo a lei militar prussia-

---

(*) O autor escrevia em 1858, antes, pois, da unificação da Alemanha (1871). — N. do T.

(**) Deve referir-se à guerra de 1848 entre a Dinamarca e a Prússia. — N. do T.

na, proferidas por gente que nunca ocupou posição militar na Prússia e em circunstâncias que nunca poderiam ocorrer na Prússia. Então, na Fortaleza da Laje, que fica no meio das águas, havia prisioneiros que se achavam em situação muito lamentável. Não sem me aconselhar e pedir licença ao Ministro da Guerra de então, o nobre Manuel Felizardo de Sousa e Melo, dirigi a Sua Majestade o Imperador uma petição em favor dos pobres homens e tive a alegria de ver a petição atendida, embora, segundo ouvi depois, alguns oficiais da tropa alemã ficassem irritados comigo.

Assim, talvez, mesmo em Alegrete, muitos naturais do Schleswig-Holstein tivessem conhecido o meu nome e tivessem vindo alegrar-me com seu canto. Isso, porém, causou profunda dor ao alemão do norte!

Com grande obsequiosidade, o senhor Libinho preparara tudo para a continuação de minha viagem e, como autoridade local, até me deu um polícia para acompanhar-me.

Saímos a trote logo ao nascer-do-sol. Realmente encantadora a vista de Alegrete para o lado de leste. Se a um pintor fôra dado antecipar a realidade por algum tempo e, nos vales a leste de Alegrete, semeados de eminências e colinas, pintasse já agora o que ali se descortina — aldeias, aqui e ali uma capela branca, numerosas casas de campo, cercadas de sombrios laranjais, e mais de um ondulante trigal — a sua paisagem se compararia, vantajosamente, a um vitorioso quadro de Claude Lorrain.

Em baixo, ao lado da colina da cidade, passa, murmurando o rápido Ibirapuitã, o qual com águas baixas, pode ser atravessado sem dificuldade e sem perigo. No vau, o límpido rio tem apenas dois pés de profundidade. Na ocasião passava uma série de carros de boi e todos, como nós, chegaram com felicidade à outra margem. Mas, na cheia, é indispensável uma embarcação e, mesmo assim, a passagem do pequeno e impetuoso rio não é isenta de perigo.

Além do rio ainda se encontram casas de campo. Mas, pouco depois, desaparece qualquer vestígio de habitação humana e a região, com sua movimentada formação do solo, que parece

tão graciosa com seu verdejante tapête de relva, é despida de qualquer cultura.

Viajamos também êsse dia sem encontrar qualquer cultura. Por tôda parte, extensa relva. Apenas uma barraca, uma estância longínqua. Passavam entretanto muitas carrêtas; indicavam ativo movimento comercial, pois sem dúvida a estrada de Alegrete a São Gabriel é uma das estradas de maior tráfego da Província; davam, porém, a êsse movimento comercial, certa expressão de acanhamento e dificuldade. Continuava sem poder acostumar-me a ver êsses gigantescos carros rangedores de duas rodas, providos de eixos giratórios, com um rebanho de bois de reserva para as mudas e um pequeno rebanho de cavalos para os cavaleiros que os acompanham. Vê-se, passando, um pequeno "êxodo".

No campo aberto, realmente insuportável o calor do outono. Tínhamos 25º R. sem nenhuma aragem. Paramos debaixo de uma árvore, perto de uma estância, e soltamos os cavalos que pouco depois pastavam livremente ao lado de outros e de sete emas.

Mandei o polícia à estância a ver se comprava alguma coisa.

A dificuldade de obter comida é realmente o lado aborrecido da viagem naquelas regiões. Raramente se encontra uma venda. Querer comprar comida numa estância é um expediente equívoco, pois aquela gente não vende nada, mas oferecem de graça; por isso é preciso pedir, o que também é muito desagradável. Fica-se muitas vêzes em situação realmente incômoda.

Pouco depois chegou o polícia de volta com um grande pedaço de carne de cinco libras de pêso, que espetou numa vara. Com ramos secos fêz meu "spahi" um pequeno fogo debaixo da árvore; as experiências da África e da América cooperaram, e das chamas saiu um magnífico assado. A vara foi fincada no chão e nos colocamos em volta de nosso almôço. Cada um cortava um pedaço à vontade, servindo a mão de prato e garfo, e a relva de guardanapo. Não posso deixar de confessar que nenhum assado europeu desbanca êste *boeuf aux champs* do Rio Grande.

Continuamos a viagem. Cada vez mais a região se transformava em serrania coberta de relva e ofereciam um aspecto peculiar aquelas colinas relvadas, por vêzes íngremes, entre as quais o caminho tinha de dar muitas voltas.

Exatamente aqui nos sobressaltou uma tempestade, que começou com uma saraivada, desenvolvendo-se, depois, numa chuva de duas horas, que em campo aberto, sem vestígios de árvore protetora, molha tão bem na América do Sul como na Europa e por isso não é preciso ser descrita. Os raios fustigavam cruelmente as colinas verdes e os trovões durante horas apenas cessavam por momentos.

Nisso escureceu. Nenhuma casa, nenhum abrigo se via. O meu polícia não era vaqueano e nós, homens e cavalos, não nos achávamos em boa disposição quando, no escuro, errávamos entre as colinas.

Então, bem perto de nós, ladrou um cão. Subimos a colina e paramos diante de uma grande casa onde morava um homem abastado, senhor Couto, apelidado de Rico. Mas, apesar de minha desagradável situação, da escuridão e de sua casa visìvelmente grande, o sujeito recusou-nos um abrigo para a noite, o que, em minha viagem, me acontecia pela primeira vez; e tivemos de prosseguir.

No entanto, pouco depois vimos uma luz. Atravessamos um riacho e chegamos a uma pequena propriedade, onde um homem amável nos levou a um quarto de hóspedes. De bom grado compartilhei o espaço com outro.

Pude vestir roupa enxuta e aqueci-me com delicioso café. O lugar chamava-se Tapevi e meu bom hóspede Antônio do Prado.

A manhã de 24 de abril prometia-nos um dia agradável e partimos. Pouco depois um grande rebanho de gado nos colocou em situação embaraçosa, pois fechava-nos a passagem pela estrada, que seguia ao longo da coxilha e tinha encostas bastante íngremes de ambos os lados. Lentamente passou diante de nós o rebanho de 550 cabeças. Doze a dezesseis cavaleiros iam na frente e atrás, galopando e gritando. O grande rebanho cheio de vida, correndo, mugindo, batendo os grandes chifres,

oferecia um bonito espetáculo, ante o qual de bom grado retardamos a nossa marcha.

Pudemos, afinal, contornar o longo cortejo e logo em seguida passamos um rápido afluente do Ibicuí, o Rio Isaicã ou Saicã, no qual havia quatro canoas, prova de que o pequeno rio é navegável e que, com o Ibicuí, forma um caminho líquido até ao Uruguai.

O Rio Saicã forma os limites ocidentais de uma grande propriedade do govêrno, na qual são mantidos mais de cinco mil cavalos para a remonta das tropas provinciais. Chama-se Invernada de Saicã e é administrada por um capitão, que mora a três léguas de distância do rio. Na margem do rio mora um alferes, que de boa vontade me forneceu cavalos para a viagem até São Gabriel, de modo que meu polícia podia regressar com seus animais para Alegrete.

Uma hora depois podia eu continuar a viagem, apesar de ter começado uma chuva com forte vento do sudoeste. Mas quanto mais marchava com o meu "spahi" para sudeste, em direção ao Passo do Rosário, no Ibicuí meridional, tanto mais violenta caía a chuva. Eu, porém, ainda esperava alcançar aquêle passo, no caminho para São Gabriel, a seis léguas de Saicã. Desta vez, entretanto, o querer não remediava. Após uma caminhada de duas léguas, descemos um vale totalmente inundado e com poucas probabilidades de passagem. Não obstante, entrei a cavalo. Mas quando a água chegou ao peito de nossos cavalos, havendo alguma correnteza na água numa largura de um oitavo de légua, então considerei perigosa minha experiência e regressei a Saicã um tanto contrariado e completamente molhado. Sob forte chuva viajáramos quatro léguas em vão.

Em casa do alferes de Saicã, encontrara um jovem negociante de Alegrete, que igualmente seguia para São Gabriel, porém por uma estrada mais ao norte. Encontrei-o ainda em Saicã. A chuva cessou e o tempo clareou. O negociante queria viajar ainda três léguas e convidou-me a acompanhá-lo. Espremi o manto e o paletó o melhor que pude e esvaziei a água das botas e então partimos realmente, seguindo sôbre colinas molhadas e vales alagados, para o Passo de São Simão no Rio de

Santa Maria ou Ibicuí do Sul. O sol se pôs e soprou um vento frio, de modo que, embora sofrendo fortes arrepios, tornei a enxugar-me um pouco.

A lua um pouco velada deitava um clarão turvo sôbre a região. Sùbitamente, em tôrno de nós, tudo parecia branco. Crer-se-ia viajar num campo de neve. Em volta, a areia pura, limpa, sem nenhuma vegetação, verdadeiro deserto africano, embora de pouca extensão. Dava-me uma impressão particularmente melancólica. Viajávamos juntos, em silêncio.

Encontramos um pequeno lago e tivemos de contorná-lo fazendo um longo arco. Pareciam extintos quaisquer vestígios de vida, qualquer vegetação. Colhera-nos inesperadamente a mais estranha solidão. Tornou-se-me quase penosa a turva noite de luar.

Chegamos enfim a uma residência, diante da qual chamejava alegre fogueira. Mais jovial ainda parecia a família que em redor dela se movia e cumprimentou meu companheiro como a um velho conhecido. Mas ainda não alcançáramos a meta. De novo viajamos sôbre a areia deserta e chegamos ao Rio Santa Maria que corria, murmurando, sôbre areia limpíssima. Ofereceu-nos, porém, passagem sem perigo e prosseguimos, silenciosamente, em nossa penosa viagem noturna.

Adiante, na mais profunda solidão, alguns edifícios. Meu companheiro bateu à porta e os moradores abriram e o receberam com uma alegria inquietante para mim. Cochicharam longamente, não sei sôbre quê.

Meu companheiro constrangeu-me a entrar e a ficar à vontade. O dono da casa não se opunha. Obedeciam-lhe, como se fôsse o próprio senhor ausente. E êle conhecia todos os pequenos detalhes da casa, até os petiscos que lá havia, como, por exemplo, sardinhas em lata e um vinho do Pôrto de qualidade especial.

E nisso moviam-se, umas para as outras, as estranhas fisionomias: um jovem mulato de rara fealdade, uma índia, um português, um cabra escuro, meio louco, com exagerada atenção e amabilidade para comigo. Na mesa e em todos os cantos, espingardas, pistolas, facas, espadas; e eu, a milhas de distân-

cia de outra morada, entre homens que nunca vira, na mais profunda solidão e, além disso, influenciado pelo tempo, pela turva claridade da lua, pela minha roupa molhada; tudo isso, confesso francamente, me causou a mais acabrunhante impressão; e acredito que, certamente, mesmo naturezas indiferentes, como eu, seriam fortemente vencidas pela situação.

Deram-nos a mim e ao meu "spahi" uma espécie de quarto em ruínas com camas bastante ordinárias. Uma porta de saída para o campo aberto, sòlidamente trancada, e uma janelinha para o mesmo lado, fechada a prego. A porta de entrada dava para os aposentos dos moradores. Sôbre a mesa estavam armas velhas e alguns objetos pertencentes a um toucador de senhora. Ajuntou-se à estranha disposição com que velava na minha cama a circunstância de que uma multidão de ratos roía em meu quarto. Quando queria dormir um pouco, assustava-me o barulho da porta, movida pelo vento. No quarto vizinho, ouvia-se um contínuo sussurro e um estranho riso.

Se quisesse acrescentar uma infinidade de pormenores para completar o quadro que me tocava, ficaria o leitor na minha situação e teria tido mêdo. Não me lembro, depois, de noite mais inquietante.

Despertaram-me sùbitamente do profundo sono, em que caíra afinal, um alto grito e gemidos de meu "spahi"; eram gemidos de um estrangulado.

Levantei-me precipitadamente da cama, mas, no escuro, nada podia distinguir. O "spahi" voltou instantâneamente a si e contou-me que, em conseqüência de nossa viagem debaixo de chuva, sofrera violento pesadelo.

Tive realmente de soltar uma gargalhada. Acendemos a luz e verificamos a hora: cinco da manhã. Parecia, pois, ter passado, felizmente, a sinistra noite do Passo de São Simão. A casa animou-se, os cavalos foram selados. Depois de ter tomado mate da mesma cuia e da mesma bomba que os moradores daquela estranha casa, apertei a mão de todos e viajamos, com o negociante de Alegrete, em trote rápido, para fazer, até à noite, as 13 léguas de distância para São Gabriel.

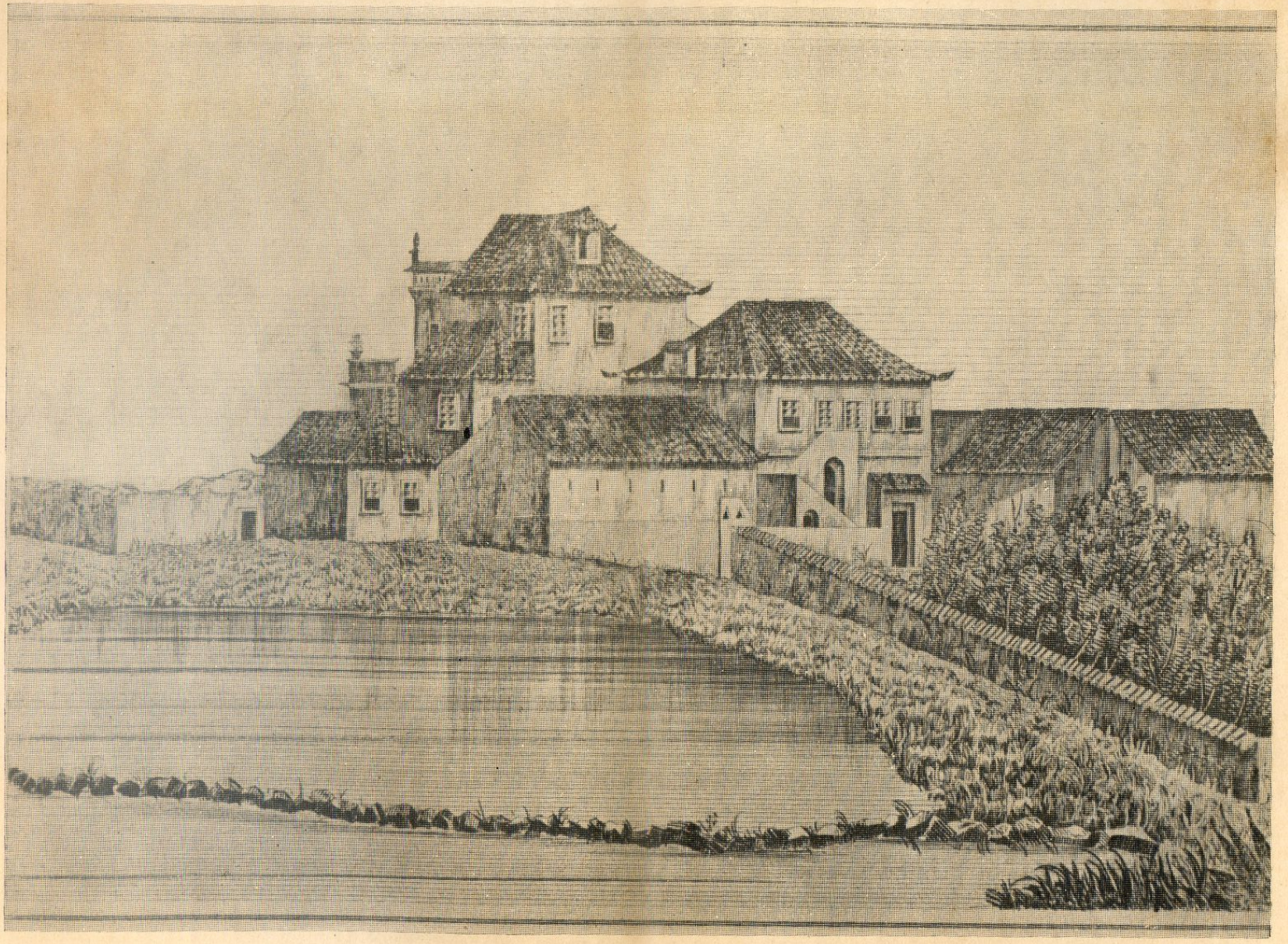
Com duas léguas de viagem encontramos a primeira casa. Seguiu-se, então, sob um céu coberto de nuvens cinzentas, uma baixada de aparência verde-escura de três léguas de extensão, sem encontrarmos casa alguma. O vento frio e cortante, soprava contra nós; na região, profunda tristeza, nenhuma flor aberta, nenhum raio de sol quebrava o profundo tom outonal.

Depois de uma jornada matinal de sete léguas, repousamos ao meio-dia na venda e residência de um romano associado com um jovem hamburguês. Ambos pessoas de boa educação; aliás o romano pareceu-me quase erudito; êle e sua pequena coleção de livros me causaram muita alegria.

Ficaram-nos ainda, para a tarde, seis léguas. Viajamos com rapidez, mas os animais ficavam cada vez mais cansados. A duas léguas de São Gabriel fui obrigado a desselar um dêles e deixá-lo correr sòzinho ou antes parar, pois não queria levar mais meu "spahi" nem um passo adiante. O nosso companheiro de Alegrete, conhecedor de tôda a região e conhecido de tôda a gente, sabia de uma casa, a meia légua dali, para onde seguiu na frente, a fim de arranjar um cavalo. Quando lá chegamos, acabavam de trazer um do pasto. Bastaria em São Gabriel desselá-lo e dar-lhe à saída da vila uma boa chicotada para que voltasse para casa — processo usado com cavalos emprestados em tôda a Província para distâncias de seis a oito léguas, sem que o animal se perca.

A região onde êsse fato se deu forma a divisão de águas antes mencionada entre o Ibicuí e o Uruguai e o Vacacaí e o Jacuí e fica, no conjunto, bastante elevada, motivo por que a ela e a suas coxilhas foi dado o nome de Serra do Batovi. Notava-se a situação elevada da região sobretudo pelo desagradável frio e umidade. Muitas vêzes a umidade transformava-se numa poeira de chuva de frio muito sensível para as orelhas e o rosto. Já anoitecia quando avistamos São Gabriel sôbre a vasta colina e já escurecera ao chegarmos à localidade.

Munido de cartas de recomendação fui ter à casa do Tenente-Coronel Correia de Faria e lá fui recebido com genuína hospitalidade rio-grandense.



Parte da antiga povoação de Pelotas, "subindo pelo caminho do Pôrto". (De *O Constitucional*).

O Tenente-Coronel era um homem de cinqüenta e tantos anos, robusto, tão bondoso quanto educado, pai de vinte filhos, dos quais treze vivos. Os oito mais velhos, do primeiro casamento, já eram todos independentes. Alguns dos filhos mais velhos dirigiam um grande negócio na vasta casa do pai, que tinha o cunho da abastança e da limpeza.

Ao mesmo tempo passei uma tarde agradável, informando-me sôbre múltiplas condições da Província, e ao contrário da terrível noite do Ibicuí, dormi em minha cama limpa até o dia clarear.

Ao despertar alegrou-me muito particularmente o pensamento de que de novo me achava no domínio das águas do Vacacaí e do Jacuí, a ligação fluvial com a parte mais civilizada da Província e com o caminho mais próximo do oceano; e, para quem percorreu o solitário distrito das Missões e a desabitada margem do Uruguai — todo o oeste da Província — êsse pensamento é sem dúvida consolador.

Devia entregar ainda diversas cartas. Destaco especialmente minha recepção pelo Major Emile Mallet, francês ao serviço do Brasil e chefe do parque de artilharia em São Gabriel. Pôs à minha disposição todos os auxílios desejáveis, cavalos e escolta militar, para a continuação da viagem, e eu tinha antes que declinar a sua amabilidade do que aceitar ou pedir qualquer coisa.

Na clara manhã de outono, São Gabriel estava muito bonita. Suas casas brancas com os telhados vermelhos brilhavam ao longe sôbre a coxilha, da qual se gozava, para todos os lados, uma extensa vista. A cidadezinha é muito animada e ativa, parece antes estar à frente do que atrás de Alegrete. Duas pequenas capelas, o grande quartel de artilharia, um pequeno teatro, um hospital em construção e uma cadeia são todos os edifícios públicos a serem mencionados.

Notàvelmente grande é aqui o número de casas comerciais. Em cada três casas uma certamente é uma loja, onde se encontram todos os artigos e utensílios. E embora São Gabriel conte 2.000 habitantes e animada vizinhança, não se compreende

como todos aquêles estabelecimentos comerciais possam existir e mesmo fazer fortuna.

Ao lado dessa intensa vida comercial, São Gabriel despertou também para certa vida social, vida de luxo, ambas bastante sinônimas, em nosso tempo, de pretensão e ostentação, mormente de parte das mulheres. Não sei se o comércio provocou o luxo ou se o luxo provocou o comércio. Tem, contudo, São Gabriel seus bailes com todo o requinte europeu — isso é certo. Também muito aprecia a música. Chamou-me a atenção ouvir piano em não sei quantos lugares. Na segunda noite de minha estada na localidade, fui convidado para um baile, mas não fiz uso da grande amabilidade. É que em casa do senhor Correia de Faria eu conhecera um advogado francês, em cuja casa passei horas agradáveis, em vez de ir ao baile: sua jovem senhora entreteve-nos tocando muito bem o piano e certamente ela estava ao nível de uma boa educação européia.

Em casa de meu amável e bem educado hóspede também encontrou o viajante uma vida agradável. Começa com a benéfica vida em comum da família em si mesma, com o respeito e amor dos filhos aos pais, de maneira que ainda não vi no Rio de Janeiro. Numerosos parentes da localidade parecem apoiar-se, em perfeita concórdia, no círculo íntimo da família. Veio à noite uma irmã do Tenente-Coronel com um grupo de crianças e filhas já adultas; vi a maneira da vida de família e grande intimidade ao lado de grande modéstia e, no entanto, alegre naturalidade. Muito a par das relações de família e, como médico, compreendendo muitas coisas talvez ràpidamente, julgo que ali também vi corretamente, o que me causou cordial alegria.

Essas notas sôbre a vida familiar de uma casa que recebeu o visitante hospitaleiramente e francamente não constituem deslealdade. O bem não deve ficar escondido e, entre tôdas as coisas boas, devem ser apontadas uma vida de família amável e cordial e a sua íntima união, pois dela e quase que exclusivamente dela se desenvolve a união com a igreja e dentro dela a correlata fôrça do indivíduo na coletividade do Estado.

Não tenho muito que dizer sôbre os habitantes alemães da localidade, onde há poucos, embora não faltem nos arredores de

São Gabriel. Entre êstes encontram-se alguns ex-soldados. Na sua maioria comportam-se bem e são trabalhadores ativos — juízo que ouvi da bôca do Tenente-Coronel e que reproduzo com prazer.

Infelizmente, por falta de tempo, não pude ir ver, a convite de meu bom hóspede, a sua propriedade rural, a algumas léguas de São Gabriel. Relativamente a ordem e asseio, tanto na criação do gado como na cultura de árvores e de hortaliças, deve ser uma fazenda modelar, superior a tôdas as demais.

Ambas as noites em São Gabriel foram extraordinàriamente frias; não tivemos mais de 8º R., que pròpriamente não é frio, mas parece muito para quem antes por dois ou três dias trotou através dos campos a 25º, onde não soprava nenhuma aragem e a relva estava bastante ressequida.

Em 27 de abril devíamos partir cedo, mas a amabilidade dos bons rio-grandenses muitas vêzes se tornou um estôrvo: primeiro é preciso almoçar. Uma coisa se pode contar como certa: tanto se facilita a recepção do estrangeiro quanto se dificulta a sua partida.

Chegaram às 9 horas os cavalos enviados pelo obsequioso Major Mallet; em vez dos três, que me eram necessários, mandou-me o honrado homem oito animais e mais um artilheiro, tido como um dos melhores tapejaras de tôda a Província. Depois do cordial apêrto de mão de despedida, às 10 horas trotei para oeste da Vila, descendo para o Vacacaí.

O rio estava com muito pouca água, apesar de navegável muitos meses no ano. Formou-se até uma emprêsa de navegação que, vendo o rio, me pareceu muito problemática. Contudo, como dissemos, o verão e o outono de 1858 foram inauditamente secos; quase todos os riachos e seus pequenos afluentes secaram.

Depois do Vacacaí o terreno de novo se elevava e minha caravana trotou vivamente através de montes e vales. Os seis animais desocupados conservaram-se reunidos sem dificuldade e parece que quanto mais animais se tem a vigiar tanto mais fácil é vigiá-los. O tempo estava magnìficamente claro e os raios do sol agora muito benfazejos, pois soprava na planície desimpedida um frio vento do sul, um pampeiro, em rajadas fortes; e, no outono, êsse vento pode trazer temperatura extraordinà-

riamente fresca. Demais, aqui a região ao sul do Vacacaí ainda subia muito, de modo que tínhamos perspectivas amplíssimas, a que decerto faltava o gracioso encanto que imprimem a uma paisagem e cultura humana, as aldeias e povoados.

E no entanto não se pode negar que a leste de São Gabriel se observa mais certo tipo de cultura do que de lá para o oeste. Encontram-se estâncias bem conservadas, vêem-se mais arbustos e aqui e ali um bocado de mata. Nota-se visìvelmente que as estradas são cuidadas; evidentemente o caminho é beneficiado e encontram-se até estradas e pontes em parte bem conservadas.

No centro de uma região ornada de matas e arbustos, assoma senhorilmente, sôbre uma colina verde, a estância do Comendador Cruz Jobim; uma grande casa branca com duas escadas laterais e bonitos edifícios anexos. Em tôda a fazenda se vê ordem e riqueza.

Infelizmente estava ausente por alguns dias o dono da estância, irmão do Senador Jobim, decano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Muito amàvelmente me recebeu, a mim e a minha caravana, um parente da casa e me pediu que, como conhecido de vários parentes da família, eu adiasse a continuação da viagem até o dia seguinte.

Acedi de boa vontade e examinei a estância — pequena parte da propriedade do Comendador Jobim — cujas terras se estendem a doze léguas quadradas e só em gado possui cêrca de vinte mil cabeças.

Antes de tudo olhei com prazer, do alto da escada da casa, a região até longe, onde a vista descobria, nas últimas elevações, rebanhos de cavalos e de bois e, nas proximidades, pequenos grupos de ovelhas. Sem dúvida a Estância de Cambaí é uma das mais belas de todo o país e, pela situação, talvez a mais bela. Como tal se tornou conhecida e já alcançou uma significação clássica. Em sua viagem para São Gabriel morou o Imperador aqui. O Bispo também e o Governador da Província, quando andam em inspeção, fazem de Cambaí um ponto de repouso. Parece até que quase nenhum viajante passa nesta re-

gião sem visitar o Comendador Jobim e mesmo sem pernoitar ali.

Decerto que não se pode encontrar melhor hotel do que a casa de Cambaí, mas é preciso uma incansável hospitalidade para acolher essa quase ininterrupta fila de aves de arribação. Talvez os moradores de Cambaí se sintam recompensados pelo sentimento da mais completa gratidão com que no dia seguinte se retiram os hóspedes, lembrando-se, talvez, por muito tempo da amável acolhida e hospedagem.

Ao lado da casa, uma bem arranjada plantação de laranjeiras e pessegueiros de considerável extensão, com algum mato, decerto, mas fàcilmente se pode melhorar. Logo adiante da porta estende-se o campo verde, que desce depois à esquerda para um terreno coberto de mato.

Ali ocorre notàvelmente um quartzo branco muito puro e uma admirável terra argilosa, coisas em cujo emprêgo técnico, pelo momento, ninguém pensa. Só uma coisa falta na casa de Cambaí: um aparelho de aquecimento. Fazia à noite muito frio e o magnífico jantar e o café quente só momentâneamente me aqueciam. Muito cedo fui para a cama e pus ainda o meu poncho sôbre a coberta protetora.

A lua cheia ainda clareava o céu quando mandei tomar providências para a partida na manhã seguinte. Apenas rompia a aurora no oriente. Tôda a natureza dormia ainda, tudo completamente tranqüilo. Só alguns bandos de abutres voavam no alto; o sibilante bater de suas asas era só o que se ouvia.

Como a orla do imóvel oceano, estendia-se a coxilha no horizonte distante. A escuridão recortava a sua côr contra as chamas da luz no céu matutino. Depois, como se saísse do mar, subiu o sol com os seus claros raios e o quadro tranqüilo da primeira manhã cedeu o lugar ao animado dia.

Então parti a trote do belo Cambaí. Manhã admirável, genuína e pura manhã nórdica de outubro, tão clara, tão fria, que tornava infinitamente agradável o crescente calor do sol.

Logo depois da partida de Cambaí nos encontramos numa paisagem inteiramente diversa das anteriores. Levantava-se em tôrno de nós uma verdadeira montanha, serras altas, mesmo

alcantiladas, cobertas de relva, que entre si formavam múltiplos desfiladeiros e vales. Particularmente encantador um largo vale, em que surgia, pitorescamente bela, uma grandiosa estância. Tôda a região me lembrou vivamente uma paisagem de Iena. Certamente à região do vale brasileiro falta aquêle infinito encanto que só o cultivo pode produzir. Quando viajávamos através do vale e imaginava ali um vinhedo, aqui uma aldeia, lá nas alturas um pequeno castelo e em tôda parte a abençoada cultura do solo, então, em espírito, realmente nada via mais gracioso do que o fundo do vale da Serra do Cambaí.

Enquanto, nos vales, era agradàvelmente cálido, soprava, do alto, um vento frio e cortante. O outono parecia ter afugentado tôdas as flores, menos as variedades amarelas, brancas e vermelhas de *oxalis*. Estas, àvidamente voltadas para o sol, floresceem em enorme quantidade; algumas encostas estavam completamente cobertas com elas, dando-lhes um colorido que de longe já se avistava. Em depressões protegidas encontrei alguns grupos de buritis às margens de riachos.

Do alto gozávamos imponentes panoramas; podíamos divisar a Serra de Santa Maria da Bôca do Monte, distante de nós pelo menos doze léguas. Quando chegamos a um alto, para ligeiro repouso ao meio-dia, mostrou-me meu artilheiro, à distância de seis léguas, Caçapava, alta como um ninho de águia, estendida na serrania; com meu óculo de alcance distingui exatamente as casas brancas da curiosa cidade serrana.

Pouco depois disse meu artilheiro que, se eu não temesse uma jornada íngreme, poderia levar-me por um bom atalho para Caçapava. Concordei e seguimos o meu prêto, a quem fàcilmente seguiram os outros animais. Subimos veredas realmente a pique e também coxilhas, de onde mais de uma vez avistamos profundos vales. Afinal o caminho, se assim se pode chamar uma vereda de animais apenas visível, desceu uns 800 pés, de maneira tão íngreme, vale abaixo, que tivemos de apear-nos e os animais antes escorregavam que andavam. Atravessamos em seguida um pequeno rio e paramos diante de uma casinha de barro, onde nosso artilheiro aconselhou-nos a pousar, embora

só fôssem 3 horas. Não lhe parecia aconselhável o percurso de três léguas até Caçapava por causa da aspereza da região.

Recebeu-nos amàvelmente uma senhora com uma menina de sete anos e cedeu-me uma peça de sua pequena habitação, apesar de estar ausente seu marido. Naturalmente aqui era tudo muito diverso da casa do Comendador Jobim, em Cambaí, mas aboletei-me, agradecido, no pequeno espaço que reparti com meus dois companheiros.

Quão solitário e quão maravilhosamente belo o vale cercado de alcantiladas serras cobertas de relva! Sentei-me ainda uma hora sob o tecto de palha da casinha, que se estendia em varanda baixa. Dourado, com luz excepcionalmente viva, brilhava o sol diante de mim sôbre as grandiosas elevações relvadas de outro lado do fundo do vale. Calculava-as em pelo menos 1.500 pés de altura. Nas íngremes encostas ainda pastavam vacas e do alto desciam, relinchando, fogosos cavalos. Os melhores prados dos altos Alpes não ofereciam um quadro mais bonito, mais próspero. Só em poucos lugares apareciam paredes isoladas de pedra de cantaria inteiramente calvas, de aspecto sombrio.

Estendiam-se depois as sombras projetadas sôbre o vale e o sol passava seu govêrno à lua cheia, que surgiu por trás das magníficas colinas, trazendo uma noite indescritìvelmente majestosa. Na verdade, se a natureza não fôsse tão bela em tôda parte, chamaria aquêle mundo silencioso o mais belo recanto, apesar de sua insignificante singeleza.

Tôda a natureza parece, às vezes, cantar. Assim foi na manhã de 29 de abril: os vales exalavam vapôres, os píncaros inflamavam-se. Um vento frio e cortante impelia trapos de nuvens coloridas em tôrno dos picos da serra, diante de nós. Sôbre a relva uma cintilação branca, como se houvesse geado, e o sol que descia tinha dificuldade em despertar a terra meio enregelada.

Cortamos o vale oblìquamente e subimos uma ladeira. Numa encosta, a uns oitocentos pés de altura, tornamos a olhar para nosso pequeno abrigo noturno lá em baixo. Depois vieram nuvens, que nos envolveram até que o sol tornou o dia completa-

mente claro. Bela manhã, perfeitamente límpida. Em cima, em campinas distantes, pastavam bois e cavalos. Milhares, senão milhões de flores de *oxalis* sorviam os reconfortantes raios do sol e, entre elas, íris amarelas, lindíssimas sálvias azuis e mesmo pequenas melastomáceas — uma primavera alpina florescia nas cordilheiras outonais de Caçapava.

A uns mil pés abaixo de nós, outro largo vale. Tão empinada me pareceu a ladeira que por meia hora conduzi o cavalo pela rédea, porque, na sela, sentia vertigens. Em baixo, no sopé da cadeia de montes, vivia um velho português com a família no centro de uma bela plantação, onde tivemos de deixar os cavalos repousar um pouco; a breve viagem na serra fôra um tanto dura para os animais da planície.

Os bons camponeses rio-grandenses, quando lhes chega um viajante, não o deixam sair sem o obsequiarem, mesmo quando só têm insignificâncias a oferecer-lhe. A boa senhora da casinha de barro trouxe queijo e leite, enquanto a filha assava espigas de milho; ambas, porém, se envergonhavam de oferecer um almôço tão comum. O leite era de qualidade admirável e nós bebemos grandes porções dêle. Em muitos lugares do Rio Grande não se sabe o que fazer com o leite. Esta pequena família do pé da serra tinha doze vacas de leite; no máximo fazia dêle um pouco de queijo e raramente manteiga, pois esta exige mais trabalho. O resto perde-se, se não é possível bebê-lo todo.

Não se cansava o velho de falar-me da excelência do pasto e da fertilidade do solo. Entusiasta da lavoura, falou-me muito da cultura do trigo. Contou-me que num ano obtivera, de seis alqueires de sementes, 560 alqueires de trigo. Naturalmente acontece também que a semente só produz vinte ou trinta por uma. Mostrava-se também muito apaixonado por sua pequena vinha; acreditava que tôda a região serrana devia dar delicioso vinho.

Faltam braços, infelizmente, para a agricultura; a boa vontade e mesmo a energia de um só indivíduo nos vastos campos da Província são uma gôta de água no mar.

Diante de mim, nova cadeia de serras. Em alguns lugares de suas íngremes encostas afloravam, nuas, grandes massas de arenito em grossas camadas. Como pilastras gigantescas, apoiavam e sustentavam tôda a serra. Havia lá, isolado, um bloco de uns duzentos pés de altura e alguns menores ao lado dêle; uma pequena e admirável imitação da Suíça saxônia.

Entre espêssas moitas corria um riozinho em baixo, ao pé da serra. Penetramos nêle e descemos um pouco rio abaixo com a profundidade de uns dois pés de água, porque sua margem formava um baluarte de pedra. O meu artilheiro tentou saltar com seu cavalo uma laje com meio pé fora da água e conseguiu-o. Para mim, porém, que o segui imediatamente, a experiência quase dava mau resultado. O meu cavalo deu um salto muito pequeno e precipitou-se na água, sem perder o equilíbrio, mas caiu bem perto do lado da laje. Felizmente, no mesmo momento, levantei àgilmente as pernas sôbre o pescoço do cavalo, de modo que só a minha espora se despedaçou, pois, do contrário infalìvelmente eu teria quebrado a coxa. Ao precipitar-se, meu cavalo enganchara a pata direita nas rédeas, de modo que eu não podia socorrer nem a mim mesmo nem a êle, situação muito desagradável no meio de um rio. Mas o inteligente animal, embora tremendo de mêdo, ficou quieto; pude saltar de cima dêle para a laje e daí pôr a brida em ordem, depois do que o animal desembaraçado pôde subir sem dificuldade. Um cavalo com a carga pulou três ou quatro vêzes sem resultado; afinal atingiu a laje com as patas dianteiras, mas não pôde levantar as patas traseiras. Depois baixou as patas dianteiras e saiu do rio de um salto. Mas o cavalo do meu "spahi" de modo algum queria saltar; parecia um pouco desmoralizado com a vista do trabalho de seu antecessor por mais que, com tôda a vivacidade francesa o seu cavaleiro procurasse incutir-lhe coragem. Afinal conseguiu também dar o salto sem inconveniente. Os cavalos desocupados passaram sem dificuldade e já pastavam com grande tranqüilidade quando subimos a margem do rio. Êsses pequenos aborrecimentos encontram os viajantes em tôda parte e nos menores riachos podem encontrar grande estôrvo ou completa interrupção da viagem. Não compreendia

como o artilheiro negro, sem caminho ou vereda, conhecia todos os recantos e buracos. Parecia conhecer cada pedra e cada caniço, ter estudado todos os desmoronamentos de terras e rochas. Às vêzes tínhamos um caminho debaixo de nosso cavalo, às vêzes durante horas não víamos vereda alguma, até que, quando menos o esperávamos, dávamos com uma trilha que deixávamos poucos minutos depois.

Depois dessa solitária viagem na montanha deparou-se-nos uma estrada já em situação muito elevada e que nos levou ainda mais para cima e corria ao longo do dôrso da serra. Saímos das brenhas e Caçapava estava bem perto de nós.

Quem, no mundo, levou Caçapava ali para cima ou lá a fundou? A pequena vila na verdade está pendurada nas nuvens. Para todos os lados há perspectiva de enorme extensão; um verdadeiro mar de terras fica em baixo; Caçapava sôbre o dorso da montanha é uma ilha nesse vasto oceano.

Pelo senhor Baltasar Bem, para quem eu trazia uma carta do amável senhor Pôrto, de Pôrto Alegre, fui recebido muito atenciosamente. Como êle tinha notícias posteriores de Pôrto Alegre, já me esperava desde algumas semanas. Fui alojado com o meu "spahi" muito elegantemente e nada deixavam a desejar a atenção e bondade do senhor Baltasar.

Êle próprio mostrou-me a pequena Vila, que conta 700 almas, consta de algumas ruas e possui algumas casas muito bonitas.

Mas o que em Caçapava chama muito a atenção e muito desagrada é um museu completo de novas construções inacabadas, tôdas começadas grandiosamente e tôdas abandonadas em diferentes graus de acabamento.

Caçapava, situada em posição elevada e quase inexpugnável, fôra destinada outrora para um pôsto militar. Foi começada uma cidadela octogonal muito bonita e quase completamente construída, de modo que podiam ser bem dominadas tôdas as entradas, se quisessem acabar de construir a fortaleza e artilhá-la. Mas não foi concluída.

Por isso foi julgado necessário também um quartel. Foi murado em vasta extensão um sólido terreno e que oferecia espa-

ço para diversos batalhões, se quisessem construir sôbre os alicerces o quartel. Mas, como a cidadela, também não foi construído.

Achou-se que ao lado das duas referidas construções devia haver uma penitenciária geral da Província. Por isso também se começou a construir uma grande penitenciária, onde cabe pelo menos tôda Caçapava. Depois de algum tempo parou a construção. E a penitenciária ficará inacabada como o quartel e a cidadela!

Mas uma igreja seria realmente necessária? Para Caçapava eram perfeitamente suficientes as duas pequenas capelas que a vila tinha. Mas, por causa da cidadela, do quartel e da penitenciária, teve-se de construir uma grande igreja. Isso também aconteceu: foi construída uma grande igreja em tôrno de uma das capelas. Quase fica pronta. Mas, como a cidadela, o quartel e a penitenciária, não será concluída.

Entrementes começou-se a construir um teatro para uma vila de 700 habitantes. A princípio o teatro parecia ir muito bem, mas já não está mais sendo construído, ficou no comêço, exatamente como a cidadela, o quartel, a penitenciária e a igreja!

Cidadela, quartel, penitenciária, igreja e teatro, tudo junto, devem custar alguns milhares de contos (alguns milhões de táleres), não menos. E nada ficará pronto, tenho certeza; e muitas milhas, terra a dentro, vêem-se, como verdadeiras "Obras de Santa Engrácia" (*), as obras de Caçapava. Ao lado da igreja vê-se um sino, fundido na antiga Missão de São Carlos, e outro que era destinado a São Luís de Gonzaga ou de fato lá estêve. Um viajante ingênuo poderia acreditar que as construções de Caçapava eram, talvez, trabalhos das Missões! Não! Tudo o que está inacabado em Caçapava pertence ao nosso tempo.

Depois de repousar uma hora, saí a cavalo, com um guia fornecido pelo senhor Baltasar, pelo extremo sul da cidade para visitar uma gruta calcária, que abastece de cal grande parte da Província.

(*) Em português no original. — N. do T.

Aqui, onde fica a cidade, o dorso da serra é mais largo e forma verdadeiro planalto desigual, densamente coberto de mato e em parte cultivado. Depois de boa hora de marcha, chegava ao local do destino. Encontrei uma serra, aliás uma cadeia de serras, de cujo solo coberto de mato surgem em tôda parte grandes blocos de mármore. Tôda a jazida fica a 45º de sudeste para nordeste e consta, tanto quanto se pode ver, de grandes blocos, enfileirados uns ao lado dos outros, de contextura de grã grossa, de modo que êste mármore pouco se presta para trabalhos finos de escultura, mas serve muito bem para qualquer emprêgo arquitetônico. Mas enquanto a mão de um artista não se apoderar da jazida, continuar-se-á impiedosamente a transformar em cal o belo material, cal que, bem empregada, é de excelente qualidade.

Muito notável a montanha marmorífica de Caçapava. De lá levei para casa duas ou três qualidades de mármore, granito vermelho, sienito, arenito vermelho e grés vermelho *(grawacke)*. Além disso, encontram-se grandes pedaços de quartzo puro em suas proximidades.

Tôda a região de Caçapava é notável no mais alto grau e até agora tem sido muito pouco pesquisada do ponto de vista mineralógico. Encontram-se vestígios muito perceptíveis de ouro, cobre, ferro e zinco. Fiz uma visita a um velho senhor Lúcio que muito se interessa pelos minérios de Caçapava. Dêle recebi um pedaço de quartzo aurífero, um minério de ferro muito rico, uma magnetita e mais um conglomerado, que parece ser cúprico. Demais, mostrou-me uma finíssima terra de espuma-do-mar e vários outros achados do reino mineral, todos dignos de grande atenção.

Mas, nos rápidos momentos de uma única visita não se pode aquilatar o valor dêsses minérios. Um profundo mineralogista e mineiro prático precisava passar um ano inteiro em Caçapava para fazer uma cuidadosa pesquisa da complexa natureza de tôda a região. A umas vinte léguas de Caçapava, em Santa Maria, ocorre ouro em quartzo, do qual vi um belo pedaço em casa de Peter Jäger. Em Caçapava e no próximo S. Sepé ocorre o mesmo minério. Possuo, como já disse, um pedaço dêsse quartzo

aurífero. A umas vinte léguas a sudoeste de Caçapava, em Lavras e em Camaquã, também se encontra quartzo aurífero. Dêste vi um belo pedaço em casa do senhor Lúcio.

Êsse sistemático aparecimento de minério de ouro numa linha que começa em Santa Maria da Bôca do Monte e desce em direção sudeste até ao Camaquã — não confundir êste Camaquã com o pequeno que deságua no Uruguai entre São Borja e o Piratinim — é justificativa bastante para rigorosa pesquisa mineralógica.

Quem, porém, sem querer procurar ouro, subir a Caçapava num claro dia de outono, ficará decerto emocionado ao contemplar, dos audaciosos pináculos da cordilheira, o mar de serras, colinas, vales, florestas e pastagens! Sobretudo ao pôr-do-sol é a vista para o sudeste indizìvelmente bela. Na proximidade é possível avistar tudo exatamente no abismo; mas, dada a grande extensão das regiões, ao longe se fundem as elevações e planícies e o profundo azul-celeste forma a última fímbria do horizonte que, com o primeiro vislumbre da lua nascente, se desenha trêmulo e indefinido como a superfície do oceano.

Singular é também o clima de Caçapava. Acontece-lhe como em todos os lugares onde as nuvens ficam muito baixas. A mudança de temperatura é muito surpreendente. Quando o sol brilha, é quente, mesmo nos dias de inverno; mas se uma nuvem se antepõe ao sol, a gente treme de frio e mete-se debaixo do cobertor. No inverno, chega até a nevar, mas a nuvem fica apenas por alguns minutos, pois no próximo instante pode o sol trazer 15º R. de calor. Geada pròpriamente, de dia, não há em Caçapava, embora freqüentemente, antes de nascer o sol se veja uma ligeira formação de gêlo.

No entanto tem Caçapava ar excelente e excelente água potável e é muito salubre. E quando um dia a Província do Rio Grande fôr bastante povoada, então os histéricos, débeis nervosos e enfermos de muitas outras doenças subirão a Caçapava para fazerem a cura de sôro de leite ou de uvas e logo regressarão restabelecidos e livres de todos os padecimentos, pois nas montanhas não há doenças e Caçapava fica na montanha, sen-

do talvez o lugar mais elevado da Província, que podemos calcular a 2.500 pés de altura.

Ainda hoje vive com o velho senhor Lúcio a lembrança do inditoso Sello, conhecido pelo seu prenome de Dr. Frederico, que durante muitos anos visitou Caçapava. Parece que Virgil von Helmreichen, embora estivesse em São Borja, não visitou Caçapava. Em sua viagem ao Brasil dificilmente teria achado outra cidade mais digna de nota.

Sello e Helmreich, dois mineralogistas alemães, tiveram de morrer no Brasil. Se não me engano, Sello morreu afogado no alto Rio Doce ou pelo menos em suas proximidades, nos limites das províncias de Minas Gerais e Espírito Santo.

A minha partida de Caçapava também foi adiada de algumas horas pela amabilidade do senhor Baltasar. Só às 10 horas pude partir.

Ao oeste de Caçapava a elevação diminui suavemente; e, embora permaneça certo aspecto montanhoso, oferece pouca dificuldade ao viajante. Em volta de eminências e sôbre elas, ao longo dos riachos, ao longo de baixadas e mesmo na planície vêem-se, aqui e ali, trechos de mata, que emprestam à região uma bonita aparência e certa expressão de cultura. De fato, encontram-se com freqüência pequenas e grandes estâncias. Algumas impressionam pela boa escolha da situação e agradáveis arredores.

De tarde viajamos por um atalho que subia uma serra bastante íngreme. Entre a relva curta apareciam massas de pedras nuas, cujo estranho colorido me chamou a atenção. Eram grandes massas de um pesado minério de ferro; alguns pedacinhos pareciam ser ferro inteiramente puro, com a mesma côr do minério que o senhor Lúcio me oferecera. Futuramente o lugar poderá vir a ser importante. No momento atual faltam braços humanos para a exploração do minério e mesmo para a sua utilização e emprêgo.

Saímos cada vez mais do distrito serrano de Caçapava e seguimos sôbre o dorso de uma alta e longa coxilha. Entretanto, apesar do trote apressado, não pude alcançar à tarde o lugar desejado, Barro Vermelho, e tive de ficar numa estância, em

ponto elevado e livre, com um bonito laranjal ao lado da casa de pedra. De boa vontade nos foi cedida para a noite uma pequena casa de hóspedes, afastada alguns passos da residência da família.

Imensa era a perspectiva em volta. Atrás de uma achatada cadeia de colinas, sôbre a qual pude lobrigar, com o óculo de alcance, uma estância muito distante, elevava-se uma serra no leve nevoeiro cinzento. Calculava-se sua distância em doze a catorze léguas. Era a serra a caminho da colônia alemã de Santo Ângelo; já revia assim regiões conhecidas.

Meu binóculo despertou curiosidade. Um garoto de doze anos, assustado ao descobrir objetos a grande distância, logo mo restituiu, muito impressionado. Ao contrário, a umas moças que o administrador me enviou e a quem emprestei o instrumento, pareceu causar muita alegria a aproximação dos objetos distantes.

Mas o instrumento prestou também um bom serviço. Numa distante eminência descobri um rebanho de ovelhas pretas e brancas, que desde a manhã tinham desaparecido da fazenda e que podiam ser procuradas imediatamente, para grande alegria do negro encarregado do pastorejo.

Caiu a noite e a lua nascente clareou pouco a pouco a escuridão; a vasta, a imensa região flutuava numa leve névoa argentina. Tudo dormia no espaço infindável; nenhum som se percebia. Eu próprio me achava numa disposição de ânimo especial: despedia-me de minha excursão através do oeste da Província do Rio Grande, pois esperava entrar no dia seguinte em Cachoeira, fechando assim o largo círculo que traçara na parte ocidental da Província, tão interessante para mim.

Quando mandei selar os cavalos, em 1.º de maio, era ainda noite de luar, límpida, calma, porém muito fresca. Essa viagem ao luar do outono, no Rio Grande, é muito romântica para quem lê a notícia, porém muito fria e orvalhada para quem a faz a cavalo; e estou firmemente convencido de que, na minha situação mesmo as pessoas mais românticas teriam desejado o que eu próprio desejava ansiosamente — o nascer-do-sol, não tanto pela sua beleza como pela sua utilidade prática, pelo seu calor.

Êle, porém, deu ambas as coisas e aqueceu a alma e o corpo do viajante madrugador.

Incansàvelmente e, de fato, ininterruptamente, trotamos sete léguas até o Passo de São Lourenço, no Jacuí e Vacacaí Grande reunidos, algumas léguas, pois, abaixo do Passo do Jacuí, onde uma grande barca nos passou, homens e animais, sôbre o rio meu conhecido e amado, que largo e profundo corria para o oeste em lentos redemoínhos.

Era preciso fazer ainda uma pequena viagem do Passo para chegar à amável Cachoeira, onde, vindo agora do oeste, fui tão cordialmente recebido como quando cheguei do leste.

Com a mesma agradável comodidade da primeira vez, pude repousar de minha viagem ininterrupta de nove léguas. E envaideceu-me que os meus conhecidos cachoeirenses, familiarizados com as viagens a cavalo em sua Província e com as muitas fadigas que lhes são inerentes, ficassem admirados de que eu em trinta e nove dias tivesse feito a cavalo 224 léguas, incluindo o tempo que me demorei em diversos lugares.

Infatigàvelmente viajei com minha cavalgada no dia seguinte (2 de maio) e em pouco ficava atrás de nós a luminosa Cachoeira. Atravessando o Butucaraí, e pelo mesmo caminho que em 20 de março, regressei à solitária Santa Cruz e prossegui imediatamente para Rio Pardo, onde cheguei antes do pôr-do-sol, apesar de têrmos feito uma viagem de mais de dez boas léguas.

Homens e animais sofreram sem dúvida com a viagem dos dois dias e a propósito faço a despreocupada observação de que na verdade sou cavaleiro muito mais duro e obstinado que o meu artilheiro negro e o meu "spahi".

Rio Pardo vestia galas dominicais. Começava precisamente um novenário. Nas pequenas cidades as novenas são, para a sociedade elegante, o que são bailes nas grandes cidades. E assim as jovens senhoras rio-pardenses iam à igreja com os mais ousados vestidos de baile, com os braços e ombros nus, e despertavam o que queriam: geral atenção, exatamente como se passeassem num salão — maneira de freqüentar a igreja que, no mundo protestante nórdico, no mínimo, seria chocante.

Infelizmente, logo depois de minha chegada a Rio Pardo, soube que nos próximos dias não era esperado nenhum vapor de Pôrto Alegre e por isso teria de ficar alguns dias na pequena cidade. Disseram-me por outro lado que, com certeza, na próxima quarta-feira às 8 horas da manhã, sairia de Taquari, dez a doze milhas ao nordeste de Rio Pardo, um vapor para Pôrto Alegre.

Logo na manhã seguinte devolvi ao honrado Major Mallet, de São Gabriel, o meu artilheiro com os seus cavalos. Embarquei as minhas coisas para Pôrto Alegre, num navio fluvial e, desembaraçado da bagagem, tentei ir de qualquer modo a Taquari para lá encontrar o vapor.

Na minha apertada situação, recorri ao infatigável Capitão e Comandante do lugar, Morais, e êle me enviou três cavalos e um cavalariano como guia. Ruins os cavalos, especialmente um dêles. Não obstante, eram cavalos e animosamente saímos da cidade. Mas, apenas havíamos andado algumas milhas e o meu "spahi" não podia mais levar seu cavalo adiante, nem mesmo puxando-o pela rédea. Tive a mais profunda compaixão de ambos, do cavalo e do homem; do cavalo porque, no sentido próprio da palavra, estava à morte e do "spahi", porque não via outro recurso senão transformá-lo por algum tempo de velho cavalariano em soldado de infantaria. Mas antes que pudesse expressar minha pena já êle me contava a história de uma pequena incursão da guerra contra Abd-el-Kader, em que, por não poder mais andar o seu cavalo, êle regressara com os arreios debaixo do braço. Continuei, pois, com a infantaria e a cavalaria, para conseguir um cavalo na próxima fazenda.

A uma milha adiante, chegamos, no Passo do Rodrigues, onde um regato assinala a fronteira entre as comarcas de Rio Pardo e Pôrto Alegre, à bonita estância de um senhor Resende que, como juiz de paz da circunscrição, muito prontamente me cedeu um cavalo, mas sob a condição de que eu ficasse o resto do dia e dormisse em casa dêle. Como só me faltavam poucas milhas para Taquari, acedi alegremente, pois poderia conversar sôbre vários assuntos com um homem de alguma educação, que conhecia bem sua Província e tinha muito bom senso.

Bem montados, com denso nevoeiro a que se seguiu bela manhã de outono, fizemos em 4 de maio as últimas seis léguas até Taquari.

Embora ainda contenha grandes pastagens, a região entre Rio Pardo e Taquari perde a aparência de pampa. Aqui encontramos antes uma paisagem de matas e colinas relvadas, às vêzes entremeada de pequenas cadeias de serras, cujas escuras elevações cobertas de mato contrastam com o verde-claro dos prados que se estendem até elas. Tudo lembra a proximidade da serra, tudo recorda uma travessia serrana. A pouca distância corre, para o norte, uma corda de serra delicadamente azul; e, enquanto o seu aspecto é de profunda tranqüilidade e paz, o ouvido do viajante é atingido pelos uivos do bugio na floresta próxima e a gritaria rixenta dos papagaios nas ensolaradas orlas das matas.

A uma milha de Taquari, na descida de uma coxilha, na venda chamada Boa Vista, é inteiramente diverso o aspecto da região. Numa planície profunda, coberta de árvores de folhagem escura, brilha o caudaloso Taquari, em cuja margem esquerda, no alto, algumas casas formam a aldeia do mesmo nome.

Atravessando a floresta, até chegar inesperadamente à margem do Taquari, atraem o viajante jovens araucárias de belo porte, palmeiras, cesalpínias, mirtáceas e, o que raro ou nunca se encontra numa floresta brasileira, o chão coberto de relva verde, desembaraçado de matagal baixo.

Com prazer se acompanha o gracioso rio que em largas curvas atravessa a tranqüila floresta e já mede aqui de 200 a 400 pés de largura. No Passo chegou uma canoa para transportarnos, a mim e ao "spahi", para a margem fronteira. Mandei que voltasse o cavalariano com os cavalos, pois até Taquari tínhamos de andar apenas cinco minutos de caminho na floresta.

Corria a estrada ao longo do belo rio, até ser desviada por um pequeno afluente, e entrava mata a dentro. Em vez de atravessar o pequeno rio, em cuja margem oposta fica Taquari, num outeiro, segui pela floresta e só depois de uma boa milha em

volta de um barranco da mata, entrei no lugarejo pelo sul, ao invés de ter primeiro alcançado o lado do norte.

Mas, afora a contrariedade de ter de traçar um arco inteiro para chegar a uma meta próxima, o pequeno desvio foi muito compensador. Maravilhosos os trechos da floresta; e apesar do avançado outono que, aliás, aqui não faz caírem as fôlhas, ainda floria, abundantemente, uma bela acácia purpurina. Na encosta, rumo à vila, enormes blocos de silicatos raiados, cujas formas coloridas merecem ser apreciadas por bastante tempo. De tôdas as regiões visitadas, é talvez Taquari a mais rica dessas pedras. Em tôda parte, na rua, em cada encosta, em todos os lugares secos são encontradas; até na passagem do rio, no chamado Passo, ergue-se um banco de areia coberto dessas pedras, de modo que, com uma pá, podem encher-se barris com elas.

Taquari é uma vila pequena e aprazível, situada a uns dez minutos da margem do rio, na qual nada há de notável, exceto o zeloso subdelegado.

Vagueei lentamente, com o meu "spahi", através do lugar onde, dois pedestres estrangeiros, dois viajantes estrangeiros, deviam ser um fato inaudito. De certa distância um homem chamou o "spahi" da maneira e com o assovio como se costuma chamar aos escravos negros, motivo por que disse ao meu criado que não devia ir lá, tanto mais que êle trazia a sua legião de honra. Lentamente, cautelosamente, veio o homem atrás de nós e nos alcançou numa praça ao lado da igreja.

O homem lembrava-me vivamente o Truffaldin do "Turandot" de Schiller, quando êle prende o Kalaf. Começou um engraçado interrogatório. Despachei-o prontamente e perguntei-lhe por uma casa onde queria entregar uma carta para o Tenente-Coronel Vitorino José Ribeiro. Um tanto constrangido êle retrocedeu e lentamente o acompanhei a sua casa, onde perguntei pelo senhor subdelegado. Era êle próprio. E então lhe apresentei uma ordem do senhor Presidente, na qual se ordenava me fôsse prestada tôda a atenção e auxílio. O bom e zeloso homem que, na sua dignidade, pouco podia fazer de importante perante seus vizinhos, ficou em grande embaraço, do qual, com o mais respeitoso tratamento, debalde procurei retirá-lo.

No lugarejo não havia hotel. Só, pois, em casa do subdelegado podia alojar-me e certamente êle se sacrificaria por mim; isso, porém, me pareceu paradoxal e assim descemos lentamente para o rio, em cuja margem algumas vendas, lojas abertas, um armazém e uma pequena quinta formavam um subúrbio em miniatura, onde, aliás, nada se conseguia para comer, a não ser pão, marmelada e café; e com isso tivemos de contentar-nos.

O Rio Taquari oferece uma bela vista. Largo e tranqüilo corre êle entre suas margens, sob mirtáceas e acácias, tendo aqui e ali uma aprazível casa de campo, cercada por um quieto bosque de laranjeiras carregadas de frutos dourados e frescas e jovens araucárias.

Na superfície sem ondas do belo rio nota-se uma pequena e silenciosa vida comercial. Grandes lâminas de pedra, telhas, tijolos, tábuas de araucárias e outras coisas são recebidas na margem do rio e carregadas em pequenos navios fluviais, que estão sempre a ir e vir. Algumas milhas rio acima o Taquari ainda é navegável e sem grandes esforços pode ser tornado navegável até à serra.

Ao pôr-do-sol, passando entre as tranqüilas orlas da floresta, chegava ruidosamente o vapor "Jacuí", em contradição com o amável quadro pacífico da natureza. Aportou imediatamente à margem, de modo que uma simples tábua bastava para passar-se do navio para terra.

Dos navios fluviais de Pôrto Alegre é certamente o "Jacuí" o mais elegante. O casco foi construído em Rio Pardo; a máquina de 25 cavalos foi fundida na fundição de ferro da Praia Grande, defronte do Rio de Janeiro. O grande salão, onde trinta e duas pessoas podem comer cômodamente, e o "boudoir" das senhoras são muito bonitos, sendo o último até elegante; recordando-me o "Duque de Caxias" na Lagoa dos Patos.

Fui à noite para bordo e encontrei um bom e honrado comandante. Agradou-me particularmente ver entrar, logo à minha chegada, um homem que muito me interessava conhecer, por ser muito educado e grande amigo dos alemães — o Tenente-Coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante, rico proprietário

de terras, que fundou uma colônia alemã na sua estância, no alto Taquari.

A terra destinada aos alemães consiste em vinte e quatro colônias, das quais dezenove já foram começadas e estão sendo cultivadas. Cada colônia mede 200 braças de largura e 700 braças de fundo, de modo que encerra 140.000 braças quadradas de terra. São, pois, essas colônias menores que as de Santa Cruz, mas têm melhor forma para o trabalho. O solo é excelente. O magnífico rio é uma artéria vital para a colônia; de um lado facilita o tráfego, de outro pode ser empregado para mover moinhos. No entanto, tôda a colônia está no nascedouro e ainda sofre das muitas dificuldades de comêço que soem aparecer na fundação de uma colônia, mormente nas mãos de um particular e que só com grande sacrifício podem ser removidas.

No retrospecto da Província faremos algumas observações a respeito.

Depois de terem entrado uns doze a dezesseis companheiros de viagem, afastamo-nos do pôrto pelas 9 horas da manhã seguinte e descemos o rio que, apesar de suas muitas curvas, corre em geral do norte para o sul.

Nada mais encantador do que uma viagem no Taquari! Em pouco o tranqüilo rio bordado de matas ganha a largura de 400 a 600 pés. Ora se estende à largura de um lago, engastando uma ilha coberta de mato; ora seu curso reto forma uma perspectiva de superfície de água doce de mais de uma milha de comprimento, a cujas margens assomam, por trás das moitas, casas de campo e bonitas culturas.

Uma vez ficamos abaixo de uma dessas casas de campo a fim de receber lenha para aquecimento de nosso vapor. Nessa ocasião fui à terra por meia hora.

Não se pode pisar um pé de terra de extensão, nas margens do Taquari, sem encontrar um motivo de satisfação. No próprio rio há muitos silicatos raiados, alguns de linda coloração. Na areia úmida das margens fervilham bandos de pequeninos grilos pretos, cuja asa inferior, embora perfeitamente transparente, cintila maravilhosamente em tôdas as côres, ao passo que o bichinho, com as asas fechadas, tem uma côr cadavérica.

Logo depois da morada úmida dêsses insetos, começa uma bonita vegetação.

Três espécies de ipoméia em flor, *orabis* e *amaranthus* e várias solanáceas formam um ramalhete de flores. Uma apocínea sem flor, muito semelhante no "habitus" ao oleandro, cujo fruto dizem ser muito venenoso, e, ao lado da planta venenosa, a abençoada laranjeira se ergue na encosta, em cujos cimos sobem ao longe dentre o denso emaranhado da mata, as formas típicas das palmeiras e araucárias, como árvores características.

O Taquari é mais belo quando penetra no Jacuí. Já de uma meia milha de distância sôbre a água, diante do rio se avista a bonita aldeia de São Jerônimo na encosta da margem ensolarada. Adiante se eleva uma cinzenta cadeia de coxilhas. O lugarejo parece ficar na extremidade de um lago. Mas, aproximando-nos, vemos abrir-se de novo à direita e à esquerda uma esplêndida via fluvial — o Jacuí. Na confluência do Taquari com o último rio fica, na margem esquerda, o aprazível povoado chamado Triunfo. São Jerônimo e Triunfo, que lhe fica em frente, na confluência do Taquari com o Jacuí: nada mais gracioso e bonito do que êsse ponto se pode ver na Província do Rio Grande!

De ambas as localidades foram recebidos alguns passageiros e continuamos a descer o largo Jacuí. Até aqui podem chegar quaisquer navios que possam atravessar a barra do Rio Grande. Rio abaixo encontram-se alguns estabelecimentos na margem direita, por vêzes com belas casas, as chamadas charqueadas, onde antes se faziam grandes matanças para o preparo do charque ou carne-sêca. Mas ùltimamente perderam muito de importância e o seu ramo de comércio prospera mais em Pelotas, a antiga freguesia de São Francisco de Paula, a noroeste da Cidade do Rio Grande.

Afinal desapareceram todos os estabelecimentos, tôdas as casas da margem do Jacuí. O rio estende-se cada vez mais; no vasto lago de água doce há tantas ilhas e baías, tantos recantos de floresta que, quem não seja familiarizado com êste caos de água e terra, não achará fàcilmente o caminho para Pôrto

Alegre. Com a luz do crepúsculo vespertino tornou-se a viagem fluvial particularmente agradável; grandes aves aquáticas, espantadas com o ruído do vapor a lançar chispas, elevavam-se da superfície da água e fugiam, voando, para a mata com ruidoso bater de asas, com o que se assustavam por sua vez os pequenos habitantes das folhagens que tinham acabado de adormecer.

Já há muito brilhavam as estrêlas no céu, quando cortamos o último trecho da lisa superfície da água que ainda nos separava de Pôrto Alegre. Desembarcamos às 8 horas e poucos minutos depois estava eu de novo no cômodo quarto do Hotel Comercial, de novo no meu quarto, ao menos por alguns dias, depois de ter estado, desde o dia 10 de março, em contínuo movimento, aliás de uma maneira que talvez se possa chamar de um tanto exaustiva.

Antiga Praça D. Pedro II, agora Praça da Matriz; e Câmara Municipal em Pôrto Alegre. (De *Biografia duma cidade*).

SEXTO CAPÍTULO

Retrospecto da peregrinação na Província. — Aspecto da Província e algumas de suas condições. — Colonização.

JULGUEI poder chamar de exaustiva minha viagem pela Província do Rio Grande, especialmente através do oeste. E de fato o é.

Quem, na Europa, voa na estrada-de-ferro em bem acolchoado vagão, em companhia agradável, e pode abrir e fechar a janela conforme a temperatura ou o seu desejo, pode ter seu café inteiramente ao seu gôsto e tomar sua refeição do meio-dia, embora apressada, numa asseada sala da estação; e, não querendo passar a noite viajando, estende-se cômodamente no sofá do quarto de hotel diante do chá quente e minutos depois se deita em macia cama, para esperar, na manhã seguinte, seu aromático café — não sabe o que significa uma viagem exaustiva através do Rio Grande.

Em magro rocim de trote duro, o viajante vence aqui, lentamente, milha após milha. É o caminho às vêzes muito bom, às vêzes muito mau, nenhum às vêzes; e quem não traz consigo um bom guia, um bom vaqueano, tem de orientar-se com a bússola e uma péssima carta geográfica, o que, depois de uma chuva demorada, é impossível, porque em cada depressão en-

tre as coxilhas pode o cavalo afundar, atolar-se e morrer, enquanto o cavaleiro deve ainda agradecer a Deus, se conseguir salvar-se. Em milhas de extensão o viajante não vê casa onde possa refugiar-se do mau tempo, nenhuma árvore sob cuja folhagem abrigar-se de um aguaceiro ou do calor ardente do meio-dia; nem homem algum a quem possa pedir conselho.

Muitas vêzes, aliás na maioria delas, começa o dia sem o pequeno almôço, decorre sem êle e termina com mesquinha refeição noturna! Quantas vêzes, ao cair a noite e depois das canseiras e privações do dia, fica a gente sem tecto, sem cama, joga a sela na relva e dorme sôbre ela, rodeado de touros e cavalos, nos domínios dos veados e emas!

Foi essa a vida de viagem que passei no Rio Grande, acompanhado, geralmente, de um único criado francês. E essa mesma vida dura, violenta, cheia de renúncia, é maravilhosamente atraente e oferece aspectos, cuja imagem mesmo uma descrição exata não pode reproduzir.

Embora com muitas lacunas ou com a repetição abreviada de muitas coisas já ditas, tentemos um retrospecto do que vi, ouvi e experimentei na Província.

De um modo geral podemos estimar a superfície da Província em 5 a 6 mil léguas quadradas, expressão muito vaga, porém que, para exprimir-se corretamente, não se pode dar com maior exatidão. Não existe medição precisa da Província. Disso se cuidava ao tempo de minha viagem. As cartas geográficas discordam tanto entre si que não sòmente a posição das cidades e lugares, os cursos dos rios, a extensão das diversas serras, como de tôda a forma da terra são indicados de modo muito diverso. Não sòmente são assinalados diferentemente o curso do Uruguai e as distâncias entre seus afluentes, como também a direção sudoeste de tôda a costa de Tôrres à barra do Rio Grande diverge em tôdas as cartas geográficas; assim, enquanto a carta do Visconde de São Leopoldo põe a Cidade do Rio Grande a cêrca de um grau de longitude mais a oeste do que Pôrto Alegre, a do Visconde de Villiers de l'Ile Adam deixa ambas quase no mesmo grau de longitude. Destarte, só aproximadamente pode determinar-se a área da Província.

Na bela massa de terra que, em tamanho, excede a vários reinos da Europa, encontramos montanhas, colinas, planícies, lagos e rios alternando-se variadamente de tal maneira que muitas nações da terra dêles não podem gloriar-se.

A parte mais montanhosa é a do norte e noroeste da Província. Como comêço dessas regiões montanhosas, conhecemos alguns distritos de São Leopoldo e mesmo da colônia alemã de Santa Cruz, embora a grande serra, a Serra Geral, a que se apóiam ambas as colônias e talvez Santo Ângelo, se estenda muito mais para o norte em direção leste-oeste com algumas inclinações para o norte, correndo ao longo do Uruguai, o rio limítrofe, para o planalto de Santa Catarina e da nova Província do Paraná.

Por ocasião de nossa viagem de Santa Maria da Bôca do Monte para Pinhal, já mencionamos a bela cordilheira da Serra de São Martinho e ali anotamos não ser essa cordilheira pròpriamente uma cadeia de serras que atravessa aquela região, mas antes uma elevação íngreme em forma de terraço de tôda a terra, dali descendo depois lentamente para o lado do Rio Uruguai. Mais como planalto do que como serra estende-se a de São Martinho para o sul com um arco para o sudoeste, através da Província e separa as bacias hidrográficas de leste e de oeste.

Conhecemos também a singular cadeia de montes que corre de São Gabriel para Caçapava em direção oriental e, mais para leste, entre o Jacuí e o Camaquã, a chamada Serra de São Roque, ao passo que ao sul de Camaquã se estende a Serra dos Tapes para o pequeno Rio Piratinim.

Quanto ao relêvo do solo no sul da Província, é formado, parte como limite da pequena República de Montevidéu, parte penetrando nela, pelas chamadas coxilhas grandes ou coxilha geral, colinas insignificantes mas muito extensas e no entanto bastante apreciáveis para formarem um grande contraste com a planície dos pampas que aqui começa e se apóia na cordilheira dos Andes.

Assim, pois, a Província do Rio Grande do Sul absolutamente não é aquela terra uniforme, de planícies imensas, como algumas vêzes se tem tentado descrever. Possui belas serras,

magníficas, por vêzes de um selvagem romantismo, com ásperos desfiladeiros, sombrias encostas, torrentes impetuosas e imponentes cascatas, como a que visitei no Rio da Cadeia, na próspera colônia de São Leopoldo.

Precisamente essas magníficas cadeias de serras, em cujos cimos e encostas domina uma maravilhosa fertilidade, são exploradas especialmente pelos laboriosos lavradores alemães.

E no entanto apresenta a Província, de fato, grandes, vastas planícies percorridas dias seguidos, aliás semanas seguidas, planícies ligeiramente onduladas, reproduzindo fielmente o quadro dos pampas.

Saindo-se das sombrias moitas dos rios em cujas límpidas águas a branquíssima garça espelha sua alva plumagem e aparece em imagem dupla; ou, descendo-se da floresta da montanha e deixando de ouvir os golpes do machado do colono, o crepitar do incêndio na mata ou o uivo dos bugios e os gritos estridentes da araponga e dos esvoaçantes papagaios — então se vê um mar ondulante sùbitamente coagulado de planície sulcada de extensas coxilhas, limitando-se com o céu azul, sem que uma montanha, uma cordilheira, uma floresta assinale o horizonte. No vasto espaço como que desapareceu tôda cultura, tôda atividade humana; na massa de relva curta, verde ou amarela, parece sufocada qualquer florescência.

Ocasionalmente, o peregrino, à borda da alta coxilha, se sente solitário e recolhidamente olha para a planície silenciosa que, como muitas vêzes observei ao atravessar semelhantes regiões: completamente plana, inteiramente sem árvores e sem arbustos.

Freqüentemente, porém, se avista entre as colinas um denso debrum serpenteante de moitas, estreita mas extensa mata, enchendo às vêzes um vasto fundo do vale de até meia milha de diâmetro.

Aqui é o berço, a macia cama de um rio, que geralmente se esconde nas moitas e de longe apenas pode ser suspeitado, se não corre largo e caudaloso como o Uruguai e o Guaíba.

O Guaíba e o Uruguai, que rios magníficos! De que expansibilidade não são capazes suas margens! Ao falar de Uruguaia-

na já me referi ao grande rio ocidental. Pelo momento, aliás por muitos decênios futuros, o sistema fluvial do Guaíba deve merecer mais atenção do que o Uruguai.

Êste sistema, no qual se acham vários rios tão importantes e caudalosos que é difícil reconhecer o principal, forma a verdadeira artéria vital da Província. Vindo do pôrto marítimo do Rio Grande, navegamos o mar interior da Lagoa dos Patos até que, ao amanhecer, passamos pela ponta de Itapoã, entramos no receptáculo de água doce do Guaíba e apesar da marcha rápida de nosso vapor, da débil corrente contrária e da direção bastante reta de nossa rota, só depois de três a quatro horas chegamos a Pôrto Alegre. A bacia de água doce com cinco a seis milhas de comprimento e, em muitos lugares, duas a três milhas de largura, é um vasto lago.

A sua extremidade superior, precisamente a região em tôrno de Pôrto Alegre, forma o ponto de reunião de quatro rios. Primeiro encontramos o pequeno Gravataí, que vem de lés-nordeste e é aparentemente insignificante. E no entanto pode ter seu futuro. Seguindo-se-lhe o curso rio acima, encontra-se, ao nordeste, uma bela cadeia de lagoas, umas fechadas, outras comunicantes com o mar até Tôrres, aliás até Laguna, cujas margens são capazes de grande desenvolvimento. Talvez aqui se faça mais tarde uma hábil canalização, cuja possibilidade, plenamente provada por pesquisadores peritos, representa vantajoso tráfego entre Pôrto Alegre e tôdas aquelas lagoas.

Talvez ainda mais fácil do que pelo Gravataí se possa conseguir êsse tráfego pelo Capivari, mais a leste, independente do Guaíba e deságua na Lagoa dos Patos; todavia, talvez a parte muito sinuosa da lagoa, onde despeja o Capivari, seja uma via insegura e evidentemente oferece mais dificuldades do que a primeira via fluvial indicada.

Como segundo confluente do Guaíba menciono o Saí, que corre junto com o Rio dos Sinos, procedendo ambos da serra das colônias alemãs e apropriados para navegação fluvial de certa importância. Da navegação fluvial no Rio dos Sinos já falei. Ambos são artérias vitais daquelas felizes colônias.

Devo mencionar aqui uma dúvida geográfica. No labirinto das ilhas formadas na junção daqueles rios, dividem-se completamente as opiniões sôbre qual seja o braço principal da reunião de águas, o verdadeiro Guaíba. Assim se originou o uso de chamar Guaíba o princípio ou o de estender essa expressão muito acima, e chamar Guaíba desde o Jacuí, que vem do oeste, no ponto onde recebe o Taquari.

E pode ser certo, pois de fato não se sabe se o Taquari desemboca no Jacuí ou se o Jacuí desemboca no Taquari. Ambos são rivais pelo menos em igual volume de água. Acredito que o Taquari poderá sobrepujar seu competidor.

Desde Triunfo até Rio Pardo, devido os rápidos e baixios, o Jacuí é difícil para a navegação, aliás, com águas baixas, está fechado até o referido lugar para a navegação a vapor, o que não é o caso de Triunfo até ao lugar Taquari no rio do mesmo nome. Por isso está sendo aberta uma picada da colônia de Santa Cruz para o Taquari, a qual sem dúvida será muito útil para aquela colônia e incrementará o comércio do lugar Taquari, mas será consideràvelmente prejudicial à Cidade de Rio Pardo.

No entanto, durante muitos meses o Jacuí é navegável até além de Rio Pardo, mesmo além de Cachoeira, até a incipiente colônia de Santo Ângelo, para a qual o rio é, por isso, muito importante. Em sua reunião com o Vacacaí abaixo do Passo do Jacuí, acontece com êle e o Vacacaí Grande o mesmo que com o Jacuí e o Taquari em Triunfo. Não se pode dizer com certeza qual dos dois rios é o principal. O Vacacaí tem o mesmo, aliás quase maior tamanho em sua direção de oeste para leste, ao passo que o Jacuí faz com êle um forte ângulo e desemboca mais ou menos oblìquamente no Vacacaí.

Já falei da utilização do último rio até São Gabriel e não dissimulei o meu parecer de que há pouca possibilidade da navegação a vapor até tão longe. Pensa-se muito, conforme mencionei também, numa possível ligação do Vacacaí com o Ibicuí e, conseguintemente, num canal direto entre Pôrto Alegre e o Rio Uruguai. Todavia, dada a dificuldade da emprêsa, recordo as obras de Caçapava, que na verdade são irrefletidos castelos no ar.

Há ainda um pequeno rio que desemboca na Lagoa dos Patos, na extremidade meridional daquele mar interior, o Camaquã, igualmente utilizável para a navegação. Tanto quanto sei, ainda não se tentou nêle a navegação a vapor.

A sudoeste da Lagoa dos Patos e da Cidade do Rio Grande, mas a alguma distância da última, estende-se a Lagoa Mirim, na extremidade meridional da Província e, como a Lagoa dos Patos, mas em menor escala, serve à navegação e ao comércio. Entre os pequenos rios que despejam nesta lagoa, os maiores são o Piratinim e o rio fronteiriço Jaguarão. Todavia, no momento, não se pode considerar grande a sua significação comercial. Ambas as lagoas são ligadas entre si por um canal em forma de rio, o Rio de São Gonçalo; em sua extremidade superior fica a Cidade de Pelotas.

Ambas as grandes massas de água, que decerto podem ser estimadas em 350 milhas quadradas, estão ligadas ao mar pela barra do Rio Grande, larga, porém pouco profunda.

A barra do Rio Grande! Ainda que a Província seja farta de aprazíveis e ricas vias fluviais, não se pode evitar um suspiro ao ouvir-se falar na barra do Rio Grande, o escoadouro da lagoa. E tanto mais profundo será êsse suspiro quanto menos se pode dissimular que a obstrução pela areia e a inconstância do nível da água difìcilmente poderão ser remediadas. De minha parte, não posso imaginar um meio de melhorar as condições de navegabilidade. Demasiado enormes são as massas de areia e fàcilmente são elas movidas para cá e para lá pelas ondas e mesmo pelo vento para que se pense em aprofundar as águas navegáveis. Para isso também é necessário, como pedia o físico, para levantar a terra, pelo menos um ponto de apoio. Falei com muita gente que tinha na cabeça projetos para o melhoramento da barra do Rio Grande, todos viáveis, para quem não viu o mar tumultuoso e o caos das ressacas por entre as quais fica a entrada do pôrto do Rio Grande.

Não possui a Província do Rio Grande outro pôrto marítimo importante. Por isso o estudo da maneira de conseguir e conservar um tráfego livre entre o interior e o oceano é importantíssimo objeto dos cuidados e meditações de qualquer adminis-

tração desta grandiosa Província. Não estou em condições de pesquisar se servem para êsse possível tráfego livre a barra de Araranguá, nos limites da Província com Santa Catarina; a de Mampituba, igualmente ao norte de Tôrres, ou a de Tramandaí, na latitude de Pôrto Alegre.

Do lençol de areia do mar, imenso na costa da Província, notadamente na barra do Rio Grande, e que dentro em pouco entulhará completamente, não a Cidade de Rio Grande, mas a localidade de São João do Norte, já meio enterrada — voltemos ao interior do país.

Querendo procurar e determinar uma forma geológica básica da Província, temos sem dúvida de colocar em primeira plana o arenito cinzento-avermelhado.

Desde Pôrto Alegre até ao interior da colônia de São Leopoldo, nas confluências do Guaíba, no Taquari, especialmente no Jacuí e no Vacacaí, tudo é arenito e até tão longe, no noroeste da Província, que os castelos fortes dos jesuítas são construídos de arenito, empregado em tôda a Província como material de construção. Casas, calçadas e empedramento de ruas em Pôrto Alegre, em São Leopoldo, em Cachoeira e em São Gabriel são feitos, na maior parte, de arenito. Em muitos lugares êsse arenito é extraordinàriamente mole, sobretudo abaixo do nível da água dos rios e em suas cachoeiras, motivo por que na maioria dos casos com pouco trabalho se pode melhorar a navegabilidade. Por outro lado, há jazidas de arenito em que a rocha é extraordinàriamente firme e dura e pode ser trabalhada com segurança mesmo em placas muito finas.

Ao lado dessa forma incontestàvelmente predominante, assomam numerosas outras rochas de quase todos os períodos de nosso orbe terrestre. Em muitos lugares ocorrem granitos, sienitos e belos pórfiros. Todo o leito superior do Rio da Cadeia me parece ser de cal estratificada, forma a que se juntam os estratos de mármore de Caçapava e suas cercanias. Falarei ainda, adiante, sôbre o carvão de pedra do Rio Grande.

Ocorrem também muitos depósitos de ardósia; grande quantidade de xisto argiloso e depósitos não estratificados de tôdas

as espécies; além disso, grande variedade de terra argilosa, cujo emprêgo e tratamento cuidadoso produzirão considerável lucro.

A ocorrência de tôdas essas diferentes formações, a que apenas ligeiramente ouso aludir, é muitas vêzes interrompida por basaltos, de diversas espécies. No Uruguai, no Camaquã, na Serra, em Cruz Alta, em muitos lugares, no campo aberto, se elevam da água e da areia essas calcinadas e escorificadas massas vulcânicas, além de outras rochas, e atestam, talvez, que os processos de formação na Província devem ter sido muito tempestuosos.

Da ocorrência de diversos metais falei especialmente ao tratar de Caçapava e aludi a um vasto distrito como decididamente aurífero. Estou firmemente convencido de que aquêle distrito, submetido a pesquisa e exploração mineralógica, produzirá considerável resultado.

Um exame, mesmo ligeiro, do reino vegetal do Rio Grande oferece muita coisa digna de nota.

O Rio Grande tem o raro encanto botânico de que aqui se estendem largamente para o sul as plantas dos trópicos, sem de modo algum prejudicar a natureza extra-tropical. Antes de tudo o que ocorre nos trópicos e fora dêles lá se ajunta promìscuamente, se emaranha e cresce; e não se pode fazer uma excursão sem ser surpreendido por impressionantes contrastes, tal como os primeiros descobridores do novo continente, especialmente no México, ficaram admirados de encontrar na singular terra palmares e pinhais crescendo juntos.

Palmares e pinhais! Alegres coroas de palmeiras e sombrias araucárias crescendo promìscuamente são, com efeito, os grupos que no Rio Grande mais atraem os olhos do viajante, mais vivamente despertam a sua admiração, como, por exemplo, na floresta à entrada de Santo Ângelo, no pinhal de Santa Maria e enfim na floresta do Taquari, onde notadamente aparecem as jovens araucárias em tôda a juventude e esplendor. Mas por mais esbeltos que se elevem na floresta os estipes das palmeiras, sempre, onde encontrei reunidas palmeiras e araucárias, as últimas eram mais altas; sim, as palmeiras atingiam apenas à metade da altura das pináceas. E parece-me característico dos

pinheiros que os macacos, quando cuidadosamente se escondem dos transeuntes por entre as fôlhas, sobem aos ramos mais altos das araucárias, como sôbre alegres pontes, e lá se balançam impàvidamente ante o olhar do viajante, com o sentimento de segurança que lhe dá a considerável altura da gigantesca árvore.

Da ocorrência das araucárias tem-se querido inferir que o solo e a região onde elas aparecem não são favoráveis à agricultura. A certo respeito, pode ser razoável. As araucárias dão-se melhor no alto do que na baixada, melhor na floresta arejada e sêca do que nas brenhas úmidas, melhor no chão relvado do que no matagal. Assim, essas pináceas devem assinalar decerto antes um terreno favorável à criação de gado do que à agricultura, embora, mesmo nisso, apareçam muitas exceções.

Não menos do que tantos belos grupos de araucárias me atraíram alguns palmares. O mais encantador palmar, um pequeno bosque de palmeiras sôbre a relva lisa, sem nenhum vestígio de matagal, encontrei no solo correntino, duas milhas adiante de Restauración, além do Rio Uruguai, quando eu viajava para a casa do velho Bonpland.

Freqüentemente encontrei palmeiras buriti no Rio Grande. Em geral várias delas formavam um pequeno palmar, que se elevava muito acima do mato baixo. O buritizeiro, uma *Mauritia* de frutos comestíveis e seiva potável, uma espécie de vinho de palma, sempre me causou particular impressão. Crescendo, em regra, em lugares pantanosos, em margens de riachos, é o estipe regularmente muito mais delgado em baixo do que em cima, com proporcionado e gradual intumescimento. Poucas fôlhas flabeliformes formam a fronde, para cuja insignificância o alto tronco parece ser um verdadeiro luxo. Com a forma delgada do tronco sôbre as raízes e com o intumescimento até ao dôbro da grossura no alto, parece que a árvore vai cair com a primeira tempestade, tanto mais quando o buritizeiro não costuma crescer entre outras árvores que possam protegê-lo e apoiá-lo. Mas, apesar da forma anormal e da considerável altura, resiste firme.

Muito diverso é o butiá! Quando, de manhã, saí de Tapevi, a minha atenção foi despertada por uma planta grosseira de um cinzento brilhante que, em moitas herbáceas, cobria encostas inteiras, em milhares de exemplares. Apeei-me e encontrei inumeráveis palmeirinhas truncadas ou frondes de palmeiras que tinham todos os atributos da palmeira, menos o estipe, pois as fôlhas, de um a dois pés de comprimento, pinatífidas como na maioria das palmeiras, saem diretamente do chão. Encontrei ainda muitas flores sêcas entre as fôlhas, uma espata lenhosa do tamanho da do *Arum maculatum* do norte, e nas flores secas se reconhecia a natureza monécica. Encontrei igualmente grande quantidade de pequenas nozes, menores do que avelãs, de forma alongada, numa casca fibrosa tal qual a noz do côco, com três cicatrizes na extremidade superior, exatamente como o seu gigantesco parente. Em algumas das pequenas nozes encontrei dois a três caroços igualmente desenvolvidos, tendo a maioria apenas um caroço, com o gôsto do côco.

Pareceu-me a ocorrência dessa miniatura de palmeiras, comparada com a qual é considerável a *Chamaerops humilis* que encontrei no rochedo de Gibraltar em São Roque, no sul da Espanha, algo de inteiramente novo. E como é ela tão pequena, tão completamente herbácea e cresce numa região de clima moderado e em solo tão pobre, poderia ser cultivada em vasos diante da janela, no norte da Europa, dando o prazer de ter-se no quarto uma genuína palmeira. Ao viajante nórdico impressiona extraordinàriamente encontrar no sul gramíneas em cujo colmo êle pode trepar bastante alto; a ausência de tronco de uma verdadeira palmeira que, olhada de passagem, lhe parece apenas uma erva grosseira do campo, não causa menor estranheza a quem leu alguma coisa sôbre a palmeira cerífera, das cordilheiras, de 150 pés de altura.

Demais, o nome butiá também é dado a algumas palmeiras dotadas de tronco, que ocorrem no Rio Grande e, em número enorme, em Santa Catarina, onde as encontraremos em "habitus" inteiramente peculiar, como butiá de azeite e butiá de vinagre.

Do anão das palmeiras passo a falar de uma planta característica do Rio Grande, pelo menos de uma que lá também ocorre, do gigante das gramíneas. Difìcilmente se acha um lugar sombrio e úmido, uma beira de rio onde não se balance o abobadado bambu verde-claro — a taquara. Já falei suficientemente dessa gramínea em minha viagem ao Rio dos Sinos. Tão graciosa é a sua aparência quanto é útil o seu emprêgo nas cêrcas dos pastos, na construção de ranchos e pequenas casas, no preparo de uma porção de utensílios, de escadas, bancos, cadeiras, cestas, etc. Com auxílio de cipós, sem um único prego, pode-se construir de taquara uma casinha, que a Diógenes pareceria luxo inaudito.

A propósito da grande gramínea, recordo os milhares de fetos arbóreos da Serra de São Leopoldo, que ali dão a muitas encostas coloração e apresentam delicadíssimas fôlhas. Graciosamente se curvam e balançam as fôlhas, acompanhadas pelos movimentos vibratórios dos inúmeros folíolos trêmulos.

Além dêsses fetos arbóreos, chama a atenção em tôda parte, na floresta rio-grandense, o caráter criptogâmico, como é próprio no extremo sul. Muitos lugares recordam a vegetação da Nova Zelândia, onde o mundo criptogâmico está notàvelmente representado em comparação com as plantas fanerogâmicas. No planalto de Santa Catarina, nas fontes do Uruguai, no meio de um mundo de araucárias e xaxins ou fetos arbóreos, mais viva ainda é a recordação das dacrídias e criptogâmicas de Nova Zelândia.

Como parecem infinitamente pequenas algumas polipodiáceas ao lado dessas formas arbóreas. Lembram-me outro grupo de plantas rio-grandenses. Como parecem delicadas e pequenas as flores de mimosas, acácias e ingás ao lado das flores abertas das bauínias, que têm quase um pé de diâmetro e, no entanto, florescem, com aquelas, numa província, num lugar, numa cêrca e, no sistema botânico, são tratadas na mesma página!

Outra coisa não acontece com as bignoniáceas! Aqui as encontramos como princesas da floresta, ali como delicadíssimos sarmentos. E as mirtáceas! Na mata virgem, árvores gigantescas; nos campos, parecem moitas de vacínios nórdicos, quase

como uma pequenina cássia, de altura apenas para suportar uma flor ou duas, que se comportasse como cesalpínia.

Todavia, dar notícias de plantas isoladas para indicar o caráter da vegetação rio-grandense me levaria muito longe. É perfeitamente suficiente lembrar algumas famílias.

Se as leguminosas, mirtáceas, anonáceas, lauríneas, palmeiras, araucárias e bignoniáceas em geral caracterizam a floresta da montanha, a região dos campos assinala-se, sobretudo, pelas singenesias. Nos campos do Rio Grande devem encontrar-se centenas, talvez milhares de espécies das 9 a 10 mil espécies de singenesias, a que podem pertencer algumas da tribo das sinantéreas. Considero um dos trabalhos mais difíceis apresentar exatamente tôdas as singenesias da Província. Como são extraordinàriamente diferentes as flores, tôda a florescência e a formação do papilho depois da desfloração! Como é diferente o "habitus" das plantas entre si! Algumas se elevam apenas a algumas polegadas acima do solo; outras representam àrvores perfeitas, em que só com cuidadoso exame se descobre a singenesia, que parece tão absolutamente estranha ao "habitus" da árvore. Raríssimo é o seu crescimento em lugares onde antes não tivesse aparecido em massa. Onde se abate a floresta virgem e o solo desnudo, a capoeira, se cobre de novo de plantas jovens, tudo são singenesias; poucos anos depois viceja no mesmo lugar onde antes estava a floresta, uma pequena e espêssa mata, quase como um bosque de bétulas nórdicas; mas tôdas as árvores são sinanteráceas!

Além de várias aplicações medicinais, em que representa benfazejo papel a camomila rio-grandense, muitas exalam maravilhoso perfume. Viajei através de campos de singenesias que me pareceram um mar de aroma. Nesse mar de olores esvoaçam enormes bandos de borboletas e abelhas. Muitas vêzes detive o cavalo, admirado, para contemplar a maravilhosa vida. Refletiam-se umas nas outras as diferentes côres dos insetos e das flores.

Na família das solanáceas também se distingue grande número de plantas rio-grandenses, especialmente no próprio gênero *Solanum,* do qual se encontra freqüentemente na orla da

mata, como representante, uma árvore não muito pequena, notável pelas suas grandes fôlhas cinzentas.

Recordemos, de passagem, as bromeliáceas, entre as quais especialmente o gravatá, de frutos pruniformes reunidos densamente num pedúnculo, que cobre campos inteiros e orlas de matas e as torna inacessíveis; muitas bonitas iridáceas e algumas espécies de amarilidáceas; orquídeas, notadamente algumas epidendráceas de flores densamente comprimidas que às vêzes cobrem troncos inteiros; muitas comelináceas de coloração branca, azul e avermelhada e de graciosas formações de estames; encantadoras pontederiáceas, cujas flores e fôlhas verdes são um ornato dos rios e pântanos; grandes e pequenas euforbiáceas que, em parte, formam árvores; as begônias amigas das sombras e algumas olorosas violáceas; muitas bonitas malváceas e muitas malpiguiáceas amarelo-douradas; nossas fiéis companheiras nos campos, as oxalidáceas amarelas, vermelhas, azuis e brancas; muitas belas apocináceas e algumas asclepiáceas; muitas magníficas convolvuláceas e cheirosas labiadas; as densamente aglomeradas acantáceas, gesneriáceas e escrofulariáceas, tôdas as muitas onagráceas, jussieuas, fúcsias e enoteráceas; magníficas melastomáceas, ora árvores, ora pequeninas ervas; os gigantescos cactos das Missões e muitas rubiáceas graciosas, bem como, enfim, os enormes grupos de lorantáceas, que formam uma alegre floresta verdejante de parasitas em que o tronco original, em que vivem a sua existência epifítica, está morto há muito tempo; recordemos ainda, embora só pelo nome, tudo isso e teremos dado ao botânico ao menos uma sugestão do que êle pode encontrar à primeira vista, percorrendo apressadamente montes e vales da Província do Rio Grande; isso e infinitamente mais, se o botânico quiser viajar em estação diferente da em que viajei, não no fim do outono, quando as melhores inflorescências estão murchas e as noites frias enregelam as flores tenras!

Essa é a flora tal qual se apresentou a mim, espectador mal informado, desde o oceano até ao Rio Uruguai!

Lancemos ainda um olhar sôbre as principais formas animais da Província.

Aos primeiros descobridores, como devem ter parecido êrmos e desertos os vastos campos e as coxilhas entre o Jacuí e o Uruguai!

Apesar de tôda a vegetação de relvas, apesar do esplendor das flores, estavam diante do europeu que chegava os hirtos e imóveis campos, mais hirtos e imóveis do que a África fronteira, pois falta sobretudo à nova parte do mundo aquela vida peculiarmente móvel, realçada pelas formas dos numerosos e grandes mamíferos.

Por sua natureza, a América do Sul não é a terra dos quadrúpedes de sangue quente e muito menos o seria nas planícies onduladas do Rio Grande. Ainda hoje impressiona quem pela primeira vez chega à orla dêste espaço relvado não ver nenhuma vida animada por grandes animais, não avistar nenhuma grande aglomeração humana e sentir-se abandonado na grande e tranqüila oficina da natureza, na qual só a leve pulsação da silenciosa existência das plantas trai a vida orgânica.

E todavia como tudo já está diferente de outrora! Embora espalhados sôbre milhares de milhas quadradas, hoje pastam milhões de reses nas coxilhas do Rio Grande e centenas de milhares de cavalos, em fogosa alegria de viver, pisam as planícies relvadas. Ainda que não em massa compacta, mas em rebanhos dispersos, em tôda parte encontra o viajante bois e cavalos e mesmo rebanhos de ovelhas.

Na insensata revolução, começada em 1835, que durante onze anos assolou a Província, parece que se arruinaram enormes rebanhos de gado; ainda hoje em dia se afirma que, embora os rebanhos tenham sido mais ou menos restaurados, não reconheceria a Província quem a tivesse conhecido antes daquela calamidade.

No decurso de minha marcha através do Rio Grande, repetidas vêzes exprimi a impressão que me causaram êsses rebanhos dispersos de bois e cavalos. Descrever essa impressão pode ser monótono; mas a própria impressão, ainda que se repetisse durante anos, para mim sempre teria sido nova, fresca e repousante, tanto mais repousante quanto mais solitária a situação em que ela se me oferecia. Éguas que pastavam tranqüilamen-

te, ao lado das quais jovens potros passeiam ou, se algo estranho se aproxima, contra elas se comprimem com o cunho da maior timidez; garanhões juntos, brincam travêssamente, ou sobem, galopando, a coxilha, com as crinas esvoaçando, quando um peão aparece com o laço para retirar um dêles; vacas lisas, bem nutridas, que ruminam tranqüilamente, enquanto de seu ubre cheio as vitelas bebem tranqüilamente o seu alimento ou, como dizem as crianças alemãs do país, "die Kuh aussaufen"; ou vigorosos touros de chifres curtos dirigidos para a frente, testa áspera, peito hirsuto, costas e espáduas fortes, e, mugindo mal humorados e afastando-se lentamente quando o cavaleiro se aproxima — isso, só isso é o que ocorre na planície relvada. Mas, assim como num caleidoscópio poucas pedras coloridas tomam mil formas diversas, assim é aquela vida animal, sempre diferente, sempre agradável.

Muitas vêzes me divertiu a curiosidade e timidez dos cavalos. Quando a gente se apeia e anda um trecho a pé, aproximam-se cavalos que nunca viram um pedestre, muito menos um pedestre estrangeiro; de longe vêm trotando e marcham mais lentamente à medida que chegam mais perto, até que afinal com vagar e cautela, farejando e bufando, ousam aproximar-se. Quanto mais corajosos parecem os animais à distância, tanto mais assustadiços são de perto. Bastava-me fazer um movimento rápido ou dar um súbito assobio e dispersavam-se, espantados, para pouco depois repetirem a curiosa pesquisa, caso em que aconselho conservar-se o observador à distância de ao menos um corpo de cavalo, para evitar ser atingido pelo casco quando êles fogem, às vêzes, escoiceando. Embora os cavalos dos campos rio-grandenses não sejam ferrados, o coice pode ser muito doloroso.

Em minhas primeiras excursões através dos pampas, muitas vêzes me diverti com os cavalos, usando meu guarda-chuva. Por mais indiferente que pareçam todos os animais, tudo o que é novo se lhes apresenta como estranho e espantoso. Quando às vêzes, com meu guarda-chuva, mesmo fechado, porém não enrolado, passava junto de um lote no pasto, logo que as dobras do guarda-chuva esvoaçavam, havia uma verdadeira explosão

entre os animais. Disparavam em ruidoso galope, geralmente subindo a colina mais próxima, onde, comprimindo-se uns contra os outros, roncavam e bufavam, embora às vêzes estacassem à espera do desenvolvimento do terrível fato. Depois eu enrolava o meu guarda-chuva e os animais aquietavam-se. Relaxavam de novo os músculos e alguns até recomeçavam a pastar. Bastava, porém, que de novo eu agitasse o guarda-chuva para que tudo outra vez se alvoroçasse.

Muito menos assustadiças, geralmente, aliás, de notável indolência, são as reses no campo. Quando ruminam pachorrentamente ao sol da tarde, quase preferem ser pisadas pelo cavalo a levantar-se e afastar-se do caminho.

Mesmo os touros muitas vêzes mostram rara indiferença para com um cavaleiro que se aproxima. Nunca o atacam. Disseram-me, entretanto, repetidamente, que o pedestre deve acautelar-se. As vacas e os touros aproximam-se curiosamente, como os cavalos, se êle vem no caminho, não para fugirem, assustados, mas para o derrubarem com duros golpes, dos quais podem resultar graves ferimentos.

De modo algum são de boa raça os cavalos do Rio Grande. É uma raça espanhola degenerada e parece que ninguém se preocupa com as éguas, nem com os garanhões que devem cobri-las. Tão pouco se ocupam sèriamente com o cavalo. A gente do Rio Grande viaja geralmente a galope. Quando o cavalo está exausto e talvez ainda maltratado pela sela, com frio ou calor o deixam no campo livre ou num potreiro e raramente se ocupam com a sua comida e bebida e com as suas feridas. Dada a abundância de terra e de cavalos, ninguém se preocupa com os animais nem com o solo. Podem ver-se bandos de cavalos, todos imprestáveis, abandonados no campo. De São Martinho para cima, ao longo das antigas Missões, me pareceram muito melhores os cavalos e excelente o gado em geral.

Pode afirmar-se, na maioria dos casos, que o cavaleiro riograndense não se orgulha de seu cavalo e sim das guarnições de prata de seus arreios. Antes de tudo devem ser gigantescas as esporas, que com o estribo e a corrente abraçam o pé, e impedem andar fàcilmente como os sapatos metálicos chineses num

pé de senhora. Da roseta não quero mais falar. Essa espora sempre é afivelada de modo que o curvamento da espora fique para baixo, e não para cima, como na Europa, com o que a roseta se arrasta atrás, retinindo. Os estribos formam um verdadeiro vaso de prata; os loros passam através de tubos de prata. A brida consiste em chapas, correntes e articulações de prata. A isso freqüentemente se ajunta uma coleira de prata, ainda que a cavalgadura seja um rossinante. A sela também tem de ser guarnecida de prata na frente e atrás.

Um dêsses sólidos arreios de prata custa de 2 a 3 mil táleres. Aqui acrescento, a propósito de cavalos: o habitante do campo, o cavalo e os arreios são inseparáveis.

Muito melhor do que a raça dos cavalos é a qualidade do gado, que em parte é excelente. Todavia, quase nenhum cuidado se lhe dedica a não ser marcar com ferro em brasa a geração nova, logo que nasce. Por êsse ato se determina o valor de uma estância. Não se diz: aquêle estancieiro tem tanto de terra, tem tanto de dinheiro, mas: marca tantas reses por ano.

A criação de ovelhas, bastante considerável, antes da última revolução, foi também recomeçada com atividade. Para melhorá-la, há algum tempo, o govêrno mandou vir um rebanho de 120 cabeças de merinos, que foram divididos entre fazendeiros, ao passo que foram vendidos quarenta e sete cordeiros. Com isso ainda não se conseguiu muita coisa; o tempo ainda é pouco e a experiência no tratamento dos animais estrangeiros ainda muito pequena.

Muito mais tímidos do que os merinos e mais ariscos do que os cavalos, vagueiam, como autóctones da Província, entre os rebanhos de animais importados da Europa, numerosos veados e corças. Não é fácil viajar um dia nas estepes relvadas do Rio Grande sem encontrar uma ou outra manada de veados; mas, quem não tenha a vista exercitada poderá perder muitos dias sem matar um só. Tanto quanto podem ser reconhecidos de longe, são de côr cinzento-esbranquiçada, mais escura no dorso, sendo a barriga branca; mas quando, com o óculo de alcance se procura ver alguns sinais, logo fogem e pela fuga e pela circunstância de que se pode alcançá-los com a vista muito longe na

planície, dão uma aparência de vivacidade aos campos, mas, também, de infinita solidão. Pelo menos eu, sempre que levantava uma manada de veados e a fazia correr para longe, experimentava um profundo sentimento de isolamento nas infindas paragens dos esbeltos animais.

O veado também aparece na floresta. Mas aqui encontramos outro mamífero de mau agouro: a onça, um magnífico animal amarelo-avermelhado com séries de manchas anulares na direção das costas para a barriga, geralmente bem nutrido e exatamente como um gato em todos os movimentos. Já tivemos demasiadas oportunidades de falar dêle para que seja necessário voltar ao assunto.

Só ouvi falar da existência do unicolor leão sem crinas *(Felis concolor)* em Pinhal, perto de Santa Maria. O animal parece ser antes um ladrão do que um bandido e evita medrosamente qualquer conflito sério.

No esconderijo de ambas as feras, nos barrancos alagados da mata encontra-se em grande número a anta ou tapir, um animal estranho, composto aparentemente de várias formas animais, como parece ser o gnu. O porco, o elefante e o rinoceronte devem ser os parentes mais próximos da anta. Nunca vi o animal nas matas do Rio Grande, pois, nos rios abertos êle só se mostra muito cautelosamente. E é muito difícil a caça ao tapir, para o que são necessários bons cachorros. Perseguido e ferido, o animal refugia-se na água, onde só pode ser morto com um bom tiro. É perigoso para os cães que o perseguem. Sentado na água espera os perseguidores que vão nadando e fere-os e mata-os com as patas dianteiras. Por causa dessas sedutoras dificuldades e especialmente por causa do bom resultado — uma anta tem 300 libras de excelente carne — a anta é quase o único animal que é caçado sistemàticamente. Falei com caçadores de anta apaixonados pelas suas caçadas.

Constituem outro artigo de caça, nas mesmas matas, diferentes macacos, especialmente o bugio. Caçam-no para a obtenção da carne, mas também porque são perigosos inimigos dos milharais. Raro é viajar-se de manhã cedo nas proximidades das serras do norte, ao longo das florestas, sem ouvir-lhes o horren-

do uivo. Mas raramente são tantos quantos o uivo leva a supor. Um só casal pode rugir tanto que a gente pense que a mata está cheia dêles. Disseram-me caçadores de macaco que se deve matar o animal imediatamente, de um só tiro, pois pode suportar graves ferimentos e fugir para longe. Ao morrer seguram-se firmemente com as mãos e com a cauda e depois de mortos ficam pendurados, de modo que absolutamente não caem. Dada a sua invulgar prudência e habilidade, é difícil atingi-los a tiro e a caça ao macaco exige um hábil caçador. Contaram-me geralmente que as macacas imploram, apresentando os filhotes, a compaixão dos caçadores.

Quero mencionar aqui que no Rio Grande ocorre com freqüência o *Phillostoma,* um morcego que tem um apêndice no nariz e que, durante a noite, provoca uma ferida nos cavalos e burros, geralmente nas espáduas, e lhes chupa o sangue. Essas feridas são freqüentes. Os meus animais foram mordidos algumas vêzes pelo *Phillostoma.* Certa manhã, quando pretendia ir de Cachoeira para Rio Pardo, o cavalo que destinara para montar foi precisamente o mordido pelo *Phillostoma.* Pendia-lhe das costas uma larga faixa de sangue sêco até à barriga. A sangria às vêzes é forte e debilita os animais. Parece que os morcegos não atacam o homem.

Quase não preciso recordar as diferentes espécies de *Cavia,* o roedor subungulado, próprio da América do Sul, o *Hydrochoerus capybara* ou capivara, que encontrei e observei em rebanhos às margens do Uruguai. Ocorre também a saborosa paca, prato tão procurado quanto é detestada a capivara.

Diferentes espécies de tatus habitam também os campos, onde cavam tantos buracos que, ao atravessá-los, é preciso ter cuidado para não cair com o cavalo. No entanto, não vi nenhum tatu vivo, embora os tenha visto mortos no campo. Vi sua carapaça servindo como vasilha natural. Geralmente as índias mansas guardavam os seus utensílios de costura num casco de tatu.

Ocorre também, em pequenos bandos, o pequeno porco do mato de cerdas grossas, o *Dicotyles,* que é caçado e comido. To-

davia não é muito estimado, dada a abundância de carne na Província.

Passo por alto mamíferos menores, pois não estou escrevendo uma história natural da Província, mas apenas quero acentuar o que mais me chamou a atenção na vida animal.

No reino das aves tem o Rio Grande também algumas características, embora possam existir além dos limites da Província.

A Província parece ser rica em turdídeos, cujo grito selvagem se ouve em tôda parte onde se limitam as moitas e o campo aberto. Particularmente me chamou a atenção a sua existência nas ruínas das Missões, onde davam uma nota de poesia ao cenário local.

As andorinhas também voejam pelos campos, vivendo inofensivamente, como as nossas espécies nórdicas. Freqüentemente vi colibris esvoaçando de flor em flor, na maioria dos casos nas proximidades dos pomares e habitações com jardins, ainda que incontestàvelmente vivam também no interior das florestas.

Ao lado delas, o gênero talvez ainda não de todo esgotado dos tanagrídeos no Rio Grande parece não estar mal representado, bem como pássaros semelhantes ao estorninho, especialmente de coloração amarela, provàvelmente das espécies *Icterus* que, tal qual fazem as aves semelhantes entre nós, no norte, pousam nas vacas e passeiam sôbre elas com rara audácia e inofensividade.

Do *Chasmarhyncus* e de sua impiedosa música férrea falei ao tratar de São Leopoldo; e não tornei a ver a ave. Falei também dos alcedinídeos pescadores, ainda que só apareçam, pescando, nas sombrias margens dos rios.

Sobretudo entram pelos olhos e pelos ouvidos os bandos verdejantes de inúmeros papagaios, êsses inevitáveis macacos alados da mata virgem, que lhes pertence em particular. Mal amanhece o dia, já estão êles em sua maligna atividade. Como os pardais ao trigo, atacam as colônias alemãs e às vêzes, numa hora, causam grandes danos. Por causa dêles, logo que a espiga de milho começa a amadurecer, os colonos quebram-na e dei-

xam-na dependurada, de modo que os papagaios difìcilmente podem agarrá-la. No entanto consegue a ave saquear as espigas; comem-na de cabeça para baixo. Quando são espantados, fogem com uma gritaria tal que a gente não ouve mais as próprias palavras.

Depois de um aguaceiro, quando o sol da tarde doura a orla da mata, foi quando mais belos me pareceram os papagaios. Então, com as suas brilhantes côres vermelha, amarela, azul e verde, pousavam as soberbas aves e limpavam a sua roupagem de plumas até que uma delas dava um grito, semelhante a uma proposta para uma excursão ao milharal, as outras acompanhavam em côro e voavam tôdas gritando. É singular que mesmo quando, gritando, atravessam o ar, sempre se conservem unidos em casais e tão juntos que se tocam no vôo.

Se nas colônias das matas e suas vizinhanças os papagaios representam o seu papel de rapinagem e são aves características, podemos da mesma maneira denominar os bandos de abutres como flibusteiros dos campos, mas no melhor sentido da palavra.

Êles também despertam antes de nascer o sol. Quando as coxilhas se tingem com o primeiro rubor da madrugada já os vemos, com rápido bater de asa, flutuando no ar em linha reta. Onde quer que, na solidão relvada, haja um animal morto, putrefacto e fedorento, lá estão os abutres, aos sessenta e aos oitenta, como hóspedes inevitáveis. Então, em asquerosa concorrência, arrancam das goelas uns dos outros os intestinos podres da carniça e tornam a engolir tripas já engolidas pelo vizinho. Devorando àvidamente a carniça, emitem um peculiar som sibilante.

O abutre rio-grandense é o *Cathartes stratus,* o urubu, corvo ou *cuervo,* como lhe chamam no Uruguai, inteiramente negro, de pescoço e cabeça carunculosos negro-cinzentos e bico geralmente reto, que a ave, ao pousar, costuma conservar aberto. Ao pousar e ao andar, êsses abutres deixam meio pendentes as asas, mais largas que pontiagudas, o que lhes dá uma expres-

são de famintos. Pareceram-me hienas aladas. A ave do Rio Grande afigura-se-me maior e mais vigorosa do que a mesma espécie nos arredores do Rio de Janeiro.

A natureza de hiena do abutre freqüentemente dá uma expressão peculiar à região dos campos. Eu viajava ao longo de uma extensa coxilha. Não se via casa, nem arbusto, nem gado, nem homem; lá havia um cavalo sòzinho, com a barriga inchada, ainda mexendo as pernas; sôbre a barriga inchada, pousado, imóvel, um único abutre, aguardando o último instante do animal moribundo para então arrancar-lhe os olhos, pois o urubu não ataca nenhum animal vivo. De longe vinham mais alguns abutres; em tôrno, tudo silencioso, êrmo, morto. Era uma verdadeira imagem do deserto.

Aparecem ainda nos campos falcões, açôres e milhafres. Difìcilmente se encontraria uma região onde vivessem reunidas tantas aves de rapina.

O cará-cará, *Circaetus brasiliensis,* destaca-se como a mais singular entre elas; é uma ave de rapina a pé, para a qual andar é mais cômodo do que voar. Encontrei-o quase sempre sòzinho, porém, na maioria das vêzes em grupos; aliás uma vez encontrei num campo um bando de 100 a 150 exemplares. Na margem do Uruguai, no Passo de São Borja, também havia outro tanto dêles. Quase que denomino a ave um meio têrmo entre uma pernalta e uma ave de rapina. Como a última, tem o aspecto arrogante e é tão atrevida que apenas se afasta quando a gente se aproxima dela. Antes que matasse e examinasse um exemplar, lembrava-me vivamente o *Dicholophus* com sua estranha natureza dupla.

Recordo ainda uma vez o quero-quero com o seu esporão na asa: entre tôdas as aves da Província foi a primeira ave característica que ouvi gritar em tôda parte.

Aludi, pelo menos, às belas formas de algumas garças e mencionei reiteradamente as ciconiformes mictérias. Por causa de sua maravilhosa coloração e peculiar formação do bico, cito aqui também o colhereiro. A ave é de bela côr branco-averme-

lhada e produz um belo efeito no espelho das águas límpidas dos rios e poços, tanto mais que só é encontrada em sítios ermos, onde se reúne ao *Plotus Anhinga.*

Essas as principais aves que encontrei em minha peregrinação pelo Rio Grande. Já lançamos um olhar sôbre o caos de aves palmípedes — cisnes, gansos e patos — da extremidade meridional da Lagoa dos Patos, em cujo caos um ativo ornitólogo, que propositadamente quisesse passar um ano na Cidade do Rio Grande, ainda descobriria formas novas e indeterminadas.

Muitas vêzes recordei a ave principal, o avestruz de três dedos *(Rhea americana),* não sendo necessário voltar ao assunto. Quem, longe de habitações humanas, andou durante semanas no verde mar de relva dos campos por entre bois e cavalos, perseguindo veados e corças, viu também grande número de avestruzes.

Durante os meses de minha viagem no Rio Grande, pelo menos nas planícies onduladas da Província, pareceu-me extinto o mundo dos anfíbios. Só vi cobras três a quatro vêzes (sendo duas vêzes uma jararaca), duas vêzes vi um grande teiú e uma vez, e essa mesmo indistintamente, um jacaré vivo no Rio dos Sinos e, de outra vez, um jacaré morto à margem de um charco. E também lagartos menores apareceram poucas vêzes. Por outro lado são freqüentes as tartarugas fluviais, ora nadando desajeitadamente no rio, ora meio entorpecidas tomando sol sôbre troncos de árvores caídos ao rio.

Sôbre os peixes da Província não ouso dizer palavra alguma. Êles demandam a longa estada de um zoólogo, notadamente no Rio Uruguai; um estudo próprio, pois, deve preceder o estudo dos peixes. Em Taquari vi um grande e magnífico peixe dourado com manchas laterais cinzentas, chamado dourado, de seis a oito libras de pêso. Em minha viagem fluvial no Uruguai só observei peixes pequenos; em vão tentei pescá-los. No largo rio não existe corporação de pescadores e ao ictiólogo pode acontecer como ao nobre A. von Humboldt no passeio de "Havana" relativamente às flores de palmeiras: êle as via pendentes sôbre a sua cabeça e nenhuma pôde obter.

Kerb em Hamburgerberg. Quadro de Pedro Weingärtner. (De *Riograndenser Musteireiter*, Pôrto Alegre).

Chegamos, porém, ao animal principal da Província, o homem!

Quando a América foi descoberta pela Europa, vagueavam pela Província os charruas, os guaranis e outras tribos indígenas que não merecem nome, porque não têm história, nem deixaram realização. Desde então tem havido na Província um fluxo e refluxo de raças humanas contínuo, embora não muito importante.

Desde o descobrimento da terra, sempre houve afluência de europeus ao Rio Grande. A princípio vieram quase sòmente espanhóis e portuguêses, conforme pertencia a uma ou outra nação a maior parte da terra, até que se desenvolveu uma economia muito particular no interior do país.

Pregando e conquistando, os jesuítas subiram o Uruguai e o Paraná e, com piedosa tranqüilidade, fundaram ao norte e ao noroeste da Província, e mesmo subindo o Paraná, o singular reino das trinta ou trinta e duas Missões, das quais ainda pertencem ao Brasil aquêles Sete Povos.

Com todos os meios que podem empregar a prudência, a astúcia, a fôrça e a cobiça e decerto também um consciencioso zêlo católico, souberam êles conseguir um poder que ainda hoje surpreende a quem lê a história e percorre as ruínas daqueles castelos fortes clericais. Ali se mantinha a mais prodigiosa coação eclesiástica sôbre cem mil índios que, com as suas fôrças reunidas, trabalhavam para a sua penitenciária cristã, sem poderem libertar-se de seus pastôres. A igreja não era o meio de felicitar os homens, mas os homens é que eram o meio de felicitar a igreja e seus príncipes.

Assim, quando expulsaram os jesuítas, a farragem desmoronou-se. Os submissos habitantes das Missões não foram educados para a vida de nação livre e não podiam suportar a luz viva de um europeísmo geral.

Êsse europeísmo, porém, embora o ameaçasse desbancar o jesuitismo no noroeste e amplamente já o tivesse desbancado, desenvolvera-se lentamente ao leste da Província. Já se tinham

fundado cidades como Rio Pardo, e Pôrto Alegre, não para ordens monásticas, mas para uma nação em crescimento. Mas o domínio português temia o crescimento do jovem gigante Brasil, em cujas praias estava escrito, em traços graníticos, o "Surge et impera". Via de bom grado o florescimento de sua colônia, mas sempre temia que um dia se levantasse e se tornasse autônoma.

Então Pedro I por sua própria conta lançou sôbre os fortes ombros o pálio imperial, desviando, felizmente, uma segunda dominação jesuítica, a pressão de uma metrópole egoística sôbre a colônia.

E desde alguns anos ainda uma terceira dominação jesuítica produziu graves feridas na Província do Rio Grande! Querendo Deus, passou para sempre essa dominação jesuítica de um embuste republicano, no qual cada indivíduo se tornaria o tirano de outro, como tantos se tornaram o assassino do próximo.

Entretanto, prosperam com felicidade a Província do Rio Grande e sua população. Pode estimar-se o número de habitantes em 300.000. Dêstes, menos de 200.000, sem acepção de côr, têm direitos de cidadãos livres; menos de 100.000 são escravos. Os restantes são estrangeiros, dos quais só alemães deve haver uns 25 a 30 mil indivíduos.

Nessa avaliação um tanto vaga do número de escravos, devo estimá-los antes em menos do que em mais. É precisamente isso um dos mais felizes fatôres do desenvolvimento da Província, que já se está realizando e se espera ainda mais, e é que o veneno da escravidão negra nela não penetra tão profundamente como no Brasil do centro e mesmo do norte.

Êsse pequeno número de escravos, seja causa ou conseqüência das particularidades da vida da Província, está exatamente ligado ao predomínio da criação de gado sôbre a agricultura.

Apesar de terem sido feitas, antes, muitas tentativas agrícolas, os rio-grandenses, com os seus vastos campos, sempre foram criadores de gado. Para a agricultarem sempre tiveram

muita terra e poucos braços e, além disso, tinham as pastagens que a natureza lhes preparara de modo completo.

A criação de gado, como é feita no Rio Grande do Sul, pede muita terra e pode ser realizada com poucos braços; aliás, geralmente é feita por si mesma e por isso é praticada com pouco cuidado. Evidentemente essa facilidade do trabalho e de ganhar a vida teve decisiva influência sôbre o caráter dos habitantes do interior da Província. Não sendo oprimidos pelas pequenas preocupações da vida, êles são isentos do sentimento de mesquinharia que tão freqüentemente em todo o mundo é característica das grandes cidades entre merceeiros e operários. Não importa em geral ao rio-grandense uma despesa, ceder um cavalo, uma vaca ou algumas libras de carne ou receber um estranho. Se, por um lado, a circunstância de que nos imensos campos de sua terra as residências ficam distantes umas das outras e de que absolutamente não há hotel o obriga, por amor ao decôro, a uma certa hospitalidade, por outro lado a hospitalidade espontânea, oferecida de boa vontade, é um traço profundamente característico da maioria dos estancieiros e mesmo das pessoas pobres, se tais existem no país — hospitalidade na mais ampla escala. Prova-o, quase todos os dias, o itinerário de minha peregrinação. Aliás, não há pior fama na Província do que a de inospitaleiro, como, por exemplo, a que possui em tôda parte aquêle Couto Rico de Itapevi.

Dessa hospitalidade se origina uma série de boas qualidades. Freqüentemente acanhados, a princípio, logo se tornam francos, sinceros e sempre corteses, ávidos de saber, mas modestos em perguntar, impávidos e corajosos, sem provocação. Essa é a característica dominante de todos os que conheci.

É difícil descrevê-los pela constituição física, pois são de variadas origens e em geral procedem das três raças, negra, índia e européia. Em minha peregrinação estive em contacto com todos êsses elementos e entendi-me perfeitamente com todos êles.

Já é muito diferente nas cidades, vilas e freguesias da Província, onde a vida tende a desenvolver-se em tôdas as formas em que a própria Europa procura desenvolvê-la. Aqui é traço

característico a cortesia e a amabilidade e, depois que a gente se identifica, a verdadeira bondade do coração, que eu, pelo menos, encontrei em tôda parte. E não devo escrever coisa diversa do que encontrei.

A circunstância de que, dada a larga extensão das pastagens e dos importantes rebanhos, não se desenvolveu vigorosamente uma agricultura pròpriamente dita, embora seja em tôda parte uma premente necessidade, atraiu para cá desde alguns decênios uma corrente de população de agricultores, a princípio fraca, mas depois crescente, na qual os alemães — creio poder dizê-lo imparcialmente — têm um alto merecimento; merecimento e significação reconhecidos não só pelo govêrno como também pelo próprio povo, que encontra forte concorrência no árduo trabalho dos pioneiros nórdicos, de modo que o desejo de uma extensa imigração para o Rio Grande se tornou um desejo nacional, a sua realização uma importante questão do dia e a sua conseqüente execução uma aspiração do govêrno.

A colonização alemã no Rio Grande já não é mais um mito; é um fato brilhante, já tem sua história, já tem a sua página nos Anais estatísticos da Província, na qual de bom grado inscreve o seu nome cada presidente provincial.

Com a colônia de São Leopoldo, já suficientemente descrita, começa a história da colonização alemã; pois o que se tentou antes ou contemporâneamente, como, por exemplo, nas distantes Missões de São João e São Luís e, a certo respeito, também em Três Forquilhas e perto de Tôrres, foi tão circunscrito que esmaece ao lado de São Leopoldo. E a cultura alemã, na última região, prossegue silenciosamente a sua marcha.

Ao ser fundada, em São Leopoldo, pelo afrouxamento do zêlo dos fundadores, infidelidade de empregados e agentes, parecia destinada ao papel de órfão. Teve uma juventude dura, mas o ar da serra, a boa terra e a boa água dos regatos eram-lhe salutares; ela cresceu e ficou forte, gigantescamente forte, como a floresta virgem que ela suplanta, ou muito mais forte, pois do contrário não a suplantaria tão vitoriosamente.

Mas, como já disse, é preciso visitar e ver São Leopoldo pessoalmente para ter uma clara idéia de uma colônia alemã numa serra rio-grandense. Antes que eu lá estivesse, as minhas próprias idéias eram puerilmente pequenas. Já a vila alemã me surpreendeu. E no entanto, que é a Vila de São Leopoldo? É uma bagatela, um nada, comparativamente com a atividade agrícola lá em cima, nas picadas, onde, infelizmente sobem poucos dos que vão a São Leopoldo. Em tôda parte se ouve dizer, a brasileiros e a alemães: "Que seria de Pôrto Alegre sem São Leopoldo?" E eu repito com a opinião pública: que seria de Pôrto Alegre sem São Leopoldo?!

Já referi, antes, a abundância com que a colônia alemã supre a Capital da Província com gêneros alimentícios. E todavia a colônia supre aquela cidade, aliás a Província, até ao longínquo Rio Uruguai, com algo ainda melhor do que couves e nabos: com trabalhadores livres. Basta andar pelas ruas de Pôrto Alegre e perguntar aos milhares de alemães: de onde o senhor é? Muitos dirão: de São Leopoldo! Peça-se informação sôbre as famílias de Santa Maria e ver-se-á que tôdas têm maior ou menor ligação com São Leopoldo. E onde quer que um alemão goze, na vasta região, o fruto do seu trabalho, na maioria das vêzes a colônia do Rio dos Sinos e do Caí foi o comêço, o seu ponto de partida.

Dos 25 a 30 mil alemães da Província do Rio Grande, 18 a 19 mil são do distrito de São Leopoldo ou dêle saíram. Nas colônias vivem êles como lavradores, muitos como pequenos negociantes e compradores de gêneros do país; nas cidades são artífices e mesmo negociantes; em muitas estâncias são encontrados como carpinteiros, como trabalhadores e pastôres bem remunerados, cuja posição, porém, ali é muito diferente da de um pastor entre nós, na Alemanha, para com o seu patrão. Encontrei pessoas, em estâncias, que percebiam, com casa e comida, o salário mensal de 30 a 40 táleres prussianos. Assim, jovens alemães paupérrimos, mas laboriosos, podem arranjar um pequeno capital com que comprem uma colônia e se tornem proprietários.

Da colônia de São Leopoldo vimos esgalhar-se com magnífico progresso, a apenas incipiente Santa Cruz. Segundo o relatório impresso do Presidente, de 1857, produziu Santa Cruz durante o ano:

3.129	sacos de feijão prêto, a 8.000 réis o saco, no valor total de	25.032	mil-réis
236.998	"mãos" de milho (1 mão são 60 espigas) a 400 réis	94.799	" "
1.970	sacos de batatas a 2.000 réis	3.940	" "
309	arrôbas de fumo (1 arrôba são 30 libras) a 3.000 réis	927	" "
658	porcos cevados a 25.000 réis	16.450	" "
698	porcos para criar a 10.000 réis ...	6.980	" "
2.666	leitões a 5.000 réis	13.330	" "
	Total	161.458	" "

(cêrca de 150.000 táleres)

Dêsse total foram exportados: 2.835 sacos de feijão, 313 sacos de milho, 100 sacos de batatas, 309 arrôbas de fumo, 1.303 arrôbas de toucinho e 294 arrôbas de carne de porco, no valor total de 33.318 mil-réis.

Do difícil comêço da colônia de Santo Ângelo, a noroeste de Cachoeira, já falei bastante; não padece dúvida de que dentrc de três a quatro anos ela já estará em plena florescência.

Como se generalizou a firme convicção de que só com essa ampla escala e com a vinda de braços nórdicos pode a Província desenvolver-se em tôda a sua plenitude — não só o govêrno com auxílio da Câmara provincial como também os proprietários de vastas extensões territoriais procuram cultivadores laboriosos para as suas terras.

Em Taquari acabam de ser demarcadas seis milhas quadradas de terras livres para uma colônia numa região, aliás, de excelentes terras e que, por causa do rio, está em ininterrupta ligação com Pôrto Alegre.

Na mesma região do Taquari já há algumas emprêsas que procuram valorizar os seus terrenos por meio de colonização. O Tenente-Coronel Vitorino José Ribeiro, em sua Estância da Estrêla e, depois, Batista Fialho & Cia. em sua propriedade de Conventos e o já mencionado Tenente-Coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante já fundaram ou pelo menos estimularam a fundação de colônias em pequena escala.

Com muito maior pompa foi construída a sociedade de colonização Montravel Silveira & Cia., que prometeu prestar grandes serviços. Montravel é um idoso conde francês, que em meio século da sua agitada vida parece não ter achado felicidade nem repouso e quer fazer a felicidade dos outros. Segundo parece, só introduzirá católicos no país.

Em Triunfo, na confluência do Taquari com o Jacuí, foi demarcado um terreno do govêrno que compreende 47 colônias, isto é, 23 colônias de 200.000 braças quadradas cada uma e 24 de 150.000 braças quadradas cada uma. Breve serão iniciadas as colônias.

Não preciso repetir a descrição do comêço de uma dessas colônias. É uma vida dura! E exatamente por ser uma vida dura, que veja cada um, desejoso de deixar a pátria e atravessar o mar, se se julga chamado a essa dura vida, se tem um motivo razoável para emigrar, fôrças suficientes para começar o trabalho, vontade firme para realizá-lo.

Motivo razoável para emigrar. Desde que a palavra emigração penetrou no interior da Alemanha, quase não há um homem que a palavra não tenha induzido em tentação e centenas de milhares foram seduzidos por ela. Não posso tratar do tema aqui. Mas quando o único motivo de emigrar forem fantasia, sentimentalismo e sonho de uma vida ideal na floresta virgem, descontentamento e arrogância com as condições locais relativamente boas, desgôsto por dificuldades políticas — a conseqüência, na maioria das vêzes, é desilusão na terra estrangeira.

Só conheço um motivo para emigrar: consciência plena, segura e forte de possuir fôrça de realizar em terra estrangeira o que é possível realizar na Europa — fôrça física e fôrça moral. Muitos outros motivos, pelos quais algumas pessoas emigram,

são perdoáveis e, se a leviandade em dar o grande e sério passo é castigada e expiada por amargo arrependimento, podem dar-se bem todos os emigrantes, se sèriamente o quiserem.

Mas, plena fôrça física e moral, porém, é o estandarte sob o qual milhares, mesmo milhões de emigrantes alemães podem ir para o Rio Grande. Difìcilmente em qualquer outra parte do mundo, notadamente em qualquer parte da Europa, tem o trabalho, mais do que no Rio Grande, o seu direito, o seu crédito, a sua estima e o seu êxito. Não o embaraça nenhuma conveniência, nenhuma classe, nenhuma posição, nascimento e passado, nenhum espírito de casta do antigo Egito ou dos hindus. Só se emigra pelo trabalho, pelo trabalho honrado, pelo trabalho capaz e só por êle! Quem por amor ao trabalho emigra para o Rio Grande, escolheu o verdadeiro cajado do emigrante, o único motivo que, a todos os respeitos, posso aprovar.

Mas, o emigrante que trouxer mulher e filho, traga também fôrça para o comêço do trabalho, pois o comêço do trabalho é duro.

Quantas vêzes me detive, admirado e comovido, ante os meus queridos compatriotas de punhos fortes nas serras de São Leopoldo e de Santa Cruz, quando êles me levavam ao campo de batalha onde acabavam de festejar a sua vitória a machado e fogo e me mostravam, entre os carvões, cinza e enegrecidos troncos gigantescos da mata virgem, as sementes que já começavam a germinar alegremente. Quantas vêzes tive por impossível, quando estava à borda da alta mata, que êsse caos de vegetação cedesse ao homem e o solo indômito se lhe tornasse útil! E já depois de um ano de trabalho, em parte em menos tempo, vive o imigrante alemão do produto do solo conquistado àquelas brenhas, do seu solo, da sua fazendinha, cujo preço de compra, conforme é estipulado, êle pode pagar nos anos vindouros com a maior facilidade, como tantos exemplos que citei. Jamais poderei esquecer tôdas as pequenas cenas e grupos de famílias e sua vida sã na colônia, onde os homens começaram vigorosamente o seu trabalho, pobres como Jó, mas sãos de corpo e alma.

O último ponto é, pois, êsse, a firme vontade de concluir a iniciada vida de colono da maneira mais fácil. O colono que veio realmente como tal, fica na terra que conquistou; de bom grado lavra o seu solo anos seguidos e cada vez mais domina a floresta. Muitos, naturalmente, dado o seu conhecimento de ofícios, deixaram-se tentar e procuraram cidades e lugarejos e acharam que o seu ofício tinha um solo de ouro; muitos começaram a negociar e em alguns casos com efeito ficaram ricos, muito mais ricos do que teriam ficado com a agricultura nas selvas. Mas, no entanto, ficando-se com a cultura do solo, a honrada e produtiva cultura do solo, também se tem o seu solo de ouro e a sua honra em tôda a Província do Rio Grande.

Como pode acontecer que um ou outro julgue poder aproveitar melhor no Rio Grande do que na Alemanha a sua capacidade de trabalho e consulte o meu livro para ver se nêle encontra alguma sugestão para a sua iniciativa de emigrar, dou um alvitre único: — com absoluta confiança e firme esperança, aceite tudo o que vier do govêrno do país e evite todo serviço de colonização dirigido por indivíduos, sociedades e companhias. Entre êles encontram-se homens capazes e algumas companhias podem repousar sôbre princípios aceitáveis. Mas todos êles, digam-me o que quiserem, querem ganhar dinheiro com a imigração, tirar vantagens financeiras do trabalho da colonização, quando tôda emprêsa de colonização está exposta, no comêço, a sacrifícios de dinheiro, o que só pode fazer e sem temor o govêrno do país para promover os interêsses nacionais.

A necessidade da colonização e a sua feliz prosperidade induziram o govêrno do país à perigosa e reprovável experiência de estabelecer prêmios para os que procurassem introduzir colonos no país para fins de colonização.

Atraídas pelos lucros, formavam-se, para êsse aliciamento de homens, firmas e companhias, às quais é pago o prêmio de 30 mil-réis por indivíduo de mais de doze anos de idade e o de 15 mil-réis por criança de dois a doze anos.

A Companhia Hamburgo-Brasileira comprometeu-se a fornecer homens no valor de 40 contos (cêrca de 30 mil táleres)

de prêmios e, para a obtenção dêsses homens, mandou em 1857, a Hamburgo, um oficial, Julius Heinrich Knorr.

Sob idênticas condições comprometeram-se a casa comercial Claussen & Bertrand a um "negócio de emigração" até à quantidade de mil indivíduos. No relatório de 1857 figura a Hamburgo-Brasileira com 14 colonos e a referida casa comercial com 794 almas, das quais 348 foram para Santa Cruz, 400 para São Leopoldo, 25 para Santa Maria da Soledade, para o conde de Montravel; e 25 tomaram diferentes direções.

Em 1857 chegaram ao Rio Grande 330 colonos não aliciados. Como intérpretes para os recém-vindos há, na Cidade do Rio Grande, J. C. Müller, e em Pôrto Alegre, C. Janssen, empregados do govêrno, cada um com 300 mil-réis.

Além disso, para promover a vinda, aquisição de terra e prosperidade dos imigrantes, foi adotada uma série de regulamentos e leis. Os presidentes e a Câmara legislativa provincial procuram, com zêlo e constância, melhorar êsses regulamentos; busca-se, tenta-se e faz-se muita coisa, mas é preciso que a imigração para o Rio Grande tenha maior amplitude para que a magnífica Província chegue a todo o desenvolvimento e valorização de que é capaz em todos os seus recantos. Nos últimos tempos cada Presidente tem procurado acrescentar a sua pedra à grande obra da colonização. Com tôda a sua fôrça e inabalável energia trabalha o atual Presidente Ângelo Muniz da Silva Ferraz para ampliar o empreendimento e difìcilmente poderia eu apontar um homem, melhor do que êle, para a solução da questão vital do Rio Grande.

Há outro nome na Província que anda de bôca em bôca, quando se fala da colonização — Luís Vieira Cansanção de Sinimbu! Em tôda parte ouvi êsse nome, notadamente nas colônias alemãs e todos pensam com boa recordação e cordial respeito em homem tão benevolente e infatigável.

Mas não estou escrevendo um catecismo de emigração. Sempre a palavra emigrante me provocou profunda melancolia e se um dia eu tivesse de escrever semelhante catecismo, o seu primeiro mandamento seria um firme: "Não emigrarás".

Mas, quem tem um motivo decisivo, quem está firmemente determinado; quem, com plena fôrça, sem lesão no corpo ou na alma, coragem no peito e Deus no coração deseja transpor o oceano: então sim, êste emigre confortado com a fôrça, a coragem e o seu Deus para o Rio Grande, que será feliz, se a sua pátria realmente lhe recusa o benefício de uma pátria e na verdade a emigração é o único meio que lhe resta para ser feliz.

Lancemos ainda um olhar sôbre a natureza do clima e a salubridade da terra.

Se eu quisera tomar por base o que encontrei em minha larga excursão e julgar superficialmente, diria que não é fácil achar uma terra de clima tão excelente e de condições meteorológicas tão firmes quanto o Rio Grande.

Seria, porém, muito superficial. Interroguemos, pois, os peritos que viveram longos anos no país e examinemos observações cuidadosas: ainda assim manteremos a agradável afirmativa de que a Província goza de um clima admirável e de condições meteorológicas muito firmes.

Os dias quentes têm temperatura elevada. Em janeiro e fevereiro e até em março e comêço de abril aparecem dias de 25° a 27° R., mas, em geral, apenas por algumas horas. As noites são muito mais frescas, e antes de amanhecer, até fresquíssimas, o que, em minha viagem, pude observar muito sensìvelmente. Viajando calmamente, muitas vêzes me correu o suor pela testa e à noite a minha roupa ainda estava ligeiramente úmida da transpiração, quando me deitava para dormir sôbre a minha sela. Pela meia-noite eu estava enxuto e agradàvelmente aquecido. Mas, pelas quatro ou cinco horas da manhã muitas vêzes batia os dentes de frio; muitas vêzes me sentia umedecido pelo abundante orvalho e a manhã era não só um pouco fresca, mas desagradàvelmente fria.

Do admirável tempo do alto verão e do princípio do outono voltei para Pôrto Alegre. Mesmo de dia também era fresco, mas as manhãs e as tardes insuportàvelmente frias. Tínhamos 4° a 5° + R. e, quando um dia fui tomar café numa reunião puramente alemã-do-norte em casa da família do engenheiro senhor Heydtmann — foi no dia 9 de maio — a sala estava aquecida e

todos os visitantes se regozijavam antes de tudo com a calorosa recepção da amável dona de casa, mas, depois também com o calor da lareira, do que resultava que, de algum modo, o mês de maio podia ser contado entre os meses de inverno no norte da Alemanha e no sul do Brasil. Naqueles dias realmente não podia aquecer-me; nem o quarto nem a cama eram instalados para o frio, pelo menos em meu hotel e tanto menos quando no outono já ninguém viaja mais no Rio Grande.

No inverno — pois já se emprega a palavra no Rio Grande — aparecem por horas, aqui e acolá, geada, queda de neve e pedaços de gêlo, mas apenas passageiramente. Forma a transição para êsse inverno aquêle amável tempo de vento e chuva que nós, habitantes do norte, no Mar Báltico, contamos como os momentos mais felizes de nossa vida. A mim, pelo menos, êsse tempo cinzento de tempestades e aguaceiros entusiasmou no Holstein como no Rio Grande.

Mas isso assinala, no Rio Grande, a máxima desumanidade do céu, pois lá não há, de modo algum, um inverno pròpriamente dito, com neve e gêlo. Se houvera inverno, há muito teriam desaparecido as bananeiras, laranjeiras, cactos gigantescos e bromeliáceas. As felizes praias do Mediterrâneo ou, mais corretamente, a deliciosa Madeira, pois lá também há dias àsperos como no Rio Grande, deveriam ser o verdadeiro paradigma do clima de nossa Província.

Como em todo o mundo, no Rio Grande do Sul os ventos dão a volta à rosa-dos-ventos. O sueste ou vento marinho regular e o nordeste parecem ser os ventos da bela estação e sopram com muita regularidade. Os ventos do norte geralmente trazem as chuvas dos trópicos. O sudoeste sopra das planícies dos pampas; chama-se, como já dissemos, pampeiro; é, às vêzes, tormentoso, de modo que em muitas coxilhas, se houvesse casas, poderiam ser atiradas para os campos.

Domine, porém, o calor ou o frio, conforme as estações e os ventos locais, uma coisa é essencial no clima do Rio Grande: a natureza do ar é geralmente sêca e uniforme, embora a pressão barométrica permaneça por tempo extraordinàriamente longo.

Tomemos em consideração essas breves notícias climáticas

e lembremo-nos de que tôda a terra é ondulada, não tem extensas depressões nem charcos profundos, em quase tôda parte oferece boa água potável e, com a abastança geral de seus habitantes, fornece também bons alimentos, carne de tôdas as qualidades, arroz, feijão, farinha de mandioca, batata, mesmo cereais, que inundariam o país se se quisesse praticar a agricultura e folhear assìduamente o livro de linhagem do trabalho; consideremos tudo isso e acrescentemos ainda que a mais liberal forma de govêrno, que só é possível e imaginável sob o nome de uma monarquia, felicita o país; assim não podemos deixar de confessar que encontramos no Rio Grande uma terra maravilhosa, como difìcilmente se acha uma segunda, capaz e chamada a um desenvolvimento material e espiritual segundo as normas européias.

De um modo geral sofre a Província de pequenas doenças endêmicas. A princípio, quando cheguei a Pôrto Alegre, pensava que no meio dêstes largos rios e graciosas ilhas verdes deviam esconder-se muitos germes de febre. No entanto médicos acreditados da referida cidade me convenceram do contrário.

A cólera pandêmica que em 1855 assolou o Brasil também espalhou aqui a morte e o espanto. Todavia a febre amarela nunca chegou até a Pôrto Alegre, nem se tornou doença da costa da Província.

Por outro lado a varíola, apesar de ser ordenada e praticada a vacinação, assola às vêzes a Província e apresenta formas peculiares. Aparece também a disenteria como doença do outono. Ainda em abril de 1857 morreram dela, no pequeno ninho serrano de Caçapava, mais de vinte pessoas.

Acrescem ainda as habituais doenças infantis e afecções agudas de reumatismo, etc., que ocorrem mesmo nos distritos mais salubres do mundo. Observei também, nos campos, alguns casos de elefantíase grega e muitos vestígios mais que evidentes de sífilis, a qual torna muito inconveniente o uso de tomar o mate em comum. Todavia, diante do grande ato, desaparecem tôdas as precauções sanitárias.

Em conjunto depois de tudo isso, devemos enumerar, como o grande médico grego, os seus três principais requisitos sanitá-

rios como particularmente bons no Rio Grande: ar, água e local de habitação. Verdadeiramente aí está o germe da futura grandeza da Província e de seu rápido desenvolvimento pela imigração alemã. No sentido indicado poder-se-ia chamar o Rio Grande uma Alemanha melhorada. Quantas vêzes me julguei transportado a um lago do Holstein ou a uma pastagem do Meclemburgo, quando eu estava no Guaíba, no Jacuí, no Taquari e mesmo no Uruguai e via brilhando, entre as folhagens escuras, as belas superfícies de água doce percorridas pelos patos selvagens, cisnes e alvíssimas garças, ou quando os meus olhos se espraiavam pelas coxilhas, onde pastavam juntos ovelhas, bois e cavalos! Muitas vêzes me parecia que devia tirar do solo miríades de alemães e transformar as formigas do campo em mirmidões germânicos e com êles começar vigoroso combate contra êstes modernos campos de Tróia! Há no Rio Grande criação de gado, há um pouco de agricultura, sim, um pouquinho, mas nenhuma das duas é cuidada e explorada com zêlo, energia e constância. Na vasta terra tudo sofre com a indiferença, a preguiça e a negligência com que o homem, quanto mais a boa natureza o cumula de bênçãos, tanto menos lhe corresponde com o seu agradecimento.

Só quando chegarem imigrantes aos milhares haverá rápido florescimento.

Para dar ao menos uma idéia da produção da Província, quero apresentar algumas notas sôbre a sua exportação:

No ano de 1848 foram exportadas 2.454.000 arrôbas de carne-sêca. Doenças nos animais, a preguiça e o desleixo fizeram que êsse resultado fôsse menor nos anos seguintes, até que alcançou o mínimo no ano de 1855, tornando a elevar-se desde então.

Foram exportadas:

No ano de	1855	Arrôbas	1.046.932
	1856	"	1.149.580
	1857	"	1.282.178

Aqui devo chamar a atenção para uma desvantagem financeira. O impôsto de exportação da Província é de três por cento e, para couros, mais sete por cento, ao todo dez por cento, ao passo que no vizinho Estado de Montevidéu êsses direitos são muito mais liberais. Por isso, muitos produtos são exportados, por vias ilegais, para o Estado vizinho, abrindo-se um campo brilhante para o contrabando. As outras vastas fronteiras não são controladas. Só se fiscaliza o comércio em Itaqui e em Uruguaiana!

No relatório de 1857 encontramos, sôbre a exportação do ano de 1856:

Foram exportados couros de boi:

Para portos brasileiros	120.393
" a Bélgica	13.532
" os portos hanseáticos	12.481
" os Estados Unidos	214.788
" a França	36.381
" a Espanha	10.911
" a Inglaterra	178.142
" Portugal	31.700
" Suécia	31.465
" a Turquia	3.743
Total	653.536

no valor global de 5.043.458 mil-réis.

De carne-sêca foram exportadas, para portos brasileiros, ... 1.229.069 arrôbas. Havana, que consome tanta carne-sêca, se abastece do artigo nos Estados platinos, muito mais vantajosamente. O valor global dessa carne rio-grandense é 4.874.809 mil-réis.

De banha seguiram 80.598 arrôbas, no valor de 463.919 mil-réis, para portos brasileiros.

De sebo, com o mesmo destino, seguiram 61.541 arrôbas, no valor de 418.513 mil-réis.

De unhas de boi 665 arrôbas, no valor de 266 mil-réis, foram para a Inglaterra.

De chifres seguiram:

Para portos brasileiros	237.536
" a Bélgica	9.436
" portos hanseáticos	16.950
" os Estados Unidos	206.188
" a França	33.660
" a Inglaterra	173.865
" Portugal	48.319
" a Suécia	29.700
" a Turquia	6.950
Total	762.604

unidades, no valor global de 91.219 mil-réis.

De pêlos foram:

Para portos brasileiros	19.818	arrôbas
" portos hanseáticos	2.164	"
" os Estados Unidos	19.670	"
" a França	1.237	"
" a Inglaterra	5.462	"
" a Suécia	66	"
Total	48.417	"

no valor global de 440.428 mil-réis.

De línguas foram:

Para portos brasileiros	45.261
" Portugal	200
Total	45.461

unidades, no valor global de 6.729 mil-réis.

De couros de cavalos foram:

Para portos brasileiros	900
" portos hanseáticos	3.504
" os Estados Unidos	4.472
" a França	1.971
" a Inglaterra	3.711
" Portugal	1.405
" a Suécia	2.564
Total	18.527

unidades, no valor de 25.459 mil-réis.

De farinha de mandioca foram:

Para portos brasileiros	3.588 sacos
" Montevidéu	546 "
" Portugal	40 "
Total	4.174

no valor de 14.258 mil-réis.

De feijão prêto foram:

Para portos brasileiros	22.776 sacos
" Montevidéu	74 "
Total	22.850

no valor de 213.744 mil-réis.

De milho foram:

Para portos brasileiros	12.711 sacos
" Montevidéu	26 "
Total	12.737

no valor de 12.737 mil-réis.

De mate foram:

Para portos brasileiros	11.289	arrôbas
" Buenos Aires	780	"
" Montevidéu	26.543	"
" a Espanha	3	"
Total	38.615	"

no valor de 115.416 mil-réis.

O mate, porém, como as coletorias de Jaguarão, Itaqui e Uruguaiana, ao ser publicado o relatório, ainda não tinham fornecido os seus dados, deve ser estimado em 170.000 arrôbas.

E o que não poderia ainda produzir a Província, se fôsse explorada cuidadosamente! Faltam quase inteiramente os artigos queijo, vinho e batatas. Que enormes quantidades dêles poderiam ser exportadas!

Trigo e centeio! Outrora foram bons artigos na Província. Algumas colheitas más e a falta de braços deram desculpa bastante para que a gente, com a sua preguiça, abandonasse o trigo, com o qual a América do Sul se engrandeceu. Só ùltimamente se voltou a êsse artigo. Um senhor von Borowsky, colono de Santa Cruz, que, com a sua família de onze filhos, é um modêlo de agricultor, me comunicou muita coisa interessante sôbre a sua incipiente cultura do trigo e eu desejo o aplauso e auxílio do govêrno para êsse ardoroso homem de setenta e um anos, êsse honrado silesiano, que bem o merece.

O colono von Borowsky! Aos cépticos que pensam que a laboriosidade alemã no Rio Grande não é como em qualquer outra parte, eu quisera, eu pudera apresentar êste homem que, no campo, é um lavrador esforçado e, no salão, um homem finamente educado. Na Província não se me deparou outro homem como êle. De fato, para quem já se acha em idade avançada e tem onze filhos, não é brincadeira abrir o seu caminho na mata virgem brasileira, como o fêz êle e diàriamente ainda o faz. Ao pensar num homem assim, ardoroso e dedicado; bem versa-

do na agricultura alemã e experimentado em colonização brasileira, à frente de uma colônia-modêlo do govêrno em grande estilo, bem dotada com todos os recursos, imagino que poderosa influência exerceria sôbre tôda a colônia êsse agricultor bem instruído, tanto mais quando êle sabe perfeitamente manejar a pena para a exposição clara dos resultados alcançados e, segundo suponho, já tem dado, nos jornais rio-grandenses, muitos conselhos e informações sôbre a lavoura.

Existe ainda no Rio Grande um ramo de colonização do qual nenhuma idéia se tem na Europa: a colonização e catequese dos índios.

Na realidade essa colonização é insignificante. Da terrível e triste impressão que me causou o aldeamento de São Nicolau em Rio Pardo já tive ocasião de falar, ao tratar daquela localidade. Assim é que 264 pessoas ali vivem em choças, entre as moitas, 112 homens e 152 mulheres, das quais nada se vê, nada se ouve, a não ser embrenhando-se nos matos de São Nicolau e rebuscando os ranchos, que são miseráveis.

A sua igreja foi retirada da aldeia, a sua capela ameaça desmoronar-se. Para a missa e atos eclesiásticos vão a Rio Pardo. Todos se acham em profunda pobreza. Despertaram-nos a mais profunda compaixão. E no entanto não podem ser acudidos.

Mais florescente ou, antes, menos decadente do que São Nicolau é o aldeamento de Nonoaí. Aqui se encontram, mais ao norte da Província e mais longe da civilização européia, segundo o último comunicado, 547 índios, sendo 262 do sexo masculino e 285 do sexo feminino. Plantam milho e abrem picadas para os lugares civilizados para poderem vender os seus produtos. Segundo o relatório do Presidente, para 1857, êles não têm padre nem mestre-escola. Conservam-se na vizinhança alguns índios selvagens, que assassinaram um homem, Clementino dos Santos Pacheco. Alguns dêsses selvagens foram apanhados pelos índios de Nonoaí e se acham presos, outros caíram em combate. O cacique dêles, Mauvel Grande, escapou-se com três ou quatro bugres. Mas os mansos descobriram os selvagens na Serra Geral e com êles travaram combate em 22 de julho de 1859;

caíram mortos o cacique e, com êle, dois índios e uma china; fugiu o resto dos combatentes, dois homens, e desde então, não se ouviu mais falar nêles. Essa foi a grande batalha índia no dia de santa Maria Madalena, no mesmo dia em que, há muitos séculos, Valdemar o Grande foi batido por Alexandre von Soltwedel na charneca de Borhövd. Admiráveis reminiscências e coincidências! Valdemar o Grande e Mauvel o Grande — a minha querida Lubeck, perfumada pelas tílias, e a aldeia de índios de Nonoaí!

Outra batalha de aldeamento de índios, solicitada por êles próprios, foi começada em 27 de maio de 1857 no Rincão de São Vicente. Parece, porém, que do empreendimento nada resultou, pois, sem dúvida, como diz o relatório, está "aquela gente sempre disposta à ociosidade e à vida errante, em que nascem, vivem e são criados".

No norte da Província, na chamada Vacaria, igualmente se procurou, desde o fim do ano de 1856, reunir e civilizar as tribos selvagens do "capitão Doble", porque aquêle cacique, com a sua horda de *coroados* representava um papel suspeito. Mas não deu resultado. Ali se aldearam alguns índios, sem esperança, todavia, de posterior desenvolvimento. Tornaram-se inofensivos; dêles não se pode exigir mais, nem esperar.

Parece, pois, que os habitantes primitivos da Província do Rio Grande atualmente se tornaram bastante inofensivos para a civilização que está afluindo. Decerto podem existir muitos dêles na Serra Geral e na margem do Uruguai, ao norte de São Nicolau, de onde veio aquela expedição fluvial de oito canoas de Passo Fundo, que tive ocasião de mencionar ao falar do Uruguai. Creio poder dizer com certeza que na história da colonização alemã os bugres não representaram papel embaraçoso. Mesmo os pontos mais longínquos de São Leopoldo e Mundo Novo, os postos avançados de São Leopoldo podem ser considerados, desde anos, incólumes dos selvagens.

SÉTIMO CAPÍTULO

As minas de carvão de São Jerônimo, no Arroio dos Ratos. — Despedida de Pôrto Alegre. — Regresso a Rio Grande. — Excursão a Pelotas. — Partida da Província.

DEIXEMOS a agitada questão da colonização da Província e o longínquo refúgio dos bugres e penetremos no escuro seio da terra e nos seus remotos segredos.

Desde longo tempo se supunha haver jazidas de carvão de pedra na vasta Província do Rio Grande. Em muitos lugares, aliás, o carvão estava à flor da terra, notadamente nas proximidades do Jacuí e do Vacacaí, de modo que parecia aconselhável uma tentativa de exploração, especialmente depois que o bacharel Vasconcelos, após rigorosa pesquisa, descreveu como particularmente ricas em carvão as regiões de Curral Alto e Sêrro de São Roque, a duas pequenas milhas da margem do Jacuí, bem em frente da embocadura do Taquari, adiante de São Jerônimo. Um bem feito relatório foi a conseqüência da pesquisa e a instalação de uma mina em São Jerônimo foi o resultado final.

Em 11 de maio de novo me encontrei entre os passageiros do "Jacuí", que pelas 8 horas, numa bela manhã e com muito

bom tempo, subia o rio do mesmo nome. Mais uma vez desdobrava ante mim a breve viagem fluvial todos os seus múltiplos atrativos e raros encantos. Já ao meio-dia desembarcava em São Jerônimo, onde me apresentavam várias cartas de pessoas amigas. Nomeio aqui sòmente o senhor Charles Moré, de Genebra, que possui uma fábrica de óleo e de sabão logo adiante do lugarejo São Jerônimo. Sob uma gigantesca figueira brava se acha a sua bonita casa, cercada por um viçoso laranjal cheio de fôlhas e de frutos.

Magnífico o panorama em frente da porta da casa, que fica em situação elevada. A colina tem uma descida suave. Ao longe, à margem do límpido e brilhante Jacuí, o lugarejo São Jerônimo, com casas aprazíveis, geralmente novas; além do rio, a bonita Triunfo, à entrada do Taquari no Jacuí. Avista-se, por mais de uma milha alemã para cima, o rio semelhante a um lago até que o encobre um ângulo saliente da floresta. Longe, ao norte, fecha o gracioso quadro uma azulada cadeia de elevações.

O senhor Charles Moré é homem de muito boa educação que, residindo muitos anos aqui, adquiriu vastos conhecimentos práticos sôbre a Província. Precisamente ao tempo de minha visita, êle terminara um consciencioso manuscrito, em língua francesa, sôbre a Província. Deve-se esperar o seu próximo aparecimento.

Tive de adiar para o dia seguinte a minha viagem à mina de carvão. Muito antes de romper o dia, preparamo-nos para partir. Vindo de leste, um rubor purpurino-escuro iluminava o magnífico quadro da casa de meu amigo. Nas nuvens escuras do sudoeste cintilavam relâmpagos; um forte bochorno prometia mudança de tempo.

Galopamos ràpidamente sôbre as calvas colinas relvadas do Sêrro. Uma hora depois, já estávamos à borda da mina e alguns minutos após descia eu pelo grosso cabo ao poço de 120 pés de profundidade. Logo depois de mim desceu um mineiro inglês e começamos a nossa peregrinação subterrânea.

A jazida de carvão tem uns quatro pés de espessura e estende-se inteiramente em sentido horizontal. Uma longa galeria foi cavada em direção ao leste e alcançou o fim da jazida. Dela

partem corredores em ângulo reto, de cujo comprimento se pode inferir a existência de considerável quantidade de carvão. Extraindo-se diàriamente 100 toneladas de carvão, será preciso trabalhar 350 anos para explorar o que se conhece da jazida.

Os carvões são de qualidades muito diferentes. Alguns lugares dão carvão muito leve; em outros são sólidos e duros. Em alguns lugares se encontra até um excelente carvão. No entanto, a jazida em que agora se trabalha é de qualidade baixa. Em um lugar se perfurou a camada horizontal e debaixo dela se descobriu uma segunda camada de carvão de quatro pés de espessura, cujo carvão deve ser muito mais valioso. E também tudo leva a supor que em maiores profundidades se repitam as camadas em melhores qualidades e que, com o tempo, possam fornecer enorme provisão de bom combustível.

Nos lugares moles o carvão é quebrado com o grande martelo de mineiro; mas nas formações carboníferas mais firmes é rebentado com pólvora e extraído em grandes blocos, de modo que, em muitos lugares, as galerias se ampliam em vastas salas. Muito notável é que em baixo, em tôdas as galerias, se trabalha com lâmpadas de chama livre. Debalde procurei uma lâmpada de segurança de Davy. Nunca se observou, em parte alguma, uma corrução do ar, mesmo nas divisões das galerias que ficam fechadas por algum tempo por portas ou tabiques. Respirando, não se nota a mínima alteração do ar; apenas se sente aumentar o calor; não creio que nas galerias houvesse mais de 26º R. Não tinha um termômetro comigo e, na mina, ainda não tinha sido feita nenhuma observação quanto ao calor. Devo, no entanto, observar que quando eu desci, o ar em cima estava muito abafado, extraordinàriamente quente. De fato, enquanto eu estava em baixo, irrompeu uma forte tempestade; eu podia ouvir distintamente o ribombar dos trovões, mas o sussurro do vento e da chuva não penetrava na profundidade.

Como pouca gente trabalhava nas galerias, reinava um incômodo silêncio nos negros corredores, nos quais as nossas lâmpadas de mineiro espalhavam apenas pálidos clarões.

E entretanto, na profundidade não se apaga de todo a vida. Acompanha o mineiro, nestes corredores subterrâneos, grande

quantidade de grilos; o canto do bichinho, que o revela em tôda parte, trepado às rochas e aos esteios de madeira, diverte o trabalhador enterrado na noite e na solidão e lembra-lhe constantemente a vida do mundo de cima, enquanto as pálidas confervas e as pequenas esférias ao lados das amarelas flores-de-enxôfre sugeriam a profundidade e a distância da luz do sol.

Uma chuva abundante refrescara a região quando subi à superfície e então me pareceu o ar na profundidade muito mais quente, embora essa sensação, mormente quando há mudança de tempo, seja enganadora e incerta.

Aliás, quem tiver mêdo de ser descido verticalmente numa cadeira suspensa, pode penetrar na mina de outra maneira. Em um certo lugar, guiando-se exatamente pela bússola, cavaram um pôço sôbre a comprida galeria e como, aí, a serra desce consideràvelmente, foi ela atingida a pequena profundidade. Dali a galeria foi dirigida, em direção inteiramente oblíqua, de modo que num carrinho sôbre trilhos, que atravessam tôda a mina, se pode penetrar com maior celeridade na mina e percorrer as galerias — processo que me parece muito mais penoso do que a descida vertical.

Seja qual fôr o método menos desagradável, aconselho a quem visitar Pôrto Alegre que suba o Jacuí até São Jerônimo e visite as minas de carvão; elas despertarão interêsse mesmo pela sua singularidade e situação.

Pelo momento, elas têm pouco valor prático, dada a abundância de lenha na região do Guaíba, o pequeno número de habitantes e a falta de fábricas. Mas se um dia a lenha encarecer e encarecerá, se continuarem a desperdiçá-la desmedidamente, como se tem feito até agora, se o Guaíba e seus afluentes vierem a ter um milhão de habitantes e numerosas fábricas em seus rios navegáveis, então se reconhecerá todo o valor das jazidas de carvão de pedra e elas serão exploradas em tôdas as direções e profundidades.

Com essa exploração em grande escala, será construída uma apropriada via de transporte até à margem do Jacuí, seja que lancem trilhos desde a mina até ao rio, ou que o Arroio dos Ratos, que passa em direção ao norte a uma meia milha da mi-

na e despeja no Jacuí, seja adaptado ao transporte de carvão, o que seria possível fazer sem grande dispêndio de dinheiro.

Nas proximidades da jazida de carvão há um rico minério de ferro à flor da terra, cuja futura exploração certamente será lucrativa. Todavia êsse tempo ainda está distante, como as próprias jazidas de carvão e ferro. Por ora, a agricultura e a criação de gado, a ser melhorada, são os principais objetivos de tôdas as atividades no coração da Província. A ela sobretudo, à honrada e nobre agricultura, desejo eu milhões de braços ativos, a que se juntarão as bênçãos do solo e do céu.

Em nosso regresso a São Jerônimo, sucederam-se os aguaceiros e logo que regressei pelo vapor a Pôrto Alegre irrompeu uma terrível tempestade que durou vinte e quatro horas. O tempo parecia querer mudar e desfazia-se para mim a possibilidade, como era meu projeto, de fazer a compensadora viagem por terra de Pôrto Alegre para Santa Catarina, via Tôrres, na costa.

Na verdade èssa viagem por terra, como já referi, é bastante interessante. Há um ano o talentoso e experimentado major engenheiro senhor Campos trabalha no cuidadoso levantamento topográfico da região através da qual passa uma estrada para Laguna. Êle mesmo teve a nímia bondade de mostrar-me, no Arquivo provincial, a sua bela e grande carta de tôda a faixa da costa, indicando-me exatamente o caminho. E até ofereceu-se, porque os seus deveres profissionais o conduziriam nos próximos dias até àquela região, para ser o meu companheiro de viagem até à fronteira da outra província.

Ao lado de tantos mapas de fancaria sôbre regiões estrangeiras, expostos à venda na Europa, causa verdadeira alegria ver a bela carta, ainda não inteiramente concluída do Major Campos; a qual, dado o seu tamanho, entra nos mínimos detalhes. Não é, porém, menor a nossa alegria ao examinarmos a carta apensa à obra já citada do Visconde de São Leopoldo.

O caminho leva à Vila de Viamão, à capela do lugar e a um pôsto militar. Depois vem a passagem de um regato, o Passo do Vigário, onde agora está sendo construída uma ponte (que o senhor Heydtmann me convidou a visitar) e em seguida uma depressão pantanosa, a sanga do Americano; depois se passa por

Águas Claras para Boa Vista, onde um pôsto nacional é um rudimento de uma posta. Nessa depressão se perdem os rios Gravataí e Capivari, de que falei acima; o seguinte Passo do Quilombo leva para o nordeste, passando pelo Arroio do Capivari. Depois há uma posta no Capão dos Índios e já aqui começa a cadeia de lagos, a cujas margens se acha uma excelente plantação. Perto da Vila da Conceição do Arroio, apóiam-se à serra local a grande Lagoa dos Barros e a Lagoa do Marcelino, a cujas margens, na descida do caminho, há uma região muito romântica. Depois segue-se o Passo da Lagoa, quase atravessando-a, e que não se pode passar a cavalo sem um bom guia. Aqui o mar já está muito próximo. Na grande Lagoa dos Quadros ou melhor nas proximidades há uma colônia alemã, a das Três Forquilhas, que eu de bom grado teria visitado. Vem em seguida a Lagoa da Itapeva, de cinco léguas de comprimento, e finalmente Tôrres com as suas três serras costeiras em forma de tôrre. Logo ao norte de Tôrres está o rio limítrofe Mampetuba, que desemboca no mar. Mas, dêle, uma ligação setentrional leva a uma nova cadeia de lagoas de magníficas margens, uma articulação de lagos já ligados ou que com facilidade podem ser completamente ligados ao Gravataí.

Mas essa própria ligação de lagos, travessia de rios e mesmo de lagoas e passagem de depressões claramente me demonstram que só se deve fazer essa viagem com tempo bom e firme ou sujeitar-se a ficar numa casa isolada durante dias ou semanas, esperando tempo conveniente ou baixa das águas, perda de tempo a que eu não podia expor-me.

Essa linda viagem por terra teve, pois, de ser feita por água. O senhor Presidente A. M. de S. Ferraz ofereceu-me uma passagem no vapor de guerra "Amélia", que devia partir no dia 15 de maio de Pôrto Alegre para Rio Grande. E então a minha única ocupação no aprazível lugar foi agradecer várias pessoas amáveis por tôda a benevolência que me fôra demonstrada em tôda parte. Em primeiro lugar tinha de agradecer ao senhor Presidente, a cuja incansável e bondosa solicitude a todos os respeitos agradeço o completo êxito de minha peregrinação através de montanhas, campos e rios da magnífica Província. O senhor

Ferraz quis que só me saparasse da Província por êle administrada com o sentimento de plena gratidão e cheio de agradáveis recordações. E isso conseguiu êle plenamente. Por mais que vagueiem sôbre muitas paragens, os meus pensamentos sempre voltam, com tôda a gratidão, com as mais agradáveis recordações aos amáveis e hospitaleiros rio-grandenses, em cujas casas, fôssem de barro e bambu ou construídas de tijolos e cobertas de telha, ficassem no Jacuí ou no distante Uruguai, sempre encontrei atenciosa acolhida entre brancos, índios e mestiços de tôdas as côres.

Mas, se alguém pensar que o bom entendimento entre mim e os bons rio-grandenses dependeu de mim, em parte, por mínima que fôsse, digo eu: sem dúvida! E se se deseja saber em que consistiu a minha parte, digo eu: em estar desimpedido e só em conhecer a língua do país. Quem quiser viajar no Brasil, precisa falar português correntemente; e não alemão, francês, inglês e nem mesmo espanhol, mas português. Sem essa língua não se pode pensar em viajar nem mesmo por algumas milhas sem encontrar dificuldades, pelo menos desagradáveis e, às vêzes, muito incômodas e até invencíveis.

Não quero representar a situação de um homem, aliás de um sábio alemão, geralmente o mais bisonho de todos os viajantes, que não possa entender-se com ninguém, que não saiba explicar-se; cada um pode imaginá-lo ao seu bel-prazer. Mas gostaria de tomar a liberdade de considerar falsa e parcial a opinião sôbre os rio-grandenses de parte de qualquer viajante que não domine bem a língua portuguêsa.

Na última noite de minha estada em Pôrto Alegre tive ainda uma reunião com alguns honrados alemães, em minha casa, sôbre assuntos protestantes.

Já por ocasião de minha visita à colônia de São Leopoldo, aludi a um ruim jesuitismo que, com a má arma da superioridade espiritual e eclesiástica, semeou cizânia entre a gente de fé simples do campo, levando-lhes a discórdia, a contenda, o ódio, o sectarismo e a separação. Infelizmente êsse mau espírito também anda em Pôrto Alegre e é absolutamente necessário que seja aqui adotada uma orientação política bem determina-

da em nossos negócios eclesiásticos protestantes. Tiveram tôda a razão os que vieram à minha casa na última noite e que ainda em 15 de maio, quando eu me achava a bordo do "Amélia", me enviaram alguns exemplares (21 de fevereiro e dias seguintes de 1858) do "Correio do Sul".

Essa luta de jornalistas e jesuítas (ou quem quer que seja) não é boa; é imprudentíssima. Pode acontecer que um protestante sério aceite a luva que nos atiram e puxe a espada bigúmea do puro evangelismo e do espírito, dando comêço a uma luta incômoda. Não, porém! Sei perfeitamente em que terreno estamos, também no Brasil, com o nosso Evangelho, e alcançamos o nosso direito. Não será necessário empreender luta contra os jesuítas.

E infelizmente tenho de fazer amargas censuras ao protestantismo em Pôrto Alegre e arredores. Quando e com que legitimou êle a santa seriedade que pretende ter? Quando, consciente de seu puro cristianismo, exclamou com entusiasmo perante o Imperador e o Império: "Aqui estou e não posso ser diferente, assim Deus me ajude!" Quando, jamais? Não foi, decerto, quando alguém, para livrar-se de sua mulher, se fêz católico ou, para declarar o seu casamento írrito e nulo, levou alguma autoridade católica a declarar que um casamento protestante não é casamento ou, para obter uma mulher, se tornou católico?! Ouvem-se em Pôrto Alegre belas histórias no campo dos protestantes.

E afinal, onde fica êsse campo, onde estão os protestantes de Pôrto Alegre, onde está a sua corporação, e sua união? Duas associações de canto, um teatro de amadores, uma Germânica, tôda sorte de cônsules protestantes, mas nenhuma igreja! Que pode, pois, reconhecer a Igreja católica, quando nada vê, ou melhor, quando vê batizando e casando quem nunca estudou teologia, quem nem ao menos tem o curso ginasial, mas apenas passou por uma escola profissional? Êsse sistema pagão é protestantismo, êsse niilismo é Evangelho?

Êsse é o lado sombrio da vida alemã em Pôrto Alegre e também nela é preciso que haja luz: basta que todos colaborem e especialmente que cada um trabalhe em si mesmo. Decerto êles podem remunerar um pregador; aliás eu próprio, com os meus

conhecidos no lugar, poderia indicar as pessoas que, unindo-se e querendo sacrificar-se, podem sustentar um pregador. Depois de feito um orçamento das despesas, os membros da comunidade dividiriam entre si essas despesas e ter-se-ia um pregador. Mas, os protestantes ou não querem gastar nenhum dinheiro ou não querem um pregador sério.

Logo, não querem.

No dia em que vi que êles não queriam, embora talvez o desejassem, me perguntou o Presidente da Província se eu não podia propor um pastor para os protestantes de Santa Cruz e especialmente para Santo Ângelo. Pensei no competente pastor Häslärt de "Hamburger Berg", de São Leopoldo, e o propus. O estadista católico preocupava-se mais com os protestantes do interior do que os protestantes da cidade se preocupavam consigo mesmos.

E não depende do govêrno se os protestantes nada são. Mas onde êles eram alguma coisa, deixaram-nos sendo alguma coisa como já aludi em São Leopoldo, e se reconheceu de maneira honrosa a sua existência.

Quando a colônia de Petrópolis ainda não tinha sacerdote protestante, cuidava dela o meu irmão, pastor da comunidade do Rio e, apesar de ter tido um conflito confessional com o núncio Bedini, foi distinguido pelo Imperador com a Ordem de Cristo. Quando o pastor nomeado depois, Dr. Lippoldt, por causa da debilidade de sua saúde, necessitou de um auxílio, o Imperador socorreu-o de maneira verdadeiramente imperial. Quando, depois da morte do pastor, o meu digno amigo Neumann foi nomeado pregador de Petrópolis e, como pai de família, não podia viver com o que ganhava, os seus vencimentos foram elevados pelo govêrno, apesar das infinitas dificuldades devidas às disposições orçamentárias. Quando o pastor Winkler, que sucedeu a meu irmão nas suas funções na comunidade do Rio, se esforçara em várias viagens pastorais a comunidades protestantes dispersas, foi êle condecorado pelo Imperador com a Ordem da Rosa. E ainda há poucos meses, quando o pastor König chegou da Europa para uma comunidade alemã no Espírito Santo e era necessária, além do estipulado no contrato, uma despesa suple-

mentar de 300 táleres para os aprestos da viagem, bastaram algumas linhas escritas para que o govêrno católico fizesse o pequeno presente ao sacerdote protestante.

Sacerdotes protestantes que levaram a sério a sua função e o seu Evangelho foram, pois, distinguidos e agraciados por sua majestade o Imperador e pelo seu govêrno. E onde quer que um protestante procurou cumprir o seu dever com seriedade e zêlo, a sua confissão religiosa nunca foi empecilho para ser êle vàlidamente reconhecido, mais reconhecido do que merece.

Faço a última afirmativa por mim mesmo. Nunca pus o meu protestantismo debaixo do alqueire, mas corajosamente, alegremente, sôbre o velador. Mas quando alguém quis apagar a minha luz, foi sempre, tôdas as vêzes, um compatriota protestante.

Pelas 10 horas o vapor de guerra "Amélia" partiu das águas doces do Guaíba que, além de tôdas as belezas, tinha ainda, em 15 de maio, a beleza de inúmeros grupos de pontederiáceas que, arrancadas pela enchente, sobrenadavam e desciam para o sul, para onde seguia também o nosso vapor.

Cada vez mais se afastavam, no ar distante, a encantadora Pôrto Alegre e o nevoeiro matutino; afinal, em Ponta Grossa, a perdemos de vista. Acompanharam-nos, à esquerda, magníficas elevações uma das quais notàvelmente nua e alcantilada como única velha serra calcária, até depois de meio-dia, oferecendo-nos a mais profunda solidão da floresta, a cuja orla, geralmente pertinho da praia do Guaíba, algumas pequenas plantações contrastavam com as íngremes brenhas verdes. Vimos, suspensos de um recife, os destroços de um navio naufragado. O Guaíba é tão forte que nêle podem naufragar navios. Alguma coisa se aproximava em ambos os lados das margens. Bem perto das ásperas pontas de pedra do Itapoã, onde, sôbre rochas cinzentas e em maravilhosa solidão algumas pessoas trabalhavam num farol, passou o nosso vapor e pouco depois nos achávamos nas águas da imensa Lagoa dos Patos.

Muito agradável era o nosso pequeno grupo de viajantes.

O probo e sempre jovial Comandante Castro Meneses, filho do extinto e conhecido Senador do mesmo nome, tornara-se ho-

mem na agitada vida de marinheiro e praticara na região do Rio Amazonas. Contava muitas histórias sôbre a terra, a gente e os admiráveis produtos naturais daquela região. O seu primeiro oficial, homem de fina educação, servira por longo tempo no navio de guerra americano "Columbus", do qual me recordo ainda do Rio de Janeiro, como oficial voluntário e nêle circunavegara o mundo, viagem que êle aproveitara com caloroso interêsse.

De novo, pois, me encontrava junto com oficiais de marinha de muita experiência e profundos conhecimentos, que me recordavam estimados e ardorosos, mas corretos companheiros de mar e tempestade da fragata francesa "Galathée" e a minha viagem de regresso a Brest no ano de 1855.

Havia ainda a bordo alguns fugitivos políticos de Montevidéu, um coronel, um cônsul e outros oficiais, todos homens de bons costumes espanhóis e de muita cortesia.

Estavam muito sérios. Pouco antes haviam fuzilado em Montevidéu mais de trinta oficiais de uma facção exaltada, despertando terrível sensação.

Acompanhava-nos finalmente um homem de Pôrto Alegre com duas moças, que eram tão bem educadas quanto modestas e joviais e que nos despertavam particular interêsse porque em sua vida nunca se tinham separado de Pôrto Alegre, nem da mãe. Mesmo quando soprava um vento mais frio ou começava a chover, elas não podiam afastar-se do convés e pareciam admiradas e agradàvelmente surpreendidas de que o mundo fôsse tão grande e tão vasto e que não se pudesse alcançar com a vista o fim das águas.

Mas com todos nós acontecia quase a mesma coisa. Todos ficávamos de bom grado no convés do navio de guerra e em variada conversação passávamos o tempo. Particularmente agradáveis eram para nós o almôço e o jantar, às 11 e às 4 horas. Comia-se debaixo de um toldo, no convés, a excelente comida com o bom vinho, todos com disposição alegre e bom apetite. Na verdade a viagem tinha um tom romântico e como tal ficará sempre para mim como alegre recordação, embora o vapor,

um pequeno aviso, com um pedreiro (*) na frente, longe estivesse de oferecer as belas acomodações do paquete "Marquês de Olinda", no qual em fevereiro eu navegara a lagoa.

A caldeira era aquecida com carvão de pedra de São Jerônimo. O carvão deixa muito resíduo, mas arde perfeitamente bem e, além daquele inconveniente, pouco deixa a desejar.

De noite, às 11 horas, desceu névoa sôbre a lagoa e o nosso pilôto — sem pilôto nenhum navio de guerra deve navegar num mar interior — lançou ferro. Só na manhã seguinte, às 6 horas, pudemos continuar a nossa viagem, embora o tempo estivesse turvo. Às 9 horas avistamos uma ponta de terra a sudeste, cujo nível dágua é importante para a navegação da lagoa, a Ponta de São Simão. Como até agora tínhamos rumado geralmente para o sul, então seguimos para o sudoeste e algumas horas depois avistamos um farol numa ilha sustentada artificialmente por blocos de pedra, um pequeno Eddistone (**), que é muito importante, porque a lagoa é muito rasa e só tem um estreito canal navegável, assinalado por postes. Aqui só se pode navegar de dia, enquanto se vê assomando das águas aquêles sinais muito distantes uns dos outros. Vimos de novo uns destroços de navio naufragado aflorando nas águas, vista sempre grave para quem navega num lago. Como, logo depois das cinco horas não podíamos mais reconhecer nenhum sinal e estávamos em água pouco profunda, tivemos de ancorar de novo, embora muito contra a nossa vontade.

Tanto mais alegremente partimos com o nosso "Amélia" em 17 de maio, logo que a aurora purpurina tingiu o nosso horizonte. Assomaram e aproximaram-se de nós florestas destruídas, enormes morros de areia, mastros, São José do Norte e Rio Grande. A grande distância, no mar, escurecia uma negra tempestade e, entre as duas colorações caliginosas fuzilavam raios de côres vivas.

(*) Bôca de fogo antiga, que atirava projéteis de pedra. — N. do T.

(**) Recife no Canal da Mancha, do lado da Inglaterra, onde há um magnífico farol. — N. do T.

Chegamos à margem e alegremente se dissolveu o nosso pequeno grupo de viagem, um dos mais agradáveis com que já viajei. Tínhamos estado precisamente quarenta e oito horas a bordo do "Amélia". Todos, decerto, cordialmente gratos, especialmente ao Comandante Castro Meneses.

Bastante tarde, na véspera, chegara do Rio de Janeiro o paquete "Imperador" com o correio europeu de abril; e como contava ainda ter uma demora de doze dias no Rio Grande e aproveitar diligentemente êsse tempo para uma visita a Pelotas, a terra dos tapes, e mesmo a Jaguarão, na Lagoa Mirim, fiquei com os meus cálculos atrapalhados. Pois, embora o "Imperador" ainda fôsse para Montevidéu, dentro de quatro dias já apareceria de novo na barra do Rio Grande, onde só poderia ficar algumas horas para embarcar os passageiros destinados a Santa Catarina e ao Rio.

No entretanto, logo na manhã seguinte à minha chegada a Rio Grande, arrisquei uma pequena excursão, pelo menos a Pelotas. A ligação entre as duas cidades é feita por uma linha especial de navegação a vapor, duas vêzes por semana.

Em 18 de maio já me achava na extremidade inferior da Lagoa dos Patos, no terceiro vapor em que viajei. Felizmente logo a rota muda para oeste; digo felizmente, porque na margem oriental da extremidade inferior da lagoa há morros de areia após morros de areia, cada um dos quais, embora se pudesse ganhar um lado aprazível das cenas da natureza, é desesperadoramente fastidioso. Aqui a vista se espraia, com esfôrço, sôbre a areia sem vegetação, sem gozar sequer uma nesga de paisagem agradável. Com razão é chamado aquêle mar de areia "areia gorda". Falta à margem deserta até o peculiar encanto que, alhures, lhe dão os bandos de pássaros. Apenas se descobre uma ou outra curicaca, apenas algumas aves aquáticas se balançam sôbre o móvel elemento. Avista-se, todavia, certo número daquela ave semelhante ao cisne, de pescoço e cabeça pretos, *Anas nigricolis*.

Bem perto da embocadura do Rio São Gonçalo, o rio que une as duas lagoas, se eleva da água um triste monumento. Aqui naufragou um navio de ferro, a vapor, dos laboriosos irmãos

Diel, mas nenhum homem pereceu; creio, porém, que em razão do ferimento recebido ao explodir a caldeira, morreu um Diel, o comandante do navio. Só as rodas aparecem fora da água e há muito se renunciou à tentativa de fazer flutuar a embarcação.

Quando nos dirigimos à embocadura do Rio São Gonçalo, descobri ao norte da lagoa, ainda alta, a fumaça do "Amélia", no qual, na véspera, eu chegara de Pôrto Alegre. O "Marquês de Caxias" já o precedera com o correio e os passageiros do Rio. Assim, pois, na Lagoa dos Patos já está o vapor em plena atividade.

Simples e aprazível é a foz do São Gonçalo. Há, à direita e à esquerda, campinas planas, quase pantanosas, onde vivem legiões de aves de todos os tamanhos. Ao lado das galinholas andam grandes garças e as mictérias, semelhantes a cegonhas, em original marcha de parada, buscam o seu alimento.

Pouco depois vimos um grupo mais animado. Um rebanho de gado devia ser passado de uma das margens para a outra ou antes ser conduzido para os matadouros, onde o aguardava a faca assassina. Os animais pareciam pressenti-lo; estavam inquietos e corriam de um lado para outro. Um grande touro negro ficou furioso; seis cavaleiros seminus perseguiram-no com os seus laços e, gritando e açulando, manobram os seus ligeiros cavalos com rara habilidade. Um dêles apanhou o touro enfurecido com o laço; mas o forte animal arrastou o cavalo e o cavaleiro para um terreno pantanoso e aproveitou a vantagem do terreno. O cavaleiro teve de soltar o laço; o touro precipitou-se dentro do mato e atrás dêle se precipitaram os seis vaqueiros e desapareceram de nossa vista.

Cada vez mais se aproximava a margem do rio; apareciam bonitos grupos de casas e a embocadura de um pequeno rio vindo do norte, o Rio Pelotas, a cujas margens se estendem estabelecimentos, de caráter verdadeiramente romântico, a certos respeitos, mas, por outro lado, realmente repugnante.

Em tôda a região há um horrível cheiro de carniça! Couros, chifres, cascos, ossos, tendões, tripas e nauseantes massas de sangue em putrefação e, além disso, campos inteiros com carne

dependurada, formam um verdadeiro monturo em grande estilo e assinalam o distrito onde encontra o seu centro o mais importante ofício da Província, que é abater bois e cavalos, principalmente éguas. Uma multidão de abutres sobrevoa a região ou ceva-se em sangue putrefacto!

Por mais aprazível que seja o pôrto de Pelotas; por mais largas, retas e em parte bonitas ruas que tenha a cidade que fica a um quarto de milha acima — neste matadouro extingue-se qualquer impressão de graça e de limpeza; em tôda parte cheira mal!

Vêem-se couros secos em tôdas as lojas, em todos os cantos e recantos há couros secando: Couros e Companhia é a grande firma da cidade e quem nêles não achar prazer ou vantagem pode, sem grande perda, deixar de ir a Pelotas.

São abatidas 400.000 reses anualmente em Pelotas, repugnante atascamento no sangue e nas imundícies dos animais, em que quase se animaliza a alma de magarefe dos homens. Não era tempo de matança, o que muito estimei; do contrário, teria que contemplá-la e isso poderia perturbar todo o prazer de minha viagem no Rio Grande.

Por outro lado, com a minha viagem eu visava a fins muito mais pacíficos. Queria visitar, ali, uma incipiente colônia alemã, empreendimento de um alemão, Jakob Rheingantz. Mas aconteceu que difìcilmente poderia, de Pelotas, alcançá-la num dia. E como, no dia seguinte, tinha de regressar e chegar a Rio Grande para alcançar a partida do paquete "Imperador", tive de renunciar àquela visita.

Em compensação recebi muitas notícias sôbre a nova colônia alemã. O empresário Jakob Rheingantz está há uns dezessete anos no Brasil, trabalhou em diferentes posições num navio a vapor e parece nunca ter conseguido posição importante e nunca pôde fazer a sua felicidade, de modo que com alguma prudência se pode considerar o seu empreendimento colonizador como o último meio de ganhar uma posição e o seu intento. Sob condições módicas êle obteve terras do govêrno, que sob condições iníquas revende aos imigrantes, cobrando-lhes altos juros

quando êstes não podem pagar. Todavia está dedicado de corpo e alma à sua emprêsa.

Uma emprêsa colonizadora irlandesa, muito mais próxima de Pelotas, parece ter-se malogrado. Pelo menos quase todos os colonos, que ali encontraram um solo desfavorável, saíram e se passaram para Montevidéu.

Os pelotenses, porém, cujas condições de vida, de um modo geral, parecem piorar, desejam ansiosamente que se desenvolvam colônias em sua vizinhança, para com isso haurirem novas fôrças vitais e terem uma vida local mais importante. Assim, pois, o govêrno provincial pretende instalar em Pelotas uma extensa colônia, notadamente de alemães. Para isso foram dados os primeiros passos; foi pesquisado um pedaço de terra que se estende ao norte de Pelotas em direção à Serra dos Tapes e em parte é regado pelo pequeno mas aproveitável Rio Pelotas. Deve-se aguardar o futuro desenvolvimento dessa colônia. Se todos os imigrantes que chegam e se dirigem a Pelotas e às regiões distantes, ao Uruguai, ao norte e ao noroeste da Província forem ajudados na mesma proporção em que se deseja a sua vinda, com isso ambas as partes serão servidas. Só no auxílio mútuo e na assistência repousam o desenvolvimento e prosperidade de ambas.

Enquanto se aproxima a esperança e perspectiva de uma colonização das margens do Rio São Gonçalo e especialmente da Cidade de Pelotas, desde alguns anos se tem desenvolvido um ramo industrial que, cuidado por mãos laboriosas, produz bons frutos. Começou-se a trabalhar industrialmente, no próprio local a enorme quantidade de matéria animal que antes era exportada como matéria-prima para o estrangeiro e em parte se perdia.

De tôdas as emprêsas similares em Pelotas e em tôda a Província e talvez em todo o Brasil, está em primeiro lugar a fábrica de um alemão, o senhor Eggers, de Hamburgo, e como tal merece particular menção.

Para um jovem de civilização e sentimentos europeus, de dezoito anos, não deve ter sido pouco abraçar nas margens do Rio Pelotas um negócio de modo algum agradável, cuja primei-

ra instalação estava em decadência e a êle consagrar dezessete anos de vida com zêlo, seriedade e profundos conhecimentos tecnológicos, para levá-lo ao seu atual aperfeiçoamento.

Aqui não posso descrever pormenorizadamente, velas e colas do senhor Eggers. Bem perto da margem do pequeno e navegável Pelotas, foi construído um espaçoso e apropriado edifício, de acôrdo com um plano inteligente, dotado com uma cuidadosa escolha de aparelhos a vapor, como caldeiras para fundir, máquinas de cortar e provido de trilhos à margem do rio, de modo que os produtos do hábil fabricante podem ser exportados diretamente em embarcações próprias.

Reflita-se sôbre as dificuldades que oferece tal empreendimento na sua primeira instalação e em tornar conhecidos os produtos, em concorrência com os artigos europeus importados e dar-se-á ao senhor Eggers um lugar muito honroso entre os meritosos iniciadores e promotores da indústria rio-grandense.

Embora muitas fábricas européias trabalhem, certamente, em muito maior escala, creio, entretanto, dever chamar a atenção para a produção da fábrica alemã de Pelotas.

Ela produziu, no ano: 30.000 caixas de 48 libras de sabão, 12.000 caixas de 26 libras de velas, além de 2.500 arrôbas de gordura líquida ou óleo animal de cascos e unhas e 2.000 arrôbas de cola.

As caixas e recipientes para a embalagem dos produtos são feitos no próprio local. Êste negócio por si pede uma secção especial, um negócio especial, que devia exigir tôda a atenção de um gerente. De fato, uma parte da instalação é uma completa fábrica de caixas.

E em todos êsses muitos esforços materiais, em parte puramente materiais, o nosso amigo, no seu estabelecimento isolado e bastante afastado da humanidade mais fina, soube afirmar a civilização e a conduta do europeu educado que êle trouxe consigo da pátria — circunstância pela qual lhe dedico a minha particular estima.

Para de algum modo ter uma vista de tôda a região e da Cidade de Pelotas, situada na planície, fiz uma excursão a uma colina próxima.

Entre os rios Piratinim e Camaquã — não confundi-los com os rios do mesmo nome na parte ocidental da Província, que desembocam no Uruguai — se estende mais ou menos paralelamente à lagoa, a umas dez léguas de Pelotas, uma cordilheira, a Serra dos Tapes, cujos contrafortes se aproximam até a duas léguas da referida cidade e ali formam uma pequena cadeia de elevações que, pela sua graciosa aparência, é chamada Monte Bonito.

O caminho para lá não é pròpriamente bonito. Abre-se uma planície bastante êrma; aliás se vêem muitas plantações e sítios de boa aparência, mas o conjunto é pobre. Notam-se até araucárias isoladas; grandes massas de cactos e mimosas e muitos gravatás concorrem para dar a completa expressão de inospitalidade. Em muitos lugares o solo parece pedregoso e nêle só medra erva curta. Todavia, apesar do solo e do fim do outono, floresciam abundantemente em tôda parte as inevitáveis oxalis. Em algumas depressões encontrei formas de plantas perfeitamente semelhantes às nossas sagitárias nórdicas, mas sem flores, de modo que não pude identificá-las.

Aqui devo recordar também uma espécie de galha ou excrescência, que freqüentemente encontrei neste lado de Pelotas. Pela picada e os ovos de um icneumonídeo ou antes de um cinipídio, forma-se, nos ramos de um arbusto, uma excrescência esférica de natureza sólida, lenhosa, a qual, por causa de sua forma perfeitamente regular e sua grande abundância naquele arbusto, poderia ser considerado como um fruto dêle. O povo geralmente chama o arbusto de galha. Durante o seu desenvolvimento se desenha muito regularmente, ao lado dessa excrescência, um pequeno círculo, que cada vez se torna mais distinto, e forma um opérculo, que cai exatamente no tempo em que o inseto sai do ovo. No buraco redondo, como se fôra feito cuidadosamente com uma faca, encontra-se ainda, freqüentemente, a pele da larva do inseto que voou.

É digno de nota que essas esferas não sejam formadas nem pela entrecasca, nem pela casca, mas pelo lenho do arbusto. Assim, cortando-se uma esfera desenvolvida, porém ainda não aberta, chega-se, através da casca, da entrecasca e do lenho, a

uma cavidade perfeitamente esférica, na qual se encontram geralmente duas a três larvas do inseto. Em sua morada vegetal, o inseto nada faz, absolutamente, para abrir o opérculo, pois a deiscência dêste coincide com a eclosão daquele. Encontrei esferas em que o opérculo já estava quase sôlto; cortando-as, encontrei o inseto também quase a ponto. Essa coincidência entre a deiscência do opérculo e a madureza do pequeno animal é muito singular.

O Monte Bonito, a quem dêle se aproxima, não parece merecer o nome de monte. Em sua encosta inferior desce um pequeno bosque, onde se encontra algum granito decomposto, densamente coberto de líquens, cheio de cactos redondos em suas fendas. No alto do monte, ao contrário, ostentam-se seis a oito figueiras bravas, que estendem as suas copas magníficas em tôdas as direções. A copa de uma dessas árvores tinha 64 pés de diâmetro; até a 4 pés acima da terra pendem os seus extensos ramos. O tronco curto parece com várias raízes enrodilhadas acima da terra, que abraçam e prendem entre si uma grande pedra. A árvore e a pedra recordam uma metamorfose de Ovídio. Uma Oréade de endurecido coração, lutando entre os ardentes braços de um sátiro, invocou Diana e a cólera da deusa transformou o escândalo em pedra e árvore: tudo isso no Monte Bonito, a duas milhas de Pelotas, a degoladora de bois.

Magníficas árvores, essas figueiras bravas! Um tronco geralmente curto, irregular, suporta uma densa copa, às vêzes redonda, mas geralmente chata e extensa, cujas fôlhas grandes e abundantes não dessemelham das fôlhas das murtas. Há em seus ramos uma quantidade extraordinária de frutos sésseis, cujas sementes periféricas as caracterizam como legítimas figueiras, por mais diferentes que pareçam com os frutos e as árvores da figueira nobre. Sôbre colinas, ao lado de remotas estâncias, à margem de tranqüilos riachos, dão a impressão de solitude e abandono. Assim também as árvores no Monte Bonito! Embora ali haja, ao lado das figueiras, uma casinha com algumas palmeiras, não deixa de ser evidente a expressão de êrmo. Sôbre a planície espraiam-se os olhos até à distante Pelotas! No horizonte estende-se a Lagoa dos Patos e aparece o longínquo

oceano. Ao longe brilham as massas branco-amareladas da areia gorda; julga-se avistar a margem do oceano ou o princípio de um Saara.

Por outro lado, para o interior, embora à primeira vista não se reconheça muita cultura, a paisagem é mais fresca. As longas cadeias da Serra dos Tapes entrecortam-se; as matas e desfiladeiros formam uma variegada unidade, da qual, como sinal de uma civilização incipiente, sobe, em muitos pontos, significativas colunas de fumaça.

Regressando do Monte Bonito para Pelotas, encontramos entre os seus 7.000 habitantes — a cidade parece ter sido traçada para 20 a 30 mil moradores — alguns alemães, que parecem viver em boas condições e gozar de geral estima. Um velho senhor de Freitas é natural de Hesse e em agradecimento por ter êle dirigido os seus negócios na Província, honrada e laboriosamente por trinta e quatro anos, lhe trocaram o nome de Freitag pelo nome mais corrente de Freitas, como predicado de nobreza; o honrado alemão recebeu-me muito amàvelmente. Em casa do senhor Bättegen, de Elsfleth, cônsul do grão-ducado de Oldenburgo em Pelotas — tão profundamente já penetram no Brasil as relações político-alemãs — passei horas agradáveis e gozei boa música de piano executada pela sua amável e modesta espôsa, que recebeu educação completa e é irmã da jovem senhora de São Gabriel, a espôsa do advogado francês dali.

De muito bom grado relembro êsses fatos talvez insignificantes em que aparecem o caráter, a civilidade e a educação de elementos europeus em lugares bastante remotos. Quem, como europeu, percorre regiões longínquas, onde as relações sociais ainda estão confusas, sentirá como eu, que nunca fiquei indiferente em tais momentos e ante tais monumentos.

Precisamente essas personalidades iam em 21 de maio para Rio Grande no mesmo vapor em que eu regressava para ali. Quando estávamos na lagoa, passou a alguma distância de nós o belo paquete "Marquês de Caxias" na sua viagem de Pôrto Alegre para o Rio Grande e contemplei as belas proporções da

embarcação, que corria como uma gazela sôbre a planície verde e chegou à cidade muito antes do nosso vapor.

E que devo dizer ao despedir-me da Cidade do Rio Grande? Pode ser que na minha primeira visita à cidade, a minha impaciência em ver o interior da Província me tenha cegado um pouco quanto a amenidade da estada numa cidade rio-grandense; pode ser que em meu regresso para ali, ao reconhecer tudo o que experimentara, me faltassem sentidos e olhos abertos para os encantos daquela rainha das areias do mar: nunca passei por uma cidade com tanta indiferença como pelo Rio Grande, embora ela tenha muitos lados interessantes. Fica entre areias e pântanos; além disso, durante minha curta demora, achava-se a gente em desesperadora crise comercial, que parecia ter tirado o ânimo a todos para se preocuparem com outra coisa que não fôssem prejuízos em couros de boi e letras protestadas. E como, com minha viagem, não poderia levar melhoramento algum e não tinha absolutamente ninguém a quem dirigir consignações, não podia ter interêsse por pessoa alguma e a ninguém conheci ali, embora gostasse de ter convivido com alguma família alemã, precisamente para levar comigo, no mar, a sua última saudação e poder descrevê-la, no relato de minha viagem ao Rio Grande, como último e amável quadro da vida alemã em família, da vida em comum.

Mas aqui devo apresentar a bem fundada afirmação de que também no comércio a laboriosidade alemã, a honestidade alemã, a prudência alemã são apreciadas, talvez as mais apreciadas ante tôdas as nações e, apesar da séria transição do comêço de 1858, essa apreciação é e será plenamente afirmada.

Assim, pois, na vasta e magnífica Província de São Pedro do Rio Grande do Sul — êsse é o seu nome por extenso — encontrei, entre todos os demais elementos nacionais imigrados que se fizeram valer no país e concorrem para o seu desenvolvimento e adiantamento, o alemão como predominante, embora pouco se possa dizer quanto à sua consciência e altivez nacional; talvez por isso mesmo êle seja predominante, por ser o que tem menos orgulho nacional e mais se adapta ao direito, às leis e regulamentos do estado estrangeiro.

E isso é tão bom para os imigrados como é bom para aquêles entre os quais êles imigram. Em nada são os imigrados estorvados quanto aos costumes alemães, a laboriosidade alemã, a inteligência alemã, se tudo isso levam consigo e conservam e se fazem valer, entre os estrangeiros, com êsses fatôres. E como precisamente os alemães encontram no Brasil uma legislação mais livre e mais liberal, muitas vêzes ficam bastante surpreendidos, pois raramente a gozaram em qualquer parte, na pátria alemã — legislação muito mais liberal do que a de sua terra, embora freqüentemente lhe falte rigidez na aplicação. Assim, de bom grado e fàcilmente se adaptam às instituições legais da nova pátria sem um certo desdém de europeu para com a jovem nação em crescimento, como é o caso de outros povos, de maneira sensível, notadamente dos inglêses e franceses.

Assim sendo, devo, satisfeito e sem presunção, acrescentar que os nossos compatriotas alemães são bem vistos em tôda a Província, em qualquer ramo ou profissão em que procuraram fazer-se valer.

Florescente entre mãos alemãs encontrei o comércio em Pôrto Alegre, na cidade do Rio Grande, em Pelotas, em Santa Maria, no distante Uruguai; nos mesmos lugares vi florescentes e estimados os ofícios alemães, muito mais estimados do que certa aristocracia social na Alemanha estima e gosta de ver florescer! E mais florescente de tôdas, mais estimada de tôdas, vi, em tôda parte, uma classe, na qual o Rio Grande encontra tôda a sua fôrça e poder: a classe dos lavradores, a classe dos colonos, mormente quando já superaram as primeiras dificuldades no amanho do solo estrangeiro, no manejo das sementes estrangeiras, na observação das estações do ano em terra estranha.

Em particular pertence o próximo século na Província do Rio Grande do Sul, talvez todo o seu futuro aos honrados, probos e vigorosos lavradores imigrados da Alemanha!

Isso é uma opinião, uma firme confiança que adquiri em minha longa peregrinação entre o Oceano Atlântico e o Rio Uruguai.

E não posso fazer outra coisa senão levar ao coração dos que regem os destinos desta Província que cuidem da coloniza-

ção alemã no Rio Grande com seriedade, paciência, constância e dedicação.

Mas isso não se dá enviando tôda sorte de gente à Alemanha e pagando-lhe 30 mil-réis por pessoa que aliciem; isso não se dá quando, aqui e ali, com grandes somas, se resgata o incômodo de colonizar e a séria questão do tratamento e aprovisionamento dos colonos recém-vindos é abandonada, contra vantagens financeiras, a companhias de colonização, empreiteiros, aliciadores e agentes, os quais, depois de terem tentado tudo sem nada obter e de terem empregado em vão todos os meios para conseguirem abastança e posição, então recorrem ao último recurso, à instalação de uma colônia com favores do govêrno para o aliciamento de colonos com prêmios *per capita* e para a instalação de escritórios na Alemanha para a caça sistemática ao homem, ao emigrante; não, isso não é cuidar da colonização alemã no Rio Grande, no Brasil, com seriedade, paciência, constância e inteira dedicação!

Cuide, pois, o próprio govêrno com diretores de colônia, capazes, bem remunerados, da instalação de colônias; nunca permita que gente dos chamados agentes procure persuadir com falsidade, mas que se diga tôda a verdade e se informe sôbre o estado de coisas no próprio país; que se fale do trabalho duro para que também se possa falar dos frutos amadurecidos; que não se ocultem as muitas privações para que se possa falar das recompensas bem ganhas.

E na verdade, certamente, se assim o fazem e fazem-no conscienciosamente, com amor e perseverança; sobretudo se não perguntarem ansiosamente se as pessoas são católicas ou protestantes; se reconhecem também a santidade da Igreja protestante e à Igreja do Estado, que gostaria de fazer do Brasil um Estado da Igreja, se proíbe o desacato de chamar concubinatos, deixando separarem-se os cônjuges, os casamentos de pessoas que se casaram na Igreja em nome de Deus e de sua santa Palavra; se ao judeu que procura o seu lar no liberal Estado brasileiro se deixa crer em seu Jeová e não se permite que nenhum Bispo profane o santuário de seu lar; assim fazendo, transige, tolera, reconhece: então o Deus dos católicos e dos evangélicos,

o Deus do Antigo e do Novo Testamento dá a sua bênção à obra; assim virão, se todos podem crer, centenas, milhares, milhões de homens sem aliciamentos, sem mentira, sem embuste, sem prêmio de 30 mil-réis por peça para o Rio Grande, homens laboriosos para executarem boas obras e em união, como já acontece em tantos lugares no país, o homem católico ao lado da mulher evangélica e o judeu no meio da comunidade cristã, para que termine a história do judeu errante na Europa e no Brasil não se erijam altares à Inquisição e ao Santo Ofício.

ACABOU DE SE IMPRIMIR NAS OFICINAS
DOS ESTABELECIMENTOS GRÁFICOS IGUASSÚ LTDA.
RIO DE JANEIRO
PARA O INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
EM OUTUBRO DE 1953

ESTABELECIMENTOS GRÁFICOS IGUASSÚ LTDA.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM